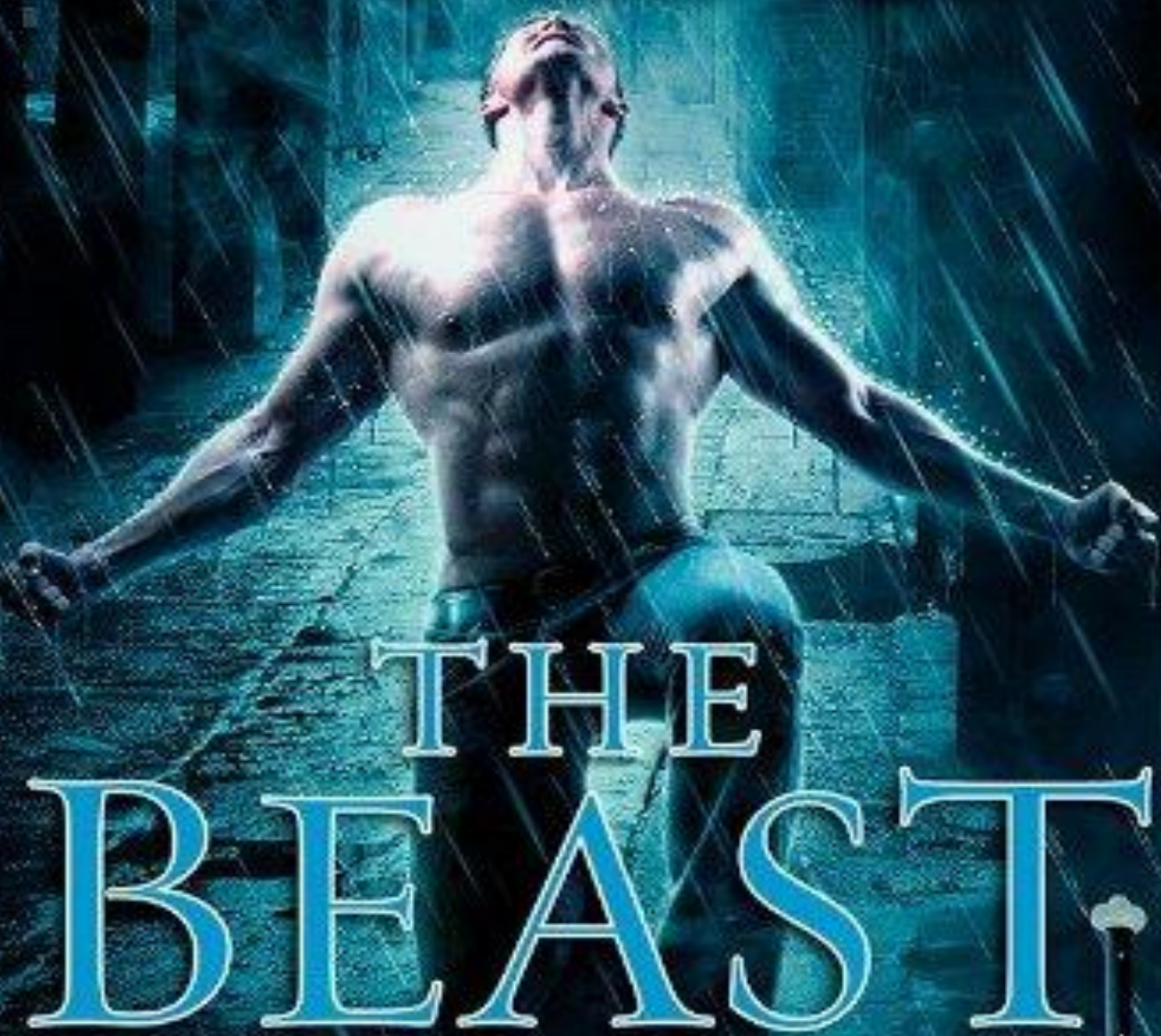


J.R. WARD

#1
NEW YORK TIMES
BESTSELLING
AUTHOR

A muscular man stands in a dark, rainy environment, looking upwards with his arms outstretched. The scene is illuminated by a bright light source, creating a dramatic effect. The title 'THE BEAST' is overlaid on the image in a large, stylized font.

THE BEAST

A NOVEL OF THE BLACK DAGGER BROTHERHOOD





J.R. WARD



A BESTA

A NOVEL OF THE BLACK DAGGER BROTHERHOOD



NEW AMERICAN LIBRARY



Nada era como costumava ser para a Irmandade da Adaga Negra. Depois de evitar a guerra com os Sombras, alianças mudaram e linhas foram desenhadas. Os assassinos da Sociedade Lesser estão mais fortes do que nunca, aproveitando-se da fraqueza humana para adquirir mais dinheiro, mais armas, mais poder. Mas enquanto a Irmandade se prepara para um ataque total pra cima deles, um dos seus luta uma batalha dentro de si mesmo...

Para Rhage, o Irmão com o maior dos apetites, mas também o maior coração, a vida era suposta ser perfeita — ou pelo menos, perfeitamente agradável. Mary, sua adorada shellan, está ao seu lado, e seu Rei e seus Irmãos estão prosperando. Mas Rhage não pode entender — ou controlar — o pânico e insegurança que o afligem...

E isso o aterroriza — como também a distância entre ele e sua companheira. Depois de sofrer um ferimento mortal em batalha, Rhage deve reavaliar suas prioridades — e a resposta, quando se trata dele, balança seu mundo... E o de Mary. Mas Mary está em uma jornada própria, uma que vai fazê-los ou se aproximar mais ou causar uma divisão que não vai ter como recuperar...

Irmandade dos Tradutores



Irmandade dos Tradutores



ÍNDICE

Glossário de Termos e Nomes Próprios.....	7
Capítulo UM.....	12
Capítulo DOIS	24
Capítulo TRÊS	34
Capítulo QUATRO	43
Capítulo CINCO	54
Capítulo SEIS	68
Capítulo SETE	79
Capítulo OITO	89
Capítulo NOVE	100
Capítulo DEZ.....	109
Capítulo ONZE	119
Capítulo DOZE	122
Capítulo TREZE	129
Capítulo QUATORZE	138
Capítulo QUINZE	146
Capítulo DEZESSEIS	160
Capítulo DEZESSETE	172
Capítulo DEZOITO	185
Capítulo DEZENOVE	194
Capítulo VINTE	202
Capítulo VINTE E UM	216
Capítulo VINTE E DOIS	225
Capítulo VINTE E TRÊS	236
Capítulo VINTE E QUATRO	246
Capítulo VINTE E CINCO	254
Capítulo VINTE E SEIS	260

Capítulo VINTE E SETE	269
Capítulo VINTE E OITO	277
Capítulo VINTE E NOVE	286
Capítulo TRINTA	296
Capítulo TRINTA E UM	303
Capítulo TRINTA E DOIS	310
Capítulo TRINTA E TRÊS	321
Capítulo TRINTA E QUATRO	330
Capítulo TRINTA E CINCO	338
Capítulo TRINTA E SEIS	342
Capítulo TRINTA E SETE	353
Capítulo TRINTA OITO	365
Capítulo TRINTA E NOVE	375
Capítulo QUARENTA	388
Capítulo QUARENTA E UM	396
Capítulo QUARENTA E DOIS	406
Capítulo QUARENTA E TRÊS	415
Capítulo QUARENTA E QUATRO	421
Capítulo QUARENTA E CINCO	431
Capítulo QUARENTA E SEIS	439
Capítulo QUARENTA E SETE	448
Capítulo QUARENTA E OITO	456
Capítulo QUARENTA E NOVE	464
Capítulo CINQUENTA	473
Capítulo CINQUENTA E UM	485
Capítulo CINQUENTA E DOIS	493
Capítulo CINQUENTA E TRÊS	503
Capítulo CINQUENTA E QUATRO	512
Capítulo CINQUENTA E CINCO	522
Capítulo CINQUENTA E SEIS	528
Capítulo CINQUENTA E SETE	539

Capítulo CINQUENTA E OITO	543
Capítulo CINQUENTA E NOVE	549
Capítulo SESSENTA	557
Capítulo SESSENTA E UM	560
Capítulo SESSENTA E DOIS	566
Capítulo SESSENTA E TRÊS	576
Capítulo SESSENTA E QUATRO	588
Capítulo SESSENTA E CINCO	592
Capítulo SESSENTA E SEIS	604
Capítulo SESSENTA E SETE	618
Capítulo SESSENTA E OITO	623
Capítulo SESSENTA E NOVE	632
Capítulo SETENTA	642
Capítulo SETENTA E UM	649
Capítulo SETENTA E DOIS	660
Capítulo SETENTA E TRÊS	665
Capítulo SETENTA E QUATRO	671

Glossário de Termos e Nomes Próprios

Ahstrux Nohtrum (n.) Guarda particular com licença para matar, cujo posto é concedido a ele ou ela pelo Rei.

Ahvenge (v.) Cometer um ato de retribuição mortal, realizado geralmente por um homem amado.

Irmandade da Adaga Negra [Black Dagger Brotherhood] (pr. n.) Guerreiros vampiros altamente treinados que protegem sua espécie contra a Sociedade Lesser. Como resultado da seleção genética de sua raça, os Irmãos possuem uma imensa força física e mental, assim como uma rápida capacidade de se curar. A maior parte deles não são irmãos de sangue, e são introduzidos na Irmandade por nomeação pelos Irmãos. Agressivos, auto-suficientes e reservados por natureza, vivem separados do resto dos civis, mantendo pouco contato com os membros de outras classes, exceto quando precisam se alimentar. Eles são temas de lendas e objeto de reverência dentro do mundo dos vampiros. Podem ser mortos apenas pela mais séria das feridas, por exemplo, um disparo ou punhalada no coração, etc.

Escravo de sangue [blood slave] (n.) Macho ou fêmea vampiro que foi subjugado para cobrir as necessidades de sangue de outro vampiro. A prática de manter escravos de sangue foi recentemente declarada ilegal.

As Escolhidas [the Chosen] (pr. n.) Fêmeas vampiras que foram criadas para servir a Virgem Escriba. São consideradas membros da aristocracia, embora sejam um tanto mais espiritualmente do que temporalmente focadas. Têm pouca ou nenhuma interação com os machos, porém podem emparelhar-se com Irmãos por ordem da Virgem Escriba para propagar sua classe. Algumas possuem o dom de prever o futuro. No passado, eram usadas para cobrir as necessidades de sangue dos membros não emparelhados da Irmandade, e essa prática foi reinstalada pelos Irmãos.

Chrih (n.) Símbolo de morte honrosa na Antiga Língua.

Cohntehst (n.) Conflito entre dois machos competindo pelo direito de ser o companheiro de uma fêmea.

Dhunhd (pr. n.) Inferno.

Doggen (n.) Membros da classe servente do mundo vampírico. Os *Doggens* têm antigas e conservadoras tradições sobre como servir a seus superiores, segundo a um código formal de vestimenta e comportamento. Eles são capazes de sair durante o dia, mas envelhecem relativamente rápido. A expectativa de vida é de aproximadamente quinhentos anos.

Ehros (pr. s.) Uma *Escolhida* treinada nos assuntos das artes sexuais.

Exhile Dhoble (pr. n.) O gêmeo malvado ou amaldiçoado, aquele nasce em segundo lugar.

O Fade [the Fade] (n.) Reino atemporal onde os mortos se reúnem com seus entes queridos e passam a eternidade.

Primeira Família [First Family] (n.) O rei e a rainha dos vampiros, e quaisquer filhos que possam ter.

Ghardian (n.) Guardiã de um indivíduo. Há vários níveis de *ghardians*, com o mais poderoso sendo o *sehcluded* de uma fêmea.

Glymera (n.) O núcleo social da aristocracia, aproximadamente o equivalente a corte no período da regência na Inglaterra.

Hellren (n.) Vampiro macho que se emparelhou com uma fêmea. Os machos podem ter mais de uma fêmea como companheira.

Leahdyre (n.) Uma pessoa de poder e influência.

Leelan (n.) Um termo carinhoso livremente traduzido como “querido (a)”.

Sociedade Lesser [Lessening Society] (pr. n.) Ordem de assassinos reunidos pelo Omega com o propósito de erradicar a espécie dos vampiros.

Lesser (n.) Humanos sem alma que se dedicam a exterminar vampiros, como membros da *Sociedade Lessening*. Os *Lessers* devem ser transpassados por uma punhalada no peito para serem mortos. Não comem ou bebem e são impotentes. Com o passar do tempo, seus cabelos, pele e íris perdem a pigmentação até que se tornam loiros pálidos e com os olhos claros. Cheiram a talco de bebê. Introduzidos na Sociedade pelo *Omega*, eles retêm um jarro de cerâmica onde consequentemente seu coração é colocado depois de ser removido.

Lewlhen (n.) Presente.

Lheage (n.) Um termo de respeito utilizado por um submisso sexual para se referir a sua dominante.

Lhenihan (pr.n) Uma fera mística famosa por suas proezas sexuais. No jargão moderno, refere-se ao macho de tamanho sobrenatural e vigor sexual.

Lys (n.) Ferramenta de tortura usada para remover os olhos.

Mahmen (n.) Mãe. Usado tanto como um identificador quanto um termo de afeição.

Mhis (n.) O disfarce de um dado ambiente físico; a criação de um campo de ilusão.

Nalla (n., f.) ou Nallum (n., m.) Amada (o).

Período de necessidade [needing period] (n.) Período de fertilidade das fêmeas vampiras, geralmente com duração de dois dias e acompanhado de um forte e ardente desejo sexual. Acontece aproximadamente cinco anos após a transição de uma fêmea e, posteriormente uma vez a cada dez anos. Todos os machos respondem em algum grau se estiverem perto de uma fêmea em seu período. Pode ser um momento perigoso com conflitos e brigas surgindo entre machos competindo, particularmente se a fêmea não é emparelhada.

Newling (n.) Uma virgem.

O Omega [the Omega] (Pr. n.) Ser místico e malévolo que quer exterminar a raça vampírica devido ao ressentimento que tem em relação à Virgem Escriba. Existe em um reino atemporal e possui extensivos poderes, embora não o poder de criação.

Phearsom (adj.) Termo referente a potencia dos órgãos sexuais do macho. A tradução literal seria algo como “digno de penetrar uma mulher”.

Princeps (n.) O mais alto nível da aristocracia vampírica, superado apenas pelos membros da Primeira Família ou pelas *Escolhidas* da Virgem Escriba. É um título que se deve ter por nascimento, não pode ser concedido.

Pyrocant (n.) Refere-se a uma fraqueza crítica em um indivíduo. A fraqueza pode ser interna, como um vício, ou externa, como um amante.

Rahlman (n.) Salvador.

Rythe (n.) Forma ritual de lavar a honra, oferecida pelo ofensor ao ofendido. Se aceito, o ofendido escolhe uma arma e ataca o ofensor, que se apresenta perante ele sem se defender do ataque.

A Virgem Escriba [The Virgin Scribe] (pr.n) Força mística que aconselha o rei como guardião dos registros vampíricos e concedente de privilégios. Existe em um reino atemporal e possui grandes poderes. Capaz de um único ato de criação, que usou para trazer os vampiros à existência.

Sehclusion (n.) Status conferido pelo rei a uma fêmea da aristocracia como resultado de uma petição pela família da fêmea. Coloca a fêmea debaixo da

autoridade exclusiva de seu *ghardian*, tipicamente o macho mais velho da família. Seu *ghardian* tem então o direito legal de determinar toda sua forma de vida, restringindo à vontade qualquer e toda interação que ela tenha com o mundo.

Shellan (n.) Vampira que se emparelhou com um macho. Fêmeas geralmente não tomam de um companheiro devido à natureza altamente territorial dos machos vinculados.

Symphath (n.) Subespécie do mundo vampírico caracterizada pela habilidade e desejo de manipular as emoções dos demais (com o propósito de uma troca de energia), entre outras peculiaridades. Historicamente, tem sido discriminados e durante certas épocas, caçados pelos vampiros. Eles estão próximos à extinção.

A Tumba [the Tomb] (Pr. N.) Cripta sagrada da Irmandade da Adaga Negra. Utilizada como local cerimonial assim como instalação de armazenamento para os jarros dos *lessers*. As cerimônias realizadas ali incluem: iniciações, funerais e ações disciplinares contra os Irmãos. Ninguém pode entrar, exceto os membros da Irmandade, a Virgem Escriba ou os candidatos à iniciação.

Trahyner (n.) Palavra usada entre machos de mútuo respeito e afeição. Traduzido livremente como “querido amigo”.

Transição [Transition] (n.) Momento crítico na vida dos vampiros quando ele ou ela se transforma em adulto. A partir daí, precisa beber sangue do sexo oposto para sobreviver e não suporta a luz do sol. Geralmente, ocorre por volta dos vinte e cinco anos. Alguns vampiros não sobrevivem à transição, machos em particular. Antes da mudança, os vampiros são fisicamente frágeis, inaptos ou indiferentes ao sexo e incapazes de se desmaterializar.

Vampiro [vampire] (n.) Membro de uma espécie distinta da *Homo sapiens*. Vampiros devem beber o sangue do sexo oposto para sobreviver. O sangue humano os mantém vivos, embora a força não dure muito tempo. Depois de suas transições, o que ocorre entre os vinte anos, eles são incapazes de se expor a luz do sol e devem se alimentar diretamente da veia regularmente. Os vampiros não podem “converter” humanos através de uma mordida ou transfusão de sangue, embora em raras ocasiões possam reproduzir-se com membros de outras espécies. Podem desmaterializar-se à vontade, porém devem se acalmar e se concentrar para fazê-lo e não podem carregar nada pesado com eles. São capazes de extrair as lembranças de um humano, contanto que tais as lembranças sejam

de curto prazo. Alguns vampiros são capazes de ler mentes. A estimativa de vida é superior a mil anos, ou em alguns casos ainda maior.

Wahlker (n.) Um indivíduo que morreu e voltou à vida do *Fade*. A eles é concedido um grande respeito a são reverenciados por suas tribulações.

Whard (n.) Equivalente a padrinho ou madrinha de um indivíduo.

Capítulo UM

INTERNATO PARA GAROTAS BROWNSWICK, CALDWELL, NOVA YORK

Formigamento por seu corpo inteiro.

Ao transferir seu peso de uma bota para outra, Rhage sentiu como se sua corrente sanguínea estivesse começando a ferver e as bolhas o pinicassem por baixo de cada centímetro quadrado de sua carne. E isto não era nem o começo. Fibras aleatórias de músculos despertaram ao longo de todo o seu corpo, os espasmos fazendo seus dedos tremerem, os joelhos bambearem e os ombros tensos, como se a ponto de um ataque com a força e foco de uma raquete de tênis ao atingir uma bola.

Pela milésima vez desde que tinha se materializado para aquela posição, ele varreu com o olhar o terreno mal cuidado com mato excessivamente grande à sua frente. Antigamente, quando o internato para garotas Bronswick ainda era uma instituição em funcionamento, sem dúvida o terreno à sua frente devia ser um gramado mantido bem cortado durante a primavera e verão, no outono diariamente limpo de folhas e belamente coberto de neve no inverno, digno de um livro de histórias infantis. Agora, como um campo de futebol saído do inferno, cravejado e emaranhado por arbustos retorcidos, capazes de mais do que somente danos estéticos à região testicular de um cara; mudas que pareciam filhas adotivas, feias e disformes, de carvalhos e bordos mais maduros e o mato marrom crescido de fins de outubro, eram capazes de te fazer tropeçar como um filho da puta se tentasse correr.

Da mesma forma, o prédio que fora construído para abrigar e prover espaço de convivência e instrução aos frutos de uma elite privilegiada, envelhecera mal, carentes de manutenção regular: janelas quebradas, portas apodrecidas,

persianas destruídas e oscilando ao vento frio, como se os fantasmas fossem incapazes de se decidirem se desejavam ser vistos ou somente ouvidos.

Era o campus do filme *Sociedade dos Poetas Mortos*. Supondo que todo mundo tenha feito as malas depois da gravação do filme em 1988, picado a mula e nunca mais ninguém tenha modificado uma porra de coisa por lá desde então.

Mas o prédio não estava vazio.

Ao respirar fundo, o reflexo de deglutição de Rhage executou uma porção de tropeços no fundo de sua garganta. Tantos *lessers* se escondiam nos cômodos abandonados que era impossível isolar individualmente os cheiros que golpeavam suas narinas. Cristo, era como enfiar a cara dentro um balde cheio de restos orgânicos e inalar como se estivesse prestes a acabar todo o oxigênio do mundo.

Supondo que alguém tivesse adicionado talco de bebê ao costumeiro resto diário de cabeças e tripas de peixe.

Para dar aquele toque final, sacou?

Quando sua pele foi atacada por uma nova rodada de arrepios, ele disse à sua maldição para sossegar o facho, puta merda, que ele logo ia liberá-la. Não ia nem tentar impedir que a maldita saísse – não que tentar puxar o freio funcionasse em qualquer circunstância ou de qualquer forma – mesmo que dar à fera liberdade total nem sempre fosse uma coisa boa, esta noite ela seria uma vantagem imensa. A Irmandade da Adaga Negra estava a ponto de encarar quantos *lessers*? Cinquenta? Cento e cinquenta?

Havia muito a fazer, mesmo para eles – então, sim, seu pequeno... Presente... Da Virgem Escriba seria muito útil.

Por falar em chamadas de longa distância... Há mais de um século, a mãe da raça havia lhe dado sua própria bomba relógio, um programa de melhorias tão oneroso, tão desagradável, tão incapacitante, que era de fato capaz de trazê-lo da beira da babaquice total, de volta à normalidade. Por cortesia do dragão, a menos que controlasse seus níveis de energia e moderasse suas emoções, o inferno recaía sobre a terra.

Literalmente.

Sim, ao longo do último século, ele tinha se tornado altamente bem-sucedido em garantir que a coisa não comesse seus amigos ou que os fizesse aparecer no noticiário noturno com a manchete “*Jurassic Park* existe de verdade”. Mas com o que ele e seus irmãos estavam prestes a enfrentar – e devido ao isolamento deste campus? Se tivessem sorte, o grande bastardo de escamas roxas com os dentes de serra elétrica e barriga sem fundo conseguiria seu banquete. Mas só teria acesso a uma dieta balanceada, baseada somente em *lessers*.

Sem petiscar os Irmãos, por favor. E sem rocamboles ou tortas de humanos, muito, muito obrigado.

Este último, mais por discrição do que afeição. Era notório que aqueles ratos sem rabo não desgrudavam de duas coisas: meia dúzia de seus amiguinhos, noturnamente co-dependentes e evolucionariamente inferiores, e seus malditos telefones celulares. Cara, o YouTube podia ser um pé no saco quando só o que se queria era manter por baixo dos panos uma guerra contra os mortos. Por quase dois mil anos, a luta dos vampiros contra a Sociedade *Lessening* não tinha sido problema de mais ninguém além dos combatentes envolvidos, e o fato de que os humanos não conseguiam se ater a cuidar de seus próprios assuntos, tipo suas competências de arruinar o meio-ambiente e dizer uns aos outros o que pensar e dizer, era somente uma das razões para odiá-los.

Internet do caralho.

Avaliando os arredores a fim de evitar soltar a fera cedo demais, Rhage fixou o olhar em um macho dando cobertura a uma distância de mais ou menos seis metros. Assail, filho de Foda-se-lá-quem, usava preto dos pés à cabeça como alguém de luto, seus cabelos, escuros como os do Conde Drácula, não requeriam camuflagem adicional, seu rosto pecaminosamente belo estava tão contraído pela ansiedade de matar que era preciso dar um crédito ao cara. Ele estava sendo de muita ajuda. E tinha mudado completamente de direção. O traficante de drogas tinha se juntado à Irmandade, cumprindo a promessa de cortar relações comerciais com a Sociedade *Lessening* ao depositar a cabeça do *Fore-lesser* dentro de uma caixa, aos pés de Wrath.

E também revelou este local que os assassinos vinham usando como quartel general.

E era por isto que todo mundo tinha acabado aqui, enterrado até a cintura em mato alto, esperando que a contagem regressiva de seus relógios V-sincronizados chegasse logo a 00h00min.

Este ataque não era coisa pequena, era uma abordagem de grosso calibre ao inimigo. Depois de algumas noites – e dias, graças a Lassiter, também conhecido por 00-CUZÃO, que havia feito reconhecimento do local durante as horas de sol – o ataque foi adequadamente coordenado, ensaiado e preparado para ser posto em prática. Todos os guerreiros estavam aqui: Z e Phury, Butch e V, Tohr e John Matthew, Qhuinn e Blay, além de Assail e seus dois primos, Presas I e II.

Quem ligava para seus nomes, contanto que aparecessem armados e com muita munição?

A equipe médica da Irmandade também estava na área preparada para agir, com Manny em sua unidade cirúrgica móvel a um quilômetro e meio de distância, e Jane e Ehlena em uma das vans, num raio de três quilômetros.

Rhage verificou o relógio. Seis minutos e contando.

Quando seu olho esquerdo começou a tremelicar, praguejou. Como caralhos conseguiria esperar por tanto tempo?

Expondo as presas, exalou pelo nariz, soprando correntes gêmeas de respiração condensada muito parecidas com as que antecederam o ataque de um touro.

Cristo, não conseguia se lembrar da última vez em que esteve tão tenso. E não queria pensar no motivo. De fato, vinha evitando a coisa toda do *por que* há quanto tempo?

Bem, desde que ele e Mary chegaram àquela fase estranha e ele tinha começado a sentir...

— Rhage.

Seu nome foi sussurrado tão baixinho que ele se voltou por não saber ao certo se era o seu subconsciente decidindo começar um papo com ele. Não, era Vishous – pela expressão do irmão, Rhage teria preferido ter desenvolvido dupla personalidade. Aqueles olhos diamantinos flamejavam uma luz sombria. E aquelas tatuagens ao redor das têmporas também não ajudavam.

O cavanhaque era neutro – a menos que o avaliasse como quesito de estilo. Neste caso, o filho da puta era uma caricatura de proporções épicas.

Rhage meneou a cabeça. — Você não devia estar na sua posição...

— Tive uma visão sobre esta noite.

Ah, inferno, não, Rhage pensou. Não, não faça isto comigo agora, mano.

Virando as costas, murmurou. — Me poupe dessa coisa de Vincent Price, está bem? Ou está ensaiando para ser o cara que faz as narrações dos trailers de filmes...?

— Rhage.

— ... Pois você leva jeito pra isto. Em um mundo... Onde pessoas devem... Calar a boca e fazer seu serviço...

— *Rhage.*

Ao ver que ele não ia se voltar para olhá-lo, V se aproximou e o encarou, aqueles olhos pálidos pra cacete, um par de explosões nucleares gêmeas, daquelas que levantam um nuvem em forma de cogumelo, para frente e para trás.
— Quero que vá pra casa. *Agora.*

Rhage abriu a boca. Fechou. Abriu de novo – e teve de lembrar a si mesmo de manter a voz baixa.

— Ouça, não é uma boa hora para essa merda psíquica...

O Irmão agarrou seu braço e apertou. — *Vá pra casa. Não estou brincando.*

Terror gélido varreu as veias de Rhage, abaixando sua temperatura corporal... E ainda assim conseguiu menear a cabeça novamente.

— Foda-se, Vishous. *Sério mesmo!*

Ele não tinha o menor interesse de pôr mais nada daquela magia da Virgem Escriba em cheque. Ele não ia...

— *Você vai morrer esta noite, porra.*

Quando o coração de Rhage falhou uma batida, ele olhou para aquele rosto que conhecia a tantos anos traçando aquelas tatuagens, os lábios comprimidos, as cerradas sobrancelhas escuras... E a inteligência radiante geralmente expressada através de um filtro de sarcasmo, afiado como a espada de um samurai.

— Sua mãe me deu a palavra dela. — Disse Rhage. Espere, estava realmente falando sobre bater as botas? — Ela me prometeu que quando eu morresse Mary iria comigo para o *Fade*. Sua mãe disse...

— Foda-se a minha mãe. *Vá pra casa.*

Rhage desviou o olhar porque foi necessário. Era isto ou sua cabeça explodiria. — Não vou abandonar os irmãos. Não vai acontecer. Primeiro, você pode estar errado.

Sim, e quando foi a última vez que aquilo aconteceu? No século dezoito? Dezesete?

Nunca?

Ele falou para V.

— Segundo, não vou fugir correndo do *Fade*. Se começar a pensar assim vou morrer, mesmo com a arma na mão. — Ele ergueu a mão até a altura daquele cavanhaque para evitar que o irmão o interrompesse. — E pra terminar? Se eu não lutar esta noite, não vou conseguir sobreviver ao dia de amanhã, trancado na mansão... Não sem meu amiguinho roxo sair para o café da manhã, almoço e jantar, sacou?

Bem, havia uma quarta coisa. E era racional... Ruim, tão ruim que não conseguia encará-la por mais do que a fração de segundo necessária para ela surgir em sua mente.

— Rhage...

— Nada vai me acontecer. Está tudo sob controle.

— Não, não está – sibilou V.

— Está bem. — Rhage rosnou, endireitando o corpo. — E daí se eu morrer? Sua mãe deu à minha Mary a graça final. Se eu for para o *Fade*, Mary vai me encontrar lá. Não tenho de me preocupar de me separar dela. Ela e eu ficaremos perfeitamente bem. Quem vai se importar de verdade se eu bater as botas?

V endireitou-se também.

— Você não acha que os Irmãos ligam? Sério? Muito obrigado, seu cuzão filho da puta.

Rhage verificou o relógio. Faltavam dois minutos.

Bem pareciam dois mil anos.

— E você confia em minha mãe, — Rosnou V — em algo tão importante. Nunca pensei que fosse tão ingênuo.

— Ela conseguiu me dar a porra de um alter ego T. Rex! Isto inspira uma credibilidade boa pra cacete.

De repente, sons de inúmeros pássaros soaram na escuridão que os rodeava. Qualquer um acharia que devia ser somente um bando de corujas noturnas piando ao luar.

Maldição, os dois estavam gritando.

— Não importa, V. — Sussurrou ele. — Você é inteligente pra caralho, preocupe-se com sua própria vida.

Seu último pensamento consciente antes do cérebro entrar em modo de *A Hora Mais Escura* e nada mais se registrar além da agressividade, foi sua Mary.

Ele visualizou a última vez em que estiveram sozinhos.

Era um ritual dele antes de enfrentar o inimigo, um talismã mental que esfregava em busca de boa sorte, e esta noite visualizou o modo como ela tinha ficado em pé em frente ao espelho do quarto deles, aquele sobre a mesinha de apoio onde mantinham os relógios e chaves, as joias dela e os pirulitos dele, e os celulares.

Ela estava na ponta dos pés debruçada sobre a mesa, tentando colocar um brinco de pérola no lóbulo da orelha sem conseguir encontrar o furo. Com a cabeça virada para o lado, seus cabelos castanhos escuros flutuavam sobre o ombro e o faziam querer enfiar a cara naquelas ondas recém-lavadas. E isto não era nem metade do que o impressionava nela. O ângulo reto de seu maxilar capturava e refletia a luz da arandela na parede, e a blusa de seda cor creme, que descortinava sobre seus seios, enfiada dentro da cintura estreita, e as calças moldavam seu corpo magro. Nenhuma maquiagem. Sem perfume.

Seria como tentar retocar a *Mona Lisa* ou atingir um botão de rosa com um jato de Bom Ar.

Havia centenas de milhares de pequenos detalhes nos atributos físicos de sua companheira, e nenhuma frase, nem mesmo um livro inteiro, passaria perto de descrever sua presença.

Ela era o relógio em seu pulso, o assado quando tinha fome, o jarro de limonada quando tinha sede. Ela era sua igreja e seu coral, a montanha de sua escalada, a biblioteca de sua curiosidade e cada nascer ou por do sol que já houve ou jamais haverá. Com um olhar ou a sílaba de uma palavra, ela tinha o poder de transformar seu humor, levando-o às nuvens, mesmo com os pés firmes no chão. Com um único toque, ela conseguia acorrentar seu dragão interior ou fazê-lo gozar sem ele nem mesmo estar de pau duro. Ela era todo o poder do universo compactado em uma criatura viva, o milagre que lhe tinha sido concedido, apesar dele há longo tempo não merecer nada além de maldições.

Mary Madonna Luce era a virgem que Vishous dissera que estava em seu caminho – e era mais do que suficiente para transformá-lo em um vampiro temente a Deus.

Por falar nisto...

Rhage avançou sem esperar o sinal de “Já” de sua equipe. Correndo pelo campo, trazia as duas armas erguidas à sua frente e combustível Premium aditivado percorrendo os músculos de suas pernas. E não, ele não parou para ouvir os irmãos praguejarem de frustração quando rompeu a cobertura e partiu cedo demais para o ataque.

Estava acostumado aos garotos emputecidos com ele.

Era muito mais difícil lidar com seus próprios seus demônios do que os irmãos.

LUGAR SEGURO, ESCRITÓRIO DA MARY

Ao desligar o telefone, Mary Madonna Luce manteve a mão sobre a superfície lisa do receptor. Como muitos dos equipamentos e móveis do Lugar Seguro, ele tinha mais de uma década de uso, era um AT&T doado por alguma companhia de seguro ou talvez de uma corretora imobiliária, depois de ser trocado por algo mais moderno. O mesmo com a mesa. A cadeira. Até o tapete sob seus pés. No único abrigo contra violência doméstica contra fêmeas e crianças da raça, cada centavo que saía das generosas doações do Rei era gasto com o apoio, tratamento e reabilitação das pessoas que precisavam.

As vítimas eram admitidas gratuitamente. E ficavam na casa grande e cheia de cômodos por quanto tempo fosse necessário.

A folha de pagamento era, é claro, a maior despesa... E com notícias como a que tinha acabado de chegar pelo telefone, Mary ficava verdadeiramente agradecida pelas prioridades de Marissa.

— Foda-se, morte. — Sussurrou ela. — Foda-se mesmo, muito, muito mesmo.

O ruído que sua cadeira emitiu quando se inclinou para trás lhe causou um estremecimento, mesmo acostumada a ele.

Olhando para o teto, sentiu uma vontade arrebatadora de entrar em ação, mas a primeira regra de qualquer terapeuta era que era preciso controlar suas próprias emoções. Despreparo e agitação não fazia bem algum aos pacientes, e contaminar uma situação já estressante com drama pessoal por parte do profissional era totalmente inaceitável.

Se houvesse tempo, procuraria um dos outros assistentes em busca de ajuda, para esclarecer o curso de suas ações com questionamentos técnicos a fim de sentir-se novamente centrada e permanentemente composta. Dado o rumo dos acontecimentos, tudo o que tinha era tempo para uma das respirações profundas, típicas de Rhage.

Não, não do tipo sexual.

Mais do tipo ioga, que o fazia inflar os pulmões em três puxadas de ar, prender o oxigênio e então soltá-lo, junto com a tensão em seus músculos.

Ou tentar liberar a dita tensão.

Está bem, isto não estava ajudando em nada.

Mary levantou-se e teve de se contentar com dois “quase lá” no quesito compostura: um, ajeitou a blusa de seda e correu os dedos pelos cabelos, que estava deixando crescer; e dois, recobriu suas feições com uma máscara digna de Halloween, congelando tudo em um semblante de preocupação, calorosa e sem nenhuma indicação de estar surtando com seu próprio trauma passado.

Ao sair para o corredor do segundo andar, o cheiro de chocolate e açúcar de confeitaria, manteiga e farinha anunciava que a Noite dos Biscoitos estava a pleno

vapor – e por um momento insano, sentiu vontade de abrir todas as janelas para deixar o ar gelado de outubro levar aquele cheiro para fora da casa.

O contraste entre aquele conforto doméstico e a bomba que estava a ponto jogar parecia desrespeitoso, na melhor das hipóteses, uma parte a mais da tragédia, na pior.

O Lugar Seguro era uma construção de três andares da virada do século XX, apenas teto e quatro paredes, com toda a graça e distinção de um saco de pão. O que ele tinha na verdade eram quartos e banheiros em abundância, uma cozinha funcional e privacidade suficiente para que o mundo humano nunca tivesse a menor indicação de que os vampiros usavam a coisa à sua revelia. E então veio a expansão. Depois da morte da Wellsie, Tohr tinha feito uma doação em seu nome, o Anexo Wellesandra foi construído nos fundos por uma equipe vampira de construção. Agora eles contavam com uma sala de convivência, uma segunda cozinha, grande o bastante para que todo mundo se sentasse junto para comer, e mais quatro suítes para as adicionais fêmeas e seus filhos.

Marissa dirigia a instalação com coração compassivo e mentalidade fantasticamente logística, e com sete conselheiros, inclusive Mary, eles executavam um serviço útil e cheio de significado.

Isto sim, às vezes partia seu coração ao meio.

A porta para o sótão não emitiu ruído algum quando Mary a abriu porque ela mesma tinha passado óleo nas dobradiças há algumas noites. As escadas, no entanto, rangeram ruidosamente à sua subida, as velhas placas de madeira reclamando e guinchando, por mais que ela tentasse pisar o mais leve possível.

Era impossível não sentir-se um tipo de Mensageira da Morte.

No andar acima, a luz amarela das luminárias de latão no teto destacavam os tons avermelhados, tanto dos centenários lambris sem pintura quanto da passadeira trançada que percorria o estreito corredor. No final dele, havia uma abertura oval e a iluminação, em tons rosados da luz exterior de segurança acima, derramava para dentro e era dividida em quadrantes pelas divisões de seus painéis.

Das seis suítes, cinco portas estavam abertas.

Ela se dirigiu até a que estava fechada e bateu. Ao ouvir um suave “Olá?” entreabriu a porta e enfiou a cabeça.

A garotinha sentada em uma das duas camas estava penteando os cabelos de uma boneca com uma escova a qual faltavam várias cerdas. Seus cabelos longos e castanhos estavam presos para trás em um rabo de cavalo, e o vestido folgado era feito a mão, de um tecido azulado muito gasto, mas com costuras feitas para durar. Seus sapatos estavam gastos, ainda que amarrados cuidadosamente.

Ela parecia muito pequena no que já não era um lugar muito grande.

Abandonada contra sua vontade.

— Bitty?

Levou um momento até os olhos castanhos claros se erguerem.

— Ela não está bem, está?

Mary engoliu em seco.

— Não, querida. Sua *mahmen* não está bem.

— É hora de me despedir dela?

Depois de um momento, Mary sussurrou.

— Sim... Receio que sim.

Capítulo DOIS

— Isso só pode ser brincadeira, *porra*!

Quando viu o massivo corpo do Hollywood e a bosta da sua cabeça estúpida avançar em direção aos alojamentos, Vishous quase correu atrás só para poder acabar com a raça do irmão. Mas nãããããããããã.

Não era possível estender a mão e catar uma bala depois que o gatilho era apertado.

Mesmo que se estivesse só tentando salvar um idiota da sepultura.

V assoviou alto, mas não era como se o resto dos guerreiros não tivessem visto também as costas do cretino distanciarem-se como um morcego fugido do inferno.

Membros da Irmandade e os outros machos explodiram fora de suas posições por trás das árvores e construções, assumindo formação de asa atrás de Rhage, de armas e adagas empunhadas. Gritos do inimigo anunciaram que o ataque foi percebido quase imediatamente, e eles chegaram a somente meia distância do objetivo quando os *lessers* começaram a jorrar pelas portas, feito vespas de uma colméia.

Muita aglomeração? *Pops* ocos espocavam quando Rhage descarregava sua arma por todo o canto atingindo assassinos na cara, suas balas de grosso calibre explodindo a parte de trás daqueles crânios e derrubando os mortos-vivos em emaranhados de braços e pernas inquietos. O que era bom – mas possivelmente não iria durar, já que os assassinos tentavam se aproximar do cara por trás, a fim de isolá-lo e criar uma segunda linha de frente contra o resto dos irmãos.

Obrigado, Sr. Apressadinho e sua ejaculação precoce, por arruinar o plano sobre o qual se debruçaram por noites a fio.

Instalou-se o caos total, o que era de se esperar, ao contrário da ação de Rhage: do mesmo modo que era possível garantir que cada combate corporal iria eventualmente acabar no chão, era possível garantir que mesmo o ataque melhor planejado iria, depois de um tempo, cair na área do: “*Putá merda*” e “*Cagou a porra toda*”. Se tivesse sorte, aquela inevitabilidade levaria um tempo para lhe despencar na cabeça, e até que acontecesse, o inimigo teria baixas incapacitantes.

Mas não com Hollywood por perto.

Oh, e a propósito, quando alguém diz que você vai morrer esta noite, que tal não correr direto para uma quantidade de inimigos que beirava os três dígitos? Seu filho da puta de merda.

— Eu estava tentando salvá-lo! — V gritou em meio à ação. Só por que agora ele podia, já que não precisavam mais manter suas presenças ocultas.

Rhage era tão impulsivo. E sabendo disto, V devia ter confrontado o idiota lá na mansão antes de saírem, mas esteve distraído demais cuidando de suas próprias coisas para se concentrar na visão. Não foi até chegarem ao campus abandonado e ele piscar algumas vezes... Que percebeu, sim, era ali que aconteceria para Rhage. Esta noite. Neste campo.

Não revelar seria como colocar ele mesmo uma bala no cara.

É claro, dizer algo tinha funcionado tão bem.

— Foda-se, Hollywood! — Gritou ele. — Eu vou te pegar!

Pois ele ia tirar aquele puto daquele lugar nem que fosse a última coisa que faria.

V não atirou até estar a cerca de três metros de distância do primeiro alvo — era isto ou correr o risco de atingir um dos irmãos ou outro aliado. O *lessar* que mirou tinha cabelos e olhos escuros e aquela agressão típica de um urso pardo: ataque direto com uma porção de cuspidelas. Uma bala acertou no olho direito e o bastardo caiu.

Não dava tempo de apunhalar a coisa de volta ao Ômega. Vishous passou por cima do pedaço de carne que ainda se remexia sem sair do lugar e mirou o próximo. Identificando um assassino louro a cerca de quatro metros e meio de distância à esquerda, rapidamente avaliou a periferia para ter certeza de que a Irmandade não estava sendo destruída. Então, usando o dedo coberto pela luva, escolheu o cara que parecia o Rod Stewart dos anos 80.

De três ao infinito, V atingiu tudo o que parecia seguro derrubar, certificando-se de não acertar seus aliados. Uns duzentos metros de corrida estilo videogame mais tarde, alcançou tanto cobertura quanto perigo: o primeiro dos alojamentos, que o plano original era emboscar. A maldita coisa era uma concha vazia com muitos locais para se esconder que somente um idiota acharia estarem vazias, e ele teve cuidado em monitorar seus arredores ao caminhar cuidadosamente com as costas voltadas contra a parede, abaixando-se debaixo de janelas, passando por cima de arbustos baixos.

O fedor de algodão doce/carne podre dos *lessers* o golpeava por todos os lados, espiralando ao redor devido ao vento gelado que misturava tudo em uma salada de guerra com os ecos de disparos de armas e os gritos do inimigo. A raiva que fervilhava em suas entranhas o fez avançar, ao mesmo tempo em que o mantinha focado, enquanto tentava derrubar alvos sem ser atingido.

Assim que alcançasse Rhage, derrubaria o maldito rei da beleza no chão.

Supondo que o destino não derrubasse o filho da puta primeiro.

O lado bom era que, com o *Fore-lesser* fora da jogada, a resposta da Sociedade *Lessening* não parecia mais coordenada do que o ataque da Irmandade, e o fato do inimigo estar pobremente armado e pateticamente destreinado era outra vantagem. Parecia haver uma média de cinco *lessers* armados para cada irmão, e uma média de um para dez guerreiros competentes – e dado os números? Aquilo bem que poderia ser o que salvaria seus traseiros.

Esquerda, *pop!* Direita, *pop!* Esquivar, cair e rolar. Levantar-se e continuar a correr. Mais dois assassinos derrubados – obrigado, Assail, seu *filhodaputa* maluco – *pop!* Bem na sua frente.

A magia aconteceu entre cerca de cinco minutos e cinquenta mil anos de luta. Sem aviso, sentiu-se separar-se de seu corpo, desfazendo-se da carne que funcionava de forma tão rija e com tanta eficiência, seu espírito flutuando acima da adrenalina que incendiava seus braços e pernas, sua essência testemunhando-o cobrir distâncias e impulsionando-o a frente de uma posição acima de seu ombro direito.

Era a zona, geralmente algo que o arrebatava assim que começava a lutar. Mas com Rhage sob sua pele, grudado em seu traseiro e fodendo sua cabeça, a merda estava atrasada para a festa.

E foi por causa dessa sua perspectiva acima do quadro, que notou primeiro o dilema que se armava.

Às vezes o contra-intuitivo, o *QUEPORRAÉESSA*, o agir contra a corrente, era tão importante quanto todas as coisas que se esperava ver em uma batalha.

Tipo, por exemplo, três figuras correndo lateralmente ao longo daquele show de horrores rumo à saída. É claro, podiam ser *lessers* que amarelaram e fugiam — exceto por um detalhe: o sangue do Ômega em seus corpos era um puta rastreador GPS, e ter de contar para aquele tipo de chefe, que tinha amarelado e picado a mula de uma briga daquelas, seria garantia do tipo de tortura que faria o inferno parecer um passeio no campo.

Maldição, não podia permitir que eles se fossem. Não quando poderiam acabar chamando os tiras e adicionando outra camada de merda jogada naquele ventilador.

Se é que aquilo já não tinha sido feito.

Praguejando, Vishous foi atrás dos três desertores, desmaterializando-se para a área a frente onde o trio estava se dirigindo. Ao retomar forma, descobriu que eram malditos humanos, mesmo antes de conseguir ver que aquele que estava por último corria de costas com o que, sem dúvida, era uma porra da Apple, um pedaço de merda iConformista, apontando e mirando, evidentemente gravando um vídeo.

Ele positivamente odiava qualquer coisa com o símbolo da Macintosh.

V pulou, interceptando o caminho do cara, o que, é claro, não foi notado pelo J.J. Abrams, por que, olá, ele estava ocupado demais filmando tudo.

Vishous meteu o pé, e enquanto o humano obedecia à lei da gravidade, o celular voou e V pegou a coisa, enfiando-a no bolso da jaqueta.

O próximo passo foi pisar no esterno do cara e enfiar a arma na sua cara. Baixando o olhar para a expressão de “Putá Merda” e o choramingo gaguejado que o cara soltava, V precisou de todo seu autocontrole para não rasgar a garganta dele, e então ir para cima dos outros dois que continuavam a correr, tal qual Jason Voorhees. Ele estava acima disto com humanos. Tinha trabalho de verdade pra fazer, mas nããããã, ele estava de novo limpando a bunda destes ratos sem rabo para que o resto deles não ficassem bravininhos por saberem que vampiros existiam entre eles.

— N-n-n-n-ão me m-m-m-m-m-achuque – gaguejou o cara. Junto com o cheiro de urina quando o cara mijou nas calças.

— Você é patético pra *caralho*.

Praguejando de novo, V acessou rapidamente a mente do cara para ter certeza de que não tinham chamado a polícia – a resposta foi “não” – antes de apagar a memória do garoto, do momento em que tinha se encontrado com os amigos para fumar maconha até quando a viagem foi interrompida pelo inferno desenfreado.

— Você teve uma viagem ruim, seu cuzão. – Murmurou V. — Viagem ruim. Isto tudo é só uma porra de uma viagem ruim. Agora corra de volta para o papai e a mamãe.

Como o bom brinquedinho programado que agora era, o garoto levantou-se sobre seus antiquados tênis Converse e disparou atrás dos amigos, com uma expressão de confusão total no rosto enrubescido.

Vishous deu outro pulo à frente e interceptou Frick e Frack. E, quem diria, a mera presença de V se materializando do nada à frente deles foi suficiente para

deixá-los em pânico – os dois congelaram no lugar como cães acorrentados ficando sem espaço na corrente, com um puxão para trás, esvoaçando suas parkas combinando.

— Vocês cuzões estão sempre no lugar errado na hora errada.

Mentalmente apagou suas memórias e os revistou, esvaziando seus bolsos ao mesmo tempo em que os cérebros – então os mandou retomar a fuga, rezando para que um ou outro não tivesse alguma doença cardíaca não diagnosticada que subitamente disparasse sob tensão, matando-o instantaneamente.

Mas até aí, V era um bastardo malvado, então tudo bem.

Não havia tempo a perder. Voltou a tentar alcançar Rhage, sacando novamente suas armas e buscando uma maneira mais eficiente de chegar até o filho da puta. Que pena que desmaterializar-se direto no meio do entrevero estava fora de cogitação, mas merda, tinha arma demais apontando para cada direção naquele quadrante. Ao menos a necessária cobertura veio rápido, primeiro em uma série de árvores de bordo e então na forma de um prédio que devia ser ainda outro alojamento.

Batendo as costas contra os tijolos frios e duros, seus ouvidos se aguçaram ante o som de sua respiração pesada. Os disparos mais intensos estavam à sua esquerda, acima e à frente, e rapidamente trocou ambos os cartuchos, mesmo que ainda houvesse três balas em um e duas no outro. Recarregado, correu na direção da quina do prédio e espiou...

O assassino atirou na última janela sob a qual ele estava e, não fosse o ruído do caixilho, V teria sido ferido. Foi o instinto, ao invés do treinamento, que fez seu braço se erguer e apontar para a lateral antes de ter consciência de estar se movendo, e o dedo indicador disparar meio quilo de chumbo bem nas fuças do fodido, fazendo nuvens de sangue preto explodir da parte de trás do crânio como um vidro de nanquim caindo de uma grande altura.

Infelizmente, uma contração autônoma do aperto do assassino na arma automática que trazia na mão, causou o disparo de algumas balas e a ardência na

lateral do quadril de V mostrou que ele foi atingido, pelo menos uma vez. Mas melhor ali do que em outra parte do corpo...

Um segundo assassino surgiu da esquina e V o atingiu na garganta com a arma da mão esquerda. Aquele parecia estar desarmado, nada digno de nota, caiu na grama alta quando a coisa agarrou a frente do pescoço para tentar conter o jorro negro.

Não havia tempo para recolher nenhuma arma ou apunhalá-los de volta ao Ômega.

À frente, Rhage estava com problemas.

No coração do campus, na área retangular formada por prédios erguidos com uns cinco acres de distância, Rhage estava no centro da atenção de uma galera da primeira fila, composta por pelo menos vinte assassinos que o rodeavam.

— *Jesus Cristo.* — Murmurou V.

Não havia tempo para elaborar uma estratégia. Dã. E ninguém mais viria ajudar Hollywood. Os outros irmãos e guerreiros estavam muito ocupados, o ataque tendo se dissipado em meia dúzia de escaramuças se desenvolvendo em diferentes quadrantes.

Não havia ninguém disponível em uma situação que bem necessitava de três ou quatro anjos salvadores. Ao invés de um que tinha um ferimento na coxa e um rancor do tamanho do Canadá.

Maldição, ele estava acostumado a estar sempre certo, mas às vezes isto era um pé no saco.

Vishous avançou e se concentrou na lateral da briga, escolhendo assassinos enquanto tentava dar a seu irmão uma rota de escape viável. Mas Rhage... Porra, Rhage.

Ele estava, de alguma forma, totalmente imerso naquilo. Mesmo que a matemática não chegasse a resultado algum além de caixão, o maldito imbecil era

de uma beleza mortal ao lentamente girar, esvaziando as armas nos que estavam mais perto, recarregando sua automática sem perder um movimento, criando um anel de corpos que se contorciam, meio mortos, meio vivos, como se estivesse no olho de um furacão destruidor.

A única coisa que não parecia estar sob controle? Seu belo rosto, digno de uma história infantil, estava contorcido no esgar de um monstro, a raiva assassina dentro dele nem ao menos parcialmente contida. E isto teria sido quase aceitável.

Não fosse o fato de se esperar profissionalismo por parte dele.

Aquele tipo de emoção assassina era um comportamento amador, o tipo de coisa que te cegava ao invés de te manter focado, te enfraquecia ao invés de te tornar invencível.

Vishous trabalhou o mais rápido que pôde mirando em peitos, entranhas, cabeças, até o fedor saturar o ar livre, mesmo com o vento soprando em direção oposta. Mas tinha de compensar o campo de tiro, sempre circular, de Rhage, tentando ficar ele próprio fora de alcance, por que tinha certeza de que o irmão não conseguiria diferenciá-lo de seus alvos.

E esta era a porra do problema quando você entrava despreparado na luta.

E então acabou.

Mais ou menos.

Mesmo depois daqueles vinte ou vinte e cinco *lessers* estarem caídos no chão, Rhage ainda girava e continuava a atirar, um carrossel mortal sem passageiros em seus cavalos demoníacos, estúpidos demais para saberem onde seu próprio botão de desligar ficar.

— Rhage! — V olhou ao redor mantendo as armas apontadas, mas sem atirar.
— Seu maldito idiota! Pare!

Pop! Pop! Pop-pop!

O cano de Hollywood continuou a tossir flashes de luz mesmo que não houvesse mais alvos – exceto outros guerreiros à distância, fora de alcance naquele momento.

Mas não era garantido que permanecessem assim.

Vishous se aproximou, passando por cima dos corpos que se agitavam no chão, mantendo-se às costas de Rhage, que ainda girava.

— Rhage!

A tentação de atirar na bunda do cara foi tão forte, que sua mão direita chegou a abaixar o cano até à altura do traseiro. Mas era só uma fantasia. Dar a Hollywood uma injeção de chumbo só dispararia a fera quando o próprio V estava ao alcance para virar seu aperitivo.

— Rhage!

Algo deve ter chegado até o irmão por que a barragem de tiros inúteis diminuiu... E então parou, deixando Rhage arfando, curvando-se de forma neutra.

Estavam tão a descoberto que ambos bem podiam ter setas de neon apontando para suas cabeças.

— Você vai sair daqui. — Rosnou V. — Está brincando comigo, porra, nessa merda...

Foi quando aconteceu.

Em um segundo, estava contornando para ficar de frente para o irmão... E no seguinte ele viu, pelo canto dos olhos, um dos *lessers* não-suficientemente-mortos erguer um braço instável... Com uma arma anexada à extremidade. Quando a bala explodiu para fora daquele cano, o cérebro de V fez os cálculos de distância e ângulo tão rápido quanto o voo da bala de chumbo.

Direto para o peito de Rhage.

Bem no meio do peito de Rhage – por que, olá, era o maior alvo, tirando a porra da porta do alojamento do campus.

— Não! – Gritou V ao pular e se interpor no caminho.

É, pois ele morrer no lugar de Rhage seria um resultado bem melhor, né? Perder/perder, de ambos os jeitos.

Não houve dor alguma em seu vôo, nem o som ressoante da entrada de uma bala na lateral de seu corpo, seu quadril, sua outra coxa.

Por que a maldita coisa já tinha encontrado outro lar.

Rhage soltou um grunhido e suas duas armas apontaram para o céu, aquela típica compressão autônoma nos gatilhos naquelas mãos esvaziaram os cartuchos: *bang, bang, bang, bang!* Para o céu, para o paraíso, como se Rhage estivesse amaldiçoando de dor.

E então o irmão caiu.

Ao contrário dos garotos do Ômega, um ferimento certo como aquele mataria qualquer vampiro, mesmo um membro da Irmandade. Ninguém escapava daquele tipo de merda, ninguém.

Ao gritar de novo, V caiu em seu próprio pedaço de chão e descarregou uma de suas armas, enchendo o assassino com tanto chumbo que o fodido poderia virar um cofre de banco.

Com a ameaça neutralizada, engatinhou até o irmão se arrastando de lado com as armas e a ponta dos coturnos. Para um macho que nunca sentia medo, ele se viu olhando para a boca escancarada do puro terror.

— Rhage! – Disse ele. — Puta que pariu... Rhage!

Capítulo TRÊS

O novo centro médico de Havers estava localizado do outro lado do rio, em meio a uma área florestal de quatrocentos acres, intocado a não ser por uma velha fazenda e três ou quatro quiosques recém-construídos que serviam de entrada para a instalação subterrânea. Enquanto dirigia o último trecho da viagem de vinte minutos em seu Volvo XC70, Mary fitava seguidamente o espelho retrovisor, preocupada com Bitty.

A garota estava sentada no banco de trás do utilitário e olhava pela janela escura ao seu lado, como se fosse uma televisão transmitindo um programa viciante.

Cada vez que Mary voltava a se concentrar na estrada a sua frente, apertava o volante com mais força. E o acelerador.

— Estamos quase chegando. — Disse ela. De novo.

A afirmação pretendia ser confortadora, mas não estava fazendo bem nenhum à Bitty e Mary sabia que só tentava acalmar a si própria. A ideia de que pudessem não chegar a tempo ao lado do leito era um fardo hipotético que não conseguia evitar de cogitar – e cara, aquela sensação de pesar e frustração a fazia sentir-se incapaz de respirar.

— Aqui está o desvio.

Mary ligou a seta e entrou à direita, para uma via de mão única que era irregular e exatamente o que toda a sua agitação interna não precisava.

Mas também, ela bem poderia estar em uma super rodovia perfeitamente asfaltada e seu coração continuaria a parecer dançar a conga dentro do peito.

O único centro médico da raça tinha sido construído para dispersar, tanto a atenção humana quanto os efeitos impiedosos da luz do sol, e ao trazer alguém ou buscar tratamento médico para si mesmo, era designado um dos vários pontos de

entrada. Quando a enfermeira tinha ligado para dar a triste notícia, Mary foi orientada a ir diretamente à fazenda e estacionar lá, e foi o que fez, parando entre uma caminhonete que era nova e um sedã Nissan que não era.

— Está pronta? — Perguntou pelo retrovisor ao desligar o carro.

Diante da ausência de resposta, circulou o carro até a porta de Bitty. A garota pareceu surpresa ao descobrir que já tinham chegado e as pequenas mãos remexeram para soltar o cinto de segurança.

— Quer ajuda?

— Não, obrigada.

Bitty estava claramente determinada a sair sozinha do carro, mesmo que levasse mais tempo do que se aceitasse a ajuda. E o atraso talvez fosse intencional. A sensação de insegurança quanto ao que aconteceria depois daquela morte era quase terrível demais para se imaginar. Sem família. Sem dinheiro. Sem educação.

Mary apontou um celeiro atrás da fazenda.

— Vamos por ali.

Cinco minutos depois, passaram por alguns pontos de controle e desceram pelo elevador, de onde saíram para uma recepção muito limpa e iluminada e uma sala de espera que cheirava exatamente igual às aquelas dos hospitais humanos: aroma artificial de limão, vaga mistura de perfume e o tênue cheiro do jantar de alguém.

Pavlov tinha razão, Mary pensou ao se aproximar da recepção central. Só era preciso aquela combinação de anti-séptico e ar viciado em seu nariz para sentir-se de volta àquela cama de hospital, com tubos entrando e saindo dela, as medicações que tentavam matar o câncer em seu sangue fazendo-a sentir, na melhor das hipóteses, como se estivesse com gripe, e na pior, como se fosse morrer a qualquer momento.

Época divertida.

Quando a enfermeira loura atrás da tela do computador ergueu o olhar, Mary disse:

— Oi, eu sou...

— Siga por ali. — A fêmea disse com urgência. — Pelas portas duplas. Vou destravá-la. O posto de enfermagem fica bem à frente. Elas te levarão direto para lá.

May não esperou nem para agradecer. Agarrou a mão de Bitty, apressou-se pelo chão brilhoso e polido, e empurrou as portas de metal assim que ouviu o mecanismo da tranca ser liberado.

Do outro lado das cadeiras confortáveis e das revistas muito folheadas da sala de espera, tudo era profissionalmente clínico, pessoas de jaleco e com os tradicionais uniformes de enfermagem brancos, andando para lá e para cá carregando bandejas, notebooks e estetoscópios.

— Por aqui. — Alguém chamou.

A enfermeira em questão tinha cabelos pretos bem curtos, olhos azuis que combinavam com seu uniforme e um rosto tipo Paloma Picasso.

— Eu levo vocês até ela.

Mary pôs-se atrás de Bitty, guiando a garota pelos ombros enquanto andavam pelo corredor e então outro para o que obviamente levava à área da UTI: quartos normais de hospital não possuíam paredes de vidro com cortinas cerradas por dentro. Não tinham tanta equipe em volta. Não tinham painéis com sinais vitais piscando atrás do posto de enfermagem.

Quando a enfermeira parou e abriu uma das portas, o ruído do equipamento médico soava urgente, um tipo frenético de *bips* e guinchos que sugeriam que os computadores estavam preocupados com o que estava acontecendo à paciente.

A fêmea manteve a cortina afastada.

— Podem entrar.

Quando Bitty hesitou, Mary se abaixou.

— Não vou sair do seu lado.

E de novo, era algo que Mary estava dizendo por si mesma. A garota nunca tinha parecido particularmente interessada com qual membro da equipe do Lugar Seguro estava ou não ao seu redor.

Quando Bitty permaneceu no mesmo lugar, Mary levantou o olhar. Havia duas enfermeiras verificando os sinais vitais de Annalye, uma de cada lado da cama, e Havers também estava lá colocando algum tipo de medicação no acesso intravenoso daquele braço assustadoramente fino.

Por uma fração de segundo, ela violentamente conscientizou-se do quadro. A figura na cama tinha cabelos escuros ralos, a pele estava cinzenta, os olhos estavam fechados e uma boca que estava relaxada – e durante aquele instante infinito enquanto Mary olhava para a fêmea que estava morrendo, não conseguia decidir se estava vendo sua própria mãe ou a si mesma em cima daquele travesseiro imaculadamente branco.

Não posso fazer isto, pensou.

— Vamos lá, Bitty. — Disse com a voz rouca. — Vamos até lá segurar a mão dela. Ela vai gostar de saber que você está aqui.

Enquanto Mary levava a garota, Havers e a equipe desaparecia ao fundo, recuando sem estardalhaço como se soubessem muito bem que não havia nada que pudessem fazer para interromper o inevitável e que a chance de Bitty dizer adeus era o caminho inevitável.

Ao lado da cama, Mary manteve a mão sobre o ombro de Bitty.

— Tudo bem, pode tocá-la. Aqui.

Mary se inclinou à frente e segurou a suave mão gelada.

— Olá, Annalye. Bitty veio te ver.

Olhando para a garota, ela anuiu em encorajamento... E Bitty franziu o cenho.

— Ela já está morta? — A garota sussurrou.

Mary piscou com força.

— Ah, não, querida. Ela não está. E consegue te ouvir.

— Como?

— Ela consegue. Vá em frente. Fale com ela. Sei que vai gostar de ouvir sua voz.

— *Mahmen?* — Disse Bitty.

— Segure a mão dela. Está tudo bem.

Quando Mary recuou um passo, Bitty estendeu a mão... E quando o contato foi feito, a garota franziu o cenho de novo.

— *Mahmen?*

De repente, alarmes começaram a soar com pânico renovado, os sons estridentes invadindo a frágil conexão entre mãe e filha, trazendo a equipe médica de volta para a cama apressadamente.

— *Mahmen!* — Bitty agarrou com ambas as mãos. — *Mahmen!* Não vá!

Mary foi forçada a puxar Bitty para tirá-la do caminho quando Havers começou a gritar ordens. A garota lutou contra seu gesto, mas então entrou em colapso gritando com os braços estendidos na direção da mãe e o cabelo emaranhando.

Mary segurou o pequeno corpo agitado.

— Bitty, oh, Deus...

Havers aproximou-se da cama e começou a fazer massagem cardíaca enquanto o ressuscitador de emergência era trazido.

— Temos de ir, — Disse Mary, empurrando Bitty na direção da porta. — Vamos esperar lá fora...

— Eu a matei! Eu a matei!

Ao derrapar na direção de Rhage, Vishous caiu de joelhos e buscou pela jaqueta de couro e camisa do irmão, arrancando as camadas de tecido e expondo...

— Ai... *Caralho*.

A bala tinha entrado à direita do centro, exatamente onde ficava o coração de seis válvulas de um vampiro dentro das costelas. E quando Rhage ofegou em busca de ar e cuspiu sangue, V olhou ao redor freneticamente. Guerra pra todo canto. Cobertura em canto nenhum. O tempo... Estava acabando...

Butch vinha correndo até eles de cabeça baixa, disparando um par de armas calibre 40 ao redor de si mesmo em ciclos de bombeamento, de forma que os assassinos ao alcance tinham de cair no chão em posição fetal para evitar serem atingidos pelos tiros. O ex-tira abaixou-se, as armas ainda erguidas e prontas para disparar, suas pernas de buldogue e torso se jogaram também na grama alta marrom.

— Temos de tirá-lo daqui. — Aquele sotaque de Boston anunciou.

A boca de Rhage abriu largamente e a inalação que veio em seguida era chiada como uma caixa de pedras.

Geralmente o cérebro de V era aguçado pra caralho, sua grande inteligência era mais uma característica pessoal que uma aptidão e definia tudo em sua vida. Ele era o racional, o lógico, o filho da puta cínico que nunca errava.

E ainda assim, suas células cinzentas imediatamente pifaram.

Anos de prestação de assistência médica e intervenções em campo lhe diziam que seu irmão ia morrer em um minuto ou dois, caso o músculo do coração tivesse sido mesmo dilacerado ou perfurado, e uma ou mais válvulas começasse a vaziar sangue na cavidade torácica.

Isto resultaria na interrupção da função cardíaca quando o saco peritoneal se inundasse e fatalmente comprometeria a pressão sanguínea.

Era o tipo de ferimento catastrófico que requeria intervenção cirúrgica imediata – e mesmo assumindo que tivessem toda a tecnologia e equipamentos necessários em uma situação de clínica esterilizada, o sucesso não era garantido.

— V! Temos de tirá-lo daqui...

Balas voavam ao redor e ambos se jogaram no chão. Com um terrível cálculo mental, a unidade de processamento de V chegou a uma conclusão insustentável: a vida de Rhage ou a deles.

Porra! A culpa é minha, pensou V.

Se não tivesse contado ao irmão sobre a visão, Rhage não teria corrido prematuramente e teria tido mais controle sobre a luta...

Vishous ergueu suas armas e abateu três assassinos que se aproximavam enquanto Butch girava no chão e fazia o mesmo na direção oposta.

— Rhage, fique conosco. — V grunhiu ao se desfazer do cartucho vazio e recarregar as armas, uma após a outra. — Rhage, você precisa... Merda!

Mais tiros. E ele foi atingido no maldito braço.

Enquanto seu próprio sangue corria, ele ignorou, seu cérebro lutando para encontrar uma solução que não resultasse na porra de uma pira funerária para Rhage. Ele podia chamar Jane por que ela não podia morrer. Mas ela não conseguiria executar uma cirurgia cardíaca de peito aberto aqui, pelo amor de Deus. E se...

O flash de luz foi tão brilhante, tão súbito, que o fez se perguntar quem infernos estaria perdendo tempo apunhalando um *lesser* de volta para o Ômega...

O segundo jorro de iluminação o fez girar e olhar para Rhage. Oh... *Merda*. Feixes gêmeos de luz brilhante espocavam das órbitas dos olhos do irmão, apontando para o céu como feixes de laser em correntes paralelas que poderiam atingir a face da lua.

— Caraaaaaalho!

Mudança total de planos. O tema filho da puta da noite.

V avançou para Butch e o puxou, afastando-o de Rhage.

— Corre!

— O que está fazendo... Santa Maria, mãe de Deus!

Os dois puseram-se a correr desabaladamente mantendo a cabeça baixa, as pernas comendo a distância pela área aberta, enquanto pulavam sobre *lessers* e se desviavam para se tornarem alvos mais difíceis. Ao chegarem à construção mais próxima da escola abandonada, eles se alternaram nos cantos em busca de cobertura, V pela frente, Butch pelos fundos.

Com o peito ofegando, Vishous se inclinou. No centro da clareira, a transformação torturava o corpo caído de Rhage, seus braços e pernas se contorciam enquanto seu torso convulsionava e tinha espasmos, a fera emergindo da carne do macho, o grande dragão se libertando do DNA que era forçado a compartilhar.

Se Rhage não tivesse morrido ainda, aquilo certamente o mataria.

E ainda assim, não havia como interromper a transformação. A Virgem Escriba tinha entremeado a maldição em cada uma das células de Rhage, e quando a hora chegava, o processo era um trem descarrilado que ninguém conseguia deter.

A morte cuidaria disto.

A morte de Rhage... Acabaria com aquilo tudo.

V fechou os olhos e gritou por dentro.

Um segundo depois ergueu as pálpebras e pensou, “de jeito nenhum, porra”.
“De jeito nenhum, cacete, que vou deixar isto acontecer.”

— Butch, — Rosnou ele. — Tenho que ir.

— O que? Onde você...

Foi a última coisa que Vishous ouviu ao se levantar e desaparecer.

Capítulo QUATRO

Não havia dor.

Nenhuma dor vinha do ferimento que a bala fez no peito de Rhage. E aquela era a primeira indicação de que a merda era séria. Ferimentos que doem tendem a não ser do tipo que te coloca em estado de choque. Não sentir nada? Provavelmente uma boa indicação – juntamente com o fato de ele ter desabado no chão e o tiro ter sido certo em seu peito – de que corria perigo mortal.

Piscada. Tente respirar. Piscada.

O sangue em sua boca, espesso em sua garganta... Uma maré crescente que ia contra seus esforços de fazer o oxigênio entrar em seus pulmões. A audição tinha se reduzido a uma abafada versão de si mesma, como se estivesse deitado de costas em uma banheira e o nível da água tivesse subido até cobrir seus dois ouvidos. A visão ia e vinha, o céu noturno acima dele se revelava e se obscurecia, enquanto as coisas falhavam e voltavam a aparecer. Respirar ficava cada vez mais difícil, um peso crescente se instalava em seu peito, primeiro como uma sacola, então um baú cheio... Agora já no nível de um trem de carga.

Rápido, estava acontecendo rápido demais.

Mary, ele pensou. *Mary?*

Seu cérebro cuspiu o nome de sua *shellan* – talvez ele tenha mesmo chamado em voz alta? – como se sua companheira pudesse ouvi-lo, de alguma forma.

Mary!

O pânico inundou sua corrente sanguínea, acumulando-se dentro das costelas – junto com o plasma que, sem dúvida, estava vazando pela porra toda. Seu único pensamento, mais do que a morte, a batalha ou mesmo a segurança dos irmãos, era... Oh, Deus, faça a Virgem Escriba manter sua parte da barganha.

Não permita que ele acabe no *Fade* sozinho.

Mary devia deixar a terra com ele. Devia lhe ser permitido segui-lo quando ele fosse para o *Fade*. Era parte do acordo que tinha feito com a Virgem Escriba: ficaria com a maldição e sua Mary sobreviveria à leucemia, e por que sua companheira tinha se tornado infértil devido ao tratamento contra o câncer, ela ficaria com ele pelo tempo que quisesse.

Você vai morrer esta noite, porra.

Bem ao ouvir a voz de Vishous em sua mente, o rosto do irmão apareceu em seu campo de visão, substituindo o céu. A boca de V se movia, o cavanhaque ondulava enquanto enunciava as palavras. Rhage tentou afastar o macho, mas seus braços não obedeciam aos comandos de seu cérebro.

A última coisa que precisava era que outra pessoa também morresse. Embora, sendo o filho da Virgem Escriba, V provavelmente seria o último a se preocupar sobre algo tão improvável quanto bater as botas. Mas quando Butch, o terceiro elo do trio, chegou escorregando e berrando também? Agora, ali estava um cara que não tinha um cartão de dispensa da Dona Morte...

Tiros. Ambos começaram a atirar.

Não! Rhage ordenou a eles. *Diga a Mary que eu a amo e me deixem aqui antes que vocês...*

V recuou como se algo de chumbo tivesse penetrado em alguma de suas partes.

E foi quando aconteceu.

Foi o cheiro do sangue do irmão que desencadeou. No instante em que aquela nuance de cobre atingiu o nariz de Rhage, a fera despertou dentro da prisão de seu corpo e começou a sair, a mudança dando início a terremotos internos que estalaram seus ossos, despedaçaram seus órgãos internos e o transformaram em uma coisa totalmente diferente.

Agora havia dor.

Bem como a sensação de que este esforço era uma perda da porra do tempo. Se ele ia morrer, o dragão estava só tomando seu lugar na merda da situação.

— Diga a Mary para vir comigo. — Rhage gritou ao ficar completamente cego.
— Diga a ela...

Mas teve a sensação de que os irmãos já tinham se afastado e graças a Deus por isso: o sangue de V não estava mais no ar e ninguém respondeu.

Mesmo quando sua força vital se esvaiu, fez de tudo para seguir a corrente enquanto os violentos movimentos da fera destruíam seu corpo moribundo. Mesmo que tivesse a energia, lutar contra aquela corrente seria desperdício de esforço e não facilitaria nada. Entretanto, enquanto seu corpo e mente, suas próprias emoções e consciência recuavam, era estranho que não soubesse se era a morte ou a transformação que estava ocorrendo a ele.

Quando o sistema nervoso da fera assumiu completamente o controle sobre ele e suas sensações de dor desapareceram, Rhage recuou a uma zona de flutuação metafísica, como se quem e o que ele era fosse depositado em um globo de neve no alto da prateleira do continuum tempo.

Só que neste caso tinha a impressão que não seria mais retirado de lá.

O que era engraçado. Cada uma das criaturas que tinham consciência e sabiam de sua própria mortalidade inevitavelmente se perguntavam, de vez em quando, quando e onde, como e por que de sua própria morte. O próprio Rhage tinha seguido este fluxo mórbido de pensamento, especialmente durante seu período pré-Mary, quando era um solitário sem nada além de um catálogo de suas falhas e fraquezas para lhe fazer companhia durante as densas e desertas horas de luz do dia.

Para ele, aquelas questões desconexas tinham sido inesperadamente respondidas esta noite: “onde” era no meio do campo de batalha em uma escola abandonada para garotas; “como” era devido a uma hemorragia cardíaca, resultado de um tiro; “por que” era consequência de seu dever; “quando” seria provavelmente nos próximos dez minutos, talvez menos.

Dada a natureza de seu trabalho, nada daquilo era surpresa. Está bem, talvez a parte da escola fosse, mas só isso.

Ele sentiria falta dos irmãos, Jesus... E aquilo doía mais do que a fera. E se preocuparia com todos eles e o futuro do reinado de Wrath. Merda, perderia o crescimento de Nalla e L.W¹. E o nascimento dos gêmeos de Qhuinn... Que nasçam vivos e saudáveis. Será que conseguiria ver a todos de lá do *Fade*?

Oh, sua Mary. Sua bela, preciosa Mary.

O terror o atingiu, mas era difícil apegar-se à emoção enquanto sentia-se enfraquecer cada vez mais. Para se acalmar, disse a si mesmo que a Virgem Escriba não mentia. A Virgem Escriba era toda poderosa. A Escriba Virgem tinha determinado o equilíbrio necessário para salvar a vida de sua Mary e dera a eles o grande presente para compensar o fato de que sua *shellan* nunca poderia ter filhos.

Sem filhos, pensou com um angústia. Ele e sua Mary jamais teriam filhos de qualquer forma agora.

Isto era tão triste.

Estranho... Não tinha pensando que os queria, pelo menos não conscientemente. Mas agora que tudo aquilo tinha acontecido? Estava totalmente desolado.

Pelo menos sua Mary jamais o abandonaria.

E precisava ter fé em que, quando chegasse às portas do *Fade* e prosseguisse a atravessá-la para o que havia do outro lado, ela conseguiria encontrá-lo.

Senão, esta coisa toda de morte seria insuportável de enfrentar. A ideia de que poderia estar morrendo e que jamais veria sua amada de novo? Jamais voltar a sentir o cheiro de seus cabelos? Sentir seu toque? Falar a verdade mesmo que ela já soubesse, do quanto a amava?

¹ L.W. se refere a Little Wrath, ou seja, Pequeno Wrath. Preferimos deixar como no original.

Era por tudo isto que a morte era tal tragédia, pensou. Era o grande separador, e às vezes atingia sem aviso, um ladrão cruel roubando as pessoas de seus cursos emocionais que os arruinaria pelo resto de suas vidas...

Merda, e se a Virgem Escriba estivesse errada? Ou tivesse mentido? Ou não fosse tão poderosa?

Subitamente seu pânico recarregou e seus pensamentos começaram a embaralhar, prendendo-o na distância que ultimamente tinha aparecido entre ele e sua *shellan*, distância que tinha subestimado, achando que teria tempo e espaço para corrigir.

Oh, Deus... Mary, disse em sua cabeça. *Mary! Eu te amo!*

Merda. Devia ter falado sobre estas coisas com ela, escavado profundamente para descobrir onde estava o problema, aproximando-os novamente até que estivessem de novo alma-a-alma.

O problema era, percebeu com terror, enquanto o coração finalmente parava de bater em seu peito, tudo o que você desejava ter dito, todas as peças que faltavam de si mesmo que ainda tinha a oferecer, todas as falhas que tinha varrido para baixo do tapete, sob a desculpa da vida ser corrida demais... Aquilo acabava também. O meio do passo, que jamais seria completado, era o pior arrependimento que alguém poderia ter.

Talvez você só não aprendesse isto até que todas as coisas sobre as quais sempre se questionou sobre sua morte realmente acontecesse. E sim, aquelas perguntas que sempre se fez, os comos e porquês, ondes e quandos... Se tornavam malditamente imateriais quando você partia desta existência.

Eles tinham se afastado, ele e Mary.

Ultimamente... Eles perderam um pouco da conexão entre eles.

Ele não queria partir assim...

Luz branca varreu tudo, devorando-o vivo, roubando sua consciência.

O *Fade* tinha vindo até ele. E só podia rezar para que sua Mary Madonna fosse capaz de encontrá-lo do outro lado.

Tinha coisas que precisava desesperadamente dizer a ela.

Vishous reassumiu a forma em um pátio de mármore branco que se abria para um céu leitoso tão vasto e brilhante que não havia sombras lançadas pela fonte no centro ou pela árvore cheia de passarinhos coloridos chilreando mais ao canto.

Os quais silenciaram ao pressentirem seu humor.

— Mãe! — Sua voz entoou, ecoando entre as paredes. — Onde diabos você está!?

Ao avançar, a trilha de sangue que deixou à sua passagem era de um vermelho brilhante e, quando parou à porta que levava aos aposentos particulares da Virgem Escriba, gotas caíram de seu cotovelo e perna em impactos suaves. Quando bateu e chamou novamente o nome dela, salpicos do sangue tingiram a porta branca, como esmalte de unha caindo no chão.

— Foda-se!

Forçando a porta com o ombro, invadiu os aposentos da mãe — só para parar de supetão. Sobre a plataforma de dormir, debaixo de lençóis de cetim branco, a entidade que tinha criado a raça vampírica e também corporeamente gerado ele e sua irmã, estava deitada em absoluta imobilidade e silêncio. Mas não havia forma corpórea nela. Somente uma poça tridimensional de luz que outrora fora tão brilhante quanto o estouro de uma bomba, mas agora era como uma antiquada lamparina com a luz embaçada.

— Você precisa salvá-lo, — Ao cruzar o chão de mármore, Vishous reparou vagamente que o quarto estava vazio, exceto pela cama. Mas quem se importava? — Acorda, porra! Alguém importante está morrendo e você precisa impedir, maldição.

Se ela tivesse um corpo, ele a teria agarrado e forçado a prestar atenção. Mas não havia braços para ele puxar para fora da cama ou ombros para chacoalhar.

Estava a ponto de gritar de novo quando palavras soaram pelo quarto como se viessem de um sistema de som surround.

O que tiver de ser, será.

Como se isto explicasse tudo. Como se ele fosse um cuzão por ter vindo incomodá-la. Como se estivesse desperdiçando o tempo dela.

— Por que nos criou se não liga a mínima?

Exatamente o que te preocupa? O futuro dele ou o seu?

— Do que infernos está falando? — Oh, e sim, sabia que não devia questioná-la, mas foda-se. — O que isto significa?

Será necessário mesmo uma explicação?

Ao cerrar os dentes, V lembrou a si mesmo de que Rhage estava em campo se transformando em um monstro e morrendo daquela encarnação: ficar de bate boca com a querida mamãe não seria o melhor caminho aqui.

— Apenas salve-o, tudo bem? Tire-o daquele teatro de horrores para que possamos operá-lo e eu te deixo aqui para apodrecer em paz...

E isto resolveria o destino dele em que?

Está bem, agora sabia por que os humanos com questões maternas iam àqueles programas que o Lassiter gostava de assistir. Cada vez que V chegava perto desta fêmea, entrava em estado de psicose induzida pelo útero.

— Ele vai continuar respirando, é isto que vai resolver.

O destino vai acabar se cumprindo de outras maneiras.

V imaginou Hollywood escorregando no tapete do banheiro numa queda em casa que o mataria. Ou engasgando com uma coxa de peru. Ou só Deus sabe o que mais poderia matar o irmão.

— Então o mude. Você é poderosa pra cacete. Mude o destino dele agora mesmo.

Houve uma longa pausa e se perguntou se ela não teria caído no sono de novo ou merda do tipo – e cara, ele realmente a odiou. Ela era uma maldita desistente, retirando-se do mundo, isolando-se aqui em cima como uma reclusa rabugenta só por que ninguém mais estava beijando sua bunda do jeito que ela queria.

Que peninha.

Enquanto isto, um dos melhores guerreiros deles, um que era absolutamente indispensável na guarda privada do Rei, estava a ponto de se pirulitar deste planeta. E V era a última pessoa a querer que outra pessoa resolvesse os problemas por ele, mas tinha de tentar salvar Rhage com tudo o que podia, e quem diabos mais tinha este tipo de poder?

— Ele é importante, – V rosnou. — A vida dele é importante.

Pra você.

— Foda-se, isto não é sobre mim. Ele importa ao Rei, à Irmandade, à guerra. Se o perdermos? Teremos um problemão.

Por que não tenta ser honesto?

— Acha que estou preocupado com ele e Mary? Sim. Confesso essa merda também por que neste exato momento você não parece ser capaz sequer de ficar em pé, quanto mais acompanhar uma não-entidade que você arrancou do reino mortal pela travessia até o *Fade* no momento em que ela quiser.

Porra. Agora que tinha falado em voz alta, realmente tinha de se perguntar se aquela coisa alquebrada em cima da cama poderia mesmo cumprir a promessa que fizera no que parecia ser antigamente, mesmo que só tivesse sido há três anos.

Tanta coisa tinha mudado.

Exceto o fato de que ainda odiava qualquer tipo de fraqueza. E continuava a detestar estar na presença da mãe.

Vá embora. Você me cansa.

— Eu te canso. É, por que você tem mesmo tanta coisa pra fazer aqui em cima. Jesus Cristo.

Tudo bem, ela que se fodesse. Ele descobriria outra saída. Outro... Alguma coisa.

Merda, o que mais havia?

Vishous virou-se para a porta que tinha arrombado. A cada passo dado, esperava que ela o chamasse de volta, dissesse algo ou lhe desse uma dor no peito quase tão letal quanto o golpe que derrubara Rhage. Quando ela não chamou, e a porta se fechou mal tinha passado, quase acertando seu traseiro, ele pensou que já devia saber.

Ela não se importava o suficiente nem para cagar nele.

De volta ao pátio, a trilha de sangue que havia deixado sobre o revestimento de mármore era como o destino que tinha seguido por toda a vida, torto e bagunçado, evidenciando a dor que ele totalmente falhava em reconhecer. E sim, queria que a mancha se infiltrasse naquela pedra, como se talvez isto pudesse chamar a atenção dela.

Por falar nisto, por que simplesmente não se jogava no maldito chão com um ataque de birra, como se estivesse nos corredores de uma loja de departamentos, enfurecido por não ganhar um triciclo?

Enquanto ficava parado ali, o silêncio se registrou como se fosse um som. O que era ilógico e precisamente a experiência que ele teve ao perceber o quão verdadeiramente silencioso aquele lugar agora estava. As Escolhidas estavam todas na Terra, aprendendo sobre si mesmas, separadas individualmente, renegando seu papel tradicional de servir à mãe. O mesmo acontecendo com a raça, existindo em tempos modernos onde os velhos ciclos de festivais e costumes eram ignorados, em sua maioria, e as tradições que outrora eram respeitadas, estavam agora à beira do esquecimento.

Bom, pensou. Esperava que ela estivesse se sentindo sozinha e desrespeitada. Ele a queria bem calma e isolada, com seus fiéis mais fervorosos dando-lhe as costas.

Ele a queria ferida.

Ele a queria morta.

Seus olhos foram para os pássaros que tinha trazido para ela e o bando fugiu dele, subindo para outros galhos do outro lado da árvore branca, amontoando-se juntos como se temessem que ele fosse torcer os pescoços deles, um a um.

Aqueles passarinhos tinham sido uma oferta de paz de um filho que jamais havia sido realmente querido, mas também não tinha se comportado muito bem. Sua mãe provavelmente não tinha dirigido a eles mais do que um olhar – e, quem diria, também tinha superado este breve flamejar de uma fraqueza conciliatória, de volta às margens de sua inimizade. Como poderia ser diferente?

A Virgem Escriba não veio a eles quando Wrath fora quase assassinado. Ela não tinha ajudado o Rei a manter sua coroa. Beth quase morreu ao dar à luz e teve de abrir mão de qualquer possibilidade de ter filhos no futuro. Pelo amor de Deus, Selena, uma das Escolhidas da própria Virgem Escriba, tinha acabado de morrer e arrebentar o coração de um maldito macho de valor – e qual foi a resposta? Nada.

E antes de tudo isto? A morte de Wellsie. Os ataques.

E à frente? Qhuinn estava se borrando de preocupação de que Layla morresse dando à luz aos gêmeos. E Rhage estava morrendo ali embaixo no meio da batalha.

Precisava mais?

Girando a cabeça, V olhou para a porta que tinha voltado a se fechar à sua passagem. Ele ficava contente por ela estar sofrendo. E não, não confiava nela.

Ao se desmaterializar de volta para o campo de combate, não tinha absolutamente fé nenhuma de que ela faria o correto para Rhage e Mary. Ele fez uma aposta que tinha perdido ao ir até a mãe, mas com ela aquilo era sempre o que acontecia.

Milagre. Ele precisava da porra de um milagre.

Capítulo CINCO

A água que caía sobre a mão de Mary estava fria, e ainda assim queimava sua pele – provando que lados opostos do termômetro podem coexistir ao mesmo tempo.

A pia do banheiro feminino que estava usando era branca e de porcelana. Seu ralo brilhava e era prateado. À sua frente, um espelho de parede inteira refletia três reservados, todos tinham as portas cor de pêssego fechadas, mas somente um deles estava ocupado.

— Está tudo bem aí? – Disse ela.

Ouviu o barulho da descarga, mesmo que Bitty não tivesse usado.

Mary encarou seu reflexo. É. Ela parecia tão mal quanto se sentia: por algum motivo, nos últimos trinta minutos bolsas escuras se formaram sob as órbitas que pareciam afundadas, e sua pele parecia tão pálida quanto o piso no qual estava pisando.

Por algum motivo? Besteira. Sabia exatamente o motivo.

Eu a matei!

Mary teve de fechar os olhos e fingir recompor-se novamente. Quando abriu os olhos de novo, tentou se lembrar do que estava fazendo. Oh. Certo. Havia uma pequena pilha de toalhas de papel em uma prateleira do tipo entrelaçado e dobrado, e ao avançar para pegar um, respingou os outros de água e pensou consigo mesma que era estranho que Havers, tão meticuloso com a clínica, permitisse tal bagunça. Daí entendeu... O suporte na parede perto da porta estava quebrado, a parte inferior pendurada, frouxa.

Igual a mim, pensou. Cheia de técnica e experiência em ajudar pessoas, mas sem executar meu trabalho direito.

Segure a mão dela. Está tudo bem...

Eu a matei!

— Bitty? — Quando a palavra não saiu mais do que um resmungo, ela pigarreou. — Bitty.

Depois de secar as mãos, virou-se para os reservados.

— Bitty, vou entrar se você não sair.

A garota abriu a porta do meio, e por alguma razão Mary soube que jamais se esqueceria da visão daquela mãozinha fortemente cerrada, sem se abrir, quando ela saiu.

Ela tinha chorado lá dentro. Sozinha. E agora que a garota estava sendo forçada a mostrar o rosto, estava fazendo exatamente o que a própria Mary esteve desesperadamente tentando fazer.

Às vezes a compostura era tudo o que se tinha; dignidade, seu único consolo; a ilusão de “tudo bem” sua única fonte de conforto.

— Aqui, me deixe... — Quando a voz de Mary se apagou, voltou para as toalhas de papel e umedeceu uma na pia que tinha usado. — Isto vai ajudar.

Aproximando-se lentamente da garota, trouxe o papel frio e macio para o rosto corado dela, pressionando-o na pele quente e avermelhada. Enquanto isto, na sua cabeça se desculpava com a Bitty adulta, aquela que ela esperançosamente se tornaria: *Sinto muito ter te feito fazer isto. Não, você não a matou. Quem dera eu tivesse te deixado fazer as coisas do seu jeito e a seu tempo. Sinto muito. Não, você não a matou. Sinto muito.*

Sinto tanto.

Mary ergueu o queixo da garota.

— Bitty...

— O que eles vão fazer com ela agora? Para onde ela vai?

Deus, aquele olhar castanho claro era firme.

— Eles vão levá-la... Bem, eles vão cremá-la.

— O que é isto?

— Eles vão queimar o corpo dela até torná-lo cinzas, para o rito de passagem.

— Vai doer?

Mary pigarreou de novo.

— Não, querida. Ela não vai sentir nada. Está livre... Ela está no *Fade* esperando por você.

O lado bom era que ao menos isto Mary sabia ser verdade. Mesmo tendo sido criada católica, ela própria tinha visto a Virgem Escriba, então não, não estava dando à garota falsas esperanças. Para os vampiros existia mesmo um paraíso, e eles real e verdadeiramente encontravam seus entes queridos lá.

Diabos, talvez isto também fosse verdade para os humanos, mas a magia era muito menos visível no mundo deles; desta forma, a salvação eterna era muito mais difícil de ser vendida ao humano comum.

Afastando a toalha de papel, Mary recuou um passo.

— Eu gostaria de voltar ao Lugar Seguro agora, tudo bem? Não há mais nada que a gente possa fazer aqui e já está quase amanhecendo.

A última frase saiu só por hábito, ela achava. Como uma pré-trans, Bitty era capaz de tolerar qualquer quantidade de luz do sol. E a verdade real era que só queria levar a garota para longe de toda a morte dali.

— Tudo bem? – Mary repetiu.

— Não quero deixá-la.

Em qualquer outra circunstância, Mary teria se abaixado e gentilmente exposto um pouco do que ia ser o mundo novo de Bitty. A realidade horrorosa era que não havia mais mãe para deixar para trás, e tirar a garota deste ambiente

clínico onde pacientes estavam sendo tratados, às vezes em situações terríveis, era inteiramente apropriado.

Eu a matei.

Em vez disto, Mary disse.

— Está bem, podemos ficar o quanto você quiser.

Bitty anuiu e foi até a porta que levava ao corredor. Parada diante da porta fechada, seu vestido tremendamente gasto parecia a ponto de se desmanchar de sua figura magra, seu feio casaco preto parecia um cobertor jogado de qualquer jeito ao seu redor, seus cabelos castanhos despontados arrepiavam contra o tecido.

— Eu realmente queria...

— O que? – Sussurrou Mary.

— Eu queria voltar a antes. À hora que eu acordei hoje.

— Eu também queria que fosse possível.

Bitty olhou por cima do ombro.

— Por que não pode voltar? É tão estranho. Digo, consigo lembrar tudo dela. É como... É como se minhas lembranças fossem um quarto no qual eu pudesse entrar. Ou algo assim.

Mary franziu o cenho, pensando que aquela era uma maneira muito madura de se expressar para alguém daquela idade.

Mas antes que pudesse responder a garota abriu a porta, claramente não interessada em uma resposta – e talvez isto fosse uma coisa boa. Que infernos se podia responder diante aquilo?

No corredor, Mary quis pousar a mão sobre aquele ombro pequeno, mas se segurou. A garota era tão fechada, do mesmo modo que um livro seria no meio de

uma biblioteca ou uma boneca em uma fila de colecionáveis, e era difícil forçar a quebrar aquelas fronteiras.

Especialmente quando, como uma terapeuta, você mesma já estava se sentindo muito desequilibrada em seu papel de profissional.

— Para onde vamos? — Bitty perguntou quando duas enfermeiras passaram por elas.

Mary olhou ao redor. Elas ainda estavam na área da UTI, mas a alguma distância de onde a mãe de Bitty tinha morrido.

— Podemos procurar uma sala para nos sentar.

A garota parou.

— Nós não vamos poder vê-la de novo, vamos?

— Não.

— Acho que é melhor a gente voltar.

— O que você quiser.

Cinco minutos depois estavam no Volvo indo para o Lugar Seguro. Ao guiá-las pela ponte, Mary voltou a olhar pelo retrovisor, verificando Bitty a cada cinquenta metros. No silêncio, ela se pegou novamente a desfiar um cordão de desculpas em sua mente... Por ter dado um conselho ruim, por colocar a garota na posição de mais sofrimento. Mas toda aquela comisseração era auto-infligida, uma busca por absolvição pessoal, totalmente injusta com a paciente, especialmente uma tão jovem.

Este pesadelo profissional era algo que Mary teria de superar sozinha.

Uma entrada na I-87 apareceu assim que chegaram ao lado do centro, após a ponte, e a seta soou alto no interior do utilitário. Dirigindo-se para o norte, Mary permaneceu no limite de velocidade e foi ultrapassada por alguns caminhões fazendo oitenta em uma pista de sessenta e cinco. De vez em quando, sinais luminosos indicando áreas de ultrapassagem piscavam acima delas em um ritmo

que nunca demorava, e o pouco tráfego local era diminuído ainda mais enquanto elas prosseguiam.

Quando chegassem, Mary decidiu que tentaria dar algo para a garota comer. Bitty tinha perdido a Primeira Refeição e devia estar morrendo de fome. Então talvez um filme até o amanhecer, algo calmo. O trauma era tão recente, e não só o fato de perder a mãe. O que tinha acontecido lá no Havers devia ter trazido à tona tudo o que tinha acontecido antes – os abusos em casa, o resgate onde Rhage, V e Butch mataram o pai para salvar Bitty e a mãe, a descoberta que a mãe estava grávida, a perda do bebê, os meses que se arrastaram depois, onde Annalye jamais se recuperara totalmente...

— Sra. Luce?

— Sim? — Oh, Deus, por favor, pergunte algo que eu possa responder decentemente. — Sim, Bitty?

— Para onde estamos indo?

Mary olhou para a placa na estrada. Dizia “Saída 19 Glen Falls”.

— Desculpe? Estamos indo para casa. Devemos chegar lá em quinze minutos.

— Achei que o Lugar Seguro não era tão longe.

— O q...?

Oh, Deus.

Estava indo na direção da maldita mansão.

— Oh, Bitty, desculpe. — Mary meneou a cabeça. — Eu acho que confundi as saídas. Eu...

Onde estava com a cabeça?

Bem, ela sabia a resposta... Todas as hipóteses que vinha imaginando em sua cabeça sobre o que fariam quando saíssem do carro eram coisas que envolviam o

lugar onde Mary morava com Rhage, o Rei, os Irmãos, os guerreiros e suas companheiras.

Onde *infernus* estava com a cabeça?

Mary pegou a saída 19, desceu a rodovia e voltou a seguir para o sul. Cara, não estava dando uma dentro esta noite, estava?

Pelo menos as coisas não poderiam piorar.

De volta ao Internato para Garotas Bownswick, Assail, filho de Assail, ouviu o rugido mesmo através da sobrecarga sensorial da batalha.

Apesar do caos de todos os tiros, dos xingamentos e das loucas corridas de cobertura a cobertura, o som trovejante que rolava pelo campus abandonado era o tipo de coisa que chamava a atenção.

Ao se virar, manteve o dedo no gatilho da automática, continuando a descarga de balas adiante, certamente em uma fila de mortos-vivos...

Por uma fração de segundo, parou de atirar.

Seu cérebro simplesmente não conseguia processar o que os olhos sugeriam que tinha magicamente aparecido a cinquenta metros à sua frente. Era... Algum tipo de criatura parecida com um dragão, coberta de escamas roxas, cauda serrilhada e uma boca arreganhada cheia de dentes de T. Rex. O monstro pré-histórico tinha bem a altura de dois andares, comprido como um trailer, e rápido como um crocodilo ao avançar para atacar qualquer coisa que se mexesse...

Queda livre.

Sem aviso, seu corpo voou adiante, e uma dor se espalhou pela frente de sua perna e rasgou até seu tornozelo. Girando em meio ao ar, caiu de cara na grama

alta... E uma respiração depois, o assassino parcialmente ferido que o tinha atingido com uma faca caiu em cima de seu peito, aquela lâmina arqueando pelo seu ombro, os lábios curvados em um esgar enquanto o sangue preto derramava em Assail inteiro.

Certo, foda-se, cara.

Assail agarrou um punhado do cabelo ainda castanho, enfiou o cano da arma naquela boca arreganhada e apertou o gatilho, explodindo a parte de trás do crânio, incapacitando o corpo de forma que caiu em cima dele como um peso morto agitado. Chutando o corpo que se contorcia para tirá-lo de cima, voltou a se levantar.

E se viu diretamente diante da fera.

Seus movimentos para se levantar chamaram a atenção, os olhos do dragão se fixaram nele, estreitados em fendas. Então, com outro rugido a criatura veio em direção à ele fazendo o chão tremer, esmagando os assassinos sob suas massivas patas traseiras, as garras da frente encurvadas para cima e prontas para o ataque.

— *Porra!*

Assail jogou-se para frente, não mais preocupado onde mirava a arma e absolutamente despreocupado com o fato de que agora corria para a fileira avançada de *lessers*. O lado bom? A fera cuidou daquele probleminha. Os assassinos lançaram igualmente um olhar para aquela criatura dos infernos vindo em direção a eles e dispersaram como folhas sob o vento de outono.

Naturalmente, não havia nada diretamente adiante que provesse nenhuma cobertura. Por azar, sua rota de fuga não oferecia nada além de arbustos e grama, sem nenhuma proteção significativa. A construção mais próxima? Estava a duzentos metros de distância. Pelo menos.

Praguejando, correu mais rápido, abusando dos músculos de suas pernas, buscando mais e mais velocidade.

Era uma corrida que a fera estava fadada a vencer – uma vitória inevitável quando um par de pernas que mal cobria um metro e meio a cada passo, tentava vencer um par de pernas que podia cobrir vinte e cinco em um único passo. A cada segundo, aquele som ficava mais alto e mais perto, até que jatos quentes de respiração atingiram as costas de Assail, esquentando-o, apesar do frio.

O medo inundou o seu núcleo.

Mas não havia tempo para tentar dominar o pânico que invadiu sua mente. Um grande rugido explodiu na sua direção, a força do som tão grande que o empurrou adiante, provendo um jorro de ar fedorento que o enojou. Merda, sua única chance era...

A mordida veio depois do grande rugido, aqueles maxilares estalando tão perto da nuca de Assail que ele se encolheu, mesmo que isto diminuísse sua velocidade. Mas era tarde demais para se salvar. Transportado pelo ar. Ele foi erguido, arrancado do chão em meio a um passo – só que, por que não doía mais?

Certamente se a fera o tivesse agarrado pelos ombros ou pelo torso, ele teria sido rasgado – não, espere, ela o pegou pela jaqueta. A coisa o agarrou pela jaqueta de couro, não pela carne, e uma faixa de constrição cortava pelo seu peito e erguia-o pelas axilas, as pernas flutuavam, a arma disparava enquanto ele cerrava as mãos em punhos. Abaixo dele, a paisagem girava como se estivesse em uma gangorra, os *lessers* restantes, os irmãos lutando, os arbustos muito crescidos e as árvores balançavam ao redor dele como se estivesse sendo chacoalhado.

A porra da coisa ia devorá-lo. Esta baboseira sem sentido era só para amaciar a carne.

Maldito fosse ele, era o equivalente vampírico a uma asa de frango.

Não havia tempo. Soltou a arma e tateou em busca do zíper em sua garganta. O movimento balançante tornou seu pequeno alvo rápido como um rato, escorregadio como mármore, estilo agulha em palheiro para suas mãos trêmulas e escorregadias, e as pontas dos dedos suadas.

O próprio aperto da fera foi o que o ajudou.

Com aqueles dentes travados nas costas da jaqueta, o couro não conseguiu suportar seu peso e ele caiu, despencando das presas, o chão duro se apressando para recebê-lo. Encolhendo-se e rolando, procurando não quebrar nada, no entanto, pousou num monte de entulho.

Direto de ombro.

O estalar foi algo que se registrou pelo seu corpo todo, deixando-o tão inútil quanto um bebê indefeso, sem fôlego, a vista embaçada. Mas não havia tempo se quisesse viver. Virando-se, ele...

Pop! Pop! Pop! Pop! Pop! BUM!

Seus primos surgiram do nada, correndo como se estivessem sendo perseguidos quando de fato não estavam. Ehric tinha duas automáticas em riste e atirando... E Evale tinha uma metralhadora sobre os ombros.

Aquele era o BUM!

A arma era de fato uma metralhadora de verdade, uma enorme arma de fogo que tinha sobrado do tempo do Raj na Índia. Evale, o bastardo agressivo, há muito parecia ter fixação pela coisa de uma maneira nada natural, estilo “meu precioso”.

Graças aos Destinos pelas preocupações nada saudáveis.

Aquelas balas calibre quarenta não tinham efeito nenhum sobre a fera, ricocheteando pelas escamas roxas como ervilhas jogadas na lataria de um carro. Mas a carga de chumbo da metralhadora resultou em um uivo de dor e a fez recuar.

Era a única oportunidade de Assail escapar.

Fechando os olhos, ele se concentrou, concentrou, concentrou...

Não dava para se desmaterializar. Muita adrenalina além de muita cocaína, junto com muita dor em seu ombro, pra piorar.

E a fera voltou ao ataque, voltando a se concentrar em Assail e lhe dando o equivalente dragão de um foda-se na forma de um enorme rugido...

A imensa arma disparou uma segunda vez, atingindo a coisa no peito.

— Corra! — Ehric gritou enquanto recarregava suas armas calibre 40 com invólucros saltando pela parte de trás das pequenas armas. — Levante-se!

Assail usou o braço bom para apoiar e levantar do chão, e suas pernas voltaram a funcionar com desenvoltura admirável. Segurando o braço ferido contra o peito, arrastou-se o mais rápido que pôde, com os restos de sua jaqueta esvoaçando, o estômago embrulhado, o coração disparado.

BUM!

Por todo canto, em toda parte — ele tinha de chegar a qualquer porra de abrigo — e rápido. Que pena seu corpo não obedecer. Mesmo enquanto seu cérebro gritava por velocidade, tudo o que conseguia fazer era cambalear como um zumbi...

Alguém o pegou por trás, erguendo-o do chão em um saco de batatas, jogando-o por cima do ombro como um bombeiro. Enquanto caía em posição de cabeça pra baixo, vomitou de agonia com estrelas espocando em seus olhos, enquanto o estômago esvaziava com violência. As boas novas eram que ele não comia há doze ou quinze horas àquela altura, então não sujou muito a perna da calça do primo.

Ele queria ajudar no esforço. Queria se levantar. Queria...

Arbustos o golpearam no rosto e cerrou os olhos para se proteger. Sangue começou a fluir e encheu seu nariz. Seu ombro doía cada vez mais. A pressão em sua cabeça ficou insuportável, fazendo-o pensar em pneus muito cheios, bagagens superlotadas, balões de água que estourava e derramava seu conteúdo por todo canto.

Graças a Deus pelos primos. Eles jamais o abandonavam.

Não podia se esquecer de recompensá-los de alguma maneira.

O galpão parecia galopar na direção deles, e da posição privilegiada – de ponta cabeça – que Assail estava, a coisa parecia se pendurar da terra ao invés de estar plantada em cima dela. Tijolos. Mesmo com os solavancos e a escuridão dava para perceber que o abrigo era de tijolos.

Era de se esperar que fosse uma construção resistente.

Seu primo arrombou a porta e o ar dentro era úmido e mofado.

Sem aviso, Assail foi largado como o lixo que era e caiu em um chão empoeirado com uma queda que o fez ter ânsia de vômito de novo. A porta se fechou e então tudo o que ouviu foi a respiração pesada do primo. E a sua.

E os sons abafados da batalha.

Houve um súbito brilho de luz alaranjada.

Pela névoa de sua dor, Assail franziu o cenho... E então recuou. O rosto se iluminou quando um cigarro enrolado a mão foi aceso, mas não de era nenhum de seus primos.

— O quanto seu ferimento é grave? — O Irmão da Adaga Negra, Vishous, perguntou ao exalar a fumaça mais deliciosa.

— Foi você?

— Não, foi o Papai Noel.

— Que salvador improvável é você, — Assail fez uma careta e limpou a boca na manga da jaqueta. — E sinto muito por suas calças.

V olhou para si mesmo.

— Tem algo contra couro preto?

— Eu vomitei atrás delas...

— Merda!

— Bem, dá pra limpar...

— Não, cuzão, ela está vindo para cá, — V indicou a janela suja. — Maldição.

De fato, à distância, o retumbante som trovejante dos passos do dragão soou de novo, como uma tempestade se formando e vindo na direção deles.

Assail se agitou ao redor procurando algum lugar para se esconder. Um armário. Um banheiro. Um sótão. Nada. O interior estava vazio, exceto por duas pilhas até o teto de entulhos de mais de uma década. Graças à Virgem Escriba o abrigo parecia ser tijolo firme e mais provável de aguentar...

O teto foi erguido e despedaçado de uma só vez, os pedaços chovendo, as telhas e o concreto caindo no chão como se o abrigo estivesse anunciando sua própria morte com uma rodada de aplausos. O ar fresco da noite amenizou o cheiro mofado, mas isto dificilmente era um alívio, dado o que havia precipitado o acesso.

A fera não era vegetariana, fato. Mas também não parecia preocupada pela sua absorção de fibras: a coisa cuspiu aquele telhado de madeira para o lado, abaixou-se e abriu sua bocarra, emitindo um *bum* sônico de rugido.

Não havia para onde correr. A criatura estava montada sobre o prédio, preparada para atacar o que havia se tornado sua lancheira. Não havia lugar algum para se abrigar. Nenhuma defesa possível a tentar.

— Vá, — Assail disse ao Irmão quando aqueles grandes olhos reptilianos se estreitaram e o focinho explodiu um bafo tão quente e fétido quanto um Lixão no verão. — Me dê sua arma. Eu vou distraí-lo.

— Não vou te deixar.

— Não sou um dos seus irmãos.

— Você nos deu a localização deles. Entregou a cabeça do *Fore-lesser*. Não vou te largar aqui, seu bundão.

— Quanta educação. E esses elogios. Pare.

Quando a fera soltou outro rugido e jogou a cabeça como se preparada para brincar um pouco com eles antes de devorá-los, Assail pensou em seu negócio de drogas... Seu vício em cocaína...

A fêmea humana por quem tinha se apaixonado e a quem precisou deixar ir embora. Por que ela não conseguiria lidar com seu estilo de vida e ele estava muito preso a isso para parar, mesmo por ela.

Ele meneou a cabeça para o Irmão.

— Não, não valho a pena salvar. Dá a porra do fora daqui.

Capítulo SEIS

Sopa de frango e estrelinhas da Campbell.

Enquanto Mary se debruçava sobre o fogão na cozinha principal do Lugar Seguro, ela mexia a sopa sem parar com uma colher de inox, observando as estrelas de massas quase inchadas girando com os quadrados de carne branca e fatias de cenoura. A panela era a menor que tinham na casa. O caldo era amarelo, e o cheiro doce a lembrou das doenças simples que teve quando era criança... Constipações, gripes, streptococos.

Coisas mais fáceis do que o câncer.

Ou a Esclerose Múltipla que tinha levado sua mãe.

A tigela em que despejou as coisas era creme com anéis concêntricos amarelos na borda. Ela pegou uma nova colher da gaveta e deu a volta no balcão em direção à grande mesa de madeira.

— Aqui, — Ela disse para Bitty. — E vou te dar alguns Saltines.

Como se essa tragédia fosse algo que você pudesse superar em vinte e quatro horas, se fosse apenas hidratado suficiente?

Bem, pelo menos uma refeição simples como esta não era suscetível de sair pela culatra. E tão logo Bitty tivesse comido, Mary iria encontrar outro membro do pessoal para atender a menina e, em seguida, obter algum aconselhamento para si mesma.

Quando voltou da despensa com o pacote de biscoitos, Bitty estava experimentando a sopa e Mary sentou-se do outro lado da mesa para não ficar em cima da menina.

A embalagem plástica se recusou a cooperar e Mary a abriu com força, derramando Saltines e grãos de sal sobre a madeira.

— Droga.

Ela comeu um... E então percebeu que não teve qualquer alimento há algum tempo e estava com fome também...

— Meu tio virá me buscar.

Mary congelou no meio da mastigação.

— O que você disse?

— Meu tio, – Bitty não olhou pra cima, apenas continuou movendo a colher através da sopa fumegante. — Ele virá me buscar. Vai me levar pra casa.

Mary retomou a coisa toda da mastigação, mas sua boca era como um misturador de cimento tentando processar cascalho.

— Sério?

— Sim.

Com mãos cuidadosas, Mary recolheu as bolachas espalhadas, empilhando-as em grupos de quatro.

— Eu não sabia que você tinha um tio.

— Eu tenho.

— Onde ele mora?

— Não em Caldwell, – Bitty tomou outra colher e colocou-a na boca. — Mas ele sabe como chegar aqui. Todo mundo sabe onde fica Caldwell.

— Ele é o Irmão de sua *mahmen*?

— Sim.

Mary fechou os olhos. Annalye nunca mencionou nenhum parente. Não tinha divulgado isso na ficha ou nominado um parente mais próximo. E a mulher teve conhecimento de que sua condição estava deteriorando, então se houvesse

um Irmão em algum lugar, certamente teria contado sobre ele para alguém e isso teria ido para seu arquivo.

— Gostaria que eu tentasse entrar em contato com ele pra você? — Perguntou Mary. — Sabe onde ele mora?

— Não, — Bitty olhou para sua sopa. — Mas ele virá me buscar. Isso é o que a família faz. Eu li naquele livro.

Mary tinha uma vaga lembrança de um livro infantil sobre os diferentes tipos de família: biológica, adotiva, avós, bem como aqueles que resultavam a partir de doadores de esperma, óvulos doadores, fertilização in vitro. O ponto era, não importa como eles surgiram ou com que se parecessem, em cada caso, todo mundo tinha uma unidade, com um monte de amor em torno deles.

— Bitty.

— Sim?

O celular de Mary começou a vibrar no bolso do casaco que ela ainda não tinha tirado e ficou tentada a deixar quem quer que fosse ir para o correio de voz. Exceto pelo que os Irmãos estavam fazendo esta noite com aquele ataque enorme?

Quando tirou seu celular pra fora e viu quem era, pensou, oh Deus.

— Butch? Olá?

Houve interferência na conexão. Vento? Vozes?

— Olá. — Ela disse mais alto.

— ... Indo pegar você.

— O quê? — Ela levantou-se da cadeira. — O que você está dizendo?

— Fritz, — O Irmão gritou. — Indo pegar você! Nós precisamos de você aqui fora!

Ela amaldiçoou.

— Quanto é ruim?

— Fora de controle.

— Merda. — Ela suspirou. — Eu vou sair rápido. Poupar tempo.

Houve uma série de estouros, alguns xingamentos e depois então distorção, como se Butch estivesse correndo.

— ... Escreva a localização. Rápido!

Quando a ligação foi cortada, ela olhou para a menina e tentou não soar tão em pânico quanto estava.

— Bitty, eu sinto muito. Tenho que ir.

Aqueles olhos castanhos claros levantaram para os dela.

— O que há de errado?

— Nada. Eu só... Vou trazer Rhym pra você. Ela vai sentar aqui e talvez vocês duas possam ter uma sobremesa?

— Estou bem. Estou indo para cima e embalar minhas coisas, então estou pronta para meu tio.

Mary sacudiu a cabeça.

— Bitty, antes de fazer isso, não seria melhor que você e eu devêssemos tentar encontrá-lo primeiro?

— Está tudo bem. Ele sabe sobre mim.

Estabilizando a respiração. Por muitos motivos.

— Vou passar mais tarde e ver como você está indo.

— Obrigada pela sopa.

Quando a menina voltou a comer, ela não pareceu se importar com quem estava em torno dela ou não, como de costume.

E foi com uma dor de cabeça martelando que Mary foi numa rápida busca da supervisora de admissão, que estava fazendo trabalho dobrado por que uma das outras assistentes sociais estava fora em licença maternidade. Depois de explicar a Rhym tudo o que tinha acontecido, Mary decolou em uma corrida deixando a casa e saltou para o Volvo.

A antiga Escola Brownswick para meninas ficava a cerca de dez minutos de carro. Ela fez isso em sete, disparando pelas estradas, esquivando-se em torno dos desenvolvimentos suburbanos, passando rapidamente pelos sinais amarelos e vermelhos. O SUV não foi construído para esse tipo de treinamento, o caixão quadrado, pesado, balançando pra lá e pra cá, mas não se importava. E merda, parecia que ela nunca chegaria ao limite do campus abandonado.

Pegando seu telefone, desacelerou e olhou suas mensagens de texto.

Lendo em voz alta, ela falou:

— Contorne os portões principais... Dê a volta... Merda!

Algo disparou para a rua, a figura movendo-se como uma boneca de trapo e tropeçando diretamente na frente do seu carro. Pisando nos freios, ela atingiu o homem... Não, era um *lesser*: o sangue que salpicou pelo pára-brisa era negro como tinta e a coisa decolou mais uma vez, embora um de seus pés parecesse quebrado.

Com o coração acelerado, engoliu em seco e socou o acelerador novamente, com medo de que houvesse outros por trás dele, mas ainda mais aterrorizada por tudo o que estava acontecendo com Rhage. Reverificando seu celular, ela seguiu as direções rodeando os fundos da escola para a rua de mão única que a levou para dentro da bagunça desgrenhada de uma paisagem.

Bem quando se perguntava onde diabos deveria ir a partir dali, a pergunta foi respondida.

Do outro lado do prado, a besta se destacava entre os prédios abandonados como algo saído de um filme do canal SyFy. Alto o suficiente para alcançar os

telhados, grande o suficiente para deixar anão mesmo um dormitório, como um tigre brincando com uma refeição, a coisa estava em modo de ataque total.

Arrancando o telhado de um galpão com seus dentes.

Ela não se incomodou em desligar o motor.

Mary jogou o Volvo no parque e saltou pra fora. No fundo de sua mente, estava ciente de que o desigual pop-pop-pop no fundo eram balas voando, mas não se preocuparia com isso. Sobre o que ela estava em pânico?

Quem diabos estava naquele prédio.

Enquanto corria na direção do dragão, colocou dois dedos na boca e soprou com força.

O assobio era estridente, alto como um grito... E não fez nenhuma impressão afinal, enquanto as telhas da estrutura de tijolos eram cuspidas para um lado.

O rugido que se seguiu foi algo que ela conhecia muito bem. O animal estava pronto para sua feliz refeição, e toda aquela coisa de arranca-vigas era sua maneira de entrar no prédio.

Mary tropeçou em alguma coisa, oh, Deus, era um *lesser* que estava sem um braço... E continuou, assoprando outro assobio. E uma terceira vez...

A besta congelou, seus flancos bombeando dentro e fora, tons de roxo piscando na escuridão como se a coisa fosse iluminada por dentro por uma fonte elétrica.

O quarto assobio fez a cabeça da besta virar ao redor.

Retardando sua corrida, Mary levou as mãos à boca.

— Venha aqui! Venha, garoto!

Como se o animal fosse apenas o maior cão do mundo.

O dragão soltou um pff e depois soprou pelas narinas, o som algo entre um folgado abafado por uma almofada e um motor a jato decolando.

— Venha cá você! — Ela disse. — Deixe isso. Não é seu.

A besta voltou a olhar para o que eram agora apenas quatro paredes de tijolos e não muito mais, e um grunhido ondulado saiu dos lábios negros de dentes irregulares que teria dado uma grande insegurança a um creme dental branco. Mas, como um pastor alemão chamado para sentar aos pés do treinador, a maldição de Rhage se afastou de seu trabalho de desconstrução e pulou para ela.

Enquanto o dragão vinha através das ervas daninhas e espinheiros, seu grande peso sacudia o chão tão fortemente que Mary teve que estender os braços para se equilibrar.

Mas por incrível que pareça, a coisa estava sorrindo para ela, sua face horrível transformada por uma alegria que não teria acreditado se não tivesse visto isso cada vez que estava perto do monstro.

Esticando as mãos para cima, ela cumprimentou aquela grande cabeça caída com palavras suaves de elogios, colocando a palma da mão em sua bochecha redonda, deixando-o respirar o cheiro dela e ouvir sua voz. Em sua visão periférica, viu duas pessoas saírem do prédio destruído... Certificando-se que um deles tinha o corpo saudável e correndo muito, e outro estava em cima de um ombro forte, obviamente ferido.

Ela não teve coragem de olhar diretamente para ver quem era. A melhor chance deles era sua ligação com a maldição... E era estranho. Tão feio como a coisa era, tão terrível e mortal quanto poderia ser... Ela sentia um amor duradouro aquecer seu corpo. Seu Rhage estava lá, em algum lugar, preso sob as camadas de músculos e escamas e percepção de terceiros, mas mais do que isso, ela adorava a besta também...

Os tiros vieram da direita e, por instinto, gritou e abaixou-se para cobrir a cabeça.

O dragão assumiu dali em diante, girando na direção dos atiradores, ao mesmo tempo conseguiu embrulhar sua cauda em torno de Mary e guardá-la contra seu flanco. E então eles estavam em movimento. O passeio foi áspero,

como um touro mecânico que sofre de surtos de energia, e ela se agarrou a um dos espinhos maiores por sua querida vida.

Graças a Deus por aquela saliência óssea. Por que o que aconteceu em seguida envolveu um monte de Danças e Gritos.

Primeiro houve gritos. Terríveis, gritos de pesadelo que teve que tapar os ouvidos para bloquear; exceto que não se atreveu a largar com risco de ser jogada livre...

Pra cima e pra frente...

Um *lesser*, que estava vazando como uma peneira, saiu voando sobre o dorso da besta e sangue negro bateu em Mary como uma chuva de mau cheiro. A coisa aterrissou num monte quebrado e o perseguidor que seguia um segundo *lesser*, que também estava sobre os ombros, bateu no primeiro como uma pedra.

Oh... Veja. Sem cabeça. Onde estava aquilo...

Algo que era vagamente redondo e tinha um rosto de um lado e uma cabeleira loira no outro lado através da grama crescida que tinha sido achatada sob as enormes patas traseiras do dragão... Patas... Garras... Tanto faz.

A fera a mantinha junto para o passeio para o resto da diversão e jogos. Falando de uma refeição saudável. Em seu rastro, braços e pernas, mais cabeças – raramente um torso, por que isso era provavelmente bom de comer – cobriam o chão. Felizmente nada parecia ser um Irmão ou um lutador, mas oh, Deus, o cheiro. Ela ia ter que higienizar seu nariz por um mês depois disso.

Justo quando estava perdendo a noção do tempo, no exato momento em que não tinha certeza se podia aguentar por muito mais tempo, o ímpeto do animal diminuiu a velocidade e parou. A sua cabeça grande balançou pra esquerda e pra direita. Seu corpo deu a volta. Mais uma busca.

A paisagem parecia vazia de qualquer coisa que se movesse, estático, prédios decadentes, árvores sem folhas e sombras escuras que permaneciam onde quer que olhasse. Os Irmãos ainda tinham de estar no campus; de maneira nenhuma que iriam embora sem Rhage. Mas sem dúvida eles estavam assistindo o grande

dragão por trás de uma boa cobertura. E, assim com os *lessers*? O saldo do inimigo deve ter caído fora, sendo incapacitado ou ter sido comido.

O ataque maciço parecia ser mais...

Querido Deus, a carnificina deixada para trás. Como eles iam limpar isto? Deviam haver uns cem *lessers* no retorcido chão, mesmo se eles estivessem apenas em pedaços.

Mary acariciou a palma da mão na base grossa da cauda.

— Obrigado por me manter segura. Pode me descer agora.

A besta não estava tão confiante quanto ela estava e continuou a examinar a cena da batalha, os músculos dos seus ombros se contraindo, aquelas enormes patas traseiras tensas e prontas para saltar. Nuvens de vapor do hálito quente saindo de suas narinas, queimando no ar frio da noite como parte do show de um mágico.

— Está tudo bem. — Disse ela, acariciando aquelas escamas.

Engraçado, teria pensado que as coisas seriam ásperas, mas eram suaves e flexíveis, um fino entrelaçamento de camadas que mudava com os movimentos do dragão e mostrava todas as cores do arco-íris em cima de uma base roxa.

— Realmente está tudo bem.

Depois de um momento, a cauda da besta desenrolou e ela desceu para o chão.

Puxando seu casaco e suas roupas de volta no lugar, ela olhou ao redor.

Em seguida, colocou as mãos nos quadris e olhou para cima.

— Ok, garotão, você fez um ótimo trabalho. Obrigada... Estou orgulhosa de você. — Quando a coisa orgulhosa abaixou a cabeça, ela acariciou o focinho. — É hora de ir, apesar de tudo. Você pode deixar o Rhage voltar?

Aquela grande cabeça foi lançada no ar, o sangue negro dos *lessers* que tinha consumido piscando como um revestimento oleoso abaixo da garganta e no peito. Estalando as mandíbulas duas vezes, os dentes e presas travando com um som como dois SUVs batendo um no outro, grelha a grelha. O rugido que veio a seguir foi de protesto.

— Está tudo bem, — Ela murmurou enquanto permanecia em pé. — Eu te amo.

A besta abaixou o focinho e assoprou para fora o ar úmido.

E então bem desse jeito, seu corpo entrou em colapso, um castelo de areia caído com uma onda, uma estatueta de cera aquecida dissolvida em uma poça. Em seu lugar, Rhage apareceu de cara no chão, sua enorme tatuagem de volta enrolando-se à sua volta, suas pernas nuas dobradas como se seu estômago já o incomodasse.

— Rhage, — Ela disse quando se agachou ao lado dele. — Você está de volta, meu amor.

Quando não houve resposta, nem mesmo um gemido de “vou vomitar”, ela franziu a testa.

— Rhage...?

Quando colocou a mão no ombro dele, a imagem tatuada do dragão em sua pele ganhou vida, deslocando-se de modo que sua cabeça estava sob o toque dela.

— Rhage? — Ela repetiu.

Por que ele não estava se movendo? Normalmente ficaria desorientado e com dor, mas sempre se virava para ela, assim como a tatuagem da besta fez, buscando cegamente sua voz, seu toque, sua conexão.

— Rhage.

Alcançando a parte superior do braço, colocou toda sua força para puxá-lo mais plano contra o chão.

— Oh Deus...!

Havia sangue vermelho no peito. No meio de todas as manchas negras que a besta tinha consumido, havia uma fonte de sangue vermelho muito real, muito terrível e de grande expansão no centro de seu torso.

— Socorro! — Ela gritou para a paisagem. — Socorro!

Os Irmãos já estavam vindo de todas as direções, abandonando seus esconderijos, correndo através do campo de batalha que estava cheio de *lessers* mutilados. E à direita em seus calcanhares, como um farol de um Deus benevolente, vinha a unidade móvel e cirúrgica de Manny — o trailer-ambulância se dirigia para eles com o bom pé pesado do médico no acelerador.

Mary avistou Vishous na multidão por causa de sua experiência em resgate médico.

— Você precisa ajudá-lo!

Aquela mancha vermelha... Estava à direita no esterno do Rhage.

E seu *hellren* tinha um coração forte, mas não era impenetrável.

O que tinha acontecido?

Capítulo SETE

Vishous foi o primeiro a chegar no Rhage enquanto o irmão ressurgia da carne do dragão... e merda, foi de pré-besta má a pós-maldição pior. O cara não estava se movendo, não estava respondendo nem à sua *shellan*. Sua coloração era cinzenta como uma lápide de granito e havia um monte de sangue vermelho.

O que era apenas a ponta do iceberg. A verdadeira questão era quanto devia ter dentro daquela cavidade torácica.

— Ajude-me! — Mary disse enquanto colocava as mãos sobre a ferida e empurrava para baixo como se estivesse tentando conter o vazamento. — Ajude-o, oh, Deus, V...

O bom era que a unidade cirúrgica pisou nos freios e Jane tinha vindo com Manny, tendo se transferido através de seu próprio veículo. Assim que os cirurgiões bateram as portas da frente do trailer, ambos os médicos atingiram o chão correndo com mochilas pretas cheias de equipamentos médicos.

— Eles estão aqui — V disse. Não que o par pudesse fazer muita coisa.

— Será que ele foi baleado? Eu acho que ele foi baleado. Oh Deus...

— Eu sei, venha aqui. Deixe-os olharem...

Mary sacudiu a cabeça e lutou contra ser puxada para trás.

— Ele está morrendo...

— Dê-lhes algum espaço para trabalhar. Vamos.

Porra, isso era culpa dele. Se não tivesse confrontado... Mas que porra. A visão tinha sido o que tinha que ser, e era exatamente isso aqui e agora: Rhage de costas no chão nu, seu sangue por toda parte, V segurando Mary enquanto ela puxava e chorava.

— Um único tiro. — V anunciou. — Provável hemorragia cardíaca com tamponamento e derrame pleural.

Deus, queria que pudesse cobrir os ouvidos de Mary quando falou, mas como se ela já não soubesse o que era!

Os médicos não desperdiçaram um segundo, verificando sinais vitais enquanto Ehlena saltava para os fundos do trailer trazendo a maca com ela.

Vishous captou o olhar de sua companheira enquanto Jane escutava os sons cardíacos de Rhage, e quando ela balançou a cabeça ele soube, sem quaisquer outras palavras, que tudo o que tinha adivinhado era verdade.

Merda.

— O que eles estão fazendo? — Mary balbuciou contra ele. — O que eles vão fazer?

V abraçou a fêmea mais apertado enquanto ela continuava a murmurar em seu ombro, a cabeça virando em direção a seu companheiro.

— Eles estão indo ajudá-lo, certo? Estão indo consertá-lo... Certo?

Jane e Manny começaram a falar em linguagem médica, e quando Vishous pegou a essência das palavras, fechou os olhos brevemente. Quando bateu as pálpebras novamente, Manny estava de um lado de Rhage, colocando um dreno de tórax para drenar os fluídos em torno dos pulmões e Jane estava realizando uma pericardiocentese com uma agulha que parecia tão longa quanto seu braço.

O que era um movimento de vai-com-tudo.

Normalmente este procedimento era feito com a orientação de ultrassom, mas ela não tinha escolha a não ser ir cegamente através do quinto ou sexto espaço intercostal ao lado do coração.

Se ela errasse? Entrasse fundo demais?

Mary lutou em seus braços.

— O que eles estão fazendo...

— Ele está parando. — Manny vociferou.

— Rhage!

Ehlena estava lá com as pás, mas o quanto era bom em caso de uma enorme hemorragia? Inferno, mesmo se o dreno do tórax e a agulha fizesse o trabalho, nenhum dos dois corrigiria o trauma cardíaco. A única chance de verdadeira sobrevivência era colocar o Irmão em uma máquina de circulação sanguínea (bypass) então Jane poderia trabalhar sua magia e reparar seja qual for a ruptura ou perfuração sem sangue e sem movimento.

Abruptamente, tudo ficou em câmera lenta quando Rhage abriu os olhos, respirou fundo... E virou o rosto para Mary.

Seus lábios brancos começaram a se mover.

Mary empurrou contra o abraço de V e ele a soltou, permitindo que fosse até ele. Pelo amor de Deus, esta poderia ser a última chance da fêmea se comunicar com seu companheiro. Fazer as pazes com ele. Resolver seus acertos para encontrá-lo do outro lado.

Vishous franziu a testa quando a imagem de sua mãe abandonada, deitada naquele estrado, voltou para ele.

É melhor você cumprir a porra da sua promessa, ele pensou para os céus. É melhor assumir a responsabilidade e tomar conta dos dois. Seria fodidamente melhor você fazer certo a respeito daquela promessa, ele pensou para os céus. Seria melhor você levantar o homem e cuidar dos dois.

Mary caiu de joelhos ao lado da cabeça de Rhage e colocou a orelha em sua boca. O fato de que a equipe médica recuou sem dúvida foi perdido para ela, mas Vishous sabia o que isso significava, e não era nada bom.

Que o ritmo do coração que estava sendo monitorado tão atentamente não estava ficando mais estável. Que a pressão arterial não estava ficando mais forte.

Que a hemorragia não estava parando. E o tubo e a agulha não foram longe suficiente.

V olhou para Butch, e quando o policial olhou para o outro lado do drama, V pensou sobre como os três formaram um vínculo tão apertado. A trindade, eles eram chamados. Grudados como carrapatos e chatos como a merda, nas palavras de Tohr.

V olhou em volta. Os outros Irmãos estavam em circulo fechado, formando uma barreira de proteção e preocupação em torno de Rhage e Mary. No entanto, nenhum dos combatentes tinha suas armas à mostra e, de tempos em tempos, um tiro soava quando eles atiravam nos *lessers* cujos corpos iam mostrando muita animação.

Quando Mary começou a falar com suave desespero, Vishous amaldiçoou novamente quando ficou claro para ele que, mesmo embora o casal tivesse um final que resultava em ficar juntos, o resto deles estava perdendo Rhage e Mary. Maldição, era impossível imaginar a mansão sem eles.

Merda era supor não afundar com isso.

Risque isso, pensou, enquanto lembrava-se de sua visão. Não queria que acabasse assim. V moveu os olhos para sua companheira, e quando Jane apenas balançou a cabeça, seu sangue gelou.

Jesus Cristo, não.

De repente uma imagem de Rhage na mesa de pebolim do Pit veio à mente. O Irmão não estava jogando no momento; estava em pé ao lado, comendo com vontade algum tipo de burrito do Taco Bell. Estava comendo com as duas mãos, na verdade, com um chimichanga na outra mão. Alternando mordidas, o FDP consumindo cerca de quatro mil calorias, com o sorvete de chocolate com menta crocante que ele tinha conseguido de sua geladeira, e metade de um bolo de chocolate que ele pegou de sobremesa antes de vir da casa principal.

Ei V, o Irmão disse em um momento. Você algum dia vai raspar essa barbicha feia em torno de sua boca grande? Ou vai continuar parecendo um dos rejeitados da Affliction² como um serviço público para o que não fazer com uma gilete?

Irritante pra caralho.

E ele não daria sua bola restante para ter qualquer parte disso novamente. Mesmo se apenas como adeus.

O tempo era demasiado finito: não importa quanto dele você teve com alguém que amava, quando o fim chegava, não era o suficiente.

— Eu te amo. — Mary disse com voz quebrada. — Eu te amo...

Enquanto ela acariciava o cabelo loiro de Rhage da testa, sua pele estava tão fria e estranhamente seca. Sua boca manchada de sangue estava se movendo, mas ele não tinha ar suficiente em seus pulmões para falar e, oh Deus, eles estavam cinza... Seus lábios estavam ficando...

Mary olhou para Manny. Dra. Jane. Ehlena. Então encontrou os olhos dos Irmãos. John Matthew. Blay e Qhuinn.

Por último olhou para Vishous... E ficou horrorizada com a luz distante em seus olhos.

Eles tinham desistido. Todos eles. Ninguém estava correndo para empurrá-la pra longe do caminho para que pudessem entubar seu companheiro, ou dar choque em seu coração para voltar ao ritmo, ou rachar sua caixa torácica aberta e fazer o que fosse preciso para conseguir o que quer que estivesse errado voltar a funcionar em ordem.

Rhage arqueou com um gemido e tossiu um pouco mais de sangue. E quando ele começou a engasgar, ela conheceu uma nova definição de terror.

— Eu vou te encontrar, — Disse a ele. — No outro lado. Rhage! Está me ouvindo? Vou te encontrar no outro lado!

² Marca de roupa para motoqueiros.

O ofegar e barulho, a dor em seu rosto, a agonia do grupo ao seu redor... Tudo tornou-se tão cristalino que doía os olhos e ouvidos, manchando seu cérebro para sempre. E estranhamente, pensou em Bitty e sua mãe e o que tinha acontecido na clínica.

Oh merda, se ela deixasse o planeta... O que ia acontecer com a garota? Quem iria cuidar tanto como ela cuidava da agora órfã?

— Rhage... — Mary puxou seus ombros. — Rhage! Não! Espere, fique aqui...

Mais tarde ela tentaria trazer à tona por que a conexão sináptica foi feita quando o fez. Ela saberia como ela tinha, possivelmente, pensado em tudo... Teria suores frios sobre o que teria acontecido em seguida e o que *não* teria acontecido em seguida... Se aquele raio não tivesse saído do nada quando o fez.

Às vezes escapar de um acidente por milímetros era quase tão traumático quanto o impacto.

Mas tudo isso veio depois.

No momento do falecimento de seu amado, no mesmo instante em que sentiu que ele havia deixado seu corpo para fazer a viagem para o *Fade*... De repente, e sem motivo que pudesse pensar, ela vociferou:

— Role-o de lado. Façam isso!

Começou a puxá-lo sozinha, mas não deu em nada, ele era muito pesado e ela não podia conseguir um bom aperto em seu tronco maciço.

Olhando para cima, acenou para os Irmãos.

— Ajudem-me! Porra, me ajudem!

V e Butch caíram ao lado dela e viraram Rhage para seu lado direito. Arqueando em volta de seu companheiro, Mary recuou para o outro lado. As cores brilhantes da tatuagem do dragão estavam desaparecendo, como se o brilho da imagem fossem um termômetro da saúde de Rhage. Focando novamente,

colocou a mãos sobre a forma da besta, Deus, ela odiava como a resposta foi lenta.

— Vem comigo, — Ela disse com urgência. — Preciso que você venha comigo.

Isso era loucura, pensou enquanto passava lentamente as palmas das mãos em torno do torso de Rhage, mas alguma coisa a guiava, algum tipo de vontade que certamente não sentiu como dela própria. Porém não ia discutir como a imagem da besta seguia seu toque... E era estranho: não foi até ela fazer o caminho nas costelas que percebeu o que estava fazendo.

Louca, pensou novamente. Completamente louca.

Vamos lá, não era como se o dragão tivesse sido treinado em medicina de emergência e muito menos cirurgia cardíaca.

Mas ela não parou.

— Ajude-me, — Ela disse engasgada para a besta. — Oh, por favor... Vamos lá, ajude-o, salve-o... Salve a si mesmo salvando-o...

Simplesmente não podia deixar Rhage ir. Não importava nestes últimos momentos que havia uma saída cósmica para os dois, que por causa do que a Virgem Escriba tinha dado a ela, eles não tinham que se preocupar com algum tipo de separação. Ela ia tentar salvá-lo.

Trabalhando com ela, os Irmãos viraram Rhage deitado de costas novamente, e as lágrimas de Mary caíram sobre o peito nu de seu companheiro enquanto ela transferia as mãos sobre o ilusoriamente pequeno buraco de cerca de uma polegada à direita de seu esterno.

Deus, sentia como se a ferida fosse do tamanho de uma sepultura.

— Apenas cure-o... De alguma forma, por favor... *Por favor...*

A tatuagem permaneceu onde ela parou.

— *Cure isso...*

O tempo parecia rastejar, e com os olhos lacrimejantes olhou para o peito de Rhage esperando por um milagre. Enquanto os minutos passavam e ela transitava para um plano emocional miserável que era mais tenso que pleno pânico, muito menor do que totalmente deprimida, e tão vasta que era duas vezes o tamanho da galáxia, pensou novamente no que Rhage dissera sobre as horas que ele passou ao lado da cama dela naquele hospital humano: sabendo que ela ia morrer, incapaz de fazer nada, perdido embora soubesse o lugar de onde o corpo físico dele estava.

Era como se a gravidade não tivesse controle sobre mim, ele disse, e ainda assim estava me esmagando ao mesmo tempo. E então você iria fechar os olhos e meu coração iria parar. Tudo o que eu conseguia pensar era que, em algum momento no futuro, você ia ter essa aparência para sempre. E a única coisa que eu sabia com certeza era que eu nunca seria o mesmo, e não de uma boa maneira... Por que eu sentiria sua falta mais do que jamais iria importar com qualquer outra coisa na minha vida.

Mas então a Virgem Escriba tinha mudado tudo isso.

No entanto, aqui estava Mary... Lutando para mantê-lo vivo.

E o *porquê*... Quando ela realmente focou na questão... Parecia errado, tudo errado, e ainda assim ela não iria parar.

No início, a chama de calor não foi registrada no meio de todas as suas emoções. Havia muito na frente de sua mente e a mudança de temperatura foi muito sutil. O calor logo se tornou impossível de ignorar, no entanto.

Piscando os olhos, franziu a testa para baixo, para suas mãos.

Não se atreveu a afastar as palmas das mãos para ver o que estava acontecendo embaixo.

— Rhage? Rhage... Você está conosco?

O calor rapidamente se tornou tão intenso que irradiava pelos braços dela e aquecia o ar que respirava quando se inclinou sobre seu companheiro. E então sentiu um tranco, como se a besta estivesse rolando por perto...

Sem qualquer aviso, Rhage abriu a boca, lançando uma inspiração gigante e empurrou seu torso do chão, jogando-a de bunda no chão. Enquanto as mãos dela voavam, a tatuagem foi revelada e estava...

A imagem do dragão tinha perdido seus contornos, suas cores num redemoinho em conjunto e ainda permaneciam distintas, como uma daquelas antigas coisas spin-art que ela tinha feito nas feiras quando era pequena.

Ela não podia mais ver a ferida da bala.

Houve um suspiro coletivo, seguido por alguns sérios “mas que porra é essa?” e em seguida uma série de aleluias que foram proferidas com um sotaque de Boston.

— Mary? – Rhage engasgou confuso.

— Rhage!

Só que antes que ela pudesse alcançá-lo, ele começou a tossir em grandes espasmos, dobrando a cabeça para frente, apertando sua barriga distendida, sua mandíbula se estendendo.

— O que há de errado com ele? – Mary disse quando chegou para frente, mesmo que isso não fosse como se pudesse fazer qualquer coisa para ajudar. Inferno, os médicos pareciam igualmente confusos, e eram eles que tinham o Dr. na frente de seus nomes.

Rhage tossiu a maldita bala pra fora.

Direto na mão dela.

Por último, um grande arquejo, algo veio voando de sua boca e ela pegou o pedaço pontiagudo de chumbo por reflexo... Quando Rhage abruptamente começou a respirar profundamente, inalando facilmente como se não tivesse nada de errado com ele.

Girando a coisa sobre a palma, ela começou a rir.

Não pôde evitar.

Segurando a bala entre o polegar e o indicador, ela a ergueu para os Irmãos, os médicos e os guerreiros, por que Rhage ainda estava cego. E então montou nas pernas estendidas de seu companheiro e tomou seu rosto entre as mãos.

— Mary...? — Ele disse.

— Estou bem aqui, — Ela alisou o cabelo dele para trás. — E você também.

Instantaneamente ele se acalmou ainda mais, um sorriso repuxando sua boca.

— Minha Mary?

— Sim... Estou bem aqui.

E então, querido Senhor, ela estava chorando tanto que se tornou tão cega quanto ele estava. Mas isso não importava.

De alguma forma, a besta tinha feito o trabalho e...

— Mary, eu...

— Eu sei, eu sei, — Ela o beijou. — Eu te amo.

— Eu também, mas vou vomitar.

E com isso, ele a tirou suavemente para fora da linha de fogo, virou-se para o lado e vomitou tudo sobre os shitkickers de Vishous.

Capítulo OITO

Era uma maneira e tanto de voltar dos mortos.

Enquanto Rhage jogava seus biscoitos por toda parte, seu cérebro era nada mais que ovos mexidos...

Okay, não era uma boa ideia pensar em ovos de qualquer forma.

Uma segunda rodada das evacuações abdominais tomaram seu corpo, contorcendo-o da cabeça aos pés, e enquanto ele deixava seu estômago falar, ouviu a voz seca de V ao longe.

— Não é minha noite, — O Irmão resmungou. — Não é minha noite com os vômitos.

Huh? Rhage pensou antes de deixar pra lá. Tudo que realmente se importava, fora o fato de que ele agora podia respirar e falar de novo, era sua Mary. Esticando seu braço pra fora, procurou contato com ela de novo... E ela pegou sua palma na mesma hora, entrelaçando com a dele, segurando, isso o acalmava e ao mesmo tempo lhe dava energia.

No instante que a conexão foi feita, sua confusão começou a dissipar.

Não, isso não estava exatamente certo. Ele não tinha ideia de como conseguiu ir de estar parado na porta do *Fade*, encarando a escolha que estava atônito de estar confrontando mesmo estando ciente de que estava morrendo... Para de alguma forma estar sendo jogado de volta no seu próprio corpo e escutando claro como o dia a voz mais perfeita da sua Mary, sem a interferência estática do medo e dor.

Nenhum ponto desse mistério foi esclarecido... Mas simplesmente estava cagando pra isso. Contanto que sua Mary estivesse com ele? O resto era merda que ele...

— Machucado? — Ele falou de repente. — Alguém está machucado?

A Besta teria...

— Todos estão bem. — Ela disse a ele.

— Me desculpe por estar doente. — Deus, o visual pós-festa do blackout era horrível, mas aguentaria isso no lugar de uma soneca na terra em qualquer dia e duas vezes no domingo, como os humanos diriam. — Eu sinto muito...

— Rhage, precisamos colocar você dentro do RV. E não, não vou deixar você. Jane vai só verificar seus sinais vitais e então nós vamos dar o fora daqui. Não é seguro.

Oh, certo. Eles estavam no campus, no campo de batalha, sem dúvida alvos fáceis.

Com uma explosão de memória, tudo voltou pra ele. A discussão com V... A corrida no campo...

A bala no seu coração.

Com sua mão livre bateu no peito, tateando para encontrar o furo, procurando sangue... E descobrindo que apesar de ter o torso molhado e pegajoso... Não havia nenhum ferimento discernível.

Só uma parte estranha naquele centro que parecia incandescente com o calor de uma fogueira. E foi aí que a comichão começou. Iniciando com a área sobre seu coração, mudou ao redor em um remendo sólido, traçando sobre suas costelas, fazendo cócegas debaixo do seu braço, movendo até o centro das suas costas.

Era a Besta voltando para sua posição. Mas por quê?

É, archive isso no final de uma fila bem longa de hã — o quê?

— Mary, — Ele falou em sua cegueira. — Mary...?

— Está tudo bem, vamos só sair daqui juntos, e quando estivermos a salvo, vou explicar tudo... Ou ao menos contar o que sei.

Pela próxima hora, sua *shellan* cumpriu sua promessa... Mas quando que ela desapontou alguém? Ela ficou ao lado dele a cada centímetro do caminho, desde o momento em que foi colocado na maca e ganhando um passeio atribulado na RV do Manny... Da evacuação difícil no gramado crescido do campus até o caminho macio das ruas pavimentadas da avenida... Do pare-e-continue do sistema de segurança do Centro de Treinamento da Irmandade... Até finalmente a chegada no quarto de recuperação da clínica.

A viagem o exauriu... Mas também, passou a maior parte do tempo vomitando partes de *lessers* e engasgando no gosto nauseante do sangue negro deles. E era engraçado: normalmente passava por essa parte puto da vida e pronto para o sofrimento acabar logo. Nessa noite? Estava tão grato de estar vivo que não se importava de ter a pior indigestão/dor de barriga/infecção estomacal do mundo acontecendo.

Você vai morrer hoje à noite, porra!

Maldição, Vishous estava sempre certo. Exceto que Rhage tinha de alguma forma derrotado a previsão e voltado do *Fade*: por alguma razão, por algum milagre, estava de volta... E não achava que era por que a Virgem Escriba tinha feito um favor pra ele. Ela já tinha feito um depósito digno de prêmio da loteria na sua conta existencial quando salvou sua Mary e, além disso, pelos últimos dois anos, a Mãe da Raça esteve sem contato como aquele parente estranho que você agradece por se manter longe.

Então seu irmão estava errado? A resposta curta para isso é sim, considerando que Rhage estava nesse momento deitado na cama de hospital ao invés de alguma nuvem no céu.

Mas por quê?

— Aqui, — Sua Mary disse. — Eu tenho o que você precisa.

Verdade em tantos níveis, pensou enquanto virou sua cabeça em direção ao som da voz dela. Quando uma série de bolhas fizeram cócegas no seu nariz, ele estremeceu de alívio.

Plop-plop, fizz-fizz, porra, sim.

— Obrigado, — Ele balbuciou, por que estava com medo que se tentasse enunciar demais as palavras ia começar a vomitar de novo.

Ele bebeu tudo que estava no copo e deitou de novo contra os travesseiros... E então o som de Mary colocando o copo vazio de volta e a sensação do peso dela sobre o colchão o fez lacrimejar por alguma razão estúpida.

— Eu vi o *Fade*, — Falou quietamente.

— Você viu? — Ela pareceu estremecer, a cama transmitiu o sutil tremor de onde estava sentada. — É realmente assustador escutar isso. Como foi?

Ele franziu a testa.

— Branco. Tudo era branco, mas não tinha nenhuma fonte de luz. Foi esquisito.

— Eu teria encontrado você, você sabe. — Ela respirou fundo. — Se você não tivesse voltado, eu teria... Não sei como, mas teria encontrado você.

O ar que ele soltou durou o tempo de uma vida pra ele.

— Deus, eu precisava escutar isso.

— Você pensou o contrário?

— Não. Bem, exceto por me perguntar se era possível. Você deve ter pensado a mesma coisa ou não teria se esforçado tanto para me salvar.

Houve um momento de silêncio.

— Sim, — Ela suspirou. — Eu queria salvar você.

— E estou contente que funcionou. — Mesmo, ele estava. Honestamente. — Eu, ah...

— Você sabe que amo muito você, Rhage.

— Por que isso soa como uma confissão? — Ele forçou uma risada. — Só estou brincando.

— Eu realmente odeio a morte.

Okay, alguma coisa estava acontecendo. E não era só a respeito dele. Ela soava estranhamente... Derrotada, o que não era o sentimento de uma fêmea que tinha arrastado o traseiro triste do seu *hellren* de volta da porta da morte. Tipo. Literalmente.

Rhage tateou ao seu redor tentando achar as mãos dela, e quando a segurou, elas tremeram.

— O que mais aconteceu hoje à noite? E não diga “nada”. Eu posso sentir sua emoção.

Mas não podia sentir o cheiro. Tinha muito cheiro de *lesser* no seu nariz e no seu sistema digestivo. Você quer falar sobre a porra da doença do refluxo gastresofágico?

— Não é tão importante quanto você, — Ela se virou para beijá-lo na boca. — Nada é tão importante quanto você.

Onde você está? Ele se perguntou. Minha Mary... Para onde você foi?

— Deus, eu estou cansado, — Ele falou no silêncio entre eles.

— Quer que eu te deixe sozinho para que consiga dormir?

— Não. — Rhage apertou as mãos dela e sentiu como se estivesse tentando prendê-la à ele. — Nunca.

Na quietude do quarto do hospital, Mary se pegou estudando o rosto de Rhage como se estivesse tentando tornar a memorizar os traços que conhecia tão

bem e que estavam marcados no seu cérebro. Mas então, ela não estava realmente se prendendo à toda aquela beleza ímpia. Estava procurando por alguma coragem dentro de si mesma. Ou algo assim.

Você pensaria, levando em consideração a profissão dela, que seria melhor em momentos como aquele.

Conte a ele, pensou. Fale sobre Bitty e sua mãe, e o fato de ter feito merda no seu emprego e estar se sentindo como uma fracassada.

O problema era, toda aquela confissão tagarela orientada parecia tão egoísta considerando que ele tinha morrido uma hora atrás: era como encontrar alguém que teve um acidente de carro feio e querer explicar para essa pessoa como sua noite foi ruim também, por que você conseguiu uma multa por excesso de velocidade e um pneu furado.

— Eu teria absolutamente ido e encontrado você de alguma forma, — Enquanto repetia as palavras que já tinha dito, sabia que ele tinha acertado o prego na cabeça... Por que sentia como se tivesse algo a confessar. — Mesmo, eu teria.

Ótimo, agora ela estava com náuseas.

Exceto, Deus, como podia dizer pra ele que lutou tanto para salvá-lo não por causa deles e sua relação, ou até mesmo pelos seus Irmãos e a tragédia que a perda dele teria sido para todos, mas por causa de outra pessoa inteiramente diferente? Mesmo que esse alguém e todos os problemas dela fosse uma causa a se discutir? Mesmo que essa terceira parte fosse uma criança recém órfã no mundo?

Só que parecia como uma traição aos dois e suas vidas juntos. Quando você encontra amor verdadeiro, quando recebe esse presente, você não toma decisões de vida ou morte baseadas em problemas ou situações de ninguém mais. A menos que fosse seu filho, claro... E os céus sabiam que ela e Rhage nunca, jamais teriam qualquer criança.

Okay, ai. Aquilo doeu.

— O que dói? – Rhage perguntou.

— Desculpe. Nada. Sinto muito, só foi uma longa noite.

— Entendo o sentimento, – Ele soltou a mão dela e esticou seus enormes e largos braços, os músculos marcando sua pele e formando sombras afiadas. — Venha deitar. Me deixe me sentir como um macho ao invés de um pedaço de carne, quero abraçar você.

— Você não precisa pedir duas vezes.

Esticando ao lado dele na cama, colocou sua cabeça no peito dele, bem sobre o esterno dele, e respirou fundo. Enquanto a sombria especiaria do aroma de vinculação dele florescia no ar, ela fechou seus olhos e tentou dissipar toda a discriminação caótica que estava tropeçando e caindo dentro do seu crânio, palhaços de circo que ela não achava graça nenhuma.

Felizmente, o contato com a pele de Rhage, seu calor do corpo, sua vital presença era como Valium sem os efeitos colaterais. Tensão lentamente deixou seu corpo e aqueles bastardos com os narizes de borracha, as perucas baratas e os sapatos idiotas sumiram no plano de fundo.

Sem dúvida eles voltariam. Mas não podia se preocupar com isso agora.

— Está batendo tão forte de novo, – Ela murmurou. — Eu amo o som do seu coração.

Amava também a subida e descida estável do seu poderoso peitoral.

E quem diria... A visão de toda aquela pele macia e sem pelo sobre aqueles pesados músculos não era ruim também.

— Você é tão grande. – Falou enquanto esticava o braço e nem conseguiu circular o torso dele.

A risada que reverberou através dele foi um pouco forçada. Mas ele deu continuidade a ela.

— É? Me conte como eu sou grande.

— Você é muito, muito grande.

— Só meu peitoral? Ou está pensando em... Outros lugares?

Ela conhecia aquele tom muito bem... Estava inteiramente ciente de onde seu companheiro tinha ido com a cabeça – e certa o bastante, quando olhou ainda mais pra baixo do seu corpo coberto pelo lençol, cada centímetro dele estava claramente ainda funcional, indiferente da experiência de quase morte.

Particularmente um certo trinta centímetros. Mais ou menos.

Seus olhos foram em direção à porta e desejou que a coisa estivesse trancada. Havia tantas pessoas da equipe médica por ali – okay, só três. Mas quando você estava querendo um pouco de privacidade, eram três a mais do que se queria.

Quando Rhage girou os quadris, aquele enrijecimento debaixo dos lençóis acertou um ponto dela que o fez morder o lábio inferior, e Mary sentiu seu corpo inteiro responder com uma onda de calor. Deus, odiava a estranha distância que os tinha separado, aquela sutil desconexão que sentia a um tempo agora: de alguma forma, mesmo que o amor deles não tivesse diminuído, eles pareciam ter perdido o toque um com o outro... Apesar do fato deles dizerem os seus *Eu Amo Você* todas as vezes certas e dormirem na mesma cama, e não se imaginarem com mais ninguém.

Mas pensando bem, quando foi a última vez que tiraram a noite de folga, qualquer um dos dois?

Rhage esteve ocupado com a guerra e os ataques contra Wrath e seu trono – e desde que Bitty e sua mãe chegaram ao Lugar Seguro, Mary teve uma preocupação profissional que não a deixou descansar. Diabos, a preocupação por Bitty e Annalye esteve com ela até mesmo quando estava dormindo.

Em fato, sonhava com a garotinha quase todos os dias ultimamente.

Tempo demais, Mary pensou. Faz tempo demais desde que ela e Rhage focaram neles mesmos de maneira apropriada.

Então, sim, mesmo que fosse um Band-Aid que sem dúvida nenhuma seria temporário, e apesar do lugar público em que eles estavam, e sim, sem nenhuma consideração pelo fato de que Rhage estava morto mais cedo... Mary colocou sua mão debaixo dos lençóis e desceu sua palma lentamente pelo estômago definido do seu companheiro.

Rhage chiou e gemeu, sua pélvis girando de novo, seus braços esticando para que pudesse segurar nas barras da cabeceira da cama.

— Mary... Eu quero você...

— O prazer é meu.

A excitação dele era grossa e longa, e enquanto a circulava, a sensação aveludada dele e os sons que ele fazia no fundo da garganta e o modo que o aroma de vinculação ascendia ainda mais era exatamente o tipo de proximidade que eles precisavam. Isso era só sobre eles; nada mais era bem-vindo – o emprego dela, o dele, as preocupações nem o estresse dele. A esse respeito, sexo era como o melhor limpador do mundo, levando embora a poeira e as coisas cotidianas da Vida Normal que tinham entorpecido a conexão deles, deixando o amor que tinham um pelo outro fresco e espumante como nunca.

— Monte em mim, – Rhage exigiu. — Fique nua e suba em mim.

Mary olhou pro equipamento medico que estava ao redor da cama dele e quis falar um palavrão. Muitos bipes na tela.

— E quanto às máquinas? As coisas estão ficando muito excitantes.

— Beeeeem, é por que *eu* estou começando realmente a ficar excitado.

— Se eles aumentarem muito...

Bem ao sinal, o monitor cardíaco disparou o alarme estridente. E assim que Mary arrancou sua mão de debaixo, Ehlena entrou correndo no quarto.

— Está tudo bem, – Rhage disse para a enfermeira com uma risada. — Estou bem. Confie em mim.

— Só vou checar as coisas... — Então Ehlena parou. E sorriu. — Oh.

— É, oh. — Rhage tinha aquela colossal cara de pau de se recostar como um leão que estava prestes a ser alimentado. Ele até piscou na direção geral de Mary.
— Então você acha que talvez pode me desconectar só um pouquinho?

Ehlena riu e sacudiu a cabeça enquanto arrumava a máquina.

— Sem chance. Não até você ter mais tempo estabilizado satisfatoriamente.

Rhage se inclinou até Mary e sussurrou.

— Eu quero você de volta satisfatoriamente. É isso o que eu preciso.

A enfermeira foi em direção à porta.

— Estou logo ali na sala de cirurgia se precisarem de mim. Estamos prestes a operar.

Rhage franziu a testa.

— Operar quem?

— Houve alguns feridos. Nada sério, não se preocupe. Comportem-se vocês dois, ok?

— Obrigada Ehlena, — Mary deu tchau para a outra fêmea. — Você é a melhor.

Quando a porta fechou, Rhage baixou o tom da voz.

— Me desconecte.

— O quê?

— Ou você faz ou eu faço, mas preciso de você, agora.

Quando Mary não se moveu, Rhage começou a tatear cegamente procurando as máquinas, batendo em alguns computadores na mesa que parecia custar mais do que uma casa.

— Rhage! — Mary começou a rir enquanto segurava as mãos dele. — Qual é...

E então ele a ergueu e colocou sobre os quadris dele, ajustando-a no topo da sua ereção. E sim, assim que o peso dela pareceu ser registrado, aquele *bip-bip-bip* começou de novo.

— Você pode me conectar de volta assim que eu acabar, — Informou a ela. — E mesmo sendo um sacrifício, se quiser só me masturbar, concordo em esperar por você mais tarde. Mas cheguei perto da morte hoje uma vez já, não faça seu *hellren* morrer de desejo.

Mary teve que sorrir pra ele.

— Você me mata.

—E você podia me tocar? Por favor?

Ela sacudiu a cabeça apesar do fato de que ele não podia vê-la.

— Você simplesmente não aceita não como resposta, não é?

— Quando se refere à você? — Rhage ficou sério, seus olhos azuis cor das Bahamas a encarando cegamente, sua linda face sombria. — Você é tanto minha força quanto minha fraqueza, minha Mary. Então o que me diz? Quer completar minha noite? E devo te lembrar... Eu morri nos seus braços mais cedo.

Mary soltou uma gargalhada e enquanto caiu pra frente sobre ele, colocou sua cabeça contra o pescoço dele.

— Eu amo tanto você.

— Ahhhhhh, isso é o que eu gosto de ouvir, — Mãos grandes acariciaram as costas dela. — Então o que vai ser, minha Mary?

Capítulo NOVE

Assistir das sombras não era o curso normal para Xcor, filho de ninguém.

Como um guerreiro sem lei e deformado, de fato líder de um time de sociopatas renegados, estava mais acostumado à ação. Preferivelmente com sua foice. Ou faca. Arma. Seus punhos. Presas.

Ele pode não ser descendente do Bloodletter, como uma vez acreditou, mas de fato foi criado pelo mais cruel guerreiro – e as brutas lições que recebeu no acampamento de guerra por aquela mão de luvas com espinhos foram bem aprendidas.

Ataque antes de ser atacado era sua primeira e mais importante de todas as regras. E tinha se mantido como seu primário princípio de operação.

Havia vezes, no entanto, quando uma certa neutralidade de ação era requerida, muito mais como um instinto discutindo o contrário, e enquanto se resguardava atrás de uma carcaça queimada de um carro na pior parte dos becos de Caldwell, ele reinava sobre si. À frente, parado ao lado de uma poça mal iluminada por lâmpadas de postes de trinta anos de idade, três *lessers* estavam trocando itens; um par de mochilas sendo entregues por uma única bolsa de pano.

Pelo que havia observado ultimamente nas ruas, estava confiante de que uma carregava dinheiro, e a outra marcada de preto estava carregada de pó e uma variedade de injetáveis.

Inspirando, discerniu os cheiros e os catalogou. O trio ainda não tinha desbotado para o branco, seus cabelos escuros e castanhos significavam que o recrutamento deles era recente na Sociedade *Lesser* – e de fato, aquilo era tudo que se encontrava no Mundo Novo. Desde que ele e seu bando de bastardos fizeram a viagem através do oceano do País Antigo, o único inimigo que eles encontraram eram esses recém-introduzidos, na maioria de variedade inferior.

Era lamentável. Mas onde faltava qualidade tinha uma abundância em quantidade.

E os caçadores encontraram um novo empreendimento nos negócios, não é mesmo? Esse trio em particular, entretanto, não iria muito longe em suas venturas de tráfico. Assim que eles terminassem com a pequena troca de mãos, ele ia matá-los...

Três toques diferentes de celulares tocaram, todos abafados, todos registrados somente por causa da audição afiada de Xcor. As coisas se moveram rápido dali em diante. Após cada um deles checar o que só podia ser uma mensagem de texto, eles discutiram por um mero momento; então se enfiaram em um veículo quadrado, o brilho prata do exterior o qual estava cheio de fotos de tacos e pizza.

Como um analfabeto, ele não conseguia ler o que estava escrito.

Como um guerreiro, ele nunca deixaria que isso o fizesse deixar seu alvo fugir.

Quando o veículo passou por ele, Xcor fechou os olhos e desmaterializou para o topo do carro, encontrando um lugar onde conseguiu se acomodar graças à área mais baixa atrás de um tipo de saída de ar. Não tinha nenhuma intenção de chamar reforços. Não importa aonde os *lessers* iriam ou quem encontrariam, se ele fosse dominado, podia ir embora sem ninguém saber de sua presença.

Palavras mais verdadeiras nunca foram faladas, como ocorreu.

O fato de que o motorista prosseguiu na direção do Rio Hudson não foi uma surpresa. Dado o lugar onde eles estavam vendendo, podia-se facilmente pensar que havia algum conflito, armado ou não, que precisava de reforços na área das pontes – ou talvez fosse algo com a Irmandade. Mas afinal, aquela rançosa selva de concreto não era o destino deles. Uma rampa logo foi transposta e a avenida foi seguida com velocidade crescente, tanto que precisou se segurar protegendo seu corpo contra o vento, enroscando seu braço ao redor da base da barra e segurando forte.

A viagem foi dura, mas não foi por causa do terreno não nivelado, foi mais pelo vento frio e a velocidade.

Não muito depois, no entanto, outra saída foi tomada e a velocidade diminuiu tanto que pôde erguer sua cabeça e identificar a seção suburbana que era o norte do centro da cidade. Aquela área populosa não durou. Logo uma área mais rural se apresentou.

Não, era um parque ou algo assim.

Não... Era outra coisa.

Quando por fim uma esquerda foi tomada entrando em um tipo de propriedade, não podia dizer onde estava. Era um lote vazio, grama crescida... Ou melhor, era um prédio abandonado. Uma escola? Sim, ele pensou. Mas o lugar não era mais para humanos.

O cheiro de *lessers* estava no ar a um nível tão penetrante que seu corpo respondeu às camadas de fedor, adrenalina bombando, os instintos aguçados e prontos para lutar.

O primeiro dos caçadores mutilados se apresentou em uma dispersão através do gramado crescido, e enquanto o veículo continuou em frente, mais e mais apareceram.

Fechando os olhos, ele se acalmou e desmaterializou até o terraço de um prédio de cinco andares à frente de onde a caminhonete eventualmente parou. Pisando cuidadosamente sobre os galhos caídos e montes de folhas flutuando nas frias poças de água, Xcor foi até a beirada. A verdadeira escala do que foi um ataque massivo à Sociedade *Lesser* era evidente pelos acres de carnificina no centro do campus: uma grande faixa de grama e árvores pisoteadas em camadas com partes de corpos quase mortos, semi-vivos, de caçadores, e uma onda de sangue negro e oleoso do Ômega.

Era como a própria representação do *Dhund*.

— A Irmandade. — Ele falou para o vento.

Essa era a única explicação. E enquanto considerava qual tinha sido a estratégia do ataque deles, sentiu inveja que ganharam o presente dessa batalha. Como queria que tivesse sido ele e seus soldados...

Xcor se virou.

Algo estava se movendo no terraço atrás dele. Falando. Xingando.

Na escuridão e com extremo silêncio, retirou sua lâmina da bainha e se abaixou, apoiando nas coxas. Seguindo em frente no vento frio, seguiu os sons que estavam na direção do vento e testou o ar. Era humano.

— ... filmagem! Não! Estou dizendo, é uma merda!

Xcor veio por detrás do rato sem rabo, e permaneceu sem ser notado enquanto o humano falava no celular.

— Estou em cima do terraço, peguei a merda em vídeo! Não, idiota, TJ e o Soz se mandaram, mas eu subi aqui... Era um dragão... O que? Não, Jo, o efeito do LSD passou hoje de manhã... Não! Se é um flashback, por que acabei de postar no YouTube?

Xcor ergueu sua faca acima do ombro.

—Não! Estou falando sério, eu...

O humano calou a boca assim que Xcor o acertou na parte de trás da cabeça com o cabo da sua arma. E quando o corpo amoleceu e caiu para o lado, Xcor pegou o telefone e colocou no seu ouvido.

A voz de uma mulher estava dizendo:

— Dougie? Dougie! O que aconteceu?

Xcor finalizou a conexão, colocou o telefone na sua jaqueta e se inclinou para pular do terraço. Os três *lessers* que ele havia acompanhado não foram longe com o caminhão de comida. Eles pareciam embasbacados pelo que os cercava, incapazes de responder levando em conta a magnitude das perdas.

Melhor cuidar deles primeiro antes que eles caiam fora.

Pisando sobre o macho caído, pulou do prédio, desmaterializando enquanto caía, e tornou a se materializar no chão antes que sofresse o impacto da queda e acabasse se matando.

O caçador o viu, e isso era exatamente o que queria.

la fazer a matança dele um pouco mais desafiadora.

Enquanto os três corriam de volta para a caminhonete, ele se materializou em cima do que estava na traseira, perfurando-o no peito e numa busca mandando-o de volta para o Ômega em um milhão de flashes e um estouro! Próximo, ele se lançou para frente e agarrou o segundo pelos ombros, tirando o equilíbrio dele e cortando a garganta antes de jogar de lado. O terceiro capturou no ar enquanto estava tentando se fechar dentro da caminhonete no banco do motorista.

— Não, camarada. — Rosnou enquanto sacudia a coisa e a derrubava. — Todos por um, um por todos.

O *lesser* caiu no chão, e antes que pudesse responder, Xcor o chutou na cara, quebrando a estrutura óssea, destruindo as feições, rendendo os olhos à nada mais que poças de fluído.

Xcor olhou por cima do ombro. Seria improvável que a Irmandade deixasse uma bagunça daquelas para os humanos encontrarem. Mesmo que o Campus fosse abandonado, cedo ou tarde, um *Homo Sapiens* qualquer da variedade jovem ia romper a unidade do terreno. Assim como aquele no terraço.

Algo devia ter acontecido ao curso da luta. Algum ferimento crítico talvez, que precisasse encurtar o tempo de limpeza...

Xcor nunca viu chegar. Nunca escutou nada.

Um momento, estava plenamente consciente de seus arredores.

No outro, alguém ou algo tinha feito com ele o mesmo que ele fez com o humano no terraço.

Nem teve tempo de um último pensamento, no tão decisivo que foi o golpe na sua cabeça.

Vishous abaixou seu braço devagar enquanto olhava de cima o enorme macho que tinha acabado de cair aos seus pés.

Então imediatamente pegou de volta sua arma, apontando-a com as duas mãos, girou ao redor de si mesmo.

— Onde vocês estão, garotos? — Disse baixinho. — Hein, filhos da puta? Onde estão?

Não havia chance de Xcor, cabeça do Bando de Bastardos, ter ido sozinho. Não tinha maneira nenhuma, porra.

V não tinha tanta sorte.

Exceto que nada lhe respondeu. Nenhum contra ataque. Ninguém correndo de um prédio ou de trás de uma árvore com uma arma atirando. Tudo que tinha lá eram partes de *lessers* e torsos no chão, o vento gelado batendo na sua face, e muito silêncio.

O som do assobio à esquerda o avisou da posição de Butch. E então teve outro pela direita. Um terceiro acima.

V assoviou de volta e seus irmãos vieram em uma corrida sem pressa.

Ele manteve os olhos em Tohr, e assim que o guerreiro estava ao alcance, V apontou a arma direto em seu peito coberto de couro.

— Pare aí mesmo.

Tohr parou. Ergueu as palmas.

— Mas que inferno você está fazendo?

— Butch, vire-o. — V falou, indicando com a cabeça para o vampiro aos seus pés.

No instante em que Tohr viu quem era, sua mão abaixou e suas presas ficaram à mostra.

— Agora você entendeu. — V balbuciou. — Eu sei que você tem o direito de matá-lo, mas não pode. Estamos nos entendendo? Você não vai acabar com ele, certo?

Tohrment rosnou.

— Essa não é sua decisão para tomar, V. Vai se foder, esse fodido é meu...

— Eu vou atirar em você, porra. Estamos entendidos? Pare aí mesmo.

Aparentemente o Irmão não estava ciente de ter dado um passo à frente. Mas Butch e todo mundo entendeu na mesma hora — e o policial se aproximou de Tohr cautelosamente.

— A morte pode ser sua, — Butch disse. — Mas nós o levamos de volta com a gente primeiro. Falamos com o bastardo, pegamos a informação, então ele é seu, Tohr. Mais ninguém vai fazer a finalização além de você.

Phury concordou com a cabeça.

— V está certo. Você o mata agora e nós perdemos o interrogatório. Seja lógico quanto a isso, Tohr.

Vishous olhou ao redor. Os quatro tinham retornado ao Campus com a ideia de apunhalar o máximo que podiam de volta para o Ômega e fazer a limpeza que conseguissem — mas essa pequena descoberta mudou o objetivo principal.

— Butch, leve-o de volta no Hummer. Agora. — V sacudiu a cabeça em direção à Tohr. — E não, você não vai ir com ele como retaguarda.

— Você me entendeu errado. — Tohr disse sombriamente.

— Entendi? Está ciente de que tem uma adaga na mão? Não? — Enquanto seu irmão olhou pra baixo com alguma surpresa, V sacudiu a cabeça. — Não pense que sou quem está com problemas pra pensar. Você fica com a gente, Tohr. O tira se encarrega disso.

— Estou ligando para Qhuinn e Blay, — Butch falou enquanto pegava o seu telefone. — Quero eles aqui comigo.

— E é por isso que eu amo você. — V balbuciou enquanto manteve os olhos em Tohr.

O Irmão não tinha abaixado a adaga ainda. E isso estava bem. Tão logo Xcor estivesse em seu caminho, V ia se certificar de que Tohr colocasse seu impulso assassino em bom uso.

Um momento depois, Blay e Qhuinn se materializaram na cena, e ambos soltaram um palavrão quando viram a cara feia e com cicatriz que estava virada pra cima sem expressão de um corpo desmaiado.

Butch fez um trabalho rápido algemando Xcor, e então ele e Qhuinn pegaram o bastardo pelos pés e pelas mãos, carregando-o como um saco de batatas em direção ao Hummer à prova de balas completamente preto que estava estacionado atrás de umas das salas de aula. A máquina de cara feia era na verdade a segunda versão do SUV, o primeiro foi roubado quando ele se descuidou na frente de uma farmácia no inverno passado.

V não moveu um músculo até que viu que a coisa tinha ido a caminho da propriedade pisando fundo no acelerador.

— Não é que eu não confio em você, — ele disse a Tohr. — Eu só não...

Vishous calou a boca. E ficou imóvel de novo.

— O que aconteceu? — Phury perguntou.

V não tinha ideia. E isso não era bom. A única coisa que tinha certeza era que o panorama tinha mudado abruptamente de uma forma sutil, mas inegável, uma onda carregando e se estendendo sobre os corpos dos caçadores como se uma sombra tivesse sido jogada sobre o Campus.

— Merda, — Vishous chiou. — O Ômega está chegando!

Capítulo DEZ

A beleza estava nos ouvidos de quem vê.

Enquanto Rhage percorria com as mãos pra cima e pra baixo as coxas de Mary, ele podia estar cego, mas sabia exatamente o quanto sua *shellan* era linda quando ela se sentou sobre seus quadris, equilibrou seu peso e colocou as palmas sobre seu peito.

— Então, como é que vai ser? — Ele perguntou enquanto mexia sua pélvis.

Com sua ereção acariciando o centro dela, mesmo através das cobertas e das calças que estava usando, a resposta dela foi rouca.

— Como eu posso algum dia, — Ela sussurrou — dizer não pra você?

Deus, essas palavras... E ainda mais do que isso, sua voz! Elas o fizeram pensar na primeira noite em que ele a conheceu. Foi aqui embaixo no Centro de Treinamento, logo após a besta ter aparecido. Ele estava cego na ocasião, e andando pelo corredor à procura de um treino para distraí-lo de seu tédio e recuperação. Ela tinha chegado às instalações com John Matthew e Bella, como intérprete para o menino que era mudo e precisava de alguém que soubesse linguagem de sinais para se comunicar.

No segundo em que falou com ele, sua voz o acorrentou de vez, como se cada sílaba que tinha pronunciado tivesse vindo com elos de aço. Ele soube naquele momento que a teria. É claro que, na ocasião, não tinha planejado que ela seria o amor de sua vida. Mas sua vinculação pensou diferente e ele agradecia a Deus por isso.

Graças a Deus também que ela desejou tê-lo da mesma forma.

— Vem cá, minha Mary...

Ela se moveu para um lado.

— Mas estarei ligando os aparelhos novamente no instante em que terminar.

Rhage deu um sorriso tão largo que seus dentes da frente cintilaram.

— Por mim tudo bem, espere, o quê? Aonde você vai?

Mesmo com seus protestos, Mary não parou até desmontar por completo, e não apenas desligar a máquina.

— Precisamos fazer isso de forma parcialmente discreta, — O bip parou. — Estou falando sério sobre colocar isso de volta em você quando terminarmos.

Torcendo para o lado, ele estendeu a mão, em sua cegueira, agarrando sua cintura e puxando-a em sua direção.

— Venha aqui.

Todo pensamento sumiu quando sentiu a mão dela em cima das cobertas... Diretamente sobre seu pau.

O som que saiu dele fervilhando era em parte um *Hmmmmmm* e parte gemido. Seu toque, mesmo através das cobertas, foi o suficiente para disparar seu coração, ferver seu sangue, superaquecer sua pele com um delicioso arrepio.

E deixá-lo a apenas um passo de um orgasmo.

O colchão da cama do hospital deslocou conforme ela se esticou ao lado dele, e a palma da sua mão se moveu sob o lençol, deslizando ohhhhhhh, tão pra baixo. Espalhando suas pernas para lhe dar todo o acesso ao que ela queria, arqueou sua cabeça para trás e inclinou a coluna para o céu quando ela agarrou sua ereção. Gritou seu nome, sentiu a besta surgindo também, o dragão se dirigindo à crista da onda de prazer junto com ele, enquanto ainda estava amarrado.

Como se tivesse aprendido boas maneiras.

— Minha Mary... — E então engasgou. — Oh sim.

Ela começou a acariciá-lo de forma macia e lenta, e foi estranho o modo como ela o afetava. O sexo o fazia se sentir tão poderoso, tão másculo, tão foda, que se perguntou como sua carne conseguia conter o grande rugido da batida erótica... E ainda assim ela era o mestre de tudo dele, e a totalidade da sua reação também, totalmente no controle, dominando-o de forma que o fazia totalmente fraco diante dela.

E diabos que isso era sexy.

— Você é tão bonito. — Ela disse numa voz rouca. — Oh, olhe para você, Rhage...

Ele adorou a ideia de que ela estava olhando para ele, vendo o que estava fazendo com ele, deleitando-se no controle que tinha sobre ele, literalmente. E se não podia tocá-la, se tinha que ser um bom menino e manter suas mãos pra si mesmo, pelo menos ela poderia desfrutar do fato de trazê-lo de joelhos, sabendo que só ela tinha a capacidade de fazer isso com ele.

Afinal, apesar de qualquer distância que tenha surgido entre eles ultimamente, nada tinha mudado para ele. Mary era a única mulher que queria, a única que via, sentia seu cheiro e não podia esperar para estar com ela.

Isso foi bom para eles. Esta ligação sexual escaldante era importante para eles agora.

Especialmente agora que ela caiu em um ritmo bombeando seu pau, apertando a ponta. Mais rápido. Mais rápido ainda.

Até que ele estava ofegante, e a doce dor de antecipação atravessou seu corpo e sua cabeça girou.

Não estava mais cansado. Não.

— Mary, — Fez um grande esforço na cama arqueando, agarrando o colchão de um lado e a grade de proteção do outro. — Mary, espera...

— O que?

Quando ela parou, ele sacudiu a cabeça.

— Não, continue... Só quero que você faça algo pra mim.

— O que? — Ela disse enquanto corria a palma da mão pelo seu pau... E depois para baixo... E depois para cima...

Que porra ele tinha na cabeça... Ohhh, certo.

— Vem cá, vem mais perto, — Quando ela fez, ele sussurrou algo em seu ouvido.

O riso dela o fez sorrir também.

— Sério? — ela disse. — Isso é o que você quer?

— Sim. — arqueou seu corpo novamente, revirando os quadris para que a ereção fosse em direção ao seu aperto.

— Por favor? E vou implorar se você quiser... Adoro quando te imploro coisas.

Mary se deslocou mais para cima na cama do hospital e começou a trabalhar nele a sério novamente. Então inclinou perto da sua orelha...

... E com pronúncia perfeita disse:

— Inconstitucionalissimamente.

Deixando escapar uma maldição feito louco, Rhage gozou tão forte que viu estrelas, sua ereção latejando forte na mão dela, seu gozo fazendo as coisas muito, muito bagunçadas debaixo daquelas cobertas. E o tempo todo, seu único pensamento era o quanto amava sua fêmea.

Como ele a amava demais.

Duas portas abaixo do orgasmo induzido por vocabulário do Rhage, Layla estava sentada em sua própria cama de hospital, uma bola gigante de fio vermelho em seu lado direito, o cachecol mais comprido na história do mundo se esticando até o chão do outro lado. Entre os dois? Uma barriga que estava crescendo tão inchada dos bebês gêmeos que ela carregava que se sentia como se alguém tivesse dobrado um colchão e amarrado a coisa com um cinto no seu torso.

Não que ela estivesse em posição de reclamar. Os dois eram saudáveis, e contanto que ela ficasse na cama, sabia que estava dando a eles a melhor chance de sobrevivência. E certamente Quinn, o pai deles, e seu amado Blay, mimavam-na implacavelmente aqui embaixo, como se os dois preferissem ser aqueles a atravessar a permanência auto-imposta para ela.

Eles eram machos tão maravilhosos.

Enquanto fazia outra virada no fim de outra fileira, sorriu quando se lembrou de Blay sugerindo que ela tricotasse alguma coisa, pois isso ajudou sua mãe Lírica a conseguir atravessar seu próprio repouso na cama na gravidez dele. Isso provou ser um bom conselho – havia algo singularmente calmante no clic-clic das agulhas e o fio macio entre seus dedos, e o progresso que podia medir de forma tangível. Porém, neste momento, teria que cortar a coisa em segmentos ou dar para uma girafa.

Afinal, assistir maratonas de *Donas de Casa de verdade* sem fazer alguma coisa, qualquer coisa produtiva, era positivamente insustentável. Não importa que Lassiter dissesse o contrário.

Agora, *Terapia de Casais* com Dra. Jenn? Isso talvez fosse uma história diferente – embora, claro, ela não aprendeu coisas relevantes para sua própria relação. Por que não tinha um macho para chamar de seu.

Não, ela tinha uma obsessão nada saudável que bateu de frente e queimou. O que era uma boa coisa – embora a perda do que nunca devia querer em primeiro lugar causou dor inimaginável e injustificável.

Mas afinal, uma pessoa não se apaixonava pelo inimigo. E não só por que era uma Escolhida.

Era por que Xcor e seu Bando de Bastardos, declarou guerra para Wrath e a Irmandade.

Era por isso que...

— Pare com isso, — Ela murmurou enquanto fechava os olhos e parava as agulhas. — Só... *Pare*.

Realmente não pensou que pudesse aguentar mais um instante a culpa e o conhecimento de sua traição daqueles quem lhe eram mais queridos. Contudo, qual era o outro curso? Sim, mentiram para ela e então foi coagida... Mas no fim, seu coração foi onde não devia ter ido.

E apesar de tudo, isso nunca foi devolvido a ela.

Quando ouviu outro som ali fora no corredor, deu uma olhada para sua porta e se forçou a se perder na distração. Houve um monte de atividade no centro de treinamento hoje à noite – vozes, sons de passos, portas abrindo e fechando – e de alguma forma, isso tudo só a fez se sentir mais isolada em vez de menos. Mas aí, quando as coisas ficavam quietas, havia menos sugestões para lembrá-la de tudo que estava perdendo.

Ainda assim, não estaria em qualquer outro lugar.

Colocando a mão em seu estômago arredondado, pensou que sim, a vida como ela conhecia ultimamente estava mais focada interiormente que exteriormente – e a qualquer hora que ficasse inquieta, tudo que tinha que fazer era se lembrar de tudo que estava em jogo.

Ela pode nunca ter o amor que Qhuinn e Blay compartilhavam, mas pelo menos as crianças seriam dela e deles.

Isso teria que ser suficiente para sua vida, e seria. Não podia esperar para segurá-los, cuidar deles, vê-los crescer.

Assumindo que ela sobrevivesse ao parto. Assumindo que todos eles sobrevivessem.

Quando um alarme suave veio de seu telefone, ela saltou e apertou a tecla de silenciar o alarme.

— Já está na hora?

Sim, estava. Sua liberdade chegou. Trinta minutos para se esticar, caminhar e ir para um passeio.

Dentro dos confins do centro de treinamento, claro.

Empurrando o tricô em direção à base das agulhas, enfiou as pontas dentro do rolo, e esticou seus braços e pernas, esticou as pontas dos pés, flexionou seus dedos. Então moveu seus pés pra fora da cama e colocou seu peso neles. As demandas da gravidez e toda sua inatividade forçada a levaram a uma certa fraqueza nos músculos, uns que não curavam, não importa quanto se alimentasse de Qhuinn e Blay – então aprendeu a ser cautelosa sempre que se levantava.

Primeira parada foi o banheiro, algo que tinha permissão para usar prontamente, mas inevitavelmente adiava. Não havia necessidade de tomar banho, o que ela fez cerca de doze horas atrás durante essa meia hora para estar de pé e passear.

Não, isto seria puramente para investigar.

O que estava acontecendo ali fora?

Enquanto encabeçava para a porta, alisou o cabelo, que parecia estar crescendo tão rápido quanto seu cachecol: as ondas loiras desciam passando dos seus quadris agora, e supôs que devia cortá-lo em um certo ponto. Sua camisola de flanela era igualmente longa e larga, do tamanho de uma barraca florida, e seus chinelos faziam um som de *shhht-shhht-shhht* acima do chão nu. Com suas costas já doloridas e um braço estendido para se estabilizar, sentiu como se fosse séculos mais velha do que realmente era.

Empurrando a porta para sair, ela...

Imediatamente deu um passo atrás.

Tanto que sua bunda bateu no painel, fechando.

Do outro lado, dois machos estavam de pé, altos e orgulhosos, expressões idênticas de tensão marcando seus rostos.

E pelo idêntico, quis dizer exatamente isso.

Eles eram gêmeos.

Quando eles focaram nela, ambos se recolheram como se vissem um fantasma.

— Olhem pra onde olham, — Veio um grunhido desagradável.

Layla chicoteou sua cabeça em direção ao aviso.

— Zsadist?

O Irmão com o rosto com cicatrizes caminhou a passos largos para ela, colocando seu corpo, com todas suas armas, entre ela e os dois estranhos, embora nenhum dos machos fizesse um movimento agressivo em direção a ela. Não surpreendentemente, foi um bloqueio muito bem sucedido. O tórax e os ombros do Zsadist eram tão largos que ela não podia mais ver o par — e este era claramente o plano dele.

— Voltem lá pra dentro com ele, — Zsadist vociferou. — Antes que *eu* ponha vocês naquele quarto.

Não houve nenhum argumento, e abruptamente os cheiros estranhos dissiparam como se eles realmente desaparecessem do corredor.

— Eles não fizeram nada comigo, — Ela disse. — Realmente, acho que se eu fizesse *Buu!* eles poderiam muito bem sair correndo.

Z deu uma olhada por cima do ombro.

— Acho que você devia voltar ao seu quarto.

— Mas tenho permissão para esticar minhas pernas duas vezes por noite!

O Irmão suave, mas firmemente, tomou seu cotovelo e a escoltou de volta para sua cama.

— Não nesse instante. Vou dizer a você quando estiver okay. Nós temos algumas visitas inesperadas e não estamos correndo nenhum risco com você.

— Quem são eles?

— Ninguém com quem você precise se preocupar, e eles não vão ficar muito tempo, — Z a colocou de volta em posição. — Posso te trazer alguma comida?

Layla exalou.

— Não, obrigada.

— Algo para beber então?

— Estou bem. Mas obrigada.

Depois de se curvar profundamente o Irmão partiu, e meio que esperava ouvir os sons distantes da pistola dele varrendo aqueles dois soldados só por olhar para ela. Mas era como as coisas funcionavam. Como uma fêmea grávida, era a coisa mais valiosa no planeta, não só para seu jovem pai, mas para cada único membro da Irmandade.

Era como viver com uma dúzia de irmãos mais velhos superprotetores e mandões.

Ou Irmãos, como era o caso.

E normalmente, poderia ter desafiado até Zsadist. Mas não reconheceu aqueles machos grandes, e Deus sabia que já entrou em bastantes problemas confraternizando com lutadores que ela não conhecia — e eles tinham que ser soldados. Eram de constituição pesada e forte, e estavam usando coldres.

Embora vazios.

Então eles não eram inimigos, ela decidiu, ou não teriam mesmo permissão para estar no centro de treinamento. Mas eles não eram exatamente de confiança também.

Do nada, uma imagem do rosto duro do Xcor veio à sua mente – e a pontada de dor que a atravessou foi tão forte que os bebês mexeram em sua barriga como se sentissem isto também.

— Pare com isto. — Ela sussurrou para si mesma.

Agarrando o controle remoto da TV, ela ligou a tela do outro lado do quarto. Certo. Ela ficaria aqui até que aqueles estranhos partissem. Então sairia e se sentaria com o irmão do Qhuinn, Luchas, que estava em recuperação duas portas adiante e parecia esperar ansiosamente suas visitas regulares. Então talvez um bate-papo com a Dra. Jane em sua escrivaninha, ou talvez Blay e Qhuinn voltassem de suas rondas até lá e eles caminhariam até as salas de aula.

Quem quer que sejam aqueles soldados, duvidava que os Irmãos os deixassem ficar mais tempo além do absolutamente necessário. Pelo menos pela reação do Zsadist.

E todas as armas das quais eles muito claramente foram despojados.

Capítulo ONZE

Sem tempo. Absolutamente nenhum maldito tempo.

Com uma erupção do mal permeando o ar, Vishous tirou sua luva forrada de chumbo e levantou sua mão incandescente. Fechando os olhos e se concentrando – por que sua vida, e a vida de seus dois irmãos, de fato dependiam disso – ele liberou uma série de lufadas de impulso de si mesmo – exceto que o *mhis* se estendeu somente do tamanho de um bolso sobre todo o campus panorâmico, uma pequena parte, não maior do que a distância de duas polegadas em frente ao seu rosto e duas polegadas atrás dos corpos de Phury e Tohr.

Graças a Deus o Hummer está fora da propriedade.

— Ninguém se mexe, – V comandou quando uma barreira ondulante e iridescente se formou em volta deles, parecido com bolhas de sabão de uma criança feita com detergente.

Ele não tinha nem ideia se isso iria funcionar, mas sabia que teria de acontecer – a atmosfera estava se tornando uma densa sombra de maldade. Inferno, mesmo com o *mhis* no lugar, sua pele pinicava com um aviso para correeeeeeeeeeeeeeer!

E foi quando o Ômega em pessoa apareceu a cento e trinta metros à frente.

Falando sobre anticlímax. Na superfície, a figura de tinta transparente em suas roupas brancas alvejantes parecia intimidante como um peão de xadrez animado. Mas isso fazendo uma avaliação visual. Internamente, cada célula que constituía seu corpo, cada neurônio que queimava em seu cérebro, todas as emoções que já teve ou que teria começou a gritar como se estivesse sob um horrendo ataque mortal.

Atrás dele, um suave murmúrio se iniciou e V olhou de relance por cima do ombro. Phury tinha começado a rezar no Antigo Idioma.

— Shhh, – Vishous sussurrou.

Phury imediatamente engoliu a fala, mas seus lábios seguiram se movendo, continuando a oração. E sim, V pensou em sua mãe fazendo seu não-posso-nem-mesmo-estar-lá-em-acima – e ficou tentado a dizer ao cara que ele estava perdendo seu tempo. Mas tanto faz. Não há razão para roubar a ilusão de seu irmão.

Depois, e se o *mhís* não funcionar? Eles três e o que eles oraram, ou o que não oraram, estavam indo para um ponto discutível diretamente fora do planeta.

O Ômega se virou lentamente avaliando sua “morte”, e V ficou tão tenso que correu o risco de cair pra frente como uma tábua. O olhar do mal não se demorou onde ele e seus irmãos estavam parados, então sugeriu que o *mhís* estava funcionando – provavelmente pelo menos parcialmente, por que o irmão da Virgem Escriba estava muito distraído pela devastação da sua Sociedade.

Merda, este é meu tio, V pensou sombriamente.

E então o Ômega passou oscilando, andando com seus próprios pés, sangue negro encharcando o gramado, do mesmo jeito que a mãe de V perambulava.

A chuva começou a cair do céu, as gotas frias batendo no cabelo e nariz de V, seus ombros, nas costas de suas mãos. Mesmo a coisa fazendo cócegas na sua pele, não se moveu para afastar aquilo ou se abrigar – e francamente, sim, poderia ter feito sem se recordar exatamente de como sua ilusão de ótica estava inconsistente com a realidade. Aquela chuva passou pela barreira?

Inferno, você poderia colocar um jornal sobre sua cúpula e ter uma proteção melhor contra a chuva.

Porra.

De tempos em tempos, Ômega parava para se curvar e pegar um braço, uma perna, uma cabeça. E jogava de volta onde quer que estivesse no gramado, como se estivesse procurando por alguma coisa em específico. E então parou sem aviso.

Um gemido baixo soou fora do campus, o som entrando e se espalhando no vazio, morrendo nos edifícios sem ecoar.

E então Ômega estendeu suas palmas para a frente.

A porcaria de uma brisa bateu nas costas de V e jogou seus cabelos na cara e nos olhos, ondulando a frente da sua jaqueta também até o couro começar a agitar, e teve que apertar a coisa contra seu corpo.

De repente, os restos do massacre, todos os pedaços mortos e manchados, liquidificou em uma sombra viscosa que colocou para dentro de si, tornando-se um maremoto que quebrou dentro de seu mestre, sua casa, seu núcleo.

O Ômega absorveu tudo isso, reivindicando a parte de si que tinha dado aos seus induzidos durante a cerimônia de iniciação, chamando de volta à sua essência, reabsorvendo tudo até que o campo de batalha estivesse limpo como estava antes do ataque ter sido travado, nada além de grama pisada e árvores derrubadas para mostrar o que a Besta e a Irmandade fizeram.

Quando tudo estava acabado, Ômega parou no centro da praça da escola, olhando ao redor como se desse uma checada dupla no trabalho. E então, tão rápido quanto chegou, a entidade desapareceu em si mesmo, um sutil flash foi só o que restou de sua presença – e até mesmo isso desapareceu um segundo depois.

— Esperamos, – V sibilou. — Vamos esperar.

Ele não estava dando por certo que o Ômega tinha realmente ido embora dali. O problema era que o amanhecer estava vindo... E sim, se o *mhis* não podia proteger os três da chuva, também não iria proteger porcaria nenhuma da “sempre em frente” luz do sol.

Mas poderiam se permitir ficar mais um pouquinho. Só pro caso.

Melhor ser cauteloso do que descoberto. Depois, precisava de um momento para que seu testículo restante pudesse voltar para o seu lugar novamente.

Porra.

Capítulo DOZE

— Eu não acredito que isto seja necessário.

De volta ao centro de treinamento da Irmandade, Assail olhou de seu corpo para o humano de cabelos escuros que estava fechando o corte em sua panturrilha e tornozelo com agulha e linha. Quando o homem não respondeu e nem moderou seus cuidados, Assail revirou os olhos.

— Eu disse...

— Sim, sim. — O cara enfiou a agulha entre a pele mais uma vez e puxou até que a linha preta fosse esticada. — Você deixou perfeitamente claro. A única coisa que vou tornar a dizer é que a MRSA³ não dá a mínima se você é vampiro ou humano, e deixar uma ferida aberta de seis polegadas em sua perna é a definição da estupidez.

— Eu curo bastante rápido.

— Não tão rápido, amigo. E você pode parar de se contorcer? Eu me sinto como se estivesse trabalhando em um peixinho dourado na água.

Na verdade, ele não podia. Suas extremidades tinham ideias próprias no momento, e enquanto verificava o relógio de parede e calculava o pouco tempo que tinha antes do amanhecer, o tremor tinha piorado...

A porta do quarto abriu e seus primos retornaram.

— Pensei que não quisessem assistir, — Assail murmurou. E de fato, Ehric, o da esquerda, foi cuidadoso em não olhar para o trabalho de reparação.

Embora o assassino proficiente que o homem era, seu estômago revolia em náuseas nas questões clínicas, uma contradição que podia ser uma fonte de diversão, mas não era no momento.

³ MRSA é a sigla para uma das mais potentes infecções hospitalares que são causa de óbito e de difícil tratamento.

Na verdade, Assail não estava com disposição para qualquer tipo de leviandade. Não tinha consentido em ser trazido aqui para esta instalação de tratamento da Irmandade. O que queria fazer era voltar para sua casa no Hudson e arranhar a coceira que estava rapidamente se tornando um rugido.

— Quando você terá terminado? – Perguntou ele.

— Vou radiografar seu ombro a seguir.

— Não há necessidade.

— De onde veio seu diploma médico?

Assail amaldiçoou e deitou-se horizontalmente sobre a maca. O foco acima dele, com suas luzes brilhantes e armação microscópica, era como algo saído de um filme de ficção científica. E enquanto fechava os olhos, era impossível não se lembrar dele vindo aqui com sua Marisol logo depois que a livrou de Benloise... Deles dois passando pelo extenso sistema de engatilhamentos direcionando ao subterrâneo e entrando nesta instalação estelar.

Porém tentou instruir sua mente para outro lugar. A destinação desse pensamento era simplesmente dolorosa demais para suportar.

— Vou ter de partir antes do amanhecer, – Revelou. — E quero nossas armas, telefones e outros artigos pessoais devolvidos a nós prontamente.

O médico não respondeu até ter aplicado seu último ponto e atado um nó um pouco apertado na base do tornozelo de Assail. — Importa-se de dizer a seus rapazes para sair novamente por um minuto?

— Por quê?

Ehric falou. — Zsadist nos quer aqui. E não estou inclinado a discutir com o Irmão enquanto estou desarmado e desejoso de manter o suprimento de sangue da minha cabeça.

O médico sentou-se em seu banco giratório e, pela primeira vez, Assail leu a costura no jaleco branco do humano: Dr. Manuel Manello, Cirurgião Chefe. Havia um adorno e o nome de um sistema hospitalar abaixo da escrita cursiva preta.

— Os Irmãos o trouxeram pra cá de outras espécies para esta noite? — Perguntou Assail. — Como isso é possível?

O Dr. Manello abaixou o olhar para seu nome. — Jaleco velho. E velhos hábitos custam a morrer... Não eles.

Enquanto o humano encarava Assail no olho, Assail franziu o cenho.

— O que quer dizer?

— Você consente que eu fale abertamente na frente desses dois?

— Eles são meu sangue.

— Isso é um sim?

— Você humanos são tão estranhos.

— E você pode cortar esse tom superior, imbecil. Estou casado com uma de sua espécie, ok? E desculpe-me por pensar que você poderia não querer ser avaliado a respeito do seu vício em drogas na frente da dupla dinâmica... Caso eles não sejam relacionados a você.

Assail abriu a boca. Fechou. Abriu novamente.

— Não sei do que está falando.

— Oh, sério? — O homem arrancou as luvas azuis brilhantes e colocou os cotovelos sobre os joelhos, inclinando-se. — Você está inquieto na minha mesa como se estivesse revestido por colméias. Está suando frio, e não porque esteja com qualquer dor. Suas pupilas estão dilatadas. E tenho certeza que se eu te desse seu casaco de volta, a primeira coisa que faria seria dar uma desculpa para ir ao banheiro e usar o resto da coca que estava no frasco, e que tirei do interior do bolso da frente. Como estou indo? Lendo sua mente corretamente? Ou vai mentir como um filho da puta?

— Eu *não* tenho um problema com drogas.

— Uh-huh. Claro que não.

Enquanto o humano ficava de pé, Assail fez algumas análises ignorando a si mesmo... De maneira nenhuma iria olhar para seus primos: podia sentir seus olhares gêmeos em cima dele bem mais que o bastante, muito mais que obrigado.

Pelo menos nenhum deles disse nada.

— Olha, não tenho nada a ver com isso, — O Dr. Manello foi até uma mesa de trabalho na qual um computador, algumas canetas e um bloco descansavam. Inclinando-se, escreveu alguma coisa e rasgou a folha fixada da ponta, dobrando-a ao meio. — Aqui está meu número. Quando chegar ao fundo do poço, ligue pra mim e podemos te ajudar na desintoxicação. Entretanto, esteja ciente de que o uso prolongado de cocaína leva a todos os tipos de coisas divertidas, como ataques de pânico, paranóia e até desenvolver psicoses. Você já está na categoria da perda de peso, e como eu mencionei, está cheio de tiques da porra. Seu nariz também fica escorrendo o tempo todo, então tenho certeza que seu septo está desviado.

Assail olhou para o cesto de lixo ao lado dele e perguntou como todos aqueles Kleenex tinham terminado ali. Certamente, não poderia ter sido... Huh. Ele tinha um chumaço de lenços na mão e não tinha conhecimento de ter pegado.

— Eu *não* sou viciado.

— Então tome isto e jogue fora, — O humano segurou o papel rasgado. — Queime isto. Enrole a coisa para cima e use-o para cheirar sua próxima dose. Como eu disse, não me importo.

Quando Assail aceitou o que foi oferecido, o médico virou como se já tivesse esquecido toda a interação.

— Assim, quanto a esse raio-X? Os Irmãos dirão quando você poderá ir. A saída não é uma coisa voluntária, como eu tenho certeza que você compreendeu.

Assail fez um show de esmagar o papel e lançou-o no lixo com os lenços.

— Sim, — disse secamente. — Estou bastante ciente do quão precisamente involuntário tudo isso é.

Vishous dirigiu o food-truck de volta para o complexo. Como um morcego saído do inferno.

A coisa não foi construída pra velocidade, e manobrar esse trambolho lembrou-lhe de um velho avião tentando decolar numa pista de terra... Tudo vibrava, a tal ponto que você juraria que estava simplesmente além da inteira desintegração molecular. Mas manteve o pé no acelerador... O que era o que se fazia quando tinha, ohhhhhhh, cerca de 25 minutos de verdadeira escuridão à esquerda e pelo menos trinta e sete milhas de estrada pra cobrir. E você realmente não queria abandonar evidências factíveis mortais ao lado da estrada.

Ainda assim, caso acontecesse o pior, ele e Tohr, por que V tinha insistido na carona de volta com ele, poderiam encostar e desmaterializar direto até os degraus da mansão em um nanossegundo: Butch tinha acabado de mandar uma mensagem para reportar que retornou ao centro de treinamento em segurança com Xcor. Assim, ninguém tinha que se preocupar com Tohr agindo por fora em alguma ideia brilhante que envolvesse sangue derramado e um saco coletor de cadáveres com o nome do Bastardo nele.

Pelo menos não durante os próximos dez minutos, em todo o caso.

— Você salvou nossas vidas quando o Ômega apareceu.

Vishous olhou de relance sobre o assento da frente. Tohrment esteve em silêncio na posição de atirador desde que eles dois dirigiram pra fora do campus cerca de vinte minutos após o Ômega ter se levantado e desaparecido.

— E eu não ia matar Xcor.

— Está certo disso mesmo?

Quando Tohr não disse mais nada, V pensou: *Siiiiiiiiimmm, com certeza você não estava indo assassinar o filho da puta.*

— Não é como se eu não entendesse, – V murmurou enquanto um mergulho na estrada ajudou a empurrar a velocidade do food-truck ao norte a setenta milhas por hora. — Todos nós queremos eliminá-lo.

— Eu realizei a traqueotomia em Wrath. Enquanto ele estava morrendo no meu colo depois que o fodido do Xcor atirou nele.

— Bem, e depois havia o fato de que você tinha o Lassiter dirigindo naquele momento, – V disse secamente. — Isso teria me assustado tanto.

— Estou falando fodidamente sério, V.

— Eu sei.

— Onde é que vamos colocá-lo?

V sacudiu a cabeça. — Depende de quanto tempo o Bastardo passou desmaiado.

— Quero trabalhar nele, Vishous.

— Veremos, meu irmão. Veremos.

Ou, em outras palavras: abso-fodida-lutamente *não*. A agressão rolaria fora dos poros do irmão, mesmo que Tohr tentasse dar uma de homem “calmo e sob controle”, era como a maior bandeira vermelha que alguém já tivesse obtido.

Enquanto eles ficavam em silêncio, V colocou a mão dentro de sua jaqueta de couro e tirou um cigarro enrolado à mão. Acendendo a coisa com um isqueiro Bic vermelho, exalou um pouco de fumaça e abriu a janela para que não enchesse seu irmão de fumaça.

Desejo de matar a parte, Tohr tinha levantado uma boa maldita pergunta... Onde diabos colocariam o prisioneiro? Havia uma abundância de salas de

interrogatório no centro de treinamento... O problema era, eles eram mais da variedade do estilo “mesa e cadeira”, o tipo de coisa que foi usado, por exemplo, para falar com Mary, John Matthew e Bella quando eles chegaram a primeira vez à instalação.

Nada luxuoso, mas certamente civilizado.

Nada que fosse equipado para a tortura.

Ainda.

Ainda bem que sua vida amorosa fornecia-lhe acesso imediato a todos os tipos de correias, fivelas, correntes e grampos. E sim, provavelmente iria precisar de alguns dos seus equipamentos maiores também.

— Vou cuidar disso. abso-fodida-lutamente disse ele.

— O que? Xcor?

— Sim. Cuido disso.

Tohr amaldiçoou suavemente como se estivesse enciumado. Mas então o irmão deu de ombros.

— Isso é uma coisa boa. Ele é perigoso... É como ter um serial killer em casa. Vamos querer alguns bloqueios seriamente fortes.

Trancas reforçadas não dariam nem pra metade, pensou V. Nem mesmo perto.

Capítulo TREZE

Quando Mary acordou, não tinha ideia de que horas eram. Levantando a cabeça do peitoral nu de Rhage, ela olhou em volta e se surpreendeu ao descobrir que os dois caíram no sono na sala de recuperação e com as luzes acesas acima de suas cabeças.

Droga, não tinha tornado a conectar todas aquelas máquinas. Depois do pequeno interlúdio orgástico de Rhage, ele tinha se recusado a parar de abraçá-la, e ela deve ter caído no sono de encontro a seu corpo quente e musculoso. Claramente Ehlena tinha chegado a conclusões certas – os monitores por si foram removidos. E sim, seu *hellren* ainda estava muito vivo, seu peito subindo e descendo calmamente, e aquele maravilhoso *Ba-bump, Ba-bump, Ba-bump* de seu coração era um verdadeiro atestado de sua saúde.

Fechando os olhos, estremeceu quando pensou na ferida da bala, o sangue que ele tinha tossido, aquele horrível...

— Ei, linda.

Assim que ele falou, ela levantou a cabeça. Seus olhos azuis semicerrados a prendiam, queria olhar dentro deles para sempre.

— Oi. – ela sussurrou.

Movendo sua mão para cima, ela acariciou a bochecha dele, sentindo sua barba loira começando a crescer.

— Você precisa se barbear.

— Preciso?

— É sexy, na verdade.

— Então vou jogar fora todos os meus barbeadores. Rápido, me ajude a ir pro nosso banheiro pra eu fazer isso agora.

Ela riu um pouco, então ficou séria.

— Como está sua visão?

— Que visão?

— Continua cego?

Ele soltou um som como *hrrumph*.

— Como se isso importasse! Você está aqui e eu posso te ouvir perfeitamente. Posso sentir você também. — A grande e larga palma da mão de Rhage esfregou seu ombro. — Ei, tive uma ideia. Vamos pro nosso quarto e depois de cancelarmos minha assinatura do Clube de Barbear, podemos cair na Jacuzzi. Depois de um banho e meio, podemos ir pra cama e ver o que acontece. Lembre-se que eu te devo pelo menos um bom passeio... E então tem os juros. Ohhh, aqueles juros... Tenho muita coisa pra fazer por causa disso.

Mary riu um pouco.

— O que? — Ele disse com um olhar severo. — O que tem de errado?

Colocando-se na vertical e afastando-se do peito dele, ela estalou as costas se esticando. Jogou seu cabelo para longe do rosto. Colocou o colarinho da camisa no lugar para não se asfixiar mais.

— Que pena, hein?

Com um gemido de dor, ele agarrou os botões do controle e deixou o ângulo do colchão mais alto para que então pudesse se sentar de modo mais apropriado.

— Fale comigo.

Quando ela se moveu para os pés de sua cama e tentou achar as palavras, Rhage recuou.

— Uau. Você está... Por que está chorando?

— Jesus, eu estou? — Uma passada rápida de sua palma na bochecha e ela achou umidade. — Uau. Sim, me desculpe por isso.

— O que está acontecendo? Preciso matar alguém pra você?

Esta era a primeira resposta de um macho emparelhado para qualquer coisa que chateasse sua *shellan*, e antes que pudesse evitar, ela sussurrou: — A morte já aconteceu, na verdade.

— Huh.

Por alguma razão, seu pensamento voltou para aquela noite, cerca de dois anos atrás, quando Rhage, V e Butch saíram e mataram um *hellren* criminoso, então Bitty e Annalye puderam viver.

— A mãe de Bitty morreu na noite passada.

— Ohhhhh, *merda*. — Rhage sentou completamente para frente por conta própria, como se tivesse em mente pular para fora da cama mesmo que não tivesse nenhum lugar para ir, nenhum ataque para defendê-la. — Mas por que inferno você não me disse?

— Você estava meio que ocupado morrendo na hora...

— Você deveria ter me contado. Eu fiz você me masturbar...

— Pare com isso. Eu amo isso. Nós precisávamos disso.

Quando seu lindo rosto ficou insuportavelmente tenso e ele cruzou os braços no peito como se estivesse chateado consigo mesmo, ela arqueou pra cima e o beijou na boca. — Obrigada.

— Pelo que?

— Por se importar com ela também.

— Como eu não poderia? O que posso fazer pra ajudar?

Mary se sentou e soltou.

— Eu senti sua falta.

Rhage bateu no ar entre eles como se estivesse indo tocá-la, e ela colocou seu rosto entre as mãos dele, deixando-o sentir suas bochechas e mandíbula, os lados de sua garganta.

— Senti sua falta também, — Ele disse num tom baixo. — Nós estivemos... Afastados ultimamente. Não separados, mas afastados.

— Me desculpe. Eu sei. Estive envolvida com tudo no Lugar Seguro e isso realmente não é justo...

— Pare com isso. Você nunca tem que se desculpar comigo por amar seu trabalho ou precisar estar sempre por dentro das coisas, como faz. Sou a *última* pessoa que não entenderia isso. Você é maravilhosa lá, e uma pessoa maravilhosa que ajuda todo mundo...

Mary abaixou os olhos, mesmo pensando que tecnicamente não havia nenhum olhar fixo para ela escapar.

— Nem sempre. Deus, nem sempre.

— Conte pra mim. Mary, não quero ser exigente... Mas você realmente precisa falar comigo.

Quando ela se lembrou de tudo que aconteceu, seus olhos se encheram de lágrimas novamente.

— Eu, ah... Eu recebi a ligação na minha mesa que as coisas não estavam indo bem com Annalye e levei Bitty no Havers. Eu realmente pensei... Bem, quando minha mãe se foi, eu estava com ela e isso foi importante para mim, especialmente depois, sabe? Quero dizer, quando penso nela e sinto sua falta... Há um certo consolo que tenho ao saber que ela não estava sozinha quando morreu. Que... Que estava comigo no começo da minha vida e que eu estava com ela no fim da dela, — Mary soltou um suspiro trêmulo. — Quero dizer, Bitty é nova... Ainda há tantos anos pela frente para ela lidar com isso, sabe? E o que foi importante para mim quando eu era adulta, meio que parecia algo que poderia

ser importante para ela depois. Em todo caso... Eu não queria que isso acontecesse.

— O que acontecesse?

Mary cobriu o rosto com as mãos quando as memórias atravessavam sua consciência como uma faca.

— Quando Bitty... Oh Deus, quando Bitty pegou a mão de sua mãe, a fêmea morreu bem naquela hora. Bitty pensou que ela fosse a responsável. Isso foi... *Horível*. Nada do que eu queria para nenhuma das duas.

Eu a matei! Eu a matei!

— Talvez a *mahmen* dela estivesse esperando por ela.

Mary secou os olhos e deixou os braços caírem em derrota.

— É isso o que eu estou dizendo a mim mesma. Não que isso realmente ajude...

— Mary, quando fui baleado naquele campo e estava morrendo, eu estava esperando que você fosse até mim. Era a única coisa que estava me segurando aqui. Quando se ama alguém e você está partindo, espera até que a pessoa venha... E isso toma um monte de energia, um monte de foco. Estou te dizendo Mary, eu estava esperando por você por que precisava ficar em paz contigo, mas não conseguia aguentar por muito tempo... E embora tivemos sorte e você salvou minha vida, a realidade é que eu prolonguei meu sofrimento só para ter aquele momento contigo.

— Oh Deus, sério... Ver você sofrendo daquele jeito... Foi um dos piores momentos da minha vida.

Como se ele estivesse determinado a mantê-la no caminho, Rhage falou sobre ela.

— Você precisa dizer isso a Bitty, ok? Dizer a ela que sua mãe morreu naquele momento por que a voz de Bitty era o que ela precisava ouvir antes que

fosse para o *Fade*. Ela precisava saber antes de partir que sua filha estava bem. E te garanto, Mary, se você dissesse uma palavra naquele quarto, Annalye saberia que estava com a filha dela também. E isso quer dizer que Bitty estaria segura. Annalye foi embora por que sabia que tudo bem ela ir.

— Nunca pensei nisso desse jeito, — Mary murmurou. — Você colocou isso de um jeito ótimo. Eu queria que você pudesse dizer isso a ela.

— Talvez eu possa algum dia. Inferno, diga o dia e a hora e estarei lá.

Quando Rhage começou a ir até ela, parecia focado nela mesmo que não pudesse enxergar — e na realidade, Mary tinha muita certeza nesse momento que nada mais nesse mundo existia para ele além dela e dos seus problemas. Adicione aquela ridícula beleza masculina, aquele desejo sexual e aquele grande coração?

— Como nesse mundo acabei ficando com você? — Ela sussurrou. — Ganhei na loteria.

Seu *hellren* a alcançou e trouxe para perto de novo, colocando-a sob seu queixo.

— Oh, não, Mary. É o contrário. Acredite em mim.

Quando Rhage sentiu a tensão no corpo de sua *shellan* acalmar, esfregou suas costas em círculos lentos... E sentiu vontade de vomitar.

Não por causa da coisa toda da Besta.

— Então, sei que ainda temos 12 horas até o anoitecer, — Ela disse — Mas gostaria de ir para o trabalho essa tarde. Mesmo que só um pouquinho e somente se você...

— Oh Deus, sim. Bitty precisa de você. — Perguntou a si mesmo se tinha sobrado algum Alka Seltzer. — Estou bem.

— Tem certeza?

Não. Não mesmo. — Inferno, sim... Quantas vezes já passei por essa recuperação? Vou só deitar aqui e dormir muito. — Por que se não estivesse

consciente, não iria se sentir daquele jeito, certo? — E na verdade, pensando bem, você não precisa que eu diga nada a Bitty. Você tem maneiras melhores de colocar as coisas do jeito certo.

— Eu costumava acreditar nisso.

— Não. — Olhou para baixo, para onde o som da voz dela estava vindo e pegou uma de suas mãos com a dele com urgência. — Mary, você não pode ter uma segunda opinião sobre si mesma. Ouça, você vai para a guerra do seu próprio jeito, e a pior coisa que um soldado pode fazer é ter sua confiança perdida antes que chegue ao campo. Não são todas as vezes que vai acabar em vitória, mas você tem que começar isso todas às vezes sabendo que seu treinamento e seus instintos são ouvidos. Você não fez nada de errado. Não magoou Bitty de propósito. Certamente não é responsável pela *mahmen* dela escolher aquele momento para ir para o *Fade*... E de fato, há muitas evidências que sugerem que a fêmea foi embora por que sentiu que sua filha estava em boas mãos. Você precisa acreditar em tudo isso, caso contrário vai ficar presa em algo indefinido que não vai ajudar ninguém.

— Senhor, você está sempre tão certo.

Blah. Nem mesmo perto disso. Mas não é como que fosse trazer todos seus erros à tona agora, quando ela tinha problemas reais para lidar com aquela garotinha. Ele era um idiota egoísta, mas não era *tão* babaca assim.

Puta merda, não podia acreditar que fez sua *shellan* atravessar aquilo daquele jeito... Não poderia viver consigo mesmo sabendo que fez Mary essencialmente assisti-lo morrer na noite passada — e tudo por nenhuma boa razão, porra.

Tudo por que não tinha ouvido Vishous.

Na verdade não, ele tinha. E isso é o pior de tudo. De fato, tinha ouvido cada palavra que o Irmão disse e saiu pra lutar do mesmo jeito, completamente ciente do que estava esperando por ele no campo de batalha se o cara estivesse certo.

Achava que essa era a definição de suicida, não era?

O que significa que ele era...

Ah, porra.

Enquanto a cabeça de Rhage começou a implodir com a realidade que estava só agora acordando nele, Mary continuou a falar de um jeito lento, e considerando o que ela ia fazer para a garotinha, quais as consultas medicas ela tinha que ter, e então havia algo sobre um tio em algum lugar... E Rhage simplesmente deixou a conversa de uma só pessoa seguir.

Na verdade, estava indefinidamente agradecido que ela se sentia melhor e mais conectada com ele. Aquela merda importava. Infelizmente, estava voltando a ficar longe dela novamente, uma parte dentro dele flutuando para fora mesmo com o corpo dele ficando onde estava.

O que tinha de errado com ele, inferno? Ele tinha tudo o que queria na vida – e ela estava em seus braços neste exato momento. Ele tinha morrido de medo e tinha passado por isso. Havia muito pelo que viver, pelo que lutar, pelo que amar.

Então por que faria uma coisa daquela? Por que correria para um caixão todo garantido? E por que essa distância dela de volta?

Bem, havia uma explicação. Alguma coisa tinha amarrado tudo com um arco grande, gordo e psicótico.

Ele frequentemente tinha se perguntado se estava louco. Tipo, tão intrinsecamente.

Suas emoções sempre foram tão extremas, pulando da loucura para a raiva, que ele tinha ficado preocupado algumas vezes que um dia iria pender para algum dos extremos dessa espiral, nunca retornando para a sanidade novamente. Talvez isso finalmente tivesse acontecido. E se tivesse? A última coisa que Mary precisava depois do que tinha acontecido na noite anterior é que ele estivesse clinicamente insano.

Por que merda, por que mais ele se sentia tão malditamente estranho dentro de sua própria pele?

Maldição, parecia que tinha ganhado na loteria só para descobrir que era alérgico ao dinheiro ou uma merda assim.

— Rhage?

Ele se sacudiu. — Me desculpe, o que?

— Você quer que eu pegue alguma comida?

— Não. Continuo cheio. — Ele tornou a colocá-la contra ele novamente. — Porém eu poderia ter muito mais disso.

Mary se aconchegou perto dele, passando os braços em volta dos seus ombros o máximo que conseguia.

— Você tem.

Tentei me matar na noite passada, disse para ela na sua cabeça. E não tenho ideia do por quê.

Sim, era oficial.

Ele tinha enlouquecido.

Capítulo CATORZE

— É aqui.

Jo Early pisou no acelerador de seu Volkswagen de merda.

— Sim, sei onde é, Dougie.

— Bem aqui...

— Eu *sei*.

Não havia razão para acertar a placa. Às sete da manhã, não tinha nenhum outro carro por perto, ninguém para se importar como ela atravessou o portão desencaixado com a pintura descascada da velha escola preparatória que sua mãe teve um milhão de anos atrás.

Uau. A Escola Brownswick para Garotas teve dias melhores.

Sua mãe *então* não aprovaria nem um pouco este paisagismo. Ou a falta dele.

Mas aí, a mulher podia romper um aneurisma através de um único dente de leão em seu gramado de cinco acres.

Dirigindo pela rua de asfalto esburacada, Jo dirigiu em torno de buracos que eram grandes o suficiente para engolir seu pequeno Golf, e se esquivou da árvore caída em pedaços – alguns dos quais eram velhos o suficiente para apodrecer.

— Deus, minha cabeça dói.

Ela olhou para seu companheiro de quarto. Dougie Keefer era Shaggy do *Scooby Doo* – sem o cão alemão falante. E sim, seu apelido era Reefer por uma boa razão.

— Eu disse para ir a um médico quando passou por aqui ontem à noite...

— Fui atingido na cabeça!

— ... você provavelmente teve uma concussão.

Embora qualquer consulta de neuro com o cara seria difícil de ler por que ele normalmente tinha visão dupla. E dormência e formigamento era uma escolha de estilo de vida em seus olhos.

Dougie estalou os dedos um por um.

— Vou ficar bem.

— Então pare de reclamar. Além disso, metade do problema é que está ficando sóbrio. É chamado de ressaca .

Enquanto iam para dentro do campus, edifícios apareceram e ela os imaginou com janelas inteiras limpas e recém-pintadas, e portas que não penduravam em ângulos ruins. Podia absolutamente ver sua mãe aqui com seus terninhos e pérolas, atrás de seu diploma superior mesmo que tivesse sido apenas uma escola preparatória, não uma faculdade.

Tradições do século XXI à parte, coisas tinha sido adquiridas na cápsula do tempo dos 19 aos 50 anos de sua mãe. E a mulher tinha o correspondente de sapatos e bolsas femininas para comprová-lo.

E as pessoas se perguntavam por que Jo tinha se afastado?

— Você não está pronta para isso, Jo. Estou dizendo a você.

— Tanto faz. Preciso começar a trabalhar.

— Vai explodir sua mente.

— Uh-huh.

Dougie se virou para ela, a faixa do cinto de segurança em seu peito.

— Você viu o vídeo.

— Eu não sei o que estava olhando. Estava escuro e antes que continue a discutir, lembre-se... Primeiro de Abril?

— Ok, é Outubro, tá? — A risada que ele deu era tão ele. — E sim, essa foi boa.

— Para mim não foi.

Dougie tinha decidido que seria divertido pegar o carro dela emprestado, e em seguida enviar-lhe uma imagem de photoshop da coisa enrolada em torno de uma árvore. Como ele conseguiu se concentrar tempo suficiente para terminar o trabalho visual tinha sido um mistério, mas ele parecia tão real, que ela tinha ligado para sua companhia de seguro.

E também teve um colapso no banheiro no trabalho quando se perguntou como diabos ia cobrir sua franquia.

Essa era a coisa sobre deixar seus pais ricos no retrovisor. Quinhentos dólares sem um orçamento certo poderia ser difícil comer.

Com uma careta, ela se inclinou em direção ao volante.

— O que é isso... *Ah, merda.*

Pisando nos freios, ela parou na frente de uma árvore inteira que tinha caído do outro lado da pista. Checando rapidamente o relógio, ela amaldiçoou. Mesmo enquanto o tempo passava, não estava dentro de um Golf 4X4, e correndo o risco de ter que chamar o guincho e pagar por um reboque.

— Se vamos fazer isso, temos que andar.

— Vamos dar a volta.

— E ficar preso na lama? Choveu tarde da noite ontem. — Ela desligou o motor e retirou a chave do carro. — Vamos lá. Você quer me mostrar, é melhor começar a andar. Caso contrário, vou dar meia volta.

Dougie ainda estava reclamando quando eles partiram a pé, passando por cima do bordo caído e continuando descendo a rua. A manhã estava

amargamente fria e então surpreendentemente – o tipo de coisa que deixava você feliz por ter trazido sua jaqueta por capricho, e chateada por ter deixado o chapéu e as luvas para trás por que na sua cabeça, era “apenas outubro”.

— Agora sei por que não me levanto antes do meio-dia. – Dougie murmurou.

Jo levantou o olhar para os troncos nus acima. Odiava ser pessimista, mas se perguntava se qualquer um dos idiotas entrariam em queda livre e a matariam.

— Por que deixei você me meter nisso?

Ele colocou o braço ao redor de seus ombros.

— Porque você me amaaa.

— Não. – deu uma cotovelada nas costelas dele.

— Definitivamente não é isso.

E ainda meio que era. Ela conheceu Dougie e sua tropa da pesada através de um conhecido, e eles a aceitaram quando ela precisava desesperadamente de um lugar para dormir. O arranjo era suposto ser temporário, do tipo cair no sofá, mas logo em seguida vagou um quarto no apartamento deles, e um ano mais tarde estava vivendo numa versão de uma casa de fraternidade dos meados dos anos vinte. Com um grupo de garotos recalcitrantes que mais pareciam meninos, dos quais ela parecia ser responsável.

— Estamos chegando perto, – ele colocou as mãos na cabeça como se tivesse explodido. O que era uma viagem curta. — Quero dizer, pedaços de corpos em todos os lugares, e o cheiro! Pior do que o que está na nossa geladeira. Quer dizer, estamos falando corpos, Jo. Mortos! Só que estavam se movendo! E então essa...

— Alucinação de dragão. Você me disse.

— Você viu a filmagem!

— Como se eu não te conhecesse. – Ela disse enquanto sacudia a cabeça. — Você me enganou uma vez, devia se vergonhar... Me enganou duas vezes...

— Jo. Foi real. Foi real pra caralho... Vi um monstro e...

Conforme Dougie percorria a ladainha de impossibilidade outra vez, Jo focou na elevação adiante.

— Sim, ta, você já me disse. E ao contrário de você, ainda tenho minha memória de curto prazo.

— Imbecil, TJ e Soz viram também.

— Tem certeza disso? Por que quando mandei uma mensagem pra eles esta manhã, disseram que era uma viagem ruim. Nada mais.

— Eles são idiotas.

Quando chegaram na inclinação, ela sorriu e decidiu que talvez tivesse exagerado demais. Não se encaixava com a sociedade do tipo empertigada como a que os pais dela estavam tão inseridos, mas da mesma forma, sair com um bando de maconheiros não levava exatamente a lugar nenhum também.

Ainda assim, eles eram altamente divertidos. Na maior parte do tempo.

E além do mais, a verdade era que não tinha ideia aonde pertencia.

— Você vai ver. — Dougie anunciou enquanto corria para o topo da subida. — Apenas olhe!

Jo se juntou a ele — e balançou a cabeça para tudo ali em cima, certo, ali embaixo também.

— Exatamente o que devo olhar? As árvores, os prédios ou a grama?

Dougie deixou os braços caírem.

— Não, não, isso está errado. Não...

— Acho que você finalmente deu fim ao seu cérebro, Dougie. Mas é o que acontece quando você o atinge dúzias de vezes com LSD em um período de seis horas. Pelo menos pensou que isto era real desta vez, no entanto, é o contrário da coisa do acidente do carro batendo na árvore que você fez comigo.

É, não havia absolutamente nada anormal lá embaixo no que tinha que ser o centro do campus. Nada de corpos. Sem partes de corpos. E nenhum cheiro também. Nada além de prédios abandonados, mais vento frio e mais nada de estranho.

— Não, não, não...

Enquanto Dougie corria lá pra baixo, ela o deixou ir, ficando pra trás e tentando imaginar como o lugar parecia quando tinha sido operacional. Era difícil pensar que sua mãe tinha ido às aulas nestes prédios. Dormiu dentro deles. Teve aquela primeira dança com seu pai em um deles.

Engraçado, o passado como tinha sido parecia tão inacessível como era atualmente o presente com as duas pessoas que a adotaram. Os três nunca tinham tido sorte, e apesar dela própria ser difícil às vezes, tinha sido um alívio esquecer de todas as tentativas exaustivas de fingir um vínculo que nunca se materializou.

— Jo! Venha cá!

Quando ela levou a mão ao ouvido e fingiu que não podia ouvi-lo, Dougie subiu correndo de volta até ela com o zelo messiânico de um pregador. Agarrando sua mão, ele a puxou em uma descida rápida agitando para trás sua jaqueta do exército.

— Está vendo como tudo está pisoteado por ali? Vê?

Ela se deixou ser arrastada ao longo de uma seção do campo reconhecidamente achatada. Mas um monte de grama longa horizontal e arbustos remexidos dificilmente era uma cena de um filme de Wes Craven, ou seja, de horror. E isso, sem dúvida, definitivamente não era o que estava no vídeo que Dougie insistiu que ela assistisse várias vezes.

Não sabia como explicar tudo.

Mas o que estava claro para ela? Realmente não ia dar a si mesma uma câibra no cérebro tentando conciliar tudo.

— Você viu o que eu postei! — Dougie disse. — E alguém pegou meu telefone por que não queria que ninguém visse isso!

— Você provavelmente só perdeu a coisa...

— Eu estava lá em cima. — Ele apontou para o mais alto dos prédios. — Ali! Foi ali que eu fiz a filmagem!

— Ei, Dougie, sem ofensa, mas tenho que ir trabalhar...

— Jo, estou falando sério. — Ele girou em um círculo. — Tudo bem, explique isso. Como tudo ficou esmagado aqui? Hã?

— Pelo que sei, você e nossos três colegas de quarto correram nus por aí em círculos. Na realidade, nem vamos seguir pelo lado hipotético.

Dougie a enfrentou.

— Então como é que eu consegui o vídeo? Hã?

— Não sei, Dougie. Francamente, é tão granulado que não sei o que estou olhando.

Ela lhe deu algum tempo para digerir todos os tipos de o-que-sobre-isso-e-aquilo, então ela terminou.

— Olha, eu realmente sinto muito, mas estou indo. Você pode vir comigo ou chamar um táxi para casa. A escolha é sua. Oh, espere. Sem telefone. Acho que isso significa andar.

Enquanto ela se virava para ir embora, ele disse em uma voz surpreendentemente adulta.

— Estou falando sério, Jo. Isto aconteceu. Não me importo para o que os três vão dizer. Sei quando estou chapado e quando não estou.

Quando Jo parou e olhou para trás, a expressão dele ficou esperançosa.

— Você se importa se eu deixar você no ponto de ônibus na Jefferson? Acho que não tenho tempo para levá-lo de volta pra casa.

Dougie jogou os braços para cima.

— Ah, qual é, Jo. Deixe-me só te mostrar aqui...

— Ponto de ônibus, é isso. — Disse ela. — E lembre-me disso da próxima vez que você tomar ácido. Quero estar preparada.

Capítulo QUINZE

Algum tempo depois, Mary acordou depois de um bom e longo descanso... E sorriu ante seu companheiro decididamente adormecido. Rhage estava apagado, os olhos fechados, uma sobrancelha loira contraindo e sua mandíbula rangendo como se talvez estivesse sonhando com uma discussão ou um jogo de bilhar. Sua respiração era profunda e plana, e sim, ele estava roncando. Não como uma serra elétrica. Ou um estridente Mustang acelerando num sinal vermelho. Nem mesmo nada perto do texugo ferido na rotina do Butch – o que era algo que tinha que se ouvir para acreditar.

Não, os sons que seu homem soltava eram mais como uma cafeteira Krups bem quando ela está terminando um ciclo coar o café; o tipo de coisa que borbulha em segundo plano, oferecendo um ritmo reconfortante durante o qual ela poderia dormir se quisesse ou ficar acordada e ouvir, se fosse trabalhar novamente. Pensando nisso, seus roncos provavelmente eram mais silenciosos do que ele, considerando como suas pisadas eram pesadas, o quanto sua risada era alta e o quanto ele falava, especialmente se estivesse perturbando seus irmãos.

Toda essa maluquice era apenas parte do que tanto amava nele.

Ele era sempre tão vivo. Vivo demais.

Graças a Deus.

Quando ela foi se esticando, moveu-se lentamente contra o corpo dele para não acordá-lo e olhou para o relógio do outro lado da sala de recuperação. Sete da noite. Passou o pôr do sol.

Dado o quão cansado ele tinha que estar, era capaz dele dormir mais quatro ou cinco horas. Provavelmente era melhor ela sair agora e voltar quando ele estivesse acordado.

— Estou indo para o Lugar Seguro um pouquinho. — Ela disse suavemente. — Fica com ele. Avise a ele que logo estarei de volta, ou ele pode me ligar?

Ela estava falando com a Besta, claro – e tratando com esse enorme dragão esmagador de ossos como uma espécie de secretária social. Mas isto funcionava. Se ela tinha que sair quando Rhage estava dormindo, sempre dizia para a Besta o que estava fazendo e quando estaria de volta. Dessa forma, Rhage não acordava suando frio achando que ela tinha sido raptada. Assassinada. Ou que escorregou e caiu no banheiro, que ficou desmaiada e deixada sangrando por todo o chão de mármore.

É, machos vinculados tendiam a saltar para conclusões que eram apenas um pouuuuuuco exageradas.

Mary cuidadosamente desvencilhou-se de Rhage apenas para parar quando estava quase livre. Olhando para o seu esterno despido completamente intacto, ela escovou as pontas dos dedos sobre onde bala esteve.

— Eu não te agradei. — Ela sussurrou. — Você o salvou. Devo a você... Muito obrigada.

De repente, as pálpebras de Rhage abriram – mas não era ele acordando. Seus olhos não eram nada além de órbitas brancas, essa iluminação indicadora da consciência da besta fixa nela com foco total.

Ela sorriu e roçou o rosto de seu companheiro, sabendo que o dragão sentiria seu toque.

— Obrigada. Você é um bom menino.

Uma versão mais tranquila do bufo afetuoso que a besta sempre dava a ela reverberou subindo e saiu da garganta do Rhage.

— Volte a dormir também, ok? Você precisa descansar também. Você trabalhou duro na última noite.

Mais um bufo... E aquelas pálpebras começaram a descer. A besta lutou contra a maré como um cachorrinho, mas acabou perdendo a batalha, retornando

ao ronco. Ambos tornando a se engajar em qualquer que seja a versão da terra dos sonhos em que estavam.

Inclinando-se, ela beijou a testa do seu companheiro e alisou seu cabelo para trás. Então foi para o banheiro e fechou a porta. Tão logo se virou para o balcão ao lado da pia, ela sorriu. Alguém – oh, com quem ela estava brincando, tinha que ser o Fritz – tinha colocado mudas de roupas completas para os dois. Bem como escovas de dente, lâmina e creme de barbear, um xampu e condicionador.

— Fritz, teu nome verdadeiramente é consideração.

E oh, isso é que era um chuveiro. De tempos em tempos, ela se perguntava se os sons ou cheiros acordariam Rhage, mas quando estava se enxugando, entreabriu a porta e constatou que além de ter virado de frente pro banheiro, ele permaneceu dormindo.

Provavelmente por que ela disse para a Besta o que estava acontecendo.

Enquanto estava secando o cabelo, perguntou a si mesma onde o Volvo tinha terminado. Ela tinha vindo do campo de batalha pra cá de carona na unidade cirúrgica, mas certamente alguém tinha trazido sua peruca de volta.

Bem, ela sempre poderia levar qualquer outro para o Lugar Seguro.

Quinze minutos depois, silenciosamente caminhou até a porta. Depois de um prolongado olhar fixo para o Rhage, ela abriu a porta e...

— Oh! Deus! – Ela sibilou enquanto recuava.

A última coisa que esperava ver era a Irmandade inteira do lado de fora da sala de recuperação do seu *hellren*.

Mas ela devia saber. Todos estavam lá, de V e Butch, Phury e Z... Blay e Qhuinn... Tohr e John Matthew... Até mesmo Wrath e Rehvenge. Era como estar na frente de uma equipe de futebol... Que era composta por lutadores profissionais... Com o equipamento completo de jogo.

Tudo bem, isso nem de longe era o suficiente para descrever a quantidade de macho no corredor.

— Ei, pessoal. — Ela disse calmamente enquanto puxava a maçaneta e certificava-se que as coisas estivessem fechadas. — Ele está dormindo agora, mas tenho certeza que não vai se importar de ser acordado.

— Nós não viemos por ele. — Disse Wrath em voz baixa.

As sobrancelhas de Mary se levantaram quando ela olhou para o seu Rei.

— Oh.

Nossa, ela tinha feito alguma coisa errada? Era difícil saber dado que Wrath, com seu bico de viúva e seus óculos escuros, sempre parecia puto.

O cara não tinha a cara de uma vadia descansada, mas a descansada “vou matar alguém e incendiar sua casa”.

Engolindo em seco, ela gaguejou.

— E-eu, ah...

— Obrigado, Mary. — O Rei disse enquanto dava um passo adiante com seu cão guia, George. — Obrigado por salvar a vida do nosso irmão.

Por um momento, ela ficou completamente pasma. E então o Rei a estava puxando para um duro abraço apertado.

Quando Wrath deu um passo atrás, havia algo pendurado sobre o ombro dela.

Uma espada?

— Espere, o que é isso? — Ela bateu em uma segunda recuada. — Por que isso... Oh, meu Deus...

A arma era feita de ouro ornamentado do punho à bainha, e havia pedras preciosas brancas e vermelhas faiscando em todos os lugares. Da mesma forma,

tinha uma faixa vermelha de rubi pendurada enfeitada com pedras preciosas e metais – parecia antiga. Antiga... E inestimável.

— Wrath, não posso aceitar isso, é demais...

— Você executou um serviço de valor ao trono. — O Rei anunciou. — Salvando a vida de um membro da minha guarda particular, você é mantida na mais alta estima real, e pode me convocar em seu benefício de valor comparável em algum momento no futuro.

Ela balançou a cabeça várias vezes. — Isso não é necessário. Sério. Não é.

E de repente ela se sentiu mal. Muito mal. Por que não salvou Rhage para estes homens maravilhosos que o amavam tanto. Não o tinha salvo para si mesma também.

Deus, por que... Por que aquele momento tinha que ser contaminado com todo o drama com a Bitty?

Mary foi tirar a espada.

— Realmente não posso...

Um por um, os Irmãos vieram até ela, abraçando-a com puxões duros, segurando-a até sua espinha dobrar e as costelas não poderem expandir mais. Alguns deles falaram em seu ouvido, dizendo coisas que ressoaram não só por causa das palavras que foram escolhidas, mas pelo respeito e reverência nos tons daquelas vozes profundas. Outros apenas fizeram um monte de ruídos tipo pigarros, do jeito que os homens faziam quando estavam lutando para se manter fortes e compostos em face de grande emoção. E ali estava John Matthew, aquele com quem tinha começado esta viagem louca, quem tinha começado isso tudo ligando para o disque-suicídio onde ela era voluntária.

Vishous foi o penúltimo dos Irmãos a vir a ela, e enquanto a segurava, ela sentiu um aroma de tabaco. Junto com couro. E pólvora.

— Nós devemos a você. — Ele disse secamente. — Para sempre.

Enxugando os olhos, ela balançou a cabeça uma vez mais.

— Você me dá crédito demais.

— Nem perto. — Disse ele enquanto escovava a sua bochecha com a mão enluvada. Encarando-a, seus olhos de diamante e o rosto duro com essas tatuagens eram o mais próximo de terno que ela jamais os viu. — Você sabia o que fazer...

— Mas eu não sabia, V. Eu realmente não tenho a menor dica de onde essa ideia veio.

Por um momento, ele franziu a testa. Então deu de ombros.

— Bem, tanto faz. Você nos deu nosso irmão de volta. E mesmo ele sendo um pé no saco, a vida não seria a mesma sem ele.

— Ou você. — Disse Zsadist.

Z foi o último a vir, e quando ele abriu os braços bem abertos, por algum motivo as faixas de escravo que foram tatuadas em torno de sua garganta e pulsos destacaram-se para ela.

Seu abraço era rígido. Desajeitado. Obviamente difícil para ele, enquanto mantinha seus quadris distantes de seu corpo. Mas seus olhos estavam amarelos, não pretos; e quando deu um passo atrás, ele colocou a mão no ombro dela.

A cicatriz que descia por seu nariz e ao redor de sua bochecha se moveu quando ele lhe deu um pequeno sorriso.

— Você é realmente boa em salvar vidas.

Sabia exatamente a que ele estava se referindo — todas essas sessões que eles dois tiveram na caldeira no porão da mansão, ele falando sobre o terrível abuso que tinha sofrido nas mãos de sua senhora, ela ouvindo e fazendo comentários somente quando ele parava por muito tempo ou olhava para ela por algum tipo de bote salva-vidas enquanto lutava em um mar de vergonha esmagadora, dor e tristeza.

— Algumas vezes eu gostaria de ser melhor. — Disse ela enquanto pensava em Bitty.

— Não é possível.

Quando Z caiu atrás alinhado com seus irmãos, Mary passou a mão no cabelo. Enxugou seus olhos. Respirou fundo. Apesar de haver muitas emoções diferentes a atravessando, era muito bom estar por perto de pessoas que amavam Rhage tanto como ela amava.

Que ela sabia ser verdadeiro e sem questionar.

— Bem. — Ela pigarreou. — Agradeço a todos. Mas honestamente...

Enquanto cada um deles olhava para ela de cara feia, isso era o tipo de coisa que a te deixava agradecida que eles gostassem de você. Ela teve que rir.

— Ok, ok, vou manter isso, vou manter.

A conversa surgiu entre os Irmãos e houve alguns tapas nas costas, como se estivessem orgulhosos de si mesmos por fazer a coisa certa por ela.

Com um tchau final, ela se forçou a seguir em frente em direção à entrada do túnel subterrâneo... Com sua nova espada.

Rapaz, ela era pesada, pensou conforme caminhava com a espada ainda no ombro.

Quase tão pesado quanto o peso que sentia em seu coração.

Enquanto Mary caminhava pelo corredor na direção do escritório, Vishous pegou um cigarro enrolado à mão e colocou entre seus dentes da frente.

À medida que acendia a coisa, franziu o cenho pensando sobre o que ela disse a ele.

— Então Xcor não está consciente ? – Wrath murmurou.

Virando-se para o Rei, V exalou e mudou as engrenagens na sua cabeça.

— Ainda não. E eu o chequei cerca de meia hora atrás.

— Onde você o colocou?

— No estande de tiro. – V olhou para Tohr, que estava fora do alcance da voz. — E nós temos um cronograma de guarda. Ele está amarrado para minha satisfação...

— Você realmente usa essa merda para o sexo?

Como um, a Irmandade inteira levantou o olhar para a interrupção. Lassiter, o anjo caído, apareceu do nada e estava parecendo um pouco menos ofensivo do que o habitual, seu cabelo loiro-e-preto puxado para trás em uma trança que ia até sua bunda, couro preto cobrindo suas partes pudendas, argolas de ouro nas orelhas, braceletes nos pulsos e piercings nos mamilos brilhando sob as luzes fluorescentes do teto. Ou talvez tenha sido por causa da sua extravagante disposição celeste.

Não.

— Que diabos aconteceu com sua maldita camisa? – V atirou de volta. — E por que, merda, você está fora do seu posto?

Porra, sabia que não podia colocar esse idiota de guarda. Mas pelo menos Payne não tinha deixado o estande de tiro, e isso era algo V que não precisava checar. Sua irmã era o tipo de lutadora que ele confiaria não apenas com sua própria vida e as vidas de seus irmãos e cônjuges, mas em garantir que seu prisioneiro não ia nem espirrar sem permissão.

— Derramei algo nela.

— Que? Você está *comendo* lá dentro?

— Não. Claro que não. — Lassiter foi andando devagar para onde o material de limpeza era mantido. — Ok, sim. Certo. Foi um milk-shake de morango... E só estou indo pegar uma camisa limpa e voltar pra lá. Relaxe.

V deu uma longa tragada. Era isso ou estrangular o filho da puta.

— Morango? Sério?

— Vai se foder, Vishous.

Quando o anjo sorriu e mandou um beijo por cima do ombro, pelo menos o vadio não bombeou os quadris imitando o ato sexual.

— Posso matá-lo? — V murmurou para Wrath. — Por favor. Só uma vez. Ou talvez duas.

— Entre na fila.

V tornou a focar no assunto.

— Como eu estava dizendo, Xcor não vai a lugar nenhum.

— Quero descobrir onde os Bastardos estão ficando. — Wrath ordenou — e trazer o resto deles pra cá. Mas eles devem ter assumido que ele foi capturado. É o que eu faria. Sem corpo? Sem testemunhas da morte? O curso mais seguro é assumir que o líder deles se tornou prisioneiro de guerra e cair fora de onde quer que eles estejam ficando.

— Concordo. Mas nunca se sabe o que se pode aprender quando se aperta os botões certos.

— Mantenha Tohr longe dele.

— Entendido. — V olhou para Tohr de relance novamente. O irmão estava atrás do grupo e olhando para o corredor onde o estande de tiro ficava. Parecia estranho pensar em ter de pôr rédeas no cara ou vigiá-lo, mas assim eram as coisas.

Algumas vezes as emoções eram demais, mesmo para o mais lógico dos lutadores.

Exceto para ele, é claro.

Ele era habilidoso pra caralho.

— Então Assail está dois quartos descendo o corredor. — Disse V. — Se você estiver pronto para falar com ele.

—Leve-me ali, V.

Mais uma vez, normalmente teria sido Tohr cumprindo o dever, mas V deu um passo mais perto e cutucou o Rei adiante, deixando os Irmãos reassumirem várias posições e sentarem enquanto esperavam Rhage acordar.

Depois deles estarem a alguma distância, o Rei disse baixinho:

— Então, o que você sabe sobre Rhage e seu pequeno torneio de tiro prematuro.

Quando V amaldiçoou, Wrath sacudiu a cabeça.

— Conte-me. E não finja que não sabe de porra nenhuma. Você foi o último a falar com ele.

Vishous considerou manter a merda por baixo dos panos, mas no final, mentir para Wrath não era interesse de ninguém.

— Eu previ a morte dele e tentei fazê-lo deixar o campo. Ele não saiu e... Aí está.

— Ele foi lá fora. Sabendo que ia morrer.

— Sim.

— Droga. — Depois que Wrath soltou alguns palavrões com a letra F, ele mudou para outro assunto feliz. — Também ouvi dizer que você teve um visitante. Quando voltou para o campus.

— O Ômega. — Cara, ele não gostava nem de dizer esse nome. Mas como gostaria de falar sobre o desejo de morrer de Rhage? — Sim, o irmão da minha mãe cuidou da limpeza. Se o seu dia de trabalho como sendo a fonte de todo o mal no mundo não funcionar, ele tem uma segunda carreira como zelador esperando por ele.

— Algum problema?

— Ele nem sequer sabia que estávamos ali.

— Graças a Deus. — Wrath olhou de relance, apesar de não poder ver. — Falou com sua mãe ultimamente?

— Não. Não. De modo nenhum.

— Pedi uma audiência. Ela não me reconheceu.

— Não posso ajudá-lo. Desculpe.

— Vou lá em cima sem ser convidado se eu tiver que fazer.

V parou na porta do quarto de recuperação do Assail, mas não abriu.

— Pelo que exatamente você está procurando por ela?

— Quero saber se ela ainda está ali em cima. — O rosto cruel e aristocrático de Wrath ficou esticado. — Ir contra assassinos é uma coisa, mas vamos precisar de um parceiro com sério poder para enfrentar o Ômega de cabeça erguida, e não vou me enganar. Nós acabamos de derrubar noventa por cento do que ele tem em cima da terra. Ele vai responder, e nós não vamos gostar seja o que for.

— Foda-me. — V murmurou.

— É mais como “nós”, meu irmão.

— É. Isso também. — V deu outra tragada para se recompor. — Mas você sabe, se quer que eu fale com ela ou...

— Espero que não seja necessário.

Somos dois, amigo, V pensou.

Diante de seus problemas com a mãe que o deixou mais mal-humorado do que normalmente era, ele bateu na porta.

— Está decente, filho da puta? — Ele empurrou a porta, sem esperar permissão. — Como estamos, babacas?

Bem, bem, bem, pensou quando viu Assail sentado de pernas cruzadas sobre a cama de hospital. Desintoxicação demais?

O macho estava suando como se fosse um frango assando para o jantar debaixo de uma lâmpada quente, mas também tremendo como se a parte inferior do seu corpo estivesse em uma banheira de gelo. Havia círculos da cor de óleo de motor debaixo de seus olhos, e suas mãos continuavam indo do rosto aos braços, escovando algum tipo de fiapo ou fios de cabelo perdidos que não existiam.

— A q-q-que devo esta h-h-honra?

As narinas de Wrath alargaram quando o Rei testou o aroma no ar.

— Você tem um problema enorme com o vício, hein?

— P-p-perdão?

— Você me ouviu.

V olhou os primos gêmeos no canto e encontrou-os com as costas retas e imóveis como um par de canhões. E quase tão quentes e distorcidos.

Só pra constar, eles meio que não o irritavam.

— Que p-p-p-posso fazer por você? — Assail perguntou entre contrações musculares.

— Quero agradecer por trabalhar conosco ontem à noite. — o Rei disse com voz arrastada. — Entendo que seus ferimentos estão todos costurados.

— S-s-sim...

— Oh, pelo amor de Deus! — Wrath deu uma olhada para V. — Tem como conseguir pra este filho da puta sua droga de escolha? Não posso falar com ele se está todo viciado por seu pecado. É como tentar fazer alguém se concentrar tendo um ataque epilético.

— Procurando por isso? — V ergueu um frasco cheio de pó e inclinou a coisa de um lado pro outro, como um pêndulo de relógio. — Mmm?

Foi patético o modo como os olhos do fodido travaram e esbugalharam. Mas V sabia como era — como você precisava de cada queimadura que você não queria, como isso se tornava tudo em que podia pensar, como você murchava se não tivesse.

Graças a Deus por Jane. Sem ela estaria caminhando nesse caminho de consumir e ainda estar sempre vazio.

— E ele nem mesmo nega o quanto precisa disso. — V murmurou enquanto se aproximava da cama.

Nossa, enquanto o pobre coitado estendia a mão, estava claro que as mãos de Assail tremiam muito, mal dava para agarrar qualquer coisa.

— Permita-me, filho da puta.

Desenroscando a tampa preta, V virou a garrafinha marrom e fez uma linha no interior do seu próprio antebraço.

Assail tomou essa merda como um motorista de empilhadeira, aspirando metade em uma narina, metade na outra. Em seguida, caiu para trás na cama de hospital como se tivesse uma perna quebrada e a morfina gotejando finalmente estivesse fazendo efeito. E sim, do ponto de vista clínico, era triste comentar o estado do FDP que um estimulante como a cocaína o derrubasse.

Mas isso era o vício pra você. Nada de bom senso.

— Agora, quer tentar novamente? — V murmurou enquanto lambia seu braço até limpar e saboreava a amargura. O zumbido não era ruim também.

Assail esfregou o rosto e então deixou os braços o caírem para os lados. — O quê?

Wrath sorriu sem qualquer calor, revelando suas presas enormes.

— Quero saber quais são seus planos de negócios.

— Por que isso é da sua conta? — A voz de Assail era esganiçada, como se ele estivesse exausto. — Ou você decidiu que uma ditadura, mais do que uma democracia, combina mais com sua personalidade...

— Cuidado com seu tom de merda. — V disse bruscamente.

Wrath continuou como se não tivesse sido interrompido.

— Seu histórico é questionável, na melhor das hipóteses. Apesar de uma tendência mais recente pra lealdade, você parece estar sempre na periferia dos meus inimigos, seja o Bando dos Bastardos ou a Sociedade *Lesser*. E da última vez que chequei, estava encabeçando um cartel de drogas, algo que não pode ser feito com uma mera equipe de dois, por mais capazes que seus capangas possam ser. Então me encontro querendo saber para onde você está indo com seus intermediários agora que os assassinos com quem esteve trabalhando estão fora do mercado negro.

Assail tirou seus cabelos negros da testa e segurou-os no lugar como se esperasse que isso ajudasse seu cérebro a funcionar.

V preparou-se para uma mentira.

Só que então o homem disse numa voz curiosamente morta.

— Eu não sei. Na verdade... Não sei o que devo fazer.

— Você fala sem falsidade. — Wrath inclinou a cabeça conforme exalava. — E como seu Rei, tenho uma sugestão para você.

— Ou seria um comando. — Assail murmurou.

— Tome como quiser. V As sobrancelhas de Wrath desapareceram sob as bordas dos seus óculos escuros. — Leve em conta que eu posso matá-lo ou deixá-lo ir deste lugar por capricho.

— Existem leis contra assassinato.

— Às vezes. — O Rei sorriu novamente com aquelas presas. — De qualquer maneira, quero a sua ajuda, e você vai me dar. De uma forma ou de outra.

Capítulo DEZESSEIS

No meio do caminho para o Lugar Seguro, Mary achou que acabaria precisando de uma cirurgia de joelho.

Ao pegar a saída da Northway, ela cerrou os dentes e arranhou a marcha dura como pedra do GTO *vintage* reformado, roxo brilhante de seu marido – também conhecido como seu orgulho e alegria. A luz da vida dele antes dela. A coisa mais valiosa que ele tinha desde que deu a ela seu Rolex de ouro Presidential.

O carro monstruoso começou a fazer um ruído de engasgo e então soltou um padrão grave de explosões, seguidas por guinchadas agudas quando empurrou o câmbio para a frente de volta à posição certa.

— Terceira? Terceira... Eu preciso, não, segunda? Definitivamente não a primeira.

Ela descobriu do jeito mais difícil, ao parar na base da colina da mansão e quase bater com os dentes da frente no volante, devido ao solavanco e pulo que o carro deu.

— Oh, Sra Volvo, sinto tanto sua falta...

Quando saiu da mansão, tinha percebido que o utilitário não estava no pátio com os outros veículos da Irmandade. Mas ao invés de perder tempo tentando descobrir onde estaria, pegou as chaves do Rhage pensando “qual seria a dificuldade de guiar este carro na cidade?”. Ela sabia como dirigir um carro com câmbio manual.

Tudo ia ficar bem.

É claro que nem imaginou que a embreagem seria dura como uma parede de tijolos, dificultando cada vez que tinha de mudar de marcha. Ou que as

engrenagens seriam tão calibradas que, caso não se acelerasse no momento certo, todos aqueles cavalos sob o capô enlouqueciam.

O lado bom? Ao menos brigar com a transmissão lhe dava algo além da ansiedade sobre Bitty com que se preocupar, enquanto dirigia para o Lugar Seguro.

Além disto, Fritz era um mecânico tão bom quanto mordomo.

Quando finalmente chegou, estacionou na entrada da garagem, saiu e cambaleou no escuro por um minuto, movendo a perna esquerda em movimentos circulares até sentir algo estalar e subitamente não se sentir mais como um flamingo.

Praguejando, foi até a porta na garagem, digitou uma senha e entrou. Quando as luzes com sensores acenderam, ergueu a mão para proteger os olhos, mas não se preocupou em nada. As duas baias estavam vazias, exceto por equipamentos de aparar grama e algumas marcas antigas de óleo no concreto. Subiu três degraus para chegar à porta da cozinha, então digitou uma senha e esperou que as trancas comessem sua sequência de liberação. Também se virou e apresentou seu rosto para reconhecimento.

Momentos depois estava no vestibulo, tirando o casaco e pendurando-o junto com a bolsa na fileira de ganchos que ficavam acima de um banco. A cozinha nova nos fundos funcionava a todo vapor, pilhas de panquecas sendo feitas no fogão, frutas sendo cortadas nos balcões, tigelas e pratos sendo arrumados na grande mesa.

— Mary!

— Ei, Mary!

— Oi, Sra. Luce!

Respirando fundo retribuiu as saudações, aproximando-se para dar um abraço aqui outro ali, colocar a mão sobre um ombro, cumprimentar uma fêmea e retribuir um sinal de “toca aqui” com um garoto. Havia três membros da equipe de serviço e ela os cumprimentou.

— Onde está Rhym? – Perguntou.

— Está lá em cima com a Bitty. – Disse suavemente a de cabelos cacheados.

— Estou indo para lá.

— Precisa de ajuda?

— Tenho certeza que vou precisar, – Mary meneou a cabeça. — Odeio que isto tenha acontecido a ela.

— Nós também.

Indo pra frente da casa, contornou a base da escada e subiu de dois em dois degraus. Nem se incomodou em parar para ver se Marissa estava. Era provável, dada a extensão do ataque, que a diretora do Lugar Seguro estivesse curtindo umas horinhas de folga com seu *hellren*.

Estar vinculada a um Irmão não era pros fracos.

No terceiro andar, encontrou Rhym dormindo em uma poltrona acolchoada que foi puxada para perto da porta de Bitty. Com o ruído do assoalho, a outra assistente social despertou.

— Oh, ei. – A fêmea disse ao se endireitar e esfregar os olhos. — Que horas são?

Rhym sempre lembrara a Mary de si mesma em certo grau. Ela era o tipo de fêmea que talvez não chamasse atenção imediata em um lugar, mas nunca deixava de estar lá quando se precisava dela. Era mais alta do que baixa, um pouco magra. Nunca usava maquiagem. Geralmente prendia o cabelo para trás. Nenhum macho que se soubesse.

Sua vida era o trabalho ali.

— Seis e meia. – Mary olhou para a porta fechada. — Como foi durante o dia?

Rhym só meneou a cabeça.

— Ela não quer falar sobre nada. Só guardou as roupas em uma mala, pegou sua boneca e o velho tigre de pelúcia e sentou-se na cama. Finalmente vim para cá, pois pensei que ela estava ficando acordada por minha causa.

— Acho que vou ver como ela está.

— Por favor. — Rhym esticou os braços e estalou as costas. — E se não tiver problema, vou para casa dormir um pouco, tudo bem?

— Absolutamente. Eu assumo daqui. E obrigado por cuidar dela.

— Já está escuro o bastante para eu sair daqui?

Mary olhou para as persianas que ainda estavam descidas por causa da luz do dia — Acho... — Como se combinado, os painéis de aço que protegiam o interior da luz do sol começaram a subir — Ta.

Rhymm levantou-se e passou os dedos pelos cabelos louros acastanhados.

— Se precisar de qualquer coisa, se ela precisar de alguma coisa, ligue e volto imediatamente. Ela é uma garotinha especial, e eu só... Quero ajudar.

— Está bem... E novamente, obrigada.

Quando a outra fêmea começou a descer a escada, Mary falou.

— Uma pergunta.

— Sim?

Mary fitou a janela circular no final do corredor, tentando encontrar as palavras certas.

— Ela... Digo, ela disse alguma coisa sobre a mãe? Ou sobre o que aconteceu na clínica?

Tipo algo como *Minha terapeuta fez eu me sentir como se tivesse matado minha mãe?*

— Nada. A única coisa que disse foi que partiria assim que pudesse. Não tive coragem de dizer que não havia lugar algum para ela ir. Pareceu muito cruel. Cedo demais.

— Então ela falou sobre o tio.

Rhym franziu o cenho.

— Tio? Não, não mencionou nada assim. Ela tem um tio?

Mary olhou de volta para porta fechada.

— Transferência.

— Ah. — A assistente social praguejou baixinho. — Estas vão ser noites e dias longos para ela. Longas semanas e meses também. Mas estaremos todos ao lado dela. Ela vai ficar bem se conseguirmos fazê-la atravessar este período sem se despedaçar.

— É. Isto é verdade.

Com um aceno, a fêmea desceu os degraus e Mary esperou até os sons de seus passos desaparecerem, caso Bitty só estivesse levemente adormecida.

Inclinando-se para a porta, colou a orelha na madeira fria. Ao não ouvir nada, bateu de levinho, então abriu.

A pequena lâmpada rosa e branca na mesinha do canto lançava um brilho no quarto escuro, e a forma diminuta de Bitty era banhada pela luz suave. A garota estava deitada de lado virada para a parede, obviamente caiu no sono profundo em algum ponto. Ela usava as mesmas roupas de antes e tinha mesmo guardado as roupas restantes na mala surrada – e as da mãe. As duas malas, uma menor e da cor de uma mancha de grama, a outra maior, de uma cor alaranjada estilo Cheetos, estavam alinhadas juntas na base da cama.

A boneca e a escova estavam no chão à frente delas, junto com aquele tigre de pelúcia que ela não largava.

Com as mãos nos quadris, Mary abaixou a cabeça. Por algum motivo, o impacto do silêncio do quarto, sua humildade e as cortinas e roupas de cama levemente puídas, seu tapete gasto e móveis que não combinavam, atingiu-a como golpes.

A esterilidade, a impessoalidade, a falta de... Família, na falta de outra palavra, fazia querer aumentar o termostato. Como se um pouco mais de calor vindo dos dutos no teto pudesse transformar o lugar em um quarto de garotinha mais apropriado.

Mas vamos lá, os problemas que tinham à frente teriam que ser resolvidos por muito mais do que somente um sistema de aquecimento funcional.

Aproximando-se na ponta dos pés da cama que a mãe de Bitty ocupara, pareceu adequado retirar a colcha de retalhos daquele colchão para cobrir a garotinha. Com cuidado, Mary a cobriu sem perturbar o sono que era tão necessário.

E então ficou observando-a.

E lembrou-se de seu próprio passado. Depois de seu câncer dar o ar da graça, lembrava-se com muita clareza de pensar que estava farta de tudo aquilo. Sua mãe tinha morrido cedo e de forma horrível, com muito sofrimento. E então ela mesma foi diagnosticada com leucemia e teve de atravessar um ano desgraçado tentando tratar a doença até a remissão. Tudo aquilo foi muito injusto.

Como se todo o sofrimento da mãe devesse ter qualificado Mary para jamais passar por quaisquer tragédias adicionais.

Agora, enquanto observava a garota, sentia-se positivamente indignada.

É, sabia que a vida era difícil, porra. Ela aprendeu esta lição muito bem. Mas pelo menos teve uma infância marcada por todas as coisas tradicionalmente boas que você queria ser capaz de olhar para trás e lembrar quando estivesse velho. Sim, seu pai também morreu cedo, mas ela e a mãe tiveram Natais, aniversários, formaturas do jardim de infância, primário e colegial. Comiam peru no dia de Ação de Graças e tinham roupas novas a cada ano, e boas noites de sono, onde a única

preocupação que podia manter alguém acordado seria em relação a uma nota escolar, ou no caso da mãe, se haveria dinheiro suficiente para duas semanas de férias de verão no Lago George ou só uma.

Bitty não teve absolutamente nada daquilo.

Nem ela, nem Annalye jamais expuseram os detalhes, mas não era difícil adivinhar o tipo de violência a que ambas foram submetidas. Pelo amor de Deus, foi necessário um implante de pinos de aço cirúrgico na perna de Bitty.

E como isso tudo tinha terminado?

A garotinha tinha acabado aqui sozinha.

Se o destino tivesse alguma consciência, Annalye não teria morrido.

Mas pelo menos o Lugar Seguro entrevistou bem a tempo. A ideia de que não tivessem conseguido ajuda para Bitty quando mais precisava?

Era suficiente para fazer Mary sentir-se doente.

Rhage acordou atabalhoadamente, como se um despertador tivesse tocado perto de sua cabeça. Erguendo o torso da cama de hospital, olhou ao redor em pânico.

Só que, tão rápido quanto a ansiedade chegou, ela se foi, a noção de que Mary só foi para o Lugar Seguro o acalmou tanto, que foi como se ela tivesse falado as palavras em seu ouvido. E achava que ela tinha mesmo. Já fazia um tempinho que eles usavam a besta como uma espécie de mural de recados quando Rhage estava inconsciente.

Funcionava – e não tinham de se preocupar em ter uma caneta à mão.

Deus, no meio de toda aquela reeeeeeeeuniããããã e que era tããããããããããã boooooooooooooa, era impossível não ser atingido por outra carga de vergonha pelo seu egoísmo e pelo risco a que expôs Mary e aos irmãos.

E então a voz de V soou diretamente à sua frente.

— Você está bem? — O irmão perguntou em voz rouca. — Já se sente normal?

— É. Tudo está funcionando direito, exceto minha visão, — *Sinto muito também. E estou com medo.* — Sabe, só um pouco cansado...

POFT!

O golpe no queixo veio do nada, atingindo-o tão forte que sua cabeça bateu para trás e quase voou de sua espinha.

— Que caralho! — Rhage proferiu abruptamente enquanto esfregava o maxilar. — O que...

— Isto foi por não me ouvir, caralho!

Crack!

O segundo golpe veio da direção oposta, o que foi uma coisa boa — o inchaço seria bilateral, então seu rosto não iria parecer tão fodido.

— E *isto* foi por atacar antes do combinado e foder nossa estratégia toda.

Ao conseguir nivelar seu cérebro pela segunda vez, Rhage segurava o maxilar com ambas as mãos. Pois havia uma possibilidade de que a parte inferior de seu crânio despencasse.

O lado bom foi que o golpe duplo clareou um pouco sua visão, a cegueira retrocedeu o suficiente para poder enxergar as manchas embaçadas dos corpos e roupas de seus irmãos.

— A gente podia ter conversssssado sssssobre issssstto, — Reclamou Rhage. — Ótimo, esstou falando como se tivesse um ovo na boca.

— E qual a graça nisto? — V o agarrou e abraçou com força. — Agora, *nunca mais* faça uma porra dessa.

Rhage esperou pelos outros começarem a fazer perguntas. Quando ninguém o fez, imaginou que V já tinha contado a eles sobre a coisa da visão. A menos... Bem, todo mundo parecia tê-lo visto correr adiantadamente para aquele campo e aquele tipo de merda era mais do que motivo para uma surra.

— Esssstou enxergando agora. — Disse ele.

— Pode me agradecer mais tarde.

Houve uma porção de conversa naquela hora – que o levou a descobrir que tinham Xcor sob custódia.

— Tohr já matou o fodido? – Perguntou.

— Não. – Todo mundo respondeu ao mesmo tempo.

Então houve uma história sobre o Ômega aparecer para uma faxina no campus e V salvando o dia criando um *mh*is.

— Eu posso ajudar no turno, – Disse Rhage. — Digo, vigiar o bastardo.

— Mais tarde, – V exalou um pouco de fumaça turca. — Você precisa se recuperar, depois a gente te encaixa.

Com isto, o grupo dispersou, alguns foram para a mansão, outros para a sala de treinamento. Rhage foi junto com os que pegaram o túnel para a casa principal, mas enquanto os Irmãos iam para a cama, ele atravessou a sala de jantar até a cozinha da mansão.

Deus, queria que sua Mary estivesse com ele.

O lado bom era que não havia nenhum *doggen* por perto, a Primeira Refeição não foi servida graças ao número de ferimentos que aconteceram durante o ataque juntamente com todo o drama do que aconteceu com ele. A equipe de serviços estava, sem dúvida, tendo um raro momento de descanso antes de voltarem à limpeza e arrumação, e ficava aliviado de não incomodar ninguém.

No entanto, ao perambular pelo local sagrado de Fritz, sentiu como se devesse fazer uma concessão ou algo assim, para não arrumar encrenca com o mordomo. E assim, decidiu não cozinhar. Comería o que já estivesse pronto e que não dependesse do fogão ou da despensa.

Ele já tinha levado dois murros e a noite mal tinha começado.

Mas primeiro, roupas. Esteve cego demais no banheiro para poder enxergar qualquer coisa que tivesse sido deixada para ele, então foi até a lavanderia atrás da despensa, usando sua visão um pouco embaçada para localizar umas calças folgadas e um moletom enorme com o logo do *American Horror Story* estampado. Então era hora de resolver o assunto comida.

Avaliando o estoque de pães, começou a diminuí-lo separando pacotes de *bagels* e baguetes no balcão – mas então pensou, *foda-se*. Tateando por baixo da gaveta, arrancou-a dos rodízios e carregou a coisa toda para a mesa de carvalho. O passo dois era voltar para a geladeira, pegar meio quilo de manteiga sem sal e um pacote de *cream cheese* e pegar a torradeira, puxando-a até o fio desencaixar da tomada.

Uma faca serrilhada e uma tábua de corte mais tarde, junto com a cafeteira, o pote de açúcar e uma caixa pequena de creme, ele se pôs ao trabalho. Enquanto o café coava começou a fatiar, fazendo montanhas de metades amanteigadas à direita. Os *bagels* foram alinhados como linha de produção, para poder processá-los pela torradeira e então besuntá-los de *cream cheese*.

Provavelmente deveria pegar um prato. E pelo menos outra faca, mas a lâmina maior ia ser eficiente para espalhar.

Quando o café ficou pronto, tirou a jarra, jogou o pote todo de açúcar e juntou o máximo de creme que coube. Então tomou um gole para provar.

Perfeito.

Ele colocou a coisa de volta no aquecedor e começou sistematicamente a batalhar com os *bagels* – pois, ei, aquilo era o mais perto de uma Primeira Refeição, certo? Em seguida veio as baguetes, por que aquilo era o mais próximo

de uma refeição que suas opções permitiam. A sobremesa seria um bolo de café com nozes. Ou dois.

Enquanto mastigava, seus dentes pareciam um pouco frouxos graças ao murro de V, mas não era grande coisa. E de vez em quando, empurrava as coisas abaixo com goles de café direto da jarra.

Duas mil calorias depois, a realidade do quão sozinho estava o atingiu.

Mas também, o cômodo poderia estar cheio de irmãos e sentiria o mesmo.

Pior, achava que mesmo a presença de sua Mary não poderia ter consertado este isolamento dentro dele.

Sentado lá, enchendo seu estômago e ainda assim incapaz de fazer qualquer coisa com o vazio que realmente contava, ele pensou que teria sido muito mais fácil se tivesse sequer uma indicação de qual realmente era o seu problema...

A distância, na sala de jantar, um som apressado ecoou.

Era uma porção de passos, como se alguém corresse.

Que inferno? Ele pensou se levantando da cadeira.

Capítulo DEZESSETE

Havia uma porção de cálculos a serem feitos quando se tinha um vício.

Ao sentar-se atrás da escrivaninha de mansão de vidro, Assail abriu a grande gaveta estreita, próxima às suas coxas, e tirou três vidrinhos idênticos ao que o Irmão Vishous tinha esvaziado no próprio antebraço, lá no complexo subterrâneo da Irmandade.

Cálculo, cálculo, cálculo... A maior parte, multiplicação. Tipo, pela quantidade de cocaína que tinha, quanto tempo conseguiria manter o vício aplacado? Quatorze horas? Quinze?

Ele abriu um dos frasquinhos marrons e derramou o conteúdo de pó branco em cima do mata-borrão de couro. Usando um cartão de crédito Centurion, da American Express, esticou duas fileiras, inclinou-se sobre elas e cuidou do seu problema. Então, recostou-se de novo na cadeira e fungou algumas vezes.

Sério, odiava sentir o nariz constantemente escorrendo. A queimação em suas vias nasais. O gosto amargo que florescia em sua boca. E, mais especialmente, detestava o fato de que já nem mais ficava chapado. Apenas experimentava uma ascensão temporária na horrível montanha russa na qual tinha se metido, uma espécie de trégua, inevitavelmente seguida por um acidente em alta velocidade – e então, se não tomasse outra dose, os arranhões e apertos implacáveis da fissura.

Fitando os resquícios dos dois vidrinhos, achou difícil acreditar que tinha chegado àquele padrão. O deslize e a queda tinham sido tanto coisa de momento quanto uma tragédia em câmera lenta. Ele inicialmente tinha começado por se acostumar à sensação de estar alerta, mas o que tinha começado como um hábito de praticidade agora o escravizava, tal qual um mestre tinha domínio sobre um serviçal no Antigo Continente.

Caramba, não fora essa sua intenção.

Ultimamente, ele fazia várias coisas sem intenção.

Estendendo o braço, despertou seu notebook com um toque no *touchpad*, logou usando uma mão, embora sua senha contivesse letras maiúsculas, e acessou, via canais criptografados, suas contas estrangeiras. A maior delas ficava em Genebra.

Ele tinha várias outras.

Tantos dígitos e vírgulas antes das casas decimais em jogo. E olhando para os dados na tela, contemplou exatamente quanto dinheiro era preciso – mesmo assumindo que, como um vampiro, viveria dez vezes mais do que a média humana ou até mais.

Desde que seu pequeno hábito não apressasse sua ida ao *Fade*.

Ou no seu caso, mais provavelmente ao *Dhund*.

Claro que tinha o suficiente para qualquer padrão prático, mesmo à luz da crise financeira mundial... Então realmente precisava continuar traficando drogas? Por outro lado, com a velocidade em que vinha cheirando pó, era perigoso se tornar seu maior e melhor consumidor.

Preciso de sua ajuda com a Glymera.

Enquanto considerava a proposta de Wrath, teve de se perguntar o quanto aquilo que o Rei queria fazer seria melhor ou pior do que ganhar dinheiro às custas de humanos e sua necessidade de complementos químicos. O esforço real era algo para passar o tempo, certamente. E se não iria mais traficar drogas, precisaria passar as horas noturnas de algum jeito.

Ou então ficaria louco.

Principalmente por sentir tanta falta daquela fêmea dele. Que, de fato, nunca foi dele.

— Marisol. — Sussurrou para a sala vazia.

Por que infernos nunca tinha tirado uma foto dela? Quando ela tinha ficado aqui, nesta mesma casa, enquanto a protegia com a própria vida, por que não tinha pegado seu celular, apontado na direção dela e tirado uma foto? Um simples momento do tempo, uma fração de segundo, que era só o que era preciso. Mas não, não tinha feito tal coisa, e agora aqui estava ele, do outro lado da separação sem nada dela, exceto o que havia em sua mente.

Era como se ela tivesse morrido. Só que ainda existia.

De fato, ela agora estava na Flórida, onde o oceano lambia a areia doce e as noites eram um mistério cálido, mesmo na porra do mês de outubro.

Sabia exatamente onde estava, precisamente onde ficava – por que a tinha rastreado até lá. Certificando-se que tinha chegado a seu destino a salvo com a avó. Espiara as duas das sombras da maneira mais patética possível.

Mas tinha honrado o pedido dela. Tinha deixado-a ir. Libertara-a dele e do estilo de vida marginal que ambos levavam.

Ladrões e traficantes não podiam coexistir.

Uma humana que queria ficar do lado certo da lei e um vampiro viciado que não conseguia.

Com um gemido, pôs o rosto entre as mãos e tornou a lembrar dela. Sim, oh, sim, conseguia se lembrar com certa clareza de seus cabelos escuros e seu corpo ágil, sua pele e olhos escuros. Mas com o passar do tempo... Ele se preocupava de que pudesse vir a se esquecer de certas nuances no começo, e então cada vez detalhes maiores e mais significativos.

E a perda daquilo seria uma morte lenta, mesmo que permanecesse respirando.

— Chega. – Murmurou ao abaixar os braços e se recostar.

Voltando a se concentrar em si mesmo, pensou no que o Rei queria que fizesse. Podia ser uma mudança de ramo, com certeza. Mas já tinha dinheiro suficiente. Tempo suficiente. E achar outra rede de contatos de traficantes

intermediários para distribuir seu produto nas ruas de Caldwell e Manhattan subitamente parecia trabalhoso demais.

Além disto... Depois de lutar lado a lado com a Irmandade? Ele se viu cheio de respeito por aqueles machos. Cheio de respeito pelo líder deles também.

Era uma grande mudança para um apertado convicto – meio que como um ateu considerando a existência de Deus depois de uma experiência próxima da morte.

Mais, ele devia a Vishous sua vida; disso tinha certeza. Por menos valor que sua existência tivesse, não estaria sentado nesta cadeira, nesta mansão de vidro junto ao Rio Hudson alimentando seu vício de cocaína, se aquele Irmão não o tivesse jogado por cima do ombro e corrido pra diabo.

Duas vezes.

Oh, aquela Besta. Se não tivesse visto, jamais acreditaria na sua existência.

Assail empurrou a cadeira com o pé de forma a poder espiar pela janela para além do rio. Um apito sutil soou do canto da sala onde um antigo relógio francês ficava. Ao fundo, na parte dos fundos da casa, ele podia ouvir os primos se movendo pela cozinha.

Quando decidiu usar o celular, tudo o que teve de fazer foi buscar no bolso de sua jaqueta de couro despedaçada. Tinha se esquecido de remover a roupa arruinada mesmo que sua casa estivesse bem aquecida contra a noite fria de outubro.

Mas também, ao chegar em casa, sua única preocupação foi ficar logo a sós para poder resolver seu probleminha.

Não conseguia cheirar suas carreiras na frente dos primos. Não que tivesse qualquer intenção de alterar seu comportamento por causa do julgamento de outra pessoa.

Selecionando um número de seus contatos, hesitou antes de iniciar a chamada. Com o polegar pairando sobre a tela, tornou-se agudamente ciente de que se fosse adiante com isto, ele se tornaria algo que sempre desprezara.

Um agente do Rei.

Ou, mais especificamente... Um agente a mando de outro.

Com um estranho sentimento de temor, cedeu ao impulso e levou o aparelho ao ouvido, ouvindo-o tocar. No final, decidiu atender ao pedido de Wrath pela simples razão de que parecia a única coisa boa que poderia fazer consigo mesmo.

Uma coisa certa.

Uma coisa positiva.

Estava começando a sentir como se já fosse hora. E talvez estivesse pegando uma página do livro de Marisol por que era a única maneira que o faria sentir-se próximo a ela agora.

Chega de tráfico de drogas para ele.

Embora o que estava a ponto de fazer bem poderia se provar tão perigoso quanto. Mas, pelo menos, não ficaria entediado.

— Alô querida, — Disse quando a chamada foi atendida por uma fêmea. — Sim, preciso mesmo me alimentar, obrigado. Esta noite seria preferível, sim. E também senti sua falta. De fato, muito mesmo. — Ele a deixou falar um pouquinho até ter certeza de que ela tinha engolido sua mentira, e inteira. — Na verdade, na sua casa, por favor. Não, o chalé não está à altura de um macho como eu. Eu até abria mão de início em respeito à presença de seu *hellren*, mas agora que ele está acamado, não estou mais disposto a fazer concessões. Espero que compreenda.

Houve uma longa pausa, mas sabia que ela cederia.

— Obrigado, *nalla*. — Falou calmamente. — Eu te vejo em breve... Oh, use algo vermelho. Sem calcinha. É só.

Ele desligou por que ela era uma fêmea que exigia trabalho em se capturar sua atenção. Tranquilo demais? Charmoso demais? Ela logo perderia o interesse, e isto não poderia acontecer até obter todas as informações que precisava dela.

Sua próxima ligação foi para o Irmão Vishous. Quando o macho atendeu, Assail só falou duas palavras antes de desligar de novo.

— Estou dentro.

— Claaaaaro, eu fico até tarde. Sem problema. Não é como se tivesse algo melhor pra fazer.

Jo Early estava sentada atrás de sua mesa da recepção com o resto da imobiliária vazia, nada além de uma mixórdia de perfumes e a deprimente música de elevador soando acima para lhe fazer companhia. Bem, isto e as porras dos arbustos de fícus de ambos os lados dela.

Aquelas coisas espalhavam suas folhas como se estivessem em constante derretimento – e seu TOC simplesmente não permitia que relaxasse a menos que o chão estivesse limpo. Mas também, ela não tinha de fazer agachamentos na academia.

Não que sequer frequentasse uma academia.

Verificando seu celular, meneou a cabeça. Sete horas.

O plano, o “favor” que estava fazendo para o chefe, era ficar ali até ele trazer três contratos assinados para ela poder digitalizar e enviá-los por e-mail para os vários corretores compradores. O porquê dele mesmo não conseguir enfiar os contratos no scanner e criar alguns PDFs era um mistério.

E, está bem, talvez ela também fosse uma parte do problema.

Não que tivesse orgulho em admitir.

Erguendo o olhar por cima da beira do tampo da mesa, fitou as portas de vidro esfumado que abriam para o exterior. O escritório ficava localizado em uma galeria, entre lojas, que contavam com um salão de cabeleireiros onde o corte mais barato custava cem pratas – e isto para os cortes masculinos – uma boutique que expunha duas peças de roupas minúsculas em sua vitrine, uma loja de porcelanas e vidrarias que brilhava mesmo em dias cinzentos e, no final dela, uma joalheira que as caçadoras de dotes de Caldwell pareciam aprovar.

A supor pela clientela pneumática do local.

— Vamos lá, Bryant. Vamos lá...

Embora, sério, não tinha nada a fazer. Ir pra casa para Dougie e as discussões sobre o círculo de colheita? Aquilo sim seria divertido.

Quando um telefone tocou na área onde os escritórios ficavam, despertou seu computador e encarou o calendário de Bryant. Ela punha os compromissos dele no Outlook quando ele enviava uma mensagem de texto ou ligava pedindo a ela para fazer isto. Compromissos válidos como reuniões imobiliárias, mas também a vistoria do BMW dele, e agendamentos do cara da manutenção da piscina para a casa dele naquele novo empreendimento. Lembretes pra ele ligar para a mãe no aniversário dela e encomendar flores para as mulheres com quem saía.

O tempo todo se perguntando o que ele pensaria se soubesse quem eram seus pais.

Aquele segredinho era o que a reconfortava quando ele aparecia em uma manhã de segunda-feira e sussurrava que tinha saído com uma divorciada na sexta-feira e uma *personal trainer* no sábado, e então almoçou com outra pessoa no domingo.

Sua identidade real era uma armadura que usava para lutar contra ele. Em uma guerra que ele sequer estava completamente inconsciente de estarem lutando.

Fechando a agenda dele, encarou o logotipo na tela. O último nome de Bryant, Drumm, era o segundo na linha – por que a firma foi fundada pelo seu pai. Quando o homem morreu há quase dois anos, Bryant assumiu a posição dele do mesmo jeito que fazia tudo o mais em sua vida – sorrindo e com charme. E ei, aquela não era uma estratégia ruim. Diga o que quiser sobre o estilo de vida playboy do cara, mas ele sabia negociar uma tonelada de imóveis e ainda parecer bonito fazendo isto.

Caldwell, a própria estrela da *Lista de Milionários* de Nova York.

— Vamos lá, Bryant... Cadê você?

Depois de uma nova vistoria de sua mesa já arrumada duas vezes, verificou o chão debaixo do fícus à direita, pegou uma folha e a jogou fora, sentou-se de novo e...

Que inferno, acessou o YouTube.

Dougie tinha postado aquela gravação estúpida em seu canal – um puta canal com o grande total de vinte e nove inscritos. Dos quais, tipo, quatro eram o próprio Dougie em diferentes perfis fakes e dois eram *spammers* com baixos padrões. Quando clicou na seta para assistir de novo ao vídeo de quarenta e dois segundos, ligou as caixas de som. Os efeitos sonoros eram de amadores a médios, uma combinação de uns sons de farfalhar muito altos enquanto seu companheiro de casa segurava o iPhone erguido, e então um distante, e não tão silencioso, rugido.

Está bem, então sim, certamente aquilo parecia algo Dinossáurico no meio daquele campo. E sim, parecia haver um monte de desordem no chão, mas quem saberia o que tudo aquilo era. Não passava de uma câmera de celular capturando uma tomada, e talvez fosse só o jeito que a área pisada parecia na lente.

Ela assistiu mais algumas vezes. Então recostou na cadeira.

Havia cinco comentários. Três eram de Dougie e seus colegas. Um era um depoimento de alguém que estava ganhando 1750 dólares trabalhando em

casa!!!!\$\$\$\$!!!! O último era... Apenas quatro palavras que não faziam muito sentido.

Essa merda de vamp9120 de novo.

Deixado por alguém chamado ghstrydr11.

Franzindo o cenho, começou uma pesquisa virtual e encontrou o canal vamp9120. Uau. Está bem, três mil inscritos e o que parecia ser uma centena de vídeos. Clicando em um deles, ela...

Gargalhou bem alto.

O cara que falava para a câmera era como um personagem LEGO do Drácula, com uma testa afiada e caninos ainda mais afiados, pelos faciais que pareciam ter sido pintados ao invés de barbeados, e uma gola “*Juro Por Deus, Aquele Deve Ser Elvis*” em sua camisa. A pele do cara era branca demais, seu cabelo preto demais, seus lábios vermelhos saídos de um tubo da MAC. E aquela voz? Parte evangelista, parte neo-vitoriano, quase Bram Stoker.

— Criaturas da noite...

Espere, esta frase não era de um filme?

— ... Vigiar as ruas de Caldwell...

Como se fosse a versão Nova Iorque de *The Walking Dead*? Na dúvida, arraste uma perna.

— ... Caçando vítimas...

Está beeeeeeeem, adiante. Descendo a tela com o índice de vídeos, escolheu outro aleatoriamente. E sim, O Verdadeiro Pseudo Vlad de novo encarava a câmera – e desta vez tinha um olhar bem esfumado para completar a caracterização.

— ... Existem! Vampiros existem...

Perguntando-se se o púlpito dele estava coberto com veludo pret... Está bem, uau. Era para ser uma piada, mas conforme as lentes se afastavam, parecia mesmo que ele estava inclinado em algo que era, de fato, coberto de veludo negro.

Interrompendo o vídeo, desceu para o próximo e disse a si mesma que depois deste chega.

— Oh, ei, Vlad, qual é?

— ... Depoimento sobre um encontro vampírico, – Vlad se virou para um cara sentado perto dele em uma cadeira dobrável de plástico. Que era uma total ambientação. — Julio? Conte a meus fãs o que aconteceu há duas noites.

Por falar em um pouco de mistureba: Julio era o antivampiro, com uma bandana do Tupac na cabeça, crucifixo no pescoço e tatuagens ao redor da garganta.

Mas seus olhos... Estavam arregalados e frenéticos, fixos em Vlad e depois ao redor.

— Eu tava no centro, sabe, com meus parças, e a gente tava...

A história a seguir começava sem nada de especial, só um maloqueiro com sua gangue atirando em rivais nos becos. Mas então as coisas entraram no rumo da Vampirolândia com o cara descrevendo como tinha corrido para dentro de um restaurante abandonado – e daí por diante as coisas ficaram estranhas.

Supondo que se acreditasse nele.

— ... cara me jogou no balcão e foi isto, – Julio fez um gesto de presas e garras. — E seus dentes eram todos...

— Iguais aos meus. – Vlad interrompeu.

— Só que os dele eram de verdade. – Okay, Vlad claramente não gostou disto, mas Julio continuou: — E ele tinha um rosto fodido, o lábio superior fodido. E ia me matar. Ele tinha uma...

Jo assistiu ao resto da entrevista, mesmo a parte onde Vlad empurra Julio do caminho, como se o patamar de compartilhamento do pseudo-Dracula já tivesse sido atingido.

Recostada na cadeira de novo, ela se perguntou exatamente o quão longe iria com isto. E a resposta foi ir para a página do *Jornal Caldwell Courier* e fazer uma busca pelo nome do bom e velho Julio. Ahn. Quem diria. Havia um artigo escrito em dezembro passado sobre a atividade de uma gangue na área do centro – e Julio era destaque. Tinha mesmo uma foto dele encarando de dentro de um camburão, os olhos ostentando aquele mesmo esbugalhar, a boca também arreganhada como se estivesse falando desesperadamente com o fotógrafo.

Mas nada sobre vampiros.

Subindo a tela de novo, descobriu que o nome no subtítulo era um que ela conhecia.

Na verdade, Bryant tinha conseguido uma casa para o cara e a esposa há cerca de seis meses. Se não estava enganada.

Uma rápida busca no arquivo de clientes e, é, ela estava certa.

— Sinto muito pelo atraso!

Bryant Drumm entrou pela porta de vidro correndo, mas não parecia esbaforido. Seu cabelo escuro estava perfeitamente arrumado, o terno azul acinzentado estava adequadamente abotoado e os documentos em suas mãos estavam separados em três seções.

Então ele não tinha realmente corrido. Veio em seu próprio ritmo, mesmo que para isto tivesse deixado-a plantada ali.

Ele pôs os cotovelos na mesa e se inclinou, com seu sorriso patenteado.

— Jo, como posso te recompensar?

Ela estendeu a mão.

— Dê-me. E me deixe ir embora.

Bryant colocou os documentos em sua mão, mas então se recusou a soltar quando ela tentou pegá-los.

— O que seria de mim sem você?

Enquanto a olhava fixamente, a concentração dele era fixa e completa — como se nada mais existisse no mundo para ele, como se estivesse tanto cativado por ela quanto levemente admirado. E para alguém que não tinha muita importância para os pais, que foi posta para adoção pelas pessoas que a geraram, que se sentia perdida no mundo... Era assim que ele a cativava.

De certa maneira triste que ela não gostava de questionar muito, vivia para estes pequenos momentos. Trabalhava até tarde por eles. Mantinha-se na expectativa de que voltariam a acontecer...

O telefone dele tocou. E ainda olhava para ela ao atender.

— Alô? Oh, ei.

Jo desviou o olhar, e desta vez quando ela puxou, ele a deixou pegar os contratos. Conhecia aquele tom de voz dele. Era uma de suas mulheres.

— Posso te encontrar agora. — Murmurou ele. — Onde? Mm-hmmm. Não, já jantei... Mas topo uma sobremesa. Mal posso esperar.

Quando ele encerrou a ligação, ela já tinha se virado para o lado e ligado o scanner.

— Obrigado de novo, Jo. Te vejo amanhã?

Jo nem se incomodou em olhar por cima do ombro ao alimentar as páginas uma a uma.

— Estarei aqui.

— Ei.

— O que?

— Jo. — Quando ela se virou para olhá-lo, ele inclinou a cabeça de lado e estreitou o olhar. — Devia usar vermelho com mais frequência. Destaca seu cabelo.

— Obrigada.

Voltando ao scanner, ouviu-o sair e a porta se fechando suavemente. Um momento depois, houve o clarão de um motor potente e ele se foi.

Sabendo que estava sozinha, ergueu a cabeça e olhou para seu reflexo na entrada de vidro. As luzes das lâmpadas superiores refletiam em seu cabelo de um jeito que seus tons de vermelho e castanho se destacavam mesmo, em contraste com todo aquele preto e cinza ao seu redor.

Por alguma razão, o vazio do escritório... Em sua vida... Pareceu tão alto quanto um grito.

Capítulo DEZOITO

As anotações nos prontuários dos pacientes do Lugar Seguro eram todas manuscritas. Em parte, devido ao custo: computadores, redes e armazenamento de dados confiáveis custavam caro, e com a equipe como prioridade, aplicar fundos na área de tecnologia da informação simplesmente não parecia prioridade. Mas também, isto acontecia devido ao fato de Marissa, sua destemida líder, ser antiquada e realmente não gostar que coisas importantes fossem mantidas de alguma forma que não pudessem segurar nas mãos.

Afinal, quando se tinha quase quatrocentos anos de idade, a revolução tecnológica das últimas três décadas eram um pontinho ínfimo em seu sistema de radar.

Talvez daqui a um século a chefe confiasse um pouco mais nos Bill Gates da vida.

E Mary até que achava isto bom. Mais humano, de certa forma, ver as diferentes letras manuscritas, diferentes canetas, diferentes maneiras de pessoas escreverem palavras com erros de vez em quando. Era o equivalente visual a uma conversa, cada um trazendo algo único de si mesmo aos registros – ao contrário do que acontece em registros uniformes, que passaram por corretores ortográficos onde as palavras são todas digitadas iguais.

Se bem que isto dificultava a busca por uma referência em particular. Entretanto, reler tudo do início podia ajudar a captar coisas que previamente poderiam ter passado batido.

Por exemplo, tios.

Após não encontrar nenhuma menção a parentes próximos no formulário de admissão, Mary seguiu lendo cada uma das anotações do prontuário de Annalye, as quais estavam em sua própria letra. E bem como se lembrava, invariavelmente os registros eram curtos e continham pouca coisa útil.

Bitty não foi a única a se manter reservada.

Não havia nem uma única menção a um irmão ou qualquer outro parente. E a fêmea não tinha falado de seu companheiro morto também ou de qualquer abuso que ela e Bitty tivessem sofrido. O que não significava que a violência tinha ficado fora dos registros. As anotações médicas das duas foram impressas e anexadas na contracapa do prontuário.

Ao terminar a releitura, Mary precisou se recostar na cadeira e esfregar os olhos. Como várias vítimas que temiam por suas vidas, a *mahmen* de Bitty viera em busca de assistência médica somente uma vez, quando a filha estava tão ferida que não havia jeito de que o processo natural de cura cicatrizasse os ferimentos. As radiografias contaram o resto da sombria história, revelando anos de fraturas ósseas que tinham se solidificado. Em ambas.

Fechando o prontuário, pegou o de Bitty. O da garota era mais fino, já que seus registros médicos foram misturados aos da mãe, e também por ela lhes revelar ainda menos do que Annalye. Tiveram regulares sessões de terapia, jogos criativos e aulas de música. Mas não havia muito para prosseguir.

De certa forma, todo mundo esteve somente esperando pelo inevitável...

— Sra. Luce?

Mary pulou na cadeira, estendendo a mão e esbarrando no mata-borrão da mesa.

— Bitty! Não te ouvi chegar.

A garotinha estava em pé na porta aberta, sua pequena figura parecendo ainda menor entre os batentes. Esta noite os cabelos castanhos estavam soltos e cachos espalhavam-se em todas as direções, e ela usava outro dos vestidos costurados a mão, desta vez amarelo.

Mary teve de combater uma vontade quase irresistível de fazê-la vestir uma blusa de frio.

— Sra. Luce?

Forçando-se a prestar atenção, Mary disse.

— Desculpe, o que?

— Estive pensando... Meu tio já não teria vindo?

— Ah, não. Ele ainda não veio. — Mary pigarreou. — Ouça, pode vir aqui um minutinho? E feche a porta, por favor.

Bitty fez o que ela pediu, fechando a porta às suas costas e aproximando-se até estar em pé na frente da mesa.

— Estes são seus prontuários, querida. — Mary tocou as pastas pardas. — Seu e de sua *mahmen*. Eu acabei de analisá-los de novo. Não consegui... Não encontrei nada sobre seu tio. Não há menção alguma sobre ele aqui. Não estou dizendo que ele não existe, eu só...

— Minha *mahmen* entrou em contato com ele. Então ele está vindo me buscar.

Bosta, pensou Mary. Precisava ir com muito tato.

— Como foi que sua mãe fez isto? — Perguntou. — Ela escreveu para ele? Telefonou? Pode me dizer como ela entrou em contato com ele? Talvez eu devesse tentar também.

— Eu não sei como foi. Mas ela falou com ele.

— Como ele se chama? Você se lembra?

— O nome dele é... — Bitty baixou o olhar para a mesa. Para os prontuários. — É...

Era fisicamente doloroso observar a garota tentar inventar o que provavelmente seria um nome de mentira. Mas Mary lhe deu espaço, esperando contra qualquer esperança que houvesse uma solução mágica para tudo isto, algum irmão que de fato existisse aí pelo mundo, que pudesse ser tão bom para Bitty quanto ela merecia...

— Ruhn. O nome dele é Ruhn.

Mary fechou os olhos por um momento. Não conseguiu evitar. Ruhn era parecido com Rhym, lógico. Só uma pequena alteração no nome da supervisora das interações, uma distância muito facilmente cruzada por uma mente jovem em busca de uma saída de uma situação horrível.

Ela precisava mesmo manter seu profissionalismo.

— Certo, bem, vou te dizer o que vou fazer. — Mary pegou o telefone. — Se você concordar, vou publicar sobre ele em um grupo fechado do Facebook. Talvez algum membro o conheça e possa contatá-lo para nós?

Bitty anuiu um pouco.

— Posso ir?

Mary pigarreou.

— Mais uma coisa. As cinzas de sua *mahmen*... Elas ficarão prontas para serem retiradas em breve. Estive pensando, se você quiser podemos fazer a cerimônia para ela aqui. Sei que todos aqui a amavam muito, assim como amamos você também...

— Prefiro esperar meu tio chegar. Então ele e eu poderemos fazer isto juntos.

— Tudo bem. Bem, quer ir comigo buscá-la? Quero ter certeza de que você...

— Não. Quero esperar aqui pelo meu tio.

Bosta.

— Tudo bem.

— Posso ir?

— Claro.

Quando a garotinha se virou, Mary disse.

— Bitty.

— Sim? — Bitty olhou para ela. — O que?

— Você pode conversar comigo, sabia? Sobre qualquer coisa. Estou aqui para você... E se não quiser conversar comigo, tudo bem, outra pessoa da equipe estará aqui para te ajudar. Não vou ficar chateada. A única coisa que me importa é que você tenha todo o apoio que precisar.

Bitty olhou para o chão por um momento.

— Está bem. Posso ir?

— Eu sinto muito mesmo pela forma como... Como tudo aconteceu na clínica na noite passada. Acho melhor você conversar sobre isto com alguém... Se não quiser falar comigo...

— Conversar não vai trazer minha *mahmen* de volta, Sra. Luce. — Aquela voz estava tão séria que poderia ter saído da boca de um adulto. — Conversar não vai mudar nada.

— Vai sim. Acredite.

— Vai fazer o tempo voltar? Acho que não.

— Não, mas pode te ajudar a ajustar sua nova realidade. — Deus, estava realmente falando assim com uma garota de nove anos? — Você tem de desabafar sobre a sua dor...

— Eu vou sair agora. Estarei lá em cima, no sótão. Por favor, me avisa quando meu tio chegar?

Com isto, a garota saiu e silenciosamente fechou a porta. Quando Mary baixou a cabeça, colocando-a entre as mãos, ouviu os passinhos subindo a escada rumo ao terceiro andar.

— Maldição. — Sussurrou ela.

Ao se levantar da mesa da cozinha, Rhage não estava preocupado de que quem quer que estivesse correndo pela sala de jantar e indo em sua direção fosse inimigo. Estava mais preocupado que algum morador da casa estivesse em apuros.

Por que havia outro som junto com os passos.

Um bebê chorando.

Antes que chegasse à porta, Beth, a Rainha, entrou chorando na cozinha. O bebê sob um de seus braços como se fosse um saco de batatas, a mão livre erguida escorrendo muito sangue.

— Ai, merda! — Rhage disse, correndo para alcançá-la perto da pia. — O que aconteceu?

Sua visão não estava tão clara como deveria, mas parecia haver muito vermelho na frente da camiseta dela. E sentia cheiro de sangue por todos os lados.

— Pode segurá-lo para mim? — Disse ela acima do choro de L.W. — Por favor, fique com ele.

Eeeeeee foi assim que acabou segurando o primogênito de Wrath sob as axilas como se a criança fosse um dispositivo explosivo com um pavio queimando depressa demais.

— Ah... — Disse quando o garoto chutou e acertou-o bem no rosto. — Hum... É, quer ir à clínica ver isto?

Ao falar, não sabia ao certo se o “isto” referia-se ao ferimento ou ao bebê.

Movendo o barulhento saco de DNA de Wrath para o lado, tentou enxergar o que estava rolando – ela tinha cortado o dedo? A mão? Os pulsos?

— Foi idiotice minha. — Murmurou ela, silvando. — Eu estava lá fora na varanda, levando-o para ver a lua por que ele gosta e não estava olhando por onde pisava. Escorreguei em uma porção de folhas e *ooops!* Os pés falharam. Ele estava no meu colo e eu não queria cair em cima dele. Estendi a maldita mão buscando equilíbrio, raspei-a em um azulejo rachado e me cortei. Merda... Não para de sangrar.

Rhage piscou ao se perguntar exatamente quanto tempo aquela zoeira em seus ouvidos ia durar até ela levar o L.W. embora.

— O que... Ah...

— Ei, pode ficar com ele por um minuto? A Dra. Jane está no Pit, acabei de receber uma mensagem de texto dela. Vou correr até lá para ela dar uma olhada nisto. Volto em dois segundos.

Rhage abriu a boca e congelou como se tivesse uma arma apontada para sua cabeça.

— Ah, sim. Claro. Sem problema. V *Por favor, não permita que eu mate o filho de Wrath. OhDeusOhDeusOhDeus.* — Ele e eu ficaremos muito bem. Vamos tomar um pouco de café e...

— Não. — Beth fechou a torneira e enrolou a mão em uma toalha. — Nada de comida. Nada de bebida. E vou voltar *logo mesmo*.

A fêmea partiu em uma carreira desabalada passando pela cozinha e pela sala de jantar — e ao vê-la partir correndo tal qual Usain Bolt, ele teve de se perguntar se era só por causa da mão... Ou pelo fato de ter deixado seu filho com um incompetente total.

Eeeeeeee L.W. agora estava chorando pra valer, como se ao perceber que sua *mahmen* tinha saído do recinto, os berros anteriores fossem só um aquecimento.

Rhage apertou bem os olhos e começou a voltar para sua cadeira junto à mesa. Mas depois de dois passos, pensou na queda de Beth e imaginou-se esmagando o garoto como uma panqueca. Arregalando os olhos, prosseguiu bem

devagarzinho como se equilibrasse um vaso de cristal no topo do crânio. Assim que chegou ao alcance, estacionou o traseiro na cadeira e segurou o garoto em pé sobre aqueles pés de biscoito dele. L.W. ainda não era forte o bastante para sustentar-se em pé, mas aqueles berros eram como numa música rock and roll.

— Sua *mahmen* já vem... — Por favor, querida Virgem Escriba, faça essa fêmea voltar antes que eu fique surdo. — É... Já está viiiiindo.

Rhage olhou ao redor daquele par de pulmões extremamente saudáveis e rezou para que alguém, qualquer pessoa, viesse correndo.

Quando aquele otimismo passivo não resultou, voltou a se concentrar no rostinho vermelho.

— Amiguinho, eu já entendi. Acredite. Eu já te ouviiiiiii.

Okay, se a definição de insanidade fosse mesmo fazer a mesma coisa repetidas vezes...

Virando o garotinho, Rhage deitou L.W. de costas na dobra de seu braço como viu Wrath e Beth fazer...

Putá merda, isto só irritou o garoto ainda mais. Se é que era possível.

Próxima posição? Humm...

Rhage colocou L.W. recostado em seu peito para que o bebê pudesse ver por cima do seu ombro. E então deu tapinhas com a palma da mão nas costinhas surpreendentemente robustas. De novo. E de novo. E de novo...

E quem diria. A merda funcionou.

Cerca de quatro minutos e trinta e sete segundos depois – não que Rhage estivesse contando – L.W. passou a soluçar, como se seu fazedor de lágrimas estivesse sem energia para continuar funcionando. Então o garoto deu um suspiro entrecortado e relaxou.

Mais tarde, Rhage se perguntaria se as coisas poderiam ter ficado bem se L.W. tivesse parado por aí. Talvez se a criança não tivesse feito o que fez depois...

Ou talvez se tivesse recomeçado a chorar? Então talvez Rhage pudesse ter se salvo.

O problema foi que, alguns momentos depois, L.W. enlaçou a garganta de Rhage com um braço gordinho, e então agarrou o moletom que Rhage vestia e segurou, aproximando-se mais, buscando conforto, encontrando-o... Confiando nele por que o carinho era completamente indefeso no mundo.

Subitamente Rhage parou as batidinhas, congelando exatamente onde estava, mesmo se equilibrando na cadeira. E com uma clareza despedaçadora, tudo sobre o bebê se registrou nele, do calor naquele corpinho vital à força tensa daquele aperto de mão, àquele peito subindo e descendo. O som das pequenas fungadas soavam bem junto à orelha de Rhage, assim como a respiração pulsante, e quando L.W. mexeu a cabeça, sedosos e finos fios de cabelos pinicaram o pescoço de Rhage.

Isto era o futuro, pensou Rhage. Isto era... O destino, ali, descansando contra ele.

Afinal, L.W. tinha olhos que testemunhariam eventos muito depois de Rhage não mais existir. E o cérebro da criança tomaria decisões que Rhage não poderia nem imaginar. E o corpo, que era frágil em seu estado inicial, mas que na maturidade lutaria, honraria e protegeria, do mesmo jeito que o pai tinha feito, e o pai de seu pai... E todos os antepassados da linhagem antes dele.

Além disto, Beth dera aquilo a Wrath. Era algo que eles compartilhavam. Eles tinham... *Feito*... Juntos.

Subitamente, Rhage descobriu que não conseguia respirar.

Capítulo DEZENOVE

Naasha não o fez perder tempo.

Assim que Assail apareceu na sala de estar da dama na mansão de seu *hellren*, uma porção da parede coberta de papel de parede cor pêssego deslizou e Naasha entrou, atravessando uma porta oculta.

— Boa noite. — Disse ela, fazendo pose. — Estou usando vermelho, do jeito que pediu.

Fale-se o que quiser sobre sua falta de pedigree e seu casamento por interesse, mas ela era uma fêmea linda, de cabelos compridos e com uma harmonia de medidas entre busto-cintura-quadril digna de Marilyn Monroe. De vestido curto, e os pés metidos em um par de Louboutins, ela era o sonho molhado de qualquer um que possuísse um pau.

E ainda assim, tão embonecada e produzida, não chegava aos pés de sua Marisol – do mesmo jeito que uma flor de estufa nunca seria tão atraente quanto algo que tenha crescido, indomada e inesperadamente, ao ar livre.

Ainda assim, o cheiro dela o afetou de forma não tão diferente da cocaína que tinha cheirado antes de ir para ali, e seu corpo despertou, mesmo que as emoções e sua alma continuassem mortas e frias. A horrível realidade era que seu corpo necessitava do sangue de uma vampira – e este imperativo biológico tomaria a dianteira aqui e agora, acima de qualquer outra coisa.

Mesmo que sob outras circunstâncias ele jamais teria sequer reparado na existência dela.

— Gosta? — Disse ela erguendo os braços e dando uma vultinha lenta.

Ele, como era esperado, sorriu revelando suas presas alongadas.

— Vai ficar melhor sem ele. Vem aqui. — Mandou ele.

Naasha aproximou-se lentamente, mas não o caminho todo, parando perto de um sofá francês antigo, amarelo creme, com mais almofadas do que espaço para sentar.

— Vem você.

Assail negou com a cabeça.

— Não.

O beicinho foi rápido, os lábios grossos dela se juntaram brilhando com uma cor que combinava com o vestido.

— Você atravessou a cidade inteira pra me ver. Certamente pode dar mais alguns passos.

— Eu não vou atravessar esta sala.

Ante o olhar enfatiado que ele expressou, nem um pouco forçado, a excitação dela fulgurou.

— Você é tão desrespeitoso. Eu devia te mandar embora.

— Se acha que isto é desrespeito, ainda não viu nada. E vou ficar mais do que feliz de ir embora.

— Eu tenho um amante, sabe?

— Tem mesmo? — Ele inclinou a cabeça. — Meus parabéns.

— Então estou muito bem servida. Apesar da enfermidade do meu amado.

— Bem, então é melhor eu ir...

— Não. — Ela rodeou rapidamente o sofá, movendo-se até estar tão perto que ele podia ver os poros em sua pele suave. — Não vá.

Ele fez um show ao olhar para o rosto dela. Então estendeu a mão e tocou seus cabelos.

— Ajoelhe-se. — Antes dela poder dizer qualquer coisa, ele apontou para seus pés. — De joelhos. Agora.

— Eu já tinha esquecido como você é mandão...

— Não me faça perder tempo.

Quando outro jorro de sua excitação atingiu-o no nariz, soube que ela ia se ajoelhar no tapete Aubusson – e quando ela esticou a mão para se equilibrar tocando seu peito, ele afastou a mão dela para que fosse forçada a cambalear para baixo até o chão.

— Isso, boa garota. — Acariciou suas bochechas com o nó dos dedos. Então agarrou um punhado de seus cabelos e forçou a cabeça dela para trás. — Abra a boca.

Com os lábios separados ela começou a arfar, o cheiro de seu sexo se tornou um rugido no nariz dele, o rosto dela enrubescido de calor, os seios apertados para cima do corpete do vestido. Com a mão livre, abriu o zíper de suas elegantes calças e expôs sua ereção.

Acariciando-se, ele grunhiu.

— Quer me contar mais sobre seu amante?

Os olhos semicerrados dela assumiram uma luz erótica.

— Ele é tão forte...

Assail meteu o pau entre os lábios dela, impedindo-a de continuar a falar. E então, usando o aperto naqueles cabelos, fodeu sua boca enquanto ela gemia, as mãos indo até os próprios seios e apertando, os joelhos bem separados como se na mente dela ele estivesse entrando e saindo de seu núcleo, ao invés da boca. Ou talvez dos dois lugares.

Enquanto a fodia com brusquidão, não era como se a odiasse. Nem mesmo desgostava dela – de qualquer forma, ela teria de estar em seu radar para ter qualquer tipo de opinião sobre ela, o que não acontecia.

O que odiava era o fato dela não ser quem ele desejava.

Quanto mais pensava naquela realidade, na distância eterna, na perda?

Liberando o pau da boca de Naasha, levou-a ao sofá de joelhos, usando o cabelo como guia. E ela adorou. Seguiu-o com mais do que boa vontade, arfando enrubescida, pronta para ser fodida. O que era conveniente, não era?

Especialmente quando a inclinou sobre aquele belo sofá francês, puxou para cima aquela saia curta e justa, e penetrou-a por trás.

Ela gozou imediatamente, estremecendo e sacolejando debaixo dele. E quando ele puxou a cabeça dela para trás mais uma vez, ela gritou o nome dele.

— Shhh. — Ele murmurou. — Não vai querer que seu amado ouça. Ou seu namorado.

Ela gemeu uma porção de coisas ininteligíveis, tão perdida no ato que seu cérebro tinha obviamente tirado um descanso. E de um jeito estranho, sentiu inveja da experiência erótica que ela obviamente estava curtindo. Para ele, aquilo não passava da expressão de uma necessidade básica, um treino físico com prazer e sangue como um troféu anônimo.

Não tinha nada daquele prazer sem limites que ela tão claramente expressava. Mas pelo menos, ele podia usar esta fraqueza dela... A favor de Wrath.

Alongando as presas, Assail golpeou a lateral da garganta dela, mordendo com força enquanto a penetrava, sugando-a, tomando sua parte. O gosto dela era... Bom. A sensação do sexo dela apertando e soltando seu pau era... Boa. A força que lhe forneceria era totalmente necessária.

Do outro lado da sala, no vidro ondulado de um espelho ancestral, viu seu reflexo metendo nela.

De fato aparentava tão morto quanto se sentia. Mas, de qualquer forma, bateu o bolso interno do casaco em busca do celular.

Vishous passava pela sala de musculação do centro de treinamento quando seu celular vibrou, graças ao WiFi da área. Tirando a coisa do bolso traseiro da calça, digitou a senha e sorriu diante da mensagem.

Era uma foto de Assail – da parte de trás da cabeça de uma fêmea de cabelos pretos enquanto ela estava de quatro sobre um sofá. A mensagem embaixo era curta e grossa: *Estou dentro.*

Bom trabalho. – V digitou de volta. — *Divirta-se.*

— E nos traga alguma coisa. – Disse ele ao voltar a guardar o celular.

O vício do macho era um problema em potencial, mas parecia que Wrath fez uma aposta certa com o filho da puta. Assail era bonito, rico e um bastardo total com a linhagem certa. Era o espião perfeito para infiltrar na *glymera*.

Tudo dependeria do que ele descobriria. E por quanto tempo ele seria um bom garoto e jogaria de acordo com as regras.

Qualquer pensamento independente da parte dele e V deixaria aquela garganta mais aberta do que uma porta de garagem. Mas até este momento chegar, Assail estava solidamente na coluna dos Úteis, Aqueles Que Merecem Continuar Vivos.

Quando Vishous chegou à entrada dos estandes de tiro ao alvo, abaixou-se e pegou uma sacola preta que tinha deixado ali horas atrás. Dirigindo-se até o espaço de teto baixo com cheiro de mofo, soltou um cumprimento.

— Como estamos? – Disse circulando a cabine de tiros e prosseguindo até a área de alvo feita de concreto.

Blay levantou-se da cadeira dobrável onde estava esticando os braços acima da cabeça e as palmas no teto.

— Na mesma.

— Mas derrotei este cara duas vezes no baralho. – Lassiter interrompeu.

— Só por que você trapaceou.

Vishous olhou e meneou a cabeça para o anjo.

— O que está fazendo aqui? E por que está em uma cadeira de jardim?

— Apoio para a lombar...

Nesse momento, o pedaço de carne às costas de V se mexeu – e V teve de dar um crédito ao cuzão de cabelo bicolor: Lassiter estava em pé e fora daquela coisa mais rápido do que um piscar de olhos, de arma apontada para o peito de Xcor como se preparado para abrir um buraco naquele coração.

— Calma, cowboy. – Disse V. – Foi só um espasmo muscular involuntário.

O anjo não pareceu ouvi-lo – ou talvez não quisesse que ninguém mais fizesse uma avaliação de seu dedo de atirar, mesmo alguém com treinamento médico.

Difícil não aprovar o cara. Difícil também não notar que claramente Lassiter não ia sair do lado de Xcor, como se confiasse somente em si mesmo para cuidar daquela situação.

Merda, contanto que o anjo não abrisse a boca e desde que V não pensasse nas pequenas diferenças que eles tiveram no passado, quase dava para esquecer o quanto queria chutar o filho da puta.

Aproximando-se do prisioneiro, Vishous avaliou-o visualmente. Ao chegarem ali com o bastardo, V o amarrou na mesa de madeira de cara pra cima e braços abertos, fechando algemas de aço inoxidável nos pulsos e tornozelos e em volta daquele pescoço grosso – e quem diria, o cara estava bem do jeito que tinha deixado. A cor era passável. Olhos fechados. O ferimento na cabeça, na base do crânio, já não vazava mais, provavelmente já tinha cicatrizado.

— Precisa de ajuda? – Perguntou Blay.

— Não, tudo certo.

Abrindo a sacola, V usou o equipamento que estava dentro para verificar os batimentos cardíacos, a pressão sanguínea, temperatura e oxigenação. A coisa que mais o preocupava era o inevitável hematoma onde tinha golpeado o fodido com a pistola – e suas possíveis complicações, que incluíam qualquer coisa, do inconveniente ao catastrófico. No entanto, sem movê-lo ou sem trazer até ali equipamentos verdadeiramente pesados e caros, não haveria jeito de descobrir.

Mas suspeitava. Era inteiramente possível que a concussão tivesse causado um derrame isquêmico devido a um coágulo sanguíneo que bloqueou uma veia.

Era bem a sorte deles. Capturam o inimigo e o bastardo tinha uma morte cerebral pra cima deles.

Depois de V guardar seus brinquedos e fazer suas anotações no arquivo digital em seu celular, deu um passo para trás e só encarou o rosto feio do macho. Na falta de conseguir fazer uma bateria de exames, tinha de confiar em sua própria observação – e às vezes, mesmo com o equipamento avançado e moderno, nada superava a própria interpretação do médico sobre o que via.

Estreitando os olhos, traçou cada respiração, cada exalação... E os espasmos nas sobrancelhas e a imobilidade das pálpebras... Os movimentos aleatórios dos dedos... As contrações sob a pele das coxas.

Derrame. Definitivamente um derrame. Absolutamente nenhum movimento do lado esquerdo.

Acorda, caralho, pensou V. Para eu poder te bater mais e te botar pra dormir de novo.

— Maldição.

— O que há? – Perguntou Blay.

Se não houvesse alguma melhora logo, teria de tomar a decisão de manter Xcor – ou jogar o corpo dele no lixo.

— Você está bem?

V virou-se para Blay.

— O que?

— Seu olho está tremendo.

Vishous esfregou o olho até parar. E então se perguntou, com tudo o que estava rolando, se seria o próximo na lista de vítimas do AVC.

— Avise-me se ele recobrar a consciência?

— Pode deixar. — Disse Lassiter. — E também aviso quando precisar de mais um Milk-shake de morango.

— Não sou seu empregado. — V pendurou de novo a sacola no ombro e foi para a porta. — E se me mandar beijo de novo, vou colocar um aparelho de ressonância magnética em você, ao invés do contrário.

— E se eu beliscar sua bunda? — O anjo provocou.

— Tente e vai descobrir que a imortalidade, igual ao tempo, é relativo.

— Você sabe que me ama!

Vishous meneava a cabeça ao sair para o corredor. Lassiter era como uma gripe, contagiosa, irritante e nada que alguém desejasse ter.

E ainda assim, estava feliz pelo fodido estar ali. Mesmo que Xcor no momento não passasse de um vegetal.

Capítulo VINTE

Beth Randall, companheira do Rei Cego, Wrath, filho de Wrath, pai de Wrath, Rainha de todos os vampiros, partiu rumo à porta principal do Pit, com a Dra. Jane ainda enrolando uma faixa em sua mão recém-costurada.

— Está ótimo! Obrigada...

A companheira de V a seguia na corrida, as duas se esquivando de uma sacola de ginástica, uma maleta... Uma boneca inflável que total e verdadeiramente precisava de roupas.

— Você precisa parar, sério!

— Já está tudo bem...

— Beth! — Jane remexeu em seu rolo de fita cirúrgica e começou a rir. — Não consigo encontrar a ponta...

— Deixa que coloco depois...

— Pra que tanta pressa?

Beth parou.

— Deixei L.W. com Rhage na cozinha.

A Dra. Jane piscou.

— Oh, Deus... *Vá!*

Beth foi sumariamente empurrada para fora do Pit com a fita e acabou o serviço enquanto atravessava correndo o pátio, mordendo a ponta da fita com os dentes e colando a coisa na gaze branca que foi enrolada ao redor de sua mão. Subindo aos pulos os degraus para a grandiosa entrada da mansão, abriu a porta para o vestíbulo e enfiou a cara na câmera.

— Vamos lá... *Abra* – Murmurou ao transferir seu peso pra frente e pra trás sobre os pés.

Rhage não ia machucar o garoto. Pelo menos, não de propósito. Mas puta merda, em sua mente repetidamente vinha a imagem de Annie Potts cuidando do bebê em *Os Caça-Fantasmas II*, alimentando-o com pizza francesa.

Quando a tranca finalmente foi liberada por dentro, entrou correndo no saguão desviando da empregada que abriu caminho para ela.

— Rainha! – A *doggen* disse com uma reverência.

— Oh, Deus, desculpe, sinto muito! Obrigada!

Sem saber exatamente do que estava pedindo desculpas, disparou pela sala de jantar vazia e entrou na cozinha...

Beth parou de chofre.

Rhage estava sentado sozinho à mesa e tinha L.W. recostado em seu ombro, o bebê aninhado bem junto a seu pescoço, aquele braço enorme embalando o bebê com todo o senso de proteção que qualquer pai teria demonstrado. O Irmão estava de olhos fixos à frente, além de sua vitrine de carboidratos consumida pela metade e a jarra de café quase vazia.

Lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Rhage? – Disse Beth suavemente. — O que houve?

Depositando a fita cirúrgica sobre o balcão, aproximou-se deles... E quando ele não percebeu sua aproximação, pousou a ponta dos dedos no ombro dele. E ainda assim ele não respondeu.

Ela falou um pouco mais alto.

— Rhage...

Ele se assustou e olhou para ela, surpreso.

— Oh, ei. Tudo bem com sua mão?

O macho não parecia ter consciência de suas emoções. E por alguma razão bem triste, parecia apropriado que estivesse cercado pelo caos de sua refeição, pacotes abertos de *bagels* e pães espalhados pela mesa rústica de madeira, barras de manteiga, blocos de *cream cheese* e guardanapos de papel amassados por toda sua volta.

Ele estava, naquele momento silencioso, tão bagunçado quanto tudo à sua frente.

Ajoelhando-se, tocou o seu braço.

— Rhage querido, o que está havendo?

— Nada. — O sorriso que se abriu naquele rosto bonito era vazio. — Eu o fiz parar de chorar.

— Sim, você fez. Obrigada.

Rhage anuiu. Então meneou a cabeça.

— Aqui, deixa eu te devolver ele agora.

— Está bem. — Sussurrou ela. — Fique com ele o tempo que quiser. Ele parece realmente confiar em você... Nunca o vi ficar calmo com ninguém além de mim e Wrath.

— Eu, ah... Dei palmadinhas nas costas dele. Sabe? Igual a vocês. — Rhage pigarreou. — Eu tenho observado você com ele. Você e Wrath.

Agora ele voltou a olhar fixo para o outro lado da sala.

— Não por mal, nem nada disto. — Ele completou.

— É claro que não.

— Mas eu tenho... — Ele engoliu em seco. — Estou chorando, não estou?

— Sim. — Estendendo a mão, ela tirou um guardanapo de papel do suporte.
— Aqui.

Levantando-se, ela secou debaixo daqueles lindos olhos azul ciano – e lembrou-se da primeira vez que o viu. Foi na antiga casa de seu pai, Darius. Rhage estava dando alguns pontos em si mesmo em uma das pias do banheiro, trabalhando a linha e agulha através da própria pele como se aquilo não fosse grande coisa.

Não é nada. A coisa só fica séria quando dá pra usar o próprio intestino como cinto.

Ou algo assim.

E então se lembrou do que aconteceu depois quando a besta saiu dele e ele teve de se deitar no quarto subterrâneo do pai dela para se recuperar. Ela tinha lhe dado seu antiácido e o acalmado em meio à sua cegueira e desconforto o máximo que conseguiu.

Parecia ter sido há tanto tempo.

— Pode me contar o que está errado?

Ela observou a mão dele executar pequenos movimentos circulares nas costas do L.W.

— Não é nada. — Os lábios dele se esticaram no que claramente era para ser outro sorriso. — Só estou aproveitando um momento calmo com seu filho maravilhoso. Você é tão sortuda. Você e Wrath têm tanta sorte.

— Sim, temos mesmo.

Ela quase morreu no parto de L.W. e pra salvar sua vida tiveram de remover seu útero. Não haveria mais possibilidade de ter filhos biológicos – e sim, aquilo era meio entristecedor. Mas cada vez que olhava para o rosto do filho, ficava tão grata por ele que o fato de que não poderia arriscar na loteria de novo não parecia uma perda muito grande.

Mas Rhage e Mary? Eles não iriam nem ter a oportunidade de tentar. E aquilo certamente era o que estava na mente de Rhage naquele momento.

— É melhor eu te devolver ele. — O irmão disse novamente.

Beth engoliu em seco.

— Fique o tempo que desejar.

De volta ao Lugar Seguro, Mary tinha acabado de postar uma mensagem no Facebook sobre o hipotético tio de Bitty quando houve uma batida na porta.

Talvez fosse a garota e elas pudessem novamente tentar conversar. Mas provavelmente não...

— Entre. — Disse Mary. — Oh, ei Marissa, como vai?

A companheira de Butch estava tão linda quanto sempre, os cabelos louros soltos e perfeitamente cacheados sobre seus ombros magros como se tivessem sido tão treinados em boas-maneiras que jamais pensariam em arrepiar. Vestida em um suéter de *cashmere* preto e calças também pretas, de certa forma parecia a versão feminina de Rhage — fisicamente maravilhosa demais para existir de verdade.

E como Rhage, o exterior não chegava aos pés do quão adorável era por dentro.

Com um sorriso digno da *Vogue*, Marissa sentou-se em uma cadeira barulhenta do outro lado da mesa.

— Estou bem. Mais importante que tudo, como você está?

Mary recostou-se, cruzou o braço sobre o peito e pensou, ah, então não é uma visita social.

— Acho que já está sabendo. — Murmurou ela.

— Sim.

— Eu juro, Marissa, não fazia ideia de que ia ser tão grave.

— É claro que não. Como poderia?

— Bem, contanto que saiba que não era minha intenção que as coisas terminassem tão mal...

Marissa franziu o cenho.

— Desculpe, o que?

— Quando Bitty e eu fomos visitar a mãe dela...

— Espere, espere. — Marissa ergueu as mãos. — O que? Não, estou falando do tiro que Rhage levou. E de você ter salvado a vida dele na frente dos Irmãos.

Mary ergueu as sobrancelhas.

— Oh, isto.

— Sim... *Isto*. — Um brilho esquisito invadiu o olhar de Marissa. — Sabe, francamente não entendo por que veio trabalhar hoje. Pensei que ficaria em casa com ele.

— Oh, bem, sim. Mas com tudo isto que está acontecendo com Bitty, como eu poderia não vir? Além disso, passei o dia todo com Rhage, tenho certeza que ele está bem. Enquanto ele ainda estava dormindo na clínica, quis ver como ela estava. Deus... A ideia de que eu piorei ainda mais as coisas para aquela garota faz eu me sentir péssima. Digo, com certeza você sabe o que aconteceu.

— Refere-se ao que aconteceu no Havers? Sim, fiquei sabendo. E entendo que esteja chateada. Mas eu realmente acho que você devia ter ficado em casa com Rhage.

Mary fez um aceno casual com a mão.

— Estou bem. Ele está bem...

— E acho que você devia ir pra casa agora.

Com um jorro de terror, Mary sentou-se na beirada da cadeira.

— Espere, não está me demitindo por causa de Bitty, está?

— Oh, meu Deus... Não! Está brincando comigo? Você é a melhor terapeuta que temos! — Marissa meneou a cabeça. — E acho que não preciso te dizer como fazer o seu trabalho aqui. Mas está bem claro que teve um dia muito cheio, e por mais que queira ficar aqui pela garota em toda sua capacidade profissional, você vai ser ainda mais eficiente depois de ir pra casa descansar um pouco.

— Bom, que alívio! — Voltou a recostar-se na cadeira. — A parte de não ser demitida, digo.

— Não quer ficar com Rhage?

— É claro que sim. Só estou mesmo preocupada com a Bitty. É um momento crítico, sabe? A perda da mãe não foi só uma tragédia que a deixou órfã, é um enorme gatilho para todo o resto. Eu só... Eu realmente queria ter certeza de que ela está bem.

— Você é uma terapeuta dedicada, sabia disso?

— Ela fica falando de um tio, — Quando Marissa franziu o cenho de novo, Mary voltou a abrir o prontuário de Annalye e folheou as páginas. — É, eu sei, certo? Também não tinha visto isto ser mencionado até agora. E revisei todo o material que temos e não há referência alguma a qualquer tipo de familiar. Acabei de postar uma mensagem para a raça naquela página fechada do Facebook. Vamos ver se consigo encontrá-lo deste jeito. — Mary meneou a cabeça ao encarar um registro que foi escrito por Rhym. — Parte de mim se pergunta se seria possível acessar a lista de ligações feitas e recebidas do último mês. Talvez haja algo ali. Nenhum e-mail foi recebido ou respondido aqui. E até onde sei, a mãe de Bitty nunca tinha usado um e-mail.

Quando houve um período de silêncio, Mary ergueu o olhar — e viu que sua chefe a encarava com expressão inescrutável.

— O que foi? – Disse Mary.

Marissa pigarreou.

— Admiro sua dedicação. Mas acho que é melhor que tire o resto da noite de folga. Um pouco de distância é sempre melhor para recuperar o foco. Bitty estará aqui amanhã e você vai poder continuar a ser o membro principal da equipe no caso dela.

— Eu só queria consertar tudo.

— Eu sei e não te culpo. Mas não consigo me livrar da sensação de que se eu tivesse vindo trabalhar uma noite após Butch ter quase morrido em meus braços? Você me faria ir pra casa. Não importa o que estivesse ocorrendo debaixo deste teto.

Mary abriu a boca pra negar. Então fechou de novo diante da erguida de uma das sobrancelhas de Marissa.

Como se a chefe soubesse que tinha ganhado a discussão, Marissa se levantou e deu um sorrisinho.

— Você sempre foi dedicada a seu trabalho. Mas é importante que o Lugar Seguro não seja mais importante do que a sua vida.

— Sim. É claro. Você tem razão.

— Te vejo em casa mais tarde.

— Absolutamente.

À saída de Marissa, Mary tinha intenção de fazer o que ela disse... Só que era difícil partir. Mesmo depois de pegar a bolsa e o casaco, e enviar uma mensagem de texto para Rhym voltar se pudesse – e a fêmea podia – ela de alguma forma encontrou motivos para adiar de novo a ida até o carro de Rhage. Primeiro foi delegar algumas tarefas para outro membro da equipe; então foi ficar em pé na base da escada para o sótão debatendo se deveria ou não contar a Bitty.

No final, Mary decidiu não incomodar a garota e voltou ao primeiro andar. Parou de novo à porta da frente, mas aquela pausa não durou muito.

Quando finalmente saiu, respirou fundo e sentiu o cheiro do outono no ar.

Bem quando estava chegando ao GTO, parou e olhou para cima. A luz estava acesa no quarto de Bitty e era impossível não imaginar aquela garotinha esperando, de malas feitas, um tio que sequer existia vir para levá-la para longe de uma realidade que ia acompanhá-la pelo resto da sua vida.

A volta pra casa durou uma eternidade, mas eventualmente parou o carro em uma vaga no pátio entre o Hummer II de Quinn e o Porsche 911 Turbo de Manny.

Olhando para a enorme mansão de pedras com suas guar-gárgulas, como Lassiter as chamava, e suas incontáveis janelas e o telhado inclinado de ardósia, perguntou a si mesma o que Bitty acharia do lugar e imaginou que de início a garota ia se sentir intimidada. Mas por mais assustador que parecesse por fora, as pessoas lá dentro a tornavam tão acolhedora e confortável quanto um pequeno chalé.

Atravessou os paralelepípedos e passou pela fonte, que já tinha sido drenada para o inverno. Subiu os degraus de pedra. Entrou no vestíbulo, onde expôs o rosto para a câmera de segurança e esperou.

Foi Beth quem abriu a porta para ela, embalando L.W. no quadril.

— Oh, ei... Eu já ia te ligar.

— Olá, homenzinho. — Mary acariciou a bochecha do garoto e sorriu para ele, por que era impossível resistir. O bebê era um poço de beleza, absolutamente encantador. — Vocês estão precisando de alguma coisa?

Ela entrou no grande saguão para tirar o L.W. do frio e parou ao ver a expressão de Beth.

— Está tudo bem?

— Bem, ah... Então, Rhage acabou de subir.

— Oh? Ele deve estar se sentindo melhor.

— Acho que devia falar com ele.

Algo na voz da Rainha realmente não estava certo.

— Aconteceu alguma coisa errada?

A fêmea se concentrou em seu bebê, acariciando seus cabelinhos escuros.

— Eu só acho que você precisa ficar com ele.

— O que houve? — Quando Beth somente repetiu alguma versão do que já tinha dito, Mary franziu o cenho. — Por que não está me olhando?

O olhar de Beth finalmente subiu para seu rosto, onde se fixou.

— Ele só parece... Chateado. E acho que precisa de você. Só isso.

— Okay. Tudo bem. Obrigada.

Mary atravessou o mosaico no chão e subiu correndo as escadas. Ao chegar ao seu quarto, abriu a porta — e foi atingida por um sopro forte e congelante de ar.

— Rhage? — Enlaçando os braços ao redor de si mesma, estremeceu. — Rhage? Por que as janelas estão abertas?

Tentando não se sentir alarmada, entrou e fechou a porta de correr à esquerda de sua enorme cama. Então fechou a outra.

— Rhage?

— Aqui.

Graças a Deus, ao menos ele estava respondendo.

Rastreando a voz dele, foi ao banheiro — e o encontrou sentado no meio do chão de mármore com os joelhos erguidos até o peito, braços enlaçados ao redor

das pernas, cabeça baixa e virada para o outro lado, que não o dela. Vestia moletom e tão grande quanto sempre, mas tudo nele parecia ter encolhido.

— Rhage! — Correu e se ajoelhou ao lado dele. — Qual o problema? Precisa de um médico?

— Não.

Praguejando, acariciou o cabelo dele para trás.

— Está sentindo dor?

Quando ele não respondeu ou ergueu o olhar, ela contornou para o outro lado para poder ver o seu rosto. As pálpebras dele estavam semicerradas e os olhos vidrados.

Ele parecia ter recebido notícias bem ruins.

— Alguém se feriu? — Um dos Irmãos? Layla? Só que se fosse isso, Beth teria falado para ela, não? — Rhage, fale comigo. Está me assustando.

Erguendo a cabeça, ele esfregou o rosto e pareceu perceber pela primeira vez que ela estava ali.

— Ei. Achei que estava no trabalho.

— Voltei mais cedo, — Felizmente. E se tivesse ficado lá e ele tivesse... Jesus, Marissa tinha razão. — Rhage, o que houve... Espere, alguém te bateu?

O maxilar dele estava inchado, e havia marcas azuis e pretas na pele bronzeada.

— Rhage. — Disse ela com mais energia. — Que diabos aconteceu com você? Quem te bateu?

— Vishous. Duas vezes... Bem, uma de cada lado.

Recuando, ela praguejou.

— Santo Deus, por que ele fez isto?

Os olhos dele traçaram o rosto dela e então estendeu o braço e tocou-a gentilmente com a ponta dos dedos.

— Não fique brava. Eu mereci... E ele fez minha visão voltar mais cedo do que de costume.

— Você ainda não respondeu minha pergunta, — Ela tentou manter a voz neutra. — Vocês dois brigaram?

Rhage passou o polegar levemente pelo lábio inferior dela.

— Adoro o jeito que você me beija.

— Por que vocês brigaram?

— E adoro o seu corpo, — As mãos dele desceram até os ombros dela e se moveram para a garganta. — Você é tão linda, Mary.

— Ouça, agradeço os elogios, mas preciso saber o que está acontecendo. — Disse colocando as mãos sobre as dele. — Você está claramente chateado com alguma coisa.

— Deixa eu te beijar?

Ao encará-la, ele pareceu desesperado de um jeito que ela não compreendia. E por causa da dor que pressentia nele, acabou cedendo.

— Sim. — Sussurrou ela. — Sempre.

Rhage inclinou a cabeça para o lado, e contrário à sua paixão habitual, seus lábios pousaram sobre os dela com suavidade, esfregando demoradamente. Quando a pulsação dela acelerou, ela quase desejou não se sentir excitada — não queria ser distraída pelo sexo... Só que ele continuou a acariciar sua boca, e todo o caos em seu cérebro se reorganizou na direção de uma sensação elétrica de antecipação, o cheiro flamejante dele, seu corpo lindo, seu poder masculino ofuscando todas as suas preocupações.

— Minha Mary. — Ele grunhiu ao lamber sua boca por dentro. — Cada vez com você... É nova. Nunca é o mesmo e sempre melhor do que o último beijo... O último toque.

As mãos dele desceram e ela sentiu o peso delas em seus seios. E então com um toque lento, ele tirou sua jaqueta, deslizando-a pelos braços, fazendo-a sentir a camisa de seda, o sutiã rendado e toda a pele por baixo de suas roupas com ardente clareza.

Só que alguma parte dela falou mais alto. Talvez sua consciência? Por que ela, certo como o inferno, sentia como se tivesse falhado por não estar ali quando ele mais precisava dela.

— Por que as janelas estavam abertas? — Perguntou de novo.

Mas foi como se ele nem a ouvisse.

— Eu amo... — Sua voz falhou e ele teve de pigarrear — Eu amo seu corpo, Mary.

Como se ela não pesasse nada, ergueu-a do chão de mármore e moveu-a para o lado, deitando-a no tapete felpudo que havia na frente da banheira. Recostando-se naquela suavidade, ela observou os olhos dele viajarem sua garganta abaixo até seus seios... E descerem ainda mais, para os quadris e pernas.

— Minha Mary.

— Por que está tão triste? — Disse baixinho.

Ante a ausência de resposta dele, sentiu um momento de verdadeiro terror. Mas então ele começou a desabotoar os botões de sua blusa sem pressa, mantendo as duas metades juntas ao retirá-la de dentro do cóis da calça. Recuando um pouco, ele segurou a seda entre os dedos e expôs o corpo dela ao calor de seu olhar, e ao calor do interior do banheiro.

Ele mudou de posição e ajoelhou-se entre suas coxas.

— Adoro seus seios.

Inclinando-se, beijou-a no peito. Na beirada do sutiã. Em cima de um mamilo. Uma súbita liberação da sutil pressão dos bojos informou-lhe que ele havia libertado o fecho frontal – e então as correntes de ar varreram contra sua pele nua quando ele afastou a frágil barreira para as laterais.

Ele passou... Uma eternidade... Acariciando seus seios, apertando-os, esfregando as pontas enrijecidas. Até ela pensar que ia enlouquecer. E então começou a sugá-la, primeiro de um lado, então do outro. Ela não conseguia se lembrar quando foi ele tinha ido tão devagar com ela – não que não fosse considerado. No entanto, seu *hellren* funcionava num ritmo diferente, só dele, um ritmo ditado pela paixão desenfreada que sempre demonstrava por ela.

Não esta noite, aparentemente.

Ele desceu beijando-a até seu abdômen e soltou seu cinto fino, o botão e o zíper de suas calças. Quando ela ergueu os quadris, ele baixou sua calça e sumiu com ela, deixando-a somente com a calcinha de seda cor creme.

De volta à sua barriga, ele a cobriu com as mãos espalmadas até cobrirem sua pélvis.

Ele ficou daquele jeito, acariciando-a com seus polegares pra frente e pra trás, em seu baixo ventre.

— Rhage? — Disse em um tom de voz chocado. — O que está me escondendo?

Capítulo VINTE E UM

Conforme Rhage ajoelhava sobre sua Mary, ele estava claramente ciente de que ela estava dizendo seu nome, mas ele estava muito perdido no clamor entre seus ouvidos para responder.

Olhando abaixo para a barriga da sua *shellan*, ele a imaginou crescendo e ficando enorme como a de Layla, seu corpo abrigando a criança deles até que seu filho ou filha pudesse respirar por conta própria. Na fantasia, tanto seu bebê quanto Mary seriam perfeitamente saudáveis antes, durante e depois do parto: ela resplandeceria durante os dezoito meses... Ou seriam nove meses para as humanas...? E o parto seria rápido e indolor, e quando tudo tivesse passado, seria capaz de reunir ela e a cria deles em seus braços e amá-los para o resto de sua vida.

Talvez seu garotinho tivesse olhos azuis e cabelo loiro, mas o caráter e inteligência incrível de sua *mahmen*. Ou talvez sua menina tivesse o cabelo castanho de Mary e seus olhos verde-azulados e seria um foguete.

Seja qual fosse a combinação de aparência e espírito, imaginou os três sentados juntos para a Primeira e Última Refeição e todos os intervalos de lanches entre eles. E imaginou que poderia pegar a criança para dar um descanso a Mary, assim como Z e Wrath faziam por suas *shellans*, com a mamadeira com o leite materno para o bebê. Ou mais tarde, dando pedacinhos de seu prato a uma preciosa boquinha como Z tem feito agora com a Nalla.

E neste sonho maravilhoso, anos se passariam, e haveria birras aos três, e os primeiros pensamentos profundos e perguntas aos cinco. Então amigos aos dez e, Deus me livre, dirigindo aos quinze anos. Haveria feriados humanos e festivais vampíricos... Seguidos por uma transição que mataria ele e Mary de medo... Mas porque esta era uma fantasia, seu filho faria isso e sairia forte do outro lado. Depois disso? O primeiro coração partido. E talvez o Único.

Por que se ele e Mary tivessem uma filha, haveria a porra de um eunuco.

Ou porque o filho da puta viria dessa forma como um feito da Virgem Escriba... Ou porque Rhage teria o cuidado de resolver o problema ele mesmo.

E em seguida, muito, muito mais tarde... Netos.

Imortalidade na terra.

E tudo porque ele e Mary se amavam. Tudo porque em uma noite há anos e anos, e depois décadas e séculos atrás, ela veio para o centro de treinamento com John Matthew e Bella, e ele esteve cego e trôpego, e ela tinha falado com ele.

— Rhage?

Sacudindo-se, ele se abaixou e depositou os lábios em sua barriga.

— Eu te amo.

Merda, esperava que ela tomasse essa rouquidão como excitação.

Com mãos rápidas, varreu sua calcinha fora e abriu suas coxas. Conforme trazia seus lábios para o sexo dela, ouviu-a gemer o seu nome... E estava determinado enquanto a lambia e chupava: ele a amaria mesmo sem ela ter seu filho. Ele a adoraria como qualquer macho vinculado deveria. Estimaria, abraçaria, seria seu melhor amigo, seu amante, seu mais ferrenho defensor.

Haveria um lugar vazio nele, apesar de tudo.

Um pequeno e diminuto buraco negro em seu coração pelo que deveria ter sido. O que poderia ter sido. O que ele nunca, jamais pensou que teria importância... Mas que de alguma forma sempre sentiria falta.

Alcançando-a, acariciou seus seios enquanto a fazia gozar em sua boca.

Ele não deveria querer uma criança. Nunca tinha considerado... Ou sequer tinha pensado que ter Mary como companheira era uma coisa boa porque nunca estaria onde Wrath e Z estavam. Onde Qhuinn estava.

Onde Tohr esteve.

Na verdade, parecia errado cobiçar a mesma coisa que não só poderia matar sua mulher se ela fosse normal e capaz de ter um filho, mas que teria condenado a ambos: se a sua Mary não fosse infértil, a Virgem Escriba não teria permitido que eles ficassem juntos depois de salvar a vida dela do câncer. A mãe de V teria determinado que, além de Rhage manter sua maldição, os dois jamais cruzariam caminhos novamente.

A balança deve ser preservada, afinal.

Erguendo a cabeça, varreu fora o moletom AHS⁴ e o que ele tinha na parte inferior, e moveu-se para montá-la... E foi cuidadoso quando angulou seu pau duro no núcleo dela. Com um giro suave, entrou no corpo dela, e aquele seu aperto familiar, aquela compressão, aquele calor escorregadio, trouxe lágrimas aos seus olhos enquanto imaginava, por apenas uma única vez, que os dois estavam fazendo isso não para se conectarem... Mas para conceberem.

Exceto que em seguida disse a si mesmo para parar com isso.

Nada mais de pensar. Nada mais de arrependimento pelo que poderia arruiná-los de qualquer maneira.

E nunca existiria qualquer conversa.

Ele nunca, jamais falaria com ela sobre isso. Ela certamente não tinha se voluntariado para o câncer ou quimioterapia ou infertilidade. Nada disso era obra dela, assim como estava longe de ser uma questão de culpa que qualquer um pudesse ter.

Portanto, de maneira nenhuma ele poderia alguma vez expressar essa sua tristeza.

Mas sim, esta era a ansiedade que ele esteve sentindo. Esta era a distância. Esta era a fonte de sua irritação. Desde o passado não importando o tempo, tinha assistido seus irmãos com seus filhos, vendo a proximidade das famílias, invejando o que tinham... E enterrando tudo isso até que as emoções exteriorizaram inesperadamente na cozinha com L. W.

⁴ AHS é a sigla para American Horror Story, que é uma série de televisão norte-americana de horror-drama.

Algo como uma fervura que crescia até que não podia mais ser contida.

Rhage disse a si mesmo que deveria estar aliviado, por não estar louco ou maníaco a ponto da instabilidade mental. E mais ao ponto, agora que tinha descoberto o que era, poderia colocar tudo isso pra trás.

Era só empurrar isso para a parte de trás de sua cabeça e fechar a porta.

As coisas estavam caminhando de volta ao normal.

Tudo ficaria bem, porra.

Ele estava magnífico, como sempre.

Enquanto Mary arqueava sob o corpo de Rhage investindo, ela não estava enganando a si mesma... Sabia que o sexo era apenas um desvio temporário do que tinha que ser algum tipo de grande problema para ele. Mas às vezes você tinha que dar à pessoa o espaço que eles precisavam... Ou, neste caso, o sexo.

Por que, querido Senhor, sentia que isso era de alguma forma significativo para ele e de uma maneira diferente do habitual. Seu companheiro sempre a quis de uma forma erótica, mas isso parecia... Bem, neste assunto, seus quadris poderosos eram capazes de dirigi-la para o outro lado do chão do banheiro, mas em vez disso, eles estavam gentilmente empurrando nela. E também, ele parecia não querer segurar tanto quanto costumava se segurar, com seus braços envolvendo o torso dela para que fosse levantada do tapete, e seu corpo montando o dela com um ritmo impulsionado que era ainda mais vívido por essa limitação pungente.

— Eu te amo. — Disse ele em seu ouvido.

— Eu também te amo...

Seu próximo orgasmo cortou a voz dela, empurrando-a de tal modo que seus seios batiam na parede de seu peitoral. Deus, ele estava tão bonito enquanto continuava em cima dela, com o ritmo de suas penetrações estendendo os choques pulsantes que golpeavam inteiramente o seu sexo até que ele era a única coisa que ela reconhecia no universo, até que o passado e o futuro desapareciam, até que toda a desordem em sua mente e em torno de seu coração desintegrasse.

Por alguma razão, o silêncio dessas críticas repreendidas, o recuo dessa preocupação incessante, o sumiço que aniquilava e as provações noturnas de se perguntar se estava fazendo seu trabalho direito... E às vezes saber ao certo se não estava... Trouxeram lágrimas aos olhos dela.

Ansiedade sobre Rhage à parte, não sabia quão fortemente esteve ferida. Quão pesado o fardo se tornara. Quão preocupada sempre estava.

— Sinto muito. — Ela engasgou.

Instantaneamente, Rhage congelou.

— O que?

Os olhos dele estavam estranhamente horrorizados quando se mexeu e olhou para ela. E ela sorriu enquanto enxugava as lágrimas.

— Estou apenas tão... Grata por você. — Sussurrou.

Rhage pareceu abalado.

— Eu... Bem, eu me sinto da mesma forma.

— Terminou? Dentro de mim? — Ela arqueou-se contra ele. — Quero sentir você gozar.

Rhage baixou a cabeça em seu pescoço e começou a se mover mais uma vez.

— Oh, Deus, Mary... *Mary*...

Dois golpes mais tarde ele estava gozando, seu corpo incrível enrijecendo, sua ereção golpeando profundamente dentro dela e começando outra liberação.

Ele não parou. Não por um longo tempo. O que era algo que os vampiros machos tinham a capacidade de fazer. Ele continuou gozando, enchendo-a a ponto de transbordar... E ainda assim, continuou até que as liberações vieram tão estreitamente próximas, que se converteram numa única corrida pulsante.

Quando ele terminou, tombou caído e imóvel, mas depois apoiou seu peso nos cotovelos para que ela pudesse respirar.

Deus, ele era tão grande.

Ela estava acostumada ao seu tamanho até certo ponto, mas quando abriu os olhos, tudo o que podia ver era apenas parte de seu ombro. Todo o resto foi bloqueado pela sua corpulência.

Acariciando seus bíceps, disse calmamente.

— Por favor, diz pra mim o que está errado.

Rhage se empurrou pra trás um pouco mais para que pudesse olhar dentro dos olhos dela.

— Você parece tão triste. — Ela traçou suas sobrancelhas. A tristeza moldada à boca perfeita. Os hematomas em sua mandíbula. — É sempre melhor se você falar com alguém.

Depois de um longo momento, ele abriu a boca...

Bam! Bam! Bam!

Do lado de fora do quarto, o impacto inconfundível de um Irmão batendo na porta não foi nem um pouco abafado.

Rhage virou e gritou:

— Sim?

A voz de V chegou até o banheiro.

— Temos uma reunião. Agora.

— Entendido. Chegando.

Rhage virou e a beijou.

— É melhor eu ir.

Sua retirada foi rápida e seus olhos ficaram baixos enquanto a ajudava a levantar do tapete até o chuveiro.

— Eu gostaria de ficar lá com você. — Ele disse enquanto abria a água quente.

Não, ela pensou, enquanto ele não olhava para ela. Você na realidade não quer.

— Rhage, sei que você tem que ir. Mas você está me assustando.

Enquanto a movia para debaixo do jato, tomou o rosto dela entre as mãos e olhou-a fixamente nos olhos.

— Você não tem nada com que se preocupar. Nem agora nem nunca... Pelo menos não sobre mim. Eu te amo até o infinito e nada mais importa, contanto que isso seja verdade.

Mary respirou fundo.

— Ok. Tudo certo.

— Vou voltar assim que a reunião acabar. E poderemos comer alguma coisa. Assistir um filme. Você sabe, fazer aquela coisa... Como os humanos chamam isso?

Mary riu um pouco.

— Netflix e relaxar⁵.

— Certo. Vamos ter Netflix e relaxar.

⁵ No original "Netflix and Chill"... Esta expressão não deve ser traduzida ao pé da letra, pois se trata de uma espécie de código bastante usado nas mídias sociais. É apenas uma maneira de convidar alguém a ir à casa de outro e terem relações sexuais... Não necessariamente com a Netflix ao fundo.

Beijou-a mesmo com o rosto molhado, depois recuou e fechou a porta de vidro. Ao sair, botou a calça de moletom novamente, mas manteve os pés descalços.

Ela o observou ir. E pensou que era incrível como alguém podia te tranquilizar... E ao mesmo tempo, tornar as coisas piores.

Que diabos estava acontecendo com ele?

Quando terminou seu banho, ela se enrolou na toalha, escovou os emaranhados de seu cabelo molhado, e vestiu-se em um conjunto de calças de ioga e um grande suéter de cashmere preto que quase chegava até os joelhos. Ela tinha comprado a coisa para Rhage quando eles saíram no inverno anterior, e tinha até mesmo conseguido esta cor que não era a favorita dele, depois de muito tempo tentando diversificar seu guarda-roupa. Porém ele não foi capaz de usá-lo muitas vezes, porque sempre esquentava demais quando usava.

O tecido cheirava como ele, no entanto.

E quando deixou o quarto, sentiu como se ele estivesse com ela... E cara, precisava disso esta noite.

Parando em frente ao estúdio do Rei, ouviu as graves vozes masculinas do outro lado das portas fechadas.

Lá embaixo no hall de entrada, podia ouvir o *doggen* falando. A enceradeira. O tilintar do cristal, como se as arandelas estivessem sendo retiradas para serem limpas na pia novamente.

Sem fazer barulho, caminhou por todo o familiar corredor vermelho e dourado, dirigindo-se ao corredor das Estátuas. Mas não iria por esse corredor com suas obras de arte Greco-Romanas em mármore e todos esses quartos. Não, ela estava indo ao próximo andar.

A porta para o terceiro andar da mansão não estava trancada, mas não estava aberta tampouco, e sentiu um pouco como se estivesse invadindo quando abriu o caminho para as escadas e foi lá para cima. No patamar, em frente aos

quartos de Trez e iAm, estava a porta de aço abobadada da suíte da Primeira Família e ela tocou a campainha, exibindo o rosto para a câmera de segurança.

Momentos depois, houve uma série de trincados conforme as barras se moviam livremente de suas conexões, e em seguida o painel pesado se abriu. Beth estava do outro lado com L.W. em seu quadril, seu cabelo em uma trança por cima do ombro, aquele velho jeans azul e suéter azul brilhante, a própria definição de caseiro. Não era no mínimo aconchegante? O incrível brilho das pedras preciosas que estavam fixadas em todas as paredes além.

Mary nunca esteve nos aposentos privados antes. Poucos tinham, além Fritz, quem insistia em fazer a limpeza lá em cima ele mesmo. Mas Mary ouviu dizer que a suíte inteira era cravejada com pedras preciosas do tesouro do Antigo País... E claramente era verdade.

— Ei, — A Rainha sorriu mesmo quando L.W. agarrou um pouco do cabelo em cima da orelha e puxou. — Ok, ai. Vamos tentar outra coisa que envolva os bíceps, tá?

Enquanto Beth desenrolava aquele pequeno punho gordo, Mary disse sombriamente.

— Preciso que você me diga o que aconteceu com Rhage. E não finja que não sabe o que é.

Os olhos de Beth fecharam brevemente.

— Mary, eu não deveria...

— Se os papéis estivessem invertidos, você gostaria de saber. E eu te contaria se me pedisse também... Porque é isso que a família faz um pelo outro. Especialmente quando alguém está sofrendo.

A Rainha praguejou. Em seguida, ela se afastou e acenou para a suíte cintilante.

— Vamos entrar. Precisamos fazer isso em particular.

Capítulo VINTE E DOIS

Geralmente Rhage mantinha algo na boca durante as reuniões com o Rei. Pirulitos Tootsie Pops eram sua preferência, mas na falta, topava um pacote de caramelos Starbust ou talvez algo da linha Chips Ahoy!⁶ – os antigos, dos pacotes azuis, crocantes, não mastigáveis e sem nozes. No momento, seu estômago não conseguiria lidar com nada do tipo, ainda que não por causa da besta.

Mas pelo menos sua visão estava bem melhor do que após os murros de V.

Enquanto as persianas se abaixavam para o dia, recostou-se no canto ao lado das portas duplas, enquanto os irmãos tomavam seus lugares de costume pela sala: Butch e V em um dos estreitos sofás franceses, os dois em poses quase iguais, pernas cruzadas com o tornozelo sobre os joelhos; Z estava em pé, encostado à parede na melhor posição defensiva com Phury bem ao seu lado; John, Blay e Qhuinn agrupados perto da lareira. Rehvenge, por sua vez, estava na frente da mesa ornamentada de Wrath, o líder dos *sympaths* sendo um dos conselheiros mais próximos do Rei, e Tohr estava sentado à direita de Wrath devido à sua posição como chefe da Irmandade, um primeiro-tenente em todos os assuntos.

Lassiter não estava por perto e Rhage achou que o anjo caído estava assistindo TV em algum lugar. E Payne, que geralmente participava deste tipo de coisa? Provavelmente estaria vigiando Xcor.

Pois Deus sabia que aquela fêmea era capaz de lidar sozinha com qualquer macho no planeta.

Como sempre, Wrath era o ponto focal de tudo, sentado no trono ornamentado que seu pai tinha usado, os óculos escuros do Irmão varrendo a sala, mesmo sendo cego, sua mão descansando em cima da cabeça quadrada de seu cão-guia golden retriever.

⁶ Cookies com gotas de chocolate.

Mas naquela manhã era Qhuinn quem falava.

— ... tem duas pessoas lá embaixo em tratamento, Layla e meu irmão. Nenhum deles teria condições de se defender caso ele escape, e a Dra. Jane, Manny e Ehlena são médicos, não guerreiros.

— Com todo o respeito, Xcor está sendo fortemente vigiado, — Disse Butch — O tempo inteiro.

— Se Marissa estivesse com o seu filho na barriga, isto seria suficiente?

O tira abriu a boca. Então a fechou e anuiu.

— É. Tem razão.

Qhuinn cruzou os braços na altura do peito.

— Pessoalmente, não ligo a mínima se ele é o próprio Hannibal Lecter, não quero ele perto da clínica.

Quando o Irmão silenciou, Wrath perguntou.

— Qual a condição atual de Xcor?

Vishous coçou o cavanhaque.

— Ainda está em coma. Os sinais vitais não estão fortes, mas estão estáveis. Nenhum movimento do lado direito. Acho que teve um derrame.

— Mas não tem certeza?

— Não sem arrastar o traseiro dele até o Havers para uma tomografia. Mas não quero atravessar a cidade com ele só para confirmar o que eu já tenho quase certeza... E sim, tanto Jane quanto Manny concordam com minha conclusão.

— Alguma ideia de quanto tempo o coma vai durar?

— Não. Ele poderia estar despertando agora mesmo. Ou daqui a um mês. Ou ficar em estado vegetativo permanente. Não há como dizer. E se ele acordar?

Dependendo da gravidade do derrame, pode ter sequelas cognitivas. Fisicamente fodido. Ou completamente normal. Ou em qualquer ponto entre estes extremos.

— Maldição. — Murmurou Tohr.

Wrath se inclinou para o lado e ergueu George do chão, colocando-o no colo. Quando uma nuvem de pelo louro se ergueu no ar, o Rei tirou alguns da boca antes de falar.

— Qhuinn está certo. Não podemos mantê-lo lá, especialmente com os novos alunos que estão pra chegar. Primeiro, vocês cuzões vão precisar da sala de tiro ao alvo, mas mais que isso, nós com certeza não vamos querer nenhum daqueles fodidinhos acordando mortos no final da aula, só porque nosso prisioneiro acordou e saiu de sua gaiola. A questão é, para onde podemos levá-lo? Eu o quero perto suficiente para termos cobertura imediata, mas temos de tirá-lo da propriedade.

Houve um bocado de discussão, a qual Rhage não conseguiu acompanhar inteiramente. A verdade era, por mais crítica que fosse a situação com Xcor, a maior parte de seu cérebro estava de volta ao banheiro com sua Mary enquanto deliberadamente lembrava-se do quanto seus gemidos eram incríveis, o quanto amava estar dentro dela.

Nada estava perdido entre eles ou faltava em sua vida sexual que não pudessem resolver. Nada.

De verdade.

— ... de Bastardos deve estar fazendo buscas pelo centro da cidade inteiro, — Alguém disse. — Procurando por um corpo ou um sinal de que ele tenha carbonizado.

Vishous interrompeu.

— Encontrei dois celulares com ele. Um tinha um sistema fácil de senha que invadi com facilidade... Não havia nada, exceto detalhes sobre negociações de drogas e todos sabemos que isto já é coisa do passado. O outro dispositivo apagou

assim que consegui quebrar a senha e acho que é o do Xcor... Claramente os Bastardos instalaram alguns sistemas rudimentares de segurança.

— Você vai conseguir fazer o celular voltar a funcionar? — Perguntou Wrath.

— Depende dos danos causados pelo sistema de segurança deles, ainda preciso fazer uns testes. Pode ser que consiga extrair alguns dados, mas pode levar um tempo.

— O Bando de Bastardos não vai descansar até achar Xcor. — Alguém murmurou.

A voz de Tohr foi um grunhido.

— Então me deixe dar um corpo a eles.

— Ainda não, meu irmão. — Wrath olhou para o cara. — E você sabe disso.

— Mas se o cérebro dele está morto, não há informações a extrair...

Wrath falou para o macho.

— Quero todo mundo no centro da cidade pelas próximas três noites. O desaparecimento de Xcor fará os Bastardos saírem da toca. Já temos um deles, eu quero todos.

— Também é melhor ficar de olho nos *lessers*. — Alguém murmurou. — Só por que vencemos a noite passada, não significa que a guerra acabou.

— O Ômega irá fazer mais. — Wrath concordou. — Isto é merda certa.

Butch falou.

— Mas em se tratando de *lessers*... Acho que estamos focando no sintoma, não na doença. Precisamos tirar o Ômega da jogada. Digo, esta é a profecia do *Dhestroyer*, certo? Supostamente deveria ser eu a fazer isto, mas não conseguiria absorver todos aqueles que estavam no campus. De jeito nenhum.

V deu ao seu melhor amigo um aperto no ombro.

— Você faz o bastante.

— Obviamente não... Quanto tempo já faz? E eles estavam em menor número, mas ainda havia uma caralhada deles vindo atrás da gente naquele campus.

— Minha mãe é inútil pra cacete. — V reclamou ao acender um cigarro. — Estamos combatendo a Sociedade *Lessening* há séculos. Mesmo com a profecia, não vi indicação nenhuma de estarmos erradicando-os...

— Eu sei onde podemos colocar Xcor. — Rhage interrompeu.

Quando todos os olhos da sala se fixaram nele, ele deu de ombros.

— Não surtem. Mas a solução é clara.

Lá embaixo, no centro de treinamento, Layla reconheceu a sensação que a assolava desde a noite anterior.

Ao se sentar na beirada de sua cama de hospital, sabia exatamente o que significava aquela gritante sensação de destino, a queimação no centro do seu peito, o comichão enervante e incansável.

Só não fazia sentido.

Então ela tinha de estar interpretando tudo errado. Será que talvez isto fosse ainda outro sintoma da gravidez e só parecesse outra coisa?

Bem, de qualquer forma, ela ia descobrir, pensou ao se levantar da cama e cambalear até a porta. Seu mais recente repouso de doze horas tinha acabado, então era hora de esticar as pernas de novo... E sem Irmãos de babá, e Qhuinn e Blay em reunião, aproveitaria sua relativa liberdade ao máximo.

Saindo para o corredor, olhou ao redor. Não havia ninguém fora de seu quarto. Sem sons vindos da clínica. E o ginásio e sala de musculação no final do corredor, ambos também pareciam quietos.

Ostensivamente, não havia ninguém ao redor. Nem Irmãos, serviçais ou equipe médica. Então realmente... Como era possível que estivesse detectando a presença de Xcor aqui embaixo?

Seria impossível aquele Bastardo estar no complexo da Irmandade. Ele era inimigo, pelo amor de Deus – o que significava que, caso ele tivesse se infiltrado na propriedade, estaria ocorrendo um ataque, o inferno recaindo sobre eles, os Irmãos estariam por todos os lados armados até os dentes.

Em vez disso? Somente uma porção de nada, como diria Qhuinn.

Isto devia ser algum estranho sintoma relacionado à gravidez...

Não, pensou. Ele esteve aqui. Ela o detectava em seu próprio sangue – era o que acontecia quando você alimentava alguém: um eco de você mesmo permanecia com o outro e era como captar seu reflexo em um espelho a certa distância.

Não dava para confundir com nenhuma outra coisa. Não mais do que se conseguiria confundir a própria imagem.

Erguendo a frente de sua camisola Lanz – por hábito, ao invés de necessidade, por causa de sua grande barriga – bamboleou pelo chão do corredor de pantufas, passando pelo recém-construído banheiro feminino, vestiário masculino e a sala de musculação.

Nada particularmente se registrava em lugar algum. Mas ao passar pelo ginásio e chegar à entrada da piscina, ela parou.

Bem adiante. Era como se ele estivesse bem ali à frente...

— Ei garota, o que está fazendo?

Layla deu meia volta.

— Qhuinn, olá.

O pai de seus filhos aproximou-se dela, os olhos avaliando seu rosto, a barriga.

— Está tudo bem? O que está fazendo aqui, tão longe?

— É só... É minha hora de me exercitar.

— Bem, não precisa ser aqui — Qhuinn tomou-a pelo cotovelo, girou-a e guiou para longe. — De fato, talvez devêssemos levá-la de volta para a mansão por enquanto.

— O que?... Por quê?

— Lá é mais confortável.

Em menos de um minuto estavam de volta ao seu quarto. Ela não era estúpida. Ele foi o maior apoiador dela ficar aqui embaixo na clínica por que era melhor para ela e para os bebês, mais seguro. Agora ele mudava de ideia?

Com o coração disparado e a cabeça girando, sabia muito bem que seus instintos não estavam mentindo. Xcor estava aqui, em algum lugar do centro de treinamento. Será que o capturaram em campo? Será que foi ferido e trazido para cá como fizeram com aquele soldado dele?

Qhuinn se inclinou pra frente para abrir a porta.

— De qualquer forma, vou falar com a Dra. Jane sobre...

— Falar sobre o que?

— Falando no diabo... — Qhuinn disse suavemente ao se virar.

A companheira de V estava saindo da sala de estoque com uma pilha de aventais cirúrgicos nos braços.

— Olha, não comente nada com Fritz sobre isto, está bem? Mas lavar roupa clareia meus pensamentos, e às vezes é preciso relaxar.

Quinn sorriu por uma fração de segundo.

— Eu na verdade estava descendo pra falar com você. Estava pensando que poderia ser bom para Layla passar um tempo no quarto dela.

A Dra. Jane franziu o cenho.

— Na casa?

— É tão clínico aqui embaixo.

— Ah, é justamente este o objetivo, Quinn. — A Dra. Jane mudou a carga de braço, mas não desviou o firme olhar verde. — Sei que entramos em um período tranquilo da gravidez e espero que continue assim. Mas não podemos arriscar, e a cada noite que passa, estamos mais perto e não mais longe, do grande momento.

— Só pelas próximas vinte e quatro horas.

Layla olhava de um para o outro. E sentiu-se como uma hipócrita mentirosa ao dizer:

— Eu me sinto mais segura aqui.

— Há quanto tempo está de pé? — perguntou a Dra. Jane.

— Eu só caminhei pelo corredor na direção do ginásio...

— Podemos levar uns equipamentos para a casa. — sugeriu Quinn. — Sabe, coisas de monitoramento. Coisas assim. Além disso, não será por muito tempo.

A Dra. Jane meneou a cabeça como se não pudesse acreditar no que tinha ouvido.

— Uma sala de operação? Acha que podemos transferir a sala de operação para lá? Não quero ser alarmista... Mas ela está esperando gêmeos, Quinn. Gêmeos.

— Eu sei. — Os olhos díspares de Quinn se fixaram nos da médica. — Estou totalmente ciente dos riscos. Assim como você.

A Dra. Jane abriu a boca. Então hesitou.

— Ouça, vou levar isto para meu consultório. Me encontre lá, está bem?

Assim que a médica saiu, Layla fixou o olhar em Quinn.

— Quem mais está aqui embaixo?

Quinn colocou a mão no ombro dela.

— Ninguém, por que pergunta?

— Por favor. Apenas me conte.

— Não é nada. Não sei do que ela está falando. Deixa eu te pôr na cama.

— Você não precisa me proteger.

Aquelas sobrancelhas escuras cerraram tanto que ele não estava apenas franzindo o cenho, estava gritando.

— Sério. *Sério*?

Layla exalou e colocou a mão sobre a barriga.

— Desculpe.

— Merda, não, não se desculpe, – ele jogou o cabelo para trás em um gesto tenso, e pela primeira vez ela viu as bolsas escuras sob seus olhos. — Todo mundo está... Sabe, é a guerra. É estressante pra caralho.

Passando o braço ao redor dos ombros dela, guiou-a para o quarto e de volta à cama onde a ajudou a se ajeitar como se fosse feita de porcelana.

— Eu venho ver como você está no final do meu... Mais tarde. Ah, volto mais tarde. – Ele deu um sorriso que não chegou aos olhos. — Me avise se precisar de alguma coisa, está bem?

Quando as familiares ondas de culpa e medo se avolumaram dentro dela, Layla não conseguiu dizer nada, seu maxilar literalmente travou e os lábios

apertaram bem forte. Mas o que podia fazer? Se dissesse a ele que sabia que Xcor estava ali...

Bem, ele iria querer saber como ela sabia. E seria impossível mentir para ele e dizer que era por ter alimentado o Bastardo há tantos meses atrás... Na época em que tinha sido enganada pelo soldado do Xcor para ir àquela campina para ajudar a quem ela inicialmente assumia ser um guerreiro civil, trabalhando com a Irmandade. Ela já havia confessado seu pecado involuntário ao Rei; o que não disse a ninguém é que tinha continuado a encontrar Xcor muitas vezes depois disso – ostensivamente para mantê-lo longe de atacar o complexo quando ele descobriu sua localização.

Na verdade, era por que ela tinha se apaixonado por ele.

E o fato dos encontros terem terminado? A realidade de que tinha sido o próprio Xcor a dar um basta nos encontros? Aquilo mal importava.

A verdade era que ansiava por aqueles momentos com ele. E aquela era a sua traição, apesar do tanto que tentou pintar a si mesma como vítima.

— Layla?

Praguejando, forçou-se a voltar à realidade.

— Desculpa. O que?

— Você está bem mesmo?

— Não. Digo... Sim, sim, estou bem. — Colocou a mão na parte baixa das costas e se esticou. — Só cansada. É a gravidez. Mas está tudo bem.

Quinn a encarou por um longo tempo, os olhos díspares avaliando seu rosto.

— Vai me chamar? Mesmo que só esteja ficando doida de tédio?

— Eu chamo. Prometo.

Quando a porta fechou atrás dele, ela soube o que ele iria fazer. Iria falar com os outros Irmãos... Se é que já não tinha falado. E em breve, muito em breve, ela descobriria que não era mais capaz de detectar a presença de Xcor.

Ou por que ela teria sido realocada ou ele.

Com a cabeça entre as mãos, tentou respirar e descobriu ser impossível. Sua garganta estava contraída, as costelas pareciam barras de ferro, os pulmões queimavam. Continuou dizendo a si mesma que se irritar não ajudaria em nada. Certamente não seria bom para a gravidez.

Além disto, nunca mais veria Xcor.

Por que era aquilo que acontecia quando se pressionava um macho a respeito de seus sentimentos. Ao menos, um macho como ele.

E ele não tinha atacado o complexo...

A menos que tenha sido assim que foi capturado? Oh, querida Virgem Escriba, será que ele tinha trazido soldados armados para cá? Teria sido este o motivo do caos da noite passada?

Sua mente imediatamente entrou em parafuso, os pensamentos se misturando em padrões que não faziam qualquer sentido graças a muita velocidade e pouca racionalização.

Algum tempo depois, baixou os braços e olhou para a porta do banheiro. Parecia estar a quilômetros de distância. Mas precisava fazer xixi e talvez um pouco de água fria no rosto ajudasse a se acalmar.

Baixando as pernas do colchão, ela apoiou-se nos pés e...

Umidade. Houve uma... Uma súbita umidade entre suas coxas.

Suas mãos foram para a frente de sua camisola e ela olhou para baixo.

E gritou.

Capítulo VINTE E TRÊS

No andar superior de sua casa de vidro, Assail tomou um banho que pareceu durar uma eternidade.

Os painéis de bloqueio estavam abaixados sobre as janelas, então estava escuro, nada além dos brilhantes spots e suas pequenas lâmpadas cor de pêssego o orientava. A água estava extremamente quente e quando jogou a cabeça para trás, seu cabelo grudou na cabeça. Seu corpo estava em uma languidez pós-alimentação, pós-sexo e mesmo seu vício parecia apaziguado.

Embora o último provavelmente se devesse mais às três carreiras que ele tinha cheirado assim que pisou em casa.

Esqueça o *provavelmente*.

Ele tinha trepado violentamente com Naasha várias vezes, então suas costas estavam doendo. Seu pau estava exaurido. Suas bolas, praticamente vazias.

Não havia alegria em seu coração. Nenhuma. Mas isto não era incomum. E o xampu e sabonete não fizeram nada para ele se sentir mais limpo, provavelmente porque a sujeira que o incomodava não era exterior. Mas também, não podia dizer que aquilo não lhe era familiar.

Mas nem tudo estava perdido. Havia trabalho a fazer.

Ao chegar ao Novo Mundo, Assail não estava sozinho. Seus primos, Ehric e Evale, vieram na viagem com ele, e se provaram assistentes firmes e leais em todos os aspectos de seus negócios profissionais. Desde que vieram morar com ele, jamais o deixaram na mão... E estava prestes a precisar deles de novo.

Para algo que provavelmente eles iriam gostar.

Naasha, como era de se esperar, tinha várias amigas em situações similares – fêmeas da *glymera* que não eram servidas adequadamente por *hellrens* mais

velhos e buscavam por certas... Liberdades... As quais não tinham acesso. E embora seus primos estivessem recolhidos às suas suítes, na hora em que Assail voltou para casa, ele tinha certeza de que teriam se voluntariado para o trabalho e ficariam muito felizes de executar.

Por que Wrath tinha razão.

As coisas de fato estavam acontecendo na aristocracia.

Assail sentia, tão certo quanto um aroma no ar noturno. Ele só não sabia ainda o que era. Mas o tempo e o sexo dariam um jeito naquilo.

Saindo do chuveiro, apreciou o grosso e cálido tapete de banheiro felpudo sob seus pés e secou-se com uma toalha aquecida que pegou de uma barra perto do box. De fato, tinha comprado aquela mansão direto do construtor totalmente mobiliada, e tudo havia sido antecipado e atendido na construção e decoração da casa. Cada luxo foi ostentado. Nenhum centavo economizado.

Só que o lugar parecia bem vazio, apesar de seus três ocupantes. Meio que como o interior de seu corpo, não era? Refinamento e beleza no exterior, mas sem uma alma por dentro.

Por um breve interlúdio, as coisas não foram assim. Em ambos os casos.

Mas o tempo havia passado.

Em seu quarto, ele se pôs nu entre os lençóis de seda e fez uma anotação mental para trocá-los na próxima noite. Embora não fosse comum para um macho de sua posição, ele tinha crescido acostumado a cuidar de suas próprias roupas, toalhas de banho e trocar seus lençóis. Havia um estranho conforto em cuidar de coisas tão simples, um começo e um fim para cada tarefa da qual tirava certa satisfação.

E era assim que geralmente passava os dias enquanto seus primos dormiam lá embaixo. Arrumando. Esfregando assoalhos e pias, banheiros e armários. Aspirando pó. Polindo. Era um jeito produtivo de queimar a energia da cocaína.

Mas não neste dia em particular. Depois de alimentar-se, precisava de descanso, não só para a mente, mas para o corpo...

Ao seu lado, o celular tocou suavemente com o antiquado toque de campainha de telefones que não eram mais encontrados.

Ele nem se incomodou em verificar quem era. Ele sabia.

— Eu teria te ligado, — Ele disse — Mas não queria ser rude. É meio cedo para falar de negócios.

O Irmão Vishous não perdeu tempo. O que era uma de suas características mais predominantes.

— O que aconteceu? Conseguiu alguma coisa?

— Na verdade sim. Em diversas posições diferentes. Naasha é muito flexível.

Uma risada sombria veio pela linha.

— Com um macho como você, tenho certeza que ela foi. E esperamos que a mantenha muito satisfeita até ela começar a falar.

— Ela já começou, — Assail sorriu cruelmente no escuro. — Diga-me, sua reputação de Dom é só boato ou você é realmente tão perverso?

— Vai descobrir em primeira mão se desperdiçar o meu tempo com fofocas.

— Excêntrico.

— Por que pergunta?

— Seu nome foi mencionado na conversa.

— Como?

O fato de não ser uma pergunta, mas uma exigência não era surpresa.

— Ela estava se gabando de antigas conquistas sexuais. Aparentemente você foi uma delas quando era mais nova... E ela deixou bem claro que você é quem tinha executado toda a conquista, por assim dizer.

— Eu fodi com muita gente, – V disse em tom de voz entediado. — E esqueci noventa e cinco por cento delas. Então me diga o que descobriu... E não sobre sexo. Meu ou de outros.

Assail não se surpreendeu sobre o redirecionamento da conversa.

— A aristocracia tentará se aproximar do Rei logo. Eles irão convidá-lo para uma recepção privada em comemoração do aniversário de 900 anos do *hellren* dela... Um evento que mesmo em boas linhagens é meio raro.

— Eles estão planejando atirar em meu Governante de novo?

— Possivelmente. Meus instintos me dizem que há um caminho sendo forjado. – Assail meneou a cabeça, mesmo que o Irmão não pudesse vê-lo. — Eu só não sei por quem. Naasha é mais reconhecida pelos seus atributos horizontais do que mentais. Ela não é capaz de desenvolver uma estratégia, seja de natureza traiçoeira ou mesmo um evento social para a Última Refeição. É por isto que acredito que tem alguém por trás dela. Mas novamente, não sei quem... Ainda.

— Quando vai vê-la de novo?

— Ela vai oferecer um jantar esta noite e irei com meus primos. Devo conseguir descobrir algo mais.

— Que bom. Bom trabalho.

— Ainda não fiz nada.

— Mentira. Quantas vezes ela gozou?

— Parei de contar depois da sétima.

Outra risada sombria veio através da linha.

— Um macho igual a mim. E não descarte a perversão, seu fodidinho preconceituoso. Nunca se sabe quando pode começar a achá-la atraente. Ligue-me amanhã.

— Se continuar assim, vou estar falando mais com você do que com minha própria *mahmen*.

— Ela não está morta?

— Sim.

— Alguns bastardos ficam com toda a sorte.

Após o encontro com Wrath e a Irmandade, Rhage voltou para seu quarto, e ao abrir a porta esperava que Mary estivesse dormindo...

— Oi.

Está bem, certo. Mary estava bem acordada. Sentada na cama deles, recostada contra a cabeceira, joelhos erguidos contra o peito, braços enlaçando-os.

Como se estivesse à sua espera.

— Ah, oi. — Ele fechou a porta — Pensei que talvez estivesse descansando.

Ela negou com a cabeça. E olhou para ele fixamente.

No estranho silêncio que se seguiu, ele se lembrou de outra noite que parecia ter sido há um século... Quando tinha entrado neste mesmo quarto depois de testar seus limites com uma humana. Mary estava ficando com ele, e vê-lo depois daquilo quase a destruiu... Inferno, também o tinha destruído voltar para ela daquele jeito. Mas na época, tinha sido caso de ou fornecer algum sexo a seu corpo ou cair em cima de Mary e arriscar que a besta se libertasse enquanto

estivesse dentro dela. Afinal, sua Mary tinha enfeitiçado-o tanto e tão rápido que sua maldição ameaçava emergir somente na presença dela, e vivia aterrorizado ante a possibilidade de machucá-la. Com medo de revelar aquela parte de sua natureza para ela. Convencido de que sua falta de valor poderia emergir e arruinar tudo.

Então tinha voltado para cá e teve de encarar aquele rosto, sabendo tudo o que tinha feito com outra mulher.

Depois da noite em que tinha descoberto que ela estava morrendo, aquela era a pior lembrança de toda sua vida.

Engraçado, isto parecia igual de algumas maneiras. Um acerto de contas que ele não queria, mas não podia fazer nada para evitar.

— Conversei com a Beth. — Ela disse sombriamente. — Ela me disse que você ficou com o L.W. enquanto ela levava pontos na mão.

Rhage fechou os olhos e quis xingar. Especialmente quando houve uma longa pausa, como se ela estivesse lhe dando uma chance de explicar.

— Quer me dizer o porquê que segurar o L.W. no colo te deixou tão emocional?

O tom de voz dela era neutro. Controlado. Gentil, talvez até mesmo solícito.

E isto fazia sua verdade parecer especialmente cruel e injusta. Mas ela não ia deixá-lo escapar, mudar de assunto, jogar aquilo de lado. Aquilo não era algo que sua Mary faria, não em relação a algo assim.

— Rhage? O que aconteceu lá embaixo?

Rhage respirou fundo. Quis se aproximar dela na cama, mas precisava perambular – a agitação e queimação em seu crânio requeria algum tipo de expressão física ou começaria a gritar. Ou a socar paredes...

Ele só precisava descobrir como verbalizar isto para não soar como se estivesse botando a culpa nela. Ou catastroficamente infeliz. Ou...

— Rhage?

— Me dê um minuto.

— Você está andando em círculos há mais de vinte.

Ele parou. Olhou para sua companheira.

Mary havia mudado de posição e estava agora sentada com o pé pendurado para fora do colchão alto. Ela era engolida pelo tamanho da cama, mas eles precisavam de um colchão do tamanho de um campo de futebol; ele era tão grande que não podia se esticar em nada menor.

Merda. Estava se desconcentrando de novo.

— Será que foi por você... — Mary olhou para o próprio pé. Então olhou de novo para ele. — É por que você quer ter seu próprio bebê, Rhage?

Ele abriu a boca. Fechou.

Ficou ali como uma tábua enquanto seu coração ribombava no peito.

— Tudo bem. — Ela sussurrou. — Seus irmãos estão começando a constituir família... E observar pessoas que você ama fazer isto realmente causa mudanças. Desperta... Vontades... Que talvez nem sabia que tinha antes...

— Eu amo você.

— Mas isto não significa que não esteja decepcionado.

Recuando até os ombros grudarem na parede, ele se deixou escorregar até o chão amparar seu traseiro. Então pendeu a cabeça porque não podia aguentar olhar para ela.

— Oh, Deus, Mary, não quero sentir isto, — Quando sua voz falhou, ele pigarreou. — Digo... Eu podia tentar mentir, mas...

— Você vem se sentindo assim há um tempo, não é? É por isto que as coisas estão um pouco esquisitas entre nós.

Ele estremeceu, derrotado.

— Eu teria contado algo antes, mas não sabia o que estava errado. Até lá embaixo na cozinha sozinho com L.W. Surgiu do nada. Isso me atingiu como uma tonelada de tijolos... Não quero me sentir assim.

— É perfeitamente natural...

Ele socou o chão com força suficiente para rachar a madeira.

— Eu não quero isto! Não quero isto, porra! Você e eu é só o que preciso! Eu nem gosto de crianças!

Conforme a voz dele ecoava pelo quarto, podia senti-la olhando-o fixamente.

E não pôde suportar.

Agitado, golpeou ao redor e sentiu como se estivesse arrancando a pintura das paredes, tacando fogo nas cortinas e quebrando a cômoda com suas próprias mãos.

— Estou falando sério. — Rosnou. — Quando te disse que eu arranjaría um bebê se você quisesse um. Eu falei sério pra caralho!

— Sei que falou. O que não esperava era que fosse você quem acabaria com um vazio no meio do peito.

Ele parou de chofre e falou para o tapete oriental.

— Não importa. Isto não importa. Não vai mesmo acontecer...

— Beth me disse outra coisa. — Mary esperou que olhasse para ela e quando ele o fez, ela secou uma lágrima. — Ela disse que Vishous foi até você antes do ataque. Ela disse... Que ele te contou que você ia morrer. Que ele tentou te fazer sair de lá, mas você se recusou.

Rhage praguejou e voltou a andar em círculos. Esfregando o rosto com uma mão, viu-se apenas querendo voltar aos primórdios de seu relacionamento. Quando tudo era fácil. Nada além de bom sexo e um amor melhor ainda.

Não toda esta... Complicação de vida.

— Por que você não voltou? — Ela perguntou de maneira hesitante.

Ele descartou a pergunta com um gesto de mão.

— Ele podia estar errado, sabe. V não sabe de tudo ou ele seria um deus...

— Você correu antes do sinal combinado. Você não esperou... Foi sozinho. Em uma área cheia de inimigos. Sozinho... Logo depois de um de seus Irmãos, um que ainda não tinha se enganado jamais, dizer que você ia morrer lá. E então você foi ferido. No peito.

Rhage não queria desabar.

Mas foi estranho. Ele estava em pé... E então estava no chão com as pernas falhando debaixo dele em ângulos tortos, seu torso seguindo-as em um amontoado relaxado de braços e ombros. Mas era isto o que acontecia quando um guerreiro perdia sua luta... Ele se reduzia a uma arma caindo de uma mão que atirou, uma adaga solta de uma palma, uma granada derrubada, ao invés de jogada no ar.

— Sinto muito Mary. Sinto... Tanto. Me desculpe, me desculpe...

Ele continuou repetindo aquelas palavras vezes sem conta. Não havia mais nada que pudesse fazer.

— Rhage. — Ao interromper sua confusão, a voz de sua Mary estava tão triste que o som dela era pior que a bala de chumbo que tinha ferido seu coração. — Você acha que se adiantou ao sinal por que queria morrer? E por favor, seja honesto comigo. Isto é sério demais... Para ser varrido para debaixo do tapete.

Sentindo-se um merda, levou as mãos até o rosto e falou por entre as palmas.

— Eu só precisava... Estar perto de você novamente. Como sempre foi. Como deveria ser. Como *precisa* ser para mim. Eu pensei... Talvez se estivesse do outro lado e você viesse para mim, poderíamos...

— Fazer o que estamos fazendo agora?

— Só que daí não teria mais importância.

— Ter um filho?

— Sim.

Quando ambos silenciaram, ele praguejou.

— Sinto como se estivesse te traindo de um jeito diferente agora.

Quando ela inalou profundamente, ficou claro que sabia exatamente ao que ele se referia... Àquele momento quando tinha voltado para ela depois daquela outra mulher. Mas ela se recuperou rápido.

— Por que não posso te dar o que você quer, e você quer mesmo assim.

— Sim.

— Você... Você quer estar com outra mul...

— Deus, não! — Rhage baixou as mãos e negou com a cabeça com tanta força que ela quase se desprende da espinha. — Porra, não! Nunca. Jamais. Eu prefiro estar com você, sem filho nenhum do que... Digo, Jesus, nem por um momento.

— Tem certeza disso?

— Absoluta. Juro. Cem por cento de certeza.

Ela anuiu, mas não estava olhando para ele. Estava de novo olhando para o pé ao flexionar os dedos, então separá-los, então curvá-los para baixo, e então os movendo para cima.

— Por que tudo bem se for isto. — Disse ela baixinho. — Digo, eu iria compreender se você quisesse... Sabe, uma mulher de verdade.

Capítulo VINTE E QUATRO

Mary considerava-se inteiramente feminista. Sim, era verdade que a maioria dos homens podia levantar mais pesos do que a maioria das mulheres – e esta era uma realidade tanto entre vampiros quanto humanos – mas além daquela diferença física insignificante, não havia absolutamente nada em seu ponto de vista, que machos fizessem melhor do que as fêmeas.

Então foi com certa surpresa que percebeu sua sensação de fracasso total ao fato de estar meramente na mesma posição em que os homens estavam.

Entidades que nasciam com órgãos sexuais masculinos não podiam gerar filhos e nem ela. Vê? Igualdade total aqui.

Deus, como doía.

E era doloroso da forma mais estranha. A sensação era fria; era um vazio frio bem no centro do seu peito. Ou talvez mais pra baixo, mesmo que a metáfora de um vazio onde deveria haver seu útero, no caso dela, só fosse a mais pura realidade.

Mas a sensação era esta. Um espaço oco. Uma caverna.

— Sinto muito. — Ela forçou-se a murmurar. Mesmo que não fizesse sentido algum.

— Por favor. — Implorou ele. — *Nunca*, jamais diga isto...

Oh, ei, veja, ele tinha se aproximado e ajoelhado à sua frente, as mãos sobre seus joelhos, os olhos azuis fitando-a como se estivesse a ponto de morrer diante do pensamento de ter lhe causado qualquer mágoa.

Ela colocou a mão no rosto dele e sentiu o calor de sua face.

— Está bem, não vou pedir desculpas por isto. — Disse ela. — Mas sinto muito por nós dois. Você não quer sentir isto e nem eu, e ainda assim, olha como estamos...

— Não, *não* é como estamos, por que eu rejeito tudo isto. Não vou permitir que isto afete a mim ou a você...

— Já mencionei ultimamente o quanto eu odeio o câncer? — Ela abaixou o braço, consciente de estar interrompendo a fala dele, mas incapaz de parar. — Eu realmente, realmente, realmente, odeio fodidamente essa doença. É tão bom que vampiros não a tenham por que se você acabasse com alguma versão dela, eu odiaria o universo pelo resto da minha existência imortal...

— Mary, ouviu o que eu disse? — ele tomou sua mão e levou-a de volta ao próprio rosto. — Eu nunca mais vou pensar nisto. Não vou deixar isto se interpor entre nós. Não vai ser...

— Não funciona assim com as emoções, Rhage. Eu como terapeuta sei bem. — Ela tentou sorrir, mas achou que o que saiu foi uma careta. — Não podemos escolher o que iremos sentir... Especialmente não quanto a um assunto tão fundamental como ter um filho. Digo, além da morte e de com quem você quer passar o resto da vida, a coisa toda de ter um filho é a base da existência.

— Mas você escolhe o que fazer quanto às suas emoções. É o que você sempre diz... É possível escolher como vai reagir a seus pensamentos e sentimentos.

— Sim. Só que de alguma forma... Isto não parece ser possível no momento.

Deus, por que será que as pessoas não surravam seus terapeutas? ela se perguntou. Aquela baboseira hipócrita sobre “dar vazão a seus sentimentos, mas deixar seu lado carinhoso controlar suas respostas” realmente eram de nenhuma ajuda em momentos como este... Quando se estava a ponto de desabar e seu companheiro também, e havia uma voz no fundo de sua mente dizendo que vocês dois jamais sairiam desta, porque, Deus, quem poderia?

Oh, e P.S. era tudo culpa dela porque era ela que não tinha óvulos férteis...

— Mary, olhe para mim.

Quando ela finalmente olhou, surpreendeu-se com a expressão feroz naquele rosto lindo dele.

— Eu me recuso a deixar qualquer coisa se interpor entre nós, especialmente esse conto de fadas idiota sobre ter um filho. Por que é o que é. Wrath e Z? Sim, eles têm filhos com suas companheiras, mas também têm de viver com a realidade de que suas *shellans* podem morrer... Pelo amor de Deus, Wrath *de fato* quase perdeu Beth. E Qhuinn? É claro, ele não está apaixonado por Layla, mas não me diga que ele não se importa com aquela fêmea com todo seu coração considerando o filho dos dois que ela carrega. — Ele exalou e se sentou mais para trás, apoiando as mãos no chão. Seus olhos fitaram a cabeceira da cama e vagaram ao redor, traçando os entalhes na madeira. — Quando penso logicamente sobre isto... Por mais forte que seja meu desejo de ter um filho... — Ele mudou o peso e cutucou o centro do peito. — ... por mais que eu sinta necessidade de ter um filho especificamente com você, o que eu tenho a mais absoluta certeza é que jamais trocaria qualquer criança por você.

— Mas sou imortal, lembra? Você não teria de se preocupar de eu morrer no parto igual a seus irmãos.

Os olhos dele fixaram nos dela.

— Sim, mas então eu não iria voltar a vê-la, Mary. Este era o equilíbrio, lembra? Você não saberia que jamais estivemos juntos... Mas eu sim. Pelo resto da minha vida eu saberia que você esteve neste planeta, viva e bem... Eu só não poderia jamais vê-la, tocá-la, rir com você de novo. E se eu fosse atrás de você? Você cairia morta na hora. — Ele esfregou o rosto. — Não poder ter filhos? Esta é a razão pela qual estamos juntos. Não é uma maldição, Mary... É uma bênção. Foi o que nos salvou.

Mary piscou para afastar as lágrimas.

— Rhage...

— Você sabe que é verdade. Sabe que este é o equilíbrio. — Ele sentou-se e tomou suas mãos. — Sabe que é por isto que temos tudo isto. Você nos deu nosso futuro precisamente por que não pode gerar filhos e filhas para mim.

Quando seus olhos se encontraram de novo e se sustentaram, ela começou de novo a dizer que sentia muito. Mas ele não deixou.

— Não. Não vou ouvir isto, Mary. Sério. Não vou ouvir mais porra nenhuma. E sabe o que mais? Eu não mudaria nada. Nem uma coisinha.

— Mas você quer um...

— Não mais do que quero você comigo, do meu lado, vivendo comigo, me amando. — O olhar dele não se desviou do dela, a força de sua convicção tão forte que faziam arder os seus olhos. — Sério, Mary. Agora, pensando bem... Onde eu estava com a cabeça? Não. A vida sem você seria uma tragédia. Vida sem filhos? É... Bem, só um caminho diferente.

O primeiro instinto de Mary foi se apegar a seu próprio drama, a roda de *hamster* do arrependimento, raiva e tristeza tão sedutores e potencialmente implacáveis quanto um buraco negro. Mas então tentou superar tudo aquilo, tentou de alguma forma atravessar para o outro lado.

O que a ajudou a se salvar?

O amor nos olhos dele.

Quando Rhage ergueu o olhar para ela, seus olhos eram como o sol, uma fonte de calor, vida e amor. Mesmo com tudo o que ela não podia lhe dar? Ele ainda de alguma forma conseguia olhar para ela como se tudo o que lhe importasse... Fosse exatamente o que tinha à sua frente.

Naquele momento, Mary percebeu uma coisa.

A vida não tinha de ser perfeita... Para que o amor verdadeiro fizesse parte dela.

Seria somente um caminho diferente.

A coisa mais esquisita aconteceu quando estas cinco palavras saíram da boca do Rhage. Era como se um peso tivesse sido tirado de cima dele, tudo se tornou leve e meio superficial, seu coração começou a cantar, a alma liberou-se do fardo, a distância que se interpunha entre ele e sua companheira desapareceu como fumaça, como a névoa se dispersando, como uma tempestade que passou por ali e foi adiante.

— Eu não mudaria nada. — Quando ele falou as palavras, sentiu-se... Livre. — Nada. Não mudaria nada.

— Eu não te culparia se você quisesse mudar.

— Bem, não quero. — Ele acariciou sua perna, puxando suas pernas para ela olhar para ele. — Nem uma coisa.

Mary respirou fundo. Então aquele sorriso dela surgiu, os lábios arquearam nos cantos, os olhos voltaram a se iluminar.

— Mesmo?

— De verdade.

Rhage levantou-se e voltou a sentar perto dela, na mesma posição dela, só que suas pernas eram tão grandes que os pés bateram no chão. Segurando sua mão, ele a cutucou com o ombro uma vez. Duas. Até ela rir e cutucá-lo de volta.

— Sabe, você tem razão. — Disse ele. — Conversar ajuda.

— Engraçado, estava agora mesmo pensando que tudo isso era baboseira.

Ele negou com a cabeça.

— É incrível como tudo depende de como você encara.

— O que você é, casado com uma terapeuta ou coisa assim? — Quando eles riram um pouco, ela estremeceu. — Sabe, eu nunca realmente pensei em filhos. Estava tão ocupada passando pela faculdade e então minha mãe adoeceu. Daí eu adoeci. Quando comecei a cogitar, já era tarde para mim... E não houve nenhum

lamento ou qualquer tipo de sensação de perda na minha cabeça. Acho que por que eu sempre soube que o câncer voltaria. Eu sempre soube. E estava certa.

— Daí você se emparelhou com um vampiro.

— Foi. — Só que Mary franziu o cenho. — Quero que me prometa uma coisa.

— Qualquer coisa.

Ela virou a mão dele, traçando as linhas na palma.

— Estou contente por estarmos conversando... Lógico que era inevitável que este assunto surgisse, e realmente, em retrospecto, não sei por que não antecipei. E mesmo que seja difícil para nós dois, estou contente de que estejamos falando sobre isto e fico feliz por você se sentir melhor. Eu só... Você precisa entender que algo assim não se resolve só com uma conversa.

Ele não tinha tanta certeza. Antes, sentia como se as engrenagens não estavam se encaixando, mas agora? Tudo estava funcionando tão bem quanto costumava estar... E ainda melhor.

— Talvez.

— Acho que o que estou tentando dizer é que eu não quero que você fique surpreso ou se sinta mal se seu desapontamento voltar. Da próxima vez em que vir Wrath e L.W. ou da próxima vez em que Z aparecer com a Nalla no colo? Provavelmente vai sentir esta angústia de novo.

Quando ele imaginou seu Rei e o irmão, deu de ombros.

— É, tem razão. Mas sabe o que? Bastará eu me lembrar de que tenho você e que isto não seria possível sob outras circunstâncias. Isto vai ajudar a me fazer sentir normal de novo. Prometo.

— Só se lembre de que a negação não é uma boa estratégia a longo termo se o que busca é saúde mental.

— Ah, mas a perspectiva é mais ou menos uma estratégia a longo termo. Assim como ser grato pelo que se tem.

Ela sorriu de novo.

— Touché. Mas, por favor, conversa comigo? Eu não vou quebrar e prefiro saber o que passa em sua cabeça.

Erguendo a mão, ele colocou uma mecha do cabelo dela atrás da orelha.

— Mary, você é a pessoa mais forte que eu conheço.

— Às vezes não tenho tanta certeza disto. — Com uma mudança de posição e um esticão, ela depositou um beijo em sua boca. — Mas obrigada pelo voto de confiança.

— Tudo isto foi uma surpresa tão grande. — Murmurou ele. — Não era como se eu vivesse esperando ter um filho ou que não tê-los sequer me incomodasse.

— Não dá para saber o que a vida vai nos apresentar. — Agora foi ela quem deu de ombros. — E acho que isto pode tanto ser bom, quanto ser ruim.

— Realmente falei sério. Se você quer um filho, eu encontro um para você. Mesmo que seja humano.

Por que Deus sabia que crianças vampiras eram quase impossíveis de serem encontradas para adoção. Eram tão raras, preciosas demais.

Mary negou com a cabeça após um momento.

— Não, não acho que isto vai acontecer. Meu instinto materno se expressa através do meu trabalho. — Ela olhou para ele. — Mas gostaria de ter sido mãe ao seu lado. Teria sido bem divertido. Você seria um pai maravilhoso.

Rhage tomou seu rosto entre as mãos e sentiu todo o amor que tinha por ela percorrer seu corpo inteiro. Odiava que ela tivesse se magoado com isto. Teria feito absolutamente qualquer coisa para evitar qualquer dor a ela.

Exceto sacrificar o amor deles.

— Oh Mary, você teria sido a mãe mais maravilhosa. — Ele acariciou seu lábio inferior com o polegar. — Mas você não é menos fêmea a meus olhos. Você é, e

continuará a ser para sempre, a companheira mais perfeita da terra, a melhor coisa que já me aconteceu na vida.

Quando os olhos dela novamente se encheram de lágrimas, ela sorriu.

— Como é possível... Que você sempre consiga fazer eu me sentir tão bela?

Ele a beijou uma vez, e então de novo.

— Só estou refletindo de volta o que vejo e sei que é verdade. Não passo de um espelho, minha Mary. Agora me deixa te beijar de novo? Mmmmmmmm...

Capítulo VINTE E CINCO

— Tem certeza? Certeza *absoluta*?

Ao falar, Layla mantinha um aperto mortal no lençol que foi puxado ao redor de seus quadris.

— Digo, você tem completa e total certeza?

A Dra. Jane sorriu e apertou um botão qualquer na máquina de ultrassom. Quando som de *whumpa-whumpa-whumpa* preencheu a escuridão da sala de exame, a médica virou o monitor para a direção de Layla e recostou na cadeira.

— Aqui está o Bebê A. — ela moveu a vareta para a lateral da barriga volumosa. — E aqui está o Bebê B.

Whumpa-whumpa-whumpa... Além disso, um braço estava se mexendo... O que era algo que ela também podia sentir.

Layla desabou contra o travesseiro.

— Bendita seja a Virgem Escriba.

— Então sim, eu tenho certeza. — A médica concluiu. — Quando você se levantou, soltou a bexiga e foi esta a umidade que sentiu. Não é nem um pouco incomum... Conforme os bebês vão ficando maiores, tendem a exercer pressão em coisas que não gostam e por aí vai.

— Talvez eu não devesse mais me levantar da cama.

A Dra. Jane removeu o treco de leitura, desligou-o e devolveu a vareta ao pequeno suporte da máquina. Então digitou algumas anotações no teclado e desligou o aparelho de ultrassom. Pegou algumas toalhas de papel e secou o estômago de Layla com gestos cuidadosos e firmes.

— Acho que você está bem. Clinicamente, tudo está onde precisa estar. Eu não indicaria, digamos, jogar uma partida de vôlei de praia, mas não acho que esticar as pernas lá embaixo duas vezes por dia aumenta o risco de um trabalho de parto prematuro. Mas eu realmente preferiria que você permanecesse na clínica.

Fechando os olhos, Layla disse a si mesma para acreditar na médica. A Dra. Jane nunca tinha pisado na bola com ninguém e a fêmea realmente sabia do que estava falando.

— Layla, se eu honestamente achasse que há algo errado, eu diria. Trato meus pacientes do jeito que gosto de ser tratada, e caso houvesse alguma ameaça à sua saúde ou à saúde dos bebês aí dentro? Você seria a primeira a saber.

— Obrigada. — Layla estendeu a mão e colocou-a sobre o braço da Dra. Jane.
— Não conte para o Quinn, está bem? Eu só... Não quero deixá-lo preocupado.

— Não há motivo para preocupação. — a Dra. Jane deu uma palmadinha em sua mão e se levantou. — Então não há nada pra contar para ele. Ei, adivinha o que? Consegui dois presentes de Natal antecipado. Sei que é um feriado humano, mas você se importa se eu te mostrar?

— Claro que não, por favor, me mostre. — Layla grunhiu ao se sentar e fechar as laterais do roupão sobre sua imensa barriga. — O que é?

— Fique aqui.

Layla riu um pouco.

— Como se eu conseguisse sair correndo?

Quando a médica desapareceu por uma porta lateral, Layla pendeu as pernas pela lateral da cama e fitou a máquina de ultrassom. Mesmo sem nada exibido no monitor, imaginou o que tinha visto antes. A vida dentro dela. As duas vidas.

Tudo estava bem. E era só isto o que importava.

— Tchan-naaaaaan!

Olhando para ela, Layla se endireitou.

— É um...

— Uma incubadora neonatal. — A Dra. Jane fez como Vanna White, demonstrando as características do equipamento, que na verdade parecia como uma grande gaveta aquecida com laterais de plástico transparentes. — Temperatura controlada. Luz azul aqui em cima. Acesso facilitado. Escala embutida. É a melhor coisa depois de sua barriga e eu tenho dois destes.

Layla engoliu em seco.

— Eu preferiria um berço de vime.

— Oh... Droga. — A Dra. Jane começou a empurrar a coisa para longe. — Sinto muito. A médica em mim...

— Não, não! — Ela estendeu a mão pra frente. — Eu só... Não, é ótimo. Sério! Segurança em primeiro lugar... Não vou precisar de nenhum berço se eles não sobreviverem ao parto, não é?

A Dra. Jane pousou uma mão na incubadora.

— Este equipamento é uma obra de arte, Layla. Estou entusiasmada por que queremos esses dois aqui fora e são e salvos, para usar os termos de Butch.

— Obrigada. — Layla pousou a mão sobre o coração. — Eu realmente não tenho como te agradecer o suficiente. Não quero que pense que não sou grata.

— Vamos deixar a gratidão para quando todo mundo estiver vivo e saudável. — A Dra. Jane baixou o olhar para a barriga que era motivo de tanta preocupação para ela e para todos. — Você está chegando ao limite. Se conseguir mantê-los aí um pouquinho mais, os pulmões se desenvolverão o suficiente para que, em caso de parto prematuro, eles tenham uma chance de lutar. Eu me sentiria melhor se você conseguisse segurar por mais dez dias ou duas semanas... Só isso. Daí, se alguma coisa acontecesse? Afinal, embora as gravidezes das vampiras durem normalmente dezoito meses, de acordo com Havers, aos nove meses os pulmões já podem funcionar, caso seja preciso.

— Que bom.

— E ouça, se tivermos de trazer Havers para cá, nós traremos. De fato, acho que Butch adoraria colocar um saco na cabeça do cara e arrastá-lo para cá. De preferência, amarrado a um carro.

Layla riu.

— É mesmo.

A Dra. Jane ficou séria.

— Há riscos, Layla. Mas vou fazer o meu melhor para garantir que você tenha os dois bebês de forma saudável.

— Somos duas.

A Dra. Jane se aproximou e as duas se abraçaram. E quando a médica começou a se afastar, Layla quis deixar a médica ir embora cuidar de sua vida.

Mas em vez disto, ouviu-se dizer:

— Posso fazer uma pergunta? Há... Alguém mais aqui embaixo? Digo, além de Luchas e eu?

O rosto da médica se tornou agradavelmente profissional, seu sorriso, um pouco distante.

— O que te faz pensar isso?

Definitivamente não foi uma negativa.

— Quando saí para minha caminhada, Qhuinn me afastou da sala de tiro. Parecia que os Irmãos vigiavam alguém lá embaixo. E na noite passada ouvi uma porção de barulhos no corredor. Sei que Rhage estava se recuperando dos efeitos de sua besta, mas um prisioneiro explicaria melhor toda aquela balbúrdia.

— Na verdade, Rhage levou um tiro no peito... E realmente morreu por um momento no campo de batalha.

Layla recuou.

— Oh... Querida Virgem Escriba, não!

— Mas agora ele está bem.

— Graças aos deuses. Ele é mesmo um macho de muito valor. — Layla estreitou os olhos. — Mas há alguém mais aqui embaixo, não há?

— Sinto muito, mas receio não poder falar a respeito.

Layla correu as mãos sobre a barriga.

— Os assuntos dos Irmãos afetam a todos nós. E realmente me ressinto de pensar que só por que sou uma fêmea, eu não possa de certa forma “lidar” com isto. Proteção é bom, mas isolamento total é um insulto.

A Dra. Jane praguejou.

— Ouça, Layla, sei como se sente. Mas caso esteja preocupada com sua segurança, não fique. O macho agora está em coma e V diz que vão retirá-lo daqui ao anoitecer. Então você e Luchas estarão perfeitamente seguros. Agora você precisa comer. Vou chamar Fritz. E não se preocupe com estes bebês. Você está muito bem...

— Que tipo de ferimento ele teve? O macho que está aqui.

A Dra. Jane meneou a cabeça pesarosamente como se soubesse que não ia conseguir sair do quarto sem soltar alguma informação.

— Ele levou um golpe na cabeça. E é provável que tenha tido um ou mais derrames.

— Ele vai morrer? — Layla perguntou abruptamente.

Dra. Jane deu de ombros.

— Eu honestamente não sei. Mas, prisioneiro ou não, vou tratá-lo de acordo com os padrões da prática médica... Mesmo que, considerando o que a Irmandade fará com ele quando se recuperar, talvez fosse melhor que ele morresse logo.

— Isto é... Horrível.

— Ele meteu uma bala na garganta de Wrath. O que você acha que ele merece? Um tapinha no ombro?

— Tudo isso é tão brutal.

— É a natureza da guerra. — A Dra. Jane acenou com a mão no ar como se estivesse deixando a conversa pra lá. — Isto está ficando mórbido. E, além disto, não é nada com o que eu ou você precisemos nos preocupar. Isto está fora de nossas mãos, e por isto fico feliz.

— Talvez haja um jeito de fazer ele se recuperar...

— Você é uma fêmea muito gentil, sabia disto?

Quando a médica empurrou a incubadora para fora, Layla olhou ao redor da sala azulejada, reparando nos gabinetes cheios de remédios e curativos, o computador exibindo um protetor de tela de bolhas sobre a mesa, a cadeira sem encosto que foi empurrada para um lado.

Não, ela não era gentil.

Estava apaixonada por aquele Bastardo.

Colocando o rosto entre as mãos, apertou a cabeça pela realidade terrível na qual estava. E também por que a Dra. Jane estava certa. Se Xcor sobrevivesse a seus ferimentos?

A Irmandade iria matá-lo.

Bem lentamente.

Capítulo VINTE E SEIS

Na noite seguinte, Mary vestiu roupas de trabalho e desceu para a Primeira Refeição com Rhage a seu lado. Como ela, ele estava vestido para o trabalho, usando couro e uma regata, carregando uma jaqueta de couro em uma mão e uma infinidade de armas nos coldres na outra. Suas adagas negras já estavam presas a seu peito, e podia ver pela expressão dura em seu maxilar que ele estava pronto para lutar.

De fato, todos os Irmãos também chegaram à sala de jantar com suas automáticas, pistolas e facas.

Havia poder de fogo suficiente naquela mesa para sustentar um pequeno exército.

O que eles eram, supôs ela, ao se sentar em seu lugar.

Rhage a ajudou a se acomodar e sentou-se no lugar vazio à sua esquerda, pendurando os coldres em uma lateral, antes de pendurar a jaqueta no encosto.

— Oh, que delícia, carne assada. — Disse ele, quando Fritz apareceu por trás dele com um prato.

Na verdade um prato imenso. E sim, era carne assada... Tipo, metade de um boi assado só pra ele.

— Fritz, como soube? — Rhage perguntou ao olhar por cima do ombro com adoração.

O velho mordomo enrugado curvou-se numa reverência.

— De fato, fui informado que vocês terão trabalho intenso pela frente e imaginei que precisariam de sustância extra.

— Oh, precisamos sim. — O Irmão deu um tapinha no ombro do *doggen* que fez o pobre homem voar para trás. — Merda, desculpe...

— Peguei. — Disse V ao segurar Fritz e ajudá-lo a ficar em pé. — Está tudo bem.

Enquanto uma horda de *doggens* aparecia para servir o resto dos moradores da casa, Mary colocou seu guardanapo no colo e esperou pelas bandejas de salsichas e tigelas de aveia e frutas cortadas chegarem até ela.

— *Danish*⁷? — Disse ela ao esticar a mão para alcançar uma cesta feita de trama prateada. — O cheiro está ótimo.

— Mmmmmm-hmmmm. — Respondeu Rhage com a boca cheia de proteína.

Quando ela levantou o guardanapo adamascado e ofereceu a cesta a seu homem, Rhage baixou a faca e o garfo e pegou três, arrumando os três doces em seu prato enorme. Então ele pegou seus utensílios de novo e voltou a seu ataque cuidadoso e medido ao que devia ser três quilos e meio de assado.

Por alguma razão, ao pegar seu próprio *danish* — só um — ela se lembrou da primeira refeição deles no TGI Friday's na Lucas Square. Rhage havia pedido, tipo, quatro pratos de comida ou algo assim... E tinha se preparado para vê-lo comportar-se como um ogro ao atacar a comida. Em vez disto, ele tinha as boas maneiras à mesa de Emily Post, tudo muito preciso e ordenado, das garfadas que ele abocanhava e os cortes que fazia ao jeito que parava quase cada garfada para limpar a boca.

Recostando-se em sua cadeira, ela se pegou observando a mesa toda. A paisagem de mogno era larga e cheia de todo tipo de coisas adoráveis, brilhantes e cintilantes, e era estranho que tivesse se acostumado àquele luxo, à ajuda, ao padrão de vida que era tão diferente daquele no qual tinha crescido, tão acima de qualquer coisa com que jamais tinha esperado se envolver, que sempre assumiu que fosse somente ficção histórica.

⁷ Doce típico da culinária dinamarquesa, com a massa feita de manteiga, ovos, farinha, fermento, açúcar, sal e recheios doces variados.

Mas não se alongou muito observando todo aquele luxo.

Não, ela olhou para Z e Bella. Os dois estavam sentados bem à sua frente, e era impossível não observá-los enquanto Nalla era passada de um colo para o outro, Z escolhendo pedaços de seu prato para alimentar a menina, Bella limpando o queixinho gorducho ou tirando uma franja da roupinha fantasticamente rosada do caminho. De vez em quando, os pais se encaravam acima da criança e falavam alguma palavra, ou talvez somente dividiam um sorriso.

Mary franziu o cenho ao ver as faixas de escravidão que foram tatuadas nos pulsos e pescoço de Z. Pareciam tão escuras contra sua pele bronzeada, uma mancha malévola, permanente.

Ela e Z passaram bastante tempo no porão ao lado da antiga caldeira conversando sobre o que fizeram com ele quando era escravo de sangue. Tanto abuso. Tantas cicatrizes, por dentro e por fora. Mas ele tinha enfrentado, superado seu passado, forjado não somente um relacionamento bonito com a fêmea que amava, mas também com a bênção incrível de sua filha.

Jesus, e ela ali preocupada com as coisas que aconteceram em sua própria vida? Sim, teve de cuidar da mãe enquanto a mulher morria. Sim, ela tinha adoecido. Sim, perdeu a capacidade de ter filhos. Mas isto não era nada comparado ao que Zsadist havia passado ou ao que Bitty tinha sofrido.

Z conseguindo superar a tortura e o abuso sexual para ser um bom pai para sua filhinha preciosa? *Aquilo sim* era força.

Mary esfregou o centro do seu peito, massageando a dor que ainda a incomodava. Certo, ela e Rhage tinham conversado, e é claro que se sentia bem por ele aparentemente estar ciente do que realmente queria. Mas era quase como se a tristeza de Rhage sobre a incapacidade deles criarem uma família fosse algo que a tivesse contagiado, como uma gripe. Depois de terminarem a conversa, de fazerem amor e então se deitado na cama deles, depois dele ter adormecido e começar aquele ronco familiar dele ao seu lado... Ela ficou acordada o dia todo ouvindo os sons difusos dos *doggen* falando em tons baixos, sentindo o cheiro

tênue de limão da cera do chão, rastreando o som abafado do aspirador de pó sendo passado na sala de Wrath.

Ela não tinha dormido nada.

A questão que ela não tinha se incomodado em responder não parecia querer parar de se impor em sua mente. E, Jesus, que pé no saco era aquilo. Podia ter jurado que tinha superado toda aquela coisa de filho antes mesmo de começar.

Sim, sua infertilidade os tinha salvado, mas isto não significava que não fosse uma perda...

— Ei.

Com um susto, forçou um sorriso no rosto e resolutamente se concentrou na comida que tinha magicamente aparecido em seu prato. Huh, ela aparentemente tinha se servido sem ter a menor consciência do que fazia.

— Ei, você. — Disse ela, com alegria determinada. — Como está sua metade da vaca...?

— Mary. — Ele disse baixinho. — Olhe para mim.

Respirando fundo, voltou o olhar para ele. Ele tinha virado o corpo inteiro para ela e estava fitando-a daquele jeito que fazia, como se tudo o mais ao seu redor tivesse desaparecido, como se nada mais existisse além dela.

— Eu amo você. — Sussurrou ele. — E você é a única coisa que sempre vou precisar.

Ela piscou com força. E então disse a si mesma que se fosse esperta acreditaria nele com todas as fibras de seu ser.

Era este o caminho para levar aquilo em frente.

— Eu já te disse ultimamente, — Disse ela roucamente — Que sou a mulher mais sortuda do planeta?

Inclinando-se ele beijou-a com suavidade.

— Disse. Bem antes da gente transar de manhã.

Quando ele voltou à posição original parecendo todo cheio de si, ela sorriu. E então gargalhou.

— Você parece bem orgulhoso de si mesmo, não é?

— Não sei do que está falando, — Ele voltou a se concentrar em sua comida, a imagem da inocência. — Mas se realmente se sente sortuda, tenho uma maneira ótima de você demonstrar isto.

Mary ergueu o próprio garfo e faca e descobriu que estava de fato faminta.

— Talvez eu deva te mandar um cartão?

Agora ele desviou o olhar, seus olhos azuis cintilando.

— Nah, tem coisas que palavras não são capazes de expressar. E não tenho nada planejado para depois do trabalho esta noite, entãoããããããããã...

Enquanto deliberadamente corria a língua ao redor de uma presa, ele entreceitou os olhos como se estivesse imaginando-a nua sentada na cadeira, e fingiu deixar seu guardanapo cair para poder se ajoelhar para procurá-lo debaixo da mesa.

O corpo de Mary começou a aquecer, e sua cabeça a girar, e a pele a formigar.

— Mal posso esperar. — Sussurrou ela.

— Nem eu, minha Mary. Nem eu.

Rhage despediu-se de Mary depois de terminada a Primeira Refeição em pé nos degraus da frente da mansão, e acenando quando ela e o Volvo desapareceram pela colina ocultos pelo *mhis*. Depois que ela se foi, ficou lá por um momento respirando o ar gelado.

Era óbvio que aquela situação difícil sobre a qual eles conversaram estava incomodando-a, mas como podia ser diferente? Inferno, enquanto eles se dirigiram à sala de jantar juntos, ele se preparou para outro ataque de sua própria merda emocional. Mas claramente ele tinha chegado à raiz de seu problema, processado – ou seja lá qual for o termo correto – e foi capaz de agir diferente. Ver seus irmãos com os filhos não foi perturbador; e ele realmente tinha conseguido ajudar a Mary quando se tornou óbvio que ela estava tendo um surto.

Estar de volta nos trilhos com ela era incrível. Estar lá para ela quando ela necessitava? Ainda melhor.

E agora era hora de trabalhar.

Ao virar-se para encarar a mansão, sentia-se uma máquina mortal.

Subiu os degraus de pedra e atravessou o vestíbulo juntando-se a seus irmãos no saguão. Ninguém falava enquanto se vestiam e se armavam, amarrando doze tipos diferentes de metal a seus peitos, suas coxas e debaixo dos braços.

Ele próprio fez o mesmo, ciente do *doggen* parado na periferia com preocupação refletida em seu rosto gentil e amável.

Eles eram parte da razão por que isto era necessário.

Um a um, os guerreiros atravessaram a porta oculta sob as escadas e desceram o túnel subterrâneo. Quando entraram no centro de treinamento estavam em formação, pararam somente para passar através da despensa e do escritório. Saíram para o corredor, a Dra. Jane e Manny estavam esperando com uma maca e equipamentos de suporte a vida, e nenhum dos médicos disse nada quando todo mundo seguiu para a sala de tiro.

Lassiter tinha passado o dia inteiro de guarda, e mesmo que o anjo caído precisasse da luz do sol para recuperar sua energia, ele não mostrava sinais de exaustão ou perda de foco ao pairar sobre o corpo imóvel de Xcor.

Certamente fazia a maratona da semana anterior da porra da *Punky Brewster* mais perdoável.

— Quem vai me ajudar com a transferência? – Manny disse ao empurrar a maca até a bancada de V.

Rhage, V e Butch deram um passo à frente e soltaram as algemas de aço, momentaneamente libertando Xcor de sua prisão – mas havia duas razões para não se preocuparem: uma, o resto da Irmandade estava parada em volta com as armas apontadas e dedos inquietos nos gatilhos; e dois, o fodido estava apagado, não só um peso morto, mas praticamente morto e ponto.

Só o mais leve calor em seus tornozelos nus e o fato de ele não estar com o rosto completamente cinza levava um macho a acreditar que o bastardo não precisava de uma cova e um túmulo.

Na maca. Então amarrado com couro desta vez, na garganta, pulsos, tornozelos, coxas e ao redor da cintura. Então as máquinas foram ligadas, cabos foram transferidos de grandes monitores nada portáteis para outros menores e mais leves. O processo levou bem uns vinte minutos, e o tempo todo Rhage ficou bem perto do prisioneiro, buscando por sinais de que Xcor estava fingindo – e depois de analisar atentamente cada centímetro de pele exposta e todas aquelas feições duras? Decidiu que o bastardo ou tinha morrido de vez ou era melhor ator do que De Niro.

Quando chegou a hora de ir, John Matthew e Qhuinn seguraram abertas as portas da sala de tiro e Rhage tomou a frente, junto com V e Butch.

— Espere! – Manny disse.

Com um movimento rápido, desenrolou um lençol branco e usou-o para cobrir o corpo e o rosto de Xcor.

— Não precisamos que ninguém veja isto.

— Bem pensando. — Alguém murmurou. — Não há motivo para assustar as crianças.

A viagem pelo corredor foi rápida, e então estavam diante das portas de metal que levava ao estacionamento, com John Matthew e Blay desta vez mantendo as portas abertas e montando guarda. Havia uma ambulância coberta com inscrições humanas estacionada na curva, e Rhage soltou um grunhido de alívio quando a maca de Xcor foi empurrada pela traseira do veículo e trancada lá dentro. Enquanto ele, V e Butch se ajeitaram onde conseguiram entre todos os gabinetes e equipamentos, Z assumiu o volante e Manny sentou no banco do passageiro, para o caso de alguma emergência médica.

A viagem de saída pelo sistema de trancas levou uma eternidade, mas não era como se eles estivessem em uma situação que requeresse velocidade mortal. E por causa do jeito que o complexo fora construído, eles tinham de dirigir toooooooooo o caminho rodeando a base da montanha até a estrada que levava à mansão.

A subida foi outra viagem lenta, mas a meio caminho da casa eles viraram à esquerda em uma estradinha de terra. Houve uma porção de sacolejos e era bom que a maca estivesse travada no lugar, no assoalho. De vez em quando, depois de um grande pulo ou uma virada abrupta que os fazia sentirem-se na *Enterprise* com todos se inclinando juntos para o mesmo lado, Rhage verificava os equipamentos. A frequência cardíaca de Xcor, que parecia lenta como melado e irregular como a estrada de terra por onde andavam, jamais mudou. E nem os níveis de oxigenação ou a pressão sanguínea.

O bastardo certamente não se movia. Pelo menos, não além do balançar da viagem.

Depois de uma viagem que pareceu muito longa, mas que na verdade durou mais ou menos dez minutos, Rhage não aguentava mais e se inclinou para a frente, para olhar pelo pára-brisa. Muitos pinheiros sob os faróis. Mais da estrada de terra à frente. Nada mais.

— Você teve uma puta idéia. — Butch disse.

— Não parece certo. — Rhage deu de ombros. — Mas é o melhor lugar possível.

— Ele jamais sairá de lá. — V rosnou, os olhos gélidos flamejando de pura violência. — Pelo menos, não vivo.

— Que bom que você tem mais de uma mesa. — Butch deu um tapa no ombro do melhor amigo. — Seu maldito pervertido.

— Não descarte antes de experimentar.

— Nah, sou um bom garoto católico. Se seguir por esse caminho, meu corpo iria se incinerar na hora... E não seria por causa da cera derretida.

— Marica.

— Perverso.

Os dois riram da piada interna e então voltaram a ficar sérios – porque com um ruído dos freios, a ambulância parou.

— Vamos nessa. — Rhage anunciou quando as portas duplas foram abertas por fora e o cheiro dos pinheiros inundaram o interior estéril. — Vamos levá-lo para a Tumba.

Capítulo VINTE E SETE

Assim que Mary entrou no Lugar Seguro, Rhym veio ao seu encontro.

— Ei, Bitty andou perguntando por você.

— Sério? — Mary livrou-se do casaco — Ela perguntou?

A outra assistente social anuiu em concordância.

— Assim que acordou. Ela não quis descer para a Primeira Refeição, então levei uma bandeja para ela e disse que pediria pra você ir ao sótão assim que chegasse.

— Está bem. Vou subir agora, obrigada.

— Estou indo para casa, tudo bem? — A fêmea cobriu a boca ao bocejar. — Ela na verdade dormiu... Ou melhor, depois do banho colocou uma camisola e foi pra cama. Eu a verifiquei de hora em hora e parecia estar apagada.

— Bom. E sim, é claro... Eu assumo daqui. Muito obrigada por ficar com ela o dia inteiro. Eu só senti que era a coisa certa a fazer.

— Eu não tinha nenhum outro compromisso. Me chame se precisar.

— Sempre. Obrigada, Rhym.

Enquanto a fêmea ia para os fundos da casa, Mary subiu as escadas apressadamente, parando somente para deixar suas coisas no escritório, antes de subir para o terceiro andar. Ao chegar ao andar superior, surpreendeu-se ao ver a porta do quarto de Bitty aberta.

— Olá? — A garota chamou de dentro.

Mary endireitou os ombros e entrou.

— Sou eu.

— Oi.

As malas de Bitty ainda estavam feitas e ao lado de sua cama, mas ela estava perto da antiga escrivaninha penteando os cabelos da boneca.

— Rhym disse que queria me ver?

Para si mesma, Mary completou: “alguma chance de que queira conversar sobre alguma coisa? Sobre a perda de sua mãe? Do irmãozinho que morreu? Seu pai violento? Pois isto seria ótimo.”

— Sim, por favor. — A garotinha virou-se. — Estava pensando se você não poderia, por favor, me levar até minha antiga casa.

Mary recuou, antes de conseguir disfarçar a reação.

— Quer dizer... Onde você e sua *mahmen* moravam? Com o seu pai?

— Sim.

Fechando a porta suavemente, Mary se aproximou e quase sentou na cama da mãe de Bitty. Mas parou antes de fazê-lo.

— O que você... Por que quer ir lá? Desculpe perguntar.

— Quero pegar algumas coisas minhas. Meu tio não mora em Caldwell. Se eu não for agora, pode ser que não consiga pegá-las depois que ele vier me buscar.

Mary olhou ao redor. Então perambulou pelo quarto, parando junto à janela que dava vista ao gramado da frente. Escuro, tão escuro lá fora... Parecia ainda mais, em uma noite de Julho úmida e calorenta, ao invés de fria e tempestuosa.

Virando-se para encarar a garota de frente, ela disse:

— Bitty, preciso ser honesta com você. Não sei se é uma boa ideia.

— Por quê?

— Bem, primeiro... — Mary escolheu cuidadosamente as palavras — A casa está abandonada desde que vocês saíram de lá. Não estou bem certa das

condições atuais dela... Pode ter sido saqueada. Ou o telhado pode ter desabado. Desta forma, não sei direito o que você encontraria lá.

— Não vamos saber até ir lá ver.

Mary hesitou.

— Poderia te trazer uma porção de memórias. Tem certeza de que está pronta para isto?

— Os lugares não têm importância. Não tem como escapar do que eu me lembro. Está comigo todos os minutos que passo acordada e em meus sonhos o dia inteiro.

Ao falar de forma tão realista, a garota não deixou de pentear a boneca. Elas bem podiam estar falando sobre o cronograma da lavanderia ou o que estaria sendo servido na cozinha lá embaixo.

— Você deve sentir muita falta de sua *mahmen*. – Mary falou abruptamente.

— Então podemos ir, por favor?

Mary esfregou o rosto e sentiu-se exausta.

— Pode falar sobre ela comigo, você sabe. Às vezes isso ajuda.

Bitty nem piscou.

— Podemos?

Eeeeeeee... Aparentemente, aquela porta continuava firmemente fechada. Ótimo.

— Deixa eu conversar com a Marissa, está bem? Vou procurá-la agora mesmo e ver o que podemos fazer.

— Meu casaco já está separado. – A garotinha apontou para os pés da cama.
— E já estou com os sapatos. Estou pronta pra ir.

— Volto daqui a pouquinho. — Mary dirigiu-se à saída, mas parou na porta. — Bitty, na minha experiência, as pessoas precisam lidar com seus traumas, seja no início, no fim, ou ao longo do tempo. Esta última é a melhor opção e geralmente decorre de desabafar sobre coisas que talvez não queiram discutir.

Em seu íntimo, não conseguia acreditar que estava falando daquele jeito com uma garota de nove anos de idade. Mas Bitty certamente não se expressava como alguém de menos de dez anos.

— E as outras duas opções? — A garotinha disse, sem parar de pentear a boneca.

— Às vezes, as pessoas internalizam sentimentos ruins por coisas das quais se arrependem ou pensam que fizeram de mal ou de um jeito errado. Isto acaba consumindo-as, até que não aguentem mais e tenham de pôr tudo pra fora para não acabar enlouquecendo. Evitá-los significa evitar o que te incomoda, canalizando sentimentos em comportamentos que acabam magoando a você ou outras pessoas.

— Eu não entendo nada disto. Sinto muito.

— Eu sei. — Mary disse tristemente. — Olha, vou conversar com Marissa.

— Obrigada.

Saindo do quarto, Mary parou no topo da escada e olhou para trás. Bitty permanecia no mesmo lugar, correndo aquela escova pelos cabelos espetados e evitando os pontos carecas na cabeça da boneca.

O tempo todo em que estivera na casa, ela jamais brincou com nenhum dos brinquedos disponíveis no andar de baixo na caixa comunitária: as crianças quando chegavam sempre eram encorajadas a encontrar um ou dois de que gostassem, tomando-os como seus, deixando os outros como propriedade comum. Disseram a Bitty repetidas vezes para ficar à vontade e escolher um. Ela nunca aceitou.

Ela tinha sua boneca e seu velho tigre de pelúcia. Só isto.

— Merda. — Mary sussurrou.

O escritório de Marissa ficava no segundo andar, e quando Mary desceu e bateu no batente da porta, a *shellan* de Butch fez um gesto para que ela entrasse, mesmo estando ao telefone.

— ... completamente confidencial. Não, não. Sim, pode trazer seu filho. Não, de graça. O que? Absolutamente de graça. Por quanto tempo for necessário. — Marissa fez um gesto para Mary se sentar, e então ergueu o dedo indicador no gesto universal que indicava *Só um momento*. — Não, tudo bem... Pense pelo tempo que quiser. Eu sei... Você não precisa se desculpar por chorar. Nunca.

Depois de sentar-se na cadeira de madeira em frente à sua chefe, Mary estendeu a mão e pegou um peso de papel de cristal no formato de diamante. A coisa era quase do tamanho de sua mão, tão pesada quanto seu braço, e ela acariciou suas facetas com os polegares, observando a luz refratar de suas profundezas.

Será que as coisas viriam a se tornar mais fáceis para aquela garota?
Perguntou a si mesma.

— Mary?

— Oi? — Ergueu o olhar. — Desculpe, me distraí um pouco.

Marissa inclinou-se apoiando nos cotovelos.

— Compreendo totalmente. O que aconteceu?

Xcor foi removido do centro de treinamento por volta das oito horas... E Layla viu tudo acontecer.

Assim que seu despertador tocou, após o pôr do sol, ela desceu da cama e colocou uma de suas pantufas no canto da porta para mantê-la entreaberta... De modo que ao voltar a se deitar, conseguisse ver um pedaço do corredor pela abertura. E dito e feito, logo os Irmãos o transferiram do mesmo jeito que ela tinha suposto que aconteceria: ao ouvir o som dos muitos passos pesados, levantou e postou-se de lado, de modo que pudesse ver sem ser notada.

Eventualmente eles passaram por lá e Xcor estava com eles, deitado de costas em uma maca com rodízios, com um lençol cobrindo-o do topo da cabeça à ponta do pé. A passagem deles, ela teve de levar as mãos à boca. Tantos equipamentos... Claramente mantendo-o vivo. E então lá estavam os Irmãos, todos completamente armados, os corpos massivos cobertos de adagas e armas mortais.

Fechando os olhos e segurando no batente da porta, sentiu-se consumida pela necessidade de correr e interrompê-los, implorar pela vida de Xcor, de rezar para a Virgem Escriba pela recuperação e libertação dele. Ela tinha até ensaiado as palavras que usaria na defesa dele, tais como “Ele não nos atacou, mesmo sabendo nossa localização!” e “Ele nunca me machucou, nem uma única vez em todas as noites em que o encontrei!” e o sempre popular “Ele mudou, não é mais o traidor que era!”

Tudo aquilo só serviria para confirmar sua própria culpa – e então tinha ficado onde estava, ouvindo-os atravessar o corredor na direção do estacionamento.

Quando a última porta foi fechada e trancada ruidosamente, teve de reiterar a si mesma que precisava deixar aquilo para lá.

Disse a si mesma forçosamente que Xcor era o inimigo. Nada mais. E nada menos.

Saltando para a frente, voltou à sua cama, subiu e sentou-se em cima dos pés. Com o coração disparado e suor porejando acima da sobrancelha e lábio superior, tentou controlar as emoções. Certamente este tipo de estresse não faria bem aos bebês...

A batida em sua porta a fez virar a cabeça.

— Sim? — Ela gritou.

Será que foi descoberta?

— Sou eu, Luchas. — O irmão de Qhuinn parecia preocupado — Posso entrar?

— Sim, por favor. — Voltou a descer da cama e foi até à porta para abri-la. — Por favor, entre.

Enquanto se postava de lado, o macho dobrou os braços ao redor das rodas de sua cadeira, fazendo um progresso lento, mas independente. Tinha-se falado sobre conseguir-lhe uma cadeira de rodas motorizada, mas este impulso autodirigido fazia parte de sua reabilitação, e de fato parecia estar funcionando. Sentado com os joelhos juntos e o corpo magro só um pouquinho encurvado, ele tinha toda a beleza e inteligência de Qhuinn, mas nada do peso e vitalidade do irmão.

O que era muito triste. Mas, pelo menos, ele agora estava circulando... Algo que há um longo tempo vinha sendo uma impossibilidade.

Mas também, ser torturado por *lessers* tinha custado-lhe mais do que somente alguns dedos.

Quando ele passou pela porta, Layla deixou-a fechar sozinha e voltou de novo para a cama. Subiu, arrumou a camisola e ajeitou o cabelo. Como uma Escolhida, teria sido muito mais apropriado para ela receber um visitante vestindo uma das túnicas brancas tradicionais de sua posição, mas, primeiro, ela já não cabia em nenhuma delas. Segundo, o irmão de Qhuinn e ela já tinham passado desta formalidade há muito tempo.

— Acho impressionante ter conseguido percorrer esta distância toda mais uma vez. — Ele disse em voz monótona.

— Fico feliz por ter companhia. — Embora não fosse dizer a ele o motivo. — Sinto-me... Um pouco engaiolada aqui.

— Como se sente esta noite?

Quando a pergunta foi feita, ele não a olhou nos olhos... Mas nunca olhava. Seu olhar cinzento permanecia grudado ao chão e mudava de direção somente quando guiava seu corpo em outra direção naquela cadeira.

Ela jamais se sentiu tão agradecida pela disfunção de outra pessoa, pois a reticência dele lhe provia um pouco de privacidade enquanto tentava controlar suas emoções... Embora ela supunha que isto não depusesse a favor de seu caráter.

Mas o que é que depunha, ultimamente?

— Estou bem. E você?

— Bem também. Preciso ir para minha fisioterapia em quinze minutos.

— Eu sei que vai se sair bem.

— E como estão os bebês do meu irmão?

— Muito, muito bem, obrigada. Estão maiores a cada noite.

— Você foi muito abençoada, ele também. Tenho muita gratidão por isto.

Era a mesma conversa todas as noites. Mas também, o que mais eles teriam que valesse a pena qualquer tipo de discurso educado?

Por parte dela, muitos segredos.

Por parte dele, sofrimento demais.

De certa forma, eles eram iguais.

Capítulo VINTE E OITO

A Tumba era o sanctum sanctorum⁸ da Irmandade, um lugar onde os novos membros eram introduzidos e os antigos membros ficavam após suas mortes... E como tal, era protegida contra intrusos por meio de mecanismos antigos e modernos.

O mais resistente destes, depois de violada a entrada da caverna, ainda atravessava um espaço do solo e prosseguia por uns quase três metros de altura da laje de granito, era um conjunto de portões de ferro que ninguém passaria mesmo com um maçarico industrial.

A menos, é claro, que você tivesse a chave da fechadura.

Quando Rhage e seus irmãos vieram até a fortificação com Xcor na maca, Z fez as honras com o desbloqueio e Rhage monitorou o interior da caverna, seus olhos esquadrinhando de um lado a outro o que ia se revelando pela palma incandescente de V.

Era contra o protocolo qualquer um entrar no espaço que não fosse um Irmão, mas esse era o ponto quanto a mendigos e batedores e toda essa merda. Este era o lugar mais seguro e isolado para trancar um filho da puta traidor gravemente ferido, até o momento em que ele acordasse e estivesse pronto para ser torturado, ou que o bastardo esperneasse e pudesse ser queimado no altar como um sacrifício digno de todos os nomes esculpidos na parede de mármore.

Claaaaaaaaaaaang⁹.

Além do mais, Rhage pensou enquanto começava a puxar a maca pra frente novamente, Xcor não iria mais distante do que na antecâmara.

Pelo menos, não enquanto ainda estivesse respirando.

⁸ Sancta Sanctorum significa "O Santo dos Santos", o espaço mais secreto do templo hebraico onde só ao sumo-sacerdote era permitida a entrada.

⁹ Um som metálico de alta ressonância ou uma série de sons.

Agora não havia necessidade do brilho da luz portátil de V. Tochas manejáveis de ferro ganharam vida com um aceno de cabeça do Irmão e sombras começaram a perseguir cada um sobre o chão de pedra e as filas e filas de prateleiras, com a luz bruxuleante relanceando dentro e sobre as inúmeras urnas, tanto naquelas que tinham séculos de idade quanto às que vieram da Amazon.com.

Era uma exibição dos triunfos da Irmandade sobre a Sociedade *Lessening*, uma coleção de lembranças das mortes do Velho e do Novo Mundo.

Dessa forma, era apropriado trazer o Xcor aqui.

Ele era mais um despojo da guerra.

— Isso é longe o bastante. — Vishous anunciou.

Rhage parou e prendeu as rodas com a trava de pé enquanto V tirava uma mochila enorme do seu ombro.

— Esta bateria só vai durar dez horas. — Disse o Irmão.

— Não vai ser problema. — Enquanto Lassiter falava, seu corpo inteiro se iluminou de dentro pra fora, a energia substituindo os contornos da sua carne. — Posso recarregá-la.

— Tem certeza que estará bem aqui sozinho durante o dia? — V exigiu.

— Sempre posso ir para a luz do sol e recarregar. E antes que resmungue que aquele peixe morto em cima da mesa será momentaneamente deixado sem vigilância, tenho maneiras de manter o olho nele.

V sacudiu a cabeça.

— Estou surpreso por você estar disposto a fazer isso. Sem Time Warner¹⁰.

— É pra isso que existem celulares.

¹⁰ Time Warner é uma empresa da indústria de entretenimento voltada à produção cinematográfica, televisiva e literária.

— Quase posso te respeitar.

— Não fique emocional pra cima de mim, Vishous. Deixei o Kleenex em casa. Além disso, tenho a noite de folga agora que a batata quente está segura aqui. Muito tempo para me ocupar com o grandão.

— Ok, isso soa sujo. — Disse alguém.

— Ninguém exceto sua mão esquerda poderia tê-lo, está de brincadeira comigo? — Veio uma contestação.

— Ei, Lass, quando foi a última vez que saiu em um encontro? — Alguém disse com voz arrastada. — Foi antes das Guerras Púnicas ou logo depois?

— E quanto é que você tem que pagar por ela?

Lassiter ficou em silêncio, com seus olhos estranhamente brancos ficando distantes. Mas então ele sorriu.

— Tanto faz. Meus padrões são altos demais para vocês, bando de babacas.

Apesar de uma nova rodada de piadas se inflamar, ninguém relaxou de verdade. Era como se Xcor fosse uma bomba com um detonador desconhecido e uma discutível duração de tempo antes que a festa explosiva começasse.

— Z e eu estaremos no primeiro turno. — Phury cortou. — E vocês têm trabalho a fazer na cidade.

— Ligue para nós e estaremos de volta aqui em um fodido instante. — V socou seu peito. — Especialmente se ele acordar.

Na mesma nota, Rhage encarou aquela cara de bunda feia e o imaginou erguendo as pálpebras. O bastardo estava acordado ali dentro? E não do tipo “saltando e atacando”, mas tipo consciente no meio do coma.

O FDP sabia em que tipo de problemas estava metido? Ou a falta de consciência era a última porção de misericórdia que seu destino estava lhe dando?

Não é problema meu, Rhage pensou enquanto dava uma última olhada em volta, procurando as urnas que tinha trazido aqui e colocado nas prateleiras, as representações de suas próprias mortes. Tantas. Ele esteve nesta guerra há tanto tempo... Tanto que se lembrou de quando Wrath se recusou a liderar, e a única vez que a Irmandade vinha a esta montanha era para entregar esses recipientes nas prateleiras.

Tanta coisa tinha mudado, pensou.

Agora, não só todos eles estavam vivendo na mansão cara de Darius, mas tinham novos membros da Irmandade. John Matthew e Blay como soldados. Uma equipe médica e excelentes instalações. Todos sob o mesmo teto...

— ... do mais, dessa forma posso lixar as unhas.

Rhage se sacudiu de volta ao foco, conforme a voz de Lassiter registrava.

— Espera, o que?

— Só estou brincando. — O anjo riu. — Eu diria que nós te perdemos. Sonhando com o que vai ter na Última Refeição? Sei que eu estou. Três suposições, e as duas primeiras que não tiverem carne nelas não contam.

— Você é insano. — Disse Rhage. — Mas gosto disso em um amigo.

Lassiter colocou o braço em volta dos ombros de Rhage e levou-o até o portão.

— Você tem tão bom gosto. Já mencionei isso ultimamente?

Depois que todos, exceto Z e Phury, saíram, Vishous fechou as barras e trancou tudo. Então todos eles ainda ficaram ali por um momento. A fina malha de aço que estava enrolada em torno da barreira e soldada no lugar impediria Phury e Z de ficarem livres. E não era como um balão murcho.

Se algo desse errado lá dentro, eles não poderiam sair.

Mas Rhage disse a si mesmo, assim como provavelmente o resto de seus irmãos, que não havia maneira de Xcor ser outra coisa senão um objeto

inanimado num futuro previsível... E mesmo se ele voltasse, estaria fraco demais para partir pra ofensiva.

Ainda assim, Rhage não gostou disso.

Mas essa era a natureza da guerra. Ela te colocava em circunstâncias que você odiava.

Quando uma vibração sutil disparou no bolso de Rhage, ele franziu o cenho e pegou seu telefone. Quando viu quem era, aceitou a chamada.

— Mary? Tudo bem?

Havia estática por que a recepção estava uma merda, então correu pra entrada da caverna. Quando saiu para o ar frio da noite, pôde ouvir muito bem... E enquanto sua companheira falava um pouco, ele fez uma série de hum hum e assentiu embora ela não pudesse vê-lo. Então terminou a ligação e olhou para seus irmãos, que estavam todos agrupados em torno dele como se estivessem se perguntando se havia algo de errado.

— Cavalheiros, preciso ajudar Mary por um instante. Encontro vocês na centro?

V assentiu.

— Cuide do que precisa. Apresente-se quando estiver pronto para entrar no campo e vou te dar um relatório de status e uma atribuição.

— Entendido. — Disse Rhage antes de fechar os olhos e começar a se concentrar.

Falando sobre não saber onde você estava indo parar.

Enquanto desmaterializava, nunca teria esperado estar se dirigindo para onde ele estava indo. Mas não estava disposto a falhar com sua *shellan*.

Agora ou nunca.

Uma reunião um pouco simples para doze, Assail pensou enquanto era introduzido na sala de tonalidade amarelo limão que ele gostou tanto na noite anterior.

Enquanto seu nome era anunciado pelo mesmo mordomo uniformizado que ali o tinha acolhido, deu um passo a frente para que seus dois primos pudessem ser apresentados da mesma forma aos outros nove vampiros no salão. Ou, mais precisamente, as oito fêmeas e um macho.

Que não era o companheiro de sua anfitriã.

Não, a outra entidade com um pau e bolas não era velho, enfermo ou desconhecido. Na verdade, surpresa, surpresa, era Throe, o belo e desonrado ex-aristocrata que fora anteriormente um membro do Bando de Bastardos, mas que agora estava evidentemente fazendo algum tipo de retorno às nocivas dobras aveludadas da *glymera*.

Em um smoking que se encaixava perfeitamente, por assim dizer. Um que era tão caro quanto o do próprio Assail.

Mais algumas apresentações, e Naasha atravessou a sala com seu vestido de cetim preto fluindo como água sobre seu corpo à noite.

— Querido. — Ela disse para ele estendendo suas mãos pálidas. Em seus dedos, diamantes faiscavam e brilhavam com tanto charme e falta de calor quanto sua proprietária. — Você está atrasado. Estávamos esperando.

Enquanto ela fazia uma reverência, ele se curvou.

— Como tem passado? — Mesmo que ele não se importasse. — Você está parecendo bem o suficiente.

As sobrancelhas dela contraíram no quase elogio.

— Assim como você, a propósito.

Assail deliberadamente acariciou as costas do sofá.

— Estes são meus primos, Ehric e Evale. Talvez você possa nos apresentar a seus outros convidados?

Os olhos de Naasha queimaram conforme ele penetrava a lacuna entre as almofadas com o dedo indicador.

— Ah sim. Com certeza. Estas são minhas amigas mais queridas.

As fêmeas vieram à frente uma por uma, e elas eram muito previsíveis, envaidecidas e embelezadas em vestidos que foram feitos precisamente para seus corpos, e joias que foram compradas ou ganhadas para adornar a preciosa carne das filhas nobres. Duas louras. Outro de cabelos negros. Três com mechas castanhas. E uma com cabelo branco e espesso.

Para ele, elas eram simplesmente variações de um tema que o entediava cem anos atrás... E era perfeitamente possível que, enquanto ele ainda estava no País Antigo, tivesse acasalado com algumas de suas ancestrais ou até mesmo parentes mais próximas.

— E este é, — Naasha varreu a mão em direção ao canto mais afastado — meu amigo especial, Throe.

Assail sorriu para o macho e foi em direção a ele. Conforme oferecia sua mão, manteve a voz baixa.

— Mudança de companhia. De Bastardo a pedigree. Temo que sem muita melhoria.

Os olhos de Throe eram afiados como punhais.

— Um retorno às minhas raízes.

— É realmente possível voltar depois de uma deserção? Tão significativa como a sua foi, de qualquer modo.

— Minha linhagem nunca mudou.

— Mas seu caráter deixa um pouco a desejar, não é?

Throe se aproximou.

— Isto vindo de um traficante de drogas?

— Homem de negócios. E como eles chamam machos como você? Gigolôs? Ou possivelmente o termo "prostituto" é suficiente.

— E por que você acha que está aqui? Certamente não pelo prazer de sua companhia social.

— Ao contrário de você, não preciso cantar pelo meu jantar, posso comprá-lo eu mesmo.

Naasha falou, sua voz enchendo a sala.

— Vamos interromper para nossa refeição?

Enquanto o mordomo abria um par de portas duplas para revelar uma mesa de jantar tão resplandecente quanto qualquer cenário da realeza, humano ou não, Naasha entrelaçou o braço no de Assail.

Em um sussurro, ela disse:

— Vamos ter sobremesa lá embaixo. Na minha sala de jogos.

Normalmente não teria ficado impressionado por essa descarada “sou uma menina má” e teria feito um comentário de forma adequada. Mas tinha outras prioridades.

Throe tinha desertado dos Bastardos? Ele estava se infiltrando na *glymera* através de uma abertura disponível... Ou três... Com uma visão direcionada e arquitetada ambiciosamente contra a coroa?

Assail certamente descobriria.

— Estou ansioso para o que será servido. — Ele murmurou acariciando sua mão.

Mesmo se os doces a serem consumidos fossem temporariamente ele e seus primos.

Afinal de contas, orgasmos eram tão bons quanto uma moeda qualquer... E estava certo de que Naasha e suas “queridas amigas” estavam livres para a compra nesse sentido.

Capítulo VINTE E NOVE

— Muito obrigada por ter vindo. Eu esperava que pudéssemos conversar sobre...

Enquanto Jo Early ensaiava o diálogo consigo mesma, misturou um pacotinho de açúcar mascavo em seu cappuccino, desmanchando o bonito coração marrom e branco desenhado na espuma.

A cafeteria “*I’ve Bean Waiting*” era a versão *indie* de Caldwell do Starbucks, um local de teto alto e paredes estreitas, com cadeiras e sofás acolchoados, várias mesinhas desiguais, e baristas a quem era permitido usar suas próprias roupas debaixo de seus aventais pretos. Ficava a uma galeria de distância da galeria onde ficava a imobiliária, uma viagem rápida para se fazer ao final de um dia de trabalho longo demais, para seu patrão lindo demais e distraído demais.

Hoje ele vestia um terno cinza escuro. Com camisa branca e uma gravata borboleta azul acinzentada e preta, que nele ficava tão longe de *nerd* quanto os sapatos Gucci.

Dando um gole na beirada da grande caneca branca, ela testou novamente seu pequeno discurso.

— Obrigada por vir me encontrar. Eu sei que parece estranho, mas...

— Jo?

Assustada, ela quase virou o cappuccino sobre si mesma. O homem em pé ao lado de sua mesa tinha cerca de um metro e oitenta e dois de altura, cabelos escuros desgrehados, óculos de armação preta e usava calça jeans justíssimas de botão, jaqueta frouxa em tom terroso, o estilo de roupas de *hipsters* que ela esperaria ver em alguém dez anos mais jovem. Mas em William Elliot tudo aquilo funcionava.

Voltando à realidade, ela disse:

— Oi, sim, olá, Sr. Elliot...

— Pode me chamar de Bill. — Ele olhou na direção do balcão da cafeteria. — Deixe-me pegar um *latte*, pode aguardar dois segundos?

— Claro. Por favor. Ah, obrigada. Digo, que ótimo. Boa sorte. — Merda — Desculpe.

Bill franziu o cenho e sentou-se, retirando do pescoço um cachecol verde oliva e desabotoando o casaco de feltro marrom.

— Há algo errado com minha casa ou algo assim?

— Oh, não. — Ela jogou o cabelo para trás. — E eu não quis te trazer aqui sob falsos pretextos...

Só que ela meio que tinha.

— Olha, sou um homem casado e feliz...

Jo ergueu ambas as mãos.

— Não, Deus, não... É sobre... Na realidade, um artigo que você escreveu há quase um ano, em dezembro? Sobre Julio Martinez. Na época, ele foi preso no centro por causa de uma briga de rua.

As sobrancelhas de Bill se levantaram acima dos óculos.

— O cara da gangue.

— Isso mesmo, o que foi ferido e apreendido naquele restaurante abandonado.

Quando o repórter silenciou, Jo quis chutar o próprio traseiro. Ela devia saber que não devia se meter nas besteiras de Dougie — mais ainda, devia evitar que *qualquer* outra pessoa fosse atingida por aquela besteira.

— Sabe o que? — Disse ela. — Passei da linha. Não devia ter pedido pra você...

— Exatamente o que quer saber sobre o artigo?

Ao fitar o olhar estreitado de Bill, todo mundo e tudo o mais no café desapareceu; os sons do vapor chiando e das máquinas de coar café, as conversas, o pessoal entrando e saindo, tudo ficou difuso. E não porque os dois estivessem dividindo um momento romântico.

— Você já viu o vídeo do YouTube onde o Julio aparece? — Perguntou Jo. — E o que ele disse?

Bill desviou o olhar.

— Sabe? Acho que vou pegar aquele *latte*.

O repórter se levantou e foi até o balcão. Quando o chamaram pelo nome, seguido por um: “o de sempre?” ela se perguntou se seria mesmo verdade que todos os escritores eram movidos a cafeína.

E era estranho, este lugar não ficava perto do trabalho dele, nem da casa. Talvez tenha morado naquela área antes?

Bill voltou com uma caneca alta que parecia mais caneca de cerveja do que uma coisa onde se punha leite, e quando se sentou de novo, ela pode perceber que ele tinha usado o intervalo para organizar os pensamentos.

— Você viu os vídeos. — Disse ela.

O homem meneou a cabeça lentamente.

— Entrevistei Julio quando ele saiu em condicional, como parte de uma série de artigos sobre o aumento da violência relacionado a gangues no centro. A maior parte daqueles garotos, e ele era só um garoto... É um, digo, muitos deles não falam nada quando abordados. E se falam? É só para se gabar sobre território, a versão deles de código de honra, seus inimigos. Julio não estava interessado em nada daquilo. Ele ficava falando sobre...

— Um vampiro. — Por algum motivo, o coração dela disparou. — Era nisto que ele insistia, não era?

— É.

— Mas o seu artigo não menciona nada disso.

— Deus, não. Eu não quero que meu editor ache que sou maluco... Mas vi aqueles vídeos depois de uma pesquisa online. Passei cerca de três dias sem fazer nada além de assistir àquelas coisas a noite toda. Minha esposa achou que eu tinha enlouquecido. Setenta e duas horas depois, passei a desconfiar do mesmo.

Jo se inclinou à frente, o cotovelo empurrou o seu copo até ela ter de afastá-lo antes que caísse no chão.

— Olha... Quais as chances de Julio ter mesmo visto algo? E se me permite aproveitar este momento, eu *não creio* que acabei de perguntar isto.

Bill deu de ombros e provou seu *latte*. Ao pousar a caneca alta de volta à mesa, ele meneou a cabeça um pouco mais.

— A princípio achei que era loucura. Quero dizer, sou fã de fatos... É por isto que quis ser jornalista, mesmo com o mercado tão saturado. Mas depois de ver todas aquelas postagens? Eu só... Há uma horrorosa porção de coisas sobre ocorrências como estas em Caldwell. Se você avaliar conteúdos similares, mesmo por cima pelos Estados Unidos inteiro, é assombrosa a quantidade dos que se concentram aqui no código 158. É claro, existem os lunáticos em qualquer lugar, tipo caçadores de fantasmas e coisas assim. Mas em se tratando de vampiros, especificamente, é tipo... — Ele riu e olhou para ela. — Desculpe, estou divagando...

— Não está não.

— Parece que sim. — Ele deu outro gole em sua caneca. — Por que pergunta?

Jo deu de ombros.

— A noite retrasada, um amigo meu achou ter visto uma coisa. Ele conseguiu gravar um vídeo que publicou online... Mas o que ele disse que viu é totalmente impossível, e também tinha droga envolvida nesta parte. Ele me levou para o colégio abandonado de garotas...

— Brownswick?

— Este mesmo. — Jo esfregou o nariz, embora não estivesse coçando. — Ele me levou lá na manhã seguinte para me mostrar os destroços de algum tipo de grande luta ou algo assim. Não havia nada... Pelo menos, não exatamente. E eu não ia perder mais do meu tempo com isso, mas estava entediada a noite passada... Pesquisei um pouco online... Tipo o que você fez. E foi assim que encontrei as coisas sobre o Julio.

Bill praguejou.

— Eu não devia pedir...

— Você quer ver a gravação?

— Maldição.

Quando Bill silenciou, Jo recostou-se na cadeira e deixou o homem decidir sozinho. E sabia exatamente como ele se sentia. Ela mesma não era fã de assuntos sobrenaturais ou de pessoas que fingiam que eles existiam.

O problema era, ela não conseguia deixar isto para lá.

— Deixe-me ver. — Murmurou ele.

Jo pegou seu celular, localizou o vídeo e virou a tela para ele. Quando ele pegou seu celular e assistiu ao videozinho de Dougie, ela observou atentamente as contrações em seus músculos faciais.

Ao acabar, ele lhe devolveu seu iPhone. Então verificou o relógio. Depois de um momento, ele perguntou.

— Quer dar uma volta?

— Sim. — Disse ela, levantando-se. — Quero.

Mary estava determinada a ser cuidadosa com as palavras.

Enquanto esperava Rhage chegar ao Lugar Seguro, perambulou pela sala de estar da frente desviando dos sofás confortáveis e cadeiras estofadas, endireitando o desenho emoldurado feito por uma das crianças que estava torto, afastando as cortinas de vez em quando, mesmo que seu *hellren* ainda não tivesse enviado a mensagem de texto dizendo que tinha chegado.

Apesar de estar sozinha, na definição convencional, sua cabeça estava cheia de substantivos e verbos, adjetivos e advérbios.

E no entanto, mesmo com uma variedade incontável de combinações de palavras à sua disposição, continuava presa na terra da *tabula rasa*¹¹.

O problema era estar procurando evitar outro desastre como o que tinha acontecido na clínica de Havers e, infelizmente, não dava para saber o tempo inteiro onde as minas terrestres estavam enterradas. E o que teria de dizer a Bitty não era...

— Srta. Luce?

Desviando o olhar da janela, forçou-se a sorrir para a garota.

— Você desceu.

— Não entendi por que estamos esperando.

— Pode vir aqui um minutinho?

A garotinha vestia o casaco preto mais feio do mundo. Era duas vezes maior que ela, com a parte inferior enfeitada com penas, e remendado com várias costuras diferentes, tufo de branco e cinza escapando ao redor da costura. Claramente a coisa foi feita para garotos de doze a quinze anos, e ainda assim

¹¹ Tabula rasa é uma expressão latina que significa literalmente "tábua raspada", e tem o sentido de "folha de papel em branco" ou se assimila a algo como "a mente é uma página em branco".

Bitty recusou um novo, mesmo que houvesse casacos novos e usados para escolher de todas as cores e estilos no salão dos fundos.

Uma sensação de cansaço se abateu sobre Mary, como se alguém tivesse se esgueirado por trás dela com algum tipo de cota de malha e jogado a coisa por cima do seu ombro: a garota não aceitava um brinquedo ou a droga de um casaco... E Mary pensou que havia uma chance dos infernos de que Bitty se abrisse ao menos um pouco? Sobre os eventos mais traumatizantes de sua vida?

Precisaria de sorte naquilo.

— Sente-se. — Instruiu Mary, apontando para uma cadeira. — Precisamos conversar.

— Mas você não disse que podíamos ir?

— Sente-se. — Está bem, talvez devesse suavizar aquele tom de voz. Mas estava tão frustrada com a situação que sentia-se a ponto de gritar. — Obrigada.

Quando Bitty olhou para ela da cadeira onde estava, Mary desistiu de amenizar qualquer coisa. Não por que quisesse ser cruel, mas por que não havia outro jeito de verbalizar este tipo de coisa.

— A gente pode ir até sua antiga casa.

— Eu sei, você disse.

— Mas não podemos ir sozinhas. — Quando Bitty pareceu a ponto de soltar um *por quê?* Mary adiantou-se ao protesto. — Não é seguro. Somos responsáveis pelo seu bem-estar, e nós duas passarmos um tempo sozinhas em uma propriedade que foi abandonada em uma área humana da cidade simplesmente não vai acontecer. Isto não está aberto a negociação.

Mary preparou-se para uma discussão.

— Tudo bem. — Foi a única resposta que obteve.

— É meu *hellren*. — Naquele momento, seu celular emitiu um *bing!* — E ele chegou.

Bitty ficou sentada na cadeira com o estofamento estampado de flores, e a manta jogada sobre o encosto e a luminária de pescoço longo que espiava de um lado como se a coisa estivesse certificando-se de que todos os moradores ali estivessem bem.

— Ele é um dos membros da Irmandade da Adaga Negra e eu confiaria minha vida a ele. E a sua. — Mary quis se aproximar, ajoelhar, tomar a mão da garota. Mas permaneceu no lugar. — Ele vai nos levar até lá e nos trazer de volta.

E ele já tinha ido checar a casa.

A propósito, era bom que ele não estivesse ali para dizer que a coisa foi destruída completamente. Ou saqueada. Provavelmente devia ter lido as mensagens de texto primeiro.

— Não tem outro jeito. — Mary olhou disfarçadamente para o celular, a mensagem de Rhage só dizia que ele já estava lá para quando estivessem prontas. Então devia ser um afirmativo. Desde que Bitty ainda quisesse ir... — Você não precisa ir, mas se decidir que ainda quer, só vai ser possível se ele for junto. A escolha é sua.

Ela não olhou Mary diretamente nos olhos ao se levantar e andar até a porta da frente. E quando Mary olhou para a garota, algo disparou no fundo de sua mente. Mas não houve tempo para avaliar o que era.

Somente membros da equipe tinham permissão para destrancar as portas e Mary digitou uma senha no teclado à esquerda dos painéis pesados. Houve um ruído e uma movimentação, e então pode abrir a porta. Movendo-se para o lado, esperou que Bitty passasse, e então fechou e voltou a trancar a porta.

Rhage estava de pé nos limites da propriedade, na faixa de grama bem cortada à direita. A luz da lua fazia seus cabelos louros cintilarem na escuridão, mas não destacava em nada o preto de suas calças e jaqueta de couro.

Graças a Deus, aparentemente ele tinha mantido as armas escondidas.

Bitty cambaleou pelos degraus, os pés tropeçando sobre obstáculos que sem dúvida havia em sua mente e certamente não no concreto. Mas manteve o queixo erguido, mesmo que o olhar se mantivesse ao nível do chão.

Enquanto domava o impulso de pousar a mão sobre o ombro da garotinha, ela sentiu aquele lampejo no fundo de sua mente de novo – mas estava preocupada demais com como aquele encontro correria para se preocupar com isto.

Mas Rhage foi perfeito. Ele não se mexeu até elas chegarem perto dele. Manteve as mãos visíveis e baixadas aos lados de seu corpo. Inclinando um pouco a cabeça, como se fazendo de tudo para parecer mais baixo.

O que era uma batalha totalmente perdida, mas muito fofo da parte dele.

Bitty parou uns bons três metros de distância e pareceu se encolher naquele casaco horrível.

Enquanto isto, Mary deliberadamente se aproximou de Rhage e tomou suas mãos ao se virar de volta.

— Bitty, este é meu marido. Digo... *Hellren*. Rhage, esta é Bitty.

Sem motivo, a voz de Rhage fez o centro do coração de Mary doer ao dizer gentilmente.

— Oi. Prazer em conhecê-la.

Bitty só encarou os sapatos, o rosto imperscrutável. O que era mais ou menos sua operação de procedimento padrão, como os Irmãos diriam.

— Está bem. Então... – Mary olhou pelo gramado. – Vamos para o Volvo...

— Na verdade, é melhor irmos com o meu carro. – Rhage interrompeu.

— Ahh...

Rhage apertou sua mão.

— Precisamos ir no meu carro.

Ao olhar para o rosto dele, ela respirou fundo. É claro. Ele carregava armas no porta-malas, armas que estava disposto a usar em adição ao que trazia sob aquela jaqueta... E não era como se pudesse ser fácil ou discreto transferir um carregamento de armas para o Volvo.

— Tudo bem. — Mary acenou na direção do GTO. — Bitty, está pronta para irmos?

Quando Mary caminhou adiante, a garotinha se arrastou atrás deles, mantendo certa distância.

— Então este é meu carro. — Rhage disse ao chegarem ao carro. — Deixa eu destrancar aqui e Mary vai poder te ajudar a subir atrás, está bem? Só tem duas portas, desculpe.

Mary esperou Rhage destravar as portas e dar a volta para o outro lado antes de tentar colocar Bitty no banco de trás. Talvez a garota preferisse sentar-se na frente? Só que aí ela ficaria ao lado de Rhage.

Não, atrás era melhor.

Segurando o banco inclinado pra frente, Mary olhou por cima do ombro.

— Venha, Bitty... Eu sento atrás tam...

Não houve razão para terminar. A garota não estava ouvindo. Não estava nem mesmo olhando na direção de Mary.

Merda.

Capítulo TRINTA

Pela maior parte das suas noites no planeta, Rhage era apenas vagamente ciente do quanto era grande. Mas naquele momento, mesmo estando ao lado de uma máquina de aço de cento e vinte quilos, ele se sentiu um enorme pesadelo gigante.

E oh meu Deus, aquela criança tinha olhos assombrados.

Enquanto Rhage esperava que Bitty dissesse algo, qualquer coisa, em resposta à Mary, não podia evitar medir o quanto a menina era mais alta do que a lembrança que ele tinha dela naquela noite horrível do resgate. Não que ele tivesse passado muito tempo com ela – estava ocupado demais lutando para ter mais do que uma lembrança embaçada da sua figura pequenina de cabelos castanhos se encolhendo nos braços de sua mãe.

Cara, queria desenterrar aquele pai dela só pra que pudesse matá-lo de novo.

— Bitty? – Mary chamou. — A gente deveria ir ou voltar para dentro.

Rhage estava preparado para esperar ali fora a noite toda se isso fosse o que precisaria para a criança se decidir, mas sua companheira tinha razão. Esse era um bairro seguro – relativamente falando. O que queria dizer que era bem melhor do que aquele ninho de *lessers* que eles atacaram na escola preparatória, mas não tão seguro quanto o interior da casa.

— Bitty?

E foi aí que a menina olhou pra ele pela primeira vez.

Não houve nenhum movimento da sua cabeça, nenhuma mudança de expressão, mas de repente a luz da lua refletiu propriamente nos seus olhos e eles faiscaram.

Mais tarde... Rhage refletiria que aquele milésimo de segundo foi um dos dois momentos definidores em sua vida.

O outro foi escutar a voz de Mary pela primeira vez.

— É mesmo seu carro?

Rhage piscou. E teve que fazer uma pausa num momento para ter certeza de que tinha escutado a pergunta direito.

— Ah, sim. Sim, este carro é meu.

Bitty andou até o capô e estendeu sua mão pequenina até o corpo brilhoso e macio do GTO.

— É tão bonito.

Rhage olhou para Mary – que parecia igualmente desconcertada.

— A, oh, a pintura é customizada.

— O que isso significa?

— Que foi feita especialmente para ela.

Bitty ergueu os olhos pra ele em surpresa.

— É uma garota?

— Oh, sim. Sexy... Quer dizer, quente... Ahm, potentes, são sempre garotas. É por isso que você precisa cuidar delas como elas merecem.

— Carros potentes?

— É assim que a chamam. Ela é um GTO. Quando eu a consegui era um desastre, mas eu a reformei, trouxe de volta à vida. Ela é velha, mas arranca as portas de qualquer Porsche na estrada.

Quando Mary começou a fazer movimentos com as mãos para entrarem logo, ele se calou.

Exceto que então Bitty perguntou:

— O que é um carro potente? O que significa arrancar as portas?

— Bem... Gostaria de escutar o motor dela? Estou avisando, é barulhento, mas é assim que deveria ser mesmo. Tem muitos cavalos debaixo desse capô.

Bitty se encolheu, e sim, ele teve a exata impressão do quanto ela era protegida, o quão pouco do mundo ela fora exposta.

— Tem cavalos no seu carro?

— Aqui. — Ele falou erguendo as chaves. — Eu vou ligar e acelerar um pouco. Mas você talvez queira cobrir os ouvidos, ok?

Bitty concordou e colocou as palmas sobre as duas orelhas como se seu crânio estivesse a perigo de se soltar da espinha.

Abrindo sua porta, Rhage entrou, colocou o pé esquerdo na embreagem, certificou que estava em ponto morto e enfiou a chave no lugar. Um giro e um pouco de gasolina...

VROOOM! – rhumm, rhumm, rhumm-rhumm-rhumm, VROOOM! VROOOM! – rhumm, rhumm, rhumm-rhumm-rhumm...

Bitty andou até a frente do carro enquanto ele continuava a acelerar. Após um minuto, ela lentamente abaixou os braços e inclinou a cabeça para o lado.

Acima do barulho, ela gritou:

— Mas onde estão os cavalos?

Pisando forte no freio, ele se inclinou pra fora.

— É o motor! — Ele falou alto. — Quer ver o motor?

— O quê?!

— O motor! — Alcançando a marcha, puxou o freio de mão e ficou de pé.

— Deixa eu te mostrar.

Ele teve cuidado em não se mexer rápido demais quando foi até a garotinha, e estava muito consciente do modo em que ela colocou as mãos nos bolsos de sua parka grande demais e deu dois passos para o lado para manter uma distância entre eles dois.

Liberando a segunda tranca bem na frente, ele abriu o capô liberando um doce e quente bafo, que era óleo limpo e gasolina fresca combinados.

Bitty se inclinou pra frente e parecia estar inspirando.

— Isso cheira bem.

Eeeeeee esse foi basicamente o momento em que ele se apaixonou pela menina.

Quem teria pensado que Rhage seria o encantador de Bitty, Mary se maravilhou enquanto assistia o enorme Hulk que era seu marido, e o corpinho da garota inclinados sobre o motor que fazia mais barulho que um jato de combate.

Enquanto Rhage apontava para várias coisas, não tinha como escutar o que ele estava dizendo naquele barulho, mas as palavras, os termos técnicos, as explicações não importavam.

O fato de que Bitty acabou ficando ao lado dele era tudo com que Mary se importava.

E, oh, nossa. Se ela já amava o macho antes? Isso o colocava direto no território do céu.

Qualquer caminho de entrada, Mary pensou. Qualquer coisa que pudesse abrir a garota, chegar até ela, alcançá-la de alguma maneira.

Sim, desejou que de algum modo tivesse sido ela a fazer a conexão. Não que gostasse de admitir tal coisa. Afinal de contas, o que podia ser mais egoísta, mesquinho e feio do que se sentir desapontada por não poder ser a salvadora? Mas esse era um mero pensamento passageiro. Mais do que qualquer coisa,

estava relaxando na própria pele de alívio por Bitty estar tendo uma conversa pelo que parecia a primeira vez desde que tinha chegado no Lugar Seguro.

Rhage ergueu o braço, agarrou o capô e o fechou gentilmente. Ele ainda estava falando enquanto guiava Bitty para a porta do passageiro que estava aberta, e enquanto dava a volta, ele lançou em direção à Mary uma rápida encolhida de ombros questionando: *Estamos bem aqui?*

Mary respondeu anuindo o mais discretamente que conseguiu.

— ... claro que você pode. — Ele disse enquanto segurava o banco para trás e Bitty sentava no banco do motorista como se ela tivesse feito isso a vida toda. — Sempre que quiser.

Mary se sacudiu entrando em foco.

— Desculpe, o que? O que foi?

Bitty sentou mais pra frente e espiou pra fora.

— Ele disse que posso dirigir mais tarde.

Enquanto Mary destrancava a mandíbula e se retraía, Rhage lhe deu um beijo rápido na bochecha.

— Vai ficar tudo bem. A gente só vai até um estacionamento vazio em algum lugar.

— Você pode vir com a gente. — Bitty disse. — Se fizer você se sentir melhor.

Mary olhou entre um e outro.

— Você pode... Ah, você ao menos consegue alcançar os pedais? E ela é tão poderosa...

— Bitty vai se sair bem. Vou conseguir blocos para o volante se eu não conseguir levantar o bastante o banco.

— Ele diz que garotas podem fazer qualquer coisa. — Bitty olhou para Rhage. — Ele diz que garotas são... Poderosas.

— É. — Rhage concordou com a cabeça. — É por isso que os carros mais rápidos e melhores...

— ... são sempre garotas. — Bitty terminou para ele.

Tudo que Mary podia fazer era um pouco mais daquele movimento de um lado para o outro com a cabeça, enquanto os dois claramente esperavam sua benção.

— Vamos ver. — Ela murmurou enquanto aproveitava a pequena nota mental para ter cuidado com que desejava.

— Por favor? — Bitty pediu.

— Qual é, Mary...

Enxotando Rhage do caminho, ela colocou o assento do passageiro de volta na posição e entrou.

— Eu não estou dizendo “sim”, mas se você for ensiná-la a dirigir eu absolutamente vou junto com vocês.

— Sim! — Rhage ergueu um punho bombeando o ar. — Isso é um sim, Bitty, nós conseguimos.

— Oba!

Oh meu Deus. Aquela garota estava sorrindo?

Praguejando, Mary fechou a porta – e podia jurar que Rhage estava saltitando em volta do carro. Mas aí ela teve que ficar séria.

Virando e se encaixando no espaço entre os assentos, ela falou rapidamente:

— Você está bem com isso? Com ele? E eu tenho que perguntar. É importante.

Bitty não hesitou.

— Eu gosto muito dele. Ele é tipo... Um cachorro grande e amigável.

Enquanto Rhage entrava no carro e fechava seu lado, Mary começou a sorrir e virou o rosto para encarar o pára-brisa para que talvez não ficasse tão notável.

Mas não conseguiu resistir e esticou o braço dando um aperto no ombro do seu homem.

E então os três se foram.

Capítulo TRINTA E UM

No Internato para Garotas Brownswick, Vishous estava inquieto pra cacete ao se esgueirar por outra sala de aula abandonada. Com a arma erguida e pronta para atirar, e as costas retas contra o reboco desabado, escrutinou as cadeiras de pernas para cima sobre os seus tampos para escrita em formato de meia-lua... A grande escrivaninha perto da lousa... Os destroços no canto, onde parte do teto tinha desabado.

— Maldição.

Seguindo para a sala ao lado, só encontrou mais do mesmo: ar frio, umidade antiga, entulhos, móveis quebrados, instalações elétricas com lâmpadas fluorescentes penduradas como dentes quebrados... E absolutamente nenhuma porra de urna de *lessers*.

Os assassinos tinham se abrigado em algumas das salas, geralmente nos dormitórios com colchões, chuveiros e janelas que não estavam totalmente destruídos – mas depois de não localizar nenhuma urna em nenhum daqueles cômodos, ele e Tohr passaram a investigar as demais dependências.

Já que todos os *lessers* mantinham suas urnas depois de suas induções, a única conclusão era que o Ômega tinha levado todos os corações com ele quando deu uma de empregada de limpeza no campus, na noite retrasada.

Aquele fodido.

Virando a cabeça para o lado, acionou seu aparelho de comunicação ao falar

— Nada aqui. Encontrou alguma coisa?

— Nada. — Tohr respondeu no aparelho acoplado ao ouvido de V. — O Ômega deve ter retirado todos.

— É... Fodido inferno.

Por baixo de suas botas, as porcarias que estavam sobre o chão de madeira estalavam ruidosamente, mas não havia mesmo necessidade de silêncio total. E quando a imagem do Ômega em um uniformezinho de empregada francesa e meia arrastão fez V expor as presas no escuro, ele...

Congelou onde estava.

Voltou a cabeça para a direita.

Olhou através de duas das três venezianas que não estavam totalmente destruídas na direção da faixa de asfalto atrás do prédio.

Faróis atingiram a sala de aula, enviando um brilho de luz à concha apodrecida da escola preparatória, antes de passar sobre seu corpo coberto de couro.

Quando a coisa se extinguiu, ele desmaterializou até o vidro.

Um carro tinha se aproximado e estacionado, e no brilho da luz do interior da cabine, pode ver que lá dentro havia um homem de cabelos escuros e uma mulher ruiva...

Oh, interessante, pensou ao detectar a presença dela.

— Temos companhia. — Disse no comunicador.

— E esta é minha sala especial.

Quando Naasha parou em frente a uma porta de masmorra feita de carvalho espesso como tronco de árvore e dobradiças grandes como o bíceps de um macho, era de se jurar, baseando-se em sua afetação, que ela estava a ponto de revelar uma maravilhosa aquisição, talvez um quadro de pintura a óleo ou uma estátua de mármore, um carro antigo ou um serviço de mesa de prata de lei.

Mas não era nada disso...

Com um rangido que ele supunha ser mantido de propósito ao invés de resolvido com óleo, uma câmara vermelho sangue foi revelada. Iluminada por tochas que chiavam em paredes de pedra, e adornada com faixas de veludo e cetim que eram como cortinas sem janelas, não havia móvel algum, exceto por camas sem travesseiros ou cobertores, somente colchões, cobertos com lençóis justos.

Naasha entrou primeiro, e quando virou de braços bem abertos, como se exibindo uma paisagem grandiosa, os olhos dela buscaram os seus. Atrás dele, houve um chilrear excitado das fêmeas – e um aroma de excitação vindo de seus primos.

Throe permaneceu em silêncio.

Assail atravessou a porta. Contra a parede ao lado da porta havia uma série de estações de maquiagem, sem dúvida para que as fêmeas se recompusessem após as sessões, e também uma série de ganchos para pendurar as roupas. Havia duas portas à esquerda, ambas pintadas no tom cinza escuro da pedra, uma com a palavra “*Fêmeas*” em letra cursiva, a outra com “*Machos*” escrito em letras de forma.

— E agora é hora da sobremesa. — Naasha disse com voz rouca ao levar as mãos às costas e descer o zíper de seu vestido. — Eu me ofereço para ser consumida primeiro.

Quando o vestido caiu ao chão, seu corpo foi revelado em toda sua glória nua, seus seios empinados e firmes tão macios, seu sexo suave, nada mais que uma fenda entre as pernas longas e torneadas. Ela manteve os diamantes e eles cintilaram como estrelas sob a luz da lua, e quando ela soltou seus cabelos do coque, os cachos escuros formaram um contraste gritante contra sua pele bronzeada.

— Feche a maldita porta. — Assail mandou, sem olhar para trás.

Quando o ruído daquelas dobradiças anunciou que alguém tinha cumprido as instruções, deu três passos na direção dela. Bem de perto, observou os lábios cor de rubi se separarem e os seios arfarem de antecipação.

Ele sorriu para ela.

Então a pegou pela nuca e rudemente levou-a para uma das camas. Os seios balançaram quando ele a empurrou de quatro, seu sexo exposto para todos eles, as pernas não estavam separadas o bastante, então ele forçou mais os joelhos empurrando as coxas para abrirem mais. Seu núcleo brilhava de excitação, seu cheiro como perfume no ar.

— Ehric, Evale. — Ele falou por entre dentes cerrados. — Livrem-se das armas.

Seus primos não perderam tempo e puseram-se a se despir, a pressa tanto devido à sua prontidão para acatar suas ordens como devido ao fato de não estarem com uma fêmea há algum tempo.

Ambos estavam totalmente eretos quando fez um gesto para se aproximarem.

— Você. — Disse ele, apontando para Ehric. — Aqui.

Ele apontou para aquela fenda e seu primo estava lá em um instante, penetrando a fêmea por trás, os quadris investindo enquanto Naasha gemia e arqueava as costas.

E então tudo o que Assail teve de fazer foi menear a cabeça e Evale entrou na dança, rodeando a cama e abafando os gemidos e grunhidos da fêmea com sua anatomia também avantajada.

— E agora você? — Alguém propôs a ele.

Quando uma das fêmeas esgueirou-se e colocou a mão em seu ombro, ele a reconheceu como a loura que tinha passado o jantar inteiro a encará-lo.

— Vamos aproveitar...

Ele severamente removeu seu toque.

— Entre na fila pelos meus primos.

Afastando-se um pouco, encontrou um banco perto dos banheiros para se sentar, e ao cruzar as pernas observou o show, as fêmeas se despindo e se tocando, corpos deitando nas camas, cabeças e braços se entrelaçando com pernas e seios.

— Não vai me dizer que isto se deve a algum tipo de puritanismo de sua parte.

Diante dessas palavras secas, ergueu o olhar para Throe. O macho ainda estava totalmente vestido, mas a extensão que esticava o zíper de suas calças do smoking indicava que seria por pouco tempo.

Assail expôs as presas em um sorriso.

— Nunca consegui gostar de *fast food*. É comum demais para meus apetites, por mais que tentem se fazer de nobres.

— Não é o que pareceu a noite passada. — Throe se inclinou para baixo e sorriu, também revelando seus caninos. — Acredito que você até que gostou do tempo que passou na sala de estar.

— Diga-me, Xcor sabe de sua presença aqui?

Throe se inclinou para trás, estreitando o olhar de forma calculista.

— Para um homem de negócios, você parece curioso demais sobre coisas que não te dizem respeito.

— É só uma pergunta.

Ao fundo, alguém gozou violentamente e Assail olhou para lá. Ehric e Evale tinham trocado de posição, os dois agora fazendo dupla penetração no sexo bem usado de Naasha, um por baixo dela, deitado de costas, o outro a penetrando por cima. Uma fêmea tinha se juntado a eles e a senhora da casa chupava um par de seios voluptuosos de mamilos rosados.

— Xcor e eu demos um fim a nossa associação, por assim dizer.

Assail voltou a se concentrar no macho.

— A separação é tããããã dolorosa.

— Nossos interesses não estavam mais alinhados. Ele não queria abrir mão de sua busca pelo trono.

— É mesmo? — Assail avaliou cuidadosamente a expressão do macho buscando por sinais de tensão. — E faz quanto tempo que está aqui?

— Não sei. E não me importo. Passei um período longo e brutal na companhia de selvagens e agora anseio pelo que é civilizado do jeito que um homem faminto o faria.

— Mmmmm. — Disse Assail.

Levantando-se, ficou cara a cara com o outro macho — e ergueu a mão para tocar o nó cuidadoso da gravata de Throe.

Quando os olhos do macho arregalaram de surpresa, Assail empurrou aquele corpo contra a parede de pedra, segurando-o pela garganta.

Então se inclinou até encostar seu peito no dele, estendeu a língua e passou-a pelo lábio inferior de Throe.

Assail riu ao sentir o estremecimento que transpassou o corpo de sua presa e observou-o enquanto algum tipo de diálogo interno se desenrolava naquele rosto atraente — o dito conflito sendo tão intenso que Throe falhou em camuflar sua reação.

— Você tem gosto de uísque. — Assail murmurou ao baixar a mão para agarrar aquela massiva ereção. — E parece faminto.

Throe começou a arfar, mais ou menos como Naasha. Mas ele estava congelado no lugar como se estivesse igualmente chocado pelas ações de Assail... Quanto pela sua reação.

— Será que você... — Assail sussurrou com sua boca pairando a centímetros dos lábios de Throe. — Será que você está com fome... De sobremesa?

Um ruído esquisito foi emitido pelo macho, metade súplica, metade negação.

E então Throe golpeou os ombros de Assail, fazendo-o voar para trás e tropeçar em uma das camas.

Throe limpou a boca na manga de sua roupa e apontou o dedo na direção de Assail.

— Eu não curto isto.

Assail abriu as pernas para expor a excitação por trás de suas calças finas.

— Tem certeza?

Throe praguejou e virou-se para a porta. Ele sumiu no momento seguinte, sem dúvida pisando firme para seu quarto, seja lá onde for.

Assail se sentou e endireitou o paletó. Aquele ali seria divertido de domar.

E talvez no processo pudesse descobrir exatamente o que Throe estava fazendo aqui.

Ele sentia em suas entranhas que Wrath e Vishous tinham razão em se preocuparem com a *glymera*. Throe estava tramando alguma coisa – e descobrir o que, além de seduzir o macho para fora de sua zona de conforto sexual, era exatamente o tipo de distração que Assail precisava...

Isso seria muito divertido.

Capítulo TRINTA E DOIS

Quando Bill Elliot estacionou seu Lexus atrás de uma indefinível construção da década de setenta, Jo abriu a porta e saiu lentamente. Dilapidação era o nome do jogo, todo tipo de coisas podres e quebradas, e entulhos foram amontoados na lateral das salas, como espinhas no rosto de uma adolescente normal.

— Podemos dar a volta daqui até o centro do campus. — Bill estava ocupado recolocando ao redor de seu pescoço o cachecol que tinha tirado na cafeteria. — E você pode me mostrar onde aconteceu.

Quando ela voltou a fechar a porta, franziu o cenho. Os cabelos de sua nuca eriçaram como soldados chamados à posição e olhou para as fileiras de janelas escuras. Mas vamos lá, como se todo esse papo de vampiro não fosse mesmo agitar suas glândulas de adrenalina?

— Você vem?

— Oh, sim. — Ela foi na direção dele, e teve o absurdo desejo que ele fosse mais como o Rock do que um dos caras do *The Big Bang Theory*. — Então, você disse que conhecia a escola?

— Minha mãe estudou aqui.

Mundo pequeno, pensou Jo.

— A minha também.

Seus passos chutavam folhas úmidas pra fora do caminho, mas não faziam nada pelos galhos caídos. Estes eles tinham de pular. E quando chegaram ao final do asfalto, não houve nenhuma mudança real entre o número de coisas caídas na grama contra as do estacionamento.

— Que ano? — Perguntou Jo ao enfiar as mãos nos bolsos do casaco. — Digo, em que ano sua mãe se formou?

Porcaria, eles não tinham lanternas. Só os celulares.

Mas também, a lua acima brilhava forte, sem nada além de nuvens ocasionais para toldar o céu escuro.

— 1980.

— Quando a escola fechou?

— No final dos anos noventa. Não sei quem é o proprietário do terreno atualmente, mas é uma puta propriedade. Digo, por que não reformaram?

— Economicamente inviável. Primeiro, a área aqui não é comercial, e depois, alguns destes prédios devem ser patrimônio tombado, o que restringe a reforma para voltarem a ser usados.

Bill olhou para ela.

— Esqueci que você trabalha no ramo.

— Faço dois anos mês que vem.

— Onde mesmo você disse que estudou? Ou não estudou?

Faculdade Williams. Graduação em Literatura Inglesa com especialização em História Americana. Aceita no programa de mestrado da Yale para Inglês, mas não conseguiu bancar os custos sozinha.

— Nenhum lugar importante. — Ela olhou para ele. — Como sabia onde estacionar?

— Eu costumava vir aqui para pensar quando estava na SUNY de Caldie. Minha mãe tinha me falado deste lugar, e um dia vim de bicicleta e comecei a explorar. Não volto aqui há muito tempo.

Eles rodearam a lateral do prédio, e bem como ele havia descrito, a área aberta do campus se descortinava à sua frente — que estava, sim, ainda marcada com grama morta e esmagada.

— Jesus... — Disse Bill. — Que infernos?

— Marcas de plantação estilo Caldwell, certo?

Bill prosseguiu à sua frente e Jo se afastou um pouco – antes de ter de parar e olhar para trás.

Eles estavam sendo vigiados. Ela tinha certeza.

— Ei! Espere! – Ela chamou.

Quando correu a frente para alcançá-lo, ele disse.

— Preciso voltar aqui durante o dia com uma câmera.

— Talvez a gente deva ir agora...

— Olhe aquele depósito bem ali. – Ele apontou adiante. — O teto foi arrancado.

— Sabe, pensando bem, teria sido melhor vir durante o dia. Digo, não dá para ver nada... – Ela cheirou o ar. — Isto é cheiro de pinho?

— Das vigas quebradas. Este dano é recente.

E sim, ao se aproximarem dos destroços, pegou um dos pedaços de madeira partida e viu que os cortes eram todos recentes, o interior amarelo dos velhos troncos expostos. E as telhas quebradas estavam por todo canto do abrigo, agora sem teto, atulhando o chão destruído...

O pé de Jo enroscou em algo e ela caiu para o lado quando seu tornozelo cedeu. Quando a terra ergueu-se para ampará-la, ela estendeu uma mão e usou como apoio, evitando cair de cara no chão.

— Que infernos? – Murmurou ao olhar para o que prendeu o seu pé.

Isso *não* era uma pegada. Uma pegada gigantesca. Não.

— Você está bem? – Bill estendeu uma mão... Então se distraiu com o que ela tinha achado. — O que é isto?

— Estou bem, e não faço idéia. — Ela levantou sozinha e esfregou a sujeira das calças. — Sou só eu que acho ou isto tem mesmo cara de um episódio adulto de *Scooby Doo*?

Bill pegou o celular e tirou algumas fotos com a ajuda do flash. Quando viu como as fotos saíram, praguejou.

— Não, definitivamente precisaremos voltar aqui à luz do dia.

Jo agachou e examinou o padrão afundado no chão com a lanterna de seu celular. A depressão era mais profunda e borrada de um lado, como se o que quer que a tenha causado tivesse saído correndo mancando.

Bill meneou a cabeça.

— Será que seu colega... Dougie, acho que foi este o nome que você disse... Tem recursos?

Ela olhou para cima.

— Quer dizer, se ele poderia ter pagado para que isto fosse montado? — Quando o repórter anuiu, ela teve de rir. — Ele mal pode pagar os salgadinhos na larica. Não, ele não faria isto, e até onde sei, não conhece ninguém que possa.

— Talvez isto tenha sido feito por um quatro rodas. — Bill abaixou-se também. — Escavando.

Nem fodendo, ela pensou.

— Mas e o telhado? — Jo meneou a cabeça para as paredes órfãs. — Não foi soprado pelo vento... Houve um pouco de chuva recentemente, mas nada nem próximo a um tornado. E quanto a uma explosão? Nada parece queimado e não há cheiro de fumaça, o que se esperaria encontrar se tivesse havido uma bomba.

Bill encarou-a com firmeza.

— Quando você crescer, quer ser uma repórter investigativa?

— Tenho vinte e seis anos. Sob qualquer parâmetro, eu já cresci. — Embora dividir o aluguel com Dougie e os da laia dele pudesse contrariar um pouco aquela afirmação. — Eu realmente acho que devíamos...

Quando ela parou de falar, Bill olhou ao redor.

— O que?

Jo buscou entre as sombras, seu coração começou a trovejar.

— Olha... Acho que precisamos ir. Eu realmente... *Realmente* acho que precisamos ir.

— Onde... Cadê minha casa?

Quando Bitty fez a pergunta do banco de trás do GTO, Mary se inclinou para a frente em seu assento — não que a mudança de posição tenha causado alguma mudança no terreno vazio para o qual ela olhava.

— Tem certeza que este é o lugar certo? — Mary saiu do carro e segurou o banco para frente até Bitty se juntar a ela. — Há alguma possibilidade...

Rhage negou com a cabeça ao encontrar o seu olhar por cima do teto do carro.

— O GPS diz que este é o endereço certo.

Droga, pensou Mary.

— Ali está o leito de hera, — A garota estremeceu dentro do casaco. — Que minha *mahmen* plantou. E a macieira. E...

A casa deve ter sido condenada e demolida já há algum tempo, Mary concluiu, por que não restava nada, nem pilhas de madeira despedaçada, nem

tijolos sujos de cinzas da chaminé, só mudas e mato crescendo em seu lugar. A delimitação da entrada da garagem ainda era visível, mas não por muito tempo, já que a vegetação crescia desordenada.

Quando ela e Bitty avançaram, Rhage ficou alguns passos atrás, sua presença evidenciando uma fonte de conforto, pelo menos para Mary.

E então ela parou e deixou Bitty ir sozinha.

Sob a luz da lua, a garota caminhou pelo terreno, parando de vez em quando para observar a paisagem vazia.

A mão grande de Rhage pousou sobre o ombro de Mary e ela se inclinou na direção do corpo dele, sentindo seu calor. Era difícil não medir a propriedade vazia e desabitada como evidência das perdas da garota.

— Eu me lembro da casa. — Disse Rhage suavemente. — Caindo aos pedaços. Lixo no quintal com um carro todo detonado.

— O que vocês fizeram com o corpo do pai? — Mary perguntou abruptamente. Nunca lhe ocorreu perguntar.

— Ele não estava, digamos, em boas condições quando o deixamos.

— O sol?

— É. Nós apenas o deixamos. A prioridade era tirar Bitty e a mãe. Quando voltamos na noite seguinte, havia uma marca chamuscada na grama. Foi isso. — Rhage praguejou baixinho. — Estou te dizendo, aquele macho era louco. Estava pronto para matar qualquer coisa, qualquer pessoa que encontrasse pelo caminho.

— As radiografias dela provam isto. — Quando Rhage olhou para ela, Mary meneou a cabeça. — Um monte de ossos quebrados... Não que tenha ido a Havers toda vez que eles aconteciam. Havers disse que por ela ser uma *pretrans*, os pontos de calcificação ainda serão visíveis até ela atingir a maturidade. Ele disse... Que estão por toda parte.

Um grunhido sutil a fez levantar os olhos. O lábio superior de Rhage tinha recuado e suas presas estavam expostas, uma expressão que era de total proteção agressiva.

— Eu queria matar aquele filho da puta de novo.

Mary deu a Bitty tanto tempo quanto ela necessitava, ficando à distância com Rhage até a garota voltar para eles.

— Acho que minhas coisas se foram. — Bitty deu de ombros naquela parka velha e enorme. — Eu nem tinha muito.

— Sinto muito mesmo, Bitty.

— Eu estava esperando... — A garota olhou para trás, de volta para onde a casa esteve. — Estava esperando poder pegar algumas de minhas antigas roupas e livros para levar para a casa do meu tio. Não quero ser um fardo para ele. Não quero que me mande embora.

Rhage emitiu um pequeno som de tosse.

— Então você e eu podemos sair para comprar o que você quiser. Qualquer coisa que precise levar com você, eu compro.

Mary meneou a cabeça.

— Eu não acho que...

— Tudo bem. — Bitty interrompeu. — Talvez eu possa arrumar um emprego. Sabe, quando eu for viver com ele.

Você só tem nove anos, Mary pensou. Maldição.

— Que tal a gente voltar? — Mary ofereceu. — Está frio.

— Tem certeza que está pronta para ir? — Rhage perguntou. — Podemos ficar se você quiser.

— Não. — Bitty deu de ombros de novo. — Não há mais nada aqui para mim.

Eles voltaram ao GTO, voltaram a seus assentos, o calor no carro um bálsamo para suas bochechas e narizes gelados.

Enquanto Rhage as levava de volta, os faróis varreram o terreno e Mary pensou consigo mesma... Em algum ponto esta garota teria boas notícias. A Virgem Escriba falava tanto sobre equilíbrio o tempo todo, certo? Então estatisticamente Bitty estava em real e total desvantagem.

— Só vou esperar até meu tio vir. — A garota disse enquanto se afastavam. — Ele vai me dar um lar.

Mary fechou os olhos. E meio que sentiu vontade de bater a cabeça no painel do carro de Rhage.

E como se ele estivesse lendo sua mente, Rhage estendeu a mão e segurou a sua, dando um apertão. Mary apertou de volta.

— Então deixa eu te fazer uma pergunta, pequena Bitty. — Disse ele. — Você gosta de sorvete?

— Acho que sim. Acho que já provei.

— Tem algum plano para amanhã à noite? Podemos ir depois da Primeira Refeição, antes que as lojas humanas fechem.

Por impulso, por que estava desesperada para manter qualquer linha de comunicação aberta, Mary virou a cabeça.

— Quer ir, Bitty? Pode ser divertido.

Após uma longa pausa, Mary voltou a encostar a cabeça no encosto do banco e tentou pensar em outra opção.

No silêncio, Rhage disse.

— O pessoal do Lugar Seguro tem os números de nossos celulares. Se seu tio aparecer enquanto estamos fora, eles podem nos ligar na hora e a gente te leva de volta. E podemos escolher um lugar perto, tipo, a menos de cinco minutos de viagem. — Rhage olhou pelo retrovisor. — Digo, você toma banho, certo?

— Como é? – A garota disse.

— Tipo, se você estiver no banheiro e ele aparecer, alguém teria de bater na sua porta e você teria de se secar, vestir e tudo o mais. E isto levaria pelo menos cinco minutos, certo? Então é a mesma coisa. Bem, exceto que num caso você precisaria de sabonete e toalha de banho, e no outro, cobertura e um montão de calda quente. Caso queira. Pessoalmente, eu gosto de misturar e combinar... Prefiro alguns milk-shakes, um banana split... Um ou dois sundaes. Então, pra finalizar uma casquinha de mocha crocante. Não sei por que. Acho que pra mim é tipo o cafezinho depois do jantar. Sabe o que estou falando?

Mary teve de olhar para trás de novo. Bitty olhava pra frente, sobrancelhas supererguidas no rostinho, a imagem da surpresa.

— Ele está falando sério. – Murmurou Mary. — Mesmo que você não goste de sorvete, assisti-lo comer tudo isto é algo que vale a pena ver. Que tal?

— Eles têm mesmo o seu número? – A garota perguntou.

— Claro que sim. Meu e de todos os membros da equipe. E mantenho meu celular comigo e ligado o tempo todo, mesmo quando estou dormindo... E certamente quando saio.

— E se você estiver preocupada que possa haver algum problema com o celular dela. – Rhage ergueu o próprio celular. — Eu deixo o meu número com eles também. E meu irmão Vishous pode garantir a melhor recepção e serviço de telefonia na cidade. Sem problemas de sinal. A menos que Lassiter esteja por perto, e isto é mais devido a algo mental do que algo com as redes de telefonia.

— Hum... Lassiter? – Disse Bitty.

Raghe anuiu.

— É, ele é um verdadeiro pé no saco... Oh, merda... Digo, desculpe, não devia dizer “saco” perto de você, devia? Ou “merda”. E todas aquelas outras palavras feias. — Ele cutucou sua própria cabeça. — Tenho que me lembrar disto, tenho que me lembrar disto. De qualquer forma, Lassiter é um anjo caído com quem estamos enrolados. Ele é como um chiclete grudado na sola do seu sapato. Só que sem o

cheiro de morango. Ele monopoliza o controle remoto e regularmente faz a gente questionar se aquilo é *realmente* o melhor que o Criador pode fazer com um imortal. O cara tem o pior dos gostos para programas de TV... Digo, a única coisa que se salva é o vício dele por *Bonanza*... Você já teve de assistir a doze horas seguidas de *Uma Galera do Barulho*? Está bem, deve ter sido só sete, e não é como se eu não pudesse ter saído da sala... Meu Deus, te digo uma coisa, é de se espantar que eu tenha saído de lá com minha habilidade de vestir minhas próprias calças uma perna de cada vez...

Foi mais ou menos aí que aconteceu. E Mary teria perdido se não tivesse, por um acaso, escolhido aquele momento para virar a cabeça de novo e ver se Bitty ainda estava ouvindo.

A garotinha sorriu.

Não foi um riso largo e ela não riu exatamente, mas os lados de sua boca definitivamente se levantaram.

— Conta mais? — Pediu Bitty quando Rhage parou para respirar. — Sobre as outras pessoas que moram com vocês?

— Claro. Absolutamente. Então, meu chefe, o Rei? Seu Rei, sabe? Ele tem um *golden retriever* chamado George que o ajuda a andar por aí. Wrath é cego... Mas sempre sabe onde cada um está na sala. Ele tem sentidos malucos, aquele lá. Gosta de cordeiro, e mesmo que negue, parece determinado a sempre terminar seus vegetais. Tipo, nas refeições você olha para ele... Bem, os pratos dele precisam ser arrumados com a carne, os carboidratos e os vegetais no mesmo lugar... Pois sabe, ele não enxerga. De qualquer forma, dá para ver que ele odeia aqueles malditos vegetais, mas come tudo. Desde que seu filho nasceu, o L.W., Pequeno Wrath, sabe? O garoto tem quanto tempo agora? — Rhage desviou o olhar. — Mary, você lembra?

Mas Mary não estava realmente ouvindo aos detalhes. Estava recostada no banco e deixando Rhage tagarelar sobre suas vidas para ela.

Era a primeira vez em... Meses que se sentia relaxada.

— Mary?

Virando a cabeça para ele, ela sorriu.

Eu te amo tanto, murmurou sob a luz do painel.

O peito de Rhage inflou doze vezes o tamanho normal, e sua expressão de *Eu sou o cara* ficou tão intensa em seu rosto lindo, que era de se espantar que o bairro inteiro não se iluminasse dele.

— Não importa. — Ele continuou, ao trazer as costas da mão dela até a boca para um beijo. — Temos um gato chamado Boo. Ele veio com a *shellan* de Wrath, Beth, sua Rainha. E um de nossos médicos tem um cavalo de corrida aposentado. E não quero nem pensar sobre os ratos-do-deserto de Vishous. Mas não vou falar disto e não, não vou explicar essa...

Mary viu-se fechando os olhos ao deixar as histórias e a voz de barítono dele invadi-la. Sem motivo algum, ela se pegou lembrando de uma viagem diferente neste carro, uma bem no comecinho de seu relacionamento... Onde eles tinham baixado as janelas e gritado “Dream Weaver” e ela tinha enfiado a cabeça pra fora da janela e tinha sentido o vento no rosto e nos cabelos enquanto voavam estrada abaixo.

Era bom saber, mesmo depois de todo este tempo, que ele ainda tinha a habilidade de ampará-la tanto.

Capítulo TRINTA E TRÊS

Assail retomou a forma na garagem nos fundos de sua mansão. E um a um, seus primos o seguiram, aparecendo um a cada lado.

— Deuses, que bom que ainda conseguem andar. — Foi até a entrada da cozinha de sua casa e digitou uma senha. Quando a porta abriu, olhou por cima do ombro. — Tenho certeza que precisam se hidratar.

Só o que obtive foi uma resposta abafada de Evale – o que foi uma surpresa, já que normalmente ele era o mais calado. No entanto, uma noite de intensa atividade sexual parecia ter trocado a personalidade deles, drenando toda a tagarelice de Ehhric e deixando Evale como o falante.

Que curioso.

Do lado de dentro, tirou seu casaco e o paletó do smoking. Não que eles tivessem. Evidentemente, voltar a vestir todas as peças de roupa requeria doses maiores do que a energia que dispunham; então eles traziam as roupas penduradas nos braços, as camisas mal abotoadas no tórax, as gravatas brancas enfiadas nos bolsos das calças.

— Comida. — Disse Evale. — Precisamos de sustento depois daquela refeição inconsolavelmente pequena.

— Evale, você tem o vocabulário mais estranho.

— Merda, Ehhric. Eu me *alfaçarei* para *seviciá*-lo antes de sua aposentadoria.

Assail revirou os olhos.

— Alface é um vegetal. “Esforçarei” é a palavra que procura. E é “servir”. A menos que esteja se referindo às suas “sevícias” desta noite?

Deixando os dois reporem as calorias perdidas, Assail prosseguiu na direção de seu escritório. Ao sentar-se à sua mesa, ajustou rapidamente os níveis de cocaína e então ligou o computador enquanto fazia uma ligação no celular.

O Irmão Vishous atendeu:

— Agora é oficial. Eu realmente falo mais com você do que com minha mãe. Mas não se assanhe, eu não a suporto.

— Com sua personalidade calorosa e comportamento agradável, não consigo *imaginar* qualquer tipo de inimizade em sua vida.

— Não precisa puxar meu saco com tantos elogios.

— Por falar nisto, preciso dizer que Naasha é uma femeazinha muito pneumática, com predileção especial pelo exibicionismo e uma política de acesso total que não se estende à venerável moradia de seu *hellren*.

Afinal, ao tentar sair da masmorra para explorar um pouco, ela tinha mandado uma fêmea nua atrás dele em questão de minutos.

— Meus primos são machos felizes, porém exaustos neste nascer do dia.

— Então, tirando a putaria, o que descobriu?

— Throe está abrigado na propriedade. Ele tem um quarto e a afeição dela. Disse que rompeu com Xcor e o Bando de Bastardos para nunca mais voltar a seus domínios questionáveis. — Ele teve de fungar, quando sentiu o nariz escorrer. — Há algo preocupante naquele macho. Não confio nele.

— Vai voltar quando?

— Ela me convidou para a celebração épica do aniversário de seu *hellren*. O convite de Wrath já chegou? — Fungou de novo e esfregou a base das narinas. — Acredito que ela vá enviar logo, se já não chegou.

Houve um *shhh-cht* como se o Irmão estivesse acendendo algo.

— Ainda não. Mas estaremos esperando. Ele não pretende ir, mas com certeza haverá membros da Irmandade por lá.

— Assim como meus primos e eu. — Assail franziu o cenho e algo lhe ocorreu.
— Perdoe-me por sair do assunto, mas por favor, me permita perguntar sobre suas armas.

Houve uma longa pausa. E então a voz do Irmão, que já era naturalmente baixa, baixou ainda mais.

— O que quer saber?

— Precisam de armas?

— Por quê?

— Tenho contatos com meus fornecedores do mercado negro que poderiam facilitar a compra.

— Agora quer ser um traficante de armas? Suas ambições sempre te levam na direção destas atividades tão sublimes?

— Não há nada sublime em sepulturas, há? De qualquer forma, considere uma oferta estendida. Eles me contatam em busca de mais negócios e declinei de sua gentileza e generosa oferta referente a certos pós e poções. Mas fiquei pensando que poderia haver uma boa troca de dinheiro por produtos que Wrath me permitisse intermediar.

Vishous riu em um ronco profundo.

— Sempre buscando uma brecha. E vai parar com o pó? Está fungando a conversa toda, pior que um humano alérgico preso em uma plantação de feno.

— Eu permaneço leal a você e ao seu Rei. — Concluiu Assail. — Contate-me quando quiser. Se eu souber de mais alguma coisa ou tiver qualquer outro contato com ela antes da próxima semana, ligo pra você imediatamente.

— Faça isto mesmo.

Assail encerrou a ligação e...

Recuando, olhou para as costas de sua mão. Havia uma faixa de sangue vermelho vivo pela pele... E gotas sobre o tecido branco de sua camisa elegante.

Levantando-se, foi até o banheiro mais próximo no corredor e acendeu a luz.

— *Maldição...*

De seu nariz escorria copiosas faixas de sangue.

Depois de acionar a torneira, pegou uma toalha de mão que tinha lavado e dobrado no dia anterior e a colocou sob o jato frio. Então limpou o sangue que escorria de suas narinas antes de aplicar a compressa fria em um apertão, inclinando a cabeça para trás.

Foi necessário permanecer um tempo assim, em pé de frente para o espelho e esfregando as manchas do algodão fino de sua camisa. Teria de usar OxyClean, concluiu. Começaria com ele, já que sangue tinha proteína em sua composição. Então teria de alvejar antes de jogar a porra da coisa fora, se fosse necessário.

Quando o sangue parou de escorrer, levou a toalha consigo e foi até à cozinha.

Onde sentiu seus sapatos de couro legítimos falsearem.

Era o cheiro no ar. Rico e temperado, ao mesmo tempo delicado, a combinação de temperos exóticos ao seu paladar do Velho Mundo despertando seu estômago, fazendo-o roncar.

Comida portuguesa. Que foi preparada por uma autêntica mão adorável, ainda que levemente beligerante.

Fechou os olhos, a avó de Marisol tinha preparado para ele e os primos muitas refeições antes de sua partida e aqueles dois tinham claramente se refestelado dos ditos pacotes, cuidadosamente congelados.

— Gostaria de nos acompanhar? — Evale disse enquanto esperava o microondas. — Ou vai só ficar aí de pé babado?

Assail voltou à realidade.

— Acho que a palavra que procura é *indignado*.

— Já viu seu rosto? – O macho perguntou e houve um *Bing!* Depois de abrir a porta do microondas, ele levou um prato abarrotado para a mesa. — Não parece nada acolhedor.

— Que é justamente a definição de indignado. E você não devia estar comendo isto.

— Por que não? – Ehric perguntou ao dar a primeira mordida. — Ahhhh, isto está fantástico.

— Verdade. – Seu gêmeo concordou. — Lamentavelmente bom.

— Palavra errada de novo. – Assail nem se incomodou de explicar que eles não deviam comer a comida, porque senão tudo se acabaria e o único vínculo que teria de Marisol seria... — Vou me retirar para o dia agora.

— *Adieu*. – Disse Ehric.

— Vai logo. – Evale emendou.

— É “até logo”, querido primo meu.

Assail seguiu para a lavanderia, onde jogou a toalha ensanguentada na lavadora, tirou o paletó de seu smoking e removeu a camisa manchada.

Seus dois primos tinham visto as manchas, mas nenhum deles disse nada.

Mas palavras não eram necessárias.

Enquanto Assail passava de volta pela cozinha de peito nu e com o paletó pendurado no ombro, disse a ninguém em particular.

— Preciso encontrar um *doggen* apropriado. Um que saiba como cuidar de uma casa e de todos os afazeres. Estou cansado de lavar roupa e aspirar pó.

— Tem certeza de que isto não tem a ver com o decrescente suprimento de certas comidas congeladas?

Ele olhou para Ehric.

— Acho que preciso te mandar para o porão de Naasha de novo logo. Prefiro você calado, mesmo que seu irmão assassine a língua inglesa como um porco no abatedouro.

Assail seguiu para as escadas, e esperou até virar a esquina e sair das vistas deles para massagear a dor em seu peito.

Será que algum dia a dor da perda daquela humana iria diminuir?

Esperando sua Mary voltar para casa do trabalho, Rhage circulou a mesa de bilhar na sala de jogos de taco na mão, bolas em pleno jogo no feltro, a mente... De volta ao branco total. Aquela garotinha.

Cara, o destino podia ser mesmo uma cadela cruel, pensou.

— ... acabei de falar com ele. — Inclinando-se na mesa, Vishous reorganizou as bolas, arrumando as coisas para um novo jogo. — Ele quer saber se precisamos de mais armas.

Tentando voltar ao foco, Rhage franziu o cenho.

— Pensei que Assail fosse traficante de drogas.

— Com certeza o cara está expandindo os negócios. — Vishous pegou um giz e passou na ponta do taco. — O que acha?

— A nova turma chega logo para o treinamento, não é?

— É.

— Pode ser interessante encomendar algumas automáticas, à guisa de teste.

— Era o que eu estava pensando.

Rhage apoiou o quadril na mesa enquanto V se inclinava e mandava uma bola certa para dispersar o triângulo. Quando bolas coloridas rolaram pra todo lado, Rhage meneou a cabeça.

— Você viu aquela arma de caça que Evale tinha em Brownswick?

Aqueles olhos diamantinos se ergueram.

— Porra, claro. Precisamos de uma dessas, verdade.

— Só pra começar. Pode ser bom para prática com alvos.

— É, podemos amarrar um carrinho nas costas de Lassiter e fazê-lo correr ao redor da piscina...

— Ei. — O anjo caído chamou do sofá. — Estou bem aqui, seus cuzões.

Rhage olhou para o cara.

— Está acordado, é?

O bastardo bicolor sentou-se e bocejou, esticando os braços acima da cabeça.

— Hora de começar meu turno. Merda. Estou atrasado. Tenho de ir.

Ao observarem o anjo sair correndo, Rhage e V praguejaram ao mesmo tempo.

— Sabe, — Rhage murmurou. — Está ficando difícil demais odiá-lo.

— Apenas se lembre de *Punky Brewster*¹². Todo o ódio voltará. — Vishous circulou a mesa, seu corpo massivo se movia como uma pantera em seus couros e camiseta sem mangas. — E caralhos me fodam, jamais achei que iria conhecer aquela série.

¹² Punky, a Levada da Breca.

V trabalhou rápido encaçapando rapidamente várias bolas, mas errou três jogadas depois.

— Hollywood? Meu irmão, é a sua vez.

Rhage tentou voltar ao foco, mas não conseguia tirar Bitty da cabeça. Depois de um momento, olhou pelo feltro verde, e ficou feliz de ver que os *doggen* estavam na cozinha e sala de jantar... E que a maioria dos irmãos não tinham chegado em casa ainda.

E ei, ele sempre ficava feliz quando o Lassiter saía do recinto.

— O que? – Disse V. — E preciso acender um antes.

— Você já... – Rhage pigarreou. — Você já pensou em ter filhos, V?

— Não. Por quê?

Quando o cara o encarou de volta, foi como se Rhage tivesse perguntado se ele precisava ou não de mais uma torradeira. Serviços de lavanderia. Troca de óleo.

— Você *nunca* se perguntou como seria ser pai?

— Não.

— Nunca?

— Não. – Vishous deu de ombros. — Não sei bem por que está perguntando.

— Bom, ultimamente passamos a ter algumas crianças, sabe, aqui na casa.

— E daí?

— Isto não te afeta em nada? – Quando V negou com a cabeça, Rhage franziu o cenho. — E a Dra. Jane? Ela não quer filhos?

— Ok, primeiro, ela não pode ter filhos. E segundo, ela jamais falou a respeito. Nunca. Está totalmente comprometida com o trabalho... Inferno, a ideia

dela de um presente de aniversário romântico é uma nova autoclave. E eu *amo* isto pra caralho nela.

— Mas e se ela mudar de ideia?

— Ela não vai.

— Como pode saber? — Quando V apenas piscou algumas vezes, Rhage acenou com a mão. — Desculpe. Nada disto é da porra da minha conta.

— É por isto que está tendo problemas com sua Mary? E não minta. Está bem óbvio... Ela quer filhos?

— Não. Não, nada disso. — Rhage esfregou a ponta do taco com o dedo, transferindo o pó de giz azul forte para seu dedo. — Eu só estava me perguntando. Sabe, hipoteticamente. Sobre as pessoas.

— Olh, não quero ser desdenhoso, mas vamos lá... Eu tenho um relacionamento filho da puta com minha mãe e meu pai era um sádico. Esta coisa de mãe/pai só tem lados ruins pra mim. Além disto, sou tão carinhoso quanto uma motosserra... Como é mesmo o ditado?

— Como eu disse, desculpe-me por trazer o assunto à tona.

— Vai jogar agora?

Rhage mudou o peso de uma bota para outra.

— Na verdade, eu tenho mais uma coisa para te perguntar.

Capítulo TRINTA E QUATRO

A última coisa que Mary fez antes de sair para o dia, foi ir até seu escritório e verificar o Facebook em seu computador.

Como se acessar a URL por outros meios além de seu celular pudesse gerar resultados diferentes.

— Está bem, vamos ver isto. — Murmurou ao logar.

Quando a máquina ligou, deparou-se imediatamente com o único grupo fechado de vampiros que estava procurando... Por que foi a última coisa que ela tinha acessado antes de descer para esperar por Rhage mais cedo naquela noite.

Atualizando a página, esperou que a conexão da internet lhe mostrasse alguma publicação nova e acabou jogando a cabeça para trás para olhar para o teto. Bitty estava perambulando pelo seu quarto no sótão e Mary lutou contra a vontade de ir até lá tentar falar com ela. Mas não, era hora de ir para casa e a garota estava cansada. Além disto, Mary tinha uma noção quase supersticiosa de que, por uma vez, as duas se despediram em uma nota relativamente otimista: Bitty estava pronta para o sorvete na noite seguinte e Mary se apegava àquele sorriso fugaz no banco de trás do GTO, como se fosse um bote salva-vidas no meio do oceano.

— Está bem, o que temos? — Sussurrou, voltando a se concentrar na tela.

Não. Nada. Havia cerca de quinhentos membros no grupo – na maioria fêmeas – e as poucas publicações mais recentes referiam-se a tópicos convencionais, que mesmo a olhos humanos pareceriam inteiramente normais.

Ninguém tinha respondido à sua mensagem sobre o tio de Bitty.

Ficou decepcionada, o que era uma espécie de loucura. Sua parte lógica sabia que não havia ninguém lá para a garota, mas ouvir Bitty falar com tal desespero

sobre um parente hipotético fazia mesmo a gente desejar que acontecesse um milagre.

Desligando tudo, pegou a bolsa, o casaco e saiu, parando momentaneamente na base da escada para o sótão.

— Tenha um bom dia, menina Bitty.

Vinte minutos depois, ela estava dirigindo colina acima pelo *mh*is que envolvia o complexo indo em velocidade bem baixa, pois não queria sair da estrada ou atropelar um cervo...

— Merda!

Afundando o pé no freio, puxou o volante para a direita bem quando o Hummer de Qhuinn quase a atingiu em cheio.

O SUV derrapou antes de parar e um monte de guerreiros saltaram, correndo para ela como se o Volvo estivesse em chamas.

— Mary!

— Maaaaaary!

Butch abriu violentamente a sua porta.

— Mary! Puta que pariu!

Ela teve que rir diante da expressão na cara do tira. E na de Blay. E de John Matthew. E de Qhuinn.

Levantando as mãos, ela disse:

— Estou bem, estou bem, estou bem. Juro.

— Vou chamar a Dra. Jane...

— Butch, sério. — Ela soltou o cinto de segurança e afastou o cidadão de Boston do caminho. — Vê? E o *airbag* nem chegou a acionar. Mas devo confessar

que estou ficando meio temerosa de tantos quase acidentes. Eu quase atropeliei um *lesser* uma noite dessas.

Aquilo calou os quatro. E então eles só ficaram lá, olhando fixamente para ela como se sincronizando os vômitos.

— Garotos, vocês nem mesmo me atingiram. Estou bem. — Ela acenou para a estrada de terra na qual estavam. — Nem vi o que estava vindo... De onde estão vindo?

— De lugar nenhum. — Butch tomou-a pelo cotovelo e começou a levá-la para o banco do passageiro. — Eu dirijo o resto do caminho...

— Não. — Ela afundou os calcanhares e encarou-o com severidade. — Butch. Não há nada errado comigo. Quero que vocês quatro respirem fundo... E talvez coloquem a cabeça entre os joelhos para não desmaiar. Quase acidentes acontecem, todos nós reagimos a tempo, então vamos esquecer isto... Ou vou ser obrigada a chamar Fritz para me ajudar a pintar seus quartos de cor de rosa. Depois de colocar *potpourri* em suas cômodas, e fotos da Elsa e da Anna nas suas paredes.

— Ela está falando sério. — Murmurou Qhuinn. — Cara, não é de surpreender que consiga ficar acasalada com Rhage. Se ele pisar na bola, você o chicoteia até entrar na linha, não é?

Só ficamos preocupados. — John Matthew gesticulou. — *E nós realmente não queremos ter de dizer ao marido que te machucamos. Só isso.*

Ela se aproximou e abraçou John.

— Eu sei. E sinto muito se fui ranzinza. Foram longas noites. Vamos, vamos comer.

Novamente atrás do volante do utilitário, ela começou a subir a colina mantendo a velocidade baixa. O Hummer manteve-se a uma grande distância atrás dela... E estava muito consciente dos guerreiros observando cada movimento seu.

Por que os quatro estavam pressionados contra o pára-brisa do SUV, amontoados como um bando de mães gansas preocupadas com um filhotinho errante.

Mas eles certamente enchiam o retrovisor dela de amor.

O que nunca, jamais seria uma coisa ruim.

Depois de estacionarem na frente da mansão e tomarem suas posições habituais na fila de carros – o dela perto do Porsche de Manny, o deles perto do cacareco do V, seja lá o que for – ela saiu com a bolsa e se preparou para enfrentar uma porção de recomendações de que fosse ver a médica, isso vindo da galeria dos curiosos de roupa de couro.

E quem diria, os quatro se aproximaram dela em formação.

Erguendo as mãos, disse calma e razoavelmente:

— Não posso morrer, lembrem? Além disso, caso não tenham notado, estou respirando, de pé e falando frases completas... estou até mesmo sorrindo. Estão vendo? – Apontou para a própria boca. — Então que tal irmos para a Última Refeição antes que vocês todos desabem?

Houve uma porção de vozes em coral entoando *está bem* e *tanto faz*, e então John Matthew passou o braço ao redor dos ombros dela, deu-lhe um abraço rápido e todo mundo dirigiu-se ao vestíbulo.

Fritz abriu a porta interna para eles.

— Saudações! Como estão?

Quando o mordomo fez uma reverência e todo mundo entrou em fila, Mary teve de parar. Ela já tinha entrado naquele saguão tantas vezes nos últimos sei lá quanto tempo, mas já fazia tempo desde que realmente olhara para o teto alto com seu mural de guerreiros majestosos e cavalos de guerra... Ou parara para apreciar as colunas de malaquita e mármore com suas cabeceiras e pés ornados... Ou tirara um segundo para ouvir às camadas de conversa enquanto membros da casa desciam para se reunir na sala de jantar.

Tudo era extremamente luxuoso, gritantemente multifatorial e completamente maravilhoso, de Z e Bella descendo a escada principal com Nalla; Wrath e George atravessando o mosaico no piso junto com Tohr; a John Matthew e Xhex abraçados.

Dirigindo-se à Última Refeição, lembrou-se do que Rhage dissera a Bitty sobre as pessoas que moravam ali, sua versão maravilhosa e caricatura verbal, propositadamente engraçada, das bênçãos muito reais que esta família tinha.

Então se lembrou dele e Bitty inclinados sobre o motor do carro, ele explicando pacientemente a ela todos os tipos de coisas, sem nada daquela atitude de *isto-é-só-para-garotos* se expressando em seu rosto aberto e seus olhos gentis.

Ele tinha sido incrível com a garota...

— Minha Mary. — Veio o sussurro em seu ouvido.

Ela se assustou e virou-se para Rhage, sem pensar por um segundo.

Passou os braços ao redor dele, puxou-o para baixo...

... E beijou-o como se o mundo fosse acabar.

Está bem, é... UAUUAUAUAUAUAUAU.

Quando Mary lambeu a boca de Rhage por dentro, a mente dele ficou em branco do melhor jeito possível – especialmente ao descer a mão e puxá-la para mais perto de seu corpo, curvando sua altura e peso imensos sobre ela. Os lábios de sua *shellan* estavam macios e cálidos, e sua língua escorregava e deslizava contra a dele, e seus seios, apesar do casaco, pareciam se esfregar nus contra o seu peito.

— Vamos subir. — Disse ela dentro de sua boca.

Ele continuou a beijá-la enquanto olhava a escada. É, tão íngreme, tão longa... E o quarto deles? Merda, estava, tipo, a quinhentos quilômetros de distância. Quinhentos mil quilômetros.

— Venha aqui. — Ele grunhiu.

Acabou guiando-a de costas, as mãos desesperadas para irem para baixo daquelas roupas dela... Mas não podia arriscar aquele tipo de contato. Se sentisse sua pele nua? Provavelmente a tomaria aqui mesmo, em cima do mosaico no chão.

A despensa ficava logo depois da cozinha, e era tão luxuosa e confortável quanto uma lavanderia... Com a trágica falta de uma lavadora ou secadora onde se pudesse colocar a fêmea amada em cima para tê-la à altura dos quadris de coxas abertas. Mas havia duas vantagens: uma, havia uma tranca por dentro, como se Darius soubesse que tipo de tempero alternativo pudesse ser jogado entre as latas de pêssegos e jarras de pickles; e duas, havia um balcão pequeno, um metro e vinte acima do chão com uma superfície de cerca de um metro e meio, ao redor da sala toda.

Ostensivamente, a coisa estava lá para acomodar as gavetas que ficavam debaixo das fileiras de prateleiras.

No momento? Era a coisa mais próxima de uma Brastemp que Rhage conseguiria.

— Oh, Deus, preciso de você. — Mary disse, quando ele fechou a porta manualmente passando o trinco, e depois a ergueu do chão.

Quando ela agarrou a barra da camiseta sem mangas dele e puxou pela cabeça, a coisa prendeu no nariz, quase arrancando suas narinas fora. Mas quem disse que ele ligou? E então as mãos trêmulas dela estavam no zíper de suas calças de couro.

— Eu preciso de você dentro de mim, depressa... *Preciso de você.*

— Oh, porra, Mary, você me tem. — No segundo em que a mão dela entrou em contato com seu pau, ele arqueou e gritou alguma coisa. O nome dela? Algo sobre a Virgem Escriba? Um palavrão? De novo, quem caralhos ligava? — Deixa eu...

A próxima coisa que viu foi ela fora da bancada, à altura de seus quadris, e empurrando-o para trás até ele encostar no lado oposto de forma tão violenta, que latas de sopa balançaram e rolaram pelo chão como se temessem por suas vidas.

— Maaaaaaaaaaaaary...

Aquela boca sugou sua ereção profundamente, e apesar do toque quente e úmido ser extraordinariamente erótico, sabe o que era ainda mais excitante? A sensação de que ela estava tão, mas tão desesperada por ele, que não podia esperar que ele baixasse as calças dos dois.

Ela estava tão faminta e ansiosa para tê-lo que não queria perder tempo.

Ela *tinha* de tê-lo.

O macho vinculado dentro de Rhage rugiu de satisfação e a fera se moveu de uma boa maneira debaixo de sua pele... E oh, sim, ele gozou.

Deus, gozou pra caralho. E enquanto Mary o ordenhava até ele se esgotar e então se afastou e lambeu os lábios, ele sentiu alguma parte dele mesmo voltar... Uma parte que tinha sumido por um tempo, mas que nem tinha percebido sentir falta.

Ela ainda o desejava. Ainda precisava dele. E havia algo naquela conexão que o preenchia de um jeito, em uma parte dele que anteriormente estava vazia.

E era hora de retribuir a gentileza. Com um gemido, lançou-se sobre ela, deitando-a no chão de madeira, beijando e sentindo seu próprio gosto enquanto a livrava das calças, baixava suas próprias calças de couro até o meio das coxas e a fazia montá-lo, deitando-se de costas.

Mary sentou-se violentamente em seu pau e os dois gemeram. Então ela se inclinou, apoiou as mãos perto da cabeça dele e começou a mover a pélvis, a ereção dele entrando e saindo de seu sexo, seus corpos batendo juntos, os olhos de Rhage fixos nela enquanto ela retribuía o olhar com uma combinação de determinação feroz e completa adoração.

Ela ainda estava de casaco. A coisa esvoaçava ao redor dela, e embora amasse ver os seios e pescoço dela, seu estômago, seu sexo, no momento estava envolvido demais para qualquer tipo de coordenação entre as mãos e pensamentos.

Era só realmente incrível pra cacete ser desejado deste jeito. Cavalgado deste jeito. Tomado deste jeito.

Eles gozaram ao mesmo tempo, os quadris arremetendo e recuando, até que de alguma forma acabou rolando sobre ela de novo e montando-a por cima. Graças a Deus por aquela jaqueta dela e o apoio almofadado que oferecia, pelo jeito que as coisas aconteceram. Agarrando um de seus tornozelos, puxou a perna dela na direção dos ombros e penetrou fundo, movendo sua pélvis livremente enquanto os movimentos os faziam se mover pelo chão da despensa até chegarem em um canto. Com um grunhido ele arqueou, segurou-se na beira da bancada e obteve ainda mais impulso.

E o sexo continuou.

E continuou.

E continuou...

Capítulo TRINTA E CINCO

Quando o amanhecer ameaçou surgir no Ocidente, e a luz cor de pêssego lançada por aquela implacável bola de fogo no céu começou a formar uma fina linha no horizonte, Zypher parou ao lado da concha carbonizada de um carro, nos fundos de um dos becos de Caldwell.

A seu redor, o Bando de Bastardos estava reunido, os corpos tensos e inquietos, as armas guardadas, mas as mãos em prontidão.

Balthazar falou:

— Esta foi a última coordenada dele.

Sim, Zypher pensou, *todos sabiam disso*. De fato, eles tinham começado aqui ao cair da noite anterior depois de Xcor não retornar ao quartel general deles... Que agora teria de ser abandonado. Claramente o líder foi ferido gravemente em campo, aqui ou em outro local, e era de se esperar que ele e seu telefone tivessem sido recolhidos, ou pela Sociedade *Lessening* ou pela Irmandade da Adaga Negra.

É, havia a possibilidade de que ele, ferido, tivesse se arrastado para algum abrigo discreto por um período de tempo só para morrer, ou de causas naturais ou pela exposição ao sol, e que seu telefone tenha virado fumaça com ele ou sido roubado de sua mão morta... Mas considerando os inimigos que enfrentavam, era estúpido apegar-se a tal premissa.

Melhor assumir que ele tenha sido capturado. Tortura. E possível troca de informação.

— Ele não iria querer um memorial. — Zypher proferiu de forma abrupta.

— É. — Alguém concordou. — E ele deve ter entrado no *Fade* com bastante agitação.

Houve um resmungo de risos – mas Zypher se perguntou se ao seu líder, ou a qualquer um deles, seria concedido acesso ao santuário celestial. Por suas más ações eles certamente seriam banidos? Enviados ao *Dhund*, o parque de diversões maligno do Ômega para toda a eternidade?

De qualquer forma, ao passar por ali decidiu que o beco parecia um local adequado para esta reunião de luto, os restos do velho carro, uma lápide adequada – na ausência de uma verdadeira – um apropriado ponto final à vida de Xcor. Afinal, embora Zypher tivesse trabalhado com o macho contra os *lessers* por séculos, não se podia dizer que conhecesse de verdade seu companheiro de batalha.

Bem... Isto não era inteiramente verdade. Ele tinha sido bem versado na natureza cruel e calculista de seu líder, primeiro no campo de batalha e depois, quando foram viajantes com acomodações temporárias, e mais ainda ao se assentarem em sua fortaleza, o castelo no Antigo Continente.

E tinha também aquele único momento privado depois de Xcor ter apunhalado Throe... Quando tinha se punido por isto.

— O que fazemos agora? – Balthazar perguntou.

Depois de um momento de silêncio, Zypher percebeu que todos olhavam para ele.

Desejou que tivessem um corpo. O curso estaria claro então. No momento, mesmo com toda a evidência circunstancial apontando em determinada direção, tomar controle do grupo parecia insubordinação.

Mas não havia mais nada a fazer.

Zypher esfregou o rosto com a mão enluvada.

— Devemos assumir que nosso esconderijo está comprometido ou logo estará. Devemos também destruir todos os aparelhos celulares. Então esperaremos um certo período de tempo... Antes de voltarmos ao Antigo Continente. Ali é uma vida que vale a pena viver.

O castelo ainda estava em pé e continuava no nome deles.

Mas dinheiro. Precisavam de dinheiro.

Merda.

— E se ele tentar chegar até nós? — Perguntou Balthazar. — Se sumirmos com os telefones como ele irá nos encontrar?

— Se ele sobreviveu, saberá nos localizar.

Inclinando-se para o lado, Zypher olhou entre dois prédios. Aquele brilho do amanhecer estava aumentando, e se perdessem muito tempo ali teriam o mesmo destino daquele veículo. Como talvez o próprio Xcor.

— Vamos voltar ao... — Ele franziu o cenho. — Não. Não vamos voltar para lá.

Não podia descartar a possibilidade da Irmandade armar uma emboscada na fazenda mesmo à luz do dia... E não só por aqueles machos serem implacáveis, mas por serem decididamente mortais. E se foram os *lessers* a capturar o Xcor? Então tal ataque era ainda mais possível.

Olhando ao redor, percebeu uma porta próxima. O prédio a qual pertencia estava abandonado, a se deduzir pelas janelas cobertas com tábuas e a placa de “CONDENADO” concretada em seus tijolos.

Zypher dirigiu-se à porta e empurrou-a com o ombro. Quando o painel de metal cedeu, a fechadura se partiu em pedaços caindo no chão da escuridão interior.

O ar que o acolheu era frio, úmido e cheirava a vários tons de mofo e podridão. Mas a escuridão opressiva que o cercava era um ótimo sinal.

Não tinham comida. Só armas e munição às suas costas. E isto era um abrigo duvidoso, no máximo.

Era justamente como nos velhos tempos.

Exceto por uma grande e notável falta.

Enquanto seus companheiros bastardos entravam um após o outro buscando lugares em caixas emborçadas e faixas de balcões sujas com recipientes plásticos, ratos abriam caminho, guinchando suas maldições.

— Ao cair da noite, iremos voltar à fazenda, fazer nossas malas e decidir nosso caminho.

Zypher escolheu um local no chão perto da porta, encolhendo-se em uma abertura entre prateleiras de tal forma que ficasse no alto, e com a automática à mão e pronto para atirar ao primeiro sinal de perigo.

Em sua longa história como soldado, teve muitos dias iguais a este com seu corpo tendo de obter seu descanso necessário mesmo em estado de alerta, enquanto descansava com um ouvido e um olho aberto. E antes de tudo aquilo, como aluno do Blodletter, temia por sua vida quando o sol se erguia e os treinandos eram forçados a se recolher ao campo de guerra até o anoitecer.

Isto era moleza comparado ao que ele e os outros já tinham enfrentado.

Fechando as pálpebras, viu-se imaginando como teria sido a morte de Xcor. E onde aquela alma perturbada dele iria acabar.

Algumas questões eram destinadas a permanecerem sem respostas... E era estranho para ele pensar que quase certamente sentiria falta de seu líder — embora achasse difícil admitir. Xcor às vezes era temível, igual ao Bloodletter; mas ainda assim, sua ausência era como a de um membro ou órgão vital.

Hábitos eram mais difíceis de morrer do que mortais.

E este aborrecimento, amarrado como estava a séculos de crueldade, dificilmente seria uma recomendação à alma do macho.

Capítulo TRINTA E SEIS

— Sim, claro. Vou mandar uma mensagem para os compradores antes do final na próxima semana. Sim, a apresentação está agendada para quinta-feira às vinte horas. Isso ainda é conveniente? Muito bom. O prazer é meu. Tchau.

Jo desligou o telefone, fez uma nota no arquivo do cliente e em seguida olhou para o celular.

Não podia ter lido o texto direito. A maldita coisa era de Bill:

Você jogou bem comigo, mas não por muito tempo. Deveria ter tentado isso com alguém que não tem habilidades de investigação.

O que...? Eles se separaram na noite anterior na boa, voltando para o carro dele quando seu sentido de que estavam sendo observados tornou-se grande demais para ela ignorar. O plano tinha sido se encontrarem no almoço e voltar para o campus da escola novamente.

Ela digitou de volta. *Sobre o que você está falando?*

Voltando seu celular para a gaveta, tentou parecer ocupada enquanto os corretores andavam de um lado pro outro na frente de sua mesa sem tomar conhecimento dela. O que era uma coisa boa. Se parassem para falar com ela, era normalmente por que estavam chateados com a tecla do microondas na copa, ou tinham um problema no computador com o qual ela não poderia ajudá-los, ou estavam botando pra fora sua frustração com o atual menos-do-que-fraco mercado de vendas.

Enquanto isso, Bryant esteve fora durante a manhã toda, mas ele esteve ocupado com seu telefone. Ele tinha enviado para ela quinze textos, somente a metade era relacionado com o escritório. Os outros tinham um tom estranho: ele queria saber por que ela saiu às sete na noite passada. Quando respondeu que ele

que dissera que ela estava liberada para sair, perguntou onde ela tinha ido. Quando lhe disse que tinha ido direto para casa...

Ele tinha respondido: *Tem certeza disso?*

O que era bizarro...

Um barulho soou dentro de sua mesa e abriu a gaveta rapidamente. Aceitando a chamada que tinha feito o telefone vibrar, ela repetiu:

— Do que você está falando?

Bill riu com ironia.

— Você não me disse quem eram seus pais. Recepcionista minha bunda.

— Desculpe?

— Você é a garota de Phillie e Chance Early. Sua única filha... Desculpe... *Herdeira.*

Ela fechou os olhos e engoliu uma maldição.

— O que isso tem a ver com alguma coisa?

— Olha, se está tentando obter o seu pequeno *Bruxas de Blair* querendo ter um popular impulso na mídia, vai ter que encontrar alguém para ser seu artista de merda, ok? Eu não tenho tempo para isso.

Jo trocou o fone para a outra orelha, como se isso fosse mudar a essência da conversa.

— Eu não entendo...

— Perguntei ontem à noite se o seu amigo Dougie tinha o tipo de recursos para encenar algo como todo aquele gramado pisoteado. Você disse que não... E convenientemente omitiu o fato de que *você* tem. Com o seu tipo de dinheiro, poderia filmar em CGI¹³ aquela montagem no Youtube, pagar pessoas para

¹³ Fundo azul onde montam o que quiserem em cima.

destruir o centro do campus, e depois, uau, ei, você chama um repórter do Jornal de Caldwell, esperando que ele seja estúpido o bastante pra comprar a história e conseguir cobertura local. E quando perceber, a reportagem é pega pela Hugfpot e BuzzFeed, e então pronto. Anuncia um contrato de filme sobre vampiros de Caldwell. As coisas acontecendo naturalmente.

— Não foi isso que...

— Não me ligue de novo...

— Eu sou adotada, ok? E não tenho visto essas duas pessoas que você chama de meus “pais” há pelo menos um ano. Não me identifico com as coisas deles mais do que eles me apóiam, e se você quer que eu te dê uma prova de quão pequena minha conta bancária é, bem, estou feliz em mostrar meu patético extrato mensal. Perguntei o que você pensava sobre essas coisas na net por que estou tentando descobrir isso sozinha. Permita-me assegurar, no entanto, que *nenhuma* das filmagens de Brownswick é o resultado de eu escrever qualquer anotação para alguém. Então quanto a você fazer mais do que um trabalho superficial para me investigar antes de pular para conclusões e saltar na minha garganta, obrigada. Tchau.

Ela quase jogou o telefone de volta na gaveta, mas pensou melhor por que, ei, as pessoas que estavam preocupadas em cobrir o aluguel realmente não deveriam colocar-se na posição de ter que substituir seu cel...

Quando o telefone do escritório tocou gentilmente, ela o agarrou e ficou feliz pela distração.

E enquanto fechava o acordo com um comprador sobre o estado de algumas substituições de alarme contra incêndios em um duplex do outro lado da cidade, ia processando paralelamente a coisa toda em sua cabeça. Em primeiro lugar, era loucura para ela estar perdendo algum tempo ou esforço tentando chegar ao fundo desses vídeos. E em segundo lugar, tinha uma suspeita muito forte que a razão de que seu cérebro estava orbitando em torno deste trecho da estupidez era por que estava muito entediada.

E isso era um problema a ser resolvido não com distração, mas num esforço para melhorar e descobrir o que diabos queria fazer consigo mesma.

Sim, já tinha decidido que a existência de socialite das pessoas que a adotaram era um grande Oh não. Então alôoo, ela já tinha estreitado seu futuro por uma opção...

Quando o interior da sua mesa começou a tremer de novo, abriu a gaveta e pegou o telefone entre os cliques de papel soltos e os lápis que não usava.

Era Bill. E pensou em deixar a chamada ir para caixa postal, mas sabia que isso era infantil.

Tocando aceitar, ela disse:

— Eu só posso supor que está ligando para pedir desculpas agora. Ou vai fazer uma auditoria no meu extrato? Realmente não é assim tão ruim, embora se lembre de que não tem a ver com patrimônio líquido, somente se você é tão bundão quanto eu sou a ponto de pagar as contas em dia.

O cara teve a graça de pigarrear.

— Sinto muito. Parece que eu saltei a conclusões que eram injustificadas.

Jo virou a cadeira de modo que estava de frente para o logotipo do escritório na parede coberta de feltro. Respirando fundo, murmurou:

— Sabe, isso ajuda se você está tentando se estabelecer como repórter investigativo *por excelência*, então você vai um pouco mais fundo do que a mera superfície da informação a respeito de alguém.

— Eu só pensei... Bem, não importa o que pensei. — Houve uma pausa. — Você ainda quer se encontrar em uma hora?

Jo olhou para o relógio. Só para dar um pouco de tempo a si mesma. Ha-Ha.

Dentro ou fora, disse a si mesma. Pescar ou cortar a isca.

Se seguisse com o plano? Era passível a continuar a ser sugada cada vez mais para dentro de um buraco de rato que não estava indo levá-la mais perto de meter sua bunda num trabalho de verdade...

— Jo?

Quando uma voz profunda disse seu nome, ela saltou e deu meia volta. Bryant estava inclinando-se no balcão diante de sua mesa.

— Jo? — Bill perguntou ao telefone.

Enquanto levantava o olhar para o belo rosto de seu chefe, teve uma ideia de exatamente porquê podia estar procurando desculpas para ficar em um emprego que não levava a lugar nenhum. E realmente, colírio para os olhos não te levavam longe também.

— Sim, estarei lá. — Disse para Bill e depois desligou. — Ei, está de volta mais cedo.

— Quem era esse? Seu namorado? — Bryant sorriu quando estreitou os olhos. — Você nunca me disse que tinha um.

— Isso é por que eu não tenho. Assinou essa relação? Posso começar a Múltipla Lista de Serviços... Ah, por que está me olhando assim?

O telefone de Bryant tocou na mão dele e a linha do escritório dela tocou em sua mesa, e antes que ele pudesse responder ela atendeu, tirando o fone do berço e indo para seu roteiro de saudação.

Foram dois toques antes de responder... Bryant realmente esperou por dois toques antes de aceitar a chamada... Mas seja qual for a distração que Jo ofereceu foi passada por cima quando ele disse com voz arrastada “Olá”, começou a rir e então se afastou.

É, bem na hora de acender os velhos hábitos.

— Fique com o troco, seu animal imundo...

Enquanto Rhage dizia a legenda, ele moveu o queixo, beijou a testa de Mary e se deliciou com seu bem-aventurado estado de relaxamento total. Em troca, ela se aconchegou mais perto de seu peito nu e bocejou tão forte que sua mandíbula fez barulho.

— Eeeeeeeeeeee lá se vai o cara da pizza. — Rhage riu enquanto colocava seu pirulito de uva na boca para outra chupada. — Sabe, eu amo a estátua pateta que todos esbarram na frente da casa.

Sozinho em casa. Na cama. Com sua *shellan*, a barriga cheia e o conhecimento seguro de que sua Mary tinha concordado em deixá-lo pegar mais dois filmes para eles.

Você pode pedir *Duro de Matar* e *Esqueceram de mim*?

Afinal, estava chegando a temporada das festas humanas, certo?

E cara, se isso não fosse o céu todo enrolado em uma macia nuvem branca, não sabia o que era. Seu corpo estava tão relaxado que até mesmo se sentia flutuar no ar e nenhum destes grandes nomes do cinema que ele tinha programado vinha com vinte lenços ou requisitos de proficiência de língua estrangeira.

Noite de cinema para eles podia ser uma coisa.

Mary gostava de coisas válidas. Ele gostava de cultura pop.

O gosto deles não batia. Mas ei, você tinha que se comprometer em um acasalamento. Essa era a maneira que a merda funcionava.

— O que estamos vendo agora? — Ela murmurou.

— Bruce Willis e Chevy Chase. Vou deixar você adivinhar o que eles estão estrelando.

Ela apoiou a cabeça no seu peito.

— Você está pegando um tema de Natal só pra mim?

— Sim. Quer me dar um beijo por ser tão atencioso?

Quando ela se inclinou, ele pegou o rosto dela entre as mãos e beijou-a profundamente. Quando se separaram, concentrou em seus lábios, sentindo aquele velho e familiar calor rolar onde contava mais em um macho.

— Posso apenas dizer o quanto estou ansioso pelo nosso banho antes da Primeira Refeição?

— Você está?

Quando ela sorriu para ele de forma lenta e agradável, aquele calor ficou mais forte ainda.

— Hmmm...

— Se você fosse qualquer outra pessoa, — Ela murmurou. — Eu me perguntaria como conseguiria ficar excitado novamente... Tipo, no próximo mês.

— Oh, estarei pronto pra você. Sempre.

Foi aí que algo mudou dentro dela. Ele soube no instante que isso aconteceu, embora teria sido bastante difícil descrever exatamente o que lhe deu a dica.

— O que foi? — Ele sussurrou. — Está pensando na Bitty?

Antes que ela pudesse responder, ele deu uma pausa no filme com o controle remoto, ironicamente bem no ponto em que Kevin colocava a loção pós-barba do pai e gritava bem alto.

Com um Macaulay Culkin de dez anos gritando para eles da tela plana pendurada na parede, Rhage afastou o cabelo de Mary longe de seu rosto.

— Fale comigo. — Disse.

Ela se deixou cair de costas.

— Eu não quero arruinar isso com mais de minhas coisas pesadas.

— Por que iria estragar alguma coisa?

— Qual é, Rhage... Sinto como se finalmente tivéssemos conseguido arrumar as coisas entre nós, mas aqui estou eu... Estragando novamente.

Ele franziu a testa e virou de lado, descansando a cabeça na palma da mão.

— Por que falar de Bitty atrapalharia alguma coisa entre nós? — Quando ela não respondeu, ele desenhou um círculo em seu braço nu.

— Mary?

Quando finalmente olhou para ele de novo, os olhos dela estavam molhados.

— Preciso te contar uma coisa.

— Qualquer coisa. — Inferno, após a última... A que horas foi isso? Perto do meio-dia? Oito horas com ela e sentia-se invencível no que dizia respeito a ela. — Não estou preocupado.

— Essa ferida de bala em seu... — Ela fungou e parecia determinada seguir em frente. — Quando você voltou da Besta tendo assumido e estava lá deitado no chão...

Ela colocou as mãos no rosto e olhou para o teto, como se estivesse de volta lá no meio daquele campo. E o primeiro instinto dele foi dizer para ela parar, colocar a memória pra longe e nunca mais voltar a esse momento.

Mas ela não era covarde com suas emoções. Nunca foi.

— Lutei para mantê-lo aqui. — Ela olhou para ele. — Eu... Implorei para Jane e Manny fazerem alguma coisa, qualquer coisa para ajudá-lo.

— Claro que você fez. Eu estava sofrendo, quero dizer, lidar ou não com o outro lado, isso não foi divertido para mim, eu te garanto.

— Sim. — Ela olhou para longe. — Não quero que você sofra.

Quando sua Mary ficou em silêncio, tomou uma das mãos dela e a trouxe à sua boca.

— Por que você acha que tentar salvar minha vida poderia ser uma coisa ruim? Quer dizer, não sou um de vocês, tipo terapeuta, mas estou captando uma clara vibe aqui que é disso que você está tentando se desculpar. O que é doido. Tanto em nível prático como clínico...

— EunãoqueiriadeixaraBitty.

— Desculpe, o que você disse? Não peguei.

Mary sentou-se, dobrando o lençol em torno de seus seios nus.

— Eu podia apenas ter encontrado você do outro lado... Mas quando as coisas caminharam pra isso, sim, eu me apavorei por que você não conseguia respirar e estava... A coisa de morrer estava acontecendo... Mas eu também não queria deixar Bitty. Queria que você ficasse para que eu pudesse continuar a ajudá-la. E sinto muito, oh Deus, Rhage, eu sinto muito.

Rhage piscou algumas vezes.

— Deixa eu ver se entendi. Você está se desculpendo comigo por que não queria deixar uma menina órfã que acabou de assistir sua mãe morrer para lidar com tudo isso sozinha? Sério?

— Sinto como se eu... Tivesse te traído de alguma forma. Quer dizer, o pacto sobre eu encontrá-lo no outro lado é sobre seu destino e o meu. Juntos. Só nós dois. Mas quando o impulso veio num empurrão, eu lutei, mas não por nós. Não realmente. Por que eu sabia que poderia vê-lo novamente. Lutei... Por outra pessoa. E isso parece realmente errado.

Rhage sentou também, enfiando o edredom em volta do seu colo. Colocado assim, ele meio que podia ver seu ponto de vista.

E ainda assim...

— Mary, se isto te ajuda de alguma maneira, eu não queria deixar meus irmãos para trás. Estava na maior parte preocupado com você e eu, e o que aconteceria com a gente, mas não era a única coisa na minha mente. Havia outras pessoas naquilo para mim também. — Ele sorriu e esfregou o queixo. — Mesmo que um deles tenha me atacado “duas vezes” logo depois que saí da cama. De qualquer forma, posso entender onde você está querendo chegar, mas pelo modo que eu vejo? Não espero que toda sua vida gire em torno de mim. Respeito sua profissão e te amo por tudo que faz no Lugar Seguro. Você sentiu naquele momento que tinha negócios inacabados que precisava lidar. Isso é algo que eu posso totalmente respeitar. — Ele franziu a testa. — Bem, desde que você pretendesse realmente me encontrar lá se eu não voltasse...

— Oh Deus, sim! — Ela estendeu a mão e o puxou para sua boca. — Juro pela minha alma. Mesmo que isso significasse deixar Bitty sozinha... Eu teria ido encontrá-lo. Eu *não* tenho nenhuma dúvida a respeito disso.

Rhage sorriu e embalou o rosto dela entre as mãos novamente.

— Então estamos todos bem. Você tem que saber, minha Mary, que seu comprometimento com seu trabalho é tanto uma parte do que eu amo sobre você quanto o resto... Você sabe, tudo. Não gaste mais um pensamento sobre os porquês do que você fez. Concentre-se em como é incrivelmente surpreendente que estamos aqui juntos, e tudo funcionou exatamente como deveria ser.

Ela levantou-se um pouco.

— Sério?

— Sim.

Beijaram-se, lenta e docemente desta vez. E então ele foi pra trás e levou um longo tempo só curtindo o cabelo dela despenteado, seus olhos sonolentos e seus lábios vermelho-rubi que estavam assim por que ele esteve fazendo amor com ela por horas.

— Você se sente melhor? — Disse.

Ela assentiu.

— Ah sim. Totalmente.

— Quer terminar o filme?

— Sim, realmente quero.

Rhage sorriu mais uma vez.

— Adoro quando você mente pra mim assim.

— É verdade!

Quando ele tornou a estabelecê-la em seus braços, virou a cabeça e tateou ao redor para encontrar o controle remoto.

— Que bom que nós falamos sobre isso. Quero dizer, olhe para Kevin. Ele pirou por que nós estivemos ignorando-o. O garoto vai precisar de uma terapia séria se continuarmos o mantendo congelado como está.

A risada de Mary se transmitiu do peito dela para o dele, e Deus, ele amava sentir isso. Em seguida ela suspirou e ficou ainda mais confortável... E poucos minutos depois caiu no sono rápido, respirando profundamente, no mesmo ritmo de alguém que tinha a consciência limpa e estava em paz com os que amava.

No momento em que os assaltantes estavam ficando cobertos de piche e penas, Rhage estava se sentindo sonolento, mas ficou acordado pelo resto do dia. Mas não por causa dos filmes.

Algumas vezes, todo o descanso que você precisava vinha na forma de abraçar a pessoa certa contra seu corpo e sentir seu calor, e saber que ela não estava indo embora.

Não sem você, de qualquer forma.

Amor verdadeiro, ele decidiu, era toda a recarga que ele procurava, muito obrigado.

Capítulo TRINTA E SETE

Em última análise, Mary escolheu ir de jeans.

Normalmente não era uma garota de jeans, mas no passeio de sorvete com Bitty não queria vestir seu uniforme profissional de blusa e calça. O objetivo era que fosse um ambiente descontraído, um passeio divertido, e de alguma forma aparecendo em um monte de coisas que precisava de limpeza a seco não dizia exatamente Baskin-Robbins¹⁴, trinta e um sabores com cobertura em cima.

— Como estou? – Disse Rhage atrás dela.

Afastando-se da escrivainha deles, ela olhou duas vezes...

— Bem? – Disse ele, girando em círculo. — Isto está bem?

— Essa camisa havaiana... – Ela riu. — ... era suposto ser uma piada.

Ele puxou a bainha da monstruosidade daquela lona tamanho gigante.

— É a única coisa que tenho que não é preta.

Bem, isso era verdade – e falando sobre missão cumprida. A camisa era tão longe de austera quanto se poderia conseguir: que foi por isso que ela comprou. A coisa tinha uma centena de variações na cor azul esverdeada, verde e pôr do sol pêssego num padrão de folha de palmeira absolutamente de tremer a retina.

— Eu só não quero ser todo soldado, sabe?

— É por isso que estou indo de jeans. – Ela fez uma careta quando olhou para si mesma. — Mesmo não sendo realmente mais uma fã deles.

¹⁴ Sorveteria famosa nos EUA.

— Mas eles te amam. — Ele murmurou, aproximando-se e envolvendo os braços em volta dela. Quando deslizou as mãos por sua bunda e apertou, ele murmurou: — Este dia anterior foi incrível, a propósito.

Ela colocou as mãos no peito dele e brincou com um dos botões rosa da camisa.

— Mesmo eu caindo no sono em cima de você?

— Especialmente por causa disso.

Eles se beijaram por um tempo, e então Mary deu um passo atrás e deu mais uma olhada nele.

— Honestamente, acho que você tem que ir com o que se sinta confortável.

— E não é essa roupa. Alguém do meu tamanho com tanta cor? Estou parecido com uma aura de enxaqueca ao vivo e a cores.

Enquanto ele se dirigia de volta ao closet, ela olhou para o jeans e decidiu seguir seu próprio conselho.

Dez minutos depois, eles deixaram a mansão com ele todo preto e ela de calças de yoga e uma jaqueta vermelha. Saindo do vestibulo, Rhage colocou o braço em volta dela e beijou o topo da sua cabeça.

— Vamos nos divertir.

— Obrigada por fazer isso. Sei que você teve que mudar seu turno.

— Tohr ficou feliz de assumir pra mim. Ele está realmente interessado em matar coisas agora.

— Por quê?

— Oh Deus, muitas razões pra contar. — Conduzindo-a para o chão de paralelepípedos e a fonte de inverno, parou ao lado do passageiro do GTO e abriu a porta. — Madame? Seu transporte.

Depois que a instalou, ele mesmo entrou e partiram, atravessando o escudo de *mhís* da montanha e disparando sobre a estrada sinuosa que os levava à rodovia. O Lugar Seguro estava há uns bons vinte minutos de distância, mas o tempo passou rápido.

A próxima coisa que ela soube, é que estava saindo e dizendo ao seu macho que estaria de volta logo.

Mary correu da calçada até a porta da frente, digitou o código e então estava no aconchegante interior. Indo para as escadas, ela...

— Estou aqui.

Ao som da voz de Bitty, ela parou.

— Ei. Como você está?

A garotinha estava vestida em uma de suas roupas, aquela parka preta dobrada em seu colo enquanto se sentava com as costas retas no sofá da sala de estar.

— Ele realmente veio? – Bitty perguntou quando ficou de pé. — Estamos realmente indo?

— Estamos.

Bitty foi até as cortinas fechadas e as separou.

— Oh, ele trouxe seu carro.

— Sim, como disse que faria. Acho que você vai descobrir que meu *hellren* sempre faz o que ele diz que vai fazer.

Mary já havia contado a Marissa sobre o plano e obteve a aprovação retumbante da chefe, mas queria checar apropriadamente.

— Você pode me dar dois segundos no meu escritório?

Quando a menina acenou com a cabeça, Mary correu lá em cima. Marissa não estava em sua mesa, então Mary atravessou o salão para enviar um e-mail rápido para toda a equipe.

Ela não conseguiu chegar tão longe. Pelo menos, não imediatamente.

Havia uma caixa de papelão em cima da mesa que era do tamanho de uma caixa de sapato, só que mais quadrada que retangular. Um envelope estava em cima dela, embora soubesse o que havia dentro antes de ler qualquer coisa.

A nota era curta, mas gentil. Mary a leu duas vezes, e em seguida levantou com cuidado a tampa. Dentro havia uma simples urna de bronze.

Uma enfermeira confiável de Havers tinha deixado as cinzas da mãe de Bitty ao anoitecer por que a fêmea queria poupar Bitty de qualquer viagem de novo até a clínica. Foi um gesto muito gentil; o tipo de coisa que faz você piscar rápido e tem que respirar fundo algumas vezes.

Voltando ao que estava fazendo, Mary deu a volta e entrou com o login em seu computador, enviou o e-mail e depois voltou lá pra baixo. Bitty estava no sofá mais uma vez, esperando pacientemente, mas tinha colocado o casaco.

— Pronta? – Perguntou Mary.

Quando a menina se levantou mais uma vez, Mary decidiu esperar para falar sobre a entrega. A criança merecia um passeio tranquilo para tomar seu sorvete...

— Viu o que estava em sua mesa? – Bitty levantou o olhar. — A Caixa?

— Ah, sim. Eu vi.

— São as cinzas da minha mãe.

— Sim. Havia um bilhete.

Bitty baixou os olhos para o chão.

— Uma enfermeira legal trouxe. Eu estava aqui embaixo já esperando, então a peguei. Coloquei lá em cima por que não tinha certeza do que eu deveria fazer.

— Você quer que a urna fique em seu quarto?

— Eu não sei.

— OK. Você não tem que decidir nada agora.

— Eu quero guardá-la. Você sabe...

Para o seu tio, Mary completou em sua cabeça.

— Para o meu tio. — Bitty concluiu. — Mas não tinha certeza se seria capaz de dormir com ela lá em cima. Quero dizer... É ela. Mas não é.

— Está perfeitamente certo você pensar sobre isso. E mudar de ideia. Ela está a salvo em meu escritório. Vou deixá-la bem na minha mesa. Nada vai acontecer a ela.

— Ok.

Houve uma pausa.

— Está pronta para ir agora?

— Sim, por favor.

Mary soltou um suspiro.

— Bom. Fico feliz. Vamos.

Bitty dirigiu-se até a porta, mas parou no meio do caminho.

— Senhora Luce?

— Sim?

Aqueles olhos castanhos se acenderam por uma fração de segundo e depois voltaram para o chão.

— Muito obrigada.

Tudo o que Mary pôde fazer foi piscar enquanto Bitty continuava seguindo para a saída.

— De nada. — Disse Mary numa voz rouca.

Ao lado de seu carro, Rhage encontrou-se enfiando sua camisa preta debaixo da jaqueta, ou melhor, tornando a colocar a coisa. Então correu os dedos pelo cabelo. Cara, ele precisava cortar essa coisa. Era como uma moita loura dos anos setenta, todo bagunçado.

Pelo menos o barbear mais rente que ele fez antes de deixar a mansão o estava deixando seguro. E estava limpo. Até lavou atrás das orelhas e entre os dedos dos pés.

Quando a porta do Lugar Seguro abriu e as fêmeas apareceram entre os batentes, levantou a mão e conseguiu duas levantadas para ele, uma de cada. Em seguida, Mary e Bitty estavam na frente dele, a garotinha olhando fixamente para ele como se fosse maior do que ela se lembrava. Ou mais loiro. Ou talvez de aparência mais estranha. Ou alguma coisa.

Quem diabos sabia.

— Oi. — Ele disse abrindo a porta do carro para ela. — Está pronta?

— Sim. — Bitty deslizou para dentro. — Obrigada.

— Você sabe o sabor que vai escolher?

— Baunilha?

Franzindo o cenho, ele colocou o assento na posição original e ajudou sua Mary a entrar.

— Huh. Bem. Isso é bom.

Quando sentou atrás do volante, ele se virou.

— Sabe, baunilha é ótimo. É uma boa escolha tradicional. Mas eles vão te deixar experimentar alguns de seus outros sabores antes de você escolher. Pode querer dar a isso uma chance ou misturar com baunilha. Tudo funciona.

— Que tipos de sabores têm ali?

— Oh meu Deus, muuuitos.

Ele pisou na embreagem, jogou a primeira, mas se segurou antes pisar fundo no acelerador. Não havia restrição de tempo aqui e não queria chacoalhar a pobre garota.

— Ei, colocou seu cinto de segurança? — Ele perguntou olhando pelo retrovisor.

— Desculpe. — Bitty se remexeu ao redor, colocando a tira no lugar cruzando seu tórax. — Não achei.

Rhage estendeu a mão e acendeu a luz.

— Aqui.

Clique.

— Obrigada.

Movendo-os para fora do meio-fio, manteve o limite de velocidade. E as leis de trânsito. E olhou de cara feia para um SUV que cortou entrando na frente deles.

A Melhor Sorveteria da Bessie estava pintada de rosa brilhante do lado de fora, e preto e branco por dentro. Com mesas e cadeiras cor de rosa, música dos anos 50 saindo dos alto-falantes, e atendentes que tinham saias rodadas para as meninas e camisetas estampadas e calças para os caras, Rhage sempre ficou impressionado com o quão perto precisamente eles chegavam de Elvis, entrando na vibe do movimento de quadril.

Como alguém que tinha tomado sorvete nos anos 50, ele se lembrava de primeira mão como as coisas eram, muito obrigado.

E sim, havia escolhido o lugar certo.

Bitty estava encantada com o lugar, seus grandes olhos vagando ao redor como se nunca tivesse visto nada como aquilo, o que infelizmente, sem dúvida, era a verdade. Felizmente havia apenas alguns clientes humanos: um casal que tinha mais de sessenta anos no canto, um pai com três filhos no meio de uma das maiores mesas, e duas adolescentes que estavam tirando selfies com os lábios cobertos de gloss fazendo biquinho e seus sorvetes derretendo pelos lados em pequenos copos de papel.

Dirigindo-se para onde era feito o pedido, sorriu para a garota em seus vinte anos de idade em sua saia rodada... E então realmente desejou que não tivesse feito.

— Oh! — Foi tudo o que ela parecia ser capaz de dizer enquanto olhava fixamente do outro lado dos potes de sorvete dentro da vitrine da geladeira.

— Gostaria de tentar algumas amostras. — Ele pediu.

E você poderia, por favor, por favor mesmo, parar de me olhar assim? O único creme de chantilly que você estará colocando em alguma coisa será na minha banana split.

Não, não naquela banana split...

E pode pular as nozes¹⁵.

Ok, vamos lá, estava realmente discutindo consigo mesmo sobre suas próprias insinuações aqui...

— Os que você quiser. — Ela realmente bateu os cílios. — Que sabores? E pode tentar as coberturas também. Se você quiser.

¹⁵ Nuts - Nozes, mas também gíria de bolas, saco.

As palavras foram ditas rápidas e acentuadas por todos os tipos de inclinações, e exibindo tudo aquilo que aquele pequeno botão baixo escondido dentro daquela grande saia não conseguia cobrir.

— Deixa eu perguntar para minha esposa. — Usou deliberadamente o termo humano. — Mary?

O sorriso de Mary foi fácil e relaxado, e adorava aquilo nela, era tão confiante em si mesma e no amor dele por ela, nunca reclamava, não importa quantas mulheres dessem em cima dele.

— Fico com o de chocolate, com chocolate crocante na casquinha.

— Bitty? Você gostaria de diversificar além de baunilha?

A menina o surpreendeu chegando perto.

— Eu acho que... Sim, eu poderia, por favor, experimentar algum?

Quando Bitty olhou para a humana, a garçonete se endireitou um pouco, como se o interruptor em sua libido tivesse sido abaixado um pouco.

— Quer que eu leve pra você e seu pai uma amostra? Vou pegar e você pode experimentar na mesa.

Todos congelaram. Ele. Mary.

Não, espere, Bitty não congelou.

— Ele não é meu pai. Mas sim, por favor.

A humana não pareceu se importar de uma forma ou de outra. Ela apenas se virou e pegou uma bandejinha com doze diferentes pequenos cones de papel dispostos em um suporte de papelão.

Ele não é meu pai.

As palavras saíram suavemente e sem hesitação, como se Bitty tivesse dizendo um destino em um mapa ou apontando um livro em uma prateleira. Enquanto isso, Rhage ainda estava parado no seu lugar enquanto os minicones

eram feitos e a bandeja era colocada em cima do balcão, e a casquinha de Mary era entregue na mão dela ainda ligeiramente trêmula.

Quando seus olhos se encontraram, era óbvio que ela estava preocupada com ele, e estava um pouco preocupado também. Sentiu como se tivesse levado a porra de um soco no estômago.

— ... mesa?

Sacudindo-se, olhou para a garçonete.

— Desculpe?

— Quer levar isso com você? Quer dizer, posso levar para sua mesa se quiser.

— Não, não, está tudo bem. Obrigado. Volto a pedir mais e então vou pagar.

— Certo. Está bem.

O *tanto faz* foi silencioso. Não que ele desse a mínima.

Indo para a mesa ao lado da placa de saída de emergência – que escolheu por hábito só pro caso, você sabe, de os dez *lessers* remanescentes na cidade de Caldwell viessem a explodir através daquela porta rosa à procura de um caminho perigoso – colocou a bandeja na mesa e entregou uma colher rosa para Bitty.

— Fique à vontade. E então pode me dizer o que você quer numa casquinha ou num sundae, ou decidir que está cheia o suficiente.

Bitty apenas olhou para a amostra de várias cores e texturas. Desde os verdes brilhantes do pistache e chocolate crocante com menta, até o coral por do sol na praia de algum tipo de sorvete tipo smoothie, e o rosa alegre do morango, esta era realmente uma boa amostra representativa.

— Por onde começo? – Perguntou ela.

— Em qualquer lugar. – Disse Mary enquanto se sentava com sua casquinha.

— Quer que eu vá primeiro? – Ele perguntou.

— Sim. Por favor.

Sim, uau, pela primeira vez na história, ele encarava um sorvete e não tinha nenhum interesse nele.

— Acho que vou começar por aqui. — Ele murmurou, levantando a colher com algo que não foi nem um pouco registrado na sua língua.

— É bom? — Perguntou Bitty.

— Ah, com certeza. Absolutamente.

Quando ela se inclinou e enfiou sua colher rosa na metade que ele tinha deixado para trás, ele olhou para Mary.

Sua *shellan* estava focada em Bitty como se alguma coisa na forma como a garotinha experimentava a sobremesa pudesse oferecer alguma pista importante sobre a forma como o luto estava indo. E foi engraçado... Quando olhou de uma para a outra, ficou surpreso quando notou pela primeira vez que ambas tinham cabelos castanhos.

De fato, Bitty parecia como se ela pudesse ser...

Sim. Uau.

Ele precisava recuar aqui. Afinal, havia quantos vampiros no planeta? E humanos? Portanto, o fato de que ambas aconteciam de ser ambas do sexo feminino e tinham cabelos escuros em oposição a loiros, ou ruivos, ou pretos, não era uma enorme surpresa.

Disse firmemente a si mesmo que não havia absolutamente nada cósmico ou predestinado sobre eles três sentados aqui nesta sorveteria, além do fato de que o tipo particular de sobremesa servida debaixo deste teto rosa só aconteceu para provar a existência de um Deus benevolente.

— ... por favor?

— O que? — Ele disse. — Desculpe. Fiquei distraído com o menu acima daquele balcão ali.

— Acho que gosto mais do chocolate crocante. — Disse Bitty.

Rhage deu uma olhada para Mary novamente e em seguida teve que desviar o olhar.

— Considere isso feito. Em um copo ou numa casquinha?

— Eu acho que...

Casquinha, ele terminou em sua cabeça.

— Casquinha. — Disse Bitty.

— Entendido.

Enquanto se levantava e voltava para a humana nessa saia rodada, ele disse:
Não. Todas as crianças gostavam de chocolate. Crocante. Em casquinhas.

Não havia algum tipo de destino trabalhando aqui.

Sério.

Totalmente.

Não havia.

Capítulo TRINTA E OITO

O vento gelado varria a colina ondulante, esvoaçando as folhas caídas e jogando-as sobre os mocassins Bally de Assail. Lá embaixo, o Hudson parecia estático no cenário noturno, como se sua corrente tivesse se revertido durante a noite com a partida do sol, e a água estivesse aliviada por poder tirar um descanso. Ao norte a lua surgiu, um pedaço brilhante e claro de luz na profunda escuridão do céu aveludado.

Como o ar gelado incomodava seu nariz ferido, ele respirava pela boca. Mas mesmo sem a grande vantagem do olfato aguçado, sabia quem se aproximava.

Ele não chegou a se virar, mas olhou na direção do visitante.

— Um local bastante romântico.

A voz de Throe era baixa.

— Eu vou matá-lo.

Assail revirou os olhos e olhou por cima do ombro.

— Uma arma? Sério?

O macho estava em pé diretamente às suas costas, pistola automática na mão, o dedo no gatilho.

— Acha que não sou capaz de atirar?

— Só por que eu te beijei? Ou por que você gostou? – Assail voltou a olhar para o rio. — Como você é fraco.

— Você é um...

— Seu corpo não mentiu. Por mais que seu cérebro tenha opinião contrária, ambos estamos plenamente conscientes de sua excitação. Se não consegue encarar esta realidade é problema seu, não meu.

— Você não tinha o direito!

— E você tem uma visão muito tradicional do sexo, não tem?

— Não quero você perto de mim de novo.

— Você não ia atirar? Ou já passamos deste ponto? Talvez tenha percebido o quão incrivelmente covarde seria atirar pelas costas em um homem perfeitamente inocente.

— Não há nada de inocente em você. E não confio em sua presença na casa de Naasha.

— E, no entanto, você não passa de um convidado dela, certo? Um que por acaso acaba sendo útil para manter a senhora da mansão aquecida durante estes dias incrivelmente frios... E com o *hellren* dela dormindo no quarto ao lado. É, não há nada inescrupuloso nisto. Tão louvável.

— Meu relacionamento com ela não é da sua conta.

— Bem, é e não é. Você obviamente não está conseguindo satisfazê-la totalmente... Ou eu não teria sido chamado na noite passada.

— Ela queria exhibir os brinquedinhos dela. Semana que vem será outra pessoa.

— Ela te faz dormir no porão? Em um quarto escuro? Ou deixa você ficar no andar superior junto com os adultos? Aliás, vai atirar em mim? Se não, talvez possa vir aqui e me olhar na cara. Ou não confia em si mesmo?

O som de folhas pisadas deu a volta. E então Throe apareceu à esquerda com o longo casaco de lã esvoaçando ao vento.

— A propósito, isto aqui não é um parque onde os humanos levam seus cachorros para passear? – Assail olhou ao redor do terreno ondulante e então

apontou para o outro lado do rio. — Eu moro ali, como deve saber, vejo humanos e seus animais deste lado da colina em noites mais amenas...

— Cuidado com o que fala.

— Ou o que? — Assail inclinou a cabeça para o lado. — O que vai fazer comigo?

— Vai tomar no cu.

— Sim, por favor. Ou vice-versa, você é quem sabe.

O rubor que subiu pelo pescoço até as faces de Throe era visível à luz da lua. E o macho abriu a boca como se estivesse a ponto de retrucar rispidamente. Mas então seus olhos cintilantes baixaram... E se fixaram na boca de Assail.

— E então, o que vai ser? — Assail murmurou. — Por cima... Ou por baixo?

Throe praguejou.

E então desapareceu no ar, desmaterializando para longe da colina... Deixando uma única interpretação: ele estava mais curioso do que queria admitir, mais faminto do que podia ocultar, mais desesperado do que podia suportar. O macho veio com um objetivo, mas não conseguiu cumpri-lo por sua causa.

Sozinho na colina, Assail ficou surpreso no quão pouco se importaria caso aquele gatilho tivesse sido apertado.

Lá embaixo na água, uma embarcação flutuava contra a corrente, propulsionada por alguma espécie de motor. Sua luz traseira era branca, e a metade vermelha de sua lanterna de proa era visível. Ambas ondulavam languidamente.

Não eram seus contatos importadores. Não havia luzes na embarcação deles.

O que o lembrava... Vishous fez uma encomenda de armas. Nada exótico e em número relativamente baixo.

A Irmandade estava testando-o primeiro como fonte... E Assail respeitava isto. Mas seus fornecedores não ficariam contentes com uma quantidade tão pequena por muito tempo. Havia uma análise de custo-benefício que era feita quando alguém burlava as leis humanas, e seus contatos já não tinham gostado nada do fato de suas encomendas de cocaína e heroína terem cessado de forma tão abrupta.

Bom, quase todas as suas encomendas de cocaína. Ele ainda tinha suas próprias necessidades a considerar.

A entrega das armas não seria feita até a noite seguinte, o que achava decepcionante.

Tinha tempo disponível demais agora. E na verdade, embora estivesse comprometido com o trabalho que tinha a executar para Wrath, e estivesse ansioso para fazer Throe abrir mão de toda aquela convenção sexual rígida, não dava para dizer que algo daquilo lhe causasse excitação ou motivação.

Com as mãos nos bolsos de seu casaco de *cashmere*, jogou a cabeça para trás e observou o céu sem conseguir ver nele uma versão de paraíso, mas meramente um espaço vazio e frio.

Por alguma estranha razão, ao endireitar a cabeça estava com o celular na mão.

E antes de conseguir se segurar, fez uma chamada. Chamou uma vez. Duas. Três...

— Alô? — Uma voz feminina atendeu.

O corpo de Assail respondeu como um diapasão, suas veias vibraram dentro da pele, as ligações nervosas em seu cérebro foram invadidas por um zumbido que nem mesmo a cocaína conseguia chegar perto.

— Alô?

Fechando os olhos, murmurou algo que ficou feliz por Marisol não conseguir ouvir, nem ler em seus lábios – e então afastou o celular do ouvido. Ao encerrar a

ligação, perguntou a si mesmo por que é que continuava a se torturar assim, ligando para ela e desligando em seguida.

Mas também, não é como se só gostasse de torturar os outros, não é?

Afinal, inimizadas, como gentileza, começavam em casa.

Era como esperar a tinta das paredes secar.

Ao acender outro cigarro enrolado à mão e recostar-se nas prateleiras cheias de urnas de *lessers*, Vishous observou o brilho da luz das tochas refletirem no rosto feio pra caralho de Xcor. Ele começou seu turno ao anoitecer e tinha mandado Butch trabalhar na cidade. A esta altura, era um desperdício de recursos ter mais de uma pessoa dando uma de babá para o bastardo.

Acorde cuzão, ele pensou. *Vamos lá, abra os olhos.*

É, isto parecia impossível pra caralho. Os músculos que estiveram se contraindo daquele único lado do corpo de Xcor tinha cessado durante o dia e, agora a única interrupção da completa imobilidade da morte era o subir e descer daquele peito. O equipamento de monitoramento... Que V tinha silenciado por que, um: ele conseguia ver as leituras perfeitamente bem; e dois: o bip incessante o estava levando à loucura, fazendo-o querer destruir a coisa – indicava que, para alguém em coma profundo, as funções básicas de Xcor estavam indo bem demais. E enquanto isto, o acesso venoso bombeava fluídos e nutrientes nas suas veias, o cateter drenava sua bexiga e aquele cobertor elétrico mantinha sua temperatura elevada.

V desejava *muito mesmo* que o bastardo voltasse a si.

Era coisa demais para pensar...

Quando o celular soou o recebimento de uma nova mensagem de texto, visualizou, e então se levantou e caminhou, cobrindo rapidamente a distância até o portão.

Jane estava esperando do outro lado das barras de aço com a malha de metal, uma sacola pendurada no ombro, casaco branco e jaleco azul insanamente eróticos, mesmo sendo infernalmente largos, celular na mão enquanto digitava uma mensagem de texto para alguém. Concentrada em seu celular, com os cabelos louros curtos caídos para frente e obscurecendo seu rosto, mas ainda assim, podia ver que estava sem maquiagem... E por alguma razão, notou especialmente suas unhas curtas e sem esmalte.

Ela sempre mantinha aquelas unhas extremamente curtas para não rasgar as luvas cirúrgicas.

Ou órgãos internos.

Por um momento, parou e simplesmente ficou encarando-a. Ela estava tão enterrada no trabalho que nem tinha notado sua aproximação, e cara, ele amava aquilo nela. Sua mente, aquele enorme mecanismo debaixo de seu crânio, era seu lado mais sexy, a força que o desafiava, dava-lhe chão... E fazia-o sentir-se de vez em quando como se possivelmente, talvez ele não fosse realmente a pessoa mais inteligente da casa.

E então, é claro, havia ela no meio do campo de batalha com partes de corpos de *lessers* para todo lado, armas e a possibilidade de caos devastador tão perto quanto a grama sob seus pés, e sua completa concentração em salvar seu irmão.

— V?

O modo como ela disse seu nome sugeria que devia estar tentando chamar sua atenção algumas vezes.

— Desculpe, ei. — Ele liberou a tranca e abriu o portão, postando-se de lado para ela poder passar com todo aquele equipamento. — Quer ajuda com isso?

— Não, tudo bem. — Ela lhe deu um sorriso e foi direto aos negócios. — Como estão as coisas aí?

Engraçado, eles não se abraçavam muito, não é? Os outros casais na mansão dificilmente se desgrudavam, mas ele e Jane? Sempre havia muito o que conversar.

Tanto faz, ele nunca se incomodou antes com essa bobagem sentimental.

Afinal, qualquer coisa remotamente mais cor-de-rosa deixava-o desconfortável. E não só por que podiam indicar a localização uma infecção dermatológica.

— Xcor e eu estávamos brigando. — Quando os dois caminharam lado a lado pelo corredor, suas sombras aumentavam e diminuía, conforme passavam por várias tochas. — Ele é torcedor do Yankees, então pode imaginar o tipo de papo que tivemos. Mas temos algo em comum. Ele também odeia minha mãe.

A risada de Jane foi profunda e meio súbita, um som discutivelmente feio que ele amava pra cacete.

— É mesmo? — Ela pegou uma das bolas. — Mais alguma conversa digna de nota?

— Ele não tem nenhum gosto musical. Nem ao menos conhece Eazy-E.

— Está certo, isto é realmente errado.

— Eu sei. Esta juventude de hoje em dia... O mundo está indo latrina abaixo.

Ao lado da cama de Xcor — ou da maca, como era o caso — Jane livrou-se de sua carga e então ficou parada ali, os olhos passando pelo paciente e interpretando as leituras dos sinais vitais.

— O tempo da bateria é maior do que pensávamos. — murmurou V ao dar uma tragada. — Ainda temos algumas horas antes de precisar trocar.

— Que bom... Vou deixar a bateria reserva aqui do lado.

V afastou-se e deu-lhe um pouco de espaço para verificar o cateter de Xcor, trocar a bolsa de solução salina e administrar algumas medicações pelo acesso venoso.

— Então, o que acha? – Perguntou ele. Não porque não tivesse sua própria opinião, mas mais porque amava quando ela se punha a falar em termos clínicos.

Quando ela começou a desfiar um número incontável de termos médicos multissilábicos derivados do latim, ele teve de mudar a posição de seu membro dentro das calças de couro. Algo nela, quando ficava toda profissional, fazia-o querer cair em cima dela. Provavelmente tinha a ver com a coisa da vinculação – queria marcar esta pessoa espetacular como só dele para que o mundo todo soubesse que precisavam manter a porra da distância.

Jane era a única fêmea que tinha conseguido causar este tipo de reação nele. E sim, se tivesse de analisar psicologicamente esta situação, provavelmente descobriria que isto era por causa de sua mente, focada na paixão dela pelo trabalho, merda, seu compromisso incansável pela perfeição o fazia sentir-se meio como se tivesse que estar sempre correndo atrás dela para alcançá-la.

Basicamente ele era um predador típico: a caça era mais elétrica do que a captura e a consumação.

E com Jane, havia sempre algo a perseguir.

— Olá? V?

Quando seus olhares se cruzaram, ele franziu o cenho.

— Desculpe, eu me distraí.

— Tem coisa demais acontecendo. – Ela sorriu de novo. – De qualquer forma, eu estava dizendo que tenho uma reunião com Manny e Havers. Estamos pensando em abrir a cabeça dele. Quero observá-lo pelas próximas doze horas, mas a pressão no cérebro está aumentando gradualmente, mesmo com o dreno que coloquei esta manhã.

— Dá para operar aqui?

Ela olhou ao redor.

— Acho que não. Há muitos detritos no ar. A luz é fraca. Mas mais do que tudo, vamos precisar de aparelhos de imagem que não podemos trazer para uma caverna.

— Bem, me avise o que quer e providencio a remoção dele.

— Você é o melhor.

— É, sou mesmo. E também faria qualquer coisa por você.

Quando seus olhares cruzaram, ela colocou as mãos nos bolsos e recuou até se apoiar nas prateleiras.

Quando ela não disse mais nada, ele franziu o cenho.

— O que foi?

— Então, quer me dizer o que está se passando na sua cabeça?

V sorriu suavemente e perdeu pouco tempo olhando para a ponta de seu cigarro enrolado à mão. No silêncio, pensou em deixar a pergunta pra lá, mas isto era por que odiava abordar qualquer coisa remotamente emocional.

— Sabe, eu negaria que estou tendo um ataque de pelancas, mas...

— Seria uma perda de tempo.

— ... seria uma perda de tempo.

Ambos sorriram quando falaram as mesmas palavras, ao mesmo tempo e na mesma entonação. Mas então ele ficou sério.

Apagando o cigarro na sola do coturno, jogou a bituca na lata de coca que vinha usando como cinzeiro. Para ganhar mais um momento, ele olhou para as centenas e centenas de urnas ao redor deles. Então olhou para Xcor.

Esta não era bem uma conversa que queria ter na frente de qualquer pessoa. Mas o bastardo tinha quase tanta consciência quanto um dos sofás de couro do

Pit. E aqui e agora era melhor do que qualquer outra versão de depois e outra hora que envolvesse a mansão caótica onde vivia com sua companheira.

— Você já pensou em ter filhos? – Disse ele.

Capítulo TRINTA E NOVE

— Então, vai me contar mais sobre as pessoas com quem você mora?

Ao ouvir a pergunta de Bitty vinda do banco traseiro do GTO, Mary olhou de esguelha para Rhage. Os três voltavam para casa com a pança cheia de sorvete, a maior parte da tensão sobre o assunto “pai” dispersada. Mas cara, aquele tinha sido um momento difícil... Bem, pra todo mundo, menos pra Bitty. Ela não pareceu se importar.

O mesmo não podia se dizer dos dois adultos que a acompanhavam. Nada lançava mais luz sobre o tema “impossibilidade de ter filhos” do que aquilo. Mas pelo menos, o resto do passeio tinha sido um sucesso estrondoso.

— Quer saber mais sobre o meu pessoal, hein? – Rhage olhou pelo espelho retrovisor e sorriu. — Deixa eu ver. Quem mais? Já falamos do Rei, dos animais e de Lassiter. Que na verdade devia estar junto dos animais. Então... Está bem, você já viu gêmeos?

— Não, nunca. Eu não tinha permissão para sair de casa.

Rhage piscou.

— Sinto muito, Bitty. Isto deve ter sido muito difícil pra você.

— Meu pai não queria que nos encontrássemos com ninguém.

Mary tentou conter um estremecimento.

Rhage franziu o cenho, e ela o sentiu segurar sua mão.

— Deixa eu te perguntar uma coisa, Bitty. – Disse ele.

— Está bem.

— Como aprendeu a ler? E você também fala muito bem.

— Minha *mahmen* era professora. Antes de conhecer o meu pai.

— Ah.

Mary virou-se no banco.

— Você gostaria de ser professora também?

As sobrancelhas da garotinha se levantaram.

— Sim, acho que gostaria. Mas não sei onde estudar para isto. Minha *mahmen* fez o curso na Carolina do Sul.

Mary tentou não demonstrar nenhuma reação.

— Mesmo? Sua mãe nunca disse que era de lá.

— Os pais dela moravam lá. Mas eles morreram.

— Ouvi falar de uma colônia naquela região. — Rhage declarou.

— Meu pai era um trabalhador itinerante. Ele costumava se mudar a cada estação, trabalhando para humanos até conhecê-la. Então eles se mudaram para cá e ele virou eletricista da espécie. Começou a beber cada vez mais e as coisas mudaram. Eu nasci depois que ele piorou... Talvez tenha sido por minha causa.

Mary ficou em silêncio, tanto por esperar que Bitty continuasse, mas também por que era difícil ouvir uma criança falar daquele jeito. E então franziu o cenho ao perceber que já estavam perto do Lugar Seguro.

Olhando para Rhage, quis encorajá-lo a continuar falando... E ele anuiu de forma sutil como se soubesse exatamente qual era sua intenção.

Talvez se ele continuasse a dirigir, Bitty continuasse a falar.

Por que nada daquilo estava no prontuário da mãe.

— Às vezes, — Disse Mary. — O álcool machuca mesmo as pessoas.

— Meu pai batia na gente. Não a cerveja que ele bebia.

Mary pigarreou.

— Tem razão, Bitty.

A garota ficou em silêncio, e então, antes de Mary poder dizer qualquer outra coisa, ela voltou a falar.

— Posso perguntar uma coisa, Sra. Luce?

Mary virou-se de novo e concordou ao fitar os olhos da garota.

— Qualquer coisa.

— Você disse que sua *mahmen* morreu, certo?

— Sim, verdade.

— Então onde você fez a cerimônia do *Fade* para ela?

— Bem, Bitty, isto é uma... — Ela prendeu uma mecha do cabelo atrás da orelha. — A verdade é que eu era humana, Bitty.

A garotinha recuou.

— Eu... Não sabia.

— É uma história muito, muito longa. Mas eu o conheci e me apaixonei. — Ela colocou a mão no ombro de Rhage. — E então algumas outras coisas aconteceram. E vivo no mundo vampírico desde então. Minha vida é aqui, com vocês, e não vou voltar ao que era antes.

As sobrancelhas de Bitty cerraram de novo sobre a ponte do nariz.

— Mas o que houve com sua família? Você os trouxe com você?

— Era só minha mãe e eu. E depois que ela morreu, eu não tinha nada que me mantivesse presa àquele mundo. Graças a Rhage... — Ela olhou de esguelha para ele e sorriu. — Bem, por causa dele eu encontrei um novo lar.

— Você tem filhos?

Mary negou com a cabeça.

— Não, eu nunca vou poder tê-los.

Novamente aquele recuo.

— Nunca?

— Não. É como foram as coisas para mim. Mas tenho meu trabalho no Lugar Seguro e há tantas crianças lá precisando de minha ajuda. — Como você, por exemplo. — Então faço deste jeito minha contribuição ao futuro, às crianças.

Bitty franziu o cenho por um tempo mais longo; então olhou para Rhage.

— E você? Você teve filhos? Antes de conhecer... Bem, ela?

Rhage buscou por Mary novamente, sua grande mão pousando sobre o braço dela em um toque cálido e forte.

— Acho que eu até poderia tê-los. Mas se não for com ela, então não vai ser com mais ninguém.

— Minha *mahmen* disse que filhos são a maior bênção da vida.

Mary anuiu através de uma dor súbita em seu coração.

— E ela tinha muita razão ao dizer isto.

— Então, gêmeos? — Bitty disse.

Rhage respirou fundo, como que forçando a si mesmo a voltar à conversa normal.

— Ah, sim. Gêmeos. Então, de qualquer forma, temos dois gêmeos na casa. Eles são idênticos, mas na verdade não se parecem muito.

— Como é possível?

— Bem, um foi feito escravo de sangue.

— O que é isto?

— É uma prática que foi tornada ilegal pelo Rei. É quando alguém é aprisionado contra sua vontade para servir de fonte de sangue para outro. Zsadist foi ferido durante a fuga e ficou com cicatrizes permanentes, e Phury, seu gêmeo... Que foi quem o ajudou a escapar... Perdeu parte da perna no processo. Mas tudo deu certo. Ambos são vinculados agora e Z tem a filha mais maldita... Er, bendita... Fofa do planeta. Você iria gostar de Nalla, ela é um docinho de criança.

— Acho que eu gostaria de ter filhos um dia.

Mary virou-se de novo.

— E vai poder.

— Mas você não pode, não é? E se eu também não puder?

— Bem, pode ser que aconteça. Mas gosto de acreditar que se a gente pensar positivamente, coisas positivas acontecem. Então visualize a si mesma com uma família feliz, vinculada a um macho que te ama e que cuide de você e te deixe cuidar dele. E então visualize um bebê todo quentinho, agitando-se em seus braços. Veja que ela tem os seus olhos ou talvez o cabelo dele seja igual ao do pai. Mentalize e pense positivo, faça acontecer.

— E, de qualquer forma, — Rhage completou. — Mesmo que aconteça de você não poder ter filhos, é sempre possível adotar um. Ou trabalhar com crianças, como a Mary. Sempre há um jeito de contornar as coisas.

— Sempre. — Concordou Mary.

Eles seguiram viagem um tempo mais e então Rhage voltou ao Lugar Seguro. Ao passarem pela entrada e estacionar o GTO, ele pigarreou.

— Então, Bitty.

— Sim?

Rhage virou os ombros enormes para poder olhar para a garota.

— Amanhã à noite eu trabalho, mas na outra estou de folga. Quer jantar com a gente? Eu queria jantar fora.

— Em um restaurante? – Bitty perguntou.

— Sim. No TGI Fridays, conhece?

— Bem, na verdade não.

— E então, o que acha?

Eeeeeee ali estava só mais uma razão para amá-lo mais, não é? Mary pensou.

Saindo do carro, ela puxou o seu banco para a frente.

Bitty ergueu os olhos para ela.

— Não teria problema, Sra. Luce?

— Absolutamente.

— Então sim, por favor.

— Ótimo! – Rhage bateu palmas. — Oh, meu Deus, você precisa experimentar o sundae de brownie deles. É incrível!

Bitty ficou parada no meio-fio por um momento. Então ergueu a mão para dar um tchauzinho.

— Obrigada. Pelo sorvete.

— Mal posso esperar pelo jantar!

Mary posicionou o banco de volta no lugar, inclinando-se para apoiar a mão sobre o couro ainda aquecido de onde ela tinha sentado.

— Te vejo em casa?

— Mmmmm-hmmmm.

Esticando-se, ela o beijou na boca.

— Amo você.

— Amo você também, minha Mary. — Rhage puxou-a para baixo para outro beijo e baixou a voz. — Banhos são divertidos. Sabia disso?

Com o rosto aberto em um sorriso, ela permaneceu ali, erguendo uma sobrancelha.

— Oh, sério?

— Acho que vou preparar um pouquinho antes da Última Refeição. Quer dividi-lo comigo?

— Isto significa que vamos comer no quarto de novo?

— Deus, espero que sim!

Ela riu ao se endireitar para fora do carro.

— Volto para casa no horário de sempre, está bem?

— E já sabe onde me encontrar!

Ao se afastar, encontrou Bitty olhando de um para outro. E então o carro foi ligado e Rhage partiu, deixando marcas de pneus no chão.

Mary riu.

— Que exibido!

— O que quer dizer?

— Ele está tentando nos impressionar com seu carro. — As duas olharam para a casa. — Garotos fazem isto. Não conseguem evitar.

À porta da frente, Mary digitou a senha, e ao abri-la, o cheiro de biscoitos com gotas de chocolate inundou seu nariz.

— Uau. Já é a segunda vez esta semana.

Ela quis sugerir à Bitty que seguissem os sons de risada e conversas até a grande cozinha para encontrar todo mundo, mas a garota seguiu direto para a

escada. Esperando alguma abertura a mais ou chance de conversar, Mary a seguiu até o segundo andar e parou em frente ao seu escritório.

— Você vai para o sótão? — Disse ela. — Vou ficar aqui vendo uns documentos, se precisar de alguma coisa. Ou sabe, se quiser ir fazer biscoitos?

Bitty deu de ombros naquela parka grande e acolchoada.

— Acho que vou para o quarto. Mas obrigada.

— Está bem. Bom, boa noite.

— Boa noite...

— Eu vou estar por aqui. Até o amanhecer.

— Obrigada.

Mary permaneceu onde estava, em frente à porta aberta do escritório, enquanto Bitty seguia para a escada...

Aconteceu rápido demais. Em um momento, a garota se afastava. No seguinte, tinha se virado e corria de volta para Mary.

Seus braços enlaçaram Mary rápido como uma respiração, e o abraço não durou muito mais do que isso.

E então Bitty se foi, subindo para o sótão sem mais nenhum olhar ou palavra.

Mary ficou onde estava.

Por bastante tempo.

Está bem, então *aquilo* tinha acontecido, pensou V enquanto suas palavras pairaram no ar entre ele e Jane.

Você já pensou em ter filhos?

Quando sua companheira ficou realmente imóvel e muito, muito quieta, ele praguejou baixinho... Mas aquele não era o tipo de pergunta que se podia retirar. Mesmo se houvesse um inimigo meio morto jazendo em uma maca entre vocês dois.

E os dois estivessem, tipo, cercados por mil corações dentro de urnas.

E no meio de uma noite de trabalho para ambas as partes.

Puta merda, aquilo tinha mesmo saído de sua boca.

Oh, e a propósito, ele ia socar Rhage quando o visse de novo. Mesmo que não fosse tecnicamente culpa do Hollywood. Tudo o que o cara tinha feito era a pergunta, por que claramente tinha algo em sua própria cabeça.

Mas ainda assim, V ia socá-lo.

— Uau. — Disse Jane, lentamente. Ela esfregou o nariz e jogou os cabelos curtos para trás. — Isto é uma surpresa.

— Ouça, esqueça que toquei no assunto...

— Não, não vou esquecer. Você está perguntando por que quer filhos ou por que quer saber se eu quero?

— Eu quero saber o que você pensa a respeito.

E sim, talvez fosse estranho que este assunto não tivesse surgido antes, mas era bem evidente que Jane era impossibilitada, biologicamente falando, quando se comprometeram um com o outro, e um monte de merda tinha acontecido desde então.

— Bem, o que você acha? — Disse ela.

— Perguntei primeiro.

— Isso é tipo o jogo da galinha¹⁶? Ou uma conversa íntima?

Ambos ficaram em silêncio. E então, ao mesmo tempo, disseram em uníssono:

— Não é uma prioridade para mim.

— Não é uma prioridade para mim.

Quando V riu, Jane riu também e ele teve a impressão que a tensão abandonava o corpo de ambos, já que foi visível a posição dela relaxando, com um suspiro quase de alívio.

— Ouça. — Disse V. — L.W. e Nalla são fofos e tudo o mais. Mas eles me interessam mais por serem uma parte da vida de Wrath e Z, não por que eu queira algo assim para nós. A menos, sabe, que isto se torne importante para você.

— Bem, eu não posso ter filhos. Digo, tecnicamente, estou morta. — Ela revirou os olhos. — Mas posso dizer que de vez em quando, quando eu digo algo assim, tenho um início de crise existencial? Tipo, como infernos isto se tornou minha vida... Não que não seja um milagre ou coisa assim. Mas putz.

— E você está vinculada a um semideus.

— Você acabou de se autopromover?

— Talvez. Pode me culpar? — Quando ela riu, exatamente o que foi sua intenção, V ficou sério de novo. — Adoção é difícil na raça vampírica, mas pode ser uma opção.

— Verdade. Verdade mesmo. — Jane deu de ombros. — Mas sabe, nunca fui uma dessas mulheres que viviam planejando casamento ou sonhando com

16 O jogo da galinha é um jogo simétrico, baseado na história de dois rapazes que disputam o amor de uma garota. O nome do jogo tem relação com o fato de que, nos Estados Unidos, as pessoas consideradas fracas ou perdedoras são chamadas de "galinha" (chicken). Os participantes do jogo passam por uma competição. Cada um posiciona seu carro, cada um em lados opostos, numa pista em linha reta com uma marcação na metade da pista. Ambos os carros se posicionam nas pontas da pista numa mesma distância da linha de marcação, ou seja, frente a frente, e devem arrancar ao mesmo tempo. Os jogadores possuem duas opções: desistir ou não desistir. Aquele que desiste, desvia do caminho; o que não desiste, segue em frente. Caso os dois oponentes não desistam, perdem tudo, incluindo a vida. Se apenas um desiste, o que não desiste ganha, e o outro perde. E se ambos desistem, ambos perdem o respeito dos amigos, mas ainda têm seus carros e suas vidas.

móviles de arco-íris pendurados sobre berços de bebês. Não que eu estive vendo muitos bebês em berços. — Ela franziu o cenho. — Puta merda. Eu na verdade... Acho que nunca vi um bebê dormindo em um berço.

— E você não é uma aberração por isto. Posso dizer que é isto que está pensando.

— É. — Ela esfregou a nuca. Então estremeceu, como se estivesse se livrando de pensamentos que se recusava a analisar. — Digo, é claro, não sou. Só porque mulheres podem ser mães, não significa que precisam ser.

V teve de sorrir um pouco. Mas então balançou a cabeça.

— Não acho que tenha nada errado conosco. E na verdade, odeio que sinta sequer necessidade de dizer isto.

— O negócio é a compatibilidade. E se um de nós quisesse filhos e o outro não? Então seria um problema.

Jane se aproximou dele e pousou as mãos em seus ombros. E era engraçado. Geralmente ele não suportava pessoas se aproximando demais. Não devido a algum tipo de abuso terrível... Embora a castração parcial executada por seu pai não tenha sido nenhuma festa... Mas porque muito contato e proximidade era simplesmente sensação demais para seu cérebro processar.

Mas com Jane, ele nunca se sentia sobrecarregado.

Nem com Butch.

Talvez porque os dois parecessem compreender sua sobrecarga.

— Você parece preocupado. — Ela disse ao afastar os cabelos dele para trás e traçar as tatuagens nas têmporas com a ponta do dedo.

— Não quero que nada se interponha entre nós. Nunca.

— Mas isto só depende de nós dois, não é? Então por que a ansiedade?

— Rhage e Mary estão com dificuldades.

— Sobre filhos? Mas agora estão bem?

— Sim. Eu acho que sim.

— Bom. — Ela inclinou a cabeça para um lado. — E quanto a você e eu? Não dá para prever o futuro. Ninguém pode. Então vamos conversar e resolver as coisas e seguir em frente. Juntos. Não consigo imaginar, neste momento, um cenário onde de repente algum relógio biológico comece a despertar e eu passe a ter necessidade compulsiva de me tornar mãe. Acho que, para mim, não sinto como se faltasse nada na minha vida. Não existem espaços em branco que precisem ser preenchidos. Eu tenho você, tenho meu trabalho e rejeito inteiramente a ideia de que todas as mulheres são destinadas a serem mães. Algumas de nós não somos e a maravilha de tudo é podermos escolher. O mesmo para os homens. Então sim, vamos continuar dialogando e tudo vai ficar bem... Não importa o que aconteça.

Vishous olhou para baixo, de sua enorme altura, e de alguma forma sentiu-se menor do que ela.

— Você é sempre tão sensata.

— Disso eu não sei. Mas tento olhar de todos os ângulos e ser lógica o máximo que posso...

— Não acho que eu consiga ser pai, Jane.

Sua companheira meneou a cabeça.

— Eu sei onde está querendo chegar. Seus pais não são você... E além disso, esta é a maneira errada de encarar isto. A questão é, você *quer* se tornar pai?

Ele tentou se imaginar carregando aquele peso, como Wrath e Z, constantemente preocupados com aquela criaturinha e se ela ia se matar. É claro, tinha uma porção de lados bons na experiência; a alegria nos rostos de seus irmãos era muito real. Mas Deus, toda a trabalhadeira...

Mas estaria ele usando isto como desculpa?

Tanto faz.

— Definitivamente não agora. Não, não quero me tornar pai agora.

— Então, é isto que temos. E se isto mudar, vamos resolver. O mesmo pra mim.

— Eu jamais iria querer alguma coisa neste planeta me odiando tanto quanto odeio meus pais.

Pronto. Ele disse.

— Há muitas razões para embasar esta posição. — Jane sussurrou ao acariciar seu rosto. — E eu sinto muito mesmo.

— Não diga que eu tenho de falar com Mary sobre isto, tudo bem? Não estou interessado neste tipo de merda, tá?

— Você sabe onde ela está se precisar dela. Não tenho de te dizer que ela estaria disposta a ajudá-lo a qualquer hora que você precisasse. — Jane afastou novamente os cabelos dele para trás. — E preciso dizer isto. Por pior que sua mãe seja... Sem ela, eu e você não estaríamos juntos.

Ele franziu o cenho, lembrando de quando tinha encontrado Jane naquele Audi acidentado no acostamento da estrada. Nenhuma de suas ações de primeiros socorros tinha ajudado em nada. Ela permanecia imóvel, por mais que tentasse revivê-la.

Por alguma razão, a imagem de sua mãe naquela cama ressurgiu impossível de ser ignorada. A merda permaneceu... Como se fosse algum tipo de mensagem.

— Eu realmente confio em você. — Ouviu-se dizendo para sua *shellan*.

— E eu também te amo, Vishous.

Capítulo QUARENTA

— Está bem, posso ter pensado que você estava só brincando.

Quando sua Mary afundou-se na Jacuzzi cheia de espuma, Rhage estendeu o braço através do cáldo redemoinho cheio de espuma e ahhhh siiimmmm, lá estava, o corpo de sua companheira todo escorregadio e suave, da curva da cintura até o alargamento dos quadris, e tantas outras coisas.

— Me dá, me dá, me dá.

Inclinando-se contra a lateral da banheira, ele a puxou para ele, separando suas coxas e montando-a sobre seu pau que ondulava embaixo da água cheio de ideias. Ele não queria penetrá-la ainda. Haveria tempo para isto depois.

— Há quanto tempo está aqui esperando por mim? – Ela perguntou ao passar os braços ao redor do pescoço dele.

— Horas e horas.

Os seios dela se sumiam e apareciam, sumiam e apareciam, conforme o nível da água da banheira se acomodava à sua presença, e Rhage lambia os lábios à visão dos mamilos cintilantes e os flocos de espuma que grudavam sobre a pele dela.

Lembravam-no da parte de cima de um biquíni que tinha falhado da maneira mais milagrosa.

— Pensei que você ia ao centro trabalhar depois do sorvete. – Ela disse.

— Ah, eu fui. – Ele passou as mãos ao redor dos seios dela antes de apanhá-los, aproximando-os enquanto esfregava o dedão naqueles mamilos, enrijecendo-os. — É.

Mary gemeu no fundo da garganta e pareceu lutar para manter os pensamentos em ordem... Especialmente quando ele a puxou para sua boca e sugou uma das pontinhas, tintilando com a língua. Debaixo da superfície, sua ereção latejou como um touro e seus quadris investiram.

— O que você disse? — Murmurou ele, ao trocar para o outro seio.

Apertando-a, amassando, ele se pegou pensando, é... É, ele se lembrava disso na época em que se emparelharam, quando mal podia esperar para chegar em casa e achá-la nua, quando a Última Refeição era prioridade secundária, por que sua Mary era o único sustento de que realmente precisava..

— Eu honestamente não posso... Oh, certo, há quanto tempo está esperando?

— Anos.

— Isto, — Ela ofegou. — É impossível.

— Está brincando? Cheguei em casa há uns quinze minutos.

Mary riu.

— E isto é uma eternidade?

— Esperando por você? Sozinho nesta banheira? Inferno, claro!

E *lutar* não seria bem a palavra para descrever o que ele tinha feito naqueles becos. Tinha sido mais como patrulha a pé.

Não havia *lessers* por perto... O que não era um bom sinal. A questão era de onde a próxima leva das tropas do Ômega surgiria. Quem seria o próximo *Fore-lesser*. Quanto tempo a calmaria ia durar.

O inimigo ia voltar. Aquela era a natureza da guerra há eras e eras. E às vezes, os períodos tranquilos eram mais difíceis de atravessar do que as batalhas.

Um sutil movimento na janela lateral captou sua atenção. Eram as persianas de aço automáticas descendo para proteger o interior da mansão da luz do sol.

O que também garantia privacidade.

Usando sua força superior, ergueu Mary da água até um dos joelhos dela estarem sobre uma pilha de toalhas brancas felpudas perto de sua cabeça, e a outra perna totalmente esticada e apoiada na beirada da banheira. Quando ela se equilibrou segurando-se na moldura da janela, seus seios empinaram-se adiante.

Tão molhada.

Tanta água morna e tantas trilhas de bolhinhas percorrendo a pele dela, trilhando seu estômago abaixo, seus quadris, sua coxa.

Seu sexo.

Esticando a língua, aninhou o rosto lá, lambendo-a languidamente, desejando que a maldita espuma desaparecesse por que elas mascaravam seu sabor. Puxando-a em sua direção, ele a idolatrou com a boca, ouvindo-a gemer seu nome, sentindo o orgasmo dela...

Algo escorregou, provavelmente o pé dela dentro da banheira, e pense numa carroça de maçãs virando... O corpo dela desequilibrou, ele afundou, e a próxima coisa que viu é que estava debaixo da água e ela estava rindo, e uma maré de água da banheira inundou o chão de mármore.

— Ah, não! — Disse Mary. — Melhor limpar isto.

— Agora não, fêmea.

Com um grunhido, colocou-a debaixo dele, sua flutuação na banheira funda trazendo-a para cima, contra seu corpo.

— Enrole as pernas ao meu redor.

Quando ela obedeceu, ele colocou a mão entre eles, posicionou-se e então...

— Oh, sim... — Murmurou entredentes.

Eles trabalharam juntos para criar fricção, ele enrodilhando os braços ao redor da cintura dela e bombeando pra cima e pra baixo, ela esfregando ao

empurrar-se para cima, com as pernas ao redor da pélvis dele. Tão bom, tão apertado que ele nem notou a espuma em seu rosto ou o fato de que tinha de permanentemente reajustar seu apoio na beirada da banheira.

Eeeeeee... Houve mais uma coisa que ele meio que ignorou.

Talvez um pouquinho mais de água tenha derramado pela banheira.

Bem quando ia começar a gozar dentro dela, quando suas bolas se contraíram e aquele prazer afiado como uma faca transpassou seu pau e o fez mover os quadris mais e mais...

Houve um ruído não tão doce de batidas na porta do quarto.

— Rhage! Ei, Rhage!

— Agora não. — Ele rosnou ao continuar bombear, e o orgasmo de Mary apertá-lo intensamente.

— Rhage! Que caralho! — Juntou-se outra voz.

— Agora não! — Berrou de volta.

— Rhage!

Mais batidas. Tipo, com múltiplos punhos.

Com uma última investida de sua pélvis, ele se imobilizou xingando.

— Mary, sinto muito.

Ela riu e aninhou o rosto na curva do pescoço dele.

— Não é culpa sua...

Havia tantas batidas na porta... A ponto de deixar claro que vários Irmãos estavam lá fora. E quando vários machos continuaram a chamar seu nome, ele praguejou de novo.

— Fique aqui. — Ele murmurou.

Ao retirar seu pau, o calor da água da banheira foi um pobre substituto para o interior de Mary, e ele estava de péssimo humor ao se levantar e passar uma perna pela beirada da banheira para pousar um pé no mármore...

Três... Fodidos... Patetas.

Todos seus 136 quilos derraparam, a água naquela pedra lisa tornou o chão do banheiro escorregadio como um rink de patinação no gelo. Girando os braços no ar, seu corpo se contorceu e algo em sua coluna estalou...

Bum! Ele não caiu propriamente dito, desabou, todos os tipos de dores o transpassaram em explosões em seu braço, ombros, costas, traseiro e uma das pernas.

— Rhage!

Por um momento, tudo o que pode fazer foi olhar para o teto enquanto tentava recuperar o fôlego. E então o rosto de Mary era tudo o que havia em sua linha de visão.

— Ai. — E então espirrou por algum motivo. Tinha espuma em seu nariz... E caralho, aquilo doeu. — Digo... *Ai*, sério mesmo.

Enquanto isto, a multidão lá fora ainda batia loucamente à sua porta. E sim, havia muita água.

— Mary, faz um favor?

— Quer que eu chame a Dra. Jane?

— Não, a menos que esta umidade debaixo do meu corpo seja sangue. — Ele disse secamente. — Pode, por favor, colocar um roupão de banho antes que eles arrombem a porta? Eu amo meus irmãos, mas se algum deles a vir nua, vou ter de matá-lo. Assim que eu conseguir levantar, claro.

Quando teve certeza de que Rhage estava mais ou menos bem, Mary se levantou e cuidadosamente andou até onde um dos roupões de tecido grosso de Rhage estava pendurado em um gancho. Ela imaginou que ele gostaria mais que

ela usasse aquele por que tinha cheiro dele, e era tão grande que a cobria do pescoço aos tornozelos, com tecido de sobra.

Então começou a andar na direção da arcada... Bem, chapinhar, ela corrigiu, já que a água literalmente havia inundado o cômodo. Droga, aquilo era algo que não seria possível secar com uma infinidade de toalhas, seria seriamente necessário um aspirador de água industrial.

— Isso é ruim, realmente ruim. — Disse ela.

— Eu vou ficar bem... Ai. Porra, acho que quebrei o braço.

— Nunca mais vamos fazer isto. Nunca.

— Sexo?!? — Ele exclamou. — *Que???*

Ela girou para vê-lo, totalmente nu, coberto por bolhas de espuma vagamente rosadas em meio a uma gigantesca poça de água, com expressão de horror total, abjeto e infinito no rosto.

Mary começou a rir tão violentamente, que teve de estender a mão para se apoiar na parede.

— Oh, meu Deus. Preciso parar...

— Diga que ainda vamos transar...

— É claro! Mas talvez não na banheira, com tanta água!

— Jesus, não me assuste assim. Quase tive um aneurisma.

— Pode ser que você tenha mesmo tido um. Posso deixá-los entrar?

Rhage grunhiu ao se sentar, a tatuagem nas suas costas ondulando como se a Besta também se sentisse um pouco ferida.

— Tudo bem, mas não sei para que tanto barulho. Droga, um sujeito não pode nem derramar um pouquinho de água que o povo surta.

— Tente uma piscina inteira.

Foi um alívio sair para o carpete, onde a tração era melhor e não tinha de pensar exatamente onde estava pisando.

— Já vou! Pode parar de bater agora! — Ela gritou acima do barulho.

Ao chegar à porta, viu que estava trancada. Sem dúvida Rhage tinha, mentalmente, passado o ferrolho... O que a fez sorrir.

Abrindo a porta, ela se deparou com...

— Uau. — Está bem, havia uma porção de Irmãos ali. — É uma convenção?

Butch estava à frente do bando, uma garrafa do que tinha de ser Lagavulin na mão, um sorriso torto no rosto. John Matthews estava atrás, junto com Blay e Qhuinn. V. Zsadi. E Phury. E Tohr.

— O que vocês dois estão aprontando aí? — Alguém perguntou.

— Não responda, Mary! — Rhage gritou.

— Vocês acharam que tinha um incêndio na despensa?

— Estou quase...! — Disse Rhage.

— Acho que ele já acabou. — Alguém mais murmurou.

Um *aaaaaaaiii!* coletivo se ergueu do grupo quando Rhage surgiu atrás dela.

— Este braço parece ruim. — Disse Butch. — Digo, é como se estivesse com um segundo cotovelo.

Ao olhar por cima do ombro, Mary também se sobressaltou.

— Oh, Rhage, você vai precisar colocar isto no lugar.

Rhage encarou o grupo.

— Só preciso de um Band-Aid, vou ficar bem. Agora, podem nos dar um pouco de privacidade?

Butch sacudiu a cabeça.

— Certo, um: não, não vamos, por que pra onde você acha que essa água toda está indo? E dois: você vai agora mesmo para a clínica...

— Está tudo bem!

— Então por que você está segurando o braço com a outra mão?

Rhage baixou o olhar para si mesmo como se inconsciente de estar fazendo aquilo.

— Oh, merda.

Mary fez um carinho em seu ombro.

— Eu vou com você, está bem?

Ele olhou para ela e baixou a voz.

— Não foi assim que eu imaginei o final de nosso encontro.

— Teremos outras oportunidades...

— Mas não na água. – Veio a resposta coletiva.

Voltando cuidadosamente para o banheiro, ela pegou uma toalha e voltou, enrolando-a ao redor da cintura do marido.

Ficando na pontinha dos pés, ela sussurrou.

— Se for um garotinho comportado, podemos brincar de enfermeira e paciente quando você voltar.

A risada de Rhage foi baixa e um pouco malévola, os olhos semicerrados e ardentes.

— Trato feito.

Capítulo QUARENTA E UM

Ao anoitecer, de volta à clínica, Rhage estava sentado sem camisa em uma maca de exames, as pernas vestidas em couro e o pé dentro de botas pendurados pela beirada. Suas armas estavam em cima de uma cadeira, e assim que o gesso fosse retirado, iria fazer um lanche rápido na cafeteria, que tinha sido organizada para os futuros alunos, e iria ao trabalho.

Mary foi para o Lugar Seguro para poder participar de uma reunião de equipe... Embora tenha se oferecido para ficar, acompanhando-o na retirada do gesso. Cara, graças a Deus ele tinha se alimentado uma semana atrás de uma das Escolhidas e seu corpo pôde se curar de uma fratura simples como aquela em questão de doze horas. Soube que humanos tinham de passar semanas com aquele trambolho de gesso atrapalhando a vida.

Loucura.

Houve uma batida na porta e ele gritou:

— Entre, Manny. Estou pronto para... Oh, ei V. E aí?

Seu irmão estava vestido para o trabalho com adagas negras presas ao peito, um jornal enrolado debaixo do braço, próximo a uma das .40 gêmeas.

— Como está o braço?

— É você quem vai me libertar desta gaiola de gesso? – Rhage bateu na coisa com o punho. — Seja lá do que é feito.

— Não. – V encostou-se à porta. — Tenho uma notícia ruim e notícia nenhuma, o que quer primeiro?

— Você não achou merda nenhuma sobre o tio da Bitty, não é?

Quando o irmão negou com a cabeça, Rhage soltou um suspiro tenso, seu corpo todo relaxou de um alívio que parecia todo errado. E então teve de dizer a si mesmo para não se adiantar às coisas. Ele e Mary *não* estavam adotando Bitty.

Mesmo.

É, pois aquilo seria loucura. Especialmente se fosse basear a compatibilidade e interesse na garota, no fato de que duas casquinhas de chocolate foram pedidos e consumidos na noite anterior, no Melhor da Bessie.

Vishous deu de ombros.

— Verifiquei cada banco de dados, cada contato no Sul que a Irmandade tem. Não estou dizendo que não exista nenhum parente sob o radar, mas não pude descobrir nada que combinasse o nome de Bitty, o da mãe, do pai ou o nome do tio.

Agarrando a beirada da maca, Rhage encarou fixamente o chão de linóleo, para além das pontas de suas botas.

— Você e Mary estão pensando em ficar com ela? — Quando ele ergueu o olhar surpreso, V lhe deu um olhar de “Dããã!” — Acho legal que estejam. Digo, você estava falando de filhos naquela noite e então perguntou sobre a situação familiar de um órfão. Não foi uma conclusão complexa, de verdade.

Rhage pigarreou.

— Não fale nada sobre isto. Com ninguém.

— Claro, por que sou mesmo fofoqueiro pra caralho.

— Estou falando sério, V.

— Qual é, você sabe como sou. E sei qual vai ser sua próxima pergunta.

— E qual seria?

— Você precisa falar com Saxton. Ele saberá te dizer quais os requisitos para adoção. Lembro que antigamente o Rei tinha de assinar em aprovação quando

envolvia a nobreza... E mesmo que Bitty seja plebéia, você, como membro da Irmandade, é aristocrata. Acho que muito disso tem a ver com direitos de herança, mas de novo, Saxton saberia melhor os detalhes.

Está bem, aquele era um ótimo conselho, Rhage pensou. Ele não tinha nem mesmo considerado que poderia haver papelada envolvida, e quão ingênuo era aquilo?

Oh, e sim, não era como se já tivesse conversado a respeito disso com Mary. Ou Bitty.

Merda. Ele já tinha se adiantado, não é?

— Obrigado, V. — Sentindo-se estranho, Rhage anuiu para a cópia enrolada do que devia ser o *Jornal Caldwell Courier*. — Quais as outras notícias? E fico surpreso de você não estar online, meu irmão. Não foi o Egon Spengler que disse que a mídia impressa já morreu?

— Nós dois. E na verdade, já foi tarde. — V desdobrou o jornal e exibiu a primeira página do CCJ. — Foi Fritz quem comprou.

Rhage assoviou baixinho e estendeu a mão boa para pegá-lo.

— Eeeeeeeee, estamos de volta ao trabalho.

A manchete dizia em letras vermelhas “Cena de assassinato ritualístico em fábrica abandonada” e longas colunas de texto eram acompanhadas por fotos pixeladas de sangue e baldes junto a uma espécie de linha de produção destruída. Rhage avaliou o impresso e voltou ao texto para terminar o artigo, o cheiro da tinta e o som das páginas instáveis esfregando-se uma na outra o fazendo lembrar-se dos dias que se foram.

Ele meneou a cabeça ao devolver o jornal.

— Mas a escala não é muito grande.

— Somente doze ou quinze recrutas. Claramente, aconteceu algo no caminho e talvez o Ômega tenha apressado a indução. Mas não foi mesmo em uma escala grande.

— Não. Já é um avanço.

— Quero estar lá quando o último deles desaparecer desta existência.

Rhage estreitou os olhos.

— O único jeito disso acontecer é derrubar o Ômega.

— Tenho pensando nisto. — V pegou o jornal de volta. — Acredite.

Um ruído à porta interrompeu o irmão.

— Entre, Manny. — Disse Rhage. — Vamos tirar...

— Ah, inferno, não. — V murmurou quando a porta foi aberta.

Lassiter estava parado entre o umbral da porta vestido em uma capa impermeável amarela, tão grande quanto uma tenda de circo, um guarda-chuva aberto em cima da cabeça e galochas nos pés. Suas pernas estavam nuas. O que não era um bom sinal.

— Não, não quero comprar um relógio. — Rhage disse. — Então é melhor manter essa capa fechada, docinho.

— Relógios? — Lassiter entrou, ou tentou, pois o guarda-chuva prendeu na moldura da porta. — Foda-se. Ouvi dizer que houve um probleminha com sua Jacuzzi esta manhã.

Ele jogou sua Mary Poppins de volta no corredor e fez um *tcharam!* com algo amarelo na mão. E então o bastardo começou a cantar. Mal e porcamente.

— Patinho de borracha, você é o cara... Você torna meu banho tãããããão mais divertiiiiido...

V olhou para Rhage.

— Você vai chutar o rabo dele ou quer que eu faça?

— Podemos revezar. — Rhage gritou acima da cantoria. — Ei, preciso de um médico aqui!

Se ao menos pudesse ter o gesso removido logo, surrar o anjo seria muito mais fácil. Além disso, a equipe médica podia ajudar a recolher os pedacinhos do Lassiter.

#perfeito.

Ao chegar no Lugar Seguro, Mary começou a arrancar camadas de roupas em seu escritório, depois de largar a bolsa no chão perto da cadeira e ligou o computador.

Todas as noites quando chegava, verificava aquela página do Facebook... Por que tinha se disciplinado a não fazê-lo pelo celular ou então corria o risco de não mais parar de verificar a coisa. E cada noite, assim que a atualização surgia à tela, seu coração parava e ela prendia a respiração.

Dizia a si mesma que isto era por querer desesperadamente mandar a garota para alguma situação cor de rosa na Carolina do Sul com um cachorro, um gato e um periquito, e um par de místicos avós, dignos de cartões da Hallmark, que não estivessem mortos.

O único problema com esta fantasia altruísta?

Quando novamente viu que não havia mensagem nenhuma sobre o tio, Mary pegou-se afundando na cadeira e soltando a respiração nos pulmões, de alívio.

O que era quase tão profissional quanto ela, inconscientemente, ter tentado levar a garota de carro para a mansão naquela primeira noite depois da morte da mãe.

A verdade, no entanto... Era que às vezes, nos últimos dias, uma mudança tinha acontecido em seu coração. Ela tinha começado a pensar que...

— Sra. Luce?

Mary sentou-se com um grito.

— Oh, Bitty. Oi, como vai?

A garota recuou da porta.

— Não quis te assustar.

— Tudo bem. Eu já ia lá em cima ver como você estava.

— Posso entrar?

— Claro.

Bitty fechou a porta com cuidado, silenciosamente, e Mary teve de imaginar se aquilo era resultado de ter andado nas pontas dos pés ao redor do pai por tanto tempo. Esta noite a garota usava um rabo de cavalo e um suéter azul por cima do vestido que tinha usado há duas noites. Seus sapatos eram o outro par, os que eram marrons e subiam até os tornozelos.

— Preciso te dizer uma coisa.

Mary indicou a cadeira à sua frente.

— Sente-se.

Quando Bitty sentou, Mary arrastou sua cadeira para sair de trás da mesa e ficarem frente a frente, sem nada entre elas. Cruzando as pernas, ela juntou os dedos.

A garota ficou em silêncio, os olhos viajando pelas paredes do escritório. Não havia nada para o que olhar, além de alguns desenhos feitos por alguns garotos e um mapa do Lago George que Mary tinha pendurado por que lhe lembrava dos verões de sua juventude.

Não foi surpresa quando aquele olhar pousou sobre a caixa com a urna de Annalye.

— Pode falar, Bitty. Seja o que for, podemos resolver juntas.

— Minha mãe mentiu. — A garota falou abruptamente. — Não tenho nove anos. Tenho treze.

Mary tentou não demonstrar surpresa.

— Tudo bem, não tem problema nenhum.

Bitty desviou o olhar.

— Ela tinha medo de que eu fosse velha demais, caso houvesse algum tipo de limite de idade para ficar aqui ou receber ajuda através da clínica do médico. Ela me disse que estava com medo de que fôssemos separadas.

— Você vai poder morar aqui até sua transição, Bitty. Não tem problema.

— Ela tentou escolher a menor idade pela qual eu pudesse passar.

— Não tem problema. Juro.

Bitty baixou o olhar para as mãos.

— Eu realmente sinto muito. Foi por isso que ela me disse para não falar muito e para brincar com aquela boneca. Ela não queria que eu me entregasse.

Mary recostou-se na cadeira e respirou fundo. Vendo por este novo ângulo, tudo fazia sentido caso a garota fosse mais velha. Fêmeas vampiras passavam por seus períodos férteis a cada dez anos mais ou menos, e a mãe de Bitty estava grávida quando chegaram ali – e aqueles bebês geralmente levavam dezoito meses para nascer. Então Annalye teria engravidado quando Bitty tinha onze anos, por aí. Ao contrário de sete.

O que era preocupante, no entanto, era o quanto a garota era pequena. Para uma garota de oito ou nove anos, ela tinha peso corporal normal. Mas não para

alguém de treze... Mesmo se fosse levar em conta o fato de que o maior estirão de crescimento acontecia aos vampiros durante a transição.

— Eu sinto muito mesmo. — Disse Bitty ao abaixar a cabeça.

— Por favor, não se sinta mal. Nós compreendemos. Eu só queria ter sabido disto antes para ter tranquilizado a mente dela.

— Tem mais uma coisa.

— Pode me contar qualquer coisa.

— Eu menti sobre o meu tio.

O coração de Mary disparou.

— Como assim?

— Eu não acho que ele vai vir me buscar.

— E por quê?

— Ela falava dele de vez em quando, mas era sempre no passado. Sabe, o que eles faziam quando eram crianças. Ela fazia isto para me distrair quando as coisas ficavam ruins com meu pai. Acho que eu só... Eu só queria que ele viesse me buscar, sabe?

— Sim. Eu sei.

— Ele nunca me viu, na verdade.

— E como isto faz você se sentir?

— Totalmente sozinha. Especialmente porque agora minha *mahmen* se foi.

Mary anuiu.

— Isto faz muito sentido para mim.

— Minha *mahmen* e eu... A gente cuidava uma da outra. Era preciso. — Bitty franziu o cenho e encarou a caixa em cima da mesa. — Ela tentou nos afastar dele

três vezes. A primeira, eu era bebê. Não me lembro, mas não acabou bem. A segunda... – Bitty interrompeu-se. — A terceira foi quando minha perna quebrou e ela me levou para o Havers por que não estava sarando. Foi quando tive de pôr o pino... E voltamos para casa e...

Rhage, V e Butch foram e as resgataram.

— Eu gosto de seu *hellren*. — Disse Bitty subitamente. — Ele é engraçado.

— Ele é totalmente Stitch¹⁷.

— Isto é uma frase humana?

— É... Significa que ele é maluco. O máximo.

Bitty franziu o cenho e desviou o olhar de novo.

— Então você era realmente humana? Pensei que não fosse possível ser transformado em vampiro.

— Eu não sou. Digo, não fui transformada. — Mary deu um sorriso. — Vê? Nenhum dente pontudo.

— Seus dentes são bonitos.

— Obrigada.

Os olhos de Bitty se voltaram de novo à caixa de papelão.

— Então ela está mesmo aí dentro.

— Os restos mortais dela estão.

— O que acontece se eu não enterrá-la agora? Ela... Isto seria errado? Seria ruim?

Mary negou com a cabeça.

¹⁷ Do filme Lilo e Stitch.

— Não há pressa. Não que eu saiba, pelo menos. Mas posso confirmar com Marissa. Ela sabe tudo sobre as tradições de vocês, por dentro e por fora.

— Só não quero fazer nada errado. Acho... Que sou responsável por ela agora, sabe? Quero fazer a coisa certa.

— Entendo perfeitamente.

— O que os humanos fazem com os seus mortos?

— Nós os colocamos dentro da terra... Ou ao menos, é uma das opções. Foi o que fiz com minha mãe. Depois da cremação ela foi enterrada.

— Igual à minha.

Mary anuiu.

— Igual à sua.

Houve uma pausa e ela ficou em silêncio para que Bitty tivesse espaço para sentir o que tivesse de sentir. No silêncio, Mary deu uma boa olhada na garota, notando os braços e pernas finos como gravetos, o corpinho sob as camadas de roupas.

— Onde ela está enterrada? – Perguntou Bitty.

— Em um cemitério. Do outro lado da cidade.

— O que é um cemitério?

— É um lugar onde os humanos enterram seus mortos e marcam os túmulos com lápides para que se saiba onde o seu está. De vez em quando vou até lá e deposito flores sobre o dela.

Bitty inclinou a cabeça e franziu o cenho um pouco. Depois de um momento, ela pediu:

— Pode me mostrar?

Capítulo QUARENTA E DOIS

— Não estava esperando sua ligação.

Ao falar, Assail virou-se e sorriu para Naasha.

— Não tão cedo, pelo menos.

Nesta noite, Naasha tinha escolhido recebê-lo nos aposentos de seu *hellren*, em um escritório escuro e dramático, cheio de livros antigos de capa de couro e móveis que o lembravam clubes privados de humanos. Esta noite ela tinha se vestido novamente de vermelho, talvez para combinar com as cortinas vermelhas que se dependuravam como artérias do teto... Ou talvez por acreditar que ele gostava da cor.

— Eu me vi necessitada de sua companhia. — Ao falar, enunciava as palavras com deliberação, os lábios cintilantes contraíam e liberava as sílabas como se estivesse fazendo sexo oral com elas. — Não consegui dormir o dia todo.

— Sem dúvida, atarefada com seu dever de zelar pela saúde de seu companheiro pelas horas do dia.

— Não. De dor. — Ela se adiantou, cruzando o espesso tapete vermelho sem fazer ruído algum. — Por você. Estou faminta.

Quando ela parou à sua frente, ele sorriu friamente.

— Está agora?

Ela estendeu a mão e acariciou o rosto dele.

— Você é um macho extraordinário.

— Sim, eu sei. — Ele afastou seu toque, mas segurou seu pulso. — O que me deixa curioso é por que minha ausência é tão profundamente perturbadora, considerando que já tem um pau amigo debaixo deste teto.

— Meu *hellren* está doente, caso se lembre. — Ela disse em tom de voz ausente. Como se aquilo fosse a última coisa da qual ela quisesse falar.

— Eu me referia a Throe. — Assail sorriu de novo e começou a esfregar o dedão na pele dela. — Responda, qual a sua relação com ele?

— Ele é parente distante de meu companheiro.

— Então você o acolheu por caridade.

— Como seria apropriado.

Assail passou o braço pela cintura dela e puxou-a para seu corpo.

— De vez em quando seu comportamento não é tão apropriado, é?

— Não. — Ela ronronou. — Isto te excita?

— Isto certamente te excitou há duas noites. Você se divertiu muito com meus primos.

— Mesmo assim você não participou.

— Eu não estava no clima.

— E hoje?

Ele fingiu examinar o rosto dela. Então afastou seus cabelos longos, passando-os por cima dos ombros.

— Talvez.

— E o que é que conseguiria te fazer entrar no clima?

Quando ela arqueou o corpo contra o dele, ele fingiu achar excitante, fechando os olhos e mordendo o lábio inferior. Na verdade? Ele bem poderia estar sendo encoxado por um cachorro.

— Onde está Throe? — Perguntou.

— Está com ciúme?

— É claro. Na verdade, estou morrendo de ciúmes.

— Mentiroso.

— Sempre. — Sorriu e se inclinou para sua boca, correndo uma de suas presas pelo lábio inferior dela. — Onde ele está?

— Por que se importa?

— Gosto de sexo a três.

A risada que ela soltou era rouca e cheia de uma promessa pela qual ele não tinha nenhum interesse. O que se importava mesmo era se enfiar de novo naquele porão dela... Literal e não figurativamente. Se bem que se tivesse de fodê-la para chegar lá, ele o faria.

Ela claramente não quis deixá-lo explorar a casa na outra noite. E aquilo o fez achar que era por ter algo a esconder.

— Infelizmente Throe não está por aqui esta noite. — Ela se virou nos braços de Assail e esfregou o traseiro em sua pélvis. — Estou completamente sozinha.

— Para onde ele foi?

Ela olhou por cima do ombro, um brilho arguto no olhar.

— Por que tanto interesse nele assim de repente?

— Tenho apetites que você não consegue satisfazer, minha querida. Por mais apetitosa que seja.

— Então talvez possa trazer seus primos? — Ela voltou a se esfregar nele. — Eu gostaria de recebê-los de novo.

— Eu não trepo com gente do meu sangue. No entanto, se você quiser...?

— Eles realmente têm um jeito de preencher uma fêmea. E talvez eu seja muita areia para o seu caminhãozinho.

Duvido, ele pensou. Mas os primos ali eram uma ótima ideia.

Mantendo o braço ao redor dela, Assail virou-a de frente para ele, tirou o celular e um segundo depois um discreto som de toque da frente da mansão foi ouvido do outro lado das portas fechadas do escritório.

— Seu desejo é uma ordem. — Murmurou ao beijá-la intensamente e então separar-se dela, dando-lhe um empurrãozinho em direção à saída. — Atenda você mesma. Receba-os de forma apropriada.

Ela correu para fora com risinhos, como se gostasse de ser mandada – e Deus, não conseguiu evitar de pensar em Marisol. Se ele desse uma ordem assim à sua adorável ladra? Ela o teria castrado com as próprias mãos e usaria suas bolas como brincos.

Um ardor no centro de seu peito o fez buscar o vidrinho de coca no bolso interno de seu terno Brioni, mas isto não era realmente o vício controlando sua mão daquela vez.

A dose extra fez sua cabeça zunir, mas ia funcionar para ele.

Ele tinha muita coisa a fazer naquela noite.

— Está bem, onde está você, onde está você...

Ao penetrar ainda mais fundo no parque industrial de Caldwell, a maior parte galpões caindo aos pedaços, Jo se inclinou para o pára-brisa de seu VW e passou a manga da jaqueta no vidro para limpar a condensação. Ela podia ter ligado a ventilação se a maldita estivesse funcionando.

— Preciso de mais um mês para poder pagar isto. — Murmurou ela. — Até lá, não vou respirar.

Ao se lembrar do confronto de Bill sobre a riqueza de seus pais, ela teve de rir. Sim, era verdade que posturas baseadas em princípios eram louváveis. No

entanto, elas raramente pagavam as contas... Ou consertavam sistema de ventilação em carros que cheiravam a incêndio elétrico cada vez que eram acionados.

Mas te faziam dormir melhor à noite.

Quando seu celular começou a tocar, ela o pegou, verificou a tela e jogou a coisa de volta no banco. Tinha mais coisas com que se preocupar excluindo as exigências extras de Bryant. Além disso, tinha deixado as roupas para lavagem a seco dele bem aonde tinha mandado, na varanda da frente de seu condomínio.

— Está bem, aqui estamos.

Quando seus faróis iluminaram uma construção térrea de teto reto que era tão comprida quanto um quarteirão urbano, e recoberta de painéis metálicos cinzentos, entrou no estacionamento vazio e continuou a descer na direção de sua entrada discreta. Ao parar diante de portas de vidros e a placa que dizia o nome da fábrica escurecida com camadas de tinta spray, ela pisou no freio, desligou o motor e desceu.

Havia uma faixa de polícia lacrando a entrada, a frágil barreira esvoaçando ao vento... Um selo plastificado na rachadura da porta dizendo “Cena de Crime” em grandes letras... E evidência de muito tráfego entrando e saindo, um caminho cravado nas folhas e terra feitos por pés e equipamentos sendo rolados ou arrastados pelo chão.

Cara, estava escuro ali. Especialmente quando seus faróis apagaram.

— Vou mesmo precisar daquele mandato de busca. — Ela disse em voz alta.

Quando seus olhos se adaptaram, a pichação no prédio se tornou novamente visível e o estacionamento esburacado tornou a surgir em seu campo de visão. Não havia iluminação pública nesta parte de Caldwell; prédios abandonados demais, o centro comercial não conseguiu vingar quando a economia entrou em crise há uns sete anos.

Bem quando já estava ficando inquieta e pensando em ligar para o Bill, um carro chegou pela elevação e entrou no mesmo terreno que ela.

Quando Bill parou perto dela, ele abaixou o vidro da janela e se inclinou por cima de outro homem.

— Siga-me.

Ela fez sinal de positivo e voltou para o carro.

Eles seguiram, circulando a grande área da frente e dobrando para a lateral da construção, que era menor. A porta de trás era ainda menos chique do que a da frente; não tinha nem placa. A pichação era mais intensa aqui, as assinaturas e desenhos de linhas angulares se sobrepondo como pessoas falando alto umas com as outras em uma festa.

Jo desceu e trancou seu carro.

— Ei.

O cara que saiu do carro de Bill foi meio que uma surpresa. Um metro e oitenta e dois, talvez ainda mais alto. Cabelos prematuramente grisalhos, mas do tipo atraente, estilo o do Max de *Catfish*, óculos grossos de armação escura, como se ter problemas de visão e senso de estilo fossem pré-requisitos para andar por aí com Bill. O corpo era...

Bem, muito bom. Ombros largos, cintura estreita, pernas compridas.

— Este é meu primo, Troy Thomas.

— Oi. — O cara disse oferecendo a mão. — Bill me falou de você.

— Posso imaginar o que. — Cumprimentou-o e então acenou para a porta dos fundos. — Olha, esta porta também está lacrada. Não estou tendo um bom pressentimento a respeito disso.

— Eu tenho acesso. — Troy tirou um cartão de acesso. — Tudo bem.

— Ele trabalha na unidade CSI. — Bill explicou.

— E preciso pegar uns equipamentos, então tenho autorização. Apenas não toque em nada, e nada de fotos, está bem?

— Claro. — Jo abaixou o braço quando percebeu que estava a ponto de jurar de mão no peito.

Troy entrou primeiro, cortando o lacre com um canivete antes de inserir seu cartão em um dispositivo eletrônico do departamento de polícia.

— Cuidado com o degrau. — Ele disse ao abrir a porta e acender as luzes.

O hall de entrada tinha tapete em dois tons: creme na área externa ao tráfego de transeuntes e um encardido cinza amarronzado onde as botas de trabalhadores tinham caminhado. Fileiras de marcas de infiltração de água, cinzentas e granuladas, alinhavam-se na parede verticalmente denotando vazamento no teto. O cheiro era algo entre pão mofado e meias suadas.

E cobre fresco.

Ao avançarem passando por cima de latas de tinta derramadas, algumas ferramentas e alguns baldes de gesso, tudo sugeria que os proprietários ou talvez o banco que hipotecara o local, pudessem ter tentado iniciar uma reforma... Mas desistiram quando se provou um investimento muito alto.

Tinha dois escritórios, uma área de recepção, um banheiro unissex e duas portas de aço, perto das quais tinham capacetes cobertos de poeira dependurados em ganchos.

— Vamos por ali. É mais fácil.

Indo para a esquerda, Troy os levou por uma terceira opção, ficando de lado de novo para eles atravessarem uma porta bem mais estreita. Do outro lado, acionou não um interruptor, mas algo que parecia um fusível de quadro de luz.

Com uma série de ruídos, painéis enormes de luzes acenderam em uma área de produção cavernosa, quase totalmente vazia, com nada além de suportes vazios chumbados no chão e grandes manchas de óleo no concreto, indicando onde as máquinas ficavam antes.

— O massacre aconteceu bem ali.

Jo ergueu as sobrancelhas. Sim, sem dúvida tinha sido ali, pensou ao ver as poças de sangue coagulado, antes de um vermelho forte, agora amarronzado com o passar do tempo. Havia mais daqueles baldes de gesso lá, e quando se aproximou para ver mais de perto, foi obrigada a pôr a mão na boca e engolir em seco.

— É igual à fazenda. — Bill comentou ao andar ao redor.

— Qual fazenda? — Jo disse ao menear a cabeça para aquela nojeira. — Deus, quanta violência.

— Lembra... Quase dois anos atrás? Houve uma cena igual a esta, só que tinha dez vezes mais sangue.

— Sem corpos. — Troy exclamou. — De novo.

— Quantas pessoas você acha que morreram aqui? — perguntou Jo.

— Dez. Talvez doze? — Troy deu a volta e se abaixou perto de uma série de marcas onduladas no sangue do chão... Como se alguém pudesse ter tentado fugir, mas tivesse escorregado e caído. — Não dá pra ter certeza. Este lugar está à venda há um ano ou dois. O banco parou de usar câmeras de segurança há cinco meses quando um raio queimou as antigas durante uma tempestade de primavera. Não temos nada.

— Como é possível se livrar desta quantidade de corpos? — Jo perguntou. — Pra onde dá pra levá-los?

Troy anuiu.

— A divisão de homicídios está investigando tudo isto.

E quanto ao aspecto vampírico? Ela pensou consigo mesma. Aqueles tipos geralmente bebiam sangue, certo? Eles não iam embora deixando litros e mais litros de sangue desperdiçado no chão.

Não que fosse mencionar nada disso para Troy. Loucura demais.

Ela olhou para Bill.

— Quantos outros massacres em massa ou ritualísticos ocorreram em Caldwell nos últimos dez anos? Vinte? Cinquenta?

— Posso descobrir. — Disse ele quando seus olhos se cruzaram. — Estou pensando exatamente a mesma coisa que você.

Capítulo QUARENTA E TRÊS

— É tão pacífico aqui. Tão bonito.

Quando Bitty proferiu essas palavras, Mary olhou de esguelha para ela. As duas caminhavam pelos quilômetros de alamedas pavimentadas do Cemitério Pine Groves. Acima delas, a lua lhes fornecia mais iluminação para enxergar, o brilho prateado pousando no topo dos pinheiros e também dos elegantes galhos de bordos e carvalhos sem folhas. Por toda a sua volta, lápides, estátuas e mausoléus pontilhavam o terreno ondulante e beiras de lagos artificiais até ser quase possível imaginar que se andasse através do cenário de um palco.

— É sim. — Murmurou Mary. — É bom pensar que isto é para as almas das pessoas enterradas aqui, mas acho que é mais para os familiares que vem visitar. Pode ser bem difícil, especialmente no começo, visitar o túmulo de um familiar ou amigo que morreu. Digo, depois da morte da minha mãe e do enterro de suas cinzas, levei meses e meses para voltar aqui. Mas quando finalmente vim, estava mais fácil em alguns aspectos do que eu imaginava, na maior parte por conta do quão bonito é... Estamos chegando. Ela está bem ali.

Pisando na grama, Mary foi cuidadosa com seus passos.

— Aqui, siga-me. Os mortos estão à frente das lápides. E sim, sei que é estranho, mas odeio a ideia de pisar em alguém.

— Oh! — Bitty baixou o olhar para uma bela lápide inscrita com uma estrela de Davi judia e o nome Epstein. — Sinto muito. Com licença.

— As duas avançaram pelo caminho até Mary parar diante de uma lápide de granito cor de rosa com o nome Cecilia Luce entalhado.

— Olá, mãe. — Sussurrou, acocorando-se para retirar uma folha caída da frente da lápide. — Como a senhora está?

Quando correu as pontas dos dedos sobre o nome entalhado e as datas, Bitty ajoelhou do outro lado.

— Do que ela morreu? — A garota perguntou.

— Esclerose Múltipla.

— O que é isto?

— É uma doença humana onde o sistema imunológico do corpo ataca a cobertura que protege as fibras nervosas. Sem esta proteção, não dá para seu corpo saber o que fazer, então você perde a capacidade de andar, comer sozinho, falar. Ou, pelo menos, minha mãe perdeu. Algumas pessoas com esta doença têm longos períodos de remissão quando a doença não está ativa. Mas não foi o que aconteceu com ela. — Mary esfregou o centro do peito. — Existem mais opções de tratamento agora do que existiam há quinze ou vinte anos, quando ela foi diagnosticada. Talvez tivesse durado mais nesta era da medicina. Quem sabe?

— Você sente saudades dela?

— Todos os dias. A coisa é... Não quero te assustar, mas não tenho certeza de que seja possível superar jamais uma morte como a de nossa mãe. Acho que a gente acaba se acostumando à perda. Tipo como quando a gente tem de entrar na água gelada? Há um choque em nosso sistema no começo, mas uma adaptação acontece então você deixa de sentir o frio quanto mais tempo passa... E às vezes até esquece que está mergulhado depois de um tempo. Mas sempre haverá coisas voltando para te lembrar de quem sente falta.

— Penso muito na minha mãe. Sonho com ela também. Ela vem até mim em sonhos e fala comigo.

— O que ela diz?

Enquanto a brisa gelada soprava, Bitty prendeu uma mecha do cabelo atrás da orelha.

— Que tudo vai ficar bem e que vou ter uma nova família logo. Foi o que me fez pensar em meu tio.

— Bem, acho que isto é adorável. — Mary deixou-se cair de bunda, usando o casaco que vinha até o meio de suas coxas como barreira contra a umidade do chão. — Ela parece saudável em seus sonhos?

— Ah sim. É o que eu mais gosto. Ela está com meu irmãozinho, o que morreu também.

— Nós entregamos as cinzas dele à sua mãe.

— Eu sei. Ela colocou na mala dela. Disse que queria ter certeza de que as cinzas viriam conosco se tivéssemos de ir embora com pressa.

— Pode ser bom colocá-los juntos em algum momento.

— Acho que é mesmo uma boa ideia.

Houve uma longa pausa.

— Ei Bitty?

— Mmm?

Mary pegou um graveto do chão e dobrou pra cima e pra baixo, para dar a seus dedos algo o que fazer.

— Eu, ah... Eu realmente queria ter sabido como sua mãe se preocupava com os recursos do Lugar Seguro. Eu teria realmente batalhado duro para tranquilizá-la. — Olhou de esguelha para a garota. — Você se preocupa com isto também?

Bitty colocou as mãos nos bolsos do casaco e olhou ao redor.

— Não sei. Todo mundo é muito legal. Você, especialmente. Mas é assustador, sabe?

— Eu sei. Só fale comigo, está bem? Se ficar com medo. Eu te dou meu número de celular. Pode me ligar diretamente a qualquer momento.

— Não quero ser um fardo.

— É, acho que é o que me preocupa. Sua mãe não queria ser um, o que eu absolutamente respeito... Mas o resultado final foi que as coisas foram desnecessariamente muito mais difíceis do jeito dela. Sabe o que quero dizer?

Bitty concordou com a cabeça e ficou em silêncio.

Depois de um tempo, a garota disse.

— Meu pai costumava me bater.

Afundado no coração sujo do centro da cidade, Rhage correu por um beco, seus passos batendo no asfalto como trovões, a automática a postos, sua ira desperta como se fosse um mecanismo que o guiasse, não um desastre que o apagava.

Quando seu alvo disparou para outra rua, ele grudou no fodido como cola, aquele doentio cheiro adocicado de *lesser* pairando como o rastro de vapor de um jato através do céu noturno, facilmente rastreável.

Era um novo recruta. Provavelmente um dos que foram criados naquela fábrica abandonada.

Dava para ver que a coisa estava em pânico, tropeçando e escorregando antes de fugir em uma confusão de braços e pernas, sem armas, sem ninguém vindo em seu resgate.

Ele era um rato solitário que não faria falta nenhuma.

E quando o assassino caiu pela enésima vez, seus pés tropeçaram no que parecia um carburador, e ele finalmente não se levantou de novo.

Só segurou sua perna contra o peito e gemeu, rolando de costas.

— Não, p-p-p-por favor, não!

Quando alcançou sua presa e parou, Rhage, pela primeira vez na história registrada hesitou antes de matar. Mas não podia deixar de apunhalar o fodido. Se largasse a coisa pelas ruas, ele ia se curar e encontrar os outros de sua espécie para lutar... Ou acabaria sendo descoberto por um humano e acabaria em alguma porra de vídeo do YouTube.

— Nãããããããããão...

Rhage afastou os braços da coisa do caminho e enterrou sua adaga negra bem no meio do peito, agora oco.

Com um brilho e um *pop!* o assassino desapareceu no próprio ar, sem deixar nada além de uma mancha oleosa do sangue do Ômega no asfalto e um ardor acre para trás...

Rhage virou-se, trocando a adaga por uma automática. Expandindo as narinas, cheirou o ar e soltou um grunhido.

— Eu sei que está aí. Apareça.

Quando nada se moveu na escuridão do outro lado do beco, ele deu três passos para ter cobertura no umbral de um prédio residencial abandonado.

À distância, sirenes uivavam como cães de rua, e no quarteirão seguinte, alguns humanos gritavam uns com os outros. Mais perto, algo pingava da saída de incêndio atrás dele e havia um rastejar mais acima, como se os ventos vindos do rio estivessem agitando o tênue apoio do andaime aos tijolos.

— Seu fodido marica. — Ele chamou. — Apareça.

Sua arrogância natural dizia-lhe que podia lidar sozinho com qualquer coisa que estivesse ali, mas uma vaga sensação de inquietação, que não soube nomear, fez com ele pedisse reforços ao acionar um botão localizado na parte interna da gola de sua jaqueta.

E não é que estivesse com medo... Porra, não. E sentiu-se estúpido no mesmo instante em que fez isto.

Mas havia outro vampiro macho escondido ali, e a única coisa que sabia com certeza? Não era Xcor.

Por que eles sabiam exatamente onde o bastardo estava.

Quanto ao resto daqueles filhos da puta, aí era uma questão em aberto.

Capítulo QUARENTA E QUATRO

Naturalmente, fazer Naasha se despir não levava nem um instante.

De fato, ela fazia isto de livre e espontânea vontade.

Assim que Assail e os primos entraram naquela sua masmorra sexual, ela começou a despir o vestido vermelho, chutando a alta costura pra fora do caminho como se a coisa não valesse mais do que guardanapo de papel. No entanto, conservou os sapatos de salto alto e seu espartilho.

As ereções de Ehiric e Evale foram instantâneas, um golpe duplo de agressividade sexual que fez a fêmea sorrir daquele jeito rouco dela.

Mas não foi até nenhum deles. Ela se aproximou de Assail.

Inclinando-se, pressionou contra o peito dele e passou os braços ao redor de seu pescoço.

— Preciso de você antes.

Fêmea tola. Ela confessava coisas demais, conferindo-lhe poder sobre ela.

Mas isto era uma coisa boa.

Afastando-a, ele desfez o nó de sua gravata Hermès, afrouxando o tecido de seda. Quando removeu a gravata, ela fez um pequeno giro e foi até uma das camas, deitando-se de costas e estendendo os braços acima da cabeça. Com o corpo formando uma suave e erótica curva em S no colchão, um dos seios escapou do bojo e seu sexo nu cintilou ao abrir as pernas.

Assail avançou, pondo-se de quatro sobre ela até sentar sobre sua pélvis, aprisionando-a. Esticando a gravata entre dois punhos, baixou o olhar para ela.

— Você é tão confiante. — Ele murmurou. — E se eu fizesse algo mal com isto? Ninguém te ouviria gritar ou lutar, ouviria?

Por um momento, o medo brilhou nos olhos dela. Mas então ela sorriu.

— Que bom que sou um cavalheiro, não é mesmo? — Ele se inclinou com a seda. — Feche os olhos, minha querida. E não para dormir, não, nada de descanso.

Ele cobriu os olhos dela com a gravata, amarrando com um nó a faixa no lugar. Então olhou por cima do ombro e acenou para os primos se aproximarem. Eles estavam, como sempre, mais do que dispostos a livrarem-se de camisas e calças, despindo-se antes de estenderem as mãos para tocar e lambar, acariciar e penetrar.

Quando Naasha começou a gemer, ele saiu de cima dela, agarrou o pulso mais próximo — que acabou sendo o de Ehric — e furou-o com suas próprias presas. Derramando as gotas de sangue na boca de Naasha, a fêmea engasgou e atacou, alimentando-se da veia enquanto o corpo começava a se contorcer em êxtase.

Obviamente, ela não estava vivendo do sangue de seu *hellren*... E Assail assumia que era por isto que precisava da companhia dos da laia de Throe. Mas vampiros, particularmente os cheios de tesão, geralmente gostavam de tomar sangue em meio ao prazer, mesmo quando regularmente bem alimentados. Como o álcool ou as drogas, o ato de tomar sangue amplificava tudo da maneira mais satisfatória.

Com o sangue do primo no ar e na língua dela, estava tão distraída que Assail conseguiu chegar à porta sem ela ter consciência de seu afastamento. Buscando dentro de seu casaco, tirou uma antiquada latinha de óleo do tipo com o fundo removível e gargalo curto.

Poc-poc. Poc-poc. Mais para cima.

Poc-poc. Poc-poc. Para baixo.

O lubrificante não tinha um cheiro muito marcante por que ele tinha carregado a coisa com o novo Pennzoil 10W-40 para motor de carro... E após suas ministrações, a pesada porta abriu sem ruído algum. Com um sorriso astuto, esgueirou para fora daquela câmara dos prazeres e voltou a fechar o pesado

painel. Voltou a guardar no bolso do casaco o frasco de óleo, olhou para ambos os lados. Então prosseguiu para a esquerda, seguindo o caminho que Throe havia tomado naquela noite.

As paredes e chão do porão eram feitas de pedra rústica com instalações elétricas simples embutidas em tetos de madeira que lançavam sombras difusas. Ele testou todas as portas no caminho e descobriu despensa após despensa, algumas cheias de equipamentos de jardinagem dos anos 40 e 50, outros com baús de viagem da virada do século XVIII, e ainda outro com decorações de festas que tinham mofado e estragado na umidade e bolor.

Nem sinal dos aposentos de Throe, e aquilo não foi bem uma surpresa; ele não se dignaria a ficar ali embaixo nesta terra sem janelas de objetos de utilidades esquecidas. Também não havia aposentos de *doggens*, a casa claramente havia sido modernizada com os suprimentos e miudezas dos servos sendo transferidos para níveis mais altos. Também não havia adega, mas era de se imaginar que esta também teria encontrado abrigo no primeiro andar, perto do centro da atividade social.

Devia ser este o motivo dela ter montado aquele espaço tão afastado.

Havia privacidade suficiente ali embaixo.

Talvez, como ele, ela mesma lavasse os lençóis daquelas camas? Talvez não. A fêmea com certeza contava com uma aia de confiança.

No extremo, um segundo lance de escadas apareceu quando o corredor dobrou uma esquina, os degraus de pedra tão velhos que tinham desgastado em padrões.

Ah, então era aqui que Throe se escondia.

Movendo-se rápido, Assail estava quase neles quando se deparou com uma última porta – reforçada como a da masmorra de Naasha em oposição às portas mais frágeis, instaladas nas despensas anteriores.

A fechadura mestra nela era recente e brilhante, e do tipo que requeria uma chave específica. Por desencargo de consciência, tateou ao redor da moldura para

o caso da chave estar oculta por ali em um prego ou gancho, como algumas pessoas faziam. Infelizmente não. Seja o que for que havia do outro lado daquela porta, era algo precioso.

E que era mantido bem escondido de olhos curiosos.

Subindo os degraus, foi tão silencioso quanto o vento ao subir para uma porta que, abençoadamente, parecia estar destrancada. Ele ouviu por um momento, confirmou que não havia nada do outro lado e a abriu com cuidado.

Era o depósito do mordomo, ao que parecia, pelos armários com frente de vidro cheio de pratos e o depósito de talheres revestido de feltro verde, e cheio de grande estoque de pratarias brilhantes.

Embora não conhecesse a disposição dos cômodos da casa, estava bem familiarizado com as necessidades das grandes mansões e, certamente, uma discreta escada de serviço com degraus de madeira crua e um corrimão funcional não estaria longe. Ao seguir adiante para o segundo andar, foi forçado a parar no meio do caminho e encostar-se na parede quando, no andar de cima, uma empregada passou com uma carga de roupas para lavar em uma cesta de vime. Quando ela sumiu, ele cruzou a distância e se esgueirou por trás dela para dentro da ala dos dormitórios dos empregados.

Seguindo seus instintos, esgueirou por uma porta larga, uma que era grande o suficiente para acomodar todo tipo de entradas e saídas – e, de fato, do outro lado o corredor se tornava esplêndido com instalações elétricas de bronze e cristais iluminando o caminho, carpete grosso de lã acomodando os passos, escaninhos antigos e mesas destacando janelas que sem dúvida davam vista aos jardins.

Ele espiou cada quarto e cada um parecia corresponder a determinado sexo, alternando entre padrões de decoração masculinos e femininos.

Soube quando chegou ao quarto de Throe devido ao cheiro da colônia pós-barba que inundava o ar.

Entrou e fechou a porta atrás de si. Felizmente as empregadas já tinham passado por lá para fazer a arrumação, arrumar a cama, colocar uma pilha de toalhas de banho limpas, flores frescas na escrivaninha. Havia pouca coisa de uso pessoal, o que combinava com o histórico de antigo soldado de poucos recursos e muita mobilidade. No entanto, o closet estava cheio de roupas novas, muitas das quais ainda com etiquetas, indicando compras recentes.

Sem dúvida, pagas pela senhora da casa.

De volta ao quarto, vasculhou as gavetas da mesinha Chippendale e não encontrou nada. Nem armas. Nem munições. Na escrivaninha antiquada, procurou por documentos, agendas telefônicas, cartas. Não havia nada.

Parando ao lado da cama, observou as pinturas penduradas na parede revestida de papel de parede de seda.

— Aí está você, pequenino.

Com um ronronar de satisfação, foi até uma pequena pintura emoldurada de uma paisagem pendurada na parede – que parecia estar ligeiramente mais torta que as outras.

Ao removê-la, revelou a frente de metal escovado de um cofre na parede.

O botão era liso e vermelho, e havia vários números para onde girar de um lado para outro.

Onde estava sua ladra quando precisava dela, pensou ao recolocar o quadro no lugar.

Sem dúvida haveria maneiras de abri-lo se quisesse, mas no momento estava despreparado para tal tarefa e não queria esgotar o tempo da diversão que ocorria lá embaixo – seus primos eram potentes, mas a trepada não iria durar para sempre.

Medindo a moldura dourada da pintura, certificou-se de deixá-lo exatamente fora de centro, nem mais, nem menos do que estava antes, e então recuou pelo

tapete Oriental – sentindo-se satisfeito pelo fato da coisa multicolorida não destacar suas pegadas.

Com uma ultima avaliada aos arredores, levou a mão à maçaneta e tornou a emergir para o corredor...

— Posso ajudá-lo?

Enquanto esperava pela resposta do vampiro no fim do beco, Rhage olhou para cima, para o telhado do prédio do outro lado. Vishous tinha acabado de materializar naquele ponto estratégico... Mas o irmão permaneceu imóvel e calado.

Voltando a se concentrar, Rhage chamou de novo.

— Mostre-se ou vou atrás de você. E você não vai sobreviver, seu filho da puta. Eu garanto.

Por baixo de sua pele a besta se mexeu, sua maldição enrolando e desenrolando incansavelmente a despeito de todo o sexo que ele vinha tendo. Mas também, seus instintos estavam a mil. Esta semana já tinha levado até um tiro no peito, e não estava muito ansioso para quebrar o recorde de experiências de quase morte da Irmandade.

— Sou eu, estou desarmado.

O som da voz aristocrática ecoou pelas construções decrepitas, e então, um momento depois, Throe apareceu com as mãos para cima e olhando para a frente, com o corpo tenso.

— Não atire. — O macho deu uma volta lenta. — Estou sozinho.

Rhage estreitou os olhos, buscando por outros sinais de movimento naquele canto escuro. Quando não achou nada, voltou a focar em Throe. Não havia armas visíveis, e o macho não estava vestido para a batalha – a menos que estivesse esperando um slap dance no Zoolander¹⁸: as roupas do bastardo eram quase tão boas quanto as de Butch, o sobretudo sob medida num terno elegante, os sapatos brilhando mesmo na luz fraca.

— Parece que você teve uma repaginada. — Murmurou Rhage. — Da última vez que te vi, suas roupas não eram tão boas.

— Minhas perspectivas melhoraram desde que me demiti dos serviços de Xcor.

— Ouvi dizer que você não era um empregado, seu filho da puta. Pau mandado seria mais adequado.

— Eu tinha uma dívida a pagar... Verdade. Mas não tenho mais.

— Bem, nós não estamos com vagas abertas. Pelo menos não para cuzões com seu tipo de currículo.

— Posso abaixar os braços? Estão meio cansados.

— Você é quem sabe. Eu sou um imbecil de dedos nervosos, então é melhor tomar cuidado com qualquer movimento que faça com as mãos.

Houve o som de alguém pousando em pé e Throe se virou. Quando Vishous saiu da escuridão bem às costas do cara, Rhage riu.

— Você não gosta de ser pego de surpresa, huh? – Rhage também saiu de sua cobertura, mantendo a arma apontada e pronta para ser disparada. — Imagine só. É melhor ficar bem imóvel enquanto meu irmão te revista.

Vishous bateu o torso de Throe e desceu pelas pernas, dando um apertão no saco do cara. Quando Throe emitiu um guincho agudo que logo esmaeceu, o irmão recuou, mas manteve a .40 apontada para o Senhor Almofadinha.

¹⁸ Filme comédia sobre o mundo da moda.

— Então, se não está mais com Xcor, o que está fazendo aqui? — Exigiu V. — Você está usando perfume demais e está desarmado.

— Eu esperava encontrar um de vocês.

— Surpresa! — Zombou Rhage. — Agora o que você quer?

— Vocês mandaram Assail me espionar... Ou ele está agindo por conta própria?

V irrompeu numa risada dura.

— Como é que é?

— Eu fui perfeitamente claro. — Throe olhou para V. — E você está a pouca distância de mim. Então sei que ouviu claramente.

Quando V expôs as presas alongadas, Rhage meneou a cabeça.

— É melhor repensar esta sua atitude. Meu irmão está com cara de que quer te transformar em confete.

— Bem? — Insistiu Throe. — Vocês o mandaram me seduzir? Teriam mais chances com uma fêmea... Não que vocês devessem se dar ao trabalho. Eu me aposentei de todo este conflito.

— Você arriscou sua vida, — Disse V. — Para nos passar esta mensagem, certo?

— Achei que teria mais peso se eu dissesse pessoalmente.

— Você superestima grandiosamente seu apelo. Ou a importância de sua orientação sexual.

Rhage falou:

— Por que não dá a porra do fora daqui? Seria uma pena um cidadão civil como você se ferir aqui em campo.

— Uma pena do caralho. — V ergueu a arma, apontando para a cabeça do cara. — Tique-taque.

— Tchauzinho, cuzão. — Rhage deu um tchauzinho. — Tenha uma boa vida. Ou não. Ninguém liga porra nenhuma.

Throe meneou a cabeça.

— Vocês estão perdendo tempo vindo atrás de mim.

— Vou contar até três, quando chegar ao três, vou atirar. — Disse V. — Três.

Throe sumiu assim que V atirou, cerca de dois pés à esquerda de onde o bastardo estava.

— Droga. — Exclamou V em tom de tédio. — Errei.

— Cara, este realmente é um pedaço de merda da cidade. — Rhage disse ao se aproximar do irmão. — A gente encontra os piores tipos aqui.

— Então Assail está indo ao infinito e além do chamado do dever. Vou ter que dar uma gorjeta extra para ele. Na sunguinha fio dental, claro.

Rhage anuiu e então apontou para o ponto explodido no asfalto.

— Eu peguei um *lesser*, a propósito.

— Parabéns. Quer outro...?

— Por que não está me olhando nos olhos, V?

— Estamos em meio ao campo de batalha, estou ocupado.

— Ahã. Certo.

Vishous franziu o cenho e ainda assim continuou evitando-o. Mas então, em uma voz baixa, o irmão disse:

— Eu falei com Saxton por você.

Rhage recuou. — Sobre Bitty?

— É este o nome dela? Bem, é. Enfim, estou com a papelada. Não tem de fazer nada com ela, mas se quiser está em sua escrivaninha, em uma pasta. Até mais tarde.

Com isto, o irmão desmaterializou para fora do beco e Rhage soube que eles jamais voltariam a falar disso novamente. E cara, aquilo era tão típico de V... O filho da puta era capaz de enormes gentilezas e empatias, mas sempre à certa distância, como se temesse ser envolvido por emoções.

Mas ele sempre estava lá pelas pessoas a quem amava.

— Obrigado, meu irmão. — Rhage disse para o ar onde o macho de valor esteve.

Respirando fundo, Rhage disse a si mesmo que precisava relaxar. Só por que V não tinha conseguido encontrar o tal tio, e o fato de agora haver um jogo de formulários de adoção em branco a serem preenchidos quando voltasse para casa, não significava que nada fosse efetivamente acontecer com Bitty.

Ele ainda nem tinha falado com Mary.

E, olá, a garota tinha aceitado somente sair para um sorvete e então um jantar com eles. Não significava que ela tivesse interesse em uma nova família ou algo assim.

Ele *realmente* precisava relaxar a porra da cabeça.

Capítulo QUARENTA E CINCO

Sentada ao lado do túmulo da mãe, Mary prendeu a respiração enquanto esperava que Bitty dissesse algo mais. No silêncio, as palavras da garota pairaram no ar frio entre elas.

Meu pai costumava me bater.

— Pode ser muito difícil falar sobre coisas assim. — murmurou Mary.

— Seu pai também...

— Não. Na verdade, nem me lembro mais dele. Ele morreu quando eu tinha dois anos em um acidente. Minha mãe era o único parente que eu tinha.

— Minha *mahmen* também era tudo o que eu tinha. Mas às vezes, não me sentia assim tão próxima a ela. É difícil explicar.

— Havia uma porção de coisas acontecendo na sua casa.

— Eu costumava deixá-lo com raiva de mim de propósito. Só para que ele não... Sabe, fosse atrás dela. — Bitty deu de ombros. — Eu era mais rápida do que ele. Tinha mais chances.

Mary fechou os olhos e impediu-se de praguejar.

— Eu sinto muito.

— Tudo bem.

— Não, na verdade não está.

— Estou com frio. — Disse Bitty abruptamente.

— Vamos voltar para o carro então. — Mary levantou-se, respeitando a mudança do rumo da conversa. — Eu ligo o aquecimento.

— Você não quer ficar mais?

— Sempre posso voltar. — Ela queria tomar a mão da garota, mas sabia que não devia forçar. — E está mesmo frio.

Bitty anuiu, e juntas caminharam pelos túmulos, o chão suave sob seus pés até chegarem à alameda. Quando chegaram ao Volvo, a garota hesitou.

Mary olhou por cima do ombro ao abrir a porta do motorista.

— Quer que eu vá pelo caminho mais longo até o Lugar Seguro?

— Como sabia?

— Acho que foi só um chute.

Conforme seguiam a alameda principal para fora dos portões de ferro do cemitério, Bitty murmurou:

— Nunca pensei que Caldwell fosse tão grande.

Mary anuiu.

— É uma cidade de bom tamanho. Já viu o centro?

— Só em fotos. Meu pai tinha um caminhão, mas minha mãe não podia dirigi-lo. Quando viemos ao Havers daquela vez, ela o pegou quando ele apagou. Foi por isto que... Outras coisas aconteceram. Sabe, depois que voltamos.

— Sim. — Mary olhou pelo retrovisor. — Posso imaginar.

— Eu gostaria de ver o centro da cidade.

— Quer ir agora? É bem bonito à noite...

— Podemos?

— Pode apostar.

Na entrada de Pine Grove, Mary pegou à esquerda e se dirigiu através dos subúrbios até a rodovia. Ao passarem por uma vizinhança cheia de casas

humanas, a maior parte das quais estavam escuras, Bitty tinha a cara pressionada contra a janela... E então veio as lojas, e mais além, as galerias de lojas onde não havia nada além de placas luminosas, estacionamentos vazios e espaços fechados.

— Esta é a Northway. — Mary ligou a seta. — Vai nos levar até lá em segurança.

Subiram a rampa da saída. Para o pouco de tráfego que havia às dez da noite.

E então ali estava no horizonte, como um tipo diferente de nascer do sol, os arranha-céus pontilhados com luzes em padrões aleatórios.

— Oh, veja isto. — Bitty sentou-se na beira do banco. — Os prédios são tão altos. Quando *mahmen* me levou para o outro lado do rio para a clínica, ela me escondeu por baixo de um cobertor. Eu não pude ver nada.

— Como vocês... — Mary pigarreou. — Como vocês arrumavam comida? Viviam em uma área bem rural... Não havia muitos lugares por perto que desse para ir a pé, não é?

— Meu pai trazia para casa o que queria. A gente podia ficar com o que sobrava.

— Você já esteve, sabe, em um supermercado?

— Não.

— Quer ir a um? Na volta?

— Oh, eu adoraria!

Mary manteve a velocidade a vinte e cinco quilômetros por hora ao atravessarem a floresta de prédios, as ruas um tanto parecidas como as alamedas do cemitério, curvas abertas trazendo-as perto de pilhas verticais de incontáveis escritórios antes de virar em outra direção para ainda outra vista de aço e vidros.

— Nem todas as luzes estão apagadas.

— Não. — Riu Mary. — Sempre que passo por aqui de carro à noite, costumo inventar histórias sobre por que alguém esqueceu de apertar o interruptor antes de ir embora. Será que estavam com pressa para encontrar alguém para um jantar de comemoração? Um primeiro encontro? O nascimento de um bebê? Tento imaginar coisas boas.

— Talvez eles tenham um cachorrinho novo.

— Ou um periquito.

— Não acho que um peixe seria digno de tal pressa.

Eeeeeee esta foi a discussão boba enquanto Mary fazia o retorno através do distrito financeiro de Caldwell para pegar uma estrada de quatro vias que levou-as de volta em direção de onde vieram. O Hannaford que ela queria ficava a quatro quilômetros de distância do Lugar Seguro, e quando entrou no estacionamento do mercado, só havia alguns clientes esparsos entrando e saindo da entrada bem iluminada, alguns com sacolas, outros com carrinhos, alguns ainda de mãos vazias.

Estacionou, e então ela e Bitty saltaram.

— Está com fome? — Mary perguntou, ao se dirigirem para as portas automáticas.

— Não sei.

— Bem, me avise se quiser alguma coisa.

— Tem comida lá no Lugar Seguro.

— Sim, tem sim.

Bitty parou e observou as portas abrindo e fechando.

— Isto é tão incrível.

— É... Acho que é mesmo.

Quando entraram juntas, Mary pensou... Deus, quantas vezes tinha entrado e saído por portas assim, com a cabeça fervilhando com listas de coisas para

comprar, ou coisas que a preocupavam, ou planos de que voltaria depois? Ela jamais deu atenção ao modo incrível como as portas funcionavam sozinhas, indo e voltando como pequenos corredores, nem rápido demais, nem devagar demais, como quando acionadas por pessoas.

Pelos olhos de Bitty, ela viu o que tinha subestimado sob uma luz totalmente nova.

E *aquilo* foi tão incrível.

Sem pensar, Mary colocou a mão sobre o ombro da garota... Só pareceu uma coisa tão natural a se fazer que não conseguiu evitar.

— Vê aqui? Há um sensor... Quando uma pessoa chega ao campo de reconhecimento deste sensor, é isto que faz elas funcionarem. Tente.

Bitty deu um passo à frente e riu quando a porta de vidro se abriu para ela. Então voltou um passo para trás. Ela se inclinou e abanou as mãos até elas abrirem de novo.

Mary ficou ali por perto... Com um grande sorriso no rosto, o peito cheio de algo tão morno que não conseguia aguentar analisar muito de perto.

De pé, do lado de fora do quarto de Throe, Assail virou-se para confrontar a fêmea que tinha feito a pergunta a ele... O tempo todo se perguntando que nível de complicação aquilo resultaria para ele.

Mas era só a empregada que tinha passado transportando as roupas para lavar quando ele estava subindo as escadas dos fundos da mansão... E os olhos da *doggen* estavam arregalados e um pouco assustados, dificilmente uma sugestão de problemas, mesmo que tivesse sido flagrado em um lugar onde não deveria estar.

Assail buscou transmitir confiança para ela, oferecendo um sorriso fácil.

— Receio estar um pouco perdido.

— Perdão, senhor. — Ela fez uma reverência acentuada. — Achei que os convidados da senhora só chegariam ao anoitecer.

— Cheguei um pouco cedo. Mas não precisa se preocupar. A escada principal é por ali?

— Sim. — A empregada fez outra reverência. — Sim, senhor.

— Problema resolvido. Você foi de muita ajuda.

— O prazer foi meu, senhor.

Ele parou antes de virar.

— Diga-me, quantos convidados estão esperando?

— Foram preparados seis quartos, senhor.

— Obrigado.

Afastando-se, deixou-a no corredor, fingindo reparar na decoração ao caminhar com as mãos nos bolsos. Ao se aproximar da escada principal, olhou para trás. Ela tinha sumido... E dada a posição dela na casa, dificilmente diria alguma coisa a alguém. Empregadas eram pouco mais do que lavadoras/secadoras que precisavam ser alimentadas... Pelo menos nos termos de hierarquia da equipe.

Era mais provável que levasse uma bronca se fosse incomodar o mordomo, mesmo que achasse que a informação fosse importante para a equipe.

Assail prosseguiu ao descer a escada principal em passos lentos. Afinal, o melhor disfarce em uma situação destas era agir abertamente... E já tinha preparado suas desculpas.

Mas não encontrou nenhum outro serviçal e ninguém mais ao dirigir-se aos fundos da casa e voltar à escada de serviço que tinha usado anteriormente para

subir. Usando-a para descer até o porão, parou na frente da porta reforçada com aquele teclado numérico.

Agora que tinha menos pressa, detectou um aroma no ar. Um que não conseguiu identificar imediatamente, mas não pode se demorar ali para tentar identificar.

Pondo-se novamente em movimento, seguiu até a masmorra da senhora e se esgueirou para dentro. As coisas tinham progredido com admirável eficiência, seus primos fervilhavam sobre a carne nua da fêmea, o sangue marcava a pele e colchão do mesmo modo, os paus e o sexo dela escorregadios de orgasmos. Mas aquela gravata Hermès ainda estava no lugar, cobrindo os olhos dela.

Tal havia sido a boa performance dos primos...

A porta se abriu poucos momentos depois que ele entrou e Assail olhou por cima do ombro.

— Bem, bem, bem. — Disse ele com um sorriso. — O hóspede favorito da madame voltou.

Throe não pareceu nem um pouco satisfeito, a tomar pelas sobrancelhas cerradas e a tensão que seu corpo emanava.

— Eu não sabia que você viria.

— O celular é um aparelho incrível. Permite que alguém ligue para alguém e que alguém receba chamadas de alguém, o que resulta em encontros.

A senhora da casa gemeu e arqueou-se quando Ehric trocou de lugar entre suas pernas com o irmão.

Os olhos de Throe se estreitaram.

— Não sei o que está fazendo aqui.

Assail indicou o sexo que ocorria.

— Isto não é suficientemente racional? E se está tão preocupado com minha presença, fale com sua senhora. É o show dela, não é?

— Não por muito tempo. — O macho disse baixinho.

— Ocupado com planos. Que surpresa.

— Observe e aprenda. — Os olhos de Throe brilharam de malícia. — A estrutura desta família está a ponto de ser mudada.

— É mesmo?

— Desfrute dela enquanto ainda pode.

Throe partiu, fechando a porta à sua passagem, sem som algum. Graças à ação anterior de Assail.

Ao voltar a atenção para a cama... Assail teve a distinta impressão de que um funeral aconteceria em breve. A questão era se seria o funeral do senhor ou da senhora primeiro.

Capítulo QUARENTA E SEIS

Layla se levantou apoiada nos cotovelos quando a Dra. Jane começou a limpar o gel espalhado em sua grande barriga. Este exame, já previamente agendado, acabou vindo em excelente ocasião – mesmo que tivesse acabado de fazer um, a confirmação dupla era reconfortante.

— É, está tudo bem. – A médica sorriu, ajudando a fechar as duas partes de seu roupão. — Você está indo realmente muito bem...

— Só mais um pouquinho e vou poder relaxar mais, não é?

— Pode apostar. Logo aqueles pulmõezinhos estarão em um ponto onde poderemos lidar melhor com eles. – A Dra. Jane olhou para o outro lado da sala de exames. — Os pais tem alguma pergunta?

Do canto, Qhuinn meneou a cabeça, mudando de posição em sua cadeira e esfregando os olhos díspares. Ao lado dele, Blay massageava os ombros do macho.

— Estamos preocupados com a alimentação. – Disse Blay. — Será que Layla está recebendo o suficiente de nós?

— Os exames dela estão ótimos. O que estão fazendo está funcionando bem.

— E o parto? – Blay perguntou. — Como vamos saber se... Acho que não dá pra saber se tudo vai correr bem, não é?

A Dra. Jane recostou-se em seu banquinho de rodinhas e cruzou os braços.

— Eu gostaria de dizer que dá para prever tudo o que vai acontecer, mas não dá. Mas posso dizer que Manny e eu estamos preparados, Havers vai estar de prontidão e Ehlena já acompanhou mais de cem partos. Estamos prontos para ajudar a natureza tomar seu curso... E quando eles estiverem fora, tenho duas incubadoras aqui, além de equipamento de assistência respiratória, que é o mais

moderno que já vi. Acho, e fico feliz por isto, que todo mundo está disposto a oferecer a veia, caso seja necessário. E o lado bom é que os bebês estão se desenvolvendo perfeitamente neste momento. Estamos preparados e isto é o melhor que podemos fazer. Tenham em mente que ainda pode levar meses e meses. A marca de duas semanas daqui por diante é só o mínimo necessário para a sobrevivência. Tenho esperança que eles fiquem por aí mais uns seis meses, pelo menos.

Layla baixou o olhar para a barriga e se perguntou quanto espaço mais tinha a ceder. Já sentia como se os pulmões estivessem esmagados debaixo dos ossos e a bexiga tivesse escorrido para baixo dos joelhos. Mas custasse o que custasse. Qualquer coisa que os bebês precisassem.

Quando Qhuinn e Blay se levantaram houve um pouco de conversa amena, algo sobre Rhage e Mary terem inundado o banheiro deles, e então abraços de despedida quando os machos partiram.

A Dra. Jane voltou a sentar-se no banquinho.

— Está bem, e você, o que quer me perguntar?

— Como é? – Layla jogou o cabelo para trás dos ombros. — Sobre?

— Já faz um tempo que você é minha paciente... Consigo ver o que se passa em você... Provavelmente Qhuinn e Blay também conseguiriam se não estivessem tão preocupados com os bebês.

Layla brincou com a lapela felpuda de seu roupão.

— Não é nada com a gravidez. Estou bem mais tranquila em relação a isto.

— Então...

— Bem, ah, Luchas e eu estávamos imaginando, – Layla sorriu de um modo que esperava soasse desinteressado. — Você sabe, ele e eu não temos muito sobre o que conversar aqui embaixo. Além do quão grande estou ficando e o quão dura a fisioterapia é para ele.

A Dra. Jane anuiu.

— Você estão mesmo se esforçando muito.

— Então... Como está o prisioneiro? — Layla ergueu as mãos. — Não é da minha conta... Bem, da nossa conta. Só estamos curiosos. E não perguntei na frente de Qhuinn e Blay por que eles querem fingir que eu existo dentro de uma bolha, onde nada me preocupe e, sabe, não exista nada feio para estragar o meu mundinho. Eu só pensei que talvez você pudesse contar pra nós como ele está agora que foi transferido. Ele se recuperou dos derrames?

A Dra. Jane meneou a cabeça.

— Eu não devia ter dito nada.

— Ele ainda está vivo?

— Não vou responder a isto. Sinto muito, Layla. Entendo sua curiosidade. Entendo mesmo. Mas não posso responder.

— Pode ao menos dizer se ele está vivo?

A Dra. Jane respirou fundo.

— Não posso. Sinto muito. Agora, me dá licença? Hora de arranjar algo para comer.

Layla baixou os olhos.

— Desculpa. Não foi minha intenção forçar o assunto.

— Tudo bem... E não se preocupe com nada além de cuidar de si mesma e destes bebês, está bem? — A Dra. Jane deu um leve aperto em seu joelho. — Precisa de ajuda pra descer o corredor?

Layla meneou a cabeça.

— Não, obrigada.

Descendo da maca para o chão, arrumou o roupão, saiu da sala de exames e começou a voltar para o seu quarto. Quando uma insistente culpa se abateu sobre ela, disse a si mesma que era o que acontecia quando se fazia escolhas ruins...

De repente sua barriga se contraiu da frente para trás, a ponto de ter de parar e apoiar na parede do corredor. Mas um momento depois, a faixa invisível sumiu e foi como se nada tivesse acontecido... E ela também não sofreu a temida liberação da bexiga.

Tudo estava bem.

— Vocês estão bem aí? — Sussurrou para a barriga, acariciando-a em movimentos circulares.

Quando sentiu um chute como se fosse uma resposta, sentiu-se incrivelmente aliviada.

A Dra. Jane estava certa. Ela precisava se concentrar no que estava fazendo aqui... Comer bem, dormir bem e garantir que tudo o que estava sob seu controle não desse errado.

Além disto, era melhor para todo mundo se deixasse de lado essa coisa com Xcor.

De tantas formas.

Ao retomar seu passo cambaleante, praguejou. Por que tinha de ter esta conversa consigo mesma tantas e tantas vezes?

Depois de deixar Rhage no beco, Vishous tornou a se materializar nos degraus da frente da mansão, pegou um jogo de chaves de carro do Fritz e guiou o Hummer de Qhuinn montanha abaixo. Aumentando o som, relaxou com uma

canção da velha escola de Goodie Mobi cantando Soul Food antes de colocar algo do Tupac. Ele não acendeu um. Teria sido falta de respeito.

Vê, que cavalheiro ele era. Um verdadeiro filho da puta a postos.

Ao chegar à estrada na base da propriedade, pisou no acelerador e seguiu em direção às pontes gêmeas no centro da cidade. Vinte minutos depois, seguiu para o rio, pegou a primeira saída do outro lado e prosseguiu em uma estrada estreita que seguia à margem para o norte.

A casa de vidro de Assail ficava em uma península que se projetava no Hudson e V parou na área de estacionamento dos fundos, perto das portas da garagem. Ao desligar os faróis e o motor, lembrou-se de uma noite diferente quando também tinha vindo até ali, quando reinou todo o tipo de caos... Especialmente depois de Wrath ter sido atingido por um tiro na porra da garganta.

Um pesadelo da porra.

A porta dos fundos abriu e Assail saiu da moderna mansão vestido como se fosse jantar em um restaurante francês... Exceto pelo fato de sua gravata estar pendurada em um dos bolsos laterais.

— Você se arrumou todo pra mim? – Perguntou V, acendendo um cigarro.

— Sempre. Mas é melhor estacionar lá dentro, se não se importar.

Com isso, uma das portas da garagem começou a subir, revelando um interior bem iluminado, onde havia uma van, uma Range Rover preta e uma vaga para o Hummer de Qhuinn.

— Só um minuto. – V disse ao dar outra tragada.

Assail riu.

— Infelizmente também estou me sentindo necessitado. Mas de algo diferente.

O macho virou as costas, como se o segredinho sujo de quem cuidou, fungando uma narina e então a outra, fosse passar coooooooooompletamente despercebido.

V sorriu através da fumaça.

— Está afundado neste vício até o pescoço, não é?

Assail guardou o frasco de volta no bolso interno do paletó.

— Você não pode fumar no veículo?

— Não é meu. E ei, pelo menos para disfarçar seu probleminha não é preciso usar Bom Ar.

Quando o macho esfregou o nariz, uma vez... Duas vezes... E de novo, V franziu o cenho ao captar um cheiro no ar.

— Está com uma hemorragia aí, colega.

Em seguida, Assail tirou aquela gravata de seda perfeitamente elegante, da cor do interior de um melão coberta por algum tipo de padrão, e pressionou-a na nareba. Era isto ou arruinar aquela camisa elegantíssima que vestia.

Vishous ergueu uma bota, apagou o cigarro na sola e enfiou a bituca amassada no bolso da jaqueta de couro.

— Afaste-se, cuzão. — Ele empurrou o cara contra o SUV, forçou o queixo dele para cima e segurou a gravata no lugar. — Há quanto tempo isto vem acontecendo?

Quando Assail emitiu um tipo de ruído, V revirou os olhos e apertou o nariz do FDP.

— Deixa pra lá, esta é sua noite de sorte. Eu sou médico e vou te examinar assim que parar com essa imitação de chafariz. E você pode calar a boca a menos que seja para me agradecer.

Os dois ficaram lá fora no frio por um tempo. De vez em quando, Assail murmurava alguma merda, que soava como Pee-Wee Herman¹⁹, mas V o ignorava.

— Aqui, segure. — Murmurou V. — E não se mexa.

V colocou os dedos do cara onde sua mão esteve. Então se enfiou no Hummer e retirou o canivete suíço que Qhuinn mantinha no suporte de copos dianteiro. De volta ao paciente, pegou o celular, ligou a lanterna e tirou a mão de Assail do caminho.

Usando a parte sem corte da maior lâmina como separador, examinou dentro das narinas judiadas.

Apagou a lanterna, limpou a lâmina em sua calça de couro e fechou o canivete.

— Você está com o septo bem perfurado. Anda com dificuldades pra dormir? Algum de seus milhares de parceiros sexuais já falou que você anda roncando?

— Eu durmo sozinho. E não durmo muito.

— Alguma dificuldade para respirar? Ainda tem algum olfato?

— Sinto cheiros. E nem reparei a respiração.

— Bem, um conselho, não que você vá ouvir, é melhor parar com o pó. Ou vai piorar tanto esta merda que a cirurgia não vai ser somente sua única opção, mas possivelmente não vá resolver nada.

Assail olhou para a floresta distraidamente.

— Não é tão fácil, é? — V meneou a cabeça. — Essa coisa te aprisiona.

Cruzando os braços sobre o peito, Assail embolou a gravata ensanguentada no punho.

¹⁹ Humorista americano.

— Estou em uma prisão curiosa. Uma que eu mesmo construí. O problema é que, embora eu tenha construído, não estava ciente das barras de ferro que pus ao meu redor. Elas se tornaram... Intransponíveis, por assim dizer.

— Quanto você está cheirando? De verdade.

Levou um tempo até o cara responder. E quando finalmente o fez, ficou claro que a pausa se devia aos enormes números envolvidos na matemática, adições e multiplicações.

Por falar em subir os “uns” e “cincos”.

Vishous assoviou suavemente.

— Ok, vou ser franco com você. Embora o vampiro médio tenha enorme vantagem sobre os humanos em se tratando de saúde, você vai acabar explodindo seu coração se continuar cheirando tanto. Ou seu cérebro. No mínimo, vai acabar seriamente paranóico, se é que já não está, e não é de se espantar que não consiga dormir.

Assail esfregou a área sob o nariz e então olhou para o sangue que secava em seus dedos.

— Quando estiver pronto, – Disse V. — Nos chame. É melhor se desintoxicar sob supervisão médica, e podemos fazer isto de forma discreta. E não me faça perder tempo negando a extensão de seu problema ou tentando amenizar esta merda. Você está com um parasita horrível dentro de você, e se não se livrar dele, ele vai se livrar de você. Vai acabar te matando.

— Quanto tempo?

— Quanto tempo o que? Você tem antes de sucumbir e acordar morto?

— Dura a desintoxicação?

— Depende de como ela for feita. A desintoxicação física não oferece risco de vida, mas a merda psicológica vai te fazer desejar estar morto.

Assail permaneceu silencioso por um tempo, e já que V se coçava por um cigarro, desistiu e acendeu um.

— Eu sei tudo sobre vícios. — V olhou para a ponta brilhante de seu cigarro.
— Graças a Deus vampiros não desenvolvem câncer, certo? Então não estou te julgando. Você sabe onde me encontrar quando estiver pronto.

— Talvez eu esteja mesmo ficando paranóico.

— Como assim?

— Estive na casa de Naasha antes de voltar pra cá.

— E?

O macho balançou a cabeça para frente e para trás.

— Tive uma sensação de morte iminente naquela casa.

— Aquele *hellren* dela está muito doente.

— Fato. — Assail desviou o olhar, seus olhos prateados como a lua flamejavam. — Mas não me surpreenderia se ele tivesse uma ajudinha para virar cinzas. Ou pelo menos foi o que eu senti.

— Heranças são coisas poderosas.

— Sim. — Assail estremeceu como se voltando da beira de um abismo interno. — Se importa de pegar as armas agora?

Vishous exalou uma faixa de fumaça para longe do cara.

— Foi para isto que vim.

— Por favor, mova seu veículo para dentro quando estiver pronto. Vamos carregar ali.

Quando Assail desviou o olhar, V interrompeu-o.

-
- Estou com seu dinheiro... Não se preocupe. E não vou cobrar pela consulta médica.
 - Que cavalheiro você é, Vishous.
 - Nem um pouco. Agora vamos acabar com isto.

Capítulo QUARENTA E SETE

Quando a Irmandade se reuniu para a Última Refeição na sala de jantar principal, Mary se aproximou e sentou-se perto de Marissa.

— Se importa de conversarmos um pouquinho antes de jantar?

Marissa baixou sua taça e anuiu com um sorriso brilhante.

— Desculpe por ter saído cedo do trabalho hoje, mas Butch me levou para um encontro.

— Oh, vocês merecem! Onde foram?

— Nenhum lugar especial. Só uma pizzaria nos subúrbios. Ele tinha razão, foi a melhor pizza de peperoni com cebolas que eu já comi. Ele está ajudando V a descarregar alguns suprimentos e então virá só para conversar, igual a mim. Foi bom passar um tempo a sós, sabe?

— Sei. Na verdade, Rhage e eu vamos sair amanhã. — Mary pigarreou. — Que é parte do que eu preciso conversar com você. Finalmente consegui um pouco de progresso com a Bitty.

— Mesmo? — Marissa se inclinou para um abraço rápido. — Eu sabia que ia conseguir! Isto é maravilhoso. Há tanto para ela processar.

— É. — Mary se recostou. — Mas há algo que preciso averiguar. Em termos clínicos, digo. Não que seja urgente... É... Só que ela tem treze anos e não nove.

Quando as sobancelhas de Marissa se ergueram de surpresa, a fêmea murmurou.

— Tem certeza?

Mary contou tudo, inclusive o que Bitty tinha dito sobre sua mãe mentir sobre sua idade, a visita ao cemitério e ao supermercado.

Marissa franziu o cenho.

— Você a levou até o túmulo da sua mãe?

— Ela queria ver. Ela pediu. O tratamento dela vai ter que envolver mais do que só sentar em uma cadeira e ouvir. Ela é incrivelmente inteligente, mas levou uma vida tão reclusa, tão cheia de violência que, para ter qualquer esperança de passar pelo período de luto inteira e se adequar ao mundo, ela vai ter de se expor.

— Existem grupos de atividades em campo para alcançar coisas assim.

— Ela nunca tinha visto um supermercado antes. — Quando Marissa recuou, Mary anuiu. — E não sabia nem o que eram portas automáticas. Nunca tinha visto o centro da cidade. Ela me disse, quando eu e Rhage a levamos para tomar sorvete ontem, que nunca tinha ido a um restaurante ou a uma lanchonete.

— Eu não fazia ideia.

— Nem eu. — Mary olhou para a mesa de jantar de nove metros de comprimento, com toda a sua elegância. — Ela e a mãe mantiveram silêncio por medo. E a coisa é, estou preocupada com a saúde de Bitty. Sei que ela foi examinada na clínica de Havers por conta daquela perna quebrada e houve melhora naquele ponto. Mas já faz um tempo. Quero que alguém dê uma olhada nela logo, e queria trazê-la para a clínica daqui, não para a de Havers.

Quando Marissa começou a protestar, Mary ergueu a mão.

— Ouça-me. A mãe dela morreu lá. Acha que ela precisa voltar àquele lugar tão cedo? E sim, dá para esperar um mês ou dois, mas é possível perceber que está frágil demais. Mesmo levando em conta que vampiros são menos desenvolvidos que os humanos de idades similares até a transição, ela é alarmantemente pequena. Ehlena tem uma larga experiência com jovens vampiros, a Dra. Jane tem um conhecimento mais do que adequado, e podemos levar Bitty para o centro de treinamento com toda tranquilidade, fazer os exames lá e levá-la embora assim que acabar.

Marissa remexeu seu garfo.

— Consigo entender a lógica.

— Pensei em fazer amanhã à noite, se a Dra. Jane estiver disponível. Vamos levar Bitty para jantar.

— Você e Rhage?

— É como o passeio para o sorvete. Ela realmente gosta dele. — Mary sorriu.
— Diz que ele é como um grande cão amigável.

O cenho franzido de Marissa não expressava muita confiança. E nem o período de silêncio, preenchido pela conversa de outras pessoas, enquanto chegavam à sala em pares e grupos pequenos.

— Marissa. Eu sei o que estou fazendo. E mais ainda, a prova de que estou agindo certo é o fato dela finalmente estar começando a se abrir. Ela está conosco há quanto tempo?

— Olha, não sou qualificada para te dizer como executar o seu trabalho... E realmente acho que isto pode ser um problema. Como diretora, minha obrigação é fazer os trens andarem no tempo certo. Como não sou formada em serviço social... Gostaria de conversar com alguns dos outros. Você é muito boa em seu trabalho e não posso discutir com os resultados, especialmente no caso de Bitty. Mas não quero que você meta os pés pelas mãos... E estou um pouco preocupada com isto.

— Como assim? — Mary ergueu as mãos. — Admito que poderia ter tratado a situação da morte da mãe dela de uma maneira diferente se eu soubesse...

— Você levou uma órfã para tomar sorvete. Para visitar o túmulo da sua mãe. Vai levá-la para jantar com o seu marido. Não acha que há uma possibilidade de que esteja fazendo isto por razões de natureza pessoal?

— Deixa eu ver. Vamos lá, deixa eu ver.

Do lado de fora, na frente da mansão, Rhage acotovelou o corpo de Butch para o lado a fim de poder ver o que havia no porta-malas do Hummer. Ao pôr os olhos sobre os equipamentos expostos, riu baixinho.

— Nada mal. — Ele tirou uma das Glock automáticas de seu estojo e a avaliou, tirando o clip, bombeando o gatilho, analisando peso e aparência. — Quantas destas conseguiu?

V abriu outra maleta de aço.

— Aqui tem mais oito. Dezesseis no total.

— Qual o preço? — Butch perguntou ao pegar outra arma e passá-la pela mesma verificação.

— Dez mil. — V abriu uma sacola preta de nylon e expôs as caixas de munição. — Sem desconto, mas também não são numeradas e não temos de nos preocupar sobre negociar com canais humanos legítimos.

Rhage anuiu.

— Fritz deve estar em alguma lista de observação a esta altura.

— O que mais podemos conseguir com eles? — Butch perguntou ao pegar uma terceira, o som de metal sobre metal ecoando de suas mãos rápidas.

— Como se eles tivessem alguma merda de catálogo. — V deu de ombros. — Estou achando que podemos pedir qualquer coisa que quisermos e eles vão conseguir.

— Podemos encomendar alguns mísseis? — Perguntou Rhage. — Ou, estou dizendo, seria útil algum equipamento antiaéreo.

Butch deu um soco nos bíceps de Rhage.

— Se o negócio descambar para o campo antiaéreo, vou querer um canhão.

— Vocês são dois fodidos imbecis, sabiam?

Rhage pegou a sacola com a munição, e Butch pegou as duas malas para V poder trancar o carro e acender um cigarro. Estavam no meio do caminho de paralelepípedos quando V hesitou. Cambaleou. Meneou a cabeça.

— O que foi? — Perguntou Butch.

— Nada. — O Irmão prosseguiu, subindo os degraus de pedra de dois em dois e abrindo a porta do vestibulo. Ao colocar o rosto na frente da câmara, murmurou: — Só estou com fome.

— Eu te entendo. — Rhage esfregou a barriga. — Preciso de comida imediatamente.

O comentário foi casual. Ao contrário do olhar que ele e Butch compartilharam. No entanto, a realidade era que mesmo os Irmãos eram capazes de ficar hipoglicêmicos e nem tudo era emergência. Mas pela cara sombria do tira, ele cuidaria daquilo quando ele e V voltassem para o Pit para passar o dia.

— Onde quer que eu guarde isto, V? No túnel?

Quando Vishous fez um sinal de concordância, Rhage pegou as malas de Butch e levou a carga por trás da escada principal até a porta oculta que levava ao túnel. Destrancando as coisas ao digitar a senha, depositou a carga de metal no chão e certificou-se duplamente de voltar a trancar a porta. Com Nalla engatinhando, ninguém se arriscava com armas ou munições, mesmo quando as merdas eram guardadas separadamente.

Virando-se, voltou para a sala de jantar.

Dentro do belo espaço havia muita conversa e risos, pessoas por todos os lados e *doggen* servindo bebidas antes da comida. Mary estava perto de Marissa, e de início Rhage começou a ir em direção a elas, mas então detectou a tensão no ar e recuou, sentando-se em seu lugar de costume, do outro lado da mesa.

Enquanto isto, Mary se inclinou para a chefe falando com urgência. Marissa anuiu. Então meneou a cabeça. Então falou. E daí novamente era a vez de Mary.

Devia ser sobre trabalho.

Talvez mesmo até sobre Bitty?

Manny puxou uma cadeira.

— Como vai, meu jovem?

— Ei, peido velho. Cadê sua melhor parte?

— Payne está tirando uma soneca. Eu a esgotei, se é que me entende.

Os dois se cumprimentaram juntando as mãos cerradas e então Rhage voltou a disfarçar sua tentativa de leitura de lábios. O que, a propósito, não conseguiu muito bem.

— Pesadelo repolho, máquina de espremer, toca fitas. — Disse Mary.

— Filmes de magia doze vezes por dia. — Marissa bebericou sua taça de vinho. — Então o tênis com o can-can. Amendoins e filé à Filadélfia, bagel, bagel cream cheese.

— Filme plástico?

— Creme dental.

— Baía garagem, biquíni de Natal, quero ser cereal Grape Nuts com Dr. Pepper.

— Caralhos me fodam. — Ele murmurou. E considerando o tanto de referências culinárias que seu cérebro estava arrancando daquelas bocas, estava *mesmo* precisando comer.

Mary eventualmente se levantou e as duas anuíram. Então sua *shellan* voltou para ele.

— Tudo bem? — Perguntou ao puxar a cadeira para ela.

— Oh, sim. Sim. — Ela sorriu para ele, então sentou-se e encarou o prato vazio. — Desculpe, eu só estava...

— O que posso fazer para ajudar?

Virando-se para ele, ela esfregou o rosto.

— Pode me dizer que tudo vai ficar bem?

Rhage a puxou para seu colo e correu as mãos para cima e para baixo de sua coxa.

— Prometo pra você. Tudo vai acabar bem. Seja o que for, vamos fazer dar certo.

Os *doggen* da casa entraram enfileirados, trazendo bandejas de prata com carne assada e batatas, frango e arroz, alguns vegetais no vapor e molhos. Quando Mary voltou para sua cadeira, ele ficou desapontado, mas entendeu o que estava acontecendo com ela. Acabaria alimentando-a até ela estar estufada enquanto ele morreria de fome... E então devoraria como um lobo tudo o que restasse antes da sobremesa ser servida.

Eles já tinham passado por aquilo antes.

— Senhor. — Um *doggen* disse por trás dele. — Preparamos um prato especial para o senhor.

Mesmo preocupado com sua Mary, Rhage bateu palmas e esfregou as mãos.

— Fantástico. Sou capaz de comer esta mesa inteira.

Um segundo membro da equipe removeu sua carga e puxou a tampa da bandeja. Então um enorme prato de prata coberto por um pano foi colocado à sua frente.

— E aí, Hollywood? — Alguém disse. — Nossa comida não é boa o bastante pra você?

— Ei, Rhage, você tem direito a um boi só para você ou algo assim?

— Pensei que estivesse na onda da Jenny Craig. — Outra voz exclamou.

— Acho que se bobear ele come a Jenny Craig... O que seria completamente errado. Humanos não são comida.

Ele mostrou o dedo do meio pra todo mundo e puxou a beirada do pano...

— Oh, qual é?! — Rosnou, quando risadas explodiram no ambiente. — Sério? Vocês estão mesmo falando sério? *Mesmo?*

Um *snorkel* e uma máscara de mergulho tinham sido cuidadosamente arrumados sobre um grande prato de porcelana, com salpicos de salsinha e gomos de limão arrumados nas beiradas.

Mary começou a rir e o que salvou os seus irmãos foi o fato dela ter jogado os braços ao redor de seu pescoço antes de beijá-lo.

— Essa foi boa, — Ela disse contra sua boca. — Vamos lá, você sabe que foi.

— Um cara inunda um maldito banheiro e subitamente vira tema...

— Shhh, só me beije, está bem?

Ele ainda resmungava, mas fez o que sua *shellan* lhe disse pra fazer. Era isto ou estragar seu apetite... Cometendo assassinato.

Capítulo QUARENTA E OITO

— Você sabe que o cara é casado.

Era quase meio dia, Jo assustou-se em sua cadeira de recepcionista e franziu o cenho. Bryant se inclinava sobre o balcão de sua mesa com o rosto extremamente sério, a gravata borboleta tão perfeitamente colocada, que parecia um pedaço de plástico esculpido ao invés de algo feito de seda.

— Do que está falando? — Ela estendeu-lhe uma pasta. — Isto é para a reunião de uma e meia.

— Bill. Ele é casado.

— Do que está... Como é que é?

— Ouça. — Bryant correu as unhas perfeitamente cuidadas ao redor das beiradas da pasta de tamanho legal. — Eu vi vocês, está bem? Em um semáforo. Você estava no carro dele. Eu só não quero que se magoe.

Pela primeira vez na história conhecida, Jo recostou em sua cadeira e realmente olhou para o cara. Engraçado, na verdade a aura dele era um bom disfarce para algumas pequenas falhas que tinham lhe passado despercebidas antes: seus olhos eram um tanto juntos demais; o lábio superior tinha um curioso excesso; aquele nariz tinha uma espinha na ponta.

— Só estou preocupado com você. — Concluiu ele. — Como um irmão mais velho.

Jo cruzou os braços sobre o peito. Pensando bem, a voz dele também era meio esganiçada, um pouco irritante.

— Olá? — Ele exclamou. Como se esperasse uma reação específica por parte dela e estivesse determinado a extraí-la. — Jo, ouviu o que eu disse?

Definitivamente era hora de seguir adiante, decidiu. Atualizar seu currículo. Cadastrar-se no *Empregos.com* e no site do *CCJ*. Fazer outra coisa.

Ela tinha desperdiçado quase um ano e meio pairando sobre este narcisista, vivendo por uma piscadela ou um galanteio, desdobrando-se em duas para que a vida pessoal e profissional dele corresse com suavidade... E, por fim, varrendo sua libido pra baixo do tapete, por que esta tensão sexual unilateral com o idiota era uma aposta melhor do que tentar encontrar um cara de verdade para ela.

— Estou te dando meu aviso prévio.

— *Como é que é?*

— Você me ouviu.

— Espere, ficou louca? Está se demitindo só por que falei que o seu namoradinho tem uma esposa? Quando você já sabia? Eles assinaram o contrato aqui no escritório, você a conheceu...

— Não tem nada a ver com Bill. Ele e eu estamos trabalhando juntos em uma matéria. — Okay, um pouco de exagero. — Eu só preciso mais do que você pode me dar.

— É por causa da prova para agente imobiliário? Tudo bem, se você insiste em fazer...

— Na verdade, não é nada disso. — Ela olhou de esguelha para o computador. — E é meio dia, então vou almoçar.

Com movimentos rápidos sobre o aparelho telefônico do escritório, acionou o desvio do número principal para a secretária eletrônica, pegou sua bolsa do chão e atravessou o escritório. Bryant se pôs no seu caminho como se quisesse discutir, mas ela só balançou a cabeça.

— É melhor começar a procurar por uma nova recepcionista se quiser que eu tenha algum tempo para treiná-la.

— Jo. Você está agindo de uma maneira bem pouco profissional.

Baixando o tom de sua voz, ela disse.

— Você me fez mentir para as mulheres com quem sai para que elas não descubram o escroto que você é. Eu tenho de levar sua roupa para a lavanderia. Agendar seus cortes de cabelo. Levei seu carro para a revisão quantas vezes? Isso sem falar das queixas de seu condomínio pelas suas violações da lei do silêncio, o cara que limpa sua piscina, seus problemas de ar condicionado e o cara da dedetização. *Isto sim* não foi nada profissional. Mas não se preocupe. Você vai encontrar outra otária. Homens como você sempre encontram. Só não serei mais eu.

Jo passou pelas portas de vidro e saiu para o sol de outubro... Fraco demais para elevar a temperatura, mas brilhante o suficiente para fazê-la pegar seus óculos escuros.

Ao entrar em seu VW, não se surpreendeu ao ver que Bryant não veio atrás dela... Sem dúvida ele estava resolvendo a crise do próximo jantar. Ou talvez arrumando o cabelo em seu banheiro privativo. Ou fosse o diabo que estivesse fazendo. Uma coisa que ela sabia? Não era mais da conta dela.

Nunca foi da conta dela, pelo menos, não por parte dele. E a coisa que ele tinha dito sobre Bill? Era bem o tipo de reflexo de autodefesa porque ela era uma boa criada e ele não queria abrir mão dela.

Mas como disse, haveria outra. Sem dúvida.

Enquanto guiava para longe, Jo via o escritório da imobiliária diminuindo em seu retrovisor e pensou em Bill e seu primo Troy. Eles eram caras legais, mas não tinham realmente nada que lhe chamasse atenção.

Quando iria encontrar um homem de verdade?

Tanto faz. Precisava encontrar outro emprego, e então havia aquela coisa toda de vampiros para se preocupar.

Pegando seu celular, ela ligou para Bill.

— Estou indo para a fazenda agora, se quiser me encontrar lá.

— Está pronta para irmos?

Ao som da voz de Rhage, Mary pulou no sofá, chutando para o chão a coberta que tinha sido colocada sobre suas pernas. Sentando-se, olhou ao redor da sala de jogos e então olhou para Rhage, que se inclinava sobre ela.

— Eu dormi. Cadê todo mundo? O torneio acabou?

Ele anuiu ao sentar na mesinha de centro e equilibrar o taco na ponta do dedo indicador.

— Butch venceu. O bastardo. Ele e V acabaram de ir para o Pit.

Com um grande bocejo, ela empurrou o cabelo para trás. A imensa TV sobre a lareira estava no mudo e exibia um filme do Steven Seagal do final dos anos 90, que o mostrava golpeando um bando de caras em uma rua da cidade.

— Acho que foi nessa parte que eu adormeci. — Ela disse tolamente apontando para a tela.

— Na verdade, foi há três filmes atrás. — Rhage acariciou-a no rosto. — Este é outro filme, mas não se sinta mal. Eles parecem realmente o mesmo. Vai me deixar carregá-la?

— Posso subir sozinha.

— Eu sei. — Ele deixou o taco de lado e ofereceu-lhe uma mão. — A pergunta é, vai me impedir de pegá-la no colo?

Ela sorriu.

— Não.

Rhage tirou-a do sofá e a próxima coisa que viu, estava em seus braços fortes e ele a levava por entre as mesas de bilhar. No saguão, bocejou de novo e aconchegou-se mais a ele.

— Você é bom demais para mim. — Ela murmurou.

— Nada disso.

No segundo andar, ele parou na frente da porta fechada do quarto deles e ela se inclinou e abriu para que eles passassem. Sem esforço nenhum, ele a levou até a cama e deitou-a de lado sobre o colchão.

— Pode escovar os dentes por mim? — Ela perguntou. — Esta é a verdadeira questão.

— Pode deixar.

Quando ele ia se afastar, ela riu.

— Foi uma pergunta retórica.

— Eu ia te trazer a escova e um copo de água. — Ele colocou as mãos nos quadris e baixou o olhar para ela. — A menos que você consiga chegar até a pia?

Cara, ele era um macho de aparência fantástica, ela pensou ao medir os ombros enormes e braços fortes, o estômago e a pélvis esguios, aquelas pernas longas e poderosas. E então havia aqueles cabelos louros, os brilhantes olhos de um azul oceano, aquela estrutura óssea que parecia desenhada por um artista ao invés de algo nascido neste mundo.

— Mary?

— Só estou admirando a vista.

— Oh!? — Ele deu uma voltinha e exibiu o traseiro. — Gosta?

— Muito. Que tal tirar a camisa para mim?

Olhando por cima dos ombros, ele estreitou os olhos.

— Está dando em cima de mim?

— Por que... Sim, acho que estou sim.

Ele virou de novo, agarrou a frente de sua camiseta sem mangas e gemeu.

— Primeiro, pede por favor.

— Pooooooooor favooooooooor...

Riiiiip. E lá estava o peito nu dele à mostra, toda a musculatura lançando sombras sob a luz fraca do abajur sobre a escrivaninha.

Rhage moveu a mão para baixo entre suas pernas, agarrando a grande ereção que tinha feito uma aparição para valer na frente de seus couros.

— Quer ver mais alguma coisa? – Sussurrou.

— Sim... – Ela murmurou.

Os dedos dele abriram os botões bem lentamente, provocando-a ao revelar sua ereção centímetro a centímetro até ela estar totalmente livre e se projetar na direção dela.

Mary abaixou a mão e desapareceu com ela entre suas próprias calças, abrindo as pernas enquanto ele recuava e acariciava a si mesmo.

— Venha cá. – Disse ela.

Rhage veio para a cama deles e em questão de segundos estava por cima dela, e ela o guiou com a mão, trazendo a cabeça para junto de seu núcleo. Com um gemido, ela enroscou as pernas ao redor do traseiro dele, e ele estocou com força, unindo-os, ondulando contra ela com velocidade crescente, cada vez mais duro até a cama ranger, os travesseiros voarem para fora do colchão e o edredom embolar por baixo dela.

Ao acariciar as costas dele, ela podia sentir a fera se mexer sob suas unhas, a tatuagem eriçando e criando um padrão em relevo na pele dele como se quisesse sair.

— Mary. — Rhage disse contra seu pescoço. — Ai, cacete, *Mary*...

Ante o som de sua voz rouca, um orgasmo a atingiu como um relâmpago, o prazer fazendo-a gritar enquanto ele bombeava a pélvis dentro dela de novo e de novo enquanto ejaculava.

Quando finalmente se imobilizaram, ela acariciou sua espinha, acariciando a fera que se movia sob seu toque. E era tão estranho. Em momentos como este, mesmo que fosse loucura, parecia que os três estavam juntos.

— Gostaria de vir comigo para o chuveiro? — Rhage perguntou ao acarinhá-la na garganta com o nariz. — Eu posso imaginar umas coisas bem divertidas para fazer com o sabonete.

— Sério? Tipo o que?

— Limpeza é um tipo de santidade... Esta não é uma expressão humana?

Mary bocejou e se esticou, sentindo-o ainda dentro de si.

— Tenho uma ideia. Vai na frente, eu já te encontro lá.

— Perfeito.

Depois de alguns beijos lânguidos, Rhage desceu da cama e se levantou. Livrando-se dos couros que ainda estavam abaixados à altura de suas coxas, ele caminhou até o banheiro totalmente nu.

Uau, que vista!

Ele era como uma estátua grega viva.

O chuveiro foi ligado e ela sentiu um aroma do xampu que eles usavam, e então o sabonete... E então o condicionador.

Motivando-se, espreguiçou mais uma vez e saiu da cama. Ao chegar ao banheiro, Rhage estava inclinado sob o jato de água enxaguando o cabelo. Ela despiu-se rapidamente e logo estava lá com ele, o corpo escorregadio e excitado dele cintilando sob a luz dos espelhos.

— Aqui está ela. — Ele murmurou ao puxá-la para perto.

Levou um tempo até eles saírem, e no final as pernas dela estavam tão moles que era bom que não tivesse uma longa distância a percorrer. Enrolada no roupão de Rhage, cambaleou até a penteadeira para tirar os brincos de pérolas enquanto ele levava as roupas que deixaram espalhadas por todo o quarto até a saída da lavanderia que havia dentro de seu closet.

Ela tinha tirado somente um dos brincos quando reparou na pasta.

— O que é isto?

— O que é o que? — Ele disse de dentro do closet.

Ela abriu a frente da pasta...

.... E sentiu o ar abandonar seus pulmões.

Capítulo QUARENTA E NOVE

Ao sair do closet e voltar para o quarto, Rhage sentia-se muito bem com a vida. É claro, o tira tinha ganhado dele no bilhar de novo, mas depois do tratamento que sua Mary tinha acabado de lhe dar? Sentia-se um verdadeiro vencedor.

Aquela sessão no chuveiro tinha sido praticamente Olímpica, o máximo do máximo, coisa de campeão.

Ao sair, ele...

... Congelou onde estava.

Mary estava sentada na cadeira ao lado da escrivaninha deles com o pequeno pé rosado no tapete, o corpo engolfado pelo roupão de banho dele, a cabeça baixa com o cabelo úmido pendurado para a frente. Em seu colo, totalmente aberta, havia uma pasta que Rhage não reconheceu.

Mas sabia para o que ela estava olhando.

Rhage voltou para o closet e pegou um par de calças de corrida de nylon. Pensando melhor, pegou também aquele moletom do *AHS* que tinha usado na outra noite. Voltando a sair, caminhou até a cama e sentou-se.

Mary ergueu o olhar ao chegar à última página.

— O que é isto? Digo... — Ela balançou a cabeça. — Acho que sei o que é. Eu só...

Rhage agarrou a beirada do colchão e se apoiou nos braços. Estranhamente, as antiguidades no quarto, as cortinas pesadas, o padrão do tapete, tudo se tornou claro demais, cada coisa à sua volta se aguçou a ponto de fazê-lo hesitar.

— Não fui eu quem pediu a Saxton para imprimir isso tudo. — Falou abruptamente.

— O formulário de adoção? É o que é, não é? Digo, não sou completamente versada no Antigo Idioma, mas consegui apreender o sentido.

— Olha, não temos de fazer nada com eles. Não é como... Digo, não estou dizendo pra gente adotá-la. Pedi ao Vishous para ajudar a encontrar o tio dela... É, eu sei que você não me pediu pra fazer isto, mas pensei que, se algum dos meus irmãos pudesse ajudar seria ele. Ele revirou alguns bancos de dados na Casa de Audiências e não encontrou nada. Verificou em outros lugares também. Não havia traço de nada, nem família, nem tio. E ah, falei com ele sobre você e eu e a coisa da garota. Foi ele quem mencionou o processo de adoção e então apareceu com isto.

Mary fechou a pasta e pousou a mão em cima. Quando não disse nada, ele praguejou.

— Sinto muito. Talvez eu devesse ter conversado com você antes de ir falar com Vishous...

— Marissa acha que estou envolvida demais. Com a Bitty, quero dizer. Era sobre isto que discutíamos antes da Última Refeição hoje. Ela acha que estou ultrapassando os limites do profissionalismo tornando a coisa pessoal demais.

— Uau.

— E mesmo que eu tenha argumentado contra... Ela tem razão. Estou mesmo.

O coração de Rhage falhou uma batida, de terror.

— O que quer dizer?

Houve um grande período de silêncio. E então ela deu de ombros.

— Já trabalhei com vários jovens. Não só no Lugar Seguro, mas também antes, quando trabalhava com crianças autistas. — Ela desviou o olhar. — Lembra quando eu estava na casa da Bella? Quando disse que não queria mais ver você?

Rhage fechou os olhos e lembranças daquele confronto horrível voltaram à sua mente. Por alguma razão, lembrou-se da manta naquele quarto de hóspedes onde ela estivera dormindo, aquela manta de retalhos feita à mão com seus retângulos de cores diversas. Mary estava na cama quando ele chegou. E mesmo que estivesse bem ali na sua frente, sentiu como se estivessem a um mundo de distância.

— Sim. — Disse ele roucamente. — Eu me lembro.

— Doía tanto que não conseguia me imaginar puxando para baixo mais ninguém comigo. Eu estava bloqueada, fechada, pronta para perder aquela batalha que realmente não tinha mais interesse em lutar. Eu te afastei com violência. Mas você veio mesmo assim. Você veio e... E em você vi um farol do qual eu não conseguia me afastar.

Eu não estou bem.

Em sua mente, ele a ouviu dizendo aquelas palavras. Sentiu seu corpo quase bater no dele ao sair correndo daquela casa atrás dele, enquanto ele só estava ali, de pé, segurando a lua nas mãos do jeito que ela tinha ensinado a fazer.

— Acho que senti como se Bitty fosse como eu. Digo, pelos últimos sei lá quanto tempo eu a conheço, ela esteve completamente fechada. Mesmo com a mãe por perto, era como uma criaturinha provinciana, observando as pessoas à distância, fechando-se completamente. E depois do abuso e as mortes? Eu jamais a culpei. Só queria desesperadamente alcançá-la. Era como... Bem, em retrospecto, acho que estive tentando salvar meu antigo eu.

— Ela realmente se abriu a noite passada. — Rhage disse. — Pelo menos, eu senti isto. Mas não teria como saber...

— Foi o que eu disse para Marissa. Não sei se os protocolos normais de tratamento teriam tido efeito sobre ela. E ela está reagindo. Eu a levei ao túmulo

da minha mãe. Então compramos M&Ms no supermercado Hannaford. Ela só está começando uma jornada muito difícil e não quero parar de ajudá-la.

— Marissa te retirou do caso? — Ele exigiu.

— Não, ela só acha que estou emocionalmente envolvida demais... E estou mesmo, admito. Bitty é especial para mim.

Rhage baixou o olhar para a pasta que Mary tinha trazido para junto do peito e abraçava... De um jeito que não sabia se ela tinha ciência de estar fazendo.

— Mary.

Quando ela finalmente ergueu o olhar, ele sentiu como se estivesse pulando de um abismo. O lado bom? Se tinha de voar pelo ar com alguém, não podia pensar em ninguém melhor do que sua *shellan*.

— A gente podia dar a ela um bom lar.

Os olhos de Mary se encheram de lágrimas e ele se levantou e foi até ela, ajoelhando-se na frente de sua *shellan* e colocou as mãos em suas pernas.

— Você não quer dizer isto, quer? — Ele sussurrou.

Ela deu um soluço. E então balançou a cabeça.

— Isso não era para acontecer com a gente. A gente conversou sobre isto. Não... Era para acontecer com a gente. Essa coisa de sermos pais.

— Quem disse?

Mary abriu a boca. Então fechou enquanto segurava aqueles papéis ainda mais forte contra o coração.

— Eu estava conformada. Realmente estava. Eu realmente... De nunca poder ser mãe.

Quando as lágrimas começaram a cair, Rhage estendeu a mão e limpou o rosto da sua amada.

— Tudo bem se não puder falar. Por que eu falo por você. Você seria... A mais maravilhosa *mahmen* para aquela garotinha. Bitty seria tão sortuda por ter você em sua vida.

As palavras que disse pareceram destruí-la de certa forma, e sabia exatamente como ela se sentia. Ele tinha se preparado para aceitar a perda de uma grande parte da vida, por que entre as muitas bênçãos que lhe foram concedidas, ser pai não estava entre elas. E sim, era um tipo de crueldade ter aquela porta, que tinha tão resolutamente trancado, recebendo batidas tão cedo.

Mas havia uma coisa que ele sabia malditamente bem.

Se por algum milagre eles fossem chamados pelo destino para cuidarem daquela garotinha? Ele aceitaria sem hesitação. E sabia sem nem precisar perguntar que sua Mary também.

Pais.

Seria um milagre.

Mary estava surpresa pelo grande abismo de dor que havia se aberto no meio do seu peito.

E enquanto pensava sobre tudo, ela decidiu que sim, era inteiramente possível que ela pudesse ter sublimado a coisa toda de viver sem filhos... Automedicando uma agonia desconhecida com bons serviços honestos que serviam àqueles que precisavam de ajuda durante seus momentos mais vulneráveis.

Com um estremecimento, inclinou-se pra frente e Rhage estava lá para segurá-la quando caiu da cadeira para o colo dele no chão. Quando os braços dele

se enroscaram ao redor dela e apertaram forte, ela abraçou aquela pasta cheia de papéis tão forte quanto era possível.

Tinha sido aterrorizante demais admitir para si mesma ou para Rhage a ideia que vinha acalentando em seu coração no último ano. Mas um instinto materno tinha se enraizado em algum ponto ao longo de sua jornada com Bitty – embora Mary tenha sido cuidadosa em nunca infringir ou invadir o verdadeiro vínculo mãe/filha sem nem mesmo admitir os sentimentos em sua própria mente.

Mas, de vez em quando, tinha se perguntado o que a garotinha faria se fosse deixada sozinha no mundo.

E sim, houve uma fantasia ocasional sobre trazê-la para suas vidas.

Sem dúvida este era o motivo pelo qual, na noite da morte da mãe, Mary tinha dirigido na direção do complexo e da mansão ao invés do Lugar Seguro.

Mas sabia que tais sentimentos não eram apropriados ou profissionais, então não disse nada, não fez nada, não agiu de forma diferente do que agia perto das outras crianças com quem trabalhava.

Mas seu coração tinha seguido outro rumo.

Recostando-se, ergueu o olhar para o belo rosto de Rhage.

— O que Vishous disse sobre o tio?

Mesmo que ela achasse ter ouvido Rhage dizer que V não descobriu nada.

— Ele disse que não conseguiu achar ninguém com aquele nome. E nenhum detalhe registrado de Bitty, sua mãe ou qualquer familiar também. — Rhage secou a área debaixo dos seus olhos com os dedões; então secou as lágrimas dela em seu moletom. — Ela realmente está sozinha.

Eles ficaram quietos por um tempo. E então Mary disse.

— Não seriam só passeios divertidos à sorveteria.

— Eu sei.

— E ela pode nem querer vir morar com a gente.

— Eu sei.

— Mas você gosta dela, não gosta? Ela é especial, não é?

— Muito. — Ele riu numa explosão curta. — Acho que decidi que queria adotá-la no momento em que ela pediu aquela casquinha.

— O que?

— Longa história. Mas é só... É como se estivesse escrito.

— É o que eu sinto também.

Rhage mudou de posição de modo que se recostou na parede e ela se pôs entre suas pernas, encostada em seu peito. Talvez eles devessem ir para a cama. Afinal, seria mais confortável. Mas a sensação de que uma mudança imensa estava a ponto de ocorrer em suas vidas fazia parecer mais seguro ficar no chão... Só no caso do terremoto que estava acontecendo aos dois, em nível emocional, se traduzisse no mundo físico de alguma forma.

A maldita coisa seria capaz de destruir a mansão aos pedaços.

— Vai ser um processo, Rhage. Não vai acontecer da noite para o dia. Existem coisas que teremos de fazer, juntos e sozinhos, para ter certeza que é para valer.

Mas tudo aquilo era retórica.

Em seu coração, ao que lhe constava, a decisão já havia sido tomada.

Mary sentou e virou-se.

— Quer mesmo ser pai dela? Digo, eu sei o que sinto...

— *Seria uma honra e um privilégio para mim.* — Ele posicionou a mão direita sobre o coração ao falar no Antigo Idioma. — *Seria uma tarefa que eu procuraria cumprir todas as minhas noites sobre a terra.*

Mary respirou fundo. E praguejou.

— Vamos ter de explicar a ela o que... Eu sou. O que você tem.

Oh Deus, e se a Besta e sua situação existencial... impedissem-nos de serem pais em potencial? E quem decidia isto? E onde poderiam descobrir como fazer isto?

Com um grunhido, ela recostou-se na força de Rhage. E foi engraçado... Ao sentir os músculos dele a seu redor, soube que estaria com ela pelo tempo que fosse necessário sem nunca fugir do desafio, insistindo com propósito e foco até cruzarem a linha de chegada.

Era como ele sempre agia. Ele não desistia. Nunca.

— Eu amo você. — Disse ela, olhando pra frente.

— Amo você também. — Ele prendeu o cabelo dela atrás da orelha e massageou seus ombros. — E Mary... Vai ficar tudo bem. Eu prometo.

— Eles podem não permitir que a gente fique com ela. Mesmo que ela queira.

— Por quê?

— Você sabe o motivo. Nós não somos exatamente “normais”, Rhage.

— E quem é?

— Pessoas que estão vivas no sentido convencional. E que não tem uma Besta dentro do corpo.

Quando ele caiu em silêncio, ela se sentiu mal, como se tivesse arruinado alguma coisa. Mas precisavam ser realistas.

Só que Rhage só deu de ombros.

— Então vamos procurar aconselhamento. Ou alguma merda assim.

Mary riu um pouco.

— Aconselhamento?

— Claro. Que inferno. Posso desabafar como me sinto em relação à Besta. E talvez ela possa devorar alguns conselheiros para poder internalizar os comentários construtivos deles. Digo, Jesus, tirar a porra de mim na base de acupuntura e talvez o dragão se transforme em um coelhinho ou um passarinho ou...

— Um passarinho.

— É, ou tipo um esquilo Gopher. Acabaria como uma marmota gigante roxa, tipo vegetariana. — Quando a risada de Mary intensificou, ele acariciou os braços dela. — Que tal um Cavalier King Charles spaniel?

— Oh, dá um tempo...

— Não, não. É isso. Eu sei que é assim que vai acontecer.

Mary rolou em seu colo e sorriu para ele.

— Seja gentil. Tive uma manhã dura. Bem, exceto pela parte do chuveiro. Aquilo não foi nem um pouco duro.

Rhage ergueu o dedo.

— Está bem, primeiro de tudo, algo estava duro ali sim. E você viu em primeira mão. — Quando ela riu de novo, ele anuiu. — Uh-huh. Está certo, e quanto ao alter ego da Besta... Que tal um enorme lebrílope roxo?

— Eles não existem!

— Certo. Um macacobra.

— Também não existe.

— Então posso fazer os sonhos dos caçadores de macacobra ao redor do mundo se realizarem. — Rhage sorriu. — Quem iria nos recusar depois disto? Depois de eu prestar um serviço público bom destes?

— Você tem razão. — Acariciou o rosto dele. — Precisamos colocar o plano da acupuntura/lebrílope em funcionamento imediato.

Rhage se abaixou e beijou-a.

— Eu amo quando estamos falando a mesma língua. Simplesmente amo.

Capítulo CINQUENTA

Quando a noite caiu, Layla estava enormemente desorientada. Uma das desvantagens de viver no subterrâneo do centro de treinamento era não conseguir acertar seu relógio biológico aos ritmos do sol e lua. O tempo era apenas números na face de um relógio, refeições aparecendo em intervalos regulares, visitantes e tráfego indo e vindo em padrões aleatórios que eventualmente significavam pouco em termos de noite e dia.

Seu sono tinha caído em um ciclo de seis horas de vigília, seguidos por três horas de sono irregular. Repetindo-se eternamente.

Geralmente.

No entanto, esta noite quando o relógio eletrônico mostrou um oito brilhante vermelho seguido por um dezesseis depois de dois pontos verticais, ela fechou os olhos com propósito diferente de dormir.

Agonizava sobre isto desde sua resolução depois do ultrassom. Pesou os prós e os contras em sua mente até achar que enlouqueceria.

No final se decidiu, para o bem ou para o mal.

Provavelmente para o mal. Por que era sempre isto que acontecia a ela quando se tratava de Xcor.

Respirando fundo, percebeu que tudo a irritava. Os lençóis pareciam ásperos. O travesseiro debaixo de sua cabeça não estava na posição correta, e movê-lo pra cima e pra baixo não ajudava. O peso de sua barriga parecia enorme, uma entidade à parte do resto de seu corpo. Seus pés se retorciam como se alguém lhe fizesse cócegas com uma pena. Os pulmões pareciam inflar só parcialmente.

Esqueça o “pareciam”.

E a escuridão de seu quarto amplificava tudo.

Praguejando, descobriu que seus olhos tinham se aberto sozinhos, e desejou ter fita adesiva para poder fazer as pálpebras permanecerem fechadas.

Concentrando-se, forçou-se a respirar lenta e profundamente. Relaxou a tensão em seu corpo, começando nos dedos dos pés e subindo até a ponta da orelha. Acalmar sua mente.

O sono chegou em uma onda gentil, submergindo-a sob a consciência comum, libertando-a das dores e inquietações, preocupação e medo.

Da culpa.

Deu a si mesma um momento para aproveitar a flutuação sem peso. E então enviou seu eu central, sua alma, aquela luz mágica que animava seu corpo, não só para fora da cama do hospital e fora do quarto, não só pelo corredor e para fora do centro de treinamento... Mas para fora do reino da realidade terrestre.

Para o Santuário.

Dada sua gravidez, não era seguro para viajar para o Outro Lado em sua forma física. Mas deste jeito, ela cobria a distância com graça e facilidade... Além disso, mesmo fora de seu corpo ainda podia sentir sua carne debaixo dos lençóis e era, desta forma, capaz de monitorar continuamente sua encarnação corpórea. Se algo acontecesse, poderia voltar em um piscar de olhos.

Momentos depois, estava de pé em um gramado verde resplandecente. Acima de sua cabeça, o céu leitoso provia iluminação de nenhuma fonte definida, e ao redor, à distância, um anel de floresta estabelecia os limites sagrados do território. Templos de mármore branco brilhavam imaculados e frescos como a noite quando tinham sido chamados à existência tantos milênios atrás pela Virgem Escriba, e tulipas e narcisos brilhantemente coloridos eram como pedras preciosas derrubadas de um saquinho de tesouros.

Aspirando o ar adocicado, ela podia sentir sua energia sendo recarregada, e lembrou-se dos séculos que passara servindo à mãe da raça aqui em cima. Àquela época tudo era branco, sem nuances, e não havia variação em nada, nem mesmo

sombras lançadas. Mas o Primale atual, Phury, tinha mudado tudo aquilo, liberando ela e suas irmãs para viverem suas vidas lá embaixo, para experimentarem o mundo e a si mesmas como indivíduos, ao invés de engrenagens em um todo homogêneo.

Inconscientemente levou a mão à barriga... E sentiu um calafrio. Seu estômago estava liso e ela quase entrou em pânico... Mas aí sentiu suas funções corporais na Terra. Sim, ela pensou. A carne estava com os bebês; a alma não. E esta representação dela era como uma miragem que se movia, tanto existente quanto não existente.

Erguendo as dobras de sua túnica cerimonial, atravessou a extensão ondulante, passando pelos aposentos privativos do Primale, onde as impregnações costumavam acontecer, e continuou em frente até parar nos umbrais do Templo das Escribas Reclusas.

Um rápido olhar ao redor confirmou o que tinha sido verdade, não só desde sua chegada neste momento, mas pelo tempo desde que o Primale as liberou: por mais belo que o Santuário fosse, por mais que tivesse a oferecer em termos de paz e repouso, ele estava vazio e abandonado como uma fábrica desativada. Uma mina de ouro com os veios esgotados. Uma cozinha com armários vazios.

Para seus propósitos, isto era bom.

E em seu coração, era agri-doce. Liberdade tinha levado a um abandono, uma cessação no servir, um fim ao modo como as coisas eram.

A mudança, no entanto, foi mais da natureza do destino do que de outra coisa. E muita coisa boa tinha advindo disto... Embora talvez não para a Virgem Escriba. Mas quem poderia saber como ela se sentia, já que ninguém a via há quanto tempo mesmo?

Com uma prece solene, Layla entrou no templo das escribas e observou as mesas simples brancas com suas vasilhas de água, as penas e os rolos de pergaminho. No espaço majestoso, não havia poeira caindo pelas vigas do teto para macular as poças sagradas de vidência ou atenuar os contornos das coisas... E

ainda assim, parecia que a observação da história da raça, antigamente um dever sagrado, agora era uma tarefa abandonada improvável de ser retomada.

E aquilo parecia tornar o templo decrepito, de certa forma.

De fato, era difícil não pensar na grande biblioteca não muito longe dali, e uma imagem de suas prateleiras cheias de manuscritos após manuscritos de passagens cuidadosamente registradas, aqueles símbolos sagrados no Antigo Idioma posto no pergaminho quando as escribas testemunhavam os acontecimentos da raça nestes mesmas vasilhas. E havia mais outros registros lá: da Irmandade da Adaga Negra e suas linhagens, dos ditames da Virgem Escriba, das decisões dos Reis, da observação dos calendários dos festivais e das tradições da *glymera*, e do respeito que devia ser prestado à Virgem Escriba.

De certo modo, a falta da continuidade do registro histórico era uma morte para a raça.

Mas também era o renascimento. Tanta coisa positiva tinha resultado da mudança dos valores, como o reconhecimento dos direitos das fêmeas, a abolição da escravatura de sangue e liberdade para as Escolhidas.

Mas a Virgem Escriba tinha praticamente desaparecido em um vácuo espiritual, como se sua idolatria fosse um sustento que, após removido, a diminuísse à ponto da incapacidade. E sim, Layla sentia falta de partes dos antigos costumes e se preocupava por não terem um líder espiritual no momento de tal inquietação... Mas o destino era maior do que não somente ela, mas da raça como um todo.

E de fato, seu criador.

Andando adiante, foi até uma das mesas e puxou uma cadeira branca. Ao assentar-se, arrumou sua túnica e ofereceu uma prece pedindo que o que estava a ponto de fazer, fosse por um bem maior.

Qualquer bem maior.

Ah, droga. Era impossível argumentar que o que estava a ponto de fazer era por puro interesse próprio.

Curvando a cabeça, posicionou as mãos na vasilha, espalmando o recipiente com reverência. Com o máximo de clareza que pôde juntar, visualizou o rosto de Xcor, dos olhos estreitos ao lábio superior defeituoso, do cabelo cortado curto ao pescoço grosso. Imaginou o cheiro dele em seu nariz e sua presença física grandiosa diante dela. Imaginou aqueles antebraços cheios de veias e as mãos rudes e cheias de calos, seu peito pesado e as pernas fortes.

Em sua mente, ouviu a voz dele. Viu seus movimentos. Capturou seu olhar e o sustentou.

A superfície da água começou a se mover, círculos concêntricos se formando às batidas de seu coração. E então o redemoinho começou.

Uma imagem surgiu, erguendo-se das profundezas e imobilizando a animação do líquido transparente como cristal.

Layla franziu o cenho e pensou: *isto não faz sentido*.

A vasilha lhe mostrava prateleiras, fileiras e mais fileiras de prateleiras cheias de... Alguma espécie de urnas. Havia tochas flamejando, luz cor de laranja tremeluzindo sobre o que parecia ser um ambiente subterrâneo todo empoeirado.

— Xcor? — Ela sussurrou. — Oh... Querida Virgem Escriba.

A imagem que recebeu era clara como se estivesse de volta ao seu corpo em repouso. Ele estava deitado coberto por lençóis brancos em uma maca no centro do salão das prateleiras, olhos fechados, pele pálida, braços e pernas imóveis. Máquinas bipavam perto dele, umas que ela reconheceu de seu próprio quarto na clínica. John Matthew e Blaylock estavam sentados no chão de pedra próximos a ele, a mão de John se movia como se estivesse dizendo alguma coisa.

Blay somente anuí.

Layla desejou que a imagem mudasse para poder ver o que havia em frente e atrás de onde Xcor estava deitado. Ao aprofundar-se mais no que acabou se mostrando uma caverna, eventualmente chegou a um vasto espaço cerimonial...

A Tumba.

Xcor estava na ante-sala da Tumba.

Layla desejou que a imagem voltasse ao local onde John e Blay estavam e ouviu Blay dizer:

— A pressão está caindo. Então, nada de cirurgia. Mas ele não parece mais que vai acordar, pelo menos não tão cedo.

John gesticulou algo.

— Eu sei, mas qual a outra opção?

Layla pediu à vasilha que mostrasse o caminho da saída e a imagem proveu uma progressão na direção oposta até onde havia um portal terminal de construção robusta, com malha de aço sobre suas barras – além de uma tranca que parecia forte o bastante para manter fora até o mais determinado dos invasores. Então estava na barriga da caverna, as paredes de pedra entalhadas por mãos ou pela natureza, ou talvez uma combinação de ambos.

Finalmente estava passando livremente por uma floresta de muitos pinheiros.

Afastando a visão, notou a paisagem ficando cada vez menor... Até conseguir ver o brilho da mansão.

Então ele ainda estava na propriedade. Não era tão longe.

Soltando as beiradas da vasilha, ela observou enquanto o que havia sido mostrado desaparecia como se jamais tivesse existido, a água reassumindo sua característica transparência e anonimato.

Ao recostar na cadeira, refletiu por um longo tempo.

Então se levantou e saiu do templo das escritas.

Mas não voltou à Terra. Não de imediato.

— Sinto como se estivéssemos prestes a nos dar mal, não sei por que.

Quando sentou ao lado de Rhage na biblioteca da mansão, Mary lhe deu um tapinha nos joelhos.

— Você sabe que não é verdade.

— Minha aparência está boa?

Inclinando-se no sofá de seda, Mary observou o companheiro.

— Tão lindo como sempre.

— Será que isto funcionará a nosso favor?

— Como poderia não funcionar? — Ela beijou a bochecha dele. — Basta se lembrar de não dar em cima dela. Ela é a melhor amiga de sua esposa.

— Até parece. Ela é bonitinha e tudo o mais, assim como a maior parte dos aparelhos na cozinha de Fritz, e eu não tenho interesse em encoxar nenhum deles.

Mary riu e lhe deu outro apertão. Então voltou a sentir como se sua cabeça fosse explodir.

— Então. É. Enfim... Sabe, nunca prestei muita atenção a esta sala antes. É bonita.

Quando Rhage fez um *mmm-hmmmm*, ela olhou ao redor para as prateleiras de livros e a lareira crepitante e todos os tons ricos de joia dos carpetes, cortinas e almofadas. Havia uma escrivaninha. Sofás para se acomodar com algum livro da coleção... Ou seu Kindle, se assim preferisse. Algumas pinturas a óleo. E então todos os tipos de itens decorativos que Darius tinha colecionado em vida, de conchas marinhas especiais a pedras raras e fósseis.

— Não consigo respirar.

Quando Rhage colocou a cabeça entre os joelhos, ela esfregou os ombros dele, confortando-se ao confortá-lo também. Provavelmente não ajudaria dizer a ele que ela também se sentia meio sufocada. E um pouco nauseada.

Marissa entrou apressada dez minutos depois.

— Desculpe! Sinto muito... Oh, ei, Rhage.

— Oi. — Rhage pigarreou e ergueu a mão. — Ah... Oi. É.

Marissa olhou de um para o outro. Então pareceu se recompor e fechou as portas.

— Estava me perguntando por que é que você quis me encontrar aqui. Agora entendo.

— É. — Disse Rhage. — Eu não posso... Bem, sabe. Entrar no Lugar Seguro. Coisa que você deve saber... Por que é diretora do lugar. E... Eu realmente preciso parar de falar aqui, não é?

Marissa se aproximou do fogo, sua beleza extraordinária parecendo atrair toda a iluminação e calor da lareira. Ao sentar-se em uma poltrona, cruzou as pernas como a dama perfeita que era.

Seu rosto estava remoto, mas não frio. Ela parecia atenta.

Isto não vai dar certo, Mary pensou aterrorizada.

— Então... Obrigada por aceitar nos encontrar. — Mary pegou a mão de Rhage. — Vou evitar rodeios. Rhage e eu estivemos conversando e gostaríamos de explorar a possibilidade de adotar, ou no mínimo tutelar Bitty. Antes de você dizer não, gostaria que considerasse que eu tenho conhecimentos clínicos em...

— Espere. — Marissa ergueu as mãos. — Espere, isto não é sobre... Você pedir demissão?

— *O que?*

Marissa ergueu a mão até o coração e apoiou-se em seu assento.

— Você não está se demitindo.

— Não... Santo Deus, de onde tirou esta ideia?

— Achei que tinha te ofendido durante nossa conversa antes da Última Refeição. Eu não sabia onde estava pisando... Digo, só estou tentando fazer o que é correto para Bitty e eu... — Marissa parou de supetão. Assustou-se. — Eu te ouvi dizer *adoção*?

Mary respirou fundo. E cara, ela apertou a mão de seu *hellren*.

— Rhage e eu conversamos sobre isto. Nós queremos ser pais, e podemos dar a Bitty um lar cheio de amor, um lugar para ela chamar de seu, um sistema de suporte que seja mais do que profissional. Como você sabe, eu não posso ter filhos... E Bitty está realmente sozinha no mundo. Mesmo Vishous não foi capaz de encontrar o tio dela.

Marissa piscou algumas vezes. Olhou de um para outro de novo.

— Isto é... Extraordinário.

Rhage se inclinou para a frente.

— Isto é bom ou ruim?

— Bom. Digo... — Marissa recostou-se e encarou o fogo. — É maravilhoso... Fantástico. Só não sei direito o que temos de fazer.

Espere, aquilo foi um “sim”? Mary pensou com o coração aos saltos.

— Bitty precisa opinar sobre isto. — Disse ela tentando manter a cabeça fria.
— Ela tem idade suficiente para escolher. E eu sei que não vai ser fácil... O processo de adoção ou virarmos pais. Rhage também sabe. Eu acho, no entanto... Isto meio que começa com você, sabe?

Sem qualquer aviso, Marissa levantou-se rapidamente de sua poltrona e abraçou Mary, e então Rhage. Quando voltou a sentar, ela abanou as lágrimas em seus olhos.

— Eu acho que *realmente* é uma ótima ideia!

Está bem, Mary começou a ficar um pouquinho lacrimosa. E não podia olhar para Rhage... Por que se ele tivesse lágrimas nos olhos, e ela tinha quase certeza que sim, o jogo estaria acabado.

— Fico muito feliz por você nos apoiar. — Mary disse com voz rouca. — Embora eu não saiba se seremos aceitos...

A mão elegante de Marissa cortou o ar.

— Não estou nem um pouco preocupada sobre a capacidade de vocês dois serem bons pais. E por favor, não encare qualquer pausa que eu fizer como falta de apoio. Eu só nunca tive de fazer algo assim.

Rhage falou.

— Saxton conhece o procedimento legal. Ele nos mandou alguns documentos. Acho que preciso de uma audiência diante do Rei como membro da aristocracia...

Mary ergueu as mãos, tipo, uaaaaau.

— Espere, espere, será necessária uma avaliação formal de nós dois antes. E temos que pesquisar mais a família da mãe dela... E a do pai. E temos de perguntar a ela se sequer está interessada nisso. A morte da mãe é muito recente. Não quero que ela pense que estamos querendo tomar o lugar da família legítima dela ou tentar substituir de alguém que jamais poderá ser substituído. Precisamos agir com calma. Também há um problema em potencial.

— E o que seria? — Perguntou Marissa.

Quando Mary olhou para Rhage, ele pigarreou.

— Eu devoro pessoas. Digo... A Besta. Você sabe. Ela devora coisas. Que não deviam... Hum, sabe... Ser devoradas.

— Ele nunca apresentou risco para mim. — Mary exclamou. — Mas não podemos fingir que o dragão dele não é um fator nisto. Quem quer que for

determinar se nos encaixamos no papel, seja você, ou Wrath, ou outra pessoa, precisa estar plenamente ciente de que levaremos junto um monstro da altura de três andares coberto de escamas roxas, comedor de *lessers*.

Rhage ergueu a mão como se estivesse em sala de aula esperando pra ser chamado. Quando ambas só olharam para ele, abaixou o braço, desconfortavelmente.

— Ah, na verdade ele nunca consumiu nada além de *lessers*. Embora eu realmente ache que tentou comer Vishous. — Seu *hellren* hesitou. — Está bem, certo, pelo que ouvi, na outra noite ele perseguiu V e Assail até uma cabana, da qual ele pode ter arrancado o telhado e pode ter tentado devorá-los... Mas *não* conseguiu.

— Graças a mim. — Mary declarou.

— Ele ouve a Mary. Aquilo. Ouve. Quero dizer. — Houve uma pausa. — Merda.

Mary deu de ombros.

— De qualquer forma, estamos cientes de que não somos os pais convencionais mais atraentes. Mas prometo... Se tivermos a chance, iremos amar aquela garotinha com tudo o que temos.

— Idem. — Disse Rhage. — Completamente idem.

Marissa soltou uma risada suave.

— Eeeeeee é exatamente por isto que não estou preocupada com vocês dois adotando qualquer coisa ou qualquer um, seja um cão de um abrigo ou uma criança do Lugar Seguro.

Mary exalou em alívio.

Enquanto isto, Rhage pegou uma página do livro de Marissa e começou a se abanar. Então apoiou um braço na mesinha de centro como se estivesse com medo de desmaiar.

— Não está quente aqui? Sinto calor... Acho que vou...

Mary pulou e correu para uma das portas francesas. Quando a abriu, ela disse:

— Ele fica um pouco zozzo às vezes. Sabe, quando está aliviado. Respire comigo, amor. Respire comigo.

Marissa aproximou-se e sentou perto de Rhage. Ao pegar uma almofada e começar a abaná-la perto daquele rosto belo e profundamente corado, ela riu.

— A gente vai dar um jeito. De alguma forma, de alguma maneira, vamos dar um jeito, está bem? E esperançosamente, no final Bitty virá para casa com vocês dois.

Quando Mary pegou outra almofada e se juntou ao esforço, ela olhou dentro dos olhos do Irmão que amava... E tentou ver o futuro em suas feições.

— Eu espero. Deus, espero tanto que chega a doer.

Capítulo CINQUENTA E UM

— Você quer saber o que?

Enquanto V colocava a questão meio compreensível, Assail mudou seu celular para o outro ouvido e pôs a caneca de café na máquina de lavar. O *doggen* que tinha esperado entrevistar nesta noite... Para que seus primos cessassem e desistissem de todas as refeições congeladas... Teve que ser remarcado. Então isso significava que ele permanecia o Sr. Limpeza.

— Master Lock²⁰, — Assail explicou. — Preciso saber como liberar uma Master Lock. E tem que ser de tal forma que a coisa permaneça funcional depois disso.

O irmão riu com uma linha dura.

— Sim, meu primeiro conselho seria atirar nessa porcaria... O que não iria ajudar se você quer que isso continue funcionando. O que exatamente está tentando acessar?

— Um segredo.

— Parece bizarro. E de quão antigo estamos falando? O cadeado, não o segredo.

— Novo.

— Ok, sim, tenho algo pra você. Onde você está...

Um sutil sinal sonoro cortou a conversa e Assail colocou o celular longe de sua orelha.

— Ah, sim, aqui está ela. E estou em casa, Vishous.

— Estarei aí em dois minutos. Em seu quintal.

²⁰ Master Lock é uma espécie de cadeado bloqueado com combinação reforçada.

— Estou esperando à frente por sua audiência. — Assail clicou na outra chamada. — Olá querida...

Chorando. Naasha estava chorando abertamente e Assail sabia a causa sem a explicação.

— O que aconteceu? — Disse enquanto caminhava e abria a porta dos fundos.

O ar frio irritou seu nariz, mas segurou os espirros enquanto todos os tipos de gagueiras e fungadas vinham através da conexão.

— Ele está morto. Meu *hellren*... Está morto.

É claro que está, Assail pensou. E sei o porquê.

— Sinto muito, querida. O que posso fazer por você em seu luto?

A fêmea fungou uma quantidade de vezes.

— Você pode vir, por favor?

— Sim. Dê-me dez minutos?

— Obrigado. Estou de coração partido.

Não, você é a herdeira dele, pensou enquanto terminava a chamada. E seu amante é quem está coordenando tudo isso... E você é a próxima na fila para o caixão, querida.

De fora na escuridão, uma forma enorme apareceu sobre o gramado e o Irmão Vishous ativou as luzes de segurança enquanto andava até a casa.

— Houve uma morte de certa nota, — Assail anunciou. — Parece que o *hellren* da amante de Throe faleceu.

— Oh, sério?

— Não estou paranóico ainda, mas é o que parece. É uma certeza, pra ser mais preciso. — Ele encontrou Vishous na metade do caminho para o gramado e

trocaram cumprimentos com as mãos. — Eu sabia que ele não tinha muito tempo neste mundo. A questão é como ele faleceu... E eu pretendo descobrir.

— Há um assassino sob aquele teto.

— De fato. E deixarei você saber o que eu descobrir.

— Se precisar de apoio, nós pegamos você. E se acontecer de encontrar evidências de assassinato? Estarei feliz de colocar a "morte" na sentença.

— Combinado.

— Ah, e se ainda estiver interessado na Master Lock, isto é o que você precisa. — Vishous entregou a ele uma ferramenta prateada que parecia uma chave de fenda em miniatura. — Use isso como uma chave. Deve funcionar.

— Obrigado.

Vishous bateu no ombro dele.

— Você está provando valer a pele que usa, verdade?

— Não tenho certeza se isso é um elogio ou não.

— Esperteza sua.

Puf! O irmão foi embora, deixando apenas uma brisa fria para trás. E na sequência da sua partida, Assail voltou para sua casa e gritou:

— Cavalheiros? Estou saindo.

Ehric deu um passo na entrada.

— Para onde?

— Pra Naasha. Ela teve uma mudança de posto, por assim dizer. Seu *hellren* faleceu... Ou foi assassinado, como pode muito bem ser o caso.

— Interessante. Deixe-nos saber se você nos precisar?

— Eu devo.

Fechando os olhos, Assail desmaterializou e viajou em uma dispersão sobre o rio até a propriedade do *hellren* de Naasha. Assim que se reconstituiu na entrada da frente, caminhou diretamente para o portal e o abriu completamente, evitando qualquer batida ou toque.

Throe estava em pé no foyer, e quando avistou a porta abrindo, franziu a testa e depois recuou.

— O que... O que você está fazendo aqui?

Assail fechou a porta pesada atrás de si, e em seguida contorceu o lenço no bolso de volta na posição ideal.

— Fui convidado aqui.

— Então deve entrar apropriadamente... Tocando a campainha. Você não vive aqui.

— E você vive.

— Sim.

Assail cruzou a distância para parar diante do outro homem; então estendeu a mão e correu as pontas dos dedos por baixo da lapela do terno preto reconhecidamente refinado de Throe. O filho da puta era bonito... Tinha que dar isso a ele. Claro, também era moralmente corrupto e tão confiável quanto uma víbora sob os pés.

E não era autêntico, porque essa combinação reuniu de modo muito constante.

— Meu caro rapaz, – Assail murmurou. — Se você não sabe o porquê de eu ter sido convocado, você é cego ou ingênuo.

Throe deu um tapa na mão do Assail para a afastar.

— Eu não sou seu “rapaz”.

Assail se inclinou.

— Mas gostaria de ser, não é?

— Foda-se.

— Tudo que você tem a fazer é pedir agradavelmente e vou considerar. Enquanto isso, pode lembrar a si mesmo que sua amante estará à procura de sua próxima vítima... Quero dizer *hellren*. E por mais que você seja encantador, acredito que está faltando um critério importante. Pelo que andei ouvindo, você é pobre. Ou, pelo menos, o que se passa por pobre para os padrões dela. No entanto, eu não tenho esse problema, tenho? Quem sabe seja por isso que ela tenha me chamado?

Enquanto Throe mostrava suas presas e parecia preparado para oferecer uma reprimenda, o som de passos apressados veio descendo pela escada em espiral.

— Assail!

Abrindo os braços, aceitou o perfume cuidadosamente escolhido que o atingiu, e enquanto segurava Naasha rente a seu corpo, ele encontrou os olhos de Throe. Jogando ao cavalheiro uma piscadela, Assail deliberadamente moveu a mão para baixo até a bunda da fêmea e apertou.

Naasha recuou.

— O advogado está chegando. Você vai ficar enquanto eu me encontro com ele?

— Mas é claro. Aliás, quando você precisar, estarei sempre ao seu serviço.

— Levaram embora os restos mortais do meu companheiro. — tirando o lenço de seda de seu decote, ela enxugou as bochechas que estavam secas e cuidou dos olhos que não estavam nem injetados de vermelho nem manchados. — Ele deve ser cremado nesta noite. E então teremos a cerimônia do *Fade*. Ele sempre disse que desejava ser espalhado na propriedade.

— Então é isso que você precisa fazer por ele em seu repouso final.

— Mandei meus hóspedes embora. Parecia impróprio tê-los sob este teto enquanto esses arranjos estão sendo feitos. — Mais um pouco de fingir que estava enxugando os olhos. — Estou muito sozinha. Vou precisar de você agora mais do que nunca.

Assail curvou-se enquanto sentia Throe ferver.

— O prazer é meu.

— Talvez você deva se sentar comigo e o advogado...

Throe falou.

— Não, estarei lá para apoiá-la. Isso precisa ser privado.

— Ele tem razão. — Assail murmurou enquanto acariciava seu rosto com as costas dos dedos. — Estarei feliz em permanecer aqui pelo tempo que for preciso. Providencie pra mim uma sala e talvez eu me distraia com algo da sua biblioteca.

Houve um badalar na porta da frente, e o mordomo se materializou saído de um aposento nos fundos. Enquanto o *doggen* se apressava adiante para responder à convocação, Throe levantou uma sobrancelha... Como se salientasse que esta era realmente a forma apropriada como os hóspedes deviam ser recebidos.

E então Saxton, o próprio advogado do Rei, entrou na mansão.

Saxton estava mais harmonizado ao *tom* da Regência do que à vida moderna em muitos aspectos, seu cabelo loiro ondulado penteado para trás, seu terno feito sob medida por um especialista, o casaco de caxemira e a maleta Louis Vuitton colocando-se entre pólos opostos da moda elegante e do advogado de carreira.

— Senhora, — Disse ele com uma reverência. — Meus pêsames por sua perda.

Interpretou outra rodada teatral de secar de olhos e lenço espanando... E enquanto o drama seguia, Assail saiu da conversa, porém chamou a atenção do

Saxton. À medida que acenavam um ao outro de forma discreta, Assail teve a nítida impressão de que o advogado sabia exatamente por que ele estava na casa.

Ah, Wrath. Com os dedos nas tortas de todo mundo... E isso até que era bom, Assail estava chegando a acreditar.

— Permita-me mostrar ao meu amigo o estúdio, – Disse Naasha. — E então teremos nosso encontro na biblioteca. Meu *doggen* irá levá-lo lá agora e aceitar seu pedido por algo para beber. Throe deve se juntar a nós como um conselheiro meu.

Assail teve o cuidado de se desculpar formalmente com o Saxton, como se eles dois não se conhecessem. E então estava seguindo Naasha até uma sala que cheirava como pot-pourri e madeira enfumaçada. Enquanto ela os fechava ali dentro, as portas de correr eram tão ornamentadas quanto as estátuas lapidadas e tinha tanto ouro sobre elas quanto o colar Bvlgari que a fêmea tinha em sua garganta.

Ela caminhou até ele. Fungando delicadamente.

— Você me aliviará em meu luto?

— Sempre.

Ele a puxou contra si por que ela queria assim. E beijou-a com cuidado para que não borrasse o batom vermelho fosco... Também por que ela queria.

— Minha querida, – Disse enquanto passava uma mão levemente sobre seus cachos penteados e em cascata. — Diga-me. Como descobriu que o seu amado tinha falecido?

Enquanto falava, ele memorizou cada palavra que ela disse:

— Entrei para cumprimentá-lo antes de sua Primeira Refeição ser servida. Ele estava deitado em sua cama, tão calmo quanto podia estar... Mas ele estava frio. Tão frio. Ele se foi. Em seu sono... O que foi uma bênção.

— Uma boa morte. Uma morte apazível para um homem digno.

Ela o beijou de novo, lambendo sua boca... E ele pôde provar Throe nela, sentir o cheiro do outro macho sobre ela.

— Vai estar aqui quando eu terminar? — Ela disse com um toque de comando.

O interior dominante de Assail recusou-se à ordem, mas seu lado lógico cancelou o instinto.

— Como eu disse, vou esperar pelo tempo que for preciso.

— O testamento tem muitas disposições.

— E não tenho mais nada a fazer do que te atender.

Ela positivamente brilhou ante aquilo... E ele teve que se segurar para não revirar os olhos. Mas logo ela estava dançando pra fora do aposento, pronta para ir descobrir tudo o que estava para herdar.

— Tchau por enquanto, — Ela brincou antes de deslizar as portas de volta no lugar.

Conforme o clicar de seus saltos altos sobre o mármore desaparecia, ele olhou para o teto. Não havia câmeras de segurança que pudesse ver, mas este seria o lugar mais óbvio para colocá-los.

Antes de tentar afastar-se do estudo, ele precisava saber se alguém estava olhando.

Capítulo CINQUENTA E DOIS

— Fritz... Como descrever Fritz...?

Ao chegar a um semáforo, Rhage pisou no freio do GTO e olhou pelo retrovisor. Bitty estava no banco de trás e olhava para frente com uma expressão fascinada, como se o que ele estivesse falando fosse a coisa mais interessante que já tivesse ouvido.

Por um momento, o coração dele disparou. Não conseguia acreditar que houvesse mesmo uma possibilidade de que pudesse ter a chance de...

Foco, disse a si mesmo. Temos um longo caminho a percorrer antes de poder ficar todo sentimental.

Mas Deus, se acontecesse ele ia ter muitas conversas com a garotinha.

— Rhage. — Mary chamou.

— Desculpe, certo. — O sinal ficou verde, o que indicou a seu cérebro para mover o carro adiante. — Está bem, então, Fritz parece o cara do filme *Os Caçadores da Arca Perdida*, sabe? O que aparece com a cara derretendo. Só que não é tão assustador... E na verdade, nada derretido.

— O que é *Os Caçadores da Arca*... O que?

Rhage afundou no banco do motorista.

— Oh, meu Deus, ouça... Teremos de trabalhar na sua educação. Tem tanta coisa... Você já assistiu *Tubarão*?

— Não...

Ele se debateu contra o apoio da cabeça do banco.

— Não! Oh, não... A humanidade!

Quando Bitty começou a rir, Rhage estendeu uma mão para Mary.

— Segure-me, preciso saber do mais importante.

— Estou aqui contigo, querido.

Rhage olhou pelo retrovisor de novo.

— Você ao menos sabe quem é John McClane?

— Não...

— Hans Gruber?

— Humm... Não...

— Maaaaaary, me segura!

Mary começou a rir e empurrá-lo de volta para sua posição.

— Dirija o carro!

Com as risadas das garotas, ele forçou-se a se recompor.

— Vamos ter de trabalhar nisto mais tarde. Enfim, Fritz é... Ele é mais velho do que Deus, como dizem os humanos. E fica todo atrapalhado se você tentar fazer qualquer coisa. Ele não deixa a gente limpar nossa própria bagunça, se estressa se a gente tenta preparar qualquer comida e tem uma necessidade obsessiva de aspirar o pó. Mas... — Ele apontou com o dedo indicador. — Ele comprou um freezer de sorvete só pra mim. E estou te dizendo, isto perdoa uma infinidade de pecados.

Mary virou-se.

— Fritz é a força mais gentil do planeta. Ele é responsável pela equipe de empregados e cuida de tudo e de todos na casa.

— Quantas pessoas vivem lá? — Perguntou Bitty.

— Contando os *doggen*? — Mary ficou quieta por um momento. — Deus, talvez trinta? Trinta e cinco? Quarenta? Eu não sei ao certo.

Rhage interrompeu.

— O mais importante é...

— ... Tem uma porção de amor.

— ... Há um cinema com direito a doces à vontade.

Quando Mary dardejou-o com o olhar, ele deu de ombros.

— Não subestime a importância de Milk Duds no escuro. Bitty, diga, já comeu Milk Duds?

Quando a garota negou com a cabeça com um sorriso, ele ergueu as mãos.

— Cara, eu tenho uma porção de coisas para te ensinar, mocinha.

Adiante deles, a Lucas Square apareceu à distância, o brilho de todas as lojas e letreiros de neon brilhavam como a luz do dia. E por falar em sacolejos... Havia pedestres por todo o lado nas calçadas largas, humanos românticos caminhando de braços dados com parceiros, famílias implicando entre si, turmas de garotas adolescentes e bandos de garotos adolescentes passando de lá para cá.

— É sexta-feira? — Perguntou ele, ao entrar em um dos estacionamentos descobertos.

— Acho que é... Não, espere, é sábado. — May verificou em seu celular. — É, é sábado.

— Não é de se surpreender estar tão cheio.

Levou um tempo para achar uma boa vaga e ele rejeitou algumas por terem aspecto de aglomeração de caminhões, SUVite estrábica ou deformação de minivan. Finalmente achou uma vaga próxima a uma área verde, onde parou seu bebê perto do meio-fio.

— Sim, ele sempre é seletivo deste jeito. — Mary disse ao descer e puxar o banco para Bitty.

— Ei, eu cuido de minhas fêmeas, tá? — Quando a porta delas foi fechada, ele estendeu a mão e trancou-a manualmente, então também saiu e usou a chave na fechadura do lado do motorista. — Nenhum humano vai arranhar minha lataria.

Eles entraram na fila juntos com Bitty entre os dois. O TGI Friday estava logo à frente na esquina, e quando um grupo de humanos barulhentos saiu correndo por suas portas, Rhage franziu o cenho.

— Ei, Bitty? — Chamou ele casualmente. — Quer dizer que você nunca esteve em um restaurante antes?

— Não.

Rhage parou e colocou a mão sobre um ombro que o chocou por ser tão fino e pequeno. Mas ele tinha outra preocupação naquele momento.

— Pode parecer meio barulhento, está bem? Muita gente conversando, bebês chorando, pessoas rindo alto. Vai ter pessoas correndo pra lá e pra cá com grandes bandejas de comida... Muitos cheiros e sons diferentes. Pode ser opressivo. Eis o que precisa se lembrar. Se tiver de ir ao banheiro, Mary vai com você, para não ter de se preocupar em se perder ou ficar sozinha. E se achar, em qualquer momento, que é estímulo demais, podemos ir embora. Não importa se mal tivermos olhado o cardápio, feito o pedido ou estejamos com o garfo na mão. Eu deixo o dinheiro na mesa, — Ele estalou os dedos. — E damos o fora.

Bitty o encarou. E ele se preocupou de ter ido longe demais ou...

A garota jogou o corpinho frágil contra o dele e abraçou forte. De início, Rhage não soube o que fazer, e só baixou os braços nas laterais de seu corpo e olhou para Mary em pânico. Mas quando sua *shellan* levou a mão à boca e pareceu, ela mesma, procurar se recompor, ele retribuiu o abraço da garota de forma bem leve.

Enquanto ainda estavam unidos, Rhage fechou os olhos. E emitiu uma prece silenciosa.

Mary só conseguiu balançar a cabeça. E ela pensava ter se apaixonado por Rhage antes. Pensava que o amasse com todo o coração. Pensava que ele era sua alma gêmea, seu centro, seu melhor impossível.

Conversa fiada.

Vê-lo curvar seu enorme corpo ao redor daquela garotinha ao retribuir o abraço de Bitty?

Bem, quem diria, aquilo não só fez seus ovários gritarem... Os inúteis bem que pareceram quase explodir entre seus quadris.

Quando os três voltaram a andar, Rhage manteve uma mão pousada sobre o ombro de Bitty. Como se para os dois fosse a coisa mais natural do mundo... Mesmo Rhage tendo de se inclinar para o lado e os dois esbarrarem um no outro até acertarem os passos.

Quando se aproximaram do restaurante, Mary olhou ao redor e identificou outras famílias... E não conseguiu impedir de abrir a porta da fantasia por uma fração de segundo e fingir que sua pequena unidade ali era igual às outras. Que eram uma mãe, um pai e uma filha saindo para jantar para conversar sobre coisas bobas, coisas sérias e também sobre nada em específico... Antes de voltarem para casa juntos, para um lugar onde ficassem a salvo.

Rhage adiantou-se, abriu a porta, e dentro o restaurante era exatamente como tinha descrito, barulhento, agitado e fervilhando de vida. Felizmente Bitty parecia mais curiosa do que nervosa, embora tenha agarrado Rhage quando ele se aproximou da recepcionista e pediu uma mesa para os três em um reservado, se possível.

A morena que estava atrás da caixa registradora deu uma olhada para ele... E quem diria, nada de espera para Rhage. Quando a jovem sorriu exibindo todos os dentes da boca e fez um pequeno bamboleio ao tirar três da pilha de cardápios, Mary meneou a cabeça em sinal de desculpas para as outras vinte pessoas na fila.

— Por aqui!

A recepcionista abriu caminho através de diferentes sessões do local, levando-os para o outro lado onde havia, de fato, um reservado recém-liberado, a superfície ainda úmida, ainda sem novos talheres dispostos. O que foi resolvido imediatamente, quando Rhage e Bitty sentaram-se de um lado e Mary assumiu o banco à frente deles.

— Aproveitem sua refeição. — A recepcionista disse para Rhage.

Antes que alguém pudesse dizer qualquer coisa, uma loura de cabelos curtos e olhos muito maquiados apareceu trazendo água em uma bandeja. Sua expressão era uma combinação de tédio e aflição... Até ver a quem serviria.

Mary só sorriu e meneou a cabeça, abrindo o seu menu. Enquanto avaliava a enorme variedade de pratos oferecidos, estava vagamente ciente da conversa acontecendo, mas não se incomodou em acompanhar.

Ao ficarem sozinhos, Rhage abriu seu cardápio.

— Está bem, o que temos...

— Elas sempre fazem isto? — Perguntou Bitty.

— Fazem o que? — Ele virou uma página plastificada. — Quem?

— As humanas. Encaram você desse jeito.

Rhage pegou seu copo de água para provar um gole.

— Não sei do que está falando.

— Como se elas quisessem pedir uma refeição com você como prato principal?

Água. Para. Todo o canto. Quando Rhage tossiu e deu um soco no peito, Mary teve de rir. Também teve de desenrolar seus talheres para usar o guardanapo para secar a bagunça.

— Sim, elas sempre fazem. — Disse Mary. — Elas são sugadas para a Zona do Isto é Incrível e não conseguem sair.

Rhage respirou fundo.

— Eu não sei... Do que vocês estão falando.

Bitty se virou para ele.

— Você não vê como...

— Eu não reparo. — Rhage olhou dentro dos olhos da garota. — Minha Mary é a única fêmea que vejo. É assim que é, e é assim que sempre será. As outras podem olhar o quanto quiserem, elas jamais irão chegar aos pés daquilo com o que fui abençoado, e eu nunca, nunca teria nada com elas.

Bitty pareceu considerar aquilo por um momento. Então pegou seu próprio cardápio com um sorrisinho.

— Acho que isto foi muito bonito.

— Então, o que você quer comer? — Perguntou Mary. — Vocês dois.

— Estou no clima pra filé. — Rhage virou outra página. — E também comida mexicana. E frango. E acho que umas batatas.

Mary se inclinou para Bitty.

— Que bom que somos só três ou iríamos precisar de outra mesa só para os pratos dele.

— Não sei o que escolher. — A garota disse. — Eu nunca vi... Tantas opções.

— Bem, se quiser posso dividir com você. — Mary fechou os menus e colocou na beirada da mesa. — Mas vou pedir só uma grande salada.

— Ainda estou escolhendo minha lista. — Rhage cutucou Bitty com o cotovelo. — Acho que você devia provar pelo menos uma coisa só sua. Você merece ter seu próprio prato... Além disso, se sobrar eu posso comer.

Quando a garçonete voltou, só tinha olhos para Rhage... E foi engraçado. Mary se lembrava de como ficava insegura com aquele tipo de coisa no começo de seu relacionamento... Especialmente à luz daquele episódio. Mas agora?

Verdadeiramente não a incomodava. Rhage não tinha mentido. Estas mulheres podiam literalmente ficar peladas na frente dele, e ele não teria mais interesse nelas sexualmente do que teria por um sofá.

Incrível como seu companheiro podia fazer você sentir-se amada sem realmente dizer uma palavra.

— Então, o que vão pedir? – A garçonete perguntou a Rhage.

— Primeiro minhas garotas. Bitty?

A garota pareceu entrar em pânico.

— Eu não sei. Eu não...

— Se importa se eu fizer uma sugestão? – Rhage perguntou. Quando ela anuiu, ele disse. — Peça o macarrão com queijo, com brócolis à parte e as iscas de frango crocante com o molho *barbecue* com mel. Simples. Cai fácil no estômago. Sem muita confusão para as papilas gustativas.

Bitty pareceu se preparar. Então olhou para a garçonete.

— Pode me trazer, por favor, isto que ele disse?

A garçonete anuiu em concordância.

— Sem problema.

— Minha Mary?

Mary sorriu.

— Eu quero a salada de frango Cobb grelhado, por favor, sem abacate e sem queijo gorgonzola... Molho somente *ranch* ou algo parecido, seria ótimo. À parte.

— Temos molho *ranch*. – A garçonete se concentrou em Rhage, seus olhos devorando o rosto dele, os ombros, o peito. — E você?

— Bem, acho que vou começar com as asas de frango ao modo buffalo com as batatas gratinadas recheadas. Então os espetinhos de frango hibachi, o combo

New York meio costelas *barbecue*, meio Memphis, o filé no ponto, e para finalizar, o Reuben triplo. Oh, e acho que quero o hambúrguer All-American também. Também no ponto. Oh, e molho *ranch* com as asas, por favor. À parte.

Ao fechar o menu, pareceu inconsciente de estar sendo encarado.

— Sim? – Ele disse à garçonete.

— Vocês... Vocês estão esperando mais pessoas?

— Não. – Ele juntou os menus e entregou a ela. — E quero duas coca-colas, por favor. Senhoras?

— Água para mim. – Disse Mary. — Bitty, água ou refri? Água? Está bem, ela quer água... E então eu acho que é só. Estamos com muita fome, como pode ver.

Quando a garçonete se afastou com um par de olhos arregalados, Bitty começou a rir.

— Você não vai mesmo comer tudo aquilo, vai?

— Diabos, claro que vou! – Rhage estendeu a mão. — Quer apostar?

Bitty apertou a mão dele.

— Mas o que acontece se eu perder?

— Você vai ter de comer o que sobrar.

— Eu não vou conseguir fazer isto!

Enquanto os dois discutiam, Mary só observava, o macho enorme e impossivelmente bonito com a garota pequena como um duende, tão confortáveis um com o outro quanto possível.

— Mary?

Ela voltou à realidade.

— O que?

Rhage estendeu a mão sobre mesa.

—Bitty perguntou como nos conhecemos.

Quando Mary bateu na mão dele, ela teve de sorrir.

— Oh, você não acreditaria.

— Conta pra mim? — A garota pediu, sentando-se mais na beirada do seu banco. — Por favor?

Capítulo CINQUENTA E TRÊS

Quando teve certeza de que não havia câmeras de circuito interno ou qualquer outro tipo de monitoramento no escritório, Assail foi até as portas entalhadas e abriu uma fresta. Como não ouviu ruído algum, saiu para o saguão e permaneceu completamente imóvel, procurando ouvir sons de vozes ou passos.

— A costa está limpa, com certeza. — Murmurou, olhando ao redor.

Estava a ponto de ir para a escada principal quando ouviu um grito agudo vindo da sala fechada, do outro lado do corredor.

— ... Mentira! — Naasha berrou, o volume de sua voz mal abafado. — Devem ter forjado a assinatura dele! Isto é uma abominação!

Más notícias? Ele se perguntou com um sorriso. Talvez algum parente há muito tempo perdido tenha acabado de aparecer no testamento?

Ele correu de volta para o escritório de onde tinha saído e mal teve tempo de fechar totalmente a porta, quando Naasha irrompeu para o corredor e foi pisando duro na direção da escada. Mas logo Throe a alcançou, segurou seu cotovelo com um toque rude e a girou.

Avançando o macho disse em um tom de voz baixo.

— Você *precisa* ouvir o resto das disposições. Sim, eu sei que é um choque, mas não poderemos lutar contra o que não conhecermos por completo. Volte lá. Pare de gritar. E deixe Saxton terminar a leitura. Quando ele concluir, perguntaremos quais podem ser os seus direitos e quem vai julgar sua contestação do testamento. Então constituiremos nosso próprio advogado. Mas você *não* pode sair correndo, despreparada e histérica. Não se quiser o dinheiro que lhe é devido. Compreende o que estou dizendo?

A voz que saiu da garganta irritada da fêmea era desagradável como o rosnado de um cão.

— Era para ser meu. Passei os últimos vinte anos ouvindo as reclamações dele. Eu *mereço* cada centavo daquele dinheiro.

— E vou te ajudar a obter o que é seu. Mas isto *não* vai acontecer se você não se controlar. Emoções não são bem-vindas neste momento.

Houve um pouco mais de conversa. Então Naasha endireitou os ombros e voltou à sala onde a reunião se desenrolava.

Pobre Saxton.

Mas não havia tempo para sentir pena do pobre advogado agora.

Assail não perdeu tempo quando ouviu a porta sendo novamente fechada. Ele se esgueirou para fora do escritório, fechou a porta e chegou correndo à escada. Ao chegar ao segundo andar, cruzou o corredor mais adiante de onde já tinha ido antes até uma grandiosa suíte, que tinha a porta aberta. No momento em que sentiu o cheiro adstringente no ar, soube que era o quarto do *hellren* dela... Era o que achava, mas a cama estava sem lençóis, os travesseiros empilhados no centro do colchão, todos parecendo muito gastos.

Puxou o celular e começou a tirar fotos. Não fazia ideia do que podia ou não estar fora do lugar, mas aquilo era para investigação futura.

Manchas. No colchão.

Mais para cima do que poderia se esperar de uma perda de controle da bexiga.

Os travesseiros estavam igualmente manchados.

Um fugaz aroma lhe disse que não era sangue, nem urina. Mas o que era aquela substância?

Dentro do banheiro. Medicamentos por todos os cantos, frascos com tampas tortas ou sem tampa nenhuma. Um andador. Uma bengala. Suportes.

Voltou a sair da suíte em menos de sete minutos e parou no alto das escadas. Duas maneiras de chegar ao andar do porão. Pelos fundos, naquele caminho que ele tinha feito na outra noite...

Não, usaria o outro método desta vez.

Fechando os olhos, desmaterializou no primeiro andar e se transportou de forma incorpórea através dos umbrais até retomar a forma no topo da escada principal que levava ao porão.

Seus ouvidos não indicavam razão para preocupação, então abriu a porta e adentrou a escuridão. Usando a lanterna de seu celular para guiar seus passos, manteve-se nas laterais dos degraus toscos, sentindo o ar úmido e frio pinicando suas narinas.

Lá embaixo prosseguiu, passando rapidamente pela sala das safadezas de Naasha. Não gostou da quantidade de ruídos que seus sapatos de couro faziam no chão de pedra, mas não havia nada a ser feito a respeito disso... E logo se deparou com aquela porta da fechadura reforçada.

Aquele cheiro ainda estava no ar, pensou ao tirar a ferramenta de Vishous e inseri-la onde a chave adequada se encaixaria. Manipulando o pedaço de metal em movimentos circulares, a tranca se soltou.

Sem nem verificar onde precisamente estava entrando, esgueirou-se para dentro e voltou a fechar a porta.

Na escuridão completa, ouviu um som de movimento no canto. E um arrastar de...

Correntes?

Respiração. Alguma coisa estava respirando ali.

Assail apontou o celular naquela direção, mas o pequeno feixe de luz não iluminava mais do que poucos metros. Voltou a guardar o celular, empunhou uma das armas e tateou ao redor das vigas expostas, perto da porta.

Ao encontrar o interruptor de luz, acionou-o...

E recuou, horrorizado.

Havia um macho nu acorrentado ao chão no canto do cômodo. Acorrentado e trêmulo, encurvado sobre si mesmo, cabeça baixa e braços enlaçando pernas esqueléticas, o longo cabelo era a única cobertura que tinha.

O cheiro... O cheiro era da refeição velha que havia sido deixada em uma bandeja fora de alcance. O sanitário, se é que se podia chamar assim, ficava atrás dele e não passava de um buraco aberto no chão. Havia também uma mangueira, como aquelas usadas em jardins, pendurada em um gancho. E um balde.

Para o resto de sua vida, Assail jamais se esqueceria dos sons suaves de retinir que se levantava das amarras do macho quando o corpo esquelético estremeia.

Assail deu um passo adiante.

O lamento foi como o de um animal.

— Não vou machucá-lo. — Assail disse roucamente. — Por favor... Eu... Por que está aprisionado aqui?

Mas ele sabia.

Era um escravo de sangue. Estava olhando para um escravo de sangue... Dava para ver até... Sim, lá estavam as tatuagens: uma ao redor da garganta e duas nos pulsos.

— Como posso ajudá-lo?

Não houve resposta, o macho só recuou ainda mais; os ossos de seus cotovelos parecendo rasgar a pele, as costelas como marcas de garras pelas laterais de seu torso, suas coxas tão pequenas que os joelhos pareciam grandes nós inchados.

Assail procurou em volta, embora soubesse que era idiotice. O que havia no quarto estava lá e permanecia imutável.

— Preciso te tirar daqui.

Vasculhando ao redor, visualizou a saída.

— Eu vou te tirar...

O que podia fazer? Carregar o pobre macho?

Assail se aprofundou ainda mais no calabouço.

— Fique tranquilo, não vou machucá-lo.

Ele se aproximou com cautela e ficou muito ciente de que seu cérebro estava ligado como um painel, com todos os tipos de pensamentos rodopiando e o distraindo.

— Meu caro macho, não precisa temer. — Falou ainda mais forte. — Estou aqui para resgatá-lo.

A cabeça do escravo se ergueu um pouco. E então um pouco mais.

E finalmente o macho olhou para ele com olhos aterrorizados, avermelhados, tão afundados no crânio que Assail se perguntou o quanto de vida ainda continham.

— Você consegue andar? — Assail perguntou. Quando não houve resposta, apontou para aquelas pernas. — Pode ficar em pé? Consegue andar?

— Quem... — A palavra saiu tão débil, que mal passava de uma sílaba.

— Eu me chamo Assail. — Ele tocou o próprio peito. — Eu sou... Ninguém importante. Mas vou te salvar.

Os olhos do escravo começaram a lacrimejar.

— Por que...

Assail se inclinou para tocar o braço dele, mas o reflexo automático do escravo foi tão violento, que o fez retrair a mão imediatamente.

— Por que você precisa ser salvo. — Ao falar em tom de voz completamente cru, ele sentiu de alguma forma como se estivesse falando consigo mesmo. — E eu... Preciso cometer um ato de bondade para me colocar à prova.

Olhando por cima do ombro, calculou a distância até a porta da frente da mansão. O tempo que tinha se passado desde que saiu do escritório. A quantidade de munição que tinha trazido. As ligações que precisaria fazer para chamar os primos. E Vishous.

Qualquer um.

Merda. As correntes.

Não, ele podia lidar com elas.

Tateando o coldre sob seu braço, pegou a nove milímetros que trouxe consigo e tirou o silenciador do bolso do paletó. Com gestos rápidos, encaixou o equipamento no cano da arma.

— Preciso que se afaste. — Indicou a outra direção. — Preciso que se afaste da parede o máximo que conseguir.

O escravo ainda tremia, mas tentou obedecer, arrastando-se de quatro do lugar onde habitualmente se enrodilhava – de fato, dava para ver a sombra impressa na pedra, tanto do chão quanto da parede, conforme o macho se afastava da área.

De repente, suor porejou por todo o corpo de Assail, acumulando sobre seu lábio superior e sobrancelhas... E seu coração subitamente acelerou.

— Pare. — Quando o macho congelou, Assail negou com a cabeça. — Não, estou falando comigo mesmo. Não foi com você.

As correntes estavam chumbadas na parede através de um anel grosso como o polegar de um macho e largo como um pescoço – chumbado na pedra.

Qualquer tiro iria ricochetear pelo local. Mas que escolha ele tinha?

Deixar o escravo aqui certamente não era uma opção.

— Você vai precisar... Aqui, posso tocá-lo?

O macho anuiu em silêncio e preparou-se para o contato. Com gestos rápidos, Assail o levantou...

Deuses, ele não pesava nada.

As correntes se arrastaram ruidosamente no chão... Da mesma forma que os dentes do macho batiam conforme ele gemia, pois obviamente sentia dor.

Quando estavam o mais longe possível, Assail deixou o escravo no chão e colocou-se na frente dele, abrigando o macho com o próprio corpo. Então mirou e...

A bala não emitiu som algum ao ser disparada, mas quicou ao redor da cela atingindo as superfícies das rochas até se enterrar em um lugar longe do alvo pretendido. Assail levou um momento para verificar se tinha sido ferido. Então checkou o escravo.

— Você está bem? — Quando ele concordou com a cabeça, foi até a parede inspecionar o anel. — Passou perto, mas errei, maldição.

Sua mira até que foi boa, mas o metal era muito grosso. E não ousaria dar outro tiro.

Agarrando a coisa, ele moveu a parte danificada do metal para baixo e colocou todo o seu peso e força ao puxar. Grunhindo e se esforçando, ficou curiosamente desesperado ao tentar quebrar o metal.

Depois de muito esforço houve um ruído agudo como se o metal estivesse xingando, e então tropeçou para trás com o anel nas mãos, sentindo o chão fugir sob seus pés.

A queda doeu pra caralho, mas ele não ligou. Estava em pé e de volta ao macho uma fração de segundo depois.

Tirando rapidamente o paletó, desejou ter trazido um casaco adequado consigo, mas como tinha apenas se desmaterializado ali, assumiu que não precisaria de um traje completo de inverno.

— Deixe eu colocar isto sobre você.

Aquilo se provou mais fácil na teoria do que na prática, já que as correntes não permitiam vestir os pulsos ou lapelas. No final voltou a vestir a coisa só para não deixá-la para trás.

Enrolando as correntes ao redor de seu próprio pescoço – duas vezes, por conta da extensão – ele ergueu o macho e conseguiu segurá-lo com um braço só. Então seguiu para a direção da porta.

Foi o escravo quem abriu a porta para que ambos saíssem.

O que permitiu que Assail mantivesse a arma empunhada.

Deixou a luz acesa. Logo os moradores da casa descobririam que o escravo tinha desaparecido, e não queria perder tempo em fechar as portas de maneira adequada.

A pior conclusão possível seria descobrir que a reunião com Saxton já tinha acabado, e Throe e a senhora da casa estariam procurando por ele.

Passou pela masmorra sexual. Subiu as escadas.

O escravo estendeu a mão para a maçaneta da porta de novo.

— Devagar. – Assail sussurrou. — Deixe-me ouvir primeiro.

Som nenhum. Ao seu sinal, o macho abriu totalmente a porta e Assail a atravessou com passos largos, o coração martelando, as pernas curiosamente entorpecidas, mesmo que funcionassem de forma adequada.

Rapidamente, bem rápido, com asas nos pés e ouvidos alertas, correu pelos vários cômodos e ante-salas até chegar ao saguão. Parou antes de entrar no espaço e rezou para a Virgem Escriba, aos deuses, ao destino, a porra toda, para

que a grande área aberta estivesse não apenas vazia, mas continuasse assim até ele atravessar a porta da frente.

Depois daquilo? Teria de correr para longe o suficiente e encontrar um lugar seguro para chamar os primos. E então a Irmandade.

Escravidão de sangue tinha sido considerada fora da lei pelo Rei... Então devia haver uma maneira legal de proteger esta criatura viva e consciente, que jamais deveria ter sido transformada em propriedade de outro. Mas Assail não deixaria o macho para trás só pra poder aparecer mais tarde com um bando de Irmãos e descobrir que Naasha tinha dado um fim nele por ter desconfiado de alguma coisa.

Que apenas haja um meio de sair daqui, ele pensou. *Por favor...*

— Pela porta da frente. — Sussurrou — Vamos sair pela porta da frente. Está pronto? Tente se segurar em mim.

O macho anuiu várias vezes e intensificou seu aperto um pouquinho mais.

— Lá vamos nós.

Assail irrompeu pelo espaço, movendo-se rapidamente, as correntes batendo, sua carga escorregando, todo aquele cabelo sujo e úmido o estapeando...

Ele teve de parar de chofre a menos de meio caminho de seu objetivo.

Capítulo CINQUENTA E QUATRO

— Por favor. — Disse Bitty. — Por favor, contem como se conheceram.

Mary olhou para Rhage e se perguntou quem iria contar. Quando ele balançou a cabeça para ela com um sorriso, ela deu de ombros e acariciou a mão dele.

— Está bem, então... — Começou ela. — Era...

— Uma noite escura e tempestuosa... — Rhage cortou.

— Bem, com certeza foi em uma noite escura. — Ela começou a lembrar dos acontecimentos que tanto pareciam há uma eternidade quanto ao mesmo tempo há meros dois segundos. — Eu trabalhava em um serviço de ajuda por telefone. Sabe, para pessoas que precisam de conselhos. — Está bem, na verdade era a Linha de Prevenção ao Suicídio, mas pareceu apropriado amenizar isto. — E uma pessoa ficava ligando repetidas vezes. Eventualmente o encontrei e minha vizinha da casa ao lado reconheceu a verdadeira natureza dele... Um *pretrans* que vivia no mundo humano. Para encurtar a história, acabei indo para o centro de treinamento da Irmandade como intérprete...

— John Matthew não consegue falar. — Disse Rhage. — E como ela conhece a linguagem de sinais, ela o ajudava a se comunicar.

— Então lá estava eu, me perguntando *onde é* que eu tinha me metido...

— Quando eu apareci no corredor. E foi amor à primeira vista para a gente.

— Okay, ele estava temporariamente cego...

Bitty falou, alarmada.

— Por quê?

Mary olhou para Rhage e ambos congelaram.

— Ah...

— É uma longa história. — Disse ele.

A garçonete voltou com as duas cocas de Rhage.

— Me avise se precisar de refil, está bem?

— Obrigado. — Rhage deu um gole em um dos copos grandes, quando a mulher seguiu para outra mesa. — Enfim, eu não conseguia enxergar, mas no momento em que ouvi a voz dela, me apaixonei.

— O que você achou dele? — Bitty perguntou.

Mary baixou os olhos enquanto um sorriso tão grande quanto a mesa se abria em seu rosto.

— Bem, de início fiquei confusa. Há muito nele para se apreender, como deve saber. E eu não sabia onde estava ou quem ele era... E não conseguia imaginar por que ele estava me dando tanta atenção.

— É porque você é linda. Só por isso...

— Enfiiaiiiiiiiiim. — Mary descartou o elogio com um abano da mão, daí parou pra pensar em que tipo de impressão aquilo teria sobre a jovem fêmea. — Eu... Ah, obrigada.

Ela estava corando? Por que, sim, sim, ela estava.

Rhage se levantou e inclinou por cima da mesa, dando-lhe um beijo.

— Assim é melhor.

Mary tentou esconder seu rubor por trás do copo de água.

— Então nós saímos para um encontro... Na verdade nosso primeiro encontro foi aqui, neste restaurante.

— Sério? — Disse Bitty.

— Naquela mesa...

— Naquela mesa...

Quando ambos apontaram para o outro lado, Mary terminou.

— Bem ali. E sim, ele também pediu esse tanto de comida.

Rhage recostou-se quando a garçonete chegou com os aperitivos.

— Oh, obrigado... E ouça, não precisamos esperar se os pratos já estiverem prontos. Pode trazer tudo de uma vez. Mmmm, quer provar, Bits?

— O cheiro é bom. — A garotinha se aproximou. — Sim, por favor.

— Pegue seu garfo e aproveite. A batata assada é maravilhosa. Bacon é vida!

Quando os dois passaram a alternar os ataques aos pratos, Mary lembrou-se daqueles primeiros dias: Rhage pedindo a ela para falar “inconstitucionalissimamente” no corredor do centro de treinamento. O encontro dos dois aqui, quando ele a olhava por cima da mesa como se ela fosse a coisa mais cativante do mundo. E depois, ele aparecendo em sua casa às quatro da madrugada...

— Um tostão por seus pensamentos. — Rhage disse.

— Eu... Ah... — Quando Bitty olhou para ela, Mary se perguntou o que mais podia dizer. — Bem, para ser honesta, estava me lembrando do momento em que você descobriu...

Mary interrompeu-se subitamente. Não queria falar sobre a sua doença, sua estranha condição para Bitty. Ainda tinha coisa demais acontecendo.

Rhage ficou sombrio.

— Sei exatamente do que você estava lembrando.

Mary cruzou os braços e apoiou-os na mesa. Inclinando-se, disse a Bitty:

— Quando ele veio à minha casa pela primeira vez, eu não estava esperando. Tinha acordado às quatro da manhã e estava abrindo uma lata de café... Daí cortei o dedo bem profundamente. É claro, não descobri até bem depois... Bem, eu não sabia que ele era um vampiro naquele momento em particular.

Bitty balançou a cabeça.

— Eu vivo esquecendo que você é humana. O que você... Você ficou surpresa?

Mary riu alegremente.

— Pode-se dizer que sim. Demorou um tempo até eu descobrir. Ele acabou... Passando um dia comigo. Não podia ir embora por causa da luz do sol, mas não queria me dizer o motivo... E então também havia...

Ela se lembrou dele desaparecendo em seu banheiro. E reaparecendo oito horas depois sem saber que tinha passado tanto tempo.

— Bom, tivemos de superar um monte de coisa. Eu o pressionei muito.

— Então o que fez vocês ficarem juntos?

Mary olhou para Rhage.

— Oh, é uma história muito longa. O que importa é que tudo deu certo no final.

— E olhe, o jantar chegou! – O *hellren* dela só faltou se levantar e apressar a garçone. — Perfeito!

Rhage ajudou-a a dispor os pratos pra frente e pra trás, trocando pratos vazios por outros cheios. E então arrumou a constelação de calorias que tinha pedido em um semicírculo ao redor dele e de Bitty.

— Pode comer tudo o que quiser. – Ele disse à garota. — Não seja tímida.

Ao avançar sobre a comida, Rhage pareceu inteiramente inconsciente do modo como Bitty o encarava, como se ela estivesse realinhando algo em sua mente.

— Eu sei. — Mary se viu dizendo. Quando a garota olhou para ela, murmurou. — Também não conseguia acreditar que ele era real. Mas juro pela alma da minha mãe que ele é simplesmente o melhor macho que eu já conheci... E quando diz que nunca vai te machucar ou permitir que algo te machuque? Ele está realmente falando sério.

Bitty olhou de volta para Rhage. E então disse.

— Posso provar seu filé?

Oh, ela sabia exatamente o que dizer, Mary pensou, com um sorriso.

E claro, o peito de Rhage estufou... Porque ele era exatamente o tipo de macho que gostava de prover. Na verdade, para ele isto era ainda melhor do que comer.

— Deixa eu cortar a melhor parte pra você. — Ele disse ao pegar o garfo e faca, e começar a extrair um corte cirúrgico do enorme pedaço de carne. — O melhor do melhor.

Quando Assail se imobilizou com o escravo de sangue nos braços, o macho que estava no meio do saguão de Naasha se virou... E Saxton quase morreu de susto ao ver o que tinha acabado de surgir.

Felizmente o advogado do Rei se recuperou rapidamente. E teve até mesmo a presença de espírito de manter a voz baixa.

— O que você está...

Assail engoliu em seco.

— Ajude-me, por favor.

Saxton tateou o paletó... E então tirou do bolso o que pareceu a Assail tão valioso quanto o Cálice Sagrado.

— Meu carro está lá fora... Eu ia fazer compras esta noite, e graças à Virgem Escriba por isto. Tome... Mas seja rápido. Eles me pediram para sair enquanto discutiam. Não sei quanto tempo vai durar. Vá! Vá agora!

O advogado foi para a porta principal, abriu-a e Assail sentiu o gelado ar noturno que invadiu a mansão.

— Vou tentar distraí-los. — Disse Saxton — Pelo maior tempo possível.

Assail parou por uma fração de segundo ao pegar a chave do carro e atravessar a porta.

— Estou em débito com você. Para sempre.

Não esperou uma resposta. Saiu correndo e quase escorregou nos degraus baixos. E querido Deus, aquelas correntes, aquelas assustadoras correntes, além do barulho que faziam, ameaçavam cortar seu suprimento de ar, enquanto percorria a distância até o BMW 750i.

Ele só faltou jogar o macho no banco de trás.

Não havia tempo a perder. Livre da carga, voou para a porta do motorista, entrou e ligou o motor. A tentação era meter o pé no acelerador, mas não queria arriscar chamar atenção. Então partiu com cuidado, mas aumentou gradualmente a velocidade, e logo a mansão sumia no espelho retrovisor, conforme avançava descendo uma longa e acentuada ladeira.

Agora, era ele que tremia ao pegar seu celular.

Ele usou a Siri, assistente de chamada de voz, para fazer a chamada. E quando foi atendido, cortou os cumprimentos.

— Vishous, preciso de ajuda médica. Agora. Onde está? Está bem. Certo. Chego lá em quinze minutos. Por favor. Apresse-se.

Finalizando a conexão, ajeitou o retrovisor para ver o banco de trás.

— Aguenta firme. Vamos arrumar ajuda. Diga, qual o seu nome?

— Eu... Não sei. — Veio a resposta fraca.

Ao parar na base da estrada, Assail virou à direita, mas não respirou fundo de alívio por estarem livres. Ainda ia levar um tempo até conseguir fazer aquilo.

— Fique comigo. Você precisa... Ficar comigo... Você está perto demais da segurança para desistir agora. Fique comigo!

Consciente de estar gritando, forçou-se a abrandar o tom de voz.

— Não morra. — Murmurou ao se ver perdido.

Onde estava indo? Para onde...?

Vishous disse a ele para ir para a parte nordeste da cidade, para...

Ele pegou o celular de novo e acionou a Siri de novo. Quando Vishous atendeu, Assail não reconheceu a própria voz.

— Para onde devo ir? Diga...

Vishous começou a falar.

— Não consigo ouvi-lo... Não consigo... Ver... — Assail esfregou os olhos. Deuses, ele estava chorando? — Me ajude...

— Onde você está?

— Não sei.

— Procure por uma placa. Procure uma placa, Assail.

Os olhos embaçados de Assail se ergueram para o retrovisor, para o macho nu e trêmulo sobre o banco de couro. Então, olhou pelo pára-brisa.

— Montgomery Place. A placa diz... Montgomery Place.

— Vire à esquerda. Agora.

Assail obedeceu sem discutir, girou o volante, derrapou no asfalto, fechou um carro na via oposta. Quando uma buzina soou, Vishous continuou falando.

— Três quilômetros à frente há um Shopping Center de alto padrão. Tem uma imobiliária, salão de beleza, restaurantes. Uma joalheria. Vá para os fundos, vou estar lá.

Assail anuiu, mesmo que o Irmão não conseguisse vê-lo.

E quando não desligou a chamada, Vishous disse calmamente.

— Estou contigo, camarada. Seja o que for, vamos resolver qualquer merda.

— Tudo bem. Tudo bem. — Assail voltou a olhar para o macho. — Fique comigo...

— Não vou a lugar algum. — Vishous murmurou. — Só vou ficar em silêncio pelo tempo em que estiver desmaterializado. Está bem, estou de volta.

Assail não disse mais nada ao se inclinar para o volante e esperar pelo... Quantos quilômetros ele tinha mesmo de percorrer? Três?... Shopping Center aparecer. E então lá estava ele, com as placas luminosas como quase um farol de esperança deserto, um símbolo de salvação.

— Estou aqui. Estou aqui.

Ele acelerou, passando pelo escritório da imobiliária e contornando para os fundos do prédio. Nos fundos só havia instalações de serviço e lixeiras, estacionamento de funcionários e plataformas de cargas para as lojas. O BMW pegou velocidade, disparando como um míssil.

À luz dos faróis, no canto oposto, uma figura sombria e sozinha estava de pé com os pés firmemente plantados no chão.

Assail pisou no freio, então se arrependeu ao ouvir uma batida e um gemido de dor vindos do banco de trás. Quando o carro parou, saiu sem desligar o motor e teve de se enfiar de novo para desengatar o câmbio.

— Por que está com o carro de Saxton...?

Ele cortou o Irmão.

— Ajude-me...

— Você está tendo uma overdose...?

Assail abriu a porta de trás.

— Ajude-o! Por favor!

Ele teve de esfregar os olhos de novo... De fato, seus olhos vazavam por todos os cantos.

Vishous sacou uma arma e se aproximou do carro aberto, espiando dentro.

— Mas. Que. *Caralho*.

— Ele... Ele... Ele... — Merda, não conseguia falar. — Eu o encontrei. Trancado. No porão. Não pude deixá-lo para trás.

O macho fugiu de Vishous, recuando seu corpo magro para a outra extremidade do banco, aquele cabelo emaranhado espalhou-se sobre os braços magros e as costas ossudas.

— Merda. — Vishous se endireitou e desviou o olhar. — Não posso nem começar a examiná-lo aqui. Temos de levá-lo. Cristo... As correntes... Está bem, entre... Nada de volante. Eu dirijo. Você me explica no caminho.

Assail cambaleou para contornar até o lado do carona. Mas então parou, pensou melhor e se enfiou no banco de trás, junto do macho. Tirou o paletó e colocou-o sobre a nudez do escravo.

— Está tudo bem. — O carro começou a se mover, as luzes da rua flamejaram na escuridão do interior enquanto Assail tentava se controlar. — Nós vamos ficar... Bem.

Capítulo CINQUENTA E CINCO

Layla voltou à Terra e à consciência em sua forma física, abrindo os olhos para o teto baixo de seu quarto de hospital. Suas mãos foram imediatamente para a barriga, e quando moveu as pernas e respirou fundo, houve um movimento lá, afixando movimentos fortes e vitais.

Ela tinha deixado a luz do banheiro acesa e a porta quase fechada, como era de costume quando tentava dormir, e seu olhar gravitou para a luz. Então olhou para o relógio. Onze e trinta e quatro da noite.

Ela tinha ficado no Santuário por um longo tempo.

Após ir do Templo das Escribas Reclusas para a biblioteca, tinha levado um tempo até encontrar o que buscava. E então, tinha estudado aquele volume em particular por bastante tempo. Bem como outros.

Apoiando-se para sentar no colchão, esfregou as têmporas.

Ela não devia ter lido a história de Xcor.

Mas também, se a história dele fosse diferente, se a verdadeira identidade do pai dele fosse outra, ela achava que não teria tanta importância. Mas era chocante. De fato, tinha até cruzado as referências encontradas, indo até os registros sagrados da Irmandade da Adaga Negra, retirando volumes em busca de inconsistências, alguma contradição nos registros do pai.

Mas não tinha encontrado nada. Na verdade, só havia confirmações.

E agora, não conseguia esquecer o que tinha descoberto.

Com um grunhido se ergueu ainda mais, passou as pernas para o lado e notou que os tornozelos estavam tão inchados, que era como se suas panturrilhas terminassem direto nos pés.

Ela não devia ter ido à caça de informações.

Mas agora, o que faria? Como iria explicar os motivos de sua busca?

Levantou-se, ajeitou a camisola e jogou o cabelo para trás dos ombros. Praguejando, deu um passo à frente...

Umidade... Pelas suas pernas de novo.

Ótimo. Bem o que precisava no meio de tudo isto.

Bamboleando adiante, estava preocupada com Xcor e irritada com sua bexiga. Mas pelo menos podia tomar um banho e relaxar sabendo que estava tudo bem com os bebês. E não era para isto que serviam as fraldas para adultos, justamente para este tipo de situação?

Estava virando para fechar a porta do banheiro quando olhou para trás...

Sangue. Sangue no chão... Pegadas de sangue no chão.

Ergueu a camisola, havia sangue na parte interna de suas pernas.

Começou a gritar e alguém entrou correndo... Ehlena invadiu o quarto.

A enfermeira deu uma olhada no que acontecia... E imediatamente ativou o modo profissional.

— Venha comigo. Volte para a cama. Vamos para a cama.

Layla estava vagamente ciente da fêmea levando-a pelo braço e depositando-a de volta no colchão.

— Os bebês... E os bebês...

— Espere, vou chamar a Dra. Jane. — Ehlena apertou o botão de chamada. — Só vou ligar alguns equipamentos, está bem?

Tudo aconteceu tão rápido. Fios foram ligados nela, monitores trazidos, a Dra. Jane entrou correndo. O aparelho de ultrassonografia foi trazido para o quarto. Manny chegou. Quinn e Blay quase derrubaram a porta ao entrarem.

— Os bebês. — Ela gemeu. — E os bebês...?

Era como o vento soprando sobre a terra.

A consciência voltou a Xcor do modo como uma rajada de vento varria uma paisagem, passando por algumas coisas, farfalhando outras, penetrando por entre outras ainda. Do mesmo modo, ele tomou consciência de muitas dores e de uma grande extensão de entorpecimento... Podia sentir pontadas de agonia e câimbras de formigamento... Contorções e espasmos... E então, nada mais em grandes faixas de sua carne.

Mas o cheiro se registrava com clareza.

O aroma de sujeira o confundiu.

Por trás dos olhos fechados, orientou-se o máximo que pôde, usando o nariz e os ouvidos. Não estava sozinho. Havia o cheiro de um... Não, dois outros vampiros machos ali com ele. Além disso, eles falavam em voz baixa... Bem, um deles falava. O outro não dizia nada que Xcor pudesse ouvir.

Não os conhecia. Ou mais acuradamente, não os reconhecia como dois de seus soldados...

A Irmandade. Na verdade... É, já tinha sentido o cheiro deles antes. Quando a Irmandade tinha vindo conversar com a *glymera* no encontro do Conselho.

Tinha sido capturado?

Detalhes enevoados da noite voltaram a ele. Ele naquele beco perto do carro carbonizado. Depois seguindo um caminhão de comida... Seguindo para onde? Onde tinha ido?

Seria aquilo um sonho?

Imagens se filtravam através dos olhos de sua mente, mas não duraram suficiente para ele decifrar...

— Ele está franzindo o cenho. — A voz masculina disse. — As mãos dele estão se movendo. Está acordado, bastardo?

Ele não poderia ter respondido nem que sua vida dependesse daquilo... E de fato, sua vida dependia daquilo. Se tinha sido capturado, precisava se lembrar do modo e do local...

Campus.

Ele não tinha seguido o caminhão de comida. Não, estivera no alto do veículo, sendo levado pela noite enquanto os *lessers* que perseguiu seguiam para o centro da cidade, passavam pelos subúrbios até um colégio abandonado ou campus de escola preparatória.

Onde ele tinha testemunhado a conclusão de uma grande batalha, uma perda devastadora para a Sociedade *Lessening*.

Deflagrada pela Irmandade.

Ele tinha visto um humano. Em cima do telhado.

Então, ele mesmo tinha sido golpeado na cabeça.

Quanto tempo tinha passado inconsciente? Seu corpo doía inteiro, não como se tivesse sido surrado, mas mais como se não fosse usado há um tempo.

— Está acordado finalmente? — A voz exigiu.

Finalmente? É, ele devia estar inconsciente há um tempo. De fato, sentia como se estivesse deitado há um período bem prolongado.

E o que eram aqueles sons de bip...

Alarmes. De repente, ouviu alarmes... Um celular tocou. O macho que tinha falado atendeu.

— O que? Quando? Quanto tempo? Oh, Deus... Sim. Agora mesmo. Será que Lassiter pode vir vigiá-lo? Cadê ele? Nós dois iremos, — Então uma pausa. — John... Sim, está acontecendo agora e eles precisam de nós por causa do sangue. Temos de ir. Não quero deixá-lo também, mas o que vamos fazer? Não, não sei onde Lassiter está.

Houve alguns sons, como se estivessem juntando suprimentos.

— Não, eles querem a nós dois. Ela está em trabalho de parto. Os bebês estão nascendo e ainda é cedo demais.

Layla!

Sem pensar, as pálpebras de Xcor se abriram. Os dois guerreiros estavam de costas, já de saída, graças aos deuses, desta forma não o viram.

— Também estou com medo. — Disse aquele de cabelos vermelhos. — Por ela, por Qhuinn. E ele vai ficar bem. Não vai a lugar nenhum.

O som dos passos deles diminuiu até haver um som de batida, como se um portão ou talvez algumas correntes estivessem sendo puxadas. E então houve um repeteco de tudo aquilo.

Xcor piscou largamente. Ao tentar se sentar, descobriu que de fato não ia mesmo a lugar algum. Havia faixas de metal em seus punhos e tornozelos, e até mesmo ao redor da cintura. Mais do que isto, sentia-se fraco demais para fazer qualquer coisa além de erguer a cabeça.

Olhando ao redor, viu que estava em algum tipo de depósito de armazenamento... Havia urnas, urnas sobre prateleiras que iam do chão ao teto. Em uma caverna? E ainda tinha os equipamento de monitoramento, que mantinham leitura de suas funções corporais de natureza complexa e eletrônica.

— Layla... — Ele disse, em voz entrecortada. — Layla...

Ruindo de costas contra a cama onde estava amarrado, seu desejo de escapar e ir até ela era grande, embora não soubesse onde ela estava ou onde ele

mesmo estava. Mas seu corpo tinha outros planos. Quando a noite eclipsou a luz das horas diurnas, a escuridão se abateu sobre ele de novo.

Possuindo-o.

Seu último pensamento foi que a fêmea que ele tanto amava quanto temia precisava dele, e que queria estar lá para ela...

Capítulo CINQUENTA E SEIS

Na saída do TGI Friday, Rhage parou no stand da recepcionista. Ou melhor, foi forçado a parar por que a humana que tinha arrumado a mesa para eles se colocou em seu caminho e não quis se mover.

— Gostaram do jantar? – Disse ela, ao deslizar algo na mão dele. — Este é o número de nosso serviço de atendimento ao cliente. Ligue e dê sua opinião sobre a comida.

A piscadela que ela lhe deu revelou tudo o que infernos ele já sabia e ainda mais sobre o que ligar para aquele número acarretaria... E certo como a merda não seria uma pesquisa de opinião.

Nenhuma que não envolvesse a humana ajoelhada à sua frente de qualquer forma.

Ele devolveu o pedaço de papel à mão dela.

— Posso responder agora mesmo. Minha esposa e eu tivemos um jantar maravilhoso. Da mesma forma que nossa... Amiga. Obrigado.

Ao se virar, passou um braço ao redor de Mary e puxou-a para perto. Então fez o mesmo com Bitty, antes mesmo de pensar a respeito.

Eles saíram juntos, espremendo-se para passar ao mesmo tempo pelas portas duplas.

Do lado de fora, a noite tinha esfriado ainda mais, mas a barriga dele estava mais do que cheia de comida e estava realmente feliz... Era incrível como aquele tipo de humor criava seu próprio calor, independente da temperatura externa.

Inferno, poderia estar nevando e ainda teria olhado para o céu negro, suspirando um *Ahhhhhhhhh*.

Quando estavam a ponto de sair do meio-fio em direção ao carro, uma minivan parou e uma mãe e filha correram para entrar. Cara, aquilo é que era herança genética. As duas tinham cabelos castanhos idênticos, o da adolescente preso em um rabo de cavalo, o da mãe cortado à altura do queixo. Elas tinham mais ou menos a mesma altura e ambas usavam jeans e blusas de moletom. Os rostos tinham a mesma estrutura óssea, os malares pronunciados, as testas altas, e o tipo de nariz reto que imaginava que alguns humanos encomendavam em clínicas de cirurgia plástica.

Elas não eram nem feias, nem bonitas. Nem pobres, nem ricas. Mas estavam rindo de forma exatamente igual. E aquilo tornava ambas espetaculares.

A mãe abriu a porta para a filha e incitou-a a entrar. Então se inclinou e gracejou para a garota.

— Rá, eu ganhei mesmo a aposta! Eu realmente ganhei... E você vai lavar os pratos a semana inteira. Este foi o trato.

— Mããããããããe!

A mãe fechou a porta cortando o protesto e pulou para o banco da frente, ao lado do que tinha de ser o marido ou companheiro.

— Eu disse a ela, não aposte comigo. Não em se tratando de citações de *O Poderoso Chefão*.

O cara virou para a filha.

— De jeito nenhum, eu não vou me meter nisso, nem de longe. Você sabe que ela decorou o filme, e sim, a frase correta é “Um siciliano não pode recusar um pedido no dia do casamento de sua filha”.

A mãe fechou a porta e a minivan azul bebê se afastou.

Por um momento, Rhage imaginou como seria aquela volta para casa... E se pegou com uma imensa vontade de fazer o mesmo. Isto é, de levar Bitty para casa.

E também discutir sobre *O Poderoso Chefão*, caso fosse necessário. Ou sobre qual era o gosto de massinha de modelar. Ou ainda se ia nevar no início ou no fim da estação.

— Tudo bem? — Ele perguntou quando Bitty hesitou. — Bitty?

— Desculpe. — A garota disse suavemente. — O que?

— Vamos, vamos para o carro.

Foi mesmo bom andar com suas fêmeas de volta para o GTO e melhor ainda guiá-las pelas ruas, obedecendo aos semáforos. Mantendo sua faixa. Sem aceitar o desafio quando dois babacas em um Charger pararam ao seu lado, no farol fechado e bombearam o motor como se a coisa fosse uma extensão de suas bolas e paus.

Ele só dirigiu.

Quando o celular tocou, deixou cair no correio de voz. Logo estariam no Lugar Seguro e então poderia...

E então tocou de novo.

Pegando a coisa, franziu o cenho.

— Preciso atender. — Aceitando a chamada, levou o celular ao ouvido. — Manny?

A voz do cirurgião era urgente.

— Preciso de você aqui nesse instante. Layla está tendo uma hemorragia. Os bebês estão nascendo... Precisamos de veias para ela tomar. Pode desmaterializar?

— Merda. — Sibilou ao ligar o pisca alerta e estacionar. — Sim. Posso ir.

Mary e Bitty olharam para ele alarmadas quando desligou e olhou ao redor.

— Ouçam, sinto muito. Há uma... — Ele se interrompeu ao olhar para a garota. — Tenho que ir para casa.

— O que houve? – Perguntou Mary.

— Layla. – Ele não queria falar sobre aquilo. Não depois de tudo o que Bitty tinha passado. — Precisam de ajuda. Pode dirigir de volta? Tenho que me desmaterializar agora.

— Claro. E eu vou direto para casa...

— Posso ir com vocês? – Bitty pediu.

Houve um momento de *hummmmm*. E então Mary virou-se para o banco traseiro.

— É melhor eu te levar de volta para o Lugar Seguro. Pode ser talvez um outro dia?

— Você vai ficar bem?

Levou um momento para Rhage perceber que a garota estava falando com ele. E ao fitar aqueles olhos grandes e ansiosos, um sobressalto o atravessou.

— Sim, vou ficar bem. Só preciso ajudar uma amiga.

— Oh, tudo bem então. Quando eu vejo você de novo?

— Quando você quiser. Sempre estarei por perto para você. – Ele esticou um braço para trás e acariciou o rosto dela com a mão. — E vamos ter de assistir ao *O Poderoso Chefão*. Parte I e II. A III não.

— O que é isto? – Ela perguntou quando ele abriu a porta e saiu.

— Somente o melhor filme do mundo. Cuidem-se!

Mary já estava fora dando a volta na frente do carro e eles se encontraram em frente aos faróis, abraçando-se por um segundo.

— Eu te amo. – Disse ele ao dar a ela um beijo rápido.

— Eu também. Diga a eles que já estou voltando?

Ao encarar o olhar de Mary, colocou-se no lugar de Qhuinn... E multiplicou por um bilhão. Então se forçou a voltar à realidade e se concentrar.

— Direi. — Tomou o rosto dela entre as mãos e beijou-a de novo. — Dirija com cuidado.

— Sempre.

Com um meneio de cabeça, ele fechou os olhos, respirou fundo... E então deu o fora dali, viajando em uma porção de moléculas, sobrevoando vizinhanças humanas... E então através da área rural... E indo mais adiante, aos sopés que se tornavam montanhas.

Ele voltou a tomar forma na entrada da frente da mansão, abrindo caminho para o vestibulo e exibindo a cara para a câmera de segurança.

Enquanto esperava que alguém abrisse, seu coração estava acelerado por vários motivos. Mas principalmente por causa do modo como Bitty o tinha encarado.

Engraçado como era possível ser transformado por alguém.

A porta abriu e Fritz estava do outro lado parecendo preocupado.

— Senhor, que bom vê-lo. Todos estão descendo para o centro de treinamento. Estamos providenciando refeições, caso alguém queira comer.

Rhage sentiu um estranho impulso de abraçar o *doggen*... E podia ter feito isto, não fosse pela possibilidade de Fritz desmaiar pela quebra de protocolo.

— Obrigado. Você tem tudo sob controle. Isto significa muito.

Rhage se apressou e passou pisando forte pelo mosaico de macieira... E estava quase diante da porta oculta debaixo da escada principal quando parou e olhou para trás.

— Fritz?

O mordomo parou na arcada da sala de jantar.

— Sim, senhor?

— Eu sei que é uma péssima hora. Mas preciso que compre uma coisa para mim. Agora.

O mordomo idoso fez uma reverência tão profunda que sua papada quase encostou no chão polido.

— Seria um alívio poder fazer algo por alguém. Às vezes me sinto tão inútil.

Por trás do volante do GTO, Mary sentia como se o tempo estivesse correndo para trás... Que de alguma forma ela e Bitty tinha caído em uma dobra, de onde voltaram para noites atrás, indo na direção da clínica do outro lado do rio.

E não só por causa de Layla e pelo que estava acontecendo na casa. No banco de trás, a garota tinha novamente se fechado dentro de si mesma, os olhos fixos na janela ao seu lado, o rosto uma máscara de compostura, o que era ainda mais alarmante por que Mary já tinha descoberto o quanto ela podia se tornar interessada e alegre.

— Bitty?

— Mmmm? – Veio a resposta.

— Converse comigo. Sei que tem algo acontecendo... E sim, eu podia fingir que não reparei, mas acho que já passamos desta fase. Pelo menos é o que espero.

Passou-se um longo tempo até a garota responder.

— Quando saímos do restaurante, – Bitty disse. — Você viu aquela *mahmen* humana e a filha?

— Sim. — Mary respirou fundo. — Eu vi.

Quando o silêncio voltou, Mary olhou pelo espelho retrovisor.

— Elas te fizeram pensar em sua *mahmen*?

Tudo o que a garota fez foi anuir.

Mary esperou. E esperou.

— Sente falta dela?

E foi só o que bastou. De repente, Bitty começou a chorar com grandes soluços balançando seu corpinho. E Mary estacionou. Precisou.

Graças a Deus estavam em uma parte boa da cidade, em uma seção onde havia várias padarias, papelarias e pet shops de proprietários locais. O que significava muitos locais para estacionar bem na rua, que se encontrava vazia.

Após desengatar o GTO e puxar o freio de mão, Mary girou até os joelhos ficarem pressionados contra o peito.

Estendeu uma mão e tentou tocar Bitty, mas a garota recuou.

— Oh, querida... Eu sei que sente falta dela...

A garota girou de volta com lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Mas não sinto! Não sinto nenhuma falta dela! Como eu posso não sentir falta dela?

Ao ver Bitty cobrir os olhos com as mãos e soluçar, Mary deixou-a em paz, mesmo que aquilo a matasse por dentro. E após uma espera agonizante, a garota recomeçou a falar.

— Eu não tive aquilo! O que a humana e sua *mahmen* tinham! Eu não tive... Apostas e risos... Nem saídas para jantar ou um pai amigável vindo me buscar de carro! — Quando ela fungou e secou o rosto com os punhos, Mary remexeu em sua bolsa e tirou uma caixa de lenços de papel. Bitty pegou a caixa e pareceu se esquecer deles imediatamente. — Minha mãe tinha medo... Estava ferida e se

escondendo! E então ela estava grávida e aí ficou doente e... Ela morreu! E eu não sinto falta dela!

Mary desligou o motor, abriu a porta e foi para o banco de trás. Tomou a precaução de trancar as portas no carro escuro ao se sentar ao lado da garota, e a luz externa ajudou a ver a angústia e o horror no rosto de Bitty.

— Como posso não sentir falta dela? — A garota tremia. — Eu a amava... E devia sentir falta dela...

Mary estendeu a mão, e ficou aliviada ao conseguir puxar Bitty e abraçá-la bem forte. Acariciando os cabelos dela, murmurou palavras suaves enquanto Bitty chorava.

Era impossível não sentir lágrimas em seus próprios olhos.

E foi difícil não sussurrar banalidades como “Tudo vai ficar bem” ou “Tudo bem” por que ela queria dizer algo, qualquer coisa para acalmar a garota. Mas a verdade era, as coisas a que Bitty fora exposta ao crescer não estavam certas, e garotas e pessoas que viveram neste tipo de ambiente não estavam bem por um longo, longo tempo, se é que jamais estiveram.

— Estou com você. — Foi tudo o que conseguiu dizer. Várias vezes.

Pareceu levar anos até Bitty dar um suspiro entrecortado e se recostar. E quando ela remexeu no pacote de lenços, Mary tirou o dela e abriu o lacre, retirando um. E outro.

Depois de Bitty assoar o nariz e cair contra o banco, Mary soltou o cinto de segurança da garota para lhe dar mais espaço.

— Eu não conhecia sua mãe tanto assim, — Disse Mary. — Mas tenho certeza absoluta que, se ela tivesse tido chance de viver todos estes momentos normais e carinhosos com você, ela não teria hesitado. A violência invade tudo ao entrar em casa. Não dá pra fugir dela a menos que saia da casa, então ela vai manchando tudo. Não acha que talvez o que não sente falta é do sofrimento que vocês duas enfrentaram? Que não sente falta de ter medo e ser machucada?

Bitty fungou.

— Sou uma filha má? Eu sou... Má?

— Não. Deus, não. De jeito nenhum.

— E eu a amava. Muito.

— É claro que amava. E aposto que se pensar bem, vai perceber que ainda ama.

— Tive tanto medo o tempo todo em que ela esteve doente. — Bitty remexeu nos lenços. — Eu não sabia o que ia acontecer com ela, e estava realmente preocupada comigo mesma o tempo inteiro. Isto é ruim?

— Não. Isto é normal. Chama-se sobrevivência. — Mary enfiou uma mecha do cabelo atrás da orelha de Bitty. — Quando se é jovem e não se consegue cuidar de si mesmo, é normal se preocupar com este tipo de coisa. Droga, quando se fica mais velho e se torna mais capaz de cuidar de si mesma, isto também acontece.

Bitty aceitou outro lenço, colocou-o sobre o joelho e o alisou.

— Quando minha mãe morreu, — Disse Mary. — Eu fiquei brava com ela.

A garota ergueu o olhar, surpresa.

— Sério?

— É. Estava amargamente brava. Digo, ela tinha sofrido e eu tinha ficado ao lado dela por tantos anos enquanto ela lentamente definhava. Ela não tinha escolhido nada daquilo. Não pediu pra ficar doente. Mas eu me ressentia do fato de meus amigos não terem de ficar cuidando dos pais. Que meus colegas fossem livres pra sair, beber, festejar e se divertir... Serem jovens e irresponsáveis, sem responsabilidade alguma. Enquanto que eu tinha de me preocupar em arrumar a casa, comprar mantimentos, cozinhar... E quando a doença progrediu, limpá-la, banhá-la, fazer os curativos quando as enfermeiras não vinham por causa do mau tempo. E daí ela morreu. — Mary respirou fundo e balançou a cabeça. — Só o que consegui pensar, depois de levarem o corpo dela, foi... Ótimo, agora vou ter de

planejar o funeral, lidar com as dívidas do banco, o testamento, doar as roupas dela. Foi aí que realmente enlouqueci. Eu surtei e chorei, por que sentia que era a pior filha na história do mundo.

— Mas você não era?

— Não. Eu era humana. Eu sou humana. E o luto é uma coisa complexa. Dizem que há estágios para ele. Já ouviu falar? — Quando Bitty negou com a cabeça, Mary continuou. — Negação, negociação, raiva, depressão e aceitação. Estas são mais ou menos as fases que todas as pessoas atravessam. Mas também há muitas outras coisas misturadas a tudo isto. Assuntos não resolvidos. Exaustão. Às vezes há alívio, e com ele vem muita culpa. O melhor conselho que posso dar? Como alguém que não só já passou por isto, mas também já ajudou a muitas pessoas que também passaram? Deixe seus pensamentos e sentimentos aparecerem quando quiserem... E não os julgue. Posso garantir que você não é a única pessoa que tem pensamentos dos quais não gosta ou emoções que parecem erradas. Além disso, se conversar sobre o que está acontecendo com você, é absolutamente possível atravessar a dor, medo e confusão para o que tem do outro lado.

— E o que é que tem do outro lado?

— Uma certa quantidade de paz. — Mary deu de ombros. — De novo, eu queria poder te dizer que a dor desaparece... Só que não seria verdade. Mas melhora. Ainda penso em minha mãe, e sim, às vezes dói. Acho que sempre vai doer... E honestamente? Não quero que a dor desapareça completamente. O luto... É um jeito sagrado de honrar aqueles que amamos. Minha dor é meu coração funcionando, é meu amor por ela, e isto é uma coisa bonita.

Bitty alisou o lenço em seu joelho.

— Eu não amava o meu pai.

— Não posso culpá-la.

— E às vezes eu ficava frustrada por minha mãe não abandoná-lo.

— Como poderia não ficar?

Bitty respirou fundo e exalou, longa e lentamente.

— Isto está certo? Tudo isto... É normal?

Mary se inclinou e tomou ambas as mãos da garota.

— É cem por cento, absolutamente, positivamente certo. Juro.

— Você diria se não fosse?

Os olhos de Mary não vacilaram.

— Juro pela vida do meu marido. E sabe o que mais? Eu entendo completamente o que você sente. Eu entendo, Bitty. Entendo totalmente.

Capítulo CINQUENTA E SETE

Assail não fazia ideia de onde estavam. Enquanto Vishous dirigia o BMW como se morcegos do inferno o perseguissem pelas ruas de Caldwell, e então pela área rural, Assail prestou pouca atenção por onde passavam. Só o que lhe importava era acompanhar a respiração do escravo.

— Fique comigo. — Ele sussurrou.

Antes de ter consciência do que fazia, estendeu a mão e tomou a mão fria do macho entre as suas. Esfregando-as suavemente, tentou transmitir um pouco do calor de seu corpo, de sua força vital, ao ser que jazia imóvel a seu lado.

Deus, odiava aquelas correntes.

Quando finalmente ergueu o olhar para olhar pelas janelas... Por que estava perdendo a cabeça de preocupação e se perguntava por que a viagem estava levando tanto tempo... Franziu o cenho. Ao redor, uma névoa havia caído sobre eles como se houvesse uma bruma no ar, mesmo que não houvesse nenhuma das denunciadoras nuvens brancas no resto da paisagem.

— Você vai ficar seguro aqui. — Assail se ouviu dizer ao chegarem ao primeiro dos portões do centro de treinamento. — Eles vão cuidar bem de você aqui.

Depois de parar e continuar eles chegaram à última parte da viagem, uma descida que os levou ao subterrâneo. E então entraram em um estacionamento tão fortificado e grande quanto qualquer área municipal de Caldwell.

Vishous parou bem à frente de uma porta de aço.

— Eu liguei avisando, estão nos aguardando.

Assail franziu o cenho, perguntando-se quando o Irmão teria falado ao telefone. Ele não tinha notado.

— Como vamos fazê-lo...

Não precisou terminar a frase. Aquela porta abriu-se repentinamente, e uma maca apareceu junto com a fêmea chamada Dra. Jane e outro Irmão que a empurrava adiante. Assail reconheceu o guerreiro... Era aquele atarracado, com o estranho nome humano. Também conhecido por *Dhestroyer*.

A médica já tinha manchas de sangue na folgada blusa azul.

Ao sair do carro Vishous falava, ao mesmo tempo em que corria para abrir a porta de trás.

— Macho, idade desconhecida. Sinais vitais desconhecidos. Desnutrido. Traumas físicos e psicológicos desconhecidos.

Assail saiu do carro e correu para ajudar a retirar o macho que novamente tremia de medo.

—Deixem! – Rosnou ele — Ele não conhece vocês!

Embora, na verdade, o escravo também não conhecesse melhor Assail. Mas ele tinha a vantagem de ter libertado o prisioneiro.

— Aqui, ei. – Disse ao macho — Não vou abandoná-lo.

Assail estendeu as mãos e levantou o macho, virando e colocando-o sobre a maca. Imediatamente a médica adiantou-se para cobrir sua nudez, e a dignidade daquele ato fez Assail precisar piscar rapidamente mais algumas vezes.

— Oi, meu nome é Jane. – A médica disse, olhando diretamente dentro daqueles olhos aterrorizados. — Vou cuidar de você. Ninguém vai te machucar aqui. Está a salvo e não vamos deixar nada de ruim te acontecer. Entendeu o que eu disse?

O escravo olhou para Assail em pânico.

— Tudo bem. – Disse Assail — Eles são boas pessoas.

— Qual o seu nome? — A médica perguntou ao encaixar o estetoscópio nos ouvidos. — Desculpe, como disse?

— M-m-markcus.

— Marcus. Que nome bonito. — Ela sorriu. — Eu gostaria de ouvir seus batimentos cardíacos, tudo bem? E também colocar um acesso venoso no seu braço para podermos injetar alguns fluídos em você. Tudo bem com isto?

Marckus olhou para Assail de novo.

— Tudo bem. — Disse Assail. — Eles vão fazê-lo se sentir melhor. Eu prometo.

As coisas ocorreram depressa depois daquilo. Um IV foi colocado, verificações foram feitas, e ao se moverem, entraram no sofisticado complexo que tinha os consultórios médicos e suas disposições... E todo tipo de pessoas.

De fato, a Irmandade inteira parecia estar amontoadada ali.

As correntes chamaram a atenção de todo mundo, a multidão variada no corredor virou na direção do som tilintado quando a médica moveu-os e aqueles elos de metal se arrastaram no chão.

— Que diabos? — Disse alguém.

— Oh Deus... — Soou outra voz.

Os guerreiros se dividiram ao meio, dando espaço para eles passarem. Exceto por um dos membros da Irmandade.

Era o Irmão Zsadist. E quando viu o macho na maca, ficou tão branco que era como se tivesse morrido de repente, mesmo que continuasse em pé no meio do largo corredor.

O Irmão Phury aproximou-se dele e falou em voz baixa. Então, de forma hesitante, tocou o braço do irmão.

— Deixe-os passar. — Disse Phury. — Deixe-os cuidar dele.

Quando Z finalmente se moveu para o lado, Assail seguiu até chegarem a uma sala de exames com um grande lustre no centro e armários envidraçados em todos os cantos.

Vishous impediu sua entrada.

— Deixe-os trabalhar. E me diga que porra aconteceu.

Assail percebeu que seus lábios começaram a se mover e que estava falando, mas não fazia ideia do que estava dizendo.

Algo deve ter feito sentido... E sido acurado... Por que Vishous disse:

— Juro que ela merece a morte se for a responsável por isto.

A Dra. Jane virou-se para Vishous.

— Pode ajudar com as correntes?

— É pra já.

Vishous deu um passo adiante removendo a luva de couro preto de sua mão. Estendendo a mão, segurou uma das extensões... E um brilho cintilante emanou de sua palma aquecendo os elos, desintegrando-os de modo que caíram livres no chão com muito barulho.

Assail esfregou o rosto quando o Irmão circulou pelas outras quatro extremidades, liberando muito do peso. As faixas ao redor dos pulsos e tornozelos continuaram no lugar, mas pelo menos as correntes pesadas estavam fora.

Quando Vishous voltou para perto dele, Assail disse em voz baixa.

— Ele vai sobreviver?

O Irmão meneou a cabeça.

— Não faço ideia.

Capítulo CINQUENTA E OITO

Qhuinn ficou parado em pé no canto da sala de cirurgia com os olhos fixos em Layla enquanto Manny fazia novamente o exame interno nela, o macho enfiado por entre suas coxas abertas, um lençol cobrindo a ação para preservar a privacidade dela.

— É cedo demais... — Qhuinn balançou a cabeça e tentou manter a voz baixa. — É cedo demais... Não era para acontecer agora. Por que está... Não era para ser agora. Jesus, é cedo demais. Que porra... O ultrassom disse que tudo estava bem.

Não estava acontecendo, seu cérebro insistia. Devia ser algum tipo de sonho.

É, a qualquer minuto ele ia acordar e encontrar Blay ao seu lado no quarto deles... E ia dar um suspiro profundo de alívio ao perceber que o bicho-papão que o aterrorizava não passava, de fato, de um produto de sua imaginação. Ou talvez devido a ter comido demais.

— Acorde. — Murmurou ele. — Acorde agora. Acorda porra...

Blay estava mesmo ao seu lado. Mas não na horizontal, e certo como a porra, não na suíte deles. No entanto, seu macho o apoiava integralmente: a única coisa que o mantinha de pé era o braço forte de Blay ao redor de sua cintura.

Manny retirou a mão debaixo do lençol e arrancou a luva azul brilhante. Então se levantou e chamou com um gesto Blay e Qhuinn para perto da cama.

O fato de Layla ainda estar consciente era prova do quão forte a fêmea era, mas oh Deus, ela estava pálida. E havia tanto sangue enchendo a vasilha embaixo dela, permeando o ar como uma mancha nas próprias moléculas de oxigênio.

Manny colocou a mão no ombro de Layla e falou com ela.

— O sangramento está diminuindo. Isto é bom. Mas agora os dois estão mostrando sinais de sofrimento fetal, e os batimentos cardíacos do menino está começando a oscilar. Além de tudo, continuo particularmente preocupado com a garotinha por que ela é a menor dos dois. Eu recomendaria fortemente uma cesariana...

— Mas é cedo demais! — Layla olhou para Qhuinn em pânico. — É cedo demais...

Manny segurou a mão da fêmea.

— Layla, você precisa me ouvir. Os bebês estão lutando... Mais do que isto, você não vai sobreviver se não os retirarmos agora.

— Não me importo comigo! Você disse que o sangramento está parando...

— Está diminuindo. Mas estamos ficando sem tempo e preciso de você o mais forte possível quando o momento chegar.

— Não ligo para o que acontecer comigo! Você precisa mantê-los aqui dentro...

Layla estrangulou uma respiração quando outra contração a atingiu e Qhuinn esfregou o rosto. Então ele fez um gesto para Manny se afastar com ele.

Abaixando a voz, Qhuinn disse:

— Que caralhos está acontecendo?

Os olhos de Manny estavam firmes em meio a todo aquele pânico, um porto seguro no agitado mar de emoções.

— Conversei com Havers. Não há nada que possamos fazer para retardar mais o parto. Pelo ultrassom é óbvio que a placenta está se separando do útero. É exatamente o que aconteceu com Beth... E é extremamente comum, especialmente em caso de múltiplos, e é a causa mais comum de morte materna e fetal na sua espécie. Layla não fez nada errado... Fez tudo certo. Mas pra resumir,

a gravidez está falhando e estamos em um ponto de decisão onde precisamos preservar a vida dela, e tentar salvar a deles.

Houve uma pausa. E Qhuinn soltou as palavras que vinha falando consigo mesmo em sua mente.

— E os pulmões deles? Precisamos de mais algumas noites...

— Temos aparelhos especiais de respiração de Havers que podem ajudá-los. Temos o equipamento certo. Se os tirarmos conheço o protocolo, assim como Ehlena e Jane.

Qhuinn esfregou o rosto e sentiu vontade de vomitar.

— Está bem, tudo bem. Vamos fazer isto.

Preparando-se, ele foi até Layla e afastou carinhosamente os cabelos louros dela de seu rosto suado.

— Layla...

— Desculpe! Sinto muito! É tudo minha culpa...

— Shhh shhh shhh. — Ele continuou a passar a mão em sua cabeça para acalmar os seus protestos. — Ouça... Não, ouça. Ouça o que vou dizer... Não é culpa de ninguém. E sua vida é importante. Não posso perder... Não vou perder todos vocês nisso, está bem? Tudo isso está nas mãos da Virgem Escriba. O que tiver de ser, será.

— Eu sinto muito... — Os olhos dela grudaram nos dele, as lágrimas escorrendo pelos cantos, molhando o travesseiro baixo sob sua cabeça. — Qhuinn, me perdoe.

Ele depositou um beijo em sua testa.

— Não há nada a perdoar. Mas precisamos fazer isto...

— Não quero perder os seus bebês...

— Eles são *nossos* bebês. — Ele olhou para Blay. — Nós os fizemos juntos e não importa o que aconteça, estou tranquilo em relação a isto, está certo? Você fez absolutamente o melhor que podia, mas a esta altura, precisamos ir em frente.

— Onde está Blay? — Outra contração a atingiu e ela cerrou os dentes, contraindo o corpo. — Onde está...

Blay se aproximou.

— Estou bem aqui. Não vou sair.

Naquele momento, Jane entrou.

— Como estamos?

— Layla. — Qhuinn disse. — Precisamos fazer isto. *Agora*.

Enquanto estava deitada na cama hospitalar com seu corpo fora de controle e o futuro dos seus bebês em dúvida, Layla sentia como se estivesse em um carro acelerado indo na direção de uma curva fechada em uma estrada escorregadia. A metáfora era tão adequada que cada vez que piscava sentia a velocidade aumentando, ouvia os guinchos dos pneus, preparava-se para o impacto que evoluiria para um capotamento que certamente iria matá-la.

De fato, a dor do impacto já estava com ela, irradiando de sua coluna lombar em um zumbido regular e então se espalhando em contrações que atingiam sua barriga.

— Está na hora. — Disse Qhuinn, seus olhos díspares ardiam com uma decisão tão feroz que ela sentiu-se momentaneamente segura.

Era como se ele estivesse preparado para entrar em uma batalha por ela e seus bebês.

— Tudo bem? – Ele perguntou.

Ela olhou para Blay. E quando o macho meneou a cabeça, viu-se anuindo em concordância.

— Está bem.

— Podemos alimentá-la? – Qhuinn perguntou.

Jane se aproximou e negou com a cabeça.

— Precisamos do estômago dela vazio para a anestesia. E tem de ser anestesia raquidiana, não há tempo para uma epidural.

— O que for... – Layla pigarreou. — O que for preciso para salvar os bebês...

Ela lembrou quando isto tinha acontecido com Beth, o que tinha sido feito para salvá-la e ao L.W. Se acontecesse de Layla não poder mais ter filhos? Tudo bem. Ela já teria dois. Ou... Talvez um.

Ou talvez... Nenhum.

Oh, querida Virgem Escriba, rezou ao começar a chorar. Leve-me. Deixe os bebês e me leve no lugar deles.

Virando a cabeça, olhou por entre as lágrimas para aqueles dois berços neonatais que foram trazidos para o quarto e deixados encostados na parede. Tentou imaginar os bebês neles, pequenos, mas vivos.

Não conseguiu.

Gemendo, foi atingida por um impulso absurdo de se levantar e sair andando, como se aquilo fosse um filme no qual ela pudesse se levantar e ir embora por não gostar do enredo. Ou um livro que pudesse fechar por não se importar com a direção para onde o autor estava levando os personagens. Ou uma pintura que pudesse abandonar com o pincel por que a cena que teve intenção de retratar tinha se tornado uma bagunça.

De repente pareceu surgir pessoas por todos os cantos. Vishous entrou, o rosto com cavanhaque coberto com máscara cirúrgica, suas roupas de rua escondidas sob um grande traje esterilizado. Ehlena estava lá. Quinn e Blay se aprontavam. Manny e Jane conversavam em um vai e vem em um tipo de abreviação que não conseguia entender.

— Não consigo respirar... — Ela grunhiu.

Subitamente um tipo de alarme soou, o som agudo separado do bip generalizado das máquinas que monitoravam a ela e aos bebês.

— Não consigo... Respirar...

— Ela está *parando*!

Layla não tinha ideia de quem disse aquilo. Ou mesmo se foi um macho ou fêmea a falar.

Uma sensação estranha recaiu sobre ela, como se submergisse em água morna que abafava sua visão, sua audição e fazia seu corpo se tornar sem peso. A dor também sumiu e aquilo a aterrorizou.

Se sentisse dor significaria que ainda estava viva, correto?

Quando o abismo subiu e dominou sua consciência como um monstro devorando sua presa, tentou gritar pedindo ajuda, implorar pelas vidas de seus filhos, pedir desculpa de novo pelas transgressões das quais somente ela sabia.

Mas não havia tempo.

Não havia mais tempo para ela.

Capítulo CINQUENTA E NOVE

Assail estava sentado em uma cadeira relativamente confortável, em um quarto cuja temperatura era amena... E ainda assim sentia como se sua pele estivesse sendo queimada de seus ossos.

No quarto não muito grande, o escravo resgatado estava deitado em uma cama hospitalar e parecia mais um *pretrans* que um vampiro totalmente adulto. Lençóis e cobertas foram colocados sobre o corpo nu para mantê-lo aquecido. Nutrientes e fluídos eram introduzidos em suas veias por meios de tubos. Várias máquinas avaliavam o desempenho de seus órgãos.

Ele estava dormindo.

Markcus tinha adormecido. Ou desmaiado.

Desta forma, Assail estava sentado no quarto de hospital de um total estranho, tão incapaz de sair como se seu próprio sangue estivesse debaixo daquelas cobertas, enganchado àqueles monitores, repousando sobre aquele colchão.

Esfregando os braços, desejou a sensação de calor de sua própria carne sumisse para poder se concentrar inteiramente na saúde de Markcus. Mas já tinha removido seu paletó e tirado a gravata. Só faltava ficar nu.

Levou um tempo para perceber qual era o problema.

Com uma maldição, retirou o frasco de cocaína e o segurou na mão, olhando para o vidro marrom com a tampinha preta.

Cuidou de sua torturante necessidade de forma rápida, sentindo vergonha por ter de inalar a droga a poucos metros de distância do macho.

Perguntou-se quanto tempo até Naasha descobrir o que tinha tirado dela.

E como ela podia ter feito aquilo com uma pessoa? Especialmente considerando que tinha um estoque regular de jovens machos voluntários para servi-la não somente em termos sexuais, mas também em sua necessidade de sangue.

De fato, cada vez que Assail fechava os olhos via aquela cela, cheirava aquele fedor, revivia sua entrada intempestiva naquela prisão subterrânea.

De onde ela o teria roubado? Será que algum familiar o procurava?

Quanto tempo ele tinha sofrido lá embaixo, sem nada além de uma refeição para manter-se vivo?

O diagnóstico até agora era desnutrição, infecção hepática, pneumonia e infecção respiratória. Mas a equipe médica tinha indicado que havia mais exames a serem feitos.

O horror de tudo aquilo tornava difícil respirar e Assail teve de se recostar na cadeira.

Do lado de fora, ouviu os Irmãos falando e perambulando. Claramente alguém tinha sido seriamente ferido, dado o alto nível de ansiedade, mas não tinha perguntado a ninguém e ninguém tinha explicado nada. Além disso, Vishous teve de sair para ajudar na emergência, fosse qual fosse, embora tivesse prometido voltar...

A batida foi suave.

— Entre. — Assail murmurou, mesmo que sentisse não ter direito de convidar ou proibir a entrada de visitantes para Markcus.

Demorou um tempo até a porta abrir um pouco.

— Olá? — Assail chamou.

Ao ver quem era, recuou.

Zsadist era um Irmão de quem há muito se ouvia falar. Afinal, a história e o comportamento do guerreiro eram tais que sua reputação, mesmo no Novo

Mundo, tinha chegado até o Antigo Continente. E sim, o rosto do macho com cicatrizes era algo a ser temido, as feridas mal curadas e grosseiras distorciam seu lábio superior, embora os olhos estreitados brilhassem de maldade. Ao entrar no quarto com a cabeça quase raspada e o corpo imenso, ele parecia exatamente o que os boatos sugeriam... Um sociopata a ser evitado a qualquer custo.

No entanto, Assail tinha ouvido falar que ultimamente as coisas mudaram para ele. Que tinha se vinculado. Tinha uma filha. Recuperara-se da ira assassina que o definia desde que ele também tinha sido mantido prisioneiro contra sua vontade.

De fato, quando os olhos amarelos fitaram o macho em cima da cama, ele cruzou os braços sobre o peito como se buscasse se confortar.

— Eu o encontrei... — Assail teve de pigarrear. — Acorrentado a uma parede.

Zsadist caminhou lentamente até a cama e baixou o olhar para Markcus. Ficou lá por um longo tempo, mal piscando, somente o subir e descer de seu peito e um retorcer ocasional das sobrancelhas sugeriam que não era um tipo de estátua.

Assail podia imaginar as lembranças que provavelmente estavam voltando a ele.

Aquelas faixas de escravidão ao redor do pescoço e pulsos do Irmão pareciam pretas como o mal que tinha posto a tinta em sua pele.

— O nome dele é Markcus. — Assail disse. — É só o que sei sobre ele.

Zsadist anuiu. Pelo menos Assail achou ter visto ele menear a cabeça em assentimento. Então o guerreiro falou.

— Eu quero... Ajudar. De algum jeito. De qualquer jeito.

Estava na ponta da língua de Assail dizer que não havia nada a fazer. Mas então uma ondulante ira inundou o seu peito.

Assail não era um salvador. Nunca tinha sido. Seus interesses sempre foram os seus próprios e os de mais ninguém. Também não era de se apegar, rápida ou permanentemente.

Mas Assail se viu estreitando os olhos para o Irmão.

— Exatamente o quão longe você iria?

Instantaneamente aquele olhar amarelado flamejou preto e os olhos se tornaram poços sem alma do *Dhund*.

— O quanto for necessário. E então cem mil quilômetros a mais.

— Mesmo que isto te coloque em problemas com o Rei? Pois vou fazer justiça com minhas próprias mãos, ao invés de esperar os meios legais. E não vou pedir a permissão de Wrath.

— Não haverá problema.

O primeiro pensamento de Assail foi se levantar da cadeira, pedir por mais armas e prosseguir imediatamente de volta para aquela casa.

Mas não, depois de pensar melhor, aquilo não seria nada estratégico. E nem violento.

— Espero que esteja sendo sincero, gentil cavalheiro.

— Não sou gentil, nem cavalheiro.

Assail concordou.

— Bom. E não se preocupe. Sei exatamente no que você vai poder ajudar e não vamos perder tempo.

De volta à biblioteca na vasta mansão do *hellren* de Naasha, Throe pegou a fêmea pelos ombros e a chacoalhou.

— *Ouçã*. Você *precisa* me ouvir.

Mesmo ao tentar acabar com o choraminger incessante dela, ele teve de confessar, mesmo que só para si mesmo, estar igual e infinitamente frustrado. Estava há quanto tempo naquela casa? Dormindo com ela, paparicando, seduzindo-a até a sensação falsa de estarem em algum tipo de relacionamento duradouro. E o tempo todo ela tinha garantido a ele sobre a lealdade de seu “adorado” *hellren*. Falando sobre como o dinheiro fluiria como vinho sobre ela quando o macho idoso finalmente morresse. Declarando a Throe seu amor por ele, apesar de seu status de emparelhada ou seus outros amantes.

No entanto, Assail tinha entrado na jogada... E a presença daquele bastardo tinha criado tal fogo no meio das pernas de Naasha que Throe teve de agir mais cedo do que queria. A sequência planejada seria: primeiro a alteração do testamento da própria Naasha, nomeando Throe seu herdeiro... À guisa de que estariam emparelhando assim que o período de luto pelo atual *hellren* tivesse acabado. E Throe providenciaria a morte do velho. Seguido por um “suicídio” por parte dela.

Depois disso, os cofres de Throe estariam cheios e poderia usar os fundos para se estabelecer na *glymera* e armar uma estratégia para tirar Wrath daquele ridículo trono eletivo que tinha criado para si mesmo.

Mas Assail – aquele puto maldito – tinha alterado a ordem de tudo, forçando a mão de Throe de tal forma que tais alterações foram necessárias. Viu-se em uma situação em que ou agia de forma precipitada ou corria o risco das afeições volúveis de Naasha se transferirem para seu mais novo amante, jogando a merda no ventilador.

Throe viu o jeito que ela olhava para Assail.

Ele mesmo tinha sentido a atração daquele macho, maldito fosse.

E agora, esta confusão.

Aquele velho *hellren* dela tinha deixado tudo para um parente distante, um macho cujo nome Throe não reconhecia.

— Naasha, meu amor. — Disse Throe com urgência. — Preciso que seja racional.

Aquilo parecia ruim. O advogado os esperava no saguão, sem dúvida chegando a todo tipo de conclusões, ao mesmo tempo acuradas e inúteis. Ela cedia à raiva. Ele ficava cada vez mais frustrado.

Tentando outra tática, Throe se aproximou da mesa decorada e colocou uma mão sobre a pilha de documentos que Saxton tinha trazido.

— Isto. *Isto* deve ser seu único foco. Qualquer outra coisa além de destrinchar estas disposições são uma distração inaceitável.

— Isto é uma humilhação! Ser deixada de lado assim é uma abominação! É...

— Você quer ser racional? Ou pobre? A escolha é sua. — Aquilo calou sua boca. — Imagine tudo isto perdido, você sem acesso a mais nada disso, suas roupas, as joias, os serviçais, este mesmo teto acima de sua cabeça... Tudo perdido. Por que é o que vai acontecer, a menos que consiga se controlar um pouco. Abominação não é o que seu *hellren* fez a você. Abominação é você deixar isto acontecer. Agora vou mandar o advogado entrar de novo. Você vai calar a boca e ouvir tudo o que ele tem a dizer. Ou pode continuar a esbravejar e bater o pé aqui, desperdiçando tempo e estratégia, só pra poder avançar de seu status de vítima para miséria total e absoluta.

Foi como subir o zíper de um vestido de gala, ele refletiu. Subitamente uma compostura a imobilizou e transformou o rosto, de ruborizado e enlouquecido para, se não exatamente plácido, certamente para algo bem mais composto.

Throe voltou a se aproximar dela. Segurando-a pelos ombros, beijou-a.

— Esta é minha fêmea. Agora está pronta pra seguir. Chega de ataques. Não importa o que mais seja revelado, permita que o advogado termine a leitura do testamento. Não saberemos como lutar se não soubermos contra o que teremos de lutar.

Pelo amor da Virgem Escriba, que assim seja, ele pensou.

— Agora, posso trazê-lo de volta? — Quando ela anuiu, ele deu um passo atrás. — Lembre-se de tudo o que você tem a perder. Pode ser incrivelmente útil.

— Você tem razão. — Ela respirou fundo. — Você é muito forte.

Você não faz ideia, ele pensou ao virar as costas.

Voltando às portas duplas, ele abriu-as...

Cheirando o ar, franziu o cenho e olhou para o saguão. Saxton estava parado diante de um quadro, inspecionando o retrato de flores orvalhadas sobre um plano de fundo preto e as mãos unidas atrás das costas, o torso levemente inclinado pra frente.

— Já estamos prontos para voltar? — O advogado perguntou sem erguer o olhar. — Ou precisam de mais tempo para se recompor? Já passou mais de uma hora.

Throe olhou ao redor. As portas do saguão e do escritório estavam na mesma posição que estiveram antes. Não havia mudança visível em lugar nenhum. Tudo parecia... O mesmo.

Mas por que sentia aquele penetrante cheiro de ar fresco por todo o ambiente... Ar fresco e... Algo mais.

— Tem algo errado? — Saxton perguntou — Quer que eu volte outra hora?

— Não, ela está pronta. — Encarou o advogado buscando algum sinal de... Não sabia o que. — Eu a acalmei.

Saxton se endireitou. Ajustou a gravata. E se aproximou em uma marcha nada apressada. Totalmente natural. Sem afetação alguma.

— Talvez eu possa terminar com isto agora. — Saxton parou. — Embora, se for de sua preferência, posso somente deixar os documentos para vocês dois estudarem. A leitura das disposições é mera formalidade, não faz diferença nenhuma.

— Não. — Disse Throe suavemente. — É melhor que ela tenha a oportunidade de fazer perguntas. Entre de novo e, por favor, desculpe-nos pela demora.

Ao se postar de lado e indicar o caminho, seus instintos formigaram e se recusaram a se aquietar.

— De fato, talvez seja melhor que você fique com ela um momento em privado. Talvez minha presença seja o problema.

Saxton inclinou a cabeça.

— Como quiser. Estou aqui para servir... Ou não... Ao que ela precisar.

— Ficamos eternamente gratos. — Throe murmurou. Em tom de voz mais alto, disse para a sala. — Naasha, querida, vou providenciar algo para comer. Talvez ajude neste processo enfadonho.

Ele esperou enquanto ela colocava a mão sobre o seio e suspirava dramaticamente.

— Está bem, meu amor, estou me sentindo fraca com estas notícias.

— Mas é claro.

Fechando a porta atrás do advogado, cheirou o ar de novo. Fresco demais. E frio demais. Alguém tinha aberto uma porta ou janela.

Indo na direção da porta da frente da mansão, abriu-a completamente... E saiu para observar a área de estacionamento.

Saxton tinha chegado de carro. Ele viu o macho chegar da janela de seu quarto.

Girando, voltou a entrar na casa e foi direto ao escritório, abrindo a porta.

— Assail. — Ele chamou.

Mas é claro, o cômodo estava vazio.

Capítulo SESSENTA

Qhuinn prendeu a respiração enquanto a anestesia era administrada em Layla e um anticéptico marrom escuro com cheiro pungente era espalhado sobre sua barriga redonda. E mais tarde não respirou enquanto Manny, Jane, Ehlena e Vishous se aglomeraram ao redor da mesa de operação, dois de cada lado, seus dedos cobertos por luvas passando os instrumentos de um para o outro.

Podia se sentir o cheiro de sangue no ar enquanto os cortes eram feitos, e Qhuinn sentiu o chão fazer um padrão de ondas como se os azulejos tivessem certamente tivessem se liquefeito.

Enquanto a mão de Blay apertava seu braço, era difícil dizer se era por que o macho estava preocupado que Qhuinn fosse desmaiar ou por que ele mesmo estava instável. Provavelmente um pouco dos dois.

Como chegou a isso? Qhuinn se perguntou em silêncio.

Mas tão logo o pensamento o acertou, ele sacudiu a cabeça. Que porra que presumiu que ia acontecer com as duas crianças ali?

— Ela está bem? — Ele vociferou. — Eles estão vivos?

— Aqui vem um. — Blay disse asperamente.

— Bebê A. — Manny pronunciou enquanto entregava o pacotinho roxo a Ehlena.

Não houve nenhuma chance de olhar para a criança. A enfermeira moveu rápido, correndo com a criança até uma das duas camas de triagem que foram arrumadas.

Silêncio demais. Puta que pariu — estava quieto demais.

— Está vivo! — Qhuinn gritou. — Está vivo!

Blay teve que segurá-lo – mas também, se jogar pra frente era ridículo. Como se pudesse fazer qualquer coisa para ajudar em qualquer coisa daquilo? Oh, e como se quisesse que a enfermeira estivesse pensando em qualquer outra coisa além de salvar aquela criança!

Mas Ehlena olhou para ele.

— Sim, está. Ele está vivo, nós só precisamos mantê-lo assim.

Qhuinn não tomou nenhum conforto em nada daquilo. Como podia quando a entidade a qual ela estava entubando e dando remédios parecia um minúsculo alien? Um pequenino, frágil e enrugado alien que não tinha nada em comum com os bebês gordos que tinha visto nascer dos humanos na TV de tempos em tempos.

— Jesus Cristo. — Ele gemeu. — Tão pequeno.

A criança não ia sobreviver. Ele sabia do fundo de sua alma. Eles o perderiam e...

— Bebê B. — Jane anunciou quando o entregou para Vishous.

V passou como um raio com a criança e Qhuinn engasgou.

A filha... Sua filha... Era ainda menor. E não estava roxa.

Estava cinza. Cinza como uma estátua.

De uma só vez, a memória que tinha levado com ele quando serviu Layla durante seu período de necessidade veio a ele. Era quando ele tinha quase se matado e foi para o *Fade*, e tinha se encontrado em frente à porta branca no meio de um campo branco cheio de névoa.

Ele viu uma imagem naquela porta.

A imagem de uma jovem fêmea com cabelos loiros e os olhos que tinham o mesmo formato dos dele – olhos que mudaram de cor perante ele da precisa cor dos olhos de Layla para os dispares azul e verde dele.

Com um grito animalesco de dor, rugiu na sala de operação, gritando com uma agonia que nunca sentiu antes...

Ele tinha adivinhado errado. Ele estava... Errado. Havia interpretado errado o que tinha visto.

A visão na porta não tinha sido a premonição de uma filha por vir.

Mas sim uma filha que ele tinha perdido ao nascer.

Uma filha... Que tinha morrido.

Capítulo SESSENTA E UM

Enquanto Mary se apressava pelo túnel subterrâneo em direção ao centro de treinamento, o som dos seus pés apressados ecoaram diante dela, uma sombra autoritária que parecia estar com tanta pressa quanto ela para chegar onde estava indo. Quando chegou na porta que abria para a sala de suprimento, digitou o código e se jogou no espaço além, passando pelas prateleiras de canetas e blocos, os pendrives de backup e pilhas de papel da impressora.

Fora do escritório ela parou. Tohr estava sentado atrás da mesa, encarando a tela do computador que tinha todo o tipo de bolhas da cor de arco-íris obscurecendo a página principal do DailyMail.co.uk.

Ele deu um salto quando a notou e então esfregou o rosto.

— Ei.

— Como eles estão?

— Eu não sei. Eles estão lá pelo que parece uma eternidade.

— Onde está Autumn?

— Ela saiu para a cabana da Xhex. É minha noite de folga e ela estava se aprontando pra gente... Você sabe. — Ele olhou o seu relógio. — Estava debatendo sobre se deveria ou não ligar pra ela. Estava torcendo para ter notícias primeiro, para que ela não se preocupasse. Bem, boas notícias, quer dizer.

— Você deveria dizer a ela o que está acontecendo.

— Eu sei. — Os olhos dele voltaram a olhar pro monitor. — Eu, ah... Não estou lidando com isso muito bem.

Mary deu a volta na mesa e colocou a mão sobre o enorme ombro do macho. A tensão naquele corpo grande era tão grande que sentiu como se tivesse colocado a palma dela em um nó. Feito de granito.

— Tohr, não acho que você deva ficar sozinho. E se eu fosse ela, estaria realmente muito chateada se você não me deixasse te apoiar.

— Eu só... — Agora ele olhou para o telefone do escritório. — Estou de volta nos velhos dias, sabe?

— Eu sei. E ela vai entender isso. Autumn é uma das pessoas mais compreensivas que eu já conheci.

O irmão olhou para ela, seus olhos azuis profundos penetrando no seu crânio.

— Mary, algum dia vou ficar bem?

Naquele momento ela foi transportada de volta para quando estava sentada com Bitty no GTO de Rhage – e pensou, sim, isso é o que todo mundo quer saber, não é? Eu estou bem? Sou amado? Estou a salvo? Vou superar isso?

O que quer que “isso” seja, uma morte ou uma perda, confusão ou terror, depressão ou raiva.

— Você já está bem, Tohr. E acho mesmo que precisa ligar para sua *shellan*. Você não precisa protegê-la da sua dor. Ela sabe exatamente as cargas que você carrega e te escolheu com todas elas. Não há nada aqui que irá chocá-la ou fazê-la pensar que você é fraco. Posso garantir, no entanto, que se você tentar esconder isso dela, vai fazer com que ela sinta que você não confia nela ou que não ache que ela é forte o bastante para lidar com as coisas.

— E se a criança não sobreviver? E se...

Nesse momento, um grito... Um horrível grito masculino... Parecia que arrasou com o centro de treinamento inteiro, o som tão alto que estremeceu a porta de vidro, um boom sônico de luto.

Enquanto Tohr se levantava as pressas da cadeira, Mary saltou para a saída, escancarando a porta.

Não foi uma surpresa ver a Irmandade inteira unida mais uma vez no vasto corredor. Também não era um choque que cada um dos machos e suas companheiras estivessem olhando para a porta fechada da sala de cirurgia principal. E era mais sério, pois todas as Escolhidas e a Directrix, Amalya, estavam paradas entre eles igualmente em pânico.

Ninguém disse nada. Era como se o grito de Qhuinn tivesse explicado o bastante.

Mary foi até Rhage, deslizando seu braço ao redor da cintura dele, e quando olhou pra ela, ele a puxou pra mais perto.

Quando não teve mais nada por um momento, as pessoas começaram a falar. Uma conversa baixa quebrou o silêncio.

Tohr tirou seu telefone com mãos que tremiam enquanto se sentava no chão de concreto como se suas pernas tivessem desabado debaixo dele.

— Oh Deus. — Rhage disse. — Isso é...

Insuportável, Mary pensou.

Perder uma criança, não importa o quão prematura, não importa as circunstâncias, era uma agonia igual a nenhuma outra.

Pela primeira vez em sua vida adulta, Vishous congelou em meio a uma emergência médica. Foi só por um segundo, e voltou a ficar online um instante mais tarde... Mas tinha uma coisa a respeito do corpinho sem vida em sua palma que tinha parado literalmente tudo nele.

Nunca esqueceria essa visão.

Não esqueceria também o grito que Qhuinn soltou.

Porém, sacudindo-se de volta ao foco, estalou de volta a ação para fazer a única coisa que talvez pudesse ajudar. Com mãos firmes, colocou o pequeno tubo pela garganta da criança, colocou a máscara sobre o rosto e ligou os apetrechos a um equipamento que não era humano, mas estritamente para vampiros. Quando iniciou o fluxo, uma solução salina oxigenada e fortificada foi em direção aos pulmões da criança, apertando os sacos, soprando-os para se abrirem... E então sugando o líquido, o qual foi enviado para o sistema de filtro que o limparia, tornaria a oxigenar e mandar de volta.

Usando seu polegar, pressionou o minúsculo peito, massageando o coração com um ritmo.

Cor ruim. Realmente a cor errada. Maldito cinza de uma estátua de pedra.

E a criança estava parada, nada se movia, os braços e as pernas eram esqueléticos e enrugados como um filhote recém-saído da casca pendurado dos ombros e dos quadris.

Os olhos estavam abertos, as órbitas brancas não mostravam pupilas ou íris por que a garotinha era tão prematura.

— Vamos lá, acorde... Vamos lá...

Nada. Não havia nada.

Sem pensar, gritou por cima do ombro. — Payne! Tragam a Payne, porra. AGORA!

Ele não sabia quem tinha respondido o comando. Ele não se importava caralho nenhum. Tudo que importava era que um milionésimo de segundo depois, sua irmã estava bem ao seu lado.

— Acorde-a, Payne. — Ele vociferou. — Acorde essa criança. Eu não vou ficar com isso na minha consciência para o resto da minha maldita vida. Acorde essa criança, porra, agora mesmo!

Certo, tá, seu pedido foi uma merda. Mas não se importava – e nem sua irmã, evidentemente.

E ela sabia exatamente o que fazer.

Estendendo sua mão aberta diretamente sobre a criança, ela fechou os olhos. — Alguém me segure de pé. Eu preciso...

Qhuinn e Blay estavam ali, cada um dos machos pegando um dos seus cotovelos. E merda, V queria falar algo pelos dois, oferecer algum tipo de... Qualquer coisa... Mas não havia nada que pudesse ajudar com meras palavras aqui.

— Payne, você consegue.

Enquanto as dolorosas sílabas atingiam o ar, foi um choque perceber que foi ele quem falou, que era sua voz que estava falhando, que ele, o único macho no planeta que jamais implorou por nada, era a pessoa proferindo a instável...

Quente.

Ele sentia um calor.

E então viu a luz, o brilho que, diferente da força destrutiva que emanava da sua palma, era um poder gentil e curador, uma bendita força rejuvenescedora e miraculosa.

— Qhuinn? – Sua irmã disse rouca. — Qhuinn, me dê sua mão.

Vishous saiu da porra do caminho, apesar de ainda estar segurando a máscara de respiração no lugar por que a criança era prematura demais até mesmo para a menor máscara que Havers tinha.

Qhuinn estendeu um braço e, merda, o macho estava tremendo tanto que era como estivesse sobre um agitador. Payne pegou o que ele ofereceu, e colocou

sob a palma reluzente para que a energia tivesse que passar através da carne dele para chegar à criança.

O irmão engasgou e sacudiu em resposta, seus dentes começaram a tremer, seu rosto ruborizado empalidecendo instantaneamente.

— Preciso de mais um par de mãos aqui. — Vishous vociferou. — Nós precisamos manter o papai longe do chão!

A próxima coisa que ele viu foi que Manny estava ao lado de Qhuinn, o humano segurando o cara ao redor da cintura.

Quando a energia começou a deixá-lo e canalizar para a criança, Qhuinn começou a respirar com dificuldade, seu peito palpitando, sua boca abrindo, seus pulmões claramente queimando...

A criança mudou de cor em um piscar de olhos, toda aquela cor embotada e cinza, e o terrível tom de morte se tornando vermelho e rosa.

E então as mãozinhas, as impossivelmente minúsculas mãos, mas mesmo assim perfeitamente formadas, se mexeram. E também as pernas, os pés chutando uma vez, duas vezes. E também a barriga, o buraco vazio se expandindo e contraindo com o ritmo da máquina.

Payne não parou. E Qhuinn perdeu o equilíbrio, somente os braços fortes de Blay e o suporte extra de Manny o mantiveram longe do chão.

Mais tempo, Vishous pensou. Continue mais tempo. Esvazie o poço se for preciso...

E foi isso exatamente o que sua maravilhosa irmã fez. Ela continuou mandando energia de si mesma para dentro e através de Qhuinn, onde era aumentada e focada, e então afunilada para a criança.

Ela continuou até desmaiar.

Qhuinn não estava muito atrás dela.

Mas Vishous não podia se preocupar com eles. Só manteve seus olhos na criança, procurando por sinais de que a força da vida não se manteria... Que o cinza iria voltar e um sinal de que o aperto da morte havia retornado nessa coisinha... Que o milagre não seria nada além de uma curta e cruel trégua...

Não faça isso, Mãe, ele pensou. Não faça isso com essas boas pessoas.

Não tome essa vida deles.

Capítulo SESSENTA E DOIS

Rhage provavelmente estava esmagando Mary com o aperto que ele tinha nela, mas ela não notou. Isso era bom, já que ele duvidava que pudesse relaxar os braços.

Estava mal e dolorosamente ciente dos seus irmãos, suas parceiras e as Escolhidas ao seu redor, a casa e a comunidade unidos em meio à tragédia no lado oposto de uma porta que era muito fraca para conter o luto subsequente.

Rhage não conseguiu evitar pensar em Bitty. Deus, se ele tiver a chance... Se ele e Mary tiverem a chance, nunca descansaria em proteger aquela garotinha. Certificando-se que ela tivesse a vida que merecia, a educação que precisava para ser independente, o chão de saber que nunca estaria sem um lar, não importando a distância que ela viajasse.

— Isso é tão horrível. — Mary sussurrou. — Tão terrível. Tem acontecido morte demais por aqui ultimamente...

A porta escancarou e Blay explodiu lá de dentro da sala de cirurgia como se fosse atirado de um canhão.

— Ela está viva! — Ele gritou. — Eles dois estão vivos! Eles estão vivos! E Layla está estável!

Houve um momento de silêncio total. Como se todos que estavam naquele corredor tivessem meio que processar tudo, mudar para uma linha diferente, mudar para uma outra marcha.

— E Quinn está duro desmaiado no chão!

Mais tarde, Rhage pensaria que foi um péssimo momento que a comemoração tivesse começado um pouco depois desse update – mas quem diabos se importava?

Blay foi soterrado por corpos, todo mundo gritando e chorando, abraçando e batendo as palmas, falando palavrões e rindo e cuspiendo e tossindo enquanto detalhes eram exigidos e dados uma vez, duas vezes, muitas vezes. Tinha tanto barulho, tanta vida, e Rhage estava bem lá com o resto deles se sentindo como se tivesse ganhado na loteria, o presente dado, o caminhão reboque que passou raspando ao invés de acertado um deles.

Dra. Jane foi a próxima a sair e ela tirou a máscara do rosto enquanto todos a aplaudiam. Mas ao contrário do novo papai, ela teve cuidado ao fechar a porta atrás de si, segurando-a no lugar.

— Shhhh. — ela falou com uma risada. — Nós temos muitos pacientes aqui. Preciso que duas macas passem por aqui, vocês podem abrir um pouco de espaço? Oh, obrigada, Ehlena.

A enfermeira obviamente tinha saído pela outra porta e estava fazendo um empurra-e-puxa com as macas de rodinhas. As pessoas se mexiam pra sair do caminho, mas Blay ainda estava recebendo abraços, o que levou a um pequeno atraso.

— Como posso ajudar? — Rhage perguntou para a Dra. Jane.

— Bem, agora nós estamos bem. Todo muito está ok, nós só precisamos mover alguns pacientes.

Rhage pegou o braço da Dra. antes que ela se virasse.

— Nós estamos realmente seguros com as crianças?

Aqueles olhos verdes floresta prenderam os dele.

— Tanto quanto podemos estar agora. Serão algumas longas noites, mas o sistema de ventilação por água do Havers salvou a vida de ambos. Nós devemos a ele.

Rhage assentiu e deixou a fêmea ir. E então estava indo até onde Mary e Tohr estavam abraçando e esperou sua vez. Ele só queria a sensação da sua *shellan* contra ele mais uma vez.

Quando Mary girou em sua direção, ele ergueu os braços. Era bom pra caramba ter ela saltando em seus braços e a ergueu do chão.

— Você está pronta pra tentar? — Ele disse no ouvido dela. — Está pronta para ser mãe junto comigo?

— Oh, Rhage. — A voz da sua *shellan* ficou presa. — Oh, espero que sim.

— Eu também. — Colocando-a de volta no chão, ele franziu a testa. — O quê?

— Ah... — Mary olhou ao seu redor. — Onde você acha que podemos ter um pouco de privacidade por um segundo?

— Vem comigo.

Levando-a pela mão, guiou-a para longe da multidão, passando pelo vestiário e a sala de musculação até a entrada da academia.

— Primeiro as damas. — Disse enquanto segurava uma das portas de aço aberta.

As luzes de segurança iluminavam suavemente o vasto espaço e as placas de saída em cima das portas brilhavam vermelhas como pequenos corações.

— Tinha esquecido de como isso aqui era grande. — Mary disse enquanto se afastava, esticava os braços e girava imitando o filme *A Noviça Rebelde*.

Rhage ficou para trás e apenas a assistiu se mover, seu corpo esbelto e lindo para ele, agitando-o em lugares que ficariam ávidos bem depressa se não desviasse o olhar.

— Posso ligar algumas luzes. — Ele murmurou, torcendo para ter algo para fazer.

— Gosto de pouca luz assim. É romântico.

— Eu concordo.

Quando seu pau chutava por trás das calças de couro que tinha colocado para o jantar, ele sacudiu a cabeça. Claramente, eles tinham algo importante para conversar, ainda assim, aqui estava ele com sexo na cabeça. Vergonhoso.

Mas cara, ela estava gostosa.

E ele estava entusiasmado com as boas notícias.

E eles estavam sozinhos.

E então Mary fez uma pirueta e algum tipo de sacudida que fez os olhos dele irem para a bunda dela e ficarem ali.

Praguejando baixinho, ele estalou as costas, e esticou primeiro um braço e depois o outro.

— Tem algo errado? — Deus, esperava que não. Em muitos níveis. — Mary?

— Ah Rhage. Perder é difícil, sabia?

A tristeza na voz dela foi como uma grande borracha, apagando todo o erotismo da sua mente.

— Bitty está bem?

— Isso é o que ela queria saber. — Mary sorriu de uma maneira que parecia pesarosa. — Isso é o que Tohr queria saber também. Isso não é o que todo mundo quer saber... E sim, ela está bem. Só está passando por muita coisa.

— Ela precisa de uma família.

Mary concordou.

— A caminho daqui, enquanto eu estava dirigindo, falei com uma das assistentes sociais, a que Marissa designou para nosso... Caso, ou pedido de adoção, ou seja lá como a gente chame. Nós estamos meio que decidindo como preceder, mas ela vai falar com você e comigo separadamente, depois juntos. Sobre onde estamos em nossas vidas. Como chegamos à decisão de querer adotar. Quais são nossos planos com e sem Bitty.

— O que eu preciso estudar para passar nisso?

Ela girou de volta para ele.

— Apenas seja honesto. E atencioso. Não existem respostas erradas.

— Tem certeza disso? Por que tenho certeza que ela não vai gostar da minha resposta pra pergunta “Você tem uma besta vivendo dentro de você?”

— Nós falamos sobre isso com Marissa, lembra? Não podemos esconder, mas a Besta nunca me machucou e nunca foi uma ameaça para ninguém da casa, contanto que eles não estejam no campo. E posso rebater qualquer argumento de perigo mortal com a coisa toda do eu-não-posso-morrer. Sem problema.

Deus, o que os fez pensar que isso funcionaria, ele se perguntou.

— Isso vai me matar se não conseguirmos por causa da minha maldição.

— Nós não podemos pensar assim. — Ela pegou a mão dele e beijou. — Simplesmente não podemos.

— Beleza, então presumindo que a gente passe, seja lá o que isso for. E aí?

— Depois disso, se seguirmos o procedimento humano, Rhym viria e faria uma visita na mansão. Mas é um pouco diferente considerando onde nós moramos e com quem.

— Tanto faz, se alguém tem que vir aqui, vou dar um jeito nisso.

— Bem, vamos ver o que ela quer fazer, tá? — Mary colocou seu cabelo pra trás. — E escute, enquanto estamos falando... Bitty passou por tanta coisa e tão recentemente. Eu realmente acho que é melhor pra todo mundo se a gente começar em um tipo de relacionamento de guarda de menor.

— Não. Eu não quero perdê-la...

— Me escute. Bitty acabou de perder a mãe. É importante que ela não sinta como se nós estivéssemos tentando eclipsar alguma coisa. Acho que quando

falarmos com ela, vamos dizer que ela é bem-vinda a ficar no Lugar Seguro o tempo que quiser. Ou pode vir pra cá com a gente.

— Podemos subornar a menina?

Mary soltou uma risada.

— O que? Não!

— Ai, qual é, Mary. O que você acha que ela ia gostar? Sorvete? Privilégios ilimitados da TV? Um pônei, pelo amor de Deus. Ou posso só comprá-la com uma bolsa. Ela já está nessa idade?

Mary bateu no peito dele.

— Não, você não pode comprá-la. — E então abaixou a voz. — Acho que ela é apaixonada por animais. Quando ficarmos em dúvida, vamos usar a carta do Boo e do George... Com fotos.

Rhage riu e puxou sua fêmea para um beijo.

— Você pensou sobre onde ela pode ficar na casa? Quer dizer... Se isso realmente acontecer?

— De fato sim, mas vai significar um pouco de reorganização. E uma mudança para nós.

— Para onde? O Pit está cheio, e Butch e V falam palavrão como caminhoneiros. Eles são piores do que eu.

— Bem, pensei que talvez pudéssemos perguntar pro Trez se ele está disposto a trocar de quarto com a gente. Poderíamos ir para o terceiro andar naqueles quartos que ele e iAm usam. Quer dizer, as duas suítes tem seu próprio espaço e seus próprios banheiros, mas estaríamos perto se Bitty precisasse da gente.

— Esta é uma ótima ideia.

— Hum-hum...

Segurando a mão da sua Mary contra ele, ficou curiosamente ciente do grande espaço que estava ao redor deles. Na luz fraca, os contornos do ginásio e cantos estavam em sua maioria nas sombras, as arquibancadas vazias, as cordas penduradas do teto, as marcações de basquete no chão brilhante de pinho eram nada além de notas de rodapé no interior cavernoso.

Rhage franziu a testa, pensando que tinha uma metáfora ali.

O mundo era meio que assim, vasto e vazio exceto por aqueles a quem amamos, nada além de uma versão mais quente do espaço cheio de tralha aleatória na qual você saltava dentro. O que o mantinha no chão era sua família, seus amigos, sua tribo de mentes semelhantes. Sem isso?

Ele se afastou e começou a passear por ali.

Sem piruetas pra ele.

— Rhage?

Ele pensou no que ela disse, sobre esses encontros com a assistente social, ele com sua besta, ela com sua... Situação incomum. E então se lembrou de estar deitado no campo daquele campus abandonado, ele no chão, ela sobre ele; sua Mary lutando pra mantê-lo vivo mesmo que eles tivessem uma saída que em momentos como aquele era mesmo um milagre.

Quando ele parou, estava na linha de lance livre. Nenhuma bola de basquete em suas mãos, nenhuma cesta para ele lançar, nenhuma fileira de companheiros de time e oponentes. Porém, havia uma urgência.

Ele olhou pra cima para o lugar onde a cesta de basquete deveria estar se o grande braço de metal com seu quadrado de vidro tivesse descido do teto para seu lugar.

— Mary, quero que me prometa uma coisa.

— Qualquer coisa.

Olhando para ela, ele encontrou dificuldade em falar e teve que pigarrear.

— Se nós... Se você e eu ficarmos com Bitty? Se nós a tomarmos como nossa, quero que prometa... — O centro do seu peito começou a queimar. — Se eu morrer, você tem que ficar aqui com ela. Você não pode deixá-la para trás, tá? Se eu for, você fica. Não vou admitir aquela garotinha perdendo outros pais. Não vai acontecer.

Mary levou a mão até sua boca e fechou os olhos, abaixando a cabeça.

— Eu vou esperar por você. — Ele disse com voz rouca. — Se eu morrer, vou esperar por você no *Fade* assim como qualquer outro faz. Diabos, vou vigiar vocês duas das nuvens. Serei o anjo da guarda das duas. Mas você... Você precisa ficar com ela.

Bitty, no final das contas, viveria mais do que ele. Esse era o modo que você esperava e rezava que funcionasse. Crianças sucediam seus pais, assumiam os lugares deles, caminhavam no futuro caminhos seguindo as tradições e lições para que o que foi passado pudesse ser repassado novamente.

Era a imortalidade para o mortal.

E isso era verdade quer desse a luz aos seus filhos ou abrisse seus braços para eles.

— Você fica aqui, Mary.

Quando as implicações do pedido de Rhage começaram a ser absorvidas, Mary sentiu seu coração bater forte e seu corpo começar a suar frio.

Mesmo tendo confessado o desejo de mantê-lo no planeta pelo mesmo raciocínio que ele estava expressando, ouvi-lo colocando isso assim? A coisa toda a deixava zozona, fazendo-a voltar para o momento quando achou que ia perdê-lo – mesmo que na época estivesse ciente de que poderia ir encontrá-lo no *Fade*.

Era como se ele estivesse de novo deitado e ofegando pelo ar que não conseguia capturar, sangrando dentro do peito, escorregando pra longe mesmo que o corpo dele estivesse diante dela.

E então pensou em Bitty no banco de trás do GTO chorando, perdida, sozinha.

— Sim. — Mary disse rouca. — Vou ficar. Por ela. Pelo tempo que ela ficar viva, estarei com ela.

Rhage exalou longa e lentamente.

— Isto é bom. Isto é...

Eles se encontraram no meio, cada um andando em direção ao outro, e quando se abraçaram, ela colocou a cabeça de lado no seu peito pesado, ouvindo os batimentos dele bem perto do seu ouvido. Olhando fixamente para o outro lado do ginásio mal iluminado, odiou a escolha que tinha acabado de fazer, o voto que tinha acabado de fazer... E ao mesmo tempo, estava muito grata por isso.

— Ela não pode saber. — Mary falou abruptamente enquanto se afastava um pouco e olhava pra cima. — Bitty não pode saber sobre mim, pelo menos não até depois dela tomar sua decisão. Não quero que seu medo de ficar sozinha encubra a escolha que ela terá que fazer. Se quiser vir com a gente, tem que ser por que escolheu livremente. Todas as mortes em sua vida podem ser parte disso, mas não pode ser tudo.

— Concordo.

Mary voltou a ficar perto dele.

— Eu amo você.

— Eu amo você também.

Eles ficaram parados no ginásio por um longo tempo. E então Rhage mudou sua pegada, estendendo um braço para um lado e circulando o outro ao redor da cintura dela.

— Dança comigo? — Ele disse.

Ela riu um pouco.

— Que tipo de música?

— Qualquer coisa. Nada. Não importa. Apenas dance comigo aqui no escuro.

Por alguma razão, lágrimas pinicaram seus olhos quando eles começaram a se mover, balançando no começo, o movimento dos pés deles no chão liso e o farfalhar das roupas eram o único acompanhamento. Logo encontraram um ritmo, e então ele a estava guiando em uma valsa, uma valsa antiga dos velhos tempos na qual ele era bem melhor do que ela.

Girando ao redor do espaço vazio, ela descobriu que uma sinfonia começou a tocar na sua cabeça, as cordas e as flautas, o tímpano das baterias e os trompetes dando majestade e poder para a dança deles.

Dando voltas e mais voltas, eles continuaram até que ela estava sorrindo para ele mesmo enquanto uma lágrima caía.

Ela sabia o que ele estava fazendo. Sabia exatamente por que ele pediu a ela para fazer isso.

Estava lembrando a ela que o futuro era incerto e imprevisível.

Então se você tivesse a oportunidade... Mesmo que não tivesse nenhuma música e nenhum vestido, nem Smoking nem gala... Quando seu verdadeiro amor te pedia pra dançar?

Era importante dizer sim.

Capítulo SESSENTA E TRÊS

Vishous ficou do lado de fora do ginásio, olhando através de uma das portas de aço que tinha janelas de vidro no meio.

Rhage e Mary estavam dançando no espaço vazio, rodopiando, o corpo menor da fêmea mantido firmemente e guiada pelo seu macho muito, muito maior. Eles estavam olhando um para o outro, olhando nos olhos um do outro. Merda, você poderia jurar que havia um quarteto ou talvez uma orquestra completa tocando lá, pela maneira como eles se moviam tão bem juntos.

Ele mesmo não era um dançarino muito bom.

Além do mais, você não poderia valsar ao som de Rick Ross ou Kendrick Lamar.

Tirando um cigarro enrolado a mão do bolso de trás da calça de couro, acendeu e exalou enquanto apoiava o ombro no umbral e continuou a assistir.

Você tinha que respeita os dois, ele pensou. Ir atrás daquela criança, tentar fazer uma família acontecer. Mas então, Rhage e Mary sempre estiveram na mesma página, nada atrapalhando a relação deles, tudo sempre perfeito.

Era o que acontecia quando se emparelhava uma terapeuta que amava crianças com uma mistura de Brad Pitt e Channing Tatum: harmonia cósmica.

Deus, em comparação, a relação dele com Jane parecia meio que... Clínica.

Nada de dança no escuro para eles, não a menos que fosse do tipo horizontal – e quando foi a última vez que isso aconteceu? Jane esteve direto na clínica e ele esteve lidando com todo tipo de merda.

Okay, isso era estranho. Mesmo que não fosse do tipo que tem inveja – isso junto com tantas emoções, era apenas uma puta perda de tempo – ele se viu desejando que fosse um pouco mais perto de ser normal. Não que se desculpasse

pela sua esquisitice ou pelo fato que ele era predominantemente um cara de razão, não de emoção. Ainda assim, quando estava assim parado do lado de fora vendo o que o irmão tinha, sentia-se quebrado de uma maneira que não sabia dizer.

Não é como se quisesse se tornar uma versão masculina da Adele ou uma merda assim.

Tá, archive isso sob Adeus.

Mas ele queria...

Ah, porra, não sabia que diabos estava acontecendo.

Mudando de assunto – antes que ele terminasse usando calcinha de renda – pensou na filha de Qhuinn, naquela coisinha minúscula que tinha voltado dos mortos.

Como Payne soube o que fazer? Merda, se ela não tivesse...

Vishous franziu o cenho enquanto uma lembrança de Mary veio à superfície e se recusou a afundar de volta. Ela estava falando sobre quando tinha salvado a vida de Rhage... Quando tinha movido o dragão até o centro do peito dele para que sua Besta pudesse de alguma forma curar o ferimento à bala.

Não sei como eu sabia o que fazer, ela disse a ele. Ou algo parecido.

Pensou nele mesmo confrontando sua mãe enquanto Rhage estava morrendo, exigindo que ela fizesse algo antes de sair violentamente, todo furioso e irritado. E então tornou a se lembrar do pedido que tinha enviado enquanto trabalhava no corpo sem vida da filha do Qhuinn.

Merda.

Inclinando-se, pisou no cigarro fumado pela metade com a sola da sua bota e jogou a bituca no lixo.

Fechando seus olhos... Ele desmaterializou até o jardim dos aposentos privados da sua mãe, tomando forma novamente em frente às colunas.

Instantaneamente soube que alguma coisa estava errada.

Olhando por cima do ombro, ele franziu a testa. A fonte que sempre corria com água cristalina... Estava parada. E quando andou até a base, descobriu que a coisa estava seca, estava vazia como se nunca estivesse estado cheia.

Então deu uma olhada para onde estava a árvore que hospedava os rouxinóis.

Eles se foram. Todos.

Quando sinos de alerta começaram a soar em sua cabeça, ele começou a correr, atravessando até a entrada dos aposentos privados de sua *mahmen*. Socou a porta, mas não por muito tempo – mais uma vez ele preparou o ombro e se jogou contra os painéis.

Dessa vez a coisa se soltou das dobradiças, caindo no chão de pedra como um cadáver.

— Mãe... *Filha da puta.*

Tudo se foi. A plataforma da cama. A penteadeira. A única cadeira. Até mesmo a cela de tranca dupla que havia mantido Payne por trás das cortinas estava exposta, o tecido branco que estava pendurado já não estava no lugar.

Fechando os olhos, deixou seus sentidos varrerem o quarto, procurando por pistas. Sua mãe tinha acabado de estar ali. Ele sabia disso em seu sangue, um rastro da energia dela remanescente no espaço como um perfume que fica no ar quando alguém parte. Mas para onde ela foi?

Ele pensou na multidão lá embaixo no centro de treinamento. Amalya, a directrix, esteve entre eles, junto com Cormia e Phury, e todas as Escolhidas que foram para rezar e testemunhar os nascimentos.

A Virgem Escriba havia esperado até estar sozinha para partir.

Ela que sabia tudo, via tudo, tinha deliberadamente escolhido um momento de crise na Terra, quando todos que tivessem razão para estar ali em cima estivessem ocupados.

Vishous saiu correndo dos aposentos privados.

— Mãe! Onde diabos você está?

Ele não esperou resposta...

Um som ondulou em seu ouvido, emanando de algum lugar fora do pátio. Seguindo-o, foi até a porta que abria para o Santuário e olhou para o outro lado da terra verdejante.

Pássaros.

Os rouxinóis estavam cantando bem distante.

Começando a correr, ele seguiu a doce harmonia, cruzando a grama verde e passando pelos templos de mármore e dormitórios.

— Mãe? — Urrou através da paisagem estéril. — Mãe!

— Oi, *mahmen*, você está acordada agora.

Quando Layla ouviu a voz masculina acima dela, percebeu que sim, seus olhos estavam abertos e sim, ela estava viva...

— A criança! — Ela gritou.

Uma repentina explosão de energia a fez se erguer para se sentar, mas mãos gentis a fizeram se deitar de novo. E quando uma onda de dor se espalhou através da parte inferior da sua barriga, Qhuinn colocou o rosto em frente ao rosto dela.

Ele estava sorrindo. De orelha a orelha.

Sim, seus olhos estavam injetados, estava pálido e tremia um pouco, mas o macho estava sorrindo tão abertamente que sua mandíbula devia estar doendo.

— Todos estão bem. — Ele disse. — Nossa filha nos deu um baita susto, mas ambos estão bem. Respirando. Se mexendo. Vivos.

Uma onda de emoção a inundou, seu peito literalmente explodindo com a combinação de alívio, alegria e uma sensação de terror que sentiu antes deles a sedarem. E como se ele soubesse exatamente o que ela estava sentindo, Qhuinn começou a abraçá-la, envolvendo-a em seus braços – e ela tentou retribuir o abraço, mas não tinha força.

— Blay. — Ela falou rouca. — Onde está...

— Bem aqui. Estou bem aqui.

Por cima do grande ombro de Qhuinn, ela viu o outro macho e desejou que pudesse alcançá-lo – e como se ele estivesse ciente disso, ele veio também, todos três envolvidos em um abraço que os deixou tremendo, e ao mesmo tempo mais fortes também.

— Onde eles estão? — Ela perguntou. — Onde...

Os machos recuaram e o modo que Qhuinn olhou para Blay deixou-a nervosa.

— O quê. — Ela exigiu. — O que está errado?

Blay pegou a mãe dela.

— Escute, queremos que esteja preparada, okay? Eles são muito pequenos. Eles são realmente... Muito pequenos. Mas são fortes. Tanto a Dra. Jane quanto Manny checaram os dois, Ehlena também. E fizemos uma videoconferência com Havers e revisaram tudo com ele. Eles vão ficar aqui por um tempo nos respiradores à água até os pulmões deles amadurecerem e eles conseguirem respirar e comer sozinhos, mas eles estão indo muito bem.

Layla se encontrou acenando com a cabeça enquanto engolia um monte de medo goela abaixo. Olhando para Qhuinn, seus olhos se encheram de lágrimas de novo.

— Eu tentei mantê-los aqui dentro. Tentei...

Ele sacudiu a cabeça firmemente, aquele olhar azul e verde muito sério.

— Houve um problema com a sua placenta, *nalla*. Não havia nada que você pudesse ter feito para impedir que isso acontecesse. Foi exatamente a mesma coisa que aconteceu com Beth.

Ela colocou as mãos em seu estômago muito mais plano.

— Eles tiraram meu útero?

Blay sorriu.

— Não. Eles tiraram as crianças e pararam o sangramento. Você pode ter mais filhos se a Virgem Escriba prover.

Layla baixou o olhar para seu corpo, sentindo uma onda de alívio. E também de tristeza pela Rainha.

— Eu tive sorte.

— Sim, teve. — Qhuinn disse.

— Nós todos tivemos sorte. — Ela corrigiu, olhando para os dois. — Quando poderei vê-los?

Qhuinn deu um passo para trás.

— Eles estão bem aqui.

Layla lutou para se sentar, pegando os braços do pai. E então ofegou.

— Oh...

Antes que soubesse, ela estava saindo do colchão, mesmo que doesse, e apesar de estar conectada à cerca de setenta quilos de equipamentos médicos.

— Merda. — Qhuinn disse. — Você tem certeza que quer...

— Certo, nós estamos nos movendo. — Blay interferiu. — Estamos de pé e nos movendo.

Com a mente em um único foco como ela nunca conheceu antes, não prestou atenção a nada além de chegar até suas crianças: nem no modo como os machos corriam para organizar os monitores móveis, ou quanto ela tinha que se apoiar em vários braços e ombros, ou quanta dor gritava no seu abdômen.

As incubadoras estavam próximas da parede, lado a lado, separadas por três pés de distância. Luzes azuis brilhantes iluminavam as minúsculas formas, e oh... Céus... Os fios, os tubos...

Foi aí que ela ficou um pouco tonta.

— Você não gosta dos óculos escuros. — Blay comentou.

De repente ela riu.

— Eles parecem mini-Wraths. — E então ela ficou séria. — Você tem certeza...

— Positivo. — Disse Qhuinn. — Eles tem um longo caminho a percorrer, mas merda, eles são guerreiros. Especialmente ela.

Layla chegou mais perto da sua filha.

— Quando posso segurá-los?

— A Dra. Jane quer que a gente dê a eles um pouco de tempo. Amanhã? — Blay disse. — Talvez na noite seguinte?

— Vou esperar. — Mesmo que fosse a coisa mais difícil que já fez. — Vou esperar o tempo que for preciso.

Ela se virou para o outro lado e olhou para o seu filho.

— Querida Virgem Escriba, ele se parece com você, não?

— Eu sei, tá? – Qhuinn balançou a cabeça. — É loucura. Quer dizer...

— Qual nome que vocês vão dar a eles? – Blay perguntou. — É hora de vocês dois pensarem nos nomes.

Oh, com certeza, Layla pensou. Na tradição dos vampiros, o nascimento de crianças não era antecipado com nenhum tipo de planejamento. Não havia chá de bebê como os humanos faziam, nenhuma lista de nomes de meninos e meninas, nenhuma pilha de fraldas, prateleiras de mamadeiras ou até mesmo berços e pijamas. Para vampiros era considerado má sorte adiantar as coisas e presumir um nascimento saudável.

— Sim. — Ela disse, focando novamente em sua filha. — Nós temos que dar um nome a eles.

Naquele momento, a minúscula garotinha moveu sua cabeça e pareceu olhar pra cima, através dos óculos escuros e do Plexiglas, passando a distância entre mãe e filha.

— Ela vai crescer e se tornar linda. — Blay murmurou. — Absolutamente linda.

— Lyric. — Layla falou abruptamente. — Iremos chamar ela de Lyric.

Blay se encolheu.

— Lyric? Você sabe, esse é o nome... Você sabe que esse é o nome da minha *mahmen*...

Quando o macho parou de falar, Qhuinn começou a sorrir. E então se abaixou e beijou a bochecha de Layla.

— Sim. Absolutamente. Ela vai se chamar Lyric.

Blay piscou algumas vezes.

— Minha *mahmen* vai ficar... Incrivelmente honrada. Como eu.

Layla apertou a mão do macho.

— Seus pais serão os únicos avós que essas crianças vão conhecer. É justo que um de seus nomes seja representado. E para nosso filho, talvez nós devamos fazer um pedido ao Rei por um nome de Irmão? Parece encaixar, pois seu pai é um bravo e nobre membro da Irmandade da Adaga Negra.

— Oh, eu não sei quanto a isso. — Qhuinn se esquivou.

— Sim. — Blay concordou. — Essa é uma boa ideia.

Qhuinn começou a balançar a cabeça.

— Mas eu não sei se...

— Então está resolvido. — Layla anunciou.

Quando Blay concordou, Qhuinn colocou sua palma pra cima.

— Eu sei quando fui derrotado.

Layla piscou para Blay.

— Ele é esperto, não é?

Do lado de fora da sala de parto, Jane reviu a ficha que Ehlena tinha acabado de estender a ela, virando as páginas que detalhavam o progresso do escravo de sangue.

— Bom, bom... Os sinais vitais estão realmente melhorando. Vamos continuar com os fluídos. Eu quero mantê-lo no soro por mais um tempo e então vamos ver se conseguimos uma Escolhida para alimentá-lo.

— Eu já pedi a Phury. — A *shellan* de Rehv se encolheu. — Porém, honestamente não sei como isso vai acontecer. Aquele macho está realmente em mal estado. Até aqui.

Conforme Ehlena indicava com a cabeça, Jane concordou.

— Eu falei com Mary a respeito disso. Ela disse que está pronta para falar com ele assim que ele estiver estável.

— Ela é ótima.

— Com certeza.

Jane devolveu o prontuário, trocando pelo da Layla. Sim, podia facilmente mudar para os registros médicos eletrônicos, mas foi treinada nos dias antes de tudo ser computadorizado e sempre preferiu o bom e velho papel.

Ela teve que sorrir enquanto pensava na desaprovação de Vishous. Ele estava morrendo de vontade de obter um meio decente de sistema de informática naquele lugar, mas respeitava sua prerrogativa, embora estivesse frustrado com ela. E eles digitavam um sumário em um banco de dados, algo que Jane gostava de passar as tardes de domingo quando todo mundo ficava quieto.

Era um exercício de meditação tanto quanto qualquer outro.

— Então, como nossas crianças estão? — Ela murmurou enquanto corria através das notas que Ehlena tinha feito durante a última checada. — Oh, você vai conseguir, menina. Olhe para essas taxas de oxigênio. Bem onde nós a queremos.

— Há algo de especial nessa garotinha. Estou dizendo a você.

— Concordo totalmente com isso. — Jane virou outra página. — E Mãe, como você está indo... Ah, bom. Sinais vitais muito fortes. A produção de urina está perfeita. Contagem sanguínea ótima. Gostaria que ela comesse a se alimentar assim que puder.

— Sei que os irmãos estão morrendo de vontade de ajudar. Tive que expulsá-los. Juro, pensei que eles iam ficar aqui embaixo até essas crianças irem pra escola.

Jane riu e fechou a pasta.

— Vou dar uma checada rápida em todos enquanto você começa a fisioterapia de Luchas.

— Entendido.

— Você é a melhor...

— Ei, parceira.

Jane olhou para cima. Manny estava descendo o corredor com o cabelo molhado, seu uniforme limpo, os olhos alertas.

— Pensei que você ia ficar de folga pelas próximas seis horas.

— Não pude ficar longe. Poderia perder alguma coisa. Você vai lá?

— Quer se juntar a mim na visita?

— Sempre.

Jane estava balançando a cabeça para si mesma quando colocou a mão na porta de Layla e empurrou. Médico era tudo igual. Simplesmente não podia deixar sozinho...

Ela parou no umbral da porta.

Do outro lado do quarto, a nova mamãe estava de pé diante das incubadoras, Blay de um lado, Qhuinn do outro, os três olhando para os bebês e falando suavemente.

O amor era palpável.

E nesse momento, todo o remédio que era necessário.

— Alguma coisa errada? — Manny perguntou enquanto Jane recuava e tornava a fechar as coisas.

Jane sorriu.

— Está na hora da família agora. Vamos dar um minuto a eles, ok?

Manny sorriu de volta.

— Bate aqui, Dra. Você foi uma cirurgiã e tanto lá dentro.

Enquanto batia na palma da mão dele, ela balançou a cabeça.

— E você salvou o útero dela.

— Você não ama um bom trabalho de equipe?

— Todas as noites e todos os dias. — Ela disse enquanto voltavam pelo corredor, indo sem pressa pelo menos uma vez. — Ei, quer comer alguma coisa? Não me lembro qual foi a última vez que comi alguma coisa.

— Acho que comi uma barra de Snickers na quarta-feira passada. — Seu amigo murmurou. — Ou foi na segunda?

Jane riu e bateu nele com a sua bunda.

— Mentiroso. Você tomou um Milk-shake duas noites atrás.

— Ceeeeeeeeeeerto. Ei, onde está seu homem? Ele devia sentar com a gente.

Jane franziu a testa e olhou de um lado a outro pelo corredor vazio.

— Sabe... Não faço idéia. Pensei que ele se afastou para fumar um cigarro, mas ele não deveria ter voltado?

Onde Vishous foi?

Capítulo SESSENTA E QUATRO

Lá em cima, no Santuário, Vishous seguiu o chamado dos pássaros, passando pela área de banho e o poço dos reflexos até o limite da floresta. Por um momento, ele se perguntou se a intenção não seria justamente atraí-lo para a fronteira, mesmo que fosse de seu conhecimento que se tentasse atravessar aquela extensão de árvores espessas, a merda só te cuspia de volta para onde começou.

Mas aí, diminuiu o ritmo.

E parou.

Os pássaros que tinham soltado as vozes para o ar caíram em silêncio quando ele olhou para o único lugar onde não tinha jamais considerado procurar.

O cemitério onde as Escolhidas que morriam eram postas para descansar era contornado dos quatro lados por arbustos angulosos, altos o bastante para que ele não conseguisse ver por cima deles. Uma arcada interrompia a densidade de pequenas folhas e era na treliça que os pássaros estavam, encarando-o silenciosamente, tendo finalizado o trabalho deles.

Aproximando-se, abaixou para entrar mesmo que não precisasse, pois a arcada era alta o suficiente para acomodar sua cabeça. E enquanto entrava os pássaros revoaram no ar, cada vez mais alto até desaparecerem totalmente.

Era impossível não pensar em Selenia ao encarar as estátuas das fêmeas, que na verdade não eram estátuas. Eram as Escolhidas que também sofreram o *arrest*, perecendo como a companheira de Trez tinha perecido de uma doença tão implacável quanto letal.

Um ruído esvoaçante o fez virar a cabeça.

Lá, em um dos arbustos angulosos, agitando-se como uma bandeira, havia um bloco de símbolos cintilantes no Antigo Idioma. A mensagem não estava

propriamente montada em nada; o texto flutuava livremente, aglutinado em uma ordem que presumivelmente faria sentido a qualquer um que o lesse, e se movia em dobras sobre um vento não existente, como se as palavras estivessem costuradas em um tecido e hasteadas em um mastro.

Com uma sensação de temor, ele se aproximou do que sabia ter sido deixado por sua mãe para ele.

Estendendo a mão, segurou a beirada de cima e puxou a mensagem esticando-a, sentindo o peso, embora não existente, e um fim, embora não houvesse nenhum.

Os símbolos dourados caíram em uma série de linhas retas e ele os leu de uma vez. E de novo. E então uma última vez.

Há um tempo para todas as coisas, e o meu tempo chegou ao fim. Entristeço-me pelas coisas que aconteceram entre nós, assim como pelo que aconteceu entre sua irmã e eu. O Destino se provou mais poderoso do que estava em meu coração, mas era assim que tinha de ser.

Eu devo indicar um sucessor. O Criador me concedeu esta graça e assim o farei quando a hora chegar, e está próxima. O sucessor não será você nem sua irmã. Quero que saiba que não é por birra, mas um sinal de reconhecimento pelo que ambos escolheram para suas vidas.

Quando cumpri meu dever de trazer a raça à existência, não foi este o fim que previ. Mas às vezes é difícil, mesmo para divindades, diferenciar entre o que elas desejam e o que realmente tem de ser.

Em outra dimensão, talvez voltemos a nos encontrar.

Diga a sua irmã que eu a amo.

Saiba que sinto o mesmo por você também.

Adeus.

Quando o texto voltou ao lugar, os símbolos se dispersaram no ar, mais ou menos como os pássaros, erguendo-se e desaparecendo no céu branco como o leite.

Vishous se virou algumas vezes, como se o ato de girar pudesse, de alguma forma, provar ou negar esta realidade. Então só parou e ficou como mais uma das estátuas no cemitério, os olhos vidrados, mas sem ver nada, o corpo congelado no lugar.

Não conseguia decidir se o que estava sentindo era alívio, dor ou... Diabos, não sabia que porra era. E sim, sentiu o súbito impulso de procurar Butch e fazer seu melhor amigo amarrá-lo e chicoteá-lo até que o sangue escorresse e limpasse tudo aquilo de sua mente.

O Bloodletter estava morto, o pai de V há muito tinha sido morto pela sua irmã, e o fodido estaria agora no *Dhund* se houvesse alguma justiça no mundo.

Agora sua *mahmen* se fora.

Nenhum deles tinha sido grande coisa como pais, e tudo bem. Aquilo era normal, tanto que pessoas que tinham uma *mahmen* e um pai que desempenhavam adequadamente seus papéis sempre pareciam os mais estranhos.

Então parecia tão completamente bizarro sentir-se sem raízes agora, considerando que na verdade jamais tivera uma família.

Voltou a lembrar da sobrevivência de Rhage naquele campo de batalha. E então considerou aquela bebezinha minúscula sobrevivendo, quando tudo indicava que seria impossível.

— Porra. — Ele exalou.

Igual à sua mãe. A última coisa que ela tinha feito antes de bater as botas, se é que se podia atribuir ao desaparecimento dela a palavra humana *morte*, tinha sido conceder a ele resposta às suas preces... E salvar a vida da filha de Qhuinn.

Um foda-se final, como se podia dizer.

Ou merda, talvez aquilo fosse só o filtro sórdido dele retorcendo tudo sob uma luz pessimista.

Tanto faz. Ela se foi... E era isto. Só que...

Jesus Cristo, ele pensou ao esfregar o rosto. A Virgem Escriba se *foi*.

Capítulo SESSENTA E CINCO

Ao cair da noite, Assail ainda estava lá embaixo, no complexo do centro de treinamento da Irmandade, sentado na cadeira em frente a Marcus, que tinha dormido o dia inteiro.

Dado o seu período de ausência e os planos para aquela noite, Assail pegou o celular e os dedos começaram a voar pela tela enquanto digitava uma mensagem de texto para os primos...

— O que é isto? – Veio a pergunta rouca.

Virando a cabeça, ficou surpreso ao ver que Marcus estava acordado.

— Um iPhone. – Ele ergueu o aparelho. — É um telefone celular.

— Receio... – O macho se ergueu um pouquinho apoiado nos travesseiros. — Receio que isto não me diz nada.

Por um momento, Assail tentou imaginar todo aquele cabelo emaranhado sumindo, alguns quilos a mais naquela estrutura óssea, o rosto preenchido, de forma que não parecesse tão esquelético. Marcus devia ser... Provavelmente de aparência agradável.

Voltando à realidade, Assail murmurou.

— Um telefone? Sabe, para falar com as pessoas? Ou enviar mensagens?

— Oh.

— Você já viu um telefone?

Marcus anuiu.

— Mas no meu tempo eles ficavam em mesas, não em bolsos.

Assail sentou-se mais na beirada da cadeira.

— Por quanto tempo foi mantido lá embaixo?

O corpo inteiro do macho reagiu à pergunta, ficando tenso. Mas não fugiu, nem hesitou.

— Em que ano estamos? — Quando Assail respondeu, o rosto pálido pareceu desmoronar. — Oh, querida Virgem Escriba...

— Quanto tempo?

— Trinta e dois anos. Que... Em que mês estamos?

— Outubro. Quase Novembro.

Markcus anuiu.

— Pareceu mesmo frio quando me tirou da casa... Senti frio, mas não tinha certeza se era eu ou...

— Não era você.

Jesus, Naasha devia tê-lo capturado quase na mesma época em que se vinculou ao seu *hellren*. Ela devia saber no que se metia com o macho idoso. Mas por que não tinha cuidado melhor de Markcus? Questões morais à parte, o sangue era, no final das contas, tão bom quanto o corpo que o produzia.

Só que então Assail pensou no jeito que Naasha tinha usado a ele e a muitos outros. Claramente ela tinha encontrado muitas outras fontes de alimentação.

A negligência tinha aumentado conforme a necessidade diminuía.

Houve silêncio. E então Markcus disse:

— Como sabia que eu estava lá?

— Eu estava explorando a casa em busca de... — Assail descartou a explicação pela sua falta de importância. — Estávamos nos perguntando sobre sua família... Tem alguém a quem queira chamar?

— Minha linhagem vive no Antigo Continente. Saí de lá por que queria... — A voz de Markcus falhou. — Eu queria aventura. Fui àquela casa em busca de trabalho. A senhora passou pelos meus aposentos uma noite e então me convocou à sua presença lá embaixo, no porão. Ela me deu um pouco de vinho e...

O olhar do macho pareceu enevoado, como se as lembranças fossem tão sombrias e pesadas que eram capazes de roubar sua consciência.

— Como faço para contatar sua família? — Assail perguntou.

— Eu não sei. Eu... — Markcus voltou subitamente ao foco. — Não, não entre em contato com eles. Ainda não. Não quero que me vejam assim.

Quando o macho ergueu os pulsos com as tatuagens, pareceu tão indefeso quanto quando acorrentado àquela cela.

— O que vou dizer a eles? Não passamos de plebeus... Tive de trabalhar para pagar minha passagem no navio até o porto de Nova York. Mas todas as famílias tem orgulho. E não... Não há orgulho algum nisto.

Assail esfregou o rosto com tanta força que seu pobre nariz judiado gritou. O que o fez pensar... Precisava arrumar mais cocaína antes de sair para resolver seus assuntos esta noite.

— Você pode ficar comigo e meus primos. — Ele anunciou. — Estará seguro lá.

Markcus balançou a cabeça ao passar a ponta dos dedos sobre o pulso esquerdo.

— Por que... Por que faria isto?

— Eu já disse. Você precisa de ajuda. E preciso ajudar alguém. — Assail estendeu as duas mãos. — Sem intenção nenhuma. Somos só três machos que moram juntos.

Naturalmente deixou de mencionar seu vício em coca, o fato de ter o costume de discutivelmente prostituir todos os seus relacionamentos e também seu passado como traficante de drogas.

Então estava recomeçando do zero? Perguntou a si mesmo.

Hmmm. Considerando a transação de armas que tinha acabado de intermediar para a Irmandade? Talvez o termo fosse mais *mudar de ramo* do que *começar do zero*.

— Tem trabalho a ser feito na sua casa? — Marcus anuiu para a roupa de Assail. — Pelos seus trajes e seu modo de falar, você certamente é um macho de posses. Se houver trabalho para mim lá, eu posso pagar pela minha permanência. De outro modo, não posso aceitar sua oferta. Não vou fazer isto.

Assail deu de ombros.

— Mas isto não passa de serviço inferior.

— Nenhum trabalho é inferior se for bem feito.

Assail recostou-se na cadeira e fitou o desfigurado pedaço de carne na cama hospitalar. Mesmo mal saído do cativeiro — onde ficou preso por mais de trinta anos, porra — o macho já demonstrava um caráter excepcional.

— Tenho de ir agora. — Assail ouviu-se dizendo. — Mas volto antes do amanhecer, e quando te derem alta, você vem para casa comigo. E é assim que vai ser.

Marcus baixou a cabeça.

— Ficarei eternamente em débito com você.

Não, Assail pensou consigo mesmo. Tenho a sensação de que vai ser o contrário, meu bom macho.

Rhage e Mary subiram de braços dados a escada da mansão. Ao subirem, ela sorria ao se lembrar deles dançando no ginásio vazio. E então, ruborizou ao se lembrar do que fizeram após pararem de dançar.

Aquela sala de equipamentos jamais viu tamanha ação.

— Para que horas está marcado? — Rhage perguntou.

— Você ainda tem cerca de trinta minutos pra se aprontar. É na cafeteria “I’ve Bean Waitin” na avenida Hemingway. Acho que Rhym vai de carro, mas você certamente não precisa.

— Não vou pedir nada enquanto estiver lá. Não quero incomodá-la com bafo de café.

— Rhage. Sério. — Ela o deteve quando chegaram ao segundo andar. — Você vai se sair bem.

Tomando o belo rosto dele entre as mãos, acariciou suas sobrancelhas preocupadas e aquela sombra de barba.

— Seja apenas você mesmo como em qualquer outro tipo de conversa.

— Estarei sendo avaliado para ser o pai de Bitty. Como infernos isto deveria ser como qualquer outra conversa? E Deus, pode me ajudar a escolher uma roupa? Devo vestir um terno? Sinto como se devesse usar um terno.

Tomando sua mão, ela o levou na direção do quarto deles.

— Que tal só uma calça normal e uma de suas camisas de seda preta? Ela ficará tão distraída pela sua beleza que não vai se lembrar do próprio nome, muito menos do que tem de perguntar.

Ele ainda resmungava ao entrarem na suíte e a atitude não melhorou quando ela o mandou ir para o banho.

— Não. — Disse quando ele tentou puxá-la junto. — A gente vai acabar se distraindo. Deixa eu separar suas roupas.

— Tem razão. Além disto, cada vez que penso para onde estou indo, sinto vontade de vomitar.

Eles seguiram por caminhos separados no meio do quarto; ele, rumo a um rosto bem barbeado e cabelos recém lavados com xampu, ela para o closet, onde...

O grito que veio do banheiro foi suficiente para fazer o coração dela quase explodir.

— Rhage! Rhage... o que foi?

Ela disparou pelo carpete para dentro do... Só para dar de encontro com as costas dele.

— Mas que porra é essa!? — Ele rosnou.

— O que, o que você...

Mary começou a rir, e suas gargalhadas eram tão fortes que ela teve de se sentar na beirada da banheira.

Alguém ou alguéns, como era mais provável, tinha *Pequena Sereia* o banheiro deles. Havia toalhas da *Pequena Sereia* penduradas nos ganchos e suportes, um tapete da *Pequena Sereia* na frente das pias... Copos e escovas de dente, e creme dental infantil da *Pequena Sereia* nos balcões... Xampu e condicionador da *Pequena Sereia* no box do chuveiro... Bonequinhos alinhados na borda da banheira e na moldura da grande janela que dava para os jardins.

Mas o que mais se destacava era, sem dúvida, o trabalho na parede. Cerca de cento e cinquenta adesivos diferentes, pôsteres, figurinhas e recortes de livros para colorir foram colados, pregados ou grudados em cada centímetro da superfície vertical.

Rhage girou e saiu pisando duro... Mas não teve de ir muito longe. Um amontoado de seus Irmãos se enfileiravam na suíte, os machos se congratulando com os “bate aqui” e alguns dando tapinhas no traseiro de Rhage.

— Isso vai ter troco. — Ele grunhiu — Para cada um de vocês... Especialmente você Lassiter, seu fodido do caralho.

— Como? — O anjo caído retrucou. — Inundando meu quarto? Vocês já tentaram com a despensa e Fritz consertou da noite para o dia.

— Não, vou esconder cada maldito controle remoto da casa.

O anjo congelou.

— Está bem, agora a porra ficou séria.

— Blam! — Rhage berrou batendo nos quadris. — Que tal, cadela?

Lassiter começou a olhar para os Irmãos em busca de ajuda.

— Isto não tem graça. Essa merda *não tem* graça nenhuma...

— Ei, Hollywood, posso te pagar para esconder aqueles? — Alguém disse.

— Nós ainda teremos acesso a eles, certo? — Alguém mais perguntou.

— Fodam-se todos vocês, de verdade. — Lassiter murmurou — Estou falando sério. Um dia desses, vocês ainda vão me respeitar...

Mary só se apoiou com os braços contra a parede e sorriu para o bando de doidos: de certa forma, aquilo era exatamente o que Rhage precisava, liberar um pouco a tensão antes de sair para a cafeteria. Droga, teoricamente todos mereciam liberar um pouco de tensão.

Ultimamente teve horas de trabalho pesado.

Pequena Sereia do cacete, Rhage pensou ao sair do banheiro deles vinte e cinco minutos depois.

Fechando a porta, voltou a enfiar a camisa já usada e colocou o paletó que Mary tinha separado para esconder suas armas. Ao descer o corredor, ajeitou o cabelo, endireitou os ombros e mexeu no cinto.

Suas mãos suavam. Como infernos iria cumprimentar a assistente social suado deste jeito? Ela ia ter de usar um guardanapo para secar.

Ou algumas cortinas.

Passando pelo escritório de Wrath, viu que as portas estavam abertas e parou se perguntando se aquele seria um bom momento para contar ao irmão e seu Rei o que diabos eles estavam a ponto de fazer. Mas ao olhar pelo umbral, viu V e Wrath conversando; o Rei no trono, o irmão bem perto dele acorado no chão. Suas cabeças estavam muito juntas, as vozes baixas, o ar tão cheio de tensão que bem parecia haver *mhís* ao redor deles.

Que caralhos estava pegando, Rhage pensou, sentindo-se tentado a entrar.

Mas então olhou para seu Rolex dourado, o que tinha dado de presente a Mary, mas que ela insistiu que ele usasse para ter boa sorte. Não dava tempo de perguntar, e a propósito, mal teria tempo de chegar para a coisa de Bitty também.

Mais tarde, decidiu.

Descendo à escada, cruzou o mosaico no chão e se apressou para a saída.

— Boa sorte.

Rhage parou de chofre e olhou para a direita. Lassiter estava na sala de jogos passando giz azul na ponta de um taco.

— Do que está falando? — Rhage estranhou.

Quando o anjo deu de ombros, Rhage balançou a cabeça.

— Você está louco...

— Quando ela perguntar como foi que o pai morreu, não minta. Ela já sabe que foi você e seus irmãos que o mataram. Está no prontuário. Ela odeia violência, mas sabe que as duas não teriam sobrevivido de outra forma. Ela quer que vocês fiquem com a garota. Você e Mary.

Rhage sentiu o sangue abandonar sua cabeça e ir para a sola de seus sapatos, e desejou ter algo no que se apoiar.

— Como... Mary falou com você sobre isto? — Mesmo que fosse difícil acreditar nisto. — Marissa?

— E a Besta. Ela a deixa nervosa. Não tente minimizar... Você vai aprofundar demais o assunto e isto vai deixá-la desconfortável. Mary vai cuidar disto. Mary vai dizer tudo o que ela precisa saber sobre este assunto.

— Como sabe de tudo isto?

Lassiter baixou o quadradinho de giz e aqueles olhos de cores estranhas mudaram.

— Sou um anjo, lembra? E vai dar certo. Basta aguentar firme... Vocês precisam manter a fé. Os dois, Mary e você. Mas vai acontecer.

— Sério? — Viu-se perguntando.

— Não é mentira. Posso zoar seu banheiro, mas jamais brincaria com algo assim.

Os pés de Rhage se moveram contra sua vontade, cruzando o caminho até a mesa de bilhar... E a próxima coisa que viu, foi que estava dando um abraço de urso no filho da puta de cabelo bicolor.

— Vocês já conseguiram. — Lassiter disse quando ambos deram tapinhas um nas costas do outro. — Mas lembre-se. Precisam ter fé.

Antes das coisas ficarem sentimentais demais, Rhage recuou e foi para a porta da frente de novo. Ao sair pelo vestibulo, respirou fundo o ar gelado... E se

foi, viajando pela noite em um jorro de moléculas em direção a um estabelecimento muito humano.

Ao chegar ao seu destino, teve o cuidado de retomar forma nos fundos do pequeno estacionamento, e sim, voltou a ajeitar os cabelos e a camisa antes de entrar pela porta da frente da cafeteria “I’ve Bean Waitin”.

Abrindo-a, foi atingido no nariz por uma porção de aromas de café e teve uma hesitação momentânea sobre aquela decisão de não pedir nada. O que ele faria com as mãos enquanto estivesse sentado ali?

Praguejando contra o fato de não ter o hábito de fumar ou tricotar, olhou para os humanos, homens e mulheres, muitos dos quais ergueram o olhar para ele e ficaram encarando.... E então localizou o único outro vampiro no lugar... Não, espere, havia um *pretrans* na multidão, a quem não reconheceu.

Mas sabia quem era Rhym. Já tinha visto inúmeras fotografias do trabalho de Mary.

Ao respirar fundo novamente, não foi bem a experiência catártica que obteve ao sair pela porta da frente da mansão, mas também envolvia oxigênio. Certo?

Deus, o cheiro de café estava sufocando-o. Ou talvez fossem suas glândulas de adrenais.

Rhage tentou vencer o nervosismo ao se dirigir às mesas ao fundo.

Ao parar na frente de Rhym, quis desmaiar. Em vez disto, esfregou a palma da mão na parte de trás das calças o mais discretamente que conseguiu e a ofereceu em cumprimento.

— Oi, eu sou Rhage.

A fêmea tinha os olhos um pouco arregalados ao olhar para ele... Mas aquilo era comum, e não, não estava sendo arrogante. As pessoas tendiam mesmo a ficar meio abobalhadas quando o viam pela primeira vez, e então sim, elas

geralmente acabavam encarando-o muito, como se tentassem descobrir se ele era real.

— Sinto muito. — Ela gaguejou — Eu, ah... Sou Rhym.

Quando se cumprimentaram, ele apontou para a cadeira vazia.

— Posso me sentar?

— Oh, por favor. Sinto muito. Espere, eu já disse isso. Santo Deus!

Para crédito dela, ela não o devorou com os olhos desnecessariamente, nem ficou dando em cima dele. E o fato dela também estar nervosa o fez sentir-se um pouco melhor.

— Quer pedir alguma coisa? — Ela perguntou.

— Não. Estou bem. Gostaria de mais um... O que é isto?

— É um *latte*. E não, obrigada, este é suficiente, — Houve uma pausa e ela abriu um caderninho. — Então... Eu, hum, olha. Tenho de ser honesta. Nunca estive diante de um membro da Irmandade antes.

Ele sorriu, tomando cuidado para ocultar os dentes pontudos por estarem dentre tantos humanos.

— Eu sou como todo mundo.

— Nem um pouco. — Ela murmurou baixinho. — Então, eu... Ah... Tenho algumas perguntas para você, tudo bem? Imagino que Mary tenha te falado a respeito disto.

Rhage cruzou os braços e se apoiou na mesa.

— Sim, ela falou. E olha, se eu puder só...

Ele baixou o olhar para a madeira debaixo de seus cotovelos e tentou imaginar o que tentava dizer. Enquanto as conversas ao seu redor e o entra e sai pela porta da frente e o ruído das máquinas de café soavam, começou a se preocupar de ter ficado tempo demais em silêncio.

Rhage olhou para a assistente social.

— O mais importante é que estou preparado para dar minha vida por aquela garotinha. Estou preparado para acordar ao meio dia por ela, caso tenha um pesadelo. Preparado para alimentá-la e vesti-la, e ensiná-la a dirigir. Também estou preparado para abraçá-la bem forte quando tiver sua primeira decepção amorosa, e apresentá-la a seu companheiro, quando ela encontrar alguém de quem goste. Quero ajudá-la a ter uma boa educação e seguir o sonho que tiver, e estar lá para ajudá-la a se levantar quando cair. Sei que não vai ser tudo cor de rosa e haverá conflitos, e talvez até raiva... Mas nada disso irá mudar meu compromisso. Soube que minha Mary era a pessoa com quem eu passaria o resto de minhas noites assim que a vi, e soube com a mesma clareza que Bitty é minha filha. Se você me der a chance de ser o pai dela.

Ele se recostou e esticou os braços.

— Agora, pode perguntar o que quiser.

Rhym sorriu um pouco. E então muito.

— Bem, vamos começar pelo começo, tudo bem?

Rhage sorriu de volta. O que, sim, era o que acontecia quando você tinha a sensação clara de que tinha dado uma dentro.

— Sim, vamos fazer isto. — Disse ele com uma sensação profunda de alívio.

Capítulo SESSENTA E SEIS

Jo Early não conseguia desviar o olhar.

Mas também, ela não era a única freguesa da cafeteria cujo *latte* estava esfriando enquanto tentavam não secar o cara. Ele tinha chegado sozinho sugando quase todo, se não todo, o oxigênio no lugar, e então seguiu até uma das mesas dos fundos para se sentar com uma mulher de aparência agradável, mas nada excepcional.

Considerando tudo, ele devia estar com o tipo Miss America: ele era grande, incrivelmente alto, mas também corpulento, como se fosse um jogador de futebol, não do tipo basquete. O cabelo era loiro, mas parecia ser natural, não havia raízes aparentes, nem a linha demarcando um bom trabalho profissional crescendo, só sedoso, saudável e... Loiro.

Mas os olhos... Os olhos eram o destaque. Destaque total. Mesmo do outro lado da cafeteria lotada, dava para vê-los brilharem com uma cor azul digna do oceano das Bahamas, a cor tão iridescente, tão clara, tão ressonantemente atraente que era de se perguntar se não seriam lentes de contato, por que como infernos podia ser possível encontrá-la na natureza?

E, a propósito, as roupas também não eram nada más. Não. Ele vestia roupa preta, da camisa de seda e calças de alfaiataria perfeitamente cortadas, a um paletó que tinha lapelas como um terno, mas o caimento de um casaco.

Os sapatos também eram espetaculares.

Era como se um artista de cinema tivesse aparecido no “I’ve Been Waitin’”, e por um momento Jo se perguntou se talvez ela já não o tinha visto na telona...?

Quando seu celular tocou, ficou grata pela distração. Caso este hiperfoco dela se mantivesse, veria aquele belo rosto cada vez que fechasse as pálpebras. Não que fosse ser um grande sacrifício.

Quando viu quem era revirou os olhos, mas aceitou a chamada, de qualquer forma.

— Dougie, e aí? Não. Não, não pode. O que... Não! Olha, eu já disse, estou sem emprego, não vou conseguir te emprestar mais dinheiro por um tempo... Bem, então peça a um deles. Não. Não. Está bem... Tudo bem, mas só os Fig Newtons. Se eu voltar e você tiver comido meus Milanos, vamos ter uma conversinha. E dá para tirar a bunda do sofá e arranjar um emprego, pelo amor de Deus?

Ao desligar, uma voz seca disse:

— Concordo com você sobre os biscoitos.

Recuando, ela levou a mão ao coração.

— Deus, Bill, que susto!

— Que história é essa de estar sem emprego? — Ele disse ao se sentar com seu *latte* e começar a tirar aquele cachecol do jeito que sempre fazia. — Você se demitiu?

— Não é nada. — Bem, além do fato do chefe dela ser um manipulador e ela se permitir ser manipulada por ele. — De verdade.

Oh, mas a propósito, Bryant acha que estamos tendo um caso, ela adicionou mentalmente.

— Olha, — Bill murmurou ao se inclinar e empurrar aqueles óculos para cima em seu nariz. — Antes de tudo, desculpe pelo atraso. E depois, tenho de perguntar. Com pais como os seus, não dá pra acreditar... Digo, que dinheiro seja um problema...

Ela abriu a boca para amenizar as coisas, mas então decidiu: Foda-se.

— Depois que saí de casa e larguei todo aquele... Estilo de vida... Eles me deserdaram.

— Deve ter sido difícil fazer isto... Abandonar a família, digo. Bem, e o dinheiro.

Jo girou seu cappuccino.

— Eu nunca me encaixei direito na família deles. Papai... Desculpe, meu pai, como ele insistia que eu o chamasse... Providenciou minha adoção por que minha mãe passou por uma fase onde queria um filho. Acho que ela pensava que bebês fossem como bolsas ou algo assim. Depois que me tiveram, fui criada por babás, algumas boas, outras ruins. Então fui enviada para um internato... E quando saí, meio que tive de fingir que era quem eles queriam que eu fosse quando estava perto deles. Fora daquela grande casa, eu podia ser eu mesma. Na presença dos dois, tinha de ser uma cópia de mim mesma do jeito que eles construíram versões deles mesmos. — Ela meneou a mão no ar. — É bem aquela história típica da pobre-garota-rica.

— Típica e entediante, menos quando acontece com a gente.

— Seja como for, disse a eles que não ia voltar e eles disseram tudo bem, e foi isso. Os cheques mensais desapareceram... E, honestamente, tudo bem. Sou inteligente, não tenho medo de trabalho e sou graduada. Posso conseguir sozinha, do jeito que muita gente conseguiu antes de mim.

Bill tirou o casaco.

— Posso fazer mais uma pergunta pessoal?

— Claro. — Quando ela provou seu cappuccino, fez uma careta. Secar aquele louro tinha esfriado muito da coisa. — Qualquer coisa.

— Você disse que foi adotada... Já pensou em procurar sua família verdadeira?

Ela negou com a cabeça.

— Os registros de toda a transação são mantidos em sigilo de justiça... Ou pelo menos foi o que me disseram. Acho que meu pai pagou para que as coisas ficassem assim. E faz sentido... Ouvi dizer que minha mãe tentou fingir que eu era

mesmo dela no começo, dizendo que tinha escondido a gravidez sob roupas folgadas e então tinha passado o último mês em Naples ou algum lugar assim. Mas quando meus cabelos foram ficando cada vez mais vermelhos, a mentira acabou se tornando difícil de sustentar... Principalmente por que ela não gostava da ideia das pessoas acharem que tinha traído meu pai.

— Então nunca soube nada deles?

— Não, e tudo bem. A esta altura, ei, minha educação superior está paga. Se esta for a pior coisa que aqueles dois farão por mim pelo resto de minha vida, saí no lucro.

— Bem... — Bill pigarreou. — Então será que... Quer se candidatar a uma vaga no jornal? Sei que eles estão com algumas vagas abertas e eu podia te indicar. Você já demonstrou que manda bem em investigação.

Por um momento, Jo só sentou-se ali, estupefata, piscando. Então estremeceu.

— Sério? Oh... Meu Deus, claro. Digo, obrigada. Tenho um currículo que posso te enviar por e-mail.

— Considere feito. Tipo, sei que eles estão em busca de um editor de conteúdo online no momento. O pagamento deve ser mais ou menos o mesmo que recebia como recepcionista, mas pelo menos é um começo.

E melhor do que se preocupar com a vida amorosa e as roupas para lavar de Bryant, ela pensou consigo mesma.

— Obrigada. De verdade. — Mostrou a ele o guardanapo no qual vinha escrevendo. — E, a propósito, fiz uma lista dos lugares que visitei. Tem alguns que ainda quero verificar... Quero ver aquele restaurante onde Julio Martinez disse que foi emboscado por um vampiro. E quero ir ao beco onde... Você viu aquele vídeo do tiroteio no beco? Onde tinha um cara no telhado que mata alguém enquanto este outro cara corre de uma rajada de balas? Não há presas neste vídeo, mas foi publicado no YouTube pelo mesmo cara que postou uma porção de gravações do massacre naquela fazenda.

Bill pegou o celular como se estivesse pronto para começar a navegar na net.

— Não, ainda não vi este.

— Aqui, deixa eu mandar pra você.

#NãoPrecisaPedirDuasVezes

Assail aguardou na periferia da grandiosa mansão do *hellren* de Naasha, rastreando os movimentos dos empregados e de sua senhora pelas janelas no primeiro e segundo andares. Uma vantagem daquela fêmea ser uma exibicionista nata era que as cortinas da casa estavam sempre abertas, e assim era possível ver cada cômodo da casa do lado de fora.

Naquele momento ela estava em seu banheiro, sentada em uma cadeira de maquiagem na frente de uma janela que dava para o oeste. Sua criada estava cacheando seus cabelos enquanto ela olhava para algo no seu colo. Talvez fosse um e-mail em um iPad. Ou celular.

Pegando seu próprio celular, ele enviou uma mensagem de texto para ela... E observou a cabeça dela se erguer e olhar para o outro lado. A criada baixou o *baby liss* que estava a ponto de usar e sumiu de vista. E então voltou, colocando um aparelho na mão da senhora.

O celular de Assail acusou o recebimento de uma mensagem logo em seguida. Ao ler o que ela tinha enviado, olhou para os primos.

— Vocês sabem o que fazer.

— Sim. — Disse Ehric. — O Irmão já está aqui?

— Bem atrás de você.

Os três se viraram para ver Zsadist exatamente onde ele disse que chegaria. Como todos eles, o Irmão trazia uma grande mochila e um monte de armas.

— Podemos ir, cavalheiros? – Assail murmurou.

A um gesto seu, seus primos desmaterializaram para os fundos da mansão, para o ponto de infiltração previamente estabelecido.

Assail colocou a mochila na base de uma árvore onde tinha se escondido e então apareceu à vista, endireitando o casaco e puxando as mangas. Ao chegar ao passeio que levava à entrada principal, seus sapatos fizeram um som cortante. Zsadist, que seguia atrás dele, não emitiu som algum ao passar pela grama, mantendo-se fora do alcance da luz lançada pelos baixos postes de luz na beira do pavimento.

Ao chegar à porta, Assail tentou a maçaneta. Não teve sorte desta vez; estava trancada.

Usou a campainha e tinha um sorriso no rosto quando o mordomo atendeu à porta.

— Boa noite, receio estar uns vinte minutos adiantado. Mas não quero incomodar sua senhora. Posso aguardar na sala?

Enquanto o *doggen* fazia uma reverência, Assail checou para ter certeza que não havia mais ninguém no saguão. E então quando o mordomo se endireitou, Assail sacou sua quarenta milímetros.

De forma que o empregado ficou cara a cara com o cano.

— Não se mexa. – Assail sussurrou. — E não faça barulho a menos que seja para responder minhas perguntas. Quer viver? – Um aceno. — Quantos mais da equipe estão na casa?

— S-s-s-sete.

— Throe está na residência? – Um aceno. — Onde ele está?

— E-e-ele está comendo lá em cima, no seu quarto.

Zsadist entrou na casa, e o *doggen* pareceu a ponto de desmaiar ao ver o rosto com cicatrizes e aqueles olhos negros.

— Não se preocupe com ele. — Assail disse suavemente. — Concentre-se em mim.

— S-s-s-s-sinto m-m-m-muito.

— Ouça e ouça com cuidado. Você tem sete minutos para tirar os empregados da casa. Isto dá um minuto por pessoa. Não perca nem um segundo. Não explique por que eles têm que sair. Diga para te encontrarem na base da calçada. Não alerte sua senhora. Se denunciar minha presença, vou te considerar cúmplice dela quanto ao escravo de sangue a quem resgatei a noite passada e eu vou te matar, esteja onde estiver. Fui claro? — Aceno. — Repita o que acabei de dizer.

— V-v-v-você... Eu tenho s-s-s-sete minutos para tirar a equipe daqui. Ir para a calçada.

— Base. Eu disse base da calçada. Vou estar te vigiando por que há um poste de luz lá. E sobre sua senhora?

Um olhar duro cruzou o rosto do mordomo, um que muito provavelmente lhe salvou a vida.

— Não devo dizer nenhuma palavra a ela. Ela e seu amante mataram o meu mestre.

— Qual o seu nome?

— Eu sou Tharem.

— Tharem, quero que vá para a Casa de Audiências do Rei depois de tudo isto. Conte a eles tudo... O que havia no porão, o que ela fez a ele, o que estou fazendo aqui. Entendeu?

— Eu tirei fotografias. — O mordomo sussurrou. — Em meu celular. Não sabia para quem entregá-las.

— Bom. Mostre a eles. Mas vá agora. Sete minutos.

O *doggen* fez uma reverência acentuada.

— Sim, meu Senhor. Agora mesmo.

O macho uniformizado saiu correndo, na direção da cozinha, e antes de Assail estar a meio caminho da escada principal, três *doggen* vestidos em roupas brancas de cozinha passaram correndo pela sala de jantar. Um tinha farinha nas mãos, e outro uma panela com algo dentro. Os olhos estavam arregalados e temerosos, sugerindo que o mordomo não tinha sido completamente fiel ao acordo deles.

Ele claramente tinha revelado que havia forças letais agindo na casa.

Não importa. A motivação tinha funcionado, e era óbvio que não havia nada com o que se preocupar em termos de lealdade a Naasha. Os três cozinheiros deram um olhar a ele e sua arma... E só correram mais rápido ao invés de causar tumulto.

E enquanto isso, o doce cheiro de gás já se espalhava pelo ar. Em breve aquilo não seria nem metade.

Assail subiu as escadas ao invés de correr. E enquanto subia duas criadas desceram correndo, seus cabelos presos soltando de grampos, as saias cinza pálido de seus uniformes esvoaçando. Elas também deram um único olhar para ele e baixaram a cabeça em resposta, aumentando ainda mais a velocidade, sem interferir.

No segundo andar, virou à esquerda e parou na primeira porta com a qual se deparou, bem quando o mordomo surgiu à vista na outra extremidade do corredor e começou a correr.

— Eu cuido da criada dela. — Assail disse. Quando o macho empalideceu, ele revirou os olhos. — Não deste jeito. Ela vai encontrar vocês lá embaixo.

O mordomo anuiu e se afastou.

Com a mão na maçaneta, Assail virou o nó de bronze ornado e empurrou. Os painéis cederam sem nenhum ruído, e instantaneamente sentiu o cheiro do perfume e xampu de Naasha. Ao entrar e voltar a fechar a porta atrás de si, teve uma breve impressão de uma exagerada decoração com muito tafetá e seda rosada e cor de creme.

O tapete era espesso e os sapatos não emitiram ruído algum ao cruzar a distância até a arcada. O banheiro de mármore por trás dela era maior que a sala de estar de muitas pessoas.

E de fato, a posição não poderia ser mais perfeita. Naasha estava de costas para ele naquela cadeira profissional de cabeleireiro, suas madeixas longas caindo pelas costas, uma mesa com pincéis e equipamentos para fazer cachos estavam a seu lado. Havia espelho para todos os lados, mas todos estavam virados para ela, sem refletir a presença dele.

— ... Eu te disse que não importa se meu cabelo não pega. — Naasha brigou — Faça de novo! Ele vai chegar logo... Meu celular está tocando, pegue para mim.

Quando a criada recuou de seus afazeres, ela virou na direção de Assail... E congelou. Apontando a arma para a cabeça dela, ele levou o dedo aos lábios e gesticulou *Shhhhh*.

A criada empalideceu.

— Pega meu celular! O que está fazendo?

Assail fez um gesto com o cabeça em direção do iPhone que vibrava sobre o balcão de mármore, bem ao alcance de Naasha.

A criada foi pegar a coisa, derrubou e levou uma bronca ao se abaixar para pegar o celular do chão.

— Até que enfim... Alô? Oh, alô querido, que bom que ligou. Estou devastada, *simplesmente* devastada...

Assail dobrou o dedo para a criada, chamando-a para si. Mas a pobrezinha estava congelada de pânico... Até Assail gesticular *você e salva*.

A fêmea aproximou-se lentamente. Enquanto Naasha continuava a encenar seu papel de viúva sofredora, Assail sussurrou.

— Saia pela porta da frente. Continue a correr até chegar aos outros no final calçada. Não volte para esta casa por motivo nenhum. Fui claro?

A criada anuiu e fez uma reverência curta... E então correu como o vento para fora do quarto.

Assail voltou à sua posição e esperou pacientemente enquanto Naasha continuava a falar, ainda varrendo a tela de seu iPad. Avultando-se por trás dela, sentia-se um Ceifador que tinha fodido com ela... E estava a ponto de fodê-la de novo.

Quando finalmente desligou, ela disse.

— Onde você foi? Onde diabos você...

Assail agarrou um punhado do cabelo de Naasha e puxou com força. Quando ela soltou o telefone e o tablet caiu no chão, ela começou a lutar a sério... Até ele encostar o cano da arma em sua boca e afastar-se para o lado.

Olhos aterrorizados encontraram os dele.

— Isto é por Markcus. — Ele rosnou.

— E então, como ele se saiu? — Mary perguntou quando Rhym chegou ao seu escritório no Lugar Seguro.

— Seu *hellren* é uma figura... E se saiu maravilhosamente bem. — A fêmea se sentou com um sorriso, arrumando o casaco sobre as pernas. — Se saiu mesmo. Ele tem um coração enorme.

— O maior. — Houve uma pausa e Mary se inclinou sobre seus papéis. — E pode dizer... Não vou ficar estranha sobre isto. Eu tenho de viver com ele, lembra?

— Não sei do que você está... — Rhym ergueu as mãos. — Está bem, ok. Digo, ele é só ridiculamente atraente. Nunca vi uma coisa dessas.

Mary teve de rir.

— Eu sei, eu sei. O lado bom é que ele não liga particularmente para isto. Ele sabe, claro, mas Deus, se levasse essa coisa a sério, a cabeça dele seria tão grande que não passaria pelas portas.

Rhym concordou.

— Tem razão. Então, está pronta?

— Sempre. — Mary se levantou e fechou a porta. — Qualquer coisa que queira saber.

— Sinto muito, eu devia ter feito isto.

Mary abanou a mão no ar.

— Não se preocupe.

De volta à sua mesa, ela se sentou de novo e reconheceu, pelo menos pra si mesma, que estava nervosa.

Rhym ajeitou aquele casaco. E então olhou para a urna perto do abajur.

— Aquela é...

— Sim. — Mary respirou fundo. — É Annalye. No início Bitty dizia que queria guardar as cinzas para quando o tio viesse buscá-la, mas agora...

— A respeito do tio. Tiveram notícias dele? Qualquer uma?

— Nada. Rhage até pediu para um dos Irmãos investigar. Não encontramos absolutamente nada.

Rhym deu de ombros.

— Pra mim, o problema principal é a duração do período de notificação. Marissa e eu concordamos que é melhor partir para uma situação de adoção temporária enquanto Bitty se adapta, e pra dar tempo de qualquer parente que ela possa ter tenha oportunidade de reclamá-la. Mas não pode durar para sempre. Quanto tempo seria o ideal? Um mês? Seis meses? Um ano? E como vamos fazer as notificações? Qual seria a forma mais justa?

O coração de Mary pulou do trampolim de suas costelas, deu uma cambalhota e caiu de barriga em seu estômago com força, espalhando líquido por todo seu interior. Oh Deus, um ano. De incertezas. De se perguntar a cada noite se iria perdê-la.

Mesmo um mês naquela situação seria uma tortura.

— O que vocês decidirem ser o melhor. — Disse ela ao tentar manter sua hesitação só pra si mesma. — Mas tenho de confessar, não sou a melhor pessoa para avaliar isto. Por mais que eu tente ser objetiva, a realidade é que... Só quero ela para nós.

— As Antigas Leis não são claras neste ponto, embora eu tenha verificado o que os humanos fazem. Quando se trata de encerramento de direitos paternos, é claro que há um padrão muito alto a ser atingido. Mas para outros relacionamentos e parentes próximos? Depende do estado, das leis locais e sua interpretação. Desta forma, vou deixar para o Rei decidir... É exatamente o tipo de coisa que precisamos que ele decida. Além disso, pela posição de Rhage, os dois teriam de obter aprovação dele de qualquer forma.

— Isto parece justo. E eu realmente quero fazer tudo certo. É muito importante não deixar qualquer brecha.

— Que bom que concorda... E não me surpreende. — Rhym recostou-se em sua cadeira. — Então me fale sobre seu relacionamento com Bitty. Tive uns relances dele, mas gostaria de uma visão pelo seu lado, não pelo lado profissional, mas como pessoa.

Mary pegou uma caneta e brincou com ela entre os dedos, do jeito que costumava fazer na faculdade.

— Eu a conheço desde que ela chegou no abrigo. Fui a principal encarregada do caso dela desde o começo, como sabe, e honestamente, ela era tão reservada e defensiva que cheguei a achar que nunca ia conseguir me aproximar dela. Sei que toda esta coisa de adoção parece ter surgido com a morte da mãe dela, mas a verdade é que Bitty esteve na minha cabeça e no meu coração nos últimos dois anos. Eu me recusava a admitir a oportunidade. Eu só... Como sabe, não posso ter filhos, e quando esta é sua realidade, você não quer abrir esta porta trancada. Tudo o que há do outro lado são chamadas que irão queimar até destruir sua casa.

— Está preparada para deixar a garota ir se um parente aparecer? Acha que vai conseguir fazer isto?

Desta vez não houve jeito de evitar demonstrar o esgar em seu rosto. Mas também, quando alguém aproximava o pé descalço da boca de um jacaré, a tendência era se contrair.

— O que for melhor para Bitty. — Ela meneou a cabeça. — E eu, honestamente, estou sendo sincera. Se tivermos de deixá-la ir, nós deixaremos.

— Bem, a verdade é, eu também procurei por aquele tio. Procurei por qualquer pessoa que tivesse ligação com ela. Ninguém sabe de nada. Perdemos tantas pessoas nos ataques, é possível que ele tenha morrido naquela época junto com o resto da família. Ou talvez de outra maneira.

— Posso apenas dizer... Não sou uma grande fã da morte.

Por um momento, lembrou-se de dançar com Rhage no ginásio. Estavam tão próximos um do outro com a concordância de que era um luxo não terem de viver preocupados com aquela separação futura, e subitamente vem e paira sobre eles como fazia com todos os casais.

— Nem eu. — Disse Rhym. E então a fêmea pigarreou. — E falando nisso, podemos falar sobre sua situação?

— Quer dizer com a Virgem Escriba?

— Sim, por favor. — Houve uma pausa desconfortável. — Eu realmente não entendo a... Parte da quase imortalidade, acho que dá pra chamar assim... Não que seja impossível. Com a Virgem Escriba, qualquer coisa pode acontecer. E então preciso te perguntar sobre a Besta. Tenho que confessar, esta é a única bandeira vermelha para mim nisto tudo.

Mary riu.

— Aquela coisa não passa de um grande ursinho de pelúcia roxo. Juro, ela não machucaria uma mosca... Ou pelo menos não uma mosca fêmea, e certamente nunca a mim. Mas estou me adiantando. Minha história começa há alguns anos atrás quando fui diagnosticada com...

Capítulo SESSENTA E SETE

Seu erro foi não usar um silenciador na arma.

Quando Assail partiu da suíte de Naasha para a de Throe, e então arrombou a porta trancada do macho, foi recebido por um quarto vazio. O traidor obviamente tinha ouvido o disparo de sua arma.

— Maldição. — Assail murmurou ao girar e verificar o banheiro. E o closet.

Nada estava particularmente fora do lugar, e a única indicação da fuga apressada era a porta aberta do cofre na parede. Aquele quadro que estivera levemente torto anteriormente, agora estava pousado sobre uma cadeira, a barriga de metal do cofre exposta, a luz dentro mostrando que todo o conteúdo tinha sido retirado.

Mas aquilo importava? Naasha era o verdadeiro alvo.

Assail teria tempo de sobra para ir atrás de Throe em outra ocasião.

Assail voltou ao quarto de Naasha e o atravessou, indo para a janela por onde a tinha visto lá de baixo. Mentalmente apagou as luzes do banheiro, e espiou pelo vidro enquanto o doce cheiro químico de gasolina chegava agora ao segundo andar.

Lá embaixo, no fim da entrada de veículos, como tinha ordenado, havia um grupo de oito pessoas paradas ao lado de um poste de luz, a iluminação detalhava que sete serviçais e o mordomo se organizaram em uma fila e olhavam para a mansão.

— Bom macho. — Assail murmurou ao se virar.

Estava a ponto de partir quando algo capturou seu olhar... Um brilho sobre um dos balcões. Voltando a acender as luzes, passou por cima do corpo de Naasha

e pegou o colar de diamantes. A coisa era modesta pelos padrões de Naasha, não passava de um cordão com pedras de dois e três quilates.

Debaixo de onde estava havia uma série de gavetas estreitas, cada uma com um par de fechaduras de bronze, trancadas.

Talvez por saudade de sua ladra ou talvez como um foda-se final para Naasha, apontou a arma e disparou algumas vezes nas malditas coisas, rachando a madeira, despedaçando as fechaduras, arruinando os impecáveis gabinetes.

Quando ficou sem munição, a gaveta de cima estava dependurada como a língua de um desenho animado. Dentro, em uma bagunça, havia todo tipo de coisa brilhante que ele pegou aos punhados, enfiando os anéis, brincos, colares e pulseiras nos bolsos.

Seu terno estava quase explodindo quando Zsadist entrou.

O Irmão já tinha preparado seu lança-chamas, do tipo que cuspiam chama azul, a arma naquelas mãos tão hábeis era como a cabeça de um dragão pronto a rugir.

— Hora de ir. — O guerreiro disse.

Era de se admirar a falta de interesse no roubo. Mas também, Assail tinha acabado de cometer um homicídio bem ali, naquela cadeira giratória, e o Irmão não parecia nem um pouco preocupado com aquilo também.

Com um último olhar para a forma caída e imóvel de Naasha, Assail saiu junto com o Irmão. No corredor, o cheiro era forte o bastante para fazer os olhos lacrimejarem, o que se intensificava cada vez mais conforme desciam.

Ehric e Evale estavam reunidos no saguão, e prestativos como sempre, tinham trazido a mochila que ele tinha deixado lá fora.

Depois de pendurá-la e acender o piloto, por assim dizer, ele bombeou vários jatos de chamas alaranjadas.

— Vamos? — Disse ele.

Separando-se, foram para os quatro cantos da grandiosa mansão. A gasolina, que os primos derramaram em todo tipo de tecido e madeira era provavelmente exagerada, já que os beijos dos lança-chamas seriam capazes de carbonizar paredes e madeira, carvalho e mogno com pouco mais de um jato.

Quando o incêndio começou com eficiência, Assail se moveu pela sala de jantar incendiando antiguidades e o papel de parede, os tapetes, a mesa de mais de sete metros e dois séculos de idade. Ele fez uma pausa momentânea antes de ir à cozinha e lamentou pelo candelabro Waterford que estava no meio da crescente fogueira, desejou tê-lo removido antes.

Mas às vezes sacrifícios eram necessários.

Ele não se incomodou com a despesa. Estaria consumida logo. Ao invés disso, incendiou a cozinha profissional, começando com as cortinas dos dois lados da fileira de janelas e continuando por todos os armários de madeira que seus primos cobriram de combustível com tanta competência.

O grande *whoosh!* emitido quando as coisas pegavam fogo era uma viagem cada vez que acontecia e ele sentiu-se endurecer, alguma parte primal dele expressava domínio e exigia submissão do ambiente estático de objetos inanimados. Na verdade, com cada explosão de poder, era como se estivesse reclamando parte de si mesmo perdida ao longo do caminho.

Como se tivesse sido ele a viver acorrentado naquela cela lá embaixo.

Logo, o calor crescente se tornou insuportável, seu cabelo encaracolou nas pontas, a pele do rosto se contraiu a ponto de doer.

Quando deu a volta para voltar para o saguão, percebeu que estava cercado pelo fogo que tinha criado, preso em um inferno. Fumaça, ondulante e tóxica, aguilhoava seus olhos e sufocava seu nariz, e além disto, paredes ondulantes de fogo bloqueava cada saída.

Talvez este fosse o fim, pensou ao baixar o cano de seu lança-chamas.

Ao seu redor, grandes ondas de chamas alaranjadas e vermelhas subiam e desciam como bocas devorando a mansão e seu conteúdo, e ficou momentaneamente maravilhado pela beleza mortal das chamas.

Acalmando-se, ele pegou o celular.

Buscou um número, apertou “ligar” e girou em um círculo lento enquanto chamava, e chamava e chamava...

— Alô? – Ouviu a voz dela.

Ele fechou os olhos. Oh, aquela voz. A linda voz de Marisol.

— Alô. – Ela repetiu.

Houve um silêncio na linha, embora não na casa. Não, as coisas crepitavam e estalavam, gemiam e praguejavam como se os blocos e o concreto possuíssem ossos que se quebravam e terminações nervosas que percebessem dor.

— Assail? – Disse ela com urgência. — Assail... É você?

— Eu amo você. – Ele declarou.

— Assail! O que é...

Ele cortou a ligação. Desligou o celular. E então tirou a mochila e colocou a seus pés.

Conforme a temperatura aumentava e o caos crescia ainda mais, ele endireitou o paletó e puxou as mangas.

Afinal, podia ser um degenerado, egoísta, sociopata traficante de drogas, mas era preciso ter padrões e estar com boa aparência ao morrer.

Dhund ou *Fade*, ele se perguntou.

Provavelmente o *Dhund*...

Do tsunami de chamas, uma figura escura apareceu direto do olho do furacão do inferno onde Assail estava.

Era o Irmão Zsadist. E contrário à morte iminente e destruição que ocorria às coisas ao redor, o cavalheiro parecia mais aborrecido do que frenético ao parar de supetão à sua frente.

— Não vai morrer aqui. — O macho berrou acima de todo o alvoroço.

— Seria um final adequado para mim.

Aqueles olhos escuros e desalmados reviraram.

— Oh, por favor.

— Embora este incêndio seja apropriado, — Assail gritou. — Seu Rei terá de me indiciar por assassinato, já que não houve o devido processo pela transgressão de manter um escravo de sangue por parte daquela fêmea. Então permita que eu morra aqui do jeito que eu quero, satisfeito de ter...

— Não no meu turno, cuzão.

O golpe veio da direita e atingiu Assail no maxilar com tanta violência que cortou, não somente seu discurso poético, como diria para si mesmo, mas seu vínculo com a consciência.

A última coisa que ouviu ao apagar foi:

— ... Te carregar pra fora daqui como o mala que você é, seu maldito imbecil.

Pelo amor de Deus, Assail pensou quando tudo escureceu e silenciou. Os princípios dos outros eram tão inconvenientes.

Especialmente quando te impediam de se matar.

Capítulo SESSENTA E OITO

Ao voltar para casa depois de sua entrevista no “I’ve Bean”, Rhage sentia-se o cara.

Rhym tinha até dado um abraço nele no final da entrevista. E aquilo devia significar alguma coisa, não é?

A primeira coisa que queria fazer ao se dirigir à escada da mansão era ligar para sua Mary, mas ela ainda estava em sua entrevista e ele teria de esperar. Não importava, podia trocar de roupa e talvez ir ao centro da cidade, caçar um pouco e queimar um pouco de adrenalina.

Seu telefone soou um *bing!* Assim que chegou ao segundo andar, viu que o Rei estava sentado no trono à sua mesa... Ao invés de estar na Casa de Audiências, onde devia estar.

Ignorando a mensagem de texto, Rhage aproximou-se e bateu na porta aberta.

— Meu Senhor?

A cabeça de Wrath se ergueu como se surpreso pela interrupção... Que foi a primeira indicação de que algo tinha acontecido. Aquele irmão podia ter ficado cego, mas tinha os instintos do predador mais letal.

— Está adiantado. — Murmurou Wrath. — A reunião só começa daqui a vinte minutos.

— Como é?

— Não recebeu a mensagem do V?

Rhage entrou na sala azul-bebê cheia de babados com seus móveis franceses e seu ar de frieza esnobe. O escritório, sala de reuniões ou seja lá o que for, era o

ambiente mais ridículo para se planejar luta e estratégias de guerra, mas agora, como muita coisa na mansão de Darius, era uma tradição que ninguém queria mudar.

Tateando o peito onde seu celular tinha vibrado, ele murmurou:

— Acho que acabou de chegar. O que houve?

Wrath recostou-se na grandiosa cadeira ornamentada que fora de seu pai, e no chão ao seu lado, George ergueu a cabeça loura de maneira inquisitiva, como se o cão quisesse saber se iriam para algum lugar ou se ficariam por ali.

O Rei estendeu a mão e acariciou o cão.

— Vai descobrir logo, com os outros. Tem algo em mente, meu irmão? Você quase entrou quando V conversava comigo mais cedo.

Rhage olhou ao redor da sala vazia.

— Na verdade, sim.

— Fale.

A história saiu em um amontoado de pedaços de sons: Bitty, sua mãe, Mary, ele, o GTO... É, por alguma razão, o fato da garota gostar de seu carro o fez tocar no assunto. Ele também explicou que tinha passado por uma entrevista social com Rhym, que Mary estava passando pela dela agora, e que precisavam da aprovação de Wrath.

Blá blá blá.

Quando interrompeu os substantivos e verbos, descobriu que tinha perambulado pela sala e tinha acabado se sentando na cadeira do outro lado do trono, ele o irmão separados pela imensa mesa, todas aquelas figuras e símbolos sagrados entalhados marcando a divisão entre a posição deles.

E ainda assim, parecia que ele e Wrath eram um só e o mesmo quando o macho sorriu.

— Você já a tem, meu irmão. Qualquer coisa que precisar, é sua. E se precisarem fazer uma pesquisa de campo, ou seja lá como a chamem, os assistentes sociais serão bem vindos aqui. Podemos pedir a Fritz que os tragam.

Rhage exalou toda sua tensão quando Butch e Phury entraram.

— Obrigado. — Ele disse com voz rouca. — Muito obrigado.

— Você mudou muito desde a época em que era um cuzão que eu conhecia e tolerava.

Quando Wrath esticou o anel de diamante negro do Rei, Rhage se levantou e se inclinou para beijá-lo.

— É... Todos nós mudamos...

Assim que começou a se endireitar, alguém o beliscou com tanta força no traseiro que ele quase caiu de cara na mesa. Virando-se, viu Lassiter sorrir.

— Desculpe, — Disse o anjo. — Não consegui evitar.

Rhage expôs as presas.

— Lass, sério, dá pra ser mais irritante?

O maldito fodido colocou o dedo no queixo e batucou ao inclinar a cabeça.

— Hmm, não sei. Mas posso tentar.

— Juro por Deus que um dia desses...

Só que era mentira. Ele não ia fazer merda nenhuma. O problema com o cuzão titular da coroa real era que era impossível verdadeiramente odiá-lo. Não quando, constantemente, provava que havia um cara com quem se podia contar por baixo de toda aquela maldita porra de zoação.

O resto da Irmandade chegou e se ajeitou em seus lugares costumeiros na sala. Enquanto Rhage sentava-se com Butch em um dos sofás floridos, levou um minuto para perceber que faltava alguém.

Não, lá estava Vishous. Com Payne a seu lado.

Um olhar para aqueles dois rostos sombrios e Rhage praguejou mentalmente. E não foi o único.

As portas foram fechadas e então todo mundo caiu em um silêncio mortal...

Antes que algo pudesse ser dito, Zsadist entrou na sala e todo mundo recuou.

— Que *porra* aconteceu com você? — V questionou.

O irmão exalava vapor... E não por estar puto. Tinha, tipo, fumaça de verdade subindo dos ombros de sua jaqueta e das solas de suas botas. E, Jesus Cristo, o fedor... Ele fedia a borracha queimada, combustível ruim e a um acampamento de três dias atrás.

— Nada. — O cara disse ao se afastar até o seu gêmeo. — Só estava assando marshmallows.

— Aquele é meu lança-chamas? — Alguém perguntou, indignado.

— Um marshmallow de quantos metros? — Alguém murmurou.

— Ei, era um Stay Puft²¹? — Lassiter interrompeu.

O Rei praguejou.

— Ah, puta que o pariu, você queimou a casa daquela cadela?

Bem, olá, todo mundo claramente pensou, ao silenciarem e encararem Z.

— Tecnicamente, a casa era do velhote. — Rhage sentiu-se compelido a comentar. — Assumindo que estamos falando da puta que manteve aquele escravo de sangue em seu porão.

21 Referência ao homem de marshmallow do filme Os Caça Fantasmas, de 1984. Em uma cena, Ray tem um pequeno lapso de memória de sua infância, e pensa na mascote de seu acampamento, o Homem de Marshmallow (Stay Puft). Um gigantesco homem de marshmallow vestido de marinheiro aparece nas ruas de Manhattan, destruindo carros e edifícios até chegar ao prédio onde estão os caça-fantasmas. Enquanto escala o edifício, eles atacam o gigante que pega fogo. (N.T.)

Wrath balançou o dedo na direção de Rhage.

— Ei, nada dessa coisa de boca suja, se vai mesmo ser pai. Precisa parar com esta merda agora mesmo e se acostumar antes de trazer aquela garotinha para essa casa do caralho.

Eeeeeeeeeeeeeeeeeee agora todo mundo e seus tios se viraram para olharem para ele.

Fantástico.

Podemos voltar a falar dos marshmallows? Pensou consigo mesmo.

Enquanto esperava por uma mudança de assunto, que absolutamente não aconteceu, ele balançou a cabeça. Aquilo não era bem a cara da mansão da Irmandade, onde as notícias se alastravam mais rápido do que... Bem um incêndio, por exemplo?

— Está bem, primeiro, — Disse ele à multidão. — Eu não sei ainda se vamos conseguir adotar Bitty. Segundo, este discurso não-praguejarás-ó-todo-poderoso-pai teria sido bem mais efetivo se não viesse acompanhado de um “merda” e um “caralho”. E por último, sim, Mary e eu estamos tentando nos tornar pais, e não, eu não quero falar sobre isto ainda. Assunto encerrado.

Lassiter se aproximou.

— Toca aqui pela referência ao *Esqueceram de Mim*.

— Eu fiz por você, seu pedaço de merda. — Rhage retribuiu o cumprimento daquele escroto. — E obrigado pelo apoio. Agora vamos para a próxima crise. Alguém quer baixar as calças e admitir que está de fio dental? Ou vamos levar mais a sério e começar a compartilhar nossas pedicures?

Wrath falou.

— Rhage está certo. Temos problemas. V e Payne, assumam.

Instantaneamente, o clima na sala mudou. Todo mundo ficou sério quando os irmãos se aproximaram da lareira. Cara, dava pra ver a semelhança familiar

entre eles, com os cabelos pretos e os olhos diamantinos. V era pouca coisa mais alto que a irmã, também mais largo, e então havia aquelas tatuagens de alerta em sua têmpora e o cavanhaque. Payne, no entanto, não era pequena, seu corpo de guerreira estava coberto pelo mesmo couro que o do irmão, os braços musculosos e pernas dignos de fazer Ronda Rousey parecer a vovó encarquilhada de alguém.

— A Virgem Escriba está morta.

Quando V soltou a bomba, houve um período momentâneo de silêncio, tipo, *coooooooooooooomo-éééééé-qqqqqqueeeeeé-éééééé?* Então houve uma caralhada de ofegos e xingamentos na sala, todo tipo de PQP subindo aos ares.

Vishous ergueu as mãos.

— Antes que façam qualquer pergunta, não sabemos muito mais do que isto. Eu subi para vê-la, descobri que todas as merdas dela tinham desaparecido e encontrei uma mensagem no cemitério das Escolhidas. Dizia que ela iria indicar um sucessor no momento certo. Só isto.

Rhage olhou de um para outro. O rosto de Payne era uma máscara de não-vou-nem-falar-nada, como se tivesse aguentado tanto drama por duzentos anos que agora não queria nem saber de sua mãe. V mais ou menos o mesmo.

— Como ela pode ter morrido se é imortal? – Alguém perguntou.

Vishous acendeu um e deu de ombros.

— Ouçam, não quero cortar o barato de ninguém, mas não sei de mais nada além disso.

Rhage assoviou suavemente e tirou um pirulito do bolso. Ao ver que era de uva, pensou, *Bem, talvez isto tenha algum jeito de acabar bem.*

Cacete, a quem queria tentar enganar?

Lá embaixo no centro de treinamento, Layla estava indo ao banheiro. De novo.

Desde que os bebês nasceram, ela sentia que, embora a todo momento esvaziasse a bexiga o suficiente, seu corpo reconhecia a mudança de não apenas ter se libertado do peso dos bebês, leves como eram, mas também, aparentemente, de setecentos litros de água.

Inacreditável.

Por que ninguém tinha lhe falado sobre isto? Mas também, tiveram um monte de coisas mais importantes para falar.

E ainda havia, pensou sombriamente ao mudar o absorvente na calcinha de malha que tinha sido dada a ela e voltou a ficar em pé. Deu a descarga, atravessou até a pia e lavou as mãos com o cheiroso sabonete francês que Fritz abastecia até a clínica.

Ao sair do banheiro, estava cambaleando devido ao tamanho do absorvente que precisava usar, mas apesar de tudo se sentia bem mais forte.

— Como estão, pequeninos?

Mesmo exausta, cada vez que se levantava ela os visitava, e era tão mágico: mesmo através do acrílico, eles pareciam ouvi-la, reconhecê-la, as cabecinhas se viravam em direção à sua voz.

— Lyric está respirando melhor? Sim? Aposto que está.

A garotinha teve algumas dificuldades há algumas horas, o respirador tinha aumentado o bombeamento automaticamente em resposta a uma queda nos índices de oxigenação no sangue, mas agora, de acordo com os monitores que Layla se pegava lendo como uma médica, estava tudo bem.

— E você, Senhor Carinha? Oh, você parece muito bem mesmo.

Voltando para a cama, ela se esticou e colocou uma mão sobre a barriga lisa. Era incrível ver o inchaço diminuir a cada hora, seu corpo voltando ao formato normal graças à alimentação que vinha tendo.

Quinn e Blay eram tão generosos com suas veias a ponto dela achar que estava drenando-os completamente.

Mas ainda havia um período de recuperação para ela. Pelo que sabia, as humanas levavam ainda mais tempo, embora o tempo de gravidez fosse menor... Para as mães vampiras, era menos em termos de tempo de recuperação, mas ainda havia todo tipo de coisa, hormonalmente falando, que seu corpo precisava recalibrar.

Engraçado, quis tanto que seu corpo voltasse ao normal. Agora? Parecia meio solitário ser somente ela em seu próprio corpo.

Ao ouvir uma batida, disse.

— Entre?

Receber visita era bom. Visita era um alívio das perguntas que inundavam sua mente, perguntas sobre o que precisava fazer a respeito de Xcor...

Tohrment e Autumn entraram hesitantes, e oh, a expressão no rosto do Irmão quando seus olhos azuis profundos viram os bebês... Tanta dor. Tanta tristeza pelo que tinha perdido.

E ainda assim, ele sorriu ao olhar para ela.

— Ola, *mahmen*. Você parece bem.

Layla inclinou a cabeça e sorriu de volta.

— Você é muito gentil. Autumn, olá.

Quando Autumn se aproximou para um abraço, Layla estudou o rosto de Tohr ao abraçar a *shellan* dele, buscando por características que o ligassem a seu meio-irmão.

Havia muito pouco. Mas a cor dos olhos... Exatamente a mesma. Por que não tinha notado antes?

Pois tanto ele quanto Xcor tinham sido gerados pelo mesmo pai.

— Vim te oferecer minha veia. — Tohr disse abruptamente. — Com a permissão de seus machos. Mas obviamente, se preferir usar somente a eles, eu compreendo.

— Ah, não. Não, por favor, e obrigada. Estou meio preocupada de estar tomando demais deles.

O olhar de Tohr voltou aos bebês.

— Pode ir se apresentar. — Disse Layla, gentilmente.

Autumn foi com seu macho para perto das incubadoras e os dois ficaram lá um longo tempo, olhando para os pequeninos.

— Eu sempre me perguntei como seria ter um irmão ou irmã. — Tohr disse.

Mantendo a voz calma, Layla disse. — Não tem nenhum?

Ele negou com a cabeça.

— Meu pai sem dúvida espalhou sua semente de forma pródiga, como costumam dizer, mas nunca soube de nenhum.

Até agora, ela pensou.

— Tohrment, eu preciso...

— Mas chega de falar de mim. — Ele se virou de forma decidida. — Vamos cuidar de você. Como Autumn diz, é um bálsamo ajudar aos outros.

Quando a fêmea do Irmão sorriu e disse algo, Layla retraiu-se para dentro de sua própria mente.

Isto vai ter de aguardar um pouco mais, ela pensou quando Tohr começou a subir a manga da camisa.

Capítulo SESSENTA E NOVE

Na noite seguinte, Mary não conseguia decidir com quem discutir.

E considerando a garota de treze anos no banco de trás do GTO, aquilo não depunha a favor do adulto de duzentos anos atrás do volante.

— Só estou dizendo que acho que podíamos esperar um pouco mais. Sabe...
— Tipo, uns anos? — Vai ser difícil para ela alcançar os pedais.

Bitty olhou para o retrovisor em busca de ajuda.

— Mas ele disse que podia ajustar o banco, não é?

— Por favor, Mary. — Rhage choramingou. — Vamos lá, o que pode acontecer de ruim?

— Não me faça nem começar...

— Pooooooooor favor. — Bitty cortou. — Eu vou ter cuidado.

— Oh, olha. — Rhage deu seta e entrou em uma galeria de lojas, que tinha uma imobiliária em meio a bando de lojas de alta classe. — Se formos aqui nos fundos, aposto que tem espaço suficiente.

— Espaço suficiente! — Bitty ecoou. — Muito.

Mary pôs a cabeça entre as mãos e balançou pra frente pra trás. Mas sabia quando era voto vencido e aquela era uma das vezes: os dois não iam ceder e era melhor desistir agora. Diminuiria o efeito estufa e o aquecimento global de tanto ar quente.

— Você vai devagar. — Ela disse contra as mãos.

— Muito devagar!

— Ela vai tão devagar que você poderia ultrapassá-la caminhando, certo Bits?

— Claro.

Afinal, a noite foi divertida, os três foram ao O'Charley para jantar antes de Rhage ir para o trabalho. Aparentemente, ele tinha decidido que era absolutamente crucial para o desenvolvimento de Bitty como uma vampira de verdade experimentar todos os restaurantes da cidade... Ele tinha feito até um cronograma para as próximas quinze ou vinte noites. Com lugares como WW Cousins, o point do burger. Zaxby's. A Cheesecake Factory. Pizza Hut. Texas Roadhouse.

Sim, até mesmo o McDonald's, o Wendy's e o Burger King.

Bitty, para não ficar atrás, pegou o celular dele e criou um sistema de avaliação na maldita coisa, os dois passaram uma boa meia hora com os cabelos louro e o escuro juntos, debatendo o relativo mérito de critérios variados de algum tipo de pontuação.

Seria uma jornada digna de Dickens através da gordura trans e porções descomunais.

O lado bom? Bitty tinha mesmo de engordar um pouco e aquela era uma tática tão boa quanto qualquer outra.

— Lá vamos nós. — Rhage anunciou como se tivesse encontrado a cura para a Síndrome do intestino irritável. — Vê? Bastante espaço.

Está bem, pelo menos ele tinha razão. Ao pisar no freio e deixar os faróis fazerem seu trabalho, o trecho asfaltado dos fundos era comprido e largo, e completamente vazio se não por algumas lixeiras: considerando tudo, não havia nada além de grama mal cortada e árvores atrás da galeria.

— Está bem, mas vou sair do carro. — Mary abriu sua porta. — Passei por dois quase acidentes nos últimos tempos. Não vou arriscar um terceiro.

Enquanto segurava o banco para Bitty, a garota parecia séria.

— Eu não vou estragar o carro. Prometo.

Mary colocou a mão no ombro da garota e apertou.

— Eu não ligo para o carro...

— O que?! — Rhage gritou ao sair do carro. — Como pode dizer isto?

Calando-o, voltou a se concentrar em Bitty.

— Tenha cuidado. Vá devagar. Você vai se sair bem.

Bitty deu a ela um rápido abraço... E quem diria, era algo que quase fazia o coração de Mary parar cada vez que acontecia. E então a garota e Rhage estavam no banco do motorista, falando daquele jeito rápido de sempre, a conversa rápida fazia a cabeça de Mary girar.

Afastando-se bem, bem, beeeeeem do caminho, acabou apoiada contra o prédio térreo, comprido como um campo de futebol, perto da placa onde estava escrito “Somente entregas”. A noite estava injustificadamente quente, tanto que deixou a jaqueta aberta, e sobre sua cabeça, o céu estava cheio de nuvens, como se Deus tivesse puxado uma coberta de lã branca sobre a terra contra o frio do fim de outubro.

— Aqui vamos nós! — Rhage disse ao ir para o banco do passageiro. — Prepare-se!

Quando ele acenou como se estivesse no deque de um cruzeiro que estava a ponto de partir, ela acenou de volta e pensou, *Por favor, não dêem uma de Titanic aqui, pessoal.*

Ajustes, partida. Engate. Pulos e sacolejos... E então Bitty conseguiu. De alguma forma... A garota assumiu o controle daquele motor de doze bilhões de cavalos sob o capô e ela e Rhage estavam guiando. A dois quilômetros por hora.

Mary pegou-se pulando pra cima e pra baixo, batendo palmas como se a criança tivesse se graduado em medicina tendo achado a cura para o câncer.

— Você conseguiu! É isso aí, Bitty!

Deus, era tão bom torcer. Testemunhar um aprendizado acontecer. Ser testemunha da garota conseguir guiar o carro pesado até a extremidade e começar a voltar de novo, acenando loucamente ao passar por ela, o rosto brilhando de felicidade enquanto Rhage sentava-se ao seu lado batendo palmas e assoviando como se Bitty estivesse fazendo um touchdown no Super Bowl, acertando a última cesta no campeonato NCAA e cruzando a linha de chegada da Maratona de Boston, tudo ao mesmo tempo.

Lá vinham eles de novo, ganhando velocidade, até Bitty estar engatando a terceira no percurso reto.

Era... Mágico.

Era... Família.

Era... Absolutamente, positivamente, tudo o que importava e era importante.

E então tudo deu errado.

Bitty e Rhage tinham acabado de virar de novo e estavam indo na direção da outra extremidade quando o som de uma garrafa sendo jogada contra o asfalto fez Mary erguer a cabeça.

Quatro ou cinco caras apareceram na esquina... E pararam imediatamente como se estivessem tão surpresos de encontrar alguém ali atrás quanto Mary, por ter seu momento de fantasia com a família perfeita interrompido.

— Que porra. — Um deles murmurou.

— E aí, vadia?

Mary cruzou os braços sobre o peito e encarou-os diretamente, mantendo-se firme sem dizer uma palavra. Eles eram o bando típico de maloqueiros de quinze, dezesseis anos, tentando fingir serem *gangsters* com as calças lá embaixo e os bonés de beisebol virados para trás... Quando na realidade eles podia bem estar em um centro comercial na Macy's ou no Sunglass Hut. Mas o problema? Em bando eram como coiotes, perigosos mesmo que sozinhos fossem insignificantes.

— Como vai? — Um terceiro disse com voz arrastada.

O que, como se você fosse Tony Soprano, seu trombadinha, ela pensou enquanto eles se aproximavam dela. Exceto que quando viu que um deles trazia uma faca baixada ao lado do corpo, ela gelou.

O pior? O garoto armado parecia agitado como se estivesse drogado.

Àquela altura, Rhage e Bitty deram a volta e voltavam, e tudo o que Mary pode pensar foi, *Por favor, continuem rodando. Tire Bitty daqui.*

Mas não. O GTO parou a uns seis metros de distância, os faróis iluminando Mary e o bando de animais.

— Oooooohhhhhh, merda, saca só aquele carro. — Um deles disse.

— Vou levar aquela belezinha pra casa...

O coro de assovios e impropérios baixou quando Rhage abriu a porta do passageiro e se levantou em toda sua altura.

— Mary, venha cá.

Mary começou a andar até ele, mas não foi longe. A próxima coisa que viu, foi que o cara com a faca a tinha agarrado e puxado de costas contra ele, encostando a lâmina em sua garganta.

— Vai fazer o que? — O garoto provocou — Uh? Vai fazer o que?

Mary estremeceu, mas não por temer pela própria vida. Que diabos eles podiam fazer com ela? Em vez disso, só no que pensava era, *Não, não, não na frente de Bitty...*

— Continue! — Ela gritou para Rhage. — Apenas dirija...

— Eu vou te furar. — Veio a voz em seu ouvido.

— Está bem, faça o que quiser. — Murmurou. — Mas não na frente deles. Deixe-os ir e pode me cortar o quanto quiser.

— *Como é que é?* – O garoto balbuciou.

— Saia daqui, Rhage...

Tá, não.

Nem brincando.

De repente, a luz que brilhava em seus olhos e sobre eles se tornou mais intensa por um fator de cento e cinquenta mil quilowatts. E Mary praguejou.

Merda. Ela sabia o que aquilo significava.

— Não falta muito agora.

Ao falar, Assail pisou no acelerador da Range Rover e virou à direita na alameda que seguia para a península na qual vivia. Ao lado dele, no banco do carona, Marcus estava muito calado, os olhos grudados nas janelas tanto à frente quanto na lateral.

O jovem macho estava fascinado pelos arredores... E parecia confuso.

— A ponte era diferente. – Disse abruptamente. – Aquela que acabamos de passar. Estava diferente de quando eu...

— Imagino que muita coisa tenha mudado.

— Há construções muito mais altas no centro. Mais carros. Mais... Tudo.

— Espere até conhecer a Internet, meu amigo. Aí sim vai ver um avanço verdadeiramente duvidoso.

Logo chegaram à casa e Marcus ofegou.

— Ela é tão... Bonita.

— Tem bastante vidro. E põe ironia nisso.

Assail estacionou diante das portas das garagens, abrindo a mais próxima, então seguiu para dentro dela. Quando Marcus ia abrir a porta Assail o impediu com uma mão no antebraço.

— Não até as portas se fecharem de novo. Temos que ser cautelosos.

— Peço desculpas.

Quando estavam apropriadamente fechados, saíram por suas respectivas portas e Assail esperou pelo outro macho dar a volta. Marcus se movia devagar e usava a Range Rover para se apoiar, mas já tinha deixado bem claro que não aceitaria ajuda e que também não usaria nenhuma bengala ou suportes.

Assail deu alguns passos na direção da porta e abriu o painel reforçado de aço. O cheiro que veio pelo vestíbulo era maravilhoso, tudo estava bem com a Primeira Refeição. Bacon e ovos, café, panquecas... Não, waffles?

Marcus cambaleou ao entrar na casa.

— Oh... Isto é...

— De fato. Quem diria que os bastardos sabiam cozinhar?

Assail encurtou a distância rapidamente até a cozinha, tentando fingir que ele sempre agia assim.

Na cozinha, ficou óbvio que Eheric e Evale tinham feito o máximo para fazer o hóspede sentir-se bem-vindo: arrumaram a mesa – embora torta e com os garfos do lado errado dos pratos; cozinham várias coisas – no que se saíram melhor; passaram café... Não, espere, era café instantâneo, mas pelo cheiro, ainda parecia bom.

— Sente-se. – Eheric disse para Marcus depois que foram apresentados. — Vamos servi-lo... Não, não aceito recusas.

Marcus sentou-se gemendo de alívio ao tirar o peso leve sobre suas pernas esqueléticas. Ao jogar o cabelo comprido para trás, seu rosto foi revelado, a

anomalia que o levava a não ter barba crescida, significando que suas bochechas e maxilar, o queixo e a garganta, ficavam ao dispor para os primos encararem.

De fato, Assail pensou consigo mesmo, o macho era algo a se olhar.

— Eu preparo a Última Refeição então. — Marcus disse.

— Vamos ver sobre isto, parceiro. — Etric retrucou ao colocar uma montanha de comida na frente do hóspede.

Por hábito, Assail tateou os bolsos de seu paletó, pegou seu frasco... Mas antes de retirá-lo, parou e olhou para o relógio do microondas. Então confirmou o dito horário no fogão e em seu relógio de pulso Piaget.

— Junte-se a nós, primo. — Etric disse, quando ele e Evale se serviam e se sentaram.

Evale pegou o garfo e apontou para a direção do prato de Marcus.

— Serve-se.

— É “sirva-se”. — Assail corrigiu de forma distraída.

— Não vai comer, primo? — Etric perguntou.

Assail se virou para a pia. Com passos tão cuidadosos quanto os de Marcus, abriu a tampa do frasco e derramou a cocaína no ralo.

— Lá embaixo. — Ele disse, em voz áspera ao abrir a torneira na pia. — Sabe onde meu estoque está guardado?

Da cocaína.

— Sim. — Etric sussurrou. — Sabemos.

— Sumam com ela da casa.

Quando primos fizeram menção de se levantar, ele os impediu.

— Comam primeiro, tudo bem. Preciso que fiquem e o façam comer. Então o levem para um dos quartos de hóspedes perto do de vocês.

— Não preciso de nenhum luxo. — Marcus disse. — Basta um lugar para encostar a cabeça durante o dia.

— Você mais do que mereceu meu respeito, meu caro.

Houve uma batida na porta e Assail olhou para os três.

— Eu preciso ir e vocês vão ver que vou ficar... Como posso dizer... Indisponível por algumas noites. Não sei quanto tempo. Cuidem dele, por favor. Não vou gostar nada de voltar e ver que Marcus não está mais forte e mais saudável.

Ao erguer as mãos, notou que elas tremiam.

Isto ia... Se podia usar um termo chulo... Ser um pé no saco.

Voltando para a porta dos fundos, abriu e sentiu uma absurda necessidade de fazer uma reverência. O que ele prontamente fez.

Em resposta, o Dr. Manello indicou o Mercedes preto com as janelas filmadas que estava no estacionamento.

— Está pronto?

— Sim.

— Está muito mal? Está tremendo.

— Acho que vai piorar ainda mais.

A última coisa que fez antes de partir de sua casa de vidro foi olhar de volta para Marcus. O macho comia lentamente, suas mãos esqueléticas seguravam os talheres de prata de forma desconfortável, como se não usasse tais utensílios há muito tempo.

Ia ser uma longa jornada de volta para ele.

Mas se, depois de tudo o que tinha passado, ainda restava a coragem de se agarrar ao fio da vida... Então Assail também podia.

Assail?

Em sua mente, ouviu a voz de Marisol em seu celular, enquanto cercado pelo anel de fogo que tinha criado. Desintoxicação seria mais ou menos como aquelas chamas, ele temia.

— Assail?

— Sim. — Disse ele para o bom doutor. — Vamos.

Capítulo SETENTA

Assim que a luz brilhante cegou seu atacante, fazendo-o afrouxar o aperto, Mary livrou-se das mãos do garoto e o golpeou na barriga com o cotovelo.

E enquanto ele se curvava e derrubava a faca, ela correu desabaladamente para o GTO.

— Tire-a daqui! — Rhage disse. — Rápido!

Aquelas foram suas últimas palavras.

A Besta já estava emergindo enquanto ela corria para o lado do motorista, o enorme corpo dele dobrava os joelhos, a cabeça baixando enquanto tentava conter a força contra o asfalto, como na tentativa de lhe dar tempo para que ela saísse dali antes que dragão surgisse.

Parando ao lado da porta do motorista, Mary abriu a coisa ao mesmo tempo em que Bitty mudava para o banco do passageiro.

— Rhage! — a garota gritou. — Rhage! O que está acontecendo, qual o problema?

Rhage teve, de alguma forma, presença de espírito de estender a mão e fechar a porta, e Mary não perdeu um segundo.

— Cinto! Coloque o cinto de segurança!

— Não podemos deixá-lo!

— Cinto! Ele vai ficar bem, mas temos de ir!

Mary girou a chave e acelerou ao mesmo tempo, engatando a primeira antes de soltar o pé esquerdo. Os pneus cantaram quando todos aqueles cavalos buscaram se liberar no asfalto e ela se preparou para o impulso impelí-las adiante.

Enquanto isto, de volta ao CEP dos cuzões, o grupo de idiotas tinha decidido avançar na direção do carro.

É, como se aquilo fosse durar.

Então tudo ficou em câmera lenta.

No momento em que o GTO começou a gritar avançando, enquanto Bitty gritava a seu lado e Mary lutava para ficar calma, um grande rugido iluminou a noite, tão perto delas que chegou a impactar a tração do carro.

E mesmo que fosse só pela sua visão periférica, Mary teve uma visão clara do segundo em que Bitty viu a Besta emergir do corpo de Rhage.

A garota congelou, uma expressão boquiaberta tomou o lugar do seu medo anterior.

— O que... É *aquilo*?

— Ela não vai nos machucar, está bem? – Disse Mary.

E YEEEEEEI, elas voaram como se tivessem sido lançadas por um canhão, projetando-se, esquivando-se.

Infelizmente, os humanos – também conhecidos por pinos de boliche com mau comportamento – estavam bem na frente do GTO. Que fez com que o sonho de Mary, de não escapar de um acidente número três, ser dolorosamente frustrado. Girando o volante para a direita, evitou matar um ou mais deles – uma cortesia que nenhum deles merecia – mas o lado ruim foi que ela atingiu uma lixeira, batendo na coisa, todo aquele impulso à frente virando uma imobilidade completa em uma fração de segundo.

Quando o volante a atingiu no peito e um sibilo que prenunciava más notícias vindas do capô amassado, ela se virou para Bitty em pânico.

A garota tinha conseguido colocar o cinto de segurança antes da batida.

Graças a Deus...

Outro rugido cortou a noite, e sim, pela janela de trás viu que a Besta estava totalmente lá, e não só urrando sua opinião. E sim, os humanos mudaram de ideia sobre seu pequeno ataque, tropeçando uns nos outros para fugirem pelo lado oposto.

Como se tivessem se dado conta, por mais improvável que fosse que um dragão se materializasse no estacionamento dos fundos de uma galeria, eles não iam discutir com o que parecia estar realmente acontecendo...

Antes de conseguir impedir Bitty, a garota saiu correndo do carro.

— Maldição! Bitty!

Mary saltou do carro também... E praguejou ainda mais: a Besta tinha se curvado sobre suas pernas poderosas e estava bancando o *Jurassic Park*, tipo as-coisas-estão-mais-perto-do-que-parecem-pelo-retrovisor, entrando em posição de ataque enquanto soprava as teias de aranha de seus pulmões.

Não, não, nada de almoçar. Não, não vai acontecer...

— Volte para o carro! — Mary gritou ao se interpor no caminho da Besta, colocando-se entre os idiotas que fugiam e seu querido marido.

— O que é isto? — Bitty gritou. — O que aconteceu com ele!?

— Ei! Oi! — Abanando as mãos, Mary captou a atenção da Besta. — Aí está você. Olá, tudo bem aí?

A Besta soltou um bufo, suas mandíbulas expuseram os enormes dentes em um sorriso. Então soltou um som de lamento, parte pergunta, parte protesto.

— Não. Não pode. Não pode comer humanos.

É, está bem, ela ainda não conseguia acreditar o tanto de vezes em que estas palavras tinham de sair de sua boca. Oh, as viradas que a vida dá, de fato.

Mas a Besta baixou a cabeça. Como se estivesse chateada.

— Eu sei. Eu sei, mas você tem um gosto apurado. Gosta mais de *lessers*...

Abruptamente, a cabeça gigantesca da Besta virou para a esquerda. E Mary fechou os olhos pensando, merda, ela sabia por que.

— Bitty. — Murmurou sem desviar o olhar do dragão. — Eu te disse para voltar para o maldito carro.

As narinas da Besta se abriram largamente. E então fungou ao sentir o cheiro da garota.

— Bitty! Estou falando sério! Volte...

Sons de movimento abundaram quando a Besta se esticou no chão, pousando a cabeça no asfalto na direção de Bitty.

Mary baixou as mãos. Olhou para a garota.

Bitty estava parada lá, completamente imóvel, como se seu cérebro não conseguisse processar tudo aquilo. E então se aproximou lentamente, de braços baixos e sobrancelhas erguidas. Sua expressão era desconfiada e nervosa, mas parecia determinada a ver por si mesma qual era a do dragão.

Mais sons, como se a Besta tentasse comunicar que estava tudo bem. Ele não ia ser um garoto mal. Só queria dizer oi.

O maior cão do maldito planeta, Mary pensou. E vamos só torcer pra tudo continuar assim.

— Tenha cuidado. — Disse Mary — Nada de movimentos súbitos...

— Será que ele gosta de mim? Não tenho certeza... Mas acho que ele gosta de mim.

Um minuto depois, Bitty parou bem na frente da cabeça do dragão, bem ao lado daquelas mandíbulas assustadoras, perto daqueles olhos reptilianos que piscavam na vertical, ao invés de na horizontal.

— Posso fazer carinho? — Ela perguntou.

A Besta fez um som inquisidor, como se imitasse o tom de voz dela.

— Isto é um sim?

Quando ele fez aquele som meio ronronado, meio respirado de novo, Bitty estendeu a mão trêmula e colocou bem na bochecha da Besta.

— Oh, você é tão macio. É bem mais macio do que achei.

Houve um súbito indício de movimento, e Mary adiantou-se e agarrou a garota, tirando-a do alcance. Mas não precisava se preocupar.

A Besta tinha rolado de costas, seus braços menores em comparação ao resto do corpo, curvaram-se no peito, as pernas traseiras, grandes como casas, esticadas. Para acariciar a barriga, Bitty precisaria de uma escada de dois metros – e Mary dois Xanax e uma garrafa de vinho, muito obrigada – mas a garota fez o que pôde, aproximando-se e ficando nas pontas dos pés quando a Besta virou a cabeça em ângulo para observá-la com olhos suaves.

— Ele é tão fofo. – Disse Bitty – Não é mesmo? Quem é que é fofo?

— Eu preciso de uma bebida. – Mary murmurou consigo mesma. — Preciso de um maldito drink.

Mas pelo menos conseguimos resolver esta parte, tirá-la do caminho, pensou.

Quando Rhage voltou a seu corpo, estava em modo de pânico total.

— Mary! Bitty! Mary!

Mas então percebeu que dois pares de mãos enlaçavam as suas e havia duas belas vozes confortando-o... Bem, uma o confortava, a outra só era reconfortante de ouvir.

— Está tudo bem, estamos bem...

— Rhage! Você tem um dragão! Um dragão de estimação! Eu consegui fazer carinho na barriga dele!

Como é que é? ele pensou, cego.

— Quando ele vai voltar?! Eu quero vê-lo de novo! Posso brincar com ele?

Seu delírio, felizmente, não era acompanhado por dores estomacais, então viu que não tinha devorado nenhum daqueles escrotos fodidos que tinham agredido sua Mary. E oh, bom, havia uma coberta sobre a parte de baixo de seu corpo, então não estava nu.

Mas tinha de começar a clarear a cabeça, mesmo que não soubesse direito para onde a garota estava olhando.

— Ele não é um brinquedo, Bits. Ele é perigoso...

— Ele gosta de mim! Foi incrível!

— ... E eu não consigo simplesmente fazê-lo aparecer, está bem? Mas quando você vier morar com a gente, prometo tentar.

Silêncio. Absoluto.

E então Bitty disse bem baixinho.

— Ir morar com vocês?

— Ah... Merda. — Ele exclamou. Daí se lembrou do Rei mencionando aquela coisa do não xingar. — Digo, bosta. Digo, cocô.

— Viver com vocês? — A garota repetiu.

Quando Mary pigarreou, Rhage tentou se sentar, mesmo sem forças no departamento vertical.

— Bitty. — Sua *shellan* disse. — Eu tentei encontrar o seu tio. Na verdade, muitas pessoas tentaram localizá-lo... E ninguém conseguiu descobrir nada. Não sei o que aconteceu com ele ou onde ele está... Não consigo nem imaginar. Mas assumindo que não esteja... Disponível... Rhage e eu andamos conversando, e sabe, não queremos roubar o lugar de sua *mahmen*. De jeito nenhum. É só... Nós realmente gostaríamos que você considerasse vir viver conosco. Poderia começar como um teste, e se você não gostar, sempre poderia...

Houve um impacto abafado e Mary parou de falar.

Até ele sentir o cheiro de lágrimas.

— O que houve? — Ele virou ao redor. — Qual o problema? O que ela está fazendo...

De repente bracinhos enrodilharam no pescoço dele e a voz de Bitty soou em seu ouvido.

— Isto quer dizer que vai ser meu pai?

A respiração de Rhage ficou presa na garganta. Então retribuiu cuidadosamente o abraço da garota, tomando cuidado para não esmagá-la.

— Se me aceitar... — Está bem, ele não podia falar. — Sim, sim, eu vou ser.

Ele sentiu Mary acariciar suas costas em movimentos circulares e pode sentir a felicidade de sua companheira fluindo bem ao seu lado — mas aquilo não era suficiente. Ele a puxou tão apertado que ambas as fêmeas ficaram esmagadas contra o seu peito.

Então esta... Era sua família, ele pensou com uma súbita pontada de orgulho. Estas eram suas duas garotas.

O sorriso que se abriu em seu rosto esticou tanto suas bochechas que ele soube que jamais seriam as mesmas.

Especialmente quando se lembrava de quando tinha segurado L.W. no colo na cozinha, olhando para o outro lado de uma sala que ele não via, com o coração doendo por tudo que jamais teria.

E ainda assim, ali estava ele, com tudo o que sempre quisera não só a seu alcance, mas em seus braços.

— Posso me mudar hoje? — Bitty perguntou. — E quando vou conhecer todo mundo?

Capítulo SETENTA E UM

A resiliência das crianças era uma coisa incrível, Mary pensou mais tarde quando ela, Bitty e Rhage pararam o carro na frente da mansão da Irmandade.

A despeito de tudo o que tinha passado, a garota estava de olhos e coração totalmente abertos diante da perspectiva de uma vida totalmente diferente, pronta para qualquer coisa, excitada, feliz. Mas também estava com pessoas que a amavam, mesmo que parecesse cedo demais para falar sobre isso.

O que não significava que não havia um pouco de tristeza. Especialmente quando ela e Bitty subiram para o quarto no sótão do Lugar Seguro para pegar as duas malas. Quando a garota perguntou se podia levar também as coisas da mãe, Mary sentiu lágrimas nos olhos. E então foi a vez da urna.

Mas no final das contas, havia alegria. E Mary se concentrava nisto.

E parou o GTO com o porta-malas bem aos pés dos degraus de pedra, o que provavelmente era um exagero, já que a garotinha não tinha mais do que duas maletas e a urna.

Mas de certa forma, só queria levar Bitty para a casa... E qualquer distância parecia longe demais. Depois de Rhage ter ligado para Wrath e Mary ter ligado para Marissa, ficou decidido que, sob situação de lar adotivo temporário, não havia motivo para Bitty não se mudar para lá imediatamente. Além disso, isto significaria que a Dra. Jane e Manny poderiam fazer acompanhamento médico dela com mais facilidade e não havia motivo nenhum para mantê-la no Lugar Seguro.

O fato de ainda não haver documentação deixava Mary um pouco inquieta, mas Ryhm estava cuidando daquilo. O que realmente a preocupava? O período de espera de seis meses começava esta noite, e até que aquele prazo mutuamente acordado se esgotasse, aquilo ainda não era negócio fechado.

E sim, Mary continuaria procurando pelo hipotético tio, mesmo que isto congelasse seu coração cada vez que imaginava que o macho poderia aparecer.

Ainda assim, tinha o dever de agir corretamente com Bitty.

— Chegamos? – Perguntou Rhage. — Acho que chegamos. Bitty, o que vê?

— A família Monstro vive nesta casa? – A garota perguntou. — Parece a casa da família Monstro, só... Qual o tamanho dela?

— Tem centenas de cômodos. O espaço é amplo, mas tentamos fazê-lo funcionar.

A mão de Rhage tateou pela porta até achar a maçaneta e abri-la. Ao se levantar, ele endireitou a coberta enrolada ao redor de seus quadris e quase tropeçou no meio-fio.

Mary desligou o motor e puxou o freio de mão. Quando olhou de volta para Bitty, a garota encarava a enorme construção de pedra. Aninhada em seus braços, bem junto ao peito, estava a urna com as cinzas da mãe.

Isto não era um recomeço, Mary refletiu.

Não era nem mesmo uma continuação, uma finalização... Ou uma substituição de tudo o que tinha sido duro, brutal e carente de brilho, de coisas frescas e fervilhantes. Não era natal. Não era um cachorrinho de presente de aniversário, nem uma festa surpresa com balões e bolo com cobertura.

Este era somente outro capítulo. Um que ia ser muito mais estável e emocionalmente apoiador, mas ainda passível de ter seus altos e baixos, desafios e triunfos, frustrações e felicidades.

— Bitty? – Ela disse. — Você não precisa fazer isto.

A garota se virou e sorriu.

— Qual deles é meu quarto?

Mary riu e saiu do carro.

— Rhage, eu pego as malas.

— O inferno que pega. — Os olhos cegos dele reviraram. — Onde elas estão?

— Tudo bem, deixa eu achar que te entrego. E prende direito esta coberta, por favor, não vai querer ficar de bunda de fora durante nossa grandiosa entrada.

Bitty deu um passo na direção de Rhage e segurou a urna ainda mais apertado.

— Uau, é ainda maior do que parece.

— Espere até ver por dentro.

Abrindo o porta-malas, Mary retirou a maleta de Annalye primeiro e não conseguiu evitar: ergueu o olhar para o céu, tentando imaginar a fêmea olhando para baixo, lá de cima observando tudo isto – esperava – com aprovação.

Vou cuidar muito bem dela, Mary jurou.

— Vamos. — Disse quando Rhage fechou a porta do carro do lado dele.

— Malas?

— Bem aqui, garoto. — Quando as entregou para suas mãos tão hábeis, eles se beijaram. — Que tal eu te guiar pelo braço?

— Posso ajudar também. — Bitty disse agarrando o outro cotovelo de Rhage.

Mary teve de piscar para impedir as lágrimas de rolarem quando o peito nu de Rhage inflou cinco vezes mais do que seu tamanho natural. Seu orgulho de ter suas duas fêmeas com ele ao entrarem na residência do Rei era coisa épica: mesmo cego e sem dúvida meio dolorido, era evidente que se sentia no paraíso.

E então eles estavam no vestíbulo e Mary expunha o rosto para a câmera de segurança.

— Prepare-se. — Mary murmurou para Bitty. — É um lugar bem grande...

A porta se abriu e o mordomo começou a sorrir, só para congelar ao ver Bitty.

— É o Fritz! — A garota exclamou. — É o Fritz! Oi! Eu sou a Bitty!

O mordomo quase derreteu. Se o mordomo tivesse ficado mais encantado com a garota, seu rosto inteiro teria caído de seu crânio no chão de mármore.

Tipo o *Os Caçadores da Arca Perdida* mesmo.

O *doggen* fez uma reverência acentuada. — Senhora. E senhor. E... Senhorita.

Bitty olhou na direção de Rhage. — Eu sou uma senhorita?

Mary anuiu e sussurrou. — Você vai se acostumar com isto. Eu me acostumei.

Os três entraram no grande saguão e a primeira coisa que viram foi Lassiter no sofá da sala de jogos. Ele estava apertando o controle da TV e xingando.

— Eu não ligo para futebol! ESPN minha bunda! Que seja... Cadê o inferno do *Who's the Boss*?

— Lassiter!

Ao ouvir seu nome, o anjo olhou por cima das mesas de bilhar para onde estavam. E oh, como ele sorriu, aquela expressão gentil e suave mais associada aos anjos do que a coisa que ele geralmente expunha ao mundo. Levantando, ele se aproximou, e sim, Mary ficou realmente feliz por estar vestindo algo normal, só jeans e uma camiseta preta da Hanes, o cabelo louro e preto solto por cima dos ombros.

Com ele a gente nunca sabe.

Acocorando-se, ele estendeu a mão.

— Como sabia quem eu era, Bitty?

A garota aceitou o cumprimento dele e apontou para Rhage.

— Ele me contou tudo sobre vocês. Tudo de todo mundo... Espera, como *você* sabia o meu nome? Ele te falou sobre mim?

Lassiter olhou pra os três e acariciou o rosto da garotinha.

— Minha pequenina, eu vi este momento desde que vi pela primeira vez sua nova *mahmen* e pai...

— Não. — Mary interrompeu. — Não me chame de *mahmen* . Este é o título de Annalye. Não sou *mahmen* , sou só Mary. Não quero tomar o lugar de ninguém.

— Você tem olhos estranhos. — Bitty sussurrou. — Eles são lindos.

— Obrigado. — O anjo inclinou a cabeça. — Estou sempre aqui, Bitty. Se precisar de alguma coisa, me procure e eu consigo pra você. Acho que vai descobrir que isto é verdade para muitos dos que moram aqui.

A garota anuiu quando Lassiter voltou a se levantar. Então Rhage soltou uma das malas e os machos se cumprimentaram com batidinhas no ombro um do outro. Lassiter com melhor coordenação por que conseguia enxergar.

— Escute, Bitty. — Mary disse quando o anjo voltou para o controle remoto. — Eu tenho uma ideia para nossos quartos, mas não sabíamos que você estaria vindo hoje. Então, se estiver tudo bem, você pode ficar no quarto de hóspedes ao lado do nosso? Se precisar de nós, estaremos...

E lá veio a guerra de água.

Na balaustrada do segundo andar por trás do corrimão dourado, John Matthew e Qhuinn vieram correndo do corredor das estátuas, Qhuinn na frente, John Matthew bombeando litros de Poland Spring. Sem aviso, Qhuinn pulou pela balaustrada em uma queda livre de seis ou nove metros, desmaterializando-se no exato momento antes de se estatelar sobre o mosaico no chão.

John partiu bem atrás dele, escorregando pelo corrimão da escada com um lado do traseiro, rindo silenciosamente.

Os dois pararam assim que viram Bitty.

— Qhuinn! – Ela exclamou. — Com um olho azul e outro verde!

O Irmão pareceu tão espantado com a garotinha, mesmo ao se aproximar e se avultar sobre ela.

— É, este é meu nome, quem... Oh, meu Deus! Rhage e Mary! Sua garotinha! Deu certo!

Mary recebeu um abraço de urso. Um abraço de um urso enorme. Um gigantesco abraço de urso quebrador de ossos de um pai recente. E então John Matthew começou a gesticular.

— Você é John Matthew! – Bitty olhou para seus dedos. — O que ele está dizendo... Espere, o que? — Então ela olhou para o imenso guerreiro e disse: — Você precisa me ensinar isto. Se vou viver aqui, vou precisar aprender.

Bem, aquilo conquistou John Matthew. É. A ponto de seus dedos não parecerem funcionar... A linguagem de sinais equivalente a alguém gaguejando.

E deus, Bitty era incrível, tão amigável e espontânea... E corajosa considerando tudo pelo que já tinha passado.

Mary esfregou o centro do peito. Sim, pensou, ela estava sentindo uma grande dose de orgulho materno ali... E era melhor do que um milhão de taças de vinho. Além de não dar ressaca.

— Você está cego de novo? – Qhuinn perguntou ao Irmão.

— Sim, tentei comer uns humanos.

— Tentou? Aquela sua Besta está de dieta?

Estavam todos rindo quando alguém apareceu por baixo da escada. Instantaneamente o papo parou, como se as pessoas estivessem preocupadas sobre quem seria.

Zsadist estava vestido em suas roupas de trabalho, couro preto cobrindo seu corpo como uma segunda pele, armas penduradas no peito, coxas, debaixo dos braços...

Apesar da aparência dele, Bitty correu direto em direção ao macho com cicatrizes, seu vestido costurado a mão bem gasto esvoaçando sob aquele feio e grande casaco dela.

Z parou de chofre do jeito que todo mundo fez... Tipo, como se tivesse visto um fantasma. E então olhou ao redor, com um ar que pareceu confuso.

— Você é Zsadist. — Bitty exclamou. — Você tem uma filha... Posso vê-la? Queria muito conhecê-la, por favor.

Em resposta, Zsadist se moveu com lentidão extra, abaixando-se ao nível dela. E então só olhou para ela por um tempo, como se ela fosse algum tipo de criatura selvagem que tinha inesperadamente provado ser mansa.

— O nome dela é Nalla. — Ele disse roucamente. — Minha filha é muito mais nova do que você. Mas acho que ela iria gostar de ter uma irmã mais velha, se quiser ensinar umas coisas para ela.

— Oh, sim. Eu adoraria.

— O que é isto que traz nos braços, pequenina?

Bitty baixou o olhar e Mary prendeu a respiração.

— Esta é minha *mahmen*. Ela morreu. Foi por isto que Mary e Rhage estão me adotando. Espero que eu consiga ficar aqui. Gosto muito deles.

Simple assim. A explicação foi simples e emocionante... E todos os adultos piscaram, retendo as lágrimas.

Zsadist inclinou a cabeça bem baixo com os olhos amarelos brilhando.

— Minhas condolências pela sua perda. E seja bem-vinda ao nosso lar... Que agora você deve considerar como seu também.

Bitty inclinou a cabeça para o lado e observou o Irmão.

— Eu gosto de você. Você é legal.

Horas mais tarde, depois de acomodarem Bitty no quarto ao lado, Rhage e Mary foram para o quarto deles.

Ele ainda estava cego como o inferno, mas Rhage não se importava de tropeçar ou esbarrar em portas, pois Bitty estava debaixo do teto deles, então tudo estava infernalmente certo no mundo dele. E cara, ela tinha conquistado a todos.

Mesmo que fosse aquela coisinha pequena nesta enorme e grandiosa mansão com todas estas pessoas que nunca tinha visto na vida, ela tinha se aventurado, chamado todo mundo pelo nome, apresentando-se, sorrindo e rindo. Ela tinha mantido a urna da mãe consigo o tempo inteiro, e de alguma forma, aquilo parecia adequado, ao invés de mórbido ou assustador.

Sua *mahmen* era uma parte importante dela e sempre seria... E, oh, sua Mary estava sendo tão respeitosa quanto a isto...

Como se sua fêmea pudesse fazê-lo se apaixonar ainda mais? Jesus.

— Não acredito que temos uma filha. — Disse, quando sua *shellan* o levou para o banheiro e colocou pasta de dente em sua escova. — Somos pais. Temos... Uma filha.

— E sinto muito, posso já estar sendo tendenciosa, mas viu como ela é fantástica? Viu Wrath? Ele se apaixonou por ela. Acho que ele quer que L.W. se case com ela.

— Bem, ela é forte. É esperta. Quem não iria querer...

Do nada um esgar retorceu o lábio superior dele e um grunhido se ergueu de seu peito... Enquanto ao mesmo tempo, a Besta surgiu contornando suas costas, buscando uma maneira de sair.

E tudo ficou pior quando ele imaginou algum macho parado perto de sua Bitty com todo tipo de ideias fodidas na sua...

— Rhage. Pare. Ela provavelmente vai querer namorar alguém em algum momento...

— Só por cima do cadáver dele que vai encostar na minha filha...

— Rhage, tudo bem, respiração de ioga... — Ela deu tapinhas em seu ombro como se acalmasse um leão. — É perfeitamente normal que garotas cresçam e queiram namorar...

— Não. Ela não vai namorar. *Nunca*.

Mary começou a rir.

— Sabe, isto seria verdadeiramente engraçado se eu não estivesse preocupada de você estar falando ligeiramente a sério.

— Eu estou *total e muito* sério.

— E lá vamos nós de novo. — Mary suspirou. — Juro que Bella e eu vamos ter de levar você e Zsadist para um grupo de terapia.

— Sim! — Ele concordou. — Meu irmão saberá exatamente como é. Solidariedade entre pais...

Mary o interrompeu enfiando uma carga dobrada de creme dental na sua boca.

— Cala a boca e escove os dentes, querido. Vamos falar disto depois da transição dela. Tipo, daqui a doze ou quinze *anos*.

— Bdjgaehu hasdpi knidhgil.

— O que?

— Não vai fazer porra de diferença nenhuma.

Mas ele foi um bom garoto e escovou os dentes direitinho. Então ele e Mary tomaram banho... — Onde todo o tipo de outras coisas aconteceram...

TODAS AS QUAIS LHE LEMBRARAM EXATAMENTE POR QUE ELA JAMAIS IRIA NAMORAR, NUNCA, NUNCA.

Quando finalmente se deitaram juntos em sua grande cama, ele posicionou sua amada junto a ele e soltou um suspiro que durou um século e meio.

— As luzes estão apagadas? – Perguntou depois de um momento.

— Mmmm-hmmm.

Ele beijou a cabeça dela.

— Por que será que todas as boas coisas acontecem quando estou cego? Eu conheci você quando estava cego. Agora... Ela está aqui, e estou cego.

— Deve ser sua versão de amuleto da sorte.

Rhage encarou o nada acima de suas cabeças quando Mary bocejou tão forte que sua mandíbula estalou.

Um pouco antes de cair no sono, suas pálpebras voltaram a se abrir.

— Mary?

— Hmmm-mmm.

— Obrigado. – Ele sussurrou.

— Por quê?

— Por fazer de mim um pai.

Mary ergueu a cabeça do apoio do braço dele.

— O que você... Eu não fiz isto.

— Você com certeza criou uma família para nós. – Maldição, ele queria poder vê-la. Em vez disso, teve de se contentar com a memória de seu rosto bonito... Que bom que tinha passado tanto tempo admirando sua *shellan*. — Você absolutamente fez de mim um pai... Eu estava morrendo no campo de batalha e você me salvou. Se não tivesse feito isto, jamais teríamos conseguido Bitty por que acabaríamos no *Fade* e ela teria acabado aqui embaixo, sozinha. Você fez isto acontecer. E não só por causa de minha quase morte. Você ficou com Bitty desde

o momento em que ela perdeu o pai, depois da morte do irmão dela, e então da mãe. Você trabalhou com ela depois de tudo isso, ajudando a sair da concha. E então decidi tentar isto, cuidou do processo de adoção e certificou-se de que tudo fosse feito dentro dos conformes. Me ajudou na minha entrevista. Você se concentrou em Bitty. Você... Fez tudo isto acontecer, minha Mary. Você gerou minha filha, talvez não em seu útero, mas certamente dentro das circunstâncias... Você *fez de mim* um pai. E este é o maior presente que uma fêmea pode dar a um macho. Então... Obrigado. Por nossa família.

O doce cheiro das lágrimas de sua *shellan* surgiu e ele buscou seu rosto na escuridão, trazendo sua boca para junto da dele. O beijo que lhe deu foi casto e cheio de reverência, uma expressão de sua gratidão.

— Você tem um jeito de falar as coisas, sabia? – Ela disse em voz rouca.

— Estou sendo honesto. Só isso.

Quando Mary voltou a se recostar no seu peito, Rhage fechou os olhos.

— Eu amo você, minha Mary Madonna.

— E você sempre vai ser meu príncipe de presas brilhantes.

— Sério?

— Mmm-hmmm. Você é a melhor coisa que já me aconteceu. Você e Bitty.

— Isto é tão fofo. – Ele suspirou de novo. — Jesus, mas eu sinto muito por Bitty.

Mary ergueu a cabeça de novo.

— Por quê?

— POR QUE ELA NUNCA VAI NAMORAR...

— Rhage, *sério*. Você *precisa* dar um tempo com isto...

Capítulo SETENTA E DOIS

Sentada nos fundo do I've Bean, Jo olhou para cima quando Bill veio até a mesa.

— Nós temos que parar de nos encontrar assim.

O repórter riu enquanto sentava com seu café com leite.

— Então, boas notícias.

— Você achou o restaurante que Julio estava falando no centro da cidade?

— Não, você conseguiu a posição de editor online. Eles vão ligar pra você em uma hora e oferecer oficialmente. Não me disseram qual é o salário, mas chutando deve ser uns trinta.

Jo deu um soco no ar de vitória.

— Sim. Sim. Isso é incrível. Posso começar logo depois que terminar meu aviso prévio na Bryant.

— Você sabia que ele me ligou?

— O que?

Bill desembrolhou outro de seus cachecóis e colocou nas costas da cadeira.

— Sim. Acho que ele é obcecado por você. Ele queria saber se estamos ou não namorando.

— Você é *casado*.

— Eu disse isso a ele. A propósito, Lydia quer convidá-la para jantar sábado a noite. Meu primo está vindo. Troy, você se lembra dele.

— Diga a ela que eu adoraria. O que posso levar?

— Só você mesma e não o Dougie.

— Feito.

Houve uma ligeira pausa, algo que ela não associava com o cara que tinha de alguma forma se tornado seu irmão mais velho ao longo da última semana, mais ou menos.

— O que foi? – Disse ela.

Bill olhou ao redor da cafeteria lotada como se estivesse em busca de um rosto familiar na multidão. Mais provavelmente estava escolhendo palavras em sua cabeça.

— O emprego é bom. – Ela instigou. — O jantar é bom. Então...

— Não quero que você fique chateada comigo, mas dei uma olhada na sua adoção.

O coração de Jo parou. Em seguida, começou a martelar.

— O que... O que você achou? E você não tinha o direito de fazer isso, blá blá blá.

Se ele tivesse pedido, ela teria dito não. Mas considerando que ele claramente encontrou alguma coisa?

Bill enfiou a mão no bolso de seu casaco de veludo e tirou um maço de papéis que estavam dobrados longitudinalmente.

— Sua mãe natural era uma enfermeira. Em Boston. Ela deixou o hospital quando descobriu que estava grávida. Naquela época, na década de setenta, mães solteiras não eram bem vistas, e ela teve um filho que deu para adoção. Permaneceu em Boston, continuando a trabalhar em vários locais. Quinze anos mais tarde, fica grávida mais uma vez, do mesmo cara. Porém nunca casou com ele. Não pelo que eu vi. Mas definitivamente era o mesmo homem, de acordo com as entradas dos diários que foram copiados e colocados no arquivo. Desta vez, com você, ela se mudou, veio pra cá, estabeleceu-se em Caldwell. Quando

teve você, infelizmente não resistiu. Foi uma gravidez de alto risco por que estava mais velha nessa época. Ela nunca revelou quem era o seu pai, não houve nenhum parente próximo que veio te reivindicar.

Jo recostou na cadeira e sentiu que todo barulho e as pessoas ao seu redor desapareceram. Irmão? E sua mãe tinha morrido...

— Eu me pergunto se ela teria me mantido. — Ela disse calmamente.

— Seu pai, o adotivo, pediu a um advogado para manter seus olhos em possíveis bebês em St. Francis aqui na cidade. Assim que sua mãe biológica morreu, ele pagou para reivindicar você e isso foi feito.

— E é isso.

— Não exatamente. — Bill respirou fundo. — Encontrei seu irmão. Mais ou menos.

O repórter colocou uma fotografia em preto e branco em cima da mesa. Era de um homem com cabelos pretos que ela não conhecia. Cerca de quarenta anos de idade.

— Seu nome é Dr. Manuel Manello. Ele era o chefe da cirurgia no St. Francis. Mas desapareceu há mais de um ano e realmente ninguém o viu desde então.

Com a mão trêmula, Jo pegou a foto pesquisando as características, encontrando algo que, sim, fosse como ela mesma.

— Nós dois acabamos no mesmo lugar...

— Caldwell tem um modo de reunir as pessoas.

— Nós temos o mesmo formato de olhos.

— Sim, tem.

— Eles parecem cor de avelã, você não acha? Ou talvez sejam castanhos.

— Eu não posso dizer.

— Posso ficar com isso?

— Por favor. E sinto muito se enfiei meu nariz onde sem dúvida não fui chamado. Mas comecei a cavar e não consegui parar. Eu não estava certo do que iria encontrar, então não disse nada.

— Está bem. — Disse ela sem olhar para cima. — E obrigado. Eu... Sempre me perguntei como meu sangue parecia.

— Nós podemos tentar encontrá-lo, sabe?

Agora ela ergueu os olhos.

— Você acha?

— Tenho certeza. Somos repórteres investigativos, certo? Mesmo se ele deixou Caldwell, deve haver alguma maneira de localizá-lo. É extremamente difícil na vida moderna ficar completamente em branco. Também há muitos registros eletrônicos, você sabe.

— Bill, você é algum tipo de fada padrinho?

Ele balançou a cabeça e brindou com seu café com leite.

— A seu dispor.

Um irmão, Jo pensou enquanto encarava a imagem de um cara indiscutivelmente bonito.

— Apenas um irmão? — Ela murmurou, mesmo que fosse ganancioso, ela supôs, querer mais.

— Quem sabe? Isso é tudo que parece que sua mãe deu a luz. Mas talvez do lado do seu pai? De qualquer forma, talvez haja alguma forma de encontrá-lo. A trilha pode estar fria, mas podemos ter sorte.

— Sabe, toda essa busca de vampiro é como uma distração. — Ela sorriu com tristeza. — Estou bem ciente de que eles realmente não existem, e certamente

não em Caldwell. Acho que seria melhor começar a procurar pela minha família de verdade do que alguma fantasia falsa, você não acha?

— Talvez seja por isso que você ficou um pouco louca com tudo isso. Embora eu admita, estava bem lá com você.

— Família. — Ela murmurou, ainda encarando a imagem. — Família de verdade. Isso é o que eu quero encontrar.

Capítulo SETENTA E TRÊS

— Devo vestir um terno?

Quando Rhage saiu do banheiro, ele tinha o rosto barbeado, a maior parte dos cabelos secos e uma toalha em volta da cintura.

— Mary...

— Estou indo. — Ele ouviu vindo do hall. — Estou apenas ajudando Bitty.

— Sem pressa.

Ele estava sorrindo quando cruzou o tapete e caminhou para dentro do closet. A cerimônia deveria começar em meia hora, de modo que ainda tinha tempo para pensar qual camisa de seda preta colocar...

— Filho da puta! — Ele gritou no ápice dos seus pulmões. — Está de *sacanagem* comigo!

Tão logo deixou voar os palavrões, todos doze tipos de gargalhadas borbulharam no quarto, seus Irmãos, sua *shellan* e sua garota Bitty estavam entrando, achando engraçado como a destruição total de seu guarda-roupa fosse tãoooooo divertido pra caralho.

Era como se *SOS Malibu* tivesse vomitado sobre suas merdas.

— Uma prancha de surf! Rede de pesca? Isto é um... Um arpão? — Ele enfiou a cabeça para fora do batente. — Onde vocês, bando de lunáticos, encontraram um arpão em Caldwell?

— Internet. — Disse alguém.

— Amazon. — Alguém interrompeu.

Ele revirou os olhos e apontou para Bitty.

— E você está nisso também? Até tu, Brutus Bits?

Quando a menina riu mais forte, ele voltou para o armário, pegou e soprou o grande tubarão branco.

— Quantas horas alguém gastou colocando ar nessa coisa?

Enquanto Rhage jogou o pesadelo dentro do quarto, Vishous levantou a mão.

— Fui eu. Mas usei uma bomba de ar... Na verdade eu soprei o primeiro.

— Ainda bem que tivemos apoio. — Butch apontou.

— Vocês são loucos. Insanos!

— Nunca fica velho. — Anunciou Wrath. — Jamais. Mesmo sem o visual, é uma inestimável mer... Ah, shitake. Cogumelo. É isso.

— Ha! — Disse Rhage ao seu Rei. — Está se divertindo com isso? Não é tão fácil, meu Senhor, é isso.

— Tecnicamente, posso ter você decapitado por esse tipo de insubordinação.

— Promessas, promessas.

Rhage revirou os olhos quando a multidão começou a dispersar e teve que lutar para chegar às suas roupas, empurrando de volta o... OMG, puta que pariu, era um Pirarema empalhado?

— Vocês têm muito tempo em suas mãos. — Ele gritou para ninguém em particular.

Cinco minutos depois, saiu vestindo a mesma versão de preto e sob medida que tinha colocado para ser entrevistado por Rhym. Suas duas fêmeas estavam sentadas nos pés da cama, Mary em um vestido preto e Bitty em um vestido azul brilhante que tinha sido feito apressadamente com orgulho pelo *doggen* da casa. Ambas tinham laços prateados na cintura, e entre elas em cima do edredom, tinha duas longas fitas de cetim em azul, preto e prata.

— Oh, minhas garotas. — Ele parou e olhou para elas. — Oh, minhas belas fêmeas.

Ambas coraram, e Mary foi a primeira a se livrar disso quando ficou em pé e estendeu a mão para Bitty.

— Aqui estão suas fitas. — Disse sua fêmea enquanto eles iam com os arranjos.

— Nossas fitas. — Ele corrigiu.

Quando saíram do quarto juntos, eles se juntaram num rio de outras pessoas, todos fluindo para baixo na grande escadaria, fazendo a curva, continuando pela porta escondida e dentro do túnel subterrâneo.

— É comprido. — Bitty disse enquanto caminhava entre eles. — O túnel é longo.

— Este é um lugar grande. — Rhage murmurou.

— Alguém já se perdeu?

Ele pensou em Lassiter.

— Não. — Ele resmungou. — Todo mundo sempre encontra seu caminho de volta. Especialmente anjos caídos com maus hábitos de programas de TV.

— Eu me enquadro nessa observação. — Lassiter estalou na parte de trás do cortejo.

Através do armário de abastecimento. Fora do escritório. Dentro do ginásio, que tinha sido especialmente iluminado com centenas de velas.

Em pé no interior das portas duplas, Layla, Qhuinn e Blay estavam ao lado das incubadoras, que foram movidas para o ginásio e enfeitadas com tecido branco apenas para esta ocasião sagrada, e que seriam removidas de volta para o quarto de Layla logo que isto acabasse. Ao lado deles, numa cadeira de roda com terno e gravata, Luchas era uma parte muito importante da família, mesmo que permanecesse quieto.

Na tradição dos vampiros, esta cerimônia era decisiva e não algo que pudesse esperar, considerando que a equipe médica sentia que as crianças estavam suficientemente estáveis.

Ainda assim, tudo era mantido no escuro e ninguém falava para não agitar os bebês.

Depois de todos dentro, o grupo familiar, incluindo os empregados, Trez, iAm e sua companheira, bem como todas as Escolhidas e a Directrix, e também os pais de Blaylock reunidos, Wrath e a Rainha entraram com George entre eles, e L.W. nos braços do Rei. Normalmente haveria longos discursos no antigo Idioma, mas em deferência aos lactantes, Wrath manteve-se breve.

— *Estamos reunimos aqui esta noite para dar boas-vindas na comunidade ao filho de sangue e a filha de sangue do Irmão da Adaga Negra Qhuinn, filho de Lohstrong, e a Escolhida Layla, gerada do Primale e a Escolhida Helhena, e o filho adotivo e a filha adotiva de Blaylock, filho de sangue de Rocke e Lyric. Possam estes bebês ter saúde, força e vida longa, um testemunho do amor de seus pais e sua mãe. Agora, como Rei, confiro a esta fêmea,* – Wrath estendeu a mão e Beth o guiou até onde o minúsculo berço feminino. — *O nome de Lyric, em honra de sua avó por parte do seu pai Blaylock.*

Quando a *mahmen* de Blay fungou, e Qhuinn e Blay colocaram seus braços em torno dela, Wrath colocou a mão sobre a outra incubadora.

Vindo de todos ao redor, uma explosão de energia borbulhou no meio da multidão e Rhage sacudiu a cabeça, espantado por testemunhar isto.

Com sua adaga real na mão sobre o pequeno berço do macho, Wrath pronunciou:

— *Em reconhecimento à posição deste jovem pai como membro da Irmandade da Adaga Negra, sendo pedido a mim, o que eu confiro como Rei, um nome de Irmandade para este macho. Eu tenho considerado o pedido e este foi apropriado. Tenho a honra de escolher o venerável nome Rhampage.*

Um rugido de aprovação se levantou dos Irmãos e Rhage estava bem ali com o outros... Por que ele sabia que estava acolhendo o macho em seu meio.

Isto era feito certo, ele pensou. Isto era a maneira antiga. A maneira correta. A maneira para preservar as tradições.

Rhampage.

Era um nome muito antigo e muito bom.

Com seu filho nos braços e sua *shellan* ao seu lado, Wrath então colocou as sagradas fitas vermelha e preta da Primeira Família na borda de ambas as incubadoras.

E então, um a um, todos fizeram o mesmo, cada unidade familiar colocando juntos: Phury e Cormia, e Z, Bella e Nalla indo atrás de Wrath e Beth, seguido por todos, de V, Jane, Payne e Manny, a Rehv e Ehlena, e John Matthew e Xhex.

Quando chegou sua vez, Rhage sorriu para suas fêmeas e se aproximaram das incubadoras. Era difícil não ser emocional quando três mãos se estenderam à frente com seus cumprimentos de azul, preto e prata da linhagem pela primeira vez no berço da Lyric e depois Rhampage. E depois todos três abraçaram os membros da família.

Tanto amor.

Todos ao redor.

As Escolhidas foram as próximas, e em seguida Trez, iAm e a Rainha de iAm colocaram um rubi do Território em cada um dos berços do bebês como uma forma de participar. Depois disso, foram os *doggens*, suas fitas mais finas, mas não menos importantes.

Quando Rhage ficou atrás e assistiu, ele tinha um braço ao longo dos ombros de Mary, e um braço em Bitty. Era incrível quantas coisas tinham mudado quando ele voltou a pensar na primeira noite, quando tentou ganhar Mary dizendo *luxúrias* ou *sussurrar* ou *morangos*.

Ela tinha respondido a ele com *nada*, dizendo repetidamente.

Engraçado, ela ter escolhido aquela palavra em particular. Por que na verdade ao longo destes últimos anos ela deu a ele absolutamente, positivamente... *Tudo*.

Capítulo SETENTA E QUATRO

Foi uma festa ótima.

Quando Mary finalmente conseguiu relaxar nos pés da escadaria da mansão, ela estava respirando com dificuldade, seu calcanhar esquerdo tinha uma bolha e sabia que ia ficar toda dura mais tarde. Mas a dança – a *dança*.

A versão de house music do V, a qual era estritamente rap e hip-hop, estava inspirando todo tipo de aeróbica, e ela estava orgulhosa de notar que seu marido estava todo Channing no seu Tatum lá, sacudindo o que a mãe dele deu com o melhor de si. Bits estava lá com ele aprendendo os passos, rindo, comendo e bebendo refrigerante.

Engraçado como algumas vezes a melhor época podia ser só sentar e assistir seu filho se divertir.

Através da multidão, Rhage fez sinal para ela ir até eles, e quando se abanou e sacudiu a cabeça, ele girou ao redor com Bitty.

— Mary!

— Eu só preciso de um minuto de descanso! – Ela gritou de volta. Por que esse era o único jeito de ser ouvida.

— Bitty, você pode convencer sua *mahm*... – Rhage se interrompeu. — Você pode convencer sua, ah, Mary, a se juntar a nós?

A pequena mordida de dor no meio do peito dela não era um grande problema, especialmente quando Mary pensava sobre o quanto a verdadeira *mahmen* da garotinha teria amado fazer parte disso. E então não pensou em mais nada quando Bitty dividiu a multidão, agarrou sua mão e puxou ela pra cima.

E então teve ainda mais dança.

E mais comida, e mais bebida, e mais risadas, e mais comemoração... Até as duas da tarde, e então até as três...

Às quatro horas, até Lassiter tinha decidido que estava na hora de terminar e as pessoas começaram a dispersar para várias camas.

Naturalmente isso significava que ela, Rhage e Bitty acabaram indo parar na cozinha.

— Então Bits, esse é meu orgulho e alegria. — Ele disse enquanto guiava a garotinha pelo corredor até a despensa. — Esse é meu freezer de sorvete.

Deixando-os, Mary fez um trabalho rápido de pegar três tigelas, três colheres e três guardanapos, e só sentou e sorriu do arranjo que ela tinha colocado na mesa de carvalho. Cantarolando para si mesma, esperou para ver o que viria do frio, por assim dizer, e se sentiu grata pela mania de organização obsessiva de Fritz, toda a comida para a cerimônia da fita tinha sido limpa horas atrás.

— Okay, uau. — Ela disse com um sorriso. — Isso é muita coisa.

Quatro galões, não, espera, cinco.

— Nós escolhemos sabiamente. — Rhage disse com grande gravidade. — Apresento a você essa tarde...

Bit assumiu dali com a mesma voz pseudo grave.

— Rocky road²², café, menta com pedaços de chocolate, framboesa com pedaços de chocolate, e o seu favorito, chocolate crocante.

Enquanto os dois fizeram uma reverência se abaixando pela cintura, Mary bateu palmas.

²² Estrada rochosa. Nome dado a sorvete de chocolate que incorpora nozes, marshmallow e pedaços de chocolate. Os ingredientes podem variar, mas a receita sempre traz componentes que deixam a mistura crocante como seriam as rochas no caminho.

— Muito bem escolhidos, muito, mas muito bem escolhidos.

— E agora. — Rhage falou com voz de Darth Vader. — Devo começar com o número de desaparecimento.

Bitty parou ao lado de Mary e as duas assistiram ao show, Rhage fazendo todo o tipo de truques, jogando as bolas de sorvete no ar e os oh-Deus-por favor-pegue-isso no ar, e de fato pegando-as com as tigelas. Quando todos tinham o que queriam, eles começaram a comer.

Ou melhor, Rhage e Mary começaram a comer.

Quando notou que Bitty não estava comendo, Mary franziu o cenho.

— Você está bem? Comeu demais o bolo que serviram?

Levou um tempo antes da garota falar.

— Como os humanos chamam a *mahmen* deles? Qual é a palavra deles pra *mahmen*?

Mary piscou os olhos na direção de Rhage ao passo que ele congelou. Então ela limpou a garganta.

— Ah... Nós as chamamos de Mãe. Ou Mamãe.

— Mãe. — Bitty olhou para seu sorvete. — Mamãe.

— Mmm-hmm.

Depois de um momento, a garotinha olhou direto nos olhos de Mary.

— Eu posso, por favor, chamar você de mamãe?

Abruptamente Mary se encontrou sem ser capaz de respirar, sua garganta se apertando até uma extensão insuportável. Inclinando pra frente, ela segurou aquele rosto entre suas palmas e olhou os traços que ela de repente sabia, sem dúvida, que veria crescer e amadurecer.

— Sim. — Ela sussurrou engasgada. — Eu gostaria disso. Gostaria que você me chamasse disso.

Bitty sorriu.

— Okay, mamãe.

E bem desse jeito, a garota a abraçou, enlaçando aqueles braços magrinhos, mas fortes ao redor de Mary e segurando firme.

Mary piscou com dificuldade, mas as lágrimas vieram de qualquer jeito, especialmente enquanto segurava a cabeça de Bitty contra seu peito e encontrou os olhos de Rhage com lágrimas também.

Seu *hellren* lhe deu os dois polegares pra cima e formou as palavras *Isso aí, Mamãe* com os lábios.

Rindo e chorando, Mary respirou fundo e pensou, Sim, de verdade milagres com certeza aconteciam...

E ela só podia agradecer a Deus, à Virgem Escriba, a quem você quisesse, por aquilo.

Ela... Era uma mamãe.

FIM

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Agradecimentos especiais a toda equipe de tradução, revisão e formatação. Sem o comprometimento, carinho e cuidado de vocês este projeto tão primoroso não seria possível. Foram semanas de muita dedicação, mesmo com as outras obrigações e correria do dia a dia... E ainda assim, não houve esmorecimento... Cada integrante ajudou e apoiou um ao outro com muita garra e determinação.

Sintam-se abraçadas: Equipe PRT, Equipe Irmandade dos Tradutores, e toda a Equipe Rytho: Amalya Rytho, Autumn Rytho, Elisabeth Rytho, Jane Rytho, Whath Rytho.